

O amor  
é clichê





O amor  
é clichê



Julia Vianna

**TRAVESSÃO**

Livro elaborado para trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro na graduação de Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial.

CAPA

Michelle de Moura

EDIÇÃO

Thaís Russo

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Thaís Russo

REVISÃO

Alessandra Russo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

---

Vianna, Julia

O amor é clichê/ Julia Vianna — 1ª ed. —  
Rio de Janeiro: Travessão, 2018.

ISBN

1. Ficção juvenil I. Título

---

[2018]

Editora Travessão

Rua dos Inválidos, 224 - Centro, Rio de Janeiro, RJ

(21) 99798-8009

contato@editoratravessao.com.br

# Sumário



|   |     |
|---|-----|
| Prólogo                                 | 7   |
| Eu o odeio!                             | 8   |
| Eu a odeio!                             | 19  |
| Só pode ser castigo!                    | 27  |
| Maldita Valentina!                      | 37  |
| Boa noite, Cérebro de Mosca             | 47  |
| O que diabos ela vê no Ronald McDonald? | 55  |
| Essa festa só me dá dor de cabeça       | 69  |
| Tiffany                                 | 82  |
| Mas é muito otário mesmo                | 90  |
| Meu mistério favorito                   | 103 |
| Lições de sedução                       | 112 |
| Filme de terror é clichê                | 126 |
| A felicidade é frágil                   | 136 |

|   |     |
|---|-----|
| Investigador de corações                        | 149 |
| Meu primeiro beijo (os outros foram acidentes!) | 158 |
| Ciúmes é sempre complicado                      | 175 |
| O amor é brega                                  | 186 |
| Malditos motoristas de táxi                     | 197 |
| Como num filme adolescente idiota               | 208 |
| Ela disse sim                                   | 217 |
| Lei de Rudin                                    | 227 |
| O amor é cego, surdo, burro e manco             | 240 |
| Eu não sei quem é você                          | 257 |
| Novela mexicana                                 | 272 |
| Há momentos em que o amor não é suficiente      | 282 |
| O primeiro lugar não é meu                      | 293 |
| O amor é complicado                             | 302 |
| Medo de trovão                                  | 320 |
| Para sempre não existe                          | 334 |
| Final feliz é clichê                            | 364 |

# Prólogo



VOCÊ CONHECE AQUELAS TÍPICAS HISTÓRIAS de amor? Aquelas com direito a muitas brigas, com duas pessoas de temperamentos totalmente opostos, mas que sempre acham que se odeiam? Aquelas histórias com afirmativas do tipo “não, eu definitivamente não gosto dele!”, mas que a cada dia vão se tornando mais falsas? Aquelas histórias com muito ciúme, declarações inesperadas, problemas, pessoas que sempre dão um jeito de atrapalhar, mal entendidos e confusões?

Essa é a típica história para quem acredita em contos de fadas. A típica história para quem acredita no amor. A típica história que começa mal, mas que termina com um “e eles viveram felizes para sempre”.

E sabe de uma coisa?

Essa é a minha história.

Clichê? Sim.

É uma história como muitas outras que foram vividas e contadas. Uma história entre milhões. Uma história que você já conhece, que inclusive alguns já viveram. Mas, e daí? O amor é velho. E já foi vivido e experimentado de todos os jeitos. O que muda não é o amor, mas a maneira como cada um o sente e o expressa. Assim como o que interessa não é o fim da história, mas o modo como ela é contada.

Então minha história é sim um clichê.

O amor é clichê.

Mas ele nunca sai de moda.





# *Eu o odeio!*

O NOME DELE É VICENTE. Vicente Müller. Dá para pensar num nome mais ridículo? E todo mundo o chama de Vince, o que é duplamente ridículo. Ele deve ter quase 1,80 m e é o menino mais alto e bonito da turma. Bom, eu, pessoalmente, não acho essa criatura do esgoto bonita, mas as desce-rebradas da minha sala arrastariam um ônibus de dois andares, lotado, por ele. Ele tem aquele tipo de cabelo que parece de criança e que não ficaria bonito em nenhum outro cara, mas que nele cai bem. Lisinho, mas enrolado nas pontas, sabe? E a cor é aquele castanho com alguns fios dourados pelo qual todas as patricinhas nojentas da minha sala pagam fortunas num salão de beleza, todo mês, para ter um igual. Pelo menos eu sei que o cabelo do Vicente é natural, já que é o mesmo desde o jardim de infância, quando eu o conheci, ou seja, desde sempre. Os olhos dele são impossíveis de se encarar por muito tempo, são tão escuros que parecem pretos, mas se você chegar bem perto e estiver num lugar claro, vai perceber que são castanhos. Ele, obviamente, joga no time de futebol da escola e treina três vezes por semana, e praticamente a escola toda fica até mais tarde no colégio às segundas, quartas e sextas para ver o treino.

O garoto é uma estrela. Vicente fica por aí desfilando com aquele sorriso torto que forma duas covinhas nas bochechas, pois ele sabe que as meninas ficam soltando suspiros apaixonados quando ele passa. Acho até





que ele faz isso de propósito, deve adorar ser amado e desejado por todas as meninas do colégio. A pele dele tem aquele tom dourado de quem passa o dia na praia, o que acontece de fato, porque além dele ser um astro do futebol, ele também é surfista. Dá para acreditar? E eu já o vi se exibindo na praia, então sou forçada a confessar que ele tem o corpo bonito. Não é bombado e nem magrelo, é aquele meio termo, esguio e com músculos bem definidos, perfeito.

Tudo bem, tudo bem, talvez o garoto seja meio bonito, o que não faz eu gostar mais dele por isso, fato. Porque o negócio é que, para o maldito do Vicente, não basta ser tudo isso que eu acabei de dizer. Não basta ser o mais bonito, o mais popular, o melhor nos esportes e ter tudo que o dinheiro da mamãe rica possa comprar. Não, ele precisa de mais, precisa ser o centro das atenções, o melhor em tudo. Precisa tirar a única coisa que eu tenho: o meu posto de melhor aluna da classe.

Agora é o momento em que você diz que eu sou só uma nerd esquecida e desprezada, e que tem inveja do talento do Vicente Perfeito Müller. Eu sou mesmo uma nerd esquecida e desprezada, mas não tenho inveja nenhuma dessa criatura maldita dos infernos que atende pela ridícula alcunha de Vince. Fala sério, me poupe! Nem de longe eu quero a vidinha medíocre e superficial que ele tem, e que se resume a jogos de futebol, surfe, festas, bebidas e garotas. Porque é claro, como o bom menino mais popular da escola, Vicente é o típico garanhão que pega todas.

Então, ainda que eu estude na mesma sala que ele desde o jardim da infância, nós nunca tivemos nada em comum, porque desde aquela época ele já era o rei do parquinho de areia ou coisa parecida. Nós sempre vivemos em mundos diferentes, porém coexistentes. Ou seja, cada um vive na sua e tolera o outro até poder se formar, e, no meu caso, entrar numa faculdade de renome, virar uma médica de sucesso e rir da cara do Müller quando ele estiver lavando meu carro importado. E estávamos perfeitamente bem desse jeito! A regra tácita sempre foi a de nunca invadir o espaço um do outro. Nerds não devem se meter com os populares, do mesmo jeito que não devemos colocar alumínio no ácido muriático na aula de química: o resultado pode ser... explosivo!

E agora, o Sr. Vicente Astro do Futebol Müller estava invadindo o meu mundo! Tudo aconteceu ontem, quando eu estava saindo tranquilamente do banheiro feminino no intervalo e Petra, minha melhor amiga, correu até mim, ofegante.

– Tina, você não vai acreditar – ela disse entre duas grandes lufadas de ar ao expirar que faziam sua franja comprida subir e descer.



– O que foi? – perguntei, preocupada.  
– O listão do primeiro simulado do ano saiu e...  
– E o quê? – perguntei, já ansiosa para ver o listão, achando, como sempre, que eu estaria lá no topo, ainda que meu nome não fosse algo que eu gostasse tanto.

– Você foi a segunda colocada do colégio – disse Petra.

Foi nesse momento que eu quase tive um ataque do coração. Qualquer outra pessoa no meu lugar estaria dando pulinhos de alegria ao saber disso. A segunda maior colocação de todo o colégio – e olha que ele não é pequeno – não é para qualquer um. Mas qualquer um não foi a melhor aluna da classe e nem a primeira em todos os simulados, como eu, desde que os simulados foram inventados.

– O QUÊ? – gritei, assustando algumas meninas da sétima série que estavam por ali. – Quem está na minha frente? Foi aquele nojento do Arthur, não foi? Ele nunca se conformou em sempre perder pra mim... Só queria saber como ele conseguiu me passar...

Ok, sei que posso parecer uma metida presunçosa, mas é que meu cérebro privilegiado é a coisa mais importante que eu tenho, então não posso ser modesta em relação a ele.

– Na verdade... – começou Petra estalando os dedos, coisa que sempre faz quando está nervosa. – Acho melhor você ver.

Não precisei ouvir duas vezes e fui direto para o corredor principal, onde todos os avisos, panfletos, horários de palestras e notas são fixados na parede. O lugar estava lotado, parecia que todos os alunos do ensino médio estavam ali vendo seus resultados. E eu, como sou nanica, não conseguia ver nada. Finalmente – depois de algumas cotoveladas nas costas – consegui chegar perto para ver quem foi o desgraçado que havia roubado o meu primeiro lugar. Naquele momento, juro que pensei que o mundo tinha enlouquecido, aquilo era simplesmente impossível! Afinal, o que o nome do menino mais popular da escola estava fazendo ali no topo? Mas estava: Vicente Müller.

E eu ainda podia ouvir a balbúrdia que vinha da turminha dele, os meninos do time.

– Nossa, cara, você se superou!

– O primeiro lugar do simulado!

– Vence, você é um gênio!

– Passou até aquela nerd esquisitinha lá da sala.

Meu sangue começou a ferver de ódio e eu saí de lá o mais rápido possível, antes que fizesse uma besteira.

Petra foi atrás de mim até a sala que, naquele momento, estava vazia.  
– Ei, Tina, se acalma – ela disse, sentando na cadeira ao lado da minha. – Aposto que ele colou.

– Isso não muda o fato de ele ter ficado na minha frente na lista!

Confesso que, apesar de não ser uma característica comum nos nerds, eu sou bem esquentadinha, ainda mais quando as coisas não acontecem do jeito que eu quero. Eu sou uma nerd...diferente.

– Ei, esse foi só o primeiro simulado do ano – Petra continuou. – No próximo você vai ser a melhor, como sempre, e no final do ano ainda vai receber o título de melhor da classe, não estressa.

Ela tinha razão e eu sabia disso. Mas continuava morrendo de ódio por aquele moleque desgraçado ter conseguido o meu primeiro lugar.

Dois dias haviam se passado e eu ainda nem tivera coragem de contar para o meu pai toda essa história. Qualquer outro pai ficaria orgulhoso da minha colocação, mas... qualquer outro pai não é o meu pai.

Papai me ama e à minha irmã também, eu sei disso, mas ele exige que nós duas sejamos perfeitas o tempo todo. Precisamos sempre ser as melhores da escola, ter as melhores notas e o melhor comportamento. Papai não se importa com a nossa aparência desde que estejamos limpas e com roupas decentes. Ele não aceita saias curtas e decotes, nem calças coladas ou saltos altos. Maquiagem então, nem pensar! E eu tremo só de lembrar a reação dele na vez em que eu perguntei se podia cortar o cabelo. Acho que você pode dizer que meu pai é... rígido.

Mas eu não me incomodo muito com isso. Eu não me interessava por moda e não gosto de maquiagem. Detesto roupas vulgares e nunca quis me misturar com os populares da sala ou ser aceita por eles. Não gosto dos cabelos compridos que papai nos obriga a usar, mas os meus vivem presos, então não são realmente um problema. Além disso, gosto e sempre gostei de estudar, então ser boa na escola não é um problema para mim. Mesmo assim, papai não vai gostar de ouvir que fui passada para trás por um moleque idiota como o Vicente.

– Tina, papai está nos chamando para jantar – Geny, minha irmãzinha, disse, entrando no meu quarto. – Você pretende contar para ele que ficou no segundo lugar do simulado?

Apoiei a cabeça na minha mesa de estudos, gemendo de frustração. Por mais que eu tentasse fugir, todos faziam questão de me lembrar disso.

– Se eu fosse você, não contava. Papai está muito irritado desde que chegou do trabalho.



Era domingo, mas ainda assim, papai passou o dia todo trabalhando. Ele é neurocirurgião e trabalha no melhor hospital da cidade. É muito respeitado por aqui e um dos melhores médicos do país. Apesar disso, e de vivermos numa casa enorme e linda, papai acha que temos que aprender o valor do dinheiro e nunca nos deixa comprar coisas caras nem gastar com frivolidades. Eu não me importo, mas Geny sofre com isso.

– Você sabe o que aconteceu no hospital para deixá-lo assim? – perguntei.

– Como eu vou saber? Ele só chegou super mal humorado e disse para não nos atrasarmos para o jantar. Não conte nada pra ele, Tina!

– Tem razão, não vou contar. Vou esperar o humor dele melhorar ou então o próximo simulado, quando eu recuperar meu merecido primeiro lugar.

– Às vezes acho você tão lunática quanto o papai. Qual o problema de ficar uma vez em segundo lugar?

Não respondi. Me esforço tanto para agradar ao papai, para fazê-lo feliz desde que ficamos só nós três, que já é algo natural para mim. Mas minha irmã não é como eu. Geny está sempre brigando com o papai porque quer ser como as outras garotas e odeia ficar o dia todo em casa estudando.

Entendo como ela se sente, até eu, que gosto de estudar, me canso disso de vez em quando.

Depois do jantar, fui para o meu quarto e abri o livro de matemática em cima da cama e deitei de bruços para estudar. Matemática não é minha matéria preferida, mas eu precisava justamente melhorar meus pontos fracos. Comecei o segundo ano do ensino médio há apenas um mês e, como todo ano, na segunda semana de aula tivemos o simulado que os professores chamam de “nivelamento”, com toda a matéria do ano anterior. E eu ainda não estava acreditando que Vicente Müller tinha ficado em primeiro lugar.

Ok, sei que isso já está soando repetitivo, mas é sério! O menino passa a vida inteira sendo o mais bonito, o melhor nos esportes, o perigo-te das mulheres, o cara que dá as festas mais legais (não que eu já tenha sido convidada para uma, mas escuto os comentários), resumindo, o rei da cocada preta. Onde ele arrumou tempo para estudar e passar na minha frente? Desde que eu me entendo por gente, Müller sempre teve notas medianas. Nunca foi um aluno com notas ruins, como mais da metade do time de futebol, mas nunca foi extraordinário. Eu sentia que algo nessa história não estava certo.

Depois de mais ou menos uma hora estudando matemática, senti meu celular vibrar no bolso da minha calça. Era a Petra. Quando estou em casa, sempre deixo o celular no silencioso porque, para falar a verdade, papai não permite celulares, acha que eles são perda de tempo e desvio de atenção para adolescentes. Ok, sei que eu deveria ser a nerd certinha, mas que menina de 16 anos sobrevive sem celular? E é por isso que Geny e eu usamos o dinheiro que o vovô nos deu no último Natal para comprar um aparelho para cada uma. Claro que papai nem sonha com isso.

– Tina, o que você está fazendo? – era Petra perguntando.

– Estudando – respondi com um suspiro.

– Sempre, não é? Bom, eu liguei pra te implorar pra ir comigo ao aniversário do meu primo, no sábado.

– Como assim, que primo?

– O Tiago, você não conhece, ele acabou de se mudar pra cá. Mas a mamãe tá me obrigando a ir e eu não vejo o menino desde que a gente era criança. E naquela época ele já era uma peste. Não quero ir sozinha, por favor, vai comigo!

– Ah, Petra, você sabe que eu não gosto dessas coisas. Além do mais, acho difícil meu pai deixar.

– Ah, tenta, por favor... – ela disse com aquela voz chorosa. Que droga! É impossível dizer não desse jeito.

– Tudo bem, vou tentar – concordei, sentindo que isso não ia terminar bem. – Mas não garanto nada!

Depois disso, nós nos despedimos e desligamos. Já passava das dez da noite e amanhã era segunda-feira. Fechei o livro e guardei meu material na mochila. Escovei os dentes, troquei de roupa e fui dormir.

Desde que eu me entendo por gente, todo mundo, mas todo mundo mesmo, me chama de Tina. Menos o meu pai, que faz questão de usar meu nome completo toda vez que abre a boca para falar comigo. Mas os professores da escola, meus amigos, qualquer pessoa que saiba quem eu sou, me conhece por Tina. É como eu sempre me apresento para as pessoas. E tem pessoas que nem sabem meu nome verdadeiro, que eu odeio.

Mas bem cedo na manhã da segunda-feira, quando eu estava atravessando o pátio para ir para a minha sala, com a cabeça enfiada num livro da Agatha Christie, acabei esbarrando em alguém.

– Desculpa – comecei a dizer, levantando o rosto para ver quem era.

– Presta atenção por onde anda, Maria Valentina – ele disse, num tom meio irritado, meio irônico.

Eu só fiquei parada, olhando embasbacada para ele, durante uns 30 segundos. Aquele sorriso torto, do qual eu já comentei, estampado em seu rosto bonito e as suas duas covinhas parecendo debochar de mim. Como esse desgraçado teve a cara de pau de me chamar pelo nome que todo mundo sabe que eu detesto?

– Não sei com quem você está falando, Vicente – eu disse, percebendo que aquela era realmente a primeira vez que falávamos um com o outro a sós.

– Você nunca me chama pelo meu apelido, então acho que eu tenho o mesmo direito de fazer isso com você – ele retrucou, afastando o cabelo do rosto com uma mão, enquanto a outra segurava displicentemente a alça da sua mochila.

– Que tal você não me chamar de maneira nenhuma? – sugeri, irritada. – Que tal você continuar a fingir que eu não existo?

– E que tal você deixar de se achar tão superior? – disse Vicente.

– Eu? Olha só quem está falando, o cara que se acha o máximo só porque sabe chutar uma bola e se equilibrar em cima de uma prancha!

– E que tirou o primeiro lugar no simulado - ele disse, me provocando deliberadamente.

– Uma vez na vida! – gritei de volta. Ele tinha tocado no meu ponto fraco, o maldito. – E se depender de mim, será a última!

Por que eu estava perdendo meu tempo com aquele babaca? Bufando de raiva, passei por ele quase correndo para ir logo para a sala.

– Para uma nerd, você até que é bem esquentadinha, Maria Valentina – o ouvi dizer atrás de mim, para logo depois rir.

Nem olhei para trás e continuei meu caminho. Ah, mas é um desgraçado! Tem a audácia de ficar na minha frente no simulado e ainda vem com essa coisa de me chamar de Maria Valentina! Maldita hora em que o papai deixou a mamãe escolher nossos nomes! Não sei se o pior é o meu, ou o da Geny, ou melhor, Maria Eugênia.

Juro que não entendo esse garoto. Passou praticamente a vida toda me ignorando e agora vem debochar de mim. O que eu fiz pra ele? A minha escola, como a grande maioria das escolas, é toda dividida em panelinhas. Os populares e os atletas (quase sempre essas duas categorias se juntam), os roqueiros, os emos, os hippies, os artistas, os vagabundos, os marginais, os esquisitos e os nerds (essas últimas duas categorias também costumam se juntar). E, como você pode ver, eu estou na base, enquanto o maldito do Vicente está no topo da cadeia alimentar. Apesar disso, não existem muitas brigas entre as panelinhas no meu colégio, porque todos

conhecem os seus lugares e ninguém se mete com ninguém. Eu nunca me meti com os populares e nem quero!

Então por que aquele retardado resolveu tirar graça com a minha cara?

Ainda pensando nisso, entrei na sala. Petra, Larissa e Arthur eram os únicos lá – como eu já disse, era muito cedo – e estavam sentados perto um do outro, conversando.

– Que cara é essa, Tina? – Larissa perguntou, assim que me viu entrar.

– Nada – respondi irritada, sem vontade de falar sobre meu pequeno encontro com o idiota do Vicente.

– Deve estar irritada por ter ficado em segundo lugar no simulado – Arthur comentou, fazendo com que eu o encarasse com um olhar assassino.

– Cala a boca, seu otário – falou Petra para ele. – Pelo menos ela ficou em segundo e não em quarto, como você.

Arthur calou a boca rapidinho.

E é por isso que Petra é minha melhor amiga.

Petra Maciel tem 16 anos, como eu, e nós somos amigas desde o jardim da infância. Ela não pertence à categoria dos nerds, ao contrário do que você possa pensar, mas ela é meio esquisita, então é como se fosse – pelo menos aos olhos dos babuínos dessa escola. Petra é muito alta, deve ter apenas poucos centímetros a menos que aquele idiota do Vicente, e é meio briguenta. Quando nós éramos crianças, ela sempre me defendia dos outros alunos, que ficavam caçoando dos meus óculos, das minhas sardas e, principalmente, do meu nome. Ela sempre ia para a sala da orientadora por bater nas pessoas, mas não se importava. Ela é a heroína da minha infância. E o engraçado é que nós somos totalmente opostas, não apenas na altura, mas em quase todo o resto. Ela é morena e tem os cabelos castanhos bem escuros, muito lisos e cortados bem retos pouco abaixo do queixo, tem os olhos de uma cor um tom mais clara que os cabelos, um nariz reto e fino e sobrancelhas quase que permanentemente arqueadas. Além disso, tem um corpo totalmente lindo, cheio de curvas nos lugares certos, o que as meninas lá da sala sempre invejaram em segredo. Nunca estuda e não está nem aí para notas, fica de recuperação quase todo ano. A mãe dela me disse uma vez que achava que, se não fosse por eu sempre ajudá-la a estudar, ela ainda estaria na primeira série.

Não me entenda mal, Petra não é burra ou coisa assim – longe disso. Ela é muito inteligente, só não gosta da escola e não se esforça para estudar. Ela tem outros interesses, como sempre gosta de dizer. O sonho dela

é ser fotógrafa e eu devo confessar que ela é realmente muito boa nisso. Tirou algumas das fotos mais bonitas que eu já vi. E é isso que ela faz o dia inteiro quando deveria estar estudando. É a paixão dela, não dá para realmente culpá-la por isso.

Me sentei na minha cadeira, na frente da Petra. Larissa pegou o videogame dela e começou a jogar Mortal Kombat, e Arthur ficou lá me encarando feio. Os dois são meus amigos, apesar dessa rixa esquisita que eu tenho com o Arthur, que, para ser sincera, nem sei como começou. Só o que sei é que estamos sempre tentando passar o outro para trás, coisa que eu quase sempre consigo e que deixa o menino super irritado.

Arthur e Larissa são nerds e no simulado ficaram em quarto e terceiro lugar, respectivamente. Larissa Carvalho não liga muito para isso, ela tira boas notas sem esforço e prefere ficar jogando ou assistindo animes a discutir notas como eu e Arthur fazemos. Ela é bem baixinha, mais até do que eu, tem cabelos castanhos claros bem compridos que vivem com duas tranças. Ela usa o mesmo penteado desde que tínhamos uns seis anos. Tem olhos castanho esverdeados, cobertos por óculos de armação redonda, um nariz de bolinha – que, por incrível que pareça, deixa ela fofa – e uma boca fina. Ela costumava ter muitas espinhas no rosto, mas hoje já não tem quase nenhuma.

Já Arthur Cabral é bem parecido comigo. Não fisicamente, mas ambos temos uma personalidade difícil e meio paranóica. Ele sempre quer ser o primeiro, assim como eu, porém, ao contrário de mim, ele nunca consegue. Se bem que aquela criatura dos diabos que as pessoas conhecem por Vince, e que vive chutando uma bola, conseguiu me passar... Mas isso foi uma exceção, e um caso único. Voltando ao assunto, Arthur e eu estamos sempre competindo por tudo e, normalmente, eu sempre ganho, o que o deixa muito irritado. Apesar disso, a gente se entende. Arthur tem cabelos muito lisos, num tom loiro meio cinzento, bem curtos. Seus olhos são quase da mesma cor que os olhos da Petra, um castanho bem claro, e o nariz dele é meio grande para o rosto. É apenas alguns centímetros mais alto que eu e tem aquele tom de pele de quem passa o dia na frente do computador e nunca viu a luz do sol. Tem algumas poucas sardas nas maçãs do rosto – já que eu sei como ter sardas é ruim, me compadeço um pouco dele – e sobrancelhas grossas.

Ainda faltava um integrante do grupo, mas ele sempre chega atrasado. Infelizmente – para mim.

– Você já falou com seu pai sobre a festa e ele disse não? – perguntou Petra.





– Não, ainda não falei com ele – respondi, suspirando. Ainda tenho que arranjar um jeito de ir para essa porcaria de festa. – Por que você acha isso?

– Pela sua cara, amiga. Parece que a qualquer momento você vai voar no pescoço de alguém.

– Eu quero mesmo voar no pescoço de certo alguém.

– Do que você está falando?

– De nada, deixa pra lá. Eu vou falar com o papai hoje, mas acho difícil o velho deixar.

Petra assentiu e ficou calada. Eu estava tão estressada que fiz a Larissa me emprestar o videogame e fiquei jogando até o sinal tocar. O professor de geografia e os outros alunos entraram na sala, esses últimos fazendo barulho e brincando. Vicente estava entre eles e, quando me viu olhando para ele, piscou um olho.

Revoltada, virei o rosto e abri logo o livro de geografia no capítulo que havíamos parado na aula anterior. Aparentemente, ninguém havia percebido nada, nem meus amigos e nem os dele, o que era melhor. O professor mandou todos se sentarem e a turminha do Vicente foi logo lá para o fundão e, como eu sento na primeira cadeira, pelo menos não ia ter que colocar os olhos em cima daquele moleque idiota.

– Tem alguém do seu lado, Maria Valentina?

A sala toda ficou em silêncio e eu me virei cheia de ódio para aquela criatura maligna que estava apontando para a cadeira vazia ao meu lado. Podia ver que todo mundo estava chocado por ele estar falando comigo, e percebi Petra se retesar ao meu lado, como se perguntasse “quer que eu quebre a cara desse abusado?”. Precisei reunir todo o autocontrole dentro de mim para responder com o máximo de educação possível:

– É o lugar do Silas, dá o fora.

É, não me saí muito bem, acho.

– Maria Valentina...quer dizer, Tina - disse o professor, meio incerto. – Silas não está aqui e não se pode ficar guardando lugar para os alunos atrasados. Vince, pode se sentar aí, se quiser.

– Obrigada, professor - agradeceu Vince com um sorriso.

Já posso matar esse cínico? Assim que esse moleque sentou do meu lado, o burburinho começou na sala. Eu estava morrendo de ódio, na minha cabeça só passavam imagens das várias maneiras para torturar e matar o Vicente. Como ele teve a coragem de me chamar de Maria Valentina na frente da sala toda? Ele não tem noção das coisas, não? Não sabe o

tempo que eu levei para apagar esse nome da mente das pessoas, para todo mundo só me chamar de Tina?

Olhei de lado para ele e o percebi me fitando com um sorriso sinistro no rosto. Esse garoto só pode mesmo estar querendo acabar com a minha vida.

Eu o odeio!





## *Eu a odeio!*

O NOME DELA É MARIA Valentina. Maria Valentina Lazarov. O pai dela é búlgaro ou romeno, sei lá, daí o sobrenome. Mas dá pra pensar num nome mais ridículo para chamar uma garota? E os amigos a chamam de Tina, o que é mais ridículo ainda. Eu estudo com ela desde que éramos crianças, mas para ser sincero, eu só a notei de verdade pela primeira vez há alguns meses.

Ela é baixinha, usa os cabelos sempre presos num coque do lado da cabeça e passa tanto gel, ou sei lá que diabo é aquilo, que deixa os fios parecendo escuros e molhados. Para falar a verdade, eu nem sei que cor é aquela. Os olhos dela são outra incógnita, já que vivem escondidos atrás daqueles óculos fundo de garrafa enormes. Ela só usa roupas largas e sem forma, e tem a pele esquisita, muito pálida. Deve ser a ascendência romena – ou búlgara –, eu realmente não sei.

Maria Valentina é uma nerd. Sempre a melhor da classe, está sempre com a cara enfiada em algum livro ou tirando dúvidas com os professores. Tem alguns amigos que são tão ou mais esquisitos que ela, e só anda com eles. No geral, é uma garota inofensiva, sabe seu lugar. Em quaisquer outras circunstâncias, eu provavelmente nunca teria tomado conhecimento da sua existência. Sou desses mesmo, detesto meninas como ela: complicadas. Maria Valentina tem cheiro de complicação. Se não fosse



por causa de uma coisa que aconteceu, no final do ano passado, eu nunca perderia meu tempo pensando nela.

No final do ano letivo, cerca de uns três meses atrás, faltando apenas alguns dias para as férias, minha mãe apareceu no colégio. A última vez que ela foi lá deve ter sido quando eu ainda estava no jardim da infância. Além disso, fazia meses que eu não a via, já que ela estava viajando à trabalho, como sempre, então é claro que eu fiquei surpreso. Na verdade, surpreso é eufemismo, eu fiquei assombrado! E feliz.

Era meu aniversário de 16 anos. Não sei o que me passou pela cabeça naquela hora para acreditar que minha mãe estava lá por causa disso. No final, era porque o diretor a havia chamado para discutir alguma coisa a respeito da doação que ela iria fazer ao colégio. Ela nem lembrou que o filho estava fazendo 16 anos.

Olha, vou logo esclarecer as coisas, certo? Não sou emo, mas eu só queria que minha mãe lembrasse, de vez em quando, que eu existo.

Ela passa quase o ano todo fora do país, e, quando está em casa, mal troca duas palavras comigo. É como se eu fosse um incômodo, um móvel velho do qual ela não gosta, mas não pode se livrar. Eu preferiria que ela me odiasse. Que brigasse comigo, gritasse, me expulsasse de casa. Qualquer reação que me fizesse saber que ela sente algo por mim. Qualquer coisa. Só não aquela indiferença.

O que isso tudo tem a ver com a nerd da Maria Valentina? Vamos apenas dizer que ela estava no lugar errado, na hora errada. Quando minha mãe saiu do gabinete do diretor, o ranking do último simulado do ano tinha acabado de ser fixado no quadro de avisos do corredor e muitos alunos estavam lá para ver sua colocação. Mamãe passou pelo corredor lotado sem nem olhar duas vezes para mim, mas parou para olhar a lista, encabeçada, é claro, pela maior nerd da turma. E ali, a apenas dois passos da minha mãe, duas meninas sorriam, felizes. Uma alta com cabelos curtos e uma baixinha de cabelos presos num coque apertado. A alta disse:

– Tina, você conseguiu o primeiro lugar mais uma vez! Que mágica é essa?

A baixinha disse algo que eu não pude ouvir e as duas riram. Minha mãe, que ouvira o pequeno diálogo, aproximou-se das duas e perguntou para a baixinha:

– Você é a Maria Valentina? A que tirou o primeiro lugar?

A menina franziu o cenho, mas assentiu. Aparentemente não gostava de ser chamada pelo nome verdadeiro. Anotei isso mentalmente. Então minha mãe disse:



– Parabéns – e foi embora.

Era meu aniversário, e a nerd esquisita da minha sala foi quem recebeu o reconhecimento pelo qual eu passei quase a vida toda esperando. Reconheço que não é uma coisa muito masculina de se admitir, mas eu queria me sentir um filho, queria o carinho da minha mãe. Não, na verdade nem quero isso, não me iludo a esse ponto. Se o amor dela é algo inalcançável, queria pelo menos que ela me notasse, ou que me reconhecesse. Queria aquele parabéns seco e frio que, mesmo sem saber, Maria Valentina roubou de mim.

E foi nesse momento que decidi que teria para mim aquele parabéns. E para isso, teria que ser o melhor da classe.

Mais fácil falar do que fazer, porque, afinal, sou péssimo para estudar. Passei as férias todas tentando, mas acabava indo para a praia com meus amigos ou para alguma festa. E quando tentava estudar, não entendia nada, ficava frustrado, atirava tudo no chão e ia jogar videogame. Mais de uma vez me perguntei como aquela nerd conseguia. E percebi que eu estava ferrado.

Até que me veio a brilhante ideia de roubar o simulado de “nivelamento”, o primeiro do ano. E foi o que eu fiz. Não foi difícil, já que eu só precisei jogar charme em cima da secretária do diretor para ela sair de órbita e nem perceber o que estava fazendo. Pedi para ela me fazer o favor de ir procurar o professor de matemática, já que eu precisava entregar um trabalho – fictício, é claro – e não o estava achando. A tonta me deixou sozinho na sala e eu só precisei entrar no computador dela. Descobrir a senha não foi difícil, essa galera realmente não tem criatividade, e tirar uma cópia da prova.

O plano perfeito, e agora eu era o melhor da classe e mal podia esperar para minha mãe ficar sabendo. Em duas semanas ela iria chegar de uma viagem à China e eu teria o que sempre quis.

É, isso não ia acontecer mesmo. Afinal, deu tudo errado.

Olhei para a Maria Valentina, sentada ao meu lado, ainda me olhando com fúria. Sorri, percebendo como era fácil brincar com ela. Se eu soubesse disso teria começado a enfurecê-la antes. Devia ser meu novo hobby. Ela parecia detestar meu sorriso – por alguma razão maluca, já que meu sorriso é irresistível – então eu sorri mais. Ela virou o rosto e abriu o caderno, começando a anotar furiosamente cada palavra que o professor cuspiu. Eu sabia porque ela estava tão irritada, é claro. E não era apenas por eu tê-la chamado de Maria Valentina na frente de todos, o nome que ela tão obviamente odeia. Era porque eu tinha rou-



bado – literalmente – o primeiro lugar dela. Percebi que a nerd levava isso muito a sério.

Infelizmente, a irritação dela duraria pouco. Suspirei e apoiei a cabeça no meu caderno intocado em cima da mesa. Quando eu disse que deu tudo errado, é porque a coisa ferrou de vez. O diretor descobriu tudo. Toda a história do roubo da prova. E foi por isso que me chamou tão cedo no gabinete dele hoje, para onde eu estava indo quando a nerd esbarrou em mim. Se naquela hora eu soubesse que seria desmascarado, não a teria provocado. Mentira, eu teria sim, a pirralha se acha muito superior e precisa baixar essa bola toda.

Enfim, voltando ao que interessa, eu tenho sorte por não ter sido expulso. Se não fosse pelas contribuições generosas que minha mãe faz à escola todo ano, eu já estaria sendo chutado daqui. E depois de muito implorar e prometer que isso nunca mais voltaria a acontecer, consegui também não ser suspenso. O diretor não é idiota, ele sabe que o campeonato de futebol está para começar e eu não posso ser suspenso e perder os treinos, não se ele quiser que nosso time seja, mais uma vez, campeão. Como minha mãe está na China, o diretor só vai notificá-la do acontecido quando ela voltar. O que vai dar no mesmo, já que meu plano deu todo errado.

Só posso desejar que a Tina fique, pelo menos, com raiva.

O novo listão deve ser colocado ainda hoje, com uma nota de explicação que vai fazer a nerd rir até engasgar. Eu posso até imaginar o sorriso vitorioso dela quando descobrir que tem de volta o maldito primeiro lugar.

Mas o que eu vou fazer agora? Eu ainda quero ser o melhor, não tirei isso da cabeça. Só não sei como vou conseguir. Tive uma ideia ao chegar à sala e ver o lugar ao lado da Maria Valentina vazio, mas como está claro que ela me odeia mais do que qualquer outra coisa na vida, é definitivamente impossível. Se eu não a tivesse provocado tanto, chamando-a pelo nome verdadeiro na frente de todos, talvez tivesse uma chance de convencê-la a me dar aulas.

Não, algo me diz que mesmo assim, eu não teria.

Por que é tão difícil assim? Estou pedindo muito? Será que alguém já sentiu isso? Esse desespero tão grande por se sentir amado, de ser pelo menos notado pela mulher que me colocou no mundo? Me pergunto se essa nerd já sentiu isso. Ora, mas é claro que não! Do jeito que ela é perfeitinha, com essas notas impecáveis e comportamento irrepreensível, os pais dela devem idolatrá-la.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho da porta da sala sendo aberta. O professor de geografia interrompeu seu discurso – que para mim parecia russo – e um garoto entrou na sala: comprido, magro e ruivo.

Acabei de descrever o Ronald McDonald, eu sei. Mas na verdade, o menino era Silas Koury, o esquisito que normalmente senta no lugar onde eu estava sentado. Já ia voltar a apoiar a cabeça no caderno e ficar pensando na vida, quando algo prendeu minha atenção. Disfarçadamente, virei a cabeça para olhar a nerd ao meu lado. Ela não estava com a atenção voltada ao professor que havia retomado a aula. Ela olhava para o Koury, que ainda estava parado na porta da sala, percebendo agora que o seu lugar de sempre estava ocupado.

Maria Valentina moveu os lábios, sem som nenhum, formando a palavra “desculpe” para o garoto. Seu rosto estava vermelho e, se aqueles óculos não estivessem atrapalhando, eu tenho certeza que veria aquele brilho nos olhos dela.

Maria Valentina, a nerd, gosta do Silas Koury, o esquisito. Acabei de ganhar na loteria.

Estava quase cochilando quando o sinal bateu anunciando o intervalo. Fiquei sentado na minha cadeira observando os outros alunos saírem rapidamente da sala, dois deles em particular, a nerd e o Ronald McDonald. Estava muito concentrado, e me assustei quando alguém sentou na minha mesa, amassando meu caderno.

– Vince, o que deu em você? – Roberta perguntou, fazendo biquinho.

Roberta Novaes é a garota mais linda – leia-se gostosa – de toda a escola. Altura mediana, cabelos loiros compridos, olhos verdes, corpo perfeito. Claro que ela também é a mais popular e a mais divertida. E é claro que ela também é minha namorada.

– Não sei do que você está falando, Roberta – respondi. Mas é claro que eu sabia do que ela estava falando.

– Por que você resolveu sentar aqui na frente, ainda mais do lado daquela esquisita? – perguntou ela, passando os braços pelo meu pescoço.

Eu estava quase perdendo os dois de vista e não tinha tempo para desperdiçar com a Roberta agora. Então tirei os braços dela do meu pescoço, levantei, dei um rápido selinho nos lábios dela e disse:

– Depois falo com você – e saí da sala, evitando alguns dos meus amigos que estavam ali na frente.

Maria Valentina e o Koury não estavam sozinhos. A menina alta que sempre anda com a nerd estava junto com eles. Droga, eu precisava

pegar a baixinha sozinha. Tinha pensado no plano perfeito para resolver meu problema e precisava colocá-lo em prática o quanto antes. Tive sorte porque, antes de chegar ao corredor onde fica o quadro de avisos, Maria Valentina se separou dos amigos e foi em direção ao banheiro feminino. Fui atrás dela e, antes que ela pudesse entrar, segurei o seu braço – que era surpreendentemente fino – e puxei-a para algum canto escondido. Imediatamente, é claro, a menina começou a puxar o braço e fazer escândalo.

– Eu tenho uma coisa para discutir com você – eu disse, irritado. – Dá pra ficar quieta?

– Você andou bebendo? – ela perguntou, incrédula. – O que diabos tem para falar comigo?

– Vem comigo que você vai saber – eu respondi, sem largar o braço dela. – É do seu interesse. Vem logo que as pessoas estão começando a olhar.

Ela apertou os olhos – afiados como facas, devo dizer – e tirou minha mão do seu braço. Mas assentiu e me seguiu até debaixo da escada. Dá um tempo, mas era o único lugar mais ou menos reservado que tinha por ali.

– O que é? – ela foi logo perguntando.

– Eu roubei o simulado, por isso tirei o primeiro lugar – disse de uma vez.

Ela ficou apenas parada, me fitando sem acreditar, os olhos arregalados atrás dos óculos, por quase um minuto.

– Mas o que interessa é... – fui dizendo, mas aí fui acertado no estômago. A maluca me bateu.

– Seu maldito, desgraçado! – ela foi gritando, enquanto distribuía tapas em qualquer lugar do meu corpo que conseguisse alcançar.

– Ei, SUA DOIDA – gritei, tentando desviar. – Para com isso!

– Eu vou matar você! – ela rosnou.

– Dá para parar, sua maluca? – disse, finalmente conseguindo segurar os bracinhos daquela nerd psicopata. – Se acalma, o diretor já sabe e já consertou o ranking dos melhores alunos!

Ela finalmente parou e só ficou me olhando feio e respirando rápido. Tentou puxar os braços, mas eu não a soltei, vai que a doida volta a tentar me bater? Sou lindo demais para apanhar. Eu sei, modéstia passou longe.

– Me solta – ela resmungou.

– Não até eu ter certeza que você não vai ter outro surto psicótico – respondi.

– Eu não sou psicótica! – ela rosnou ainda com mais raiva.

– Tenho minhas dúvidas... – disse.



– Me solta logo! – gritou Tina.  
– Tá, tá – disse, soltando-a e observando ela esfregar os pulsos, quase parecendo querer me fazer desintegrar com o olhar. – Olha, presta atenção, eu tenho uma proposta para fazer para você.

– Quê? Que proposta? – Tina perguntou.

– Você vai me dar aulas para eu tirar uma nota boa no próximo simulado – eu disse.

Ela começou a rir incontrolavelmente. Pirralha!

– Aham, e eu faria isso porque você é um cara super legal e merece tudo de melhor nessa vida – ela ironizou. – Quer saber? Não vou mais perder meu tempo com você. Tchau!

– Se você me ajudar, eu te ajudo – eu disse, sorrindo.

– Não preciso da sua ajuda para nada, garoto – respondeu Tina.

– Precisa, sim. Ou você acha que é desse jeito – sinalizei para suas roupas, óculos e cabelo de maneira depreciativa – que vai conseguir o coração do McDon... quer dizer, do Koury?

Posso dizer que peguei a pobre Maria Valentina pelo pé. Por essa ela não esperava, ficou estampado na cara dela, juntamente com o fato de que ela realmente é apaixonada por aquele ser esquisito. Seu rosto foi ficando todo vermelho, começando pelo pescoço até chegar às maçãs do rosto, foi uma coisa incrível de se ver. Precisei me segurar para não rir.

– E-e-eu não sei do que você está falando – gaguejou. – Eu não gosto de ninguém!

– Ah, gosta sim. E eu posso ajudá-la com isso. Se você me ajudar a estudar.

– Vem cá – ela disse, aparentemente se recuperando do susto. – Você nasceu sem cérebro mesmo ou perdeu ele numa aposta? Já disse que não gosto de ninguém e não quero ter nada a ver com você! É tão difícil assim de entender?

– Olha aqui, sua nerd esquisita – perdi logo a paciência, essa menina é o cão! – Eu só estou querendo ajudar, deu pra perceber que você gosta daquele alienígena.

– Ele não é um alienígena! – ela me interrompeu para dizer.

– Tá vendo? E você ainda diz que não gosta dele! Se não quiser que eu ajude, tudo bem, mas você vai me ajudar a estudar - retruquei.

– Meu deus, você é maluco! Por que eu faria isso? – ela perguntou, incrédula.

– Porque se não fizer, eu conto para todo mundo do seu amor nerd. Você quer mesmo passar o resto do ano sendo zoada por isso? Vai aguen-

tar todo mundo perguntando “então o Koury é o x da sua equação, Maria Valentina?” Ou coisa pior? Você quer mesmo isso?

– Na verdade, nesse exato momento eu só quero que você morra!  
– ela gritou.

– Sinto muito não poder atender esse seu desejo. Então, o que vai ser, por bem ou por mal? – perguntei, insistindo.

Maria Valentina respirou fundo, parecendo se segurar para não voltar a cair de porrada em cima de mim. A menina não só é nerd, como é doida, violenta e psicopata. É melhor eu tomar cuidado com ela, a coisinha é pequena, mas pode fazer um estrago.

– Tudo bem – ela finalmente disse, ainda parecendo furiosa, mas ao mesmo tempo, conformada. – Eu te ajudo e...você me ajuda.

– E não é que eu tinha razão? – ri. – Você está caidinha pelo Ronald McDonald!

– Cala essa boca e para de chamar ele de Ronald McDonald – ela exigiu, cruzando os braços, ficando ainda mais vermelha. – Então, quando a gente começa?

– Amanhã, na sua casa - respondi.

– Nem pensar! Meu pai me mata se eu aparecer com uma coisa como você em casa. Tem que ser na sua.

Uma coisa como eu? Essa menina é cega por acaso?

– Tudo bem – cedi. – Na minha casa, três da tarde. Se você se atrasar, vai se arrepender.

– Eu sou pontual com meus compromissos, Vicente – ela respondeu, descruzando os braços e apoiando-os na cintura. – Só uma coisa: se alguém ficar sabendo desse nosso acordo, você está morto.

Como se eu fosse querer que as pessoas soubessem que eu tinha um acordo com aquela maluca. Deus me livre!

– Ótimo – eu respondi, estendendo minha mão para ela apertar. Mas ela só revirou os olhos e foi embora.

Eu estava certo o tempo todo. Maria Valentina definitivamente significa problema. Também, louca daquele jeito, é meio difícil esperar outra coisa.

Suspirei, bagunçando o cabelo com a mão. Saí de lá e fui procurar Roberta e meus amigos, para me sentir normal de novo.

Odeio precisar dessa maldita nerd para qualquer coisa. Mas sem a ajuda dela, vou continuar me ferrando nas provas. Que saco!

Eu a odeio!



3



## *Só pode ser castigo!*

ACHO QUE, EM ALGUMA VIDA passada, eu devo ter sido uma serial killer. Uma sequestradora de crianças. Uma torturadora de velhinhos. Uma apostadora do jogo do bicho. Uma deputada corrupta. Ah, sei lá, algo bem ruim, mas ruim mesmo. Porque só assim para ter que pagar meus pecados sendo obrigada a aturar, nessa vida, aquele ser rastejante da vala. O que eu fiz pra merecer esse castigo, meu Deus? Que crime eu cometi? Quando foi que eu joguei pedra na cruz? Nem pedra, pelo nível do meu castigo, eu devo ter tacado um trem na cruz mesmo.

Eu ainda não estava acreditando na situação que tinha me metido. Como deixei as coisas chegarem a esse ponto? Eu tinha mesmo concordado em dar aulas ao Müller? O mesmo garoto que roubou o simulado e me fez passar três dias achando que era uma idiota por ter um jogador de futebol com uma pontuação mais alta que a minha? Sério mesmo? Eu estou ficando louca?

– Por que você demorou tanto, Tina? – Petra perguntou assim que eu sentei no banco ao lado dela.

Mas eu não prestei muita atenção ao que ela dizia, meu cérebro ainda estava processando o que tinha acabado de acontecer.

– Tina! Acorda! – gritou Petra.

– Quê? – perguntei.



– Por que você demorou tanto? – insistiu Petra, perguntando mais uma vez.

– Ah, eu estava vendo o novo listão do simulado – respondi. Era apenas meia verdade, mas nem morta que eu ia contar para alguém do meu acordo com aquele idiota do Vicente.

– O Müller colou, como você tinha desconfiado, e agora eu sou novamente a melhor aluna da sala – respondi, finalmente.

– Quê? – perguntaram Petra e Silas juntos.

Silas estava sentado ao lado de Petra, tomando seu suco de uva diário, e acabou espirrando tudo com o susto, molhando todo o próprio uniforme. E o da Petra também.

– Seu idiota! – gritou Petra, enquanto eu me acabava de rir.

– Desculpa – Silas disse, com seu jeito fofo de sempre.

Silas Koury não parece com o Ronald McDonald. Nem um pouco. O maldito do Müller só disse isso porque ele é ruivo. Qual o problema em ser ruivo? Eu também sou! Ainda que meu tom de vermelho seja diferente. Ah, é só implicância daquele mal amado mesmo, o Silas é muito fofo e uma pessoa mil vezes melhor que qualquer jogador de futebol. Eu gosto dele. Do Silas, quero dizer. Ele entrou no colégio ano passado e por ser um esquisito entrou logo na nossa turminha, apesar de ser super tímido. Ele não é nerd ou viciado em estudos como eu, gosta de quadrinhos do homem aranha, milk shake de morango, reality shows e de ler sinopses de filmes, ainda que não goste de assisti-los. Odeia acordar cedo e por isso está sempre atrasado para a escola. Eu gosto dele. Acho até que estou apaixonada. Mas eu achava que tinha escondido muito bem! Como aquele retardado descobriu?

– Que droga! – Petra continuava praguejando, enquanto tentava limpar seu uniforme com um guardanapo.

– Que seja – Petra disse, jogando o guardanapo fora e voltando os olhos para mim. – Que história é essa do Müller roubar a prova?

– O novo ranking dos melhores alunos foi fixado no corredor com uma nota explicativa – respondi, dando de ombros. – Sou novamente a melhor da classe – argumentei.

– Você não parece muito feliz com isso – Silas comentou, ainda sujo de suco.

– É claro que eu estou feliz, é só que... – respondi, titubeando.

O que eu poderia dizer? Que minha felicidade por ser a primeira da classe estava embotada diante do fato de que eu seria a professorinha particular de um cara que vendeu todos os neurônios para pagar o bronzeamento artificial? Não dava para simplesmente dizer isso.

– É só que... Ah, eu estou com raiva desse idiota! Passei o final de semana inteiro achando que havia algo de errado comigo, me martirizando, por culpa dele – respondi, sem muita convicção.

– Como não expulsaram esse garoto? – Petra perguntou, indignada.

– Ah, não sei – falei.

Eu havia me perguntado a mesma coisa momentos antes e cheguei à conclusão de que deve ter sido graças às doações que a mãe dele vive fazendo ao colégio.

– Vai ver ele subornou o diretor. De um moleque desses se pode esperar qualquer coisa – disse Petra. – Achei super esquisito ele insistir para sentar do seu lado hoje.

– Eu fiquei meio perdido quando vi que ele estava sentado no meu lugar – Silas disse, meio desanimado. – Detesto ficar lá atrás porque ficam jogando bolinhas de papel em mim.

– Desculpa por não ter conseguido guardar seu lugar, Silas – eu disse, realmente chateada, pois sei bem como é tentar prestar atenção às aulas sendo atingida por uma chuva de bolinhas de papel. – Não sei o que deu naquele maluco do Müller para inventar de sentar lá, deve ser só para implicar mesmo.

Depois disso, eu insisti para mudarmos de assunto. Não aguentava mais ouvir o nome daquele cretino dos infernos. Por isso ficamos falando sobre o caso secreto que tínhamos certeza que o Arthur e a Larissa estavam tendo. Quer dizer, os dois vivem sumindo juntos e nunca dizem onde estiveram, está mais do que claro que os dois estão namorando às escondidas. Mas ainda assim, mesmo eu tendo dito que não queria mais saber de nada relativo ao Vicente, Petra e Silas insistiram em ir ver o novo listão antes do intervalo acabar.

– Devido a problemas técnicos, a primeira lista, divulgada na sexta-feira, continha erros – Petra foi lendo a nota explicativa. – Esses foram corrigidos e essa é a nova lista – concluiu Petra.

Agora o meu nome – essa coisa horrorosa – estava brilhando ali, no primeiro lugar.

– Não dizem aí que o Müller roubou a prova, Tina – Silas disse, olhando para mim com curiosidade. – Como você ficou sabendo disso? – perguntou.

E pensei: ferrou...

– É exatamente o que eu ia perguntar – Petra declarou, também olhando para mim de um jeito estranho. – Como você sabe?

Ferrou de vez. Que diabo eu poderia dizer?

– É que...- comecei, totalmente perdida. – Ele...não...quer dizer, eu... Amém. O sinal tocou.

– Gente, eu vou logo para a sala, não quero me atrasar! – eu disse, praticamente correndo dali.

Cheguei à sala e vi o pilantra do Vicente sentado na mesa – e não na cadeira, como uma pessoa normal – ao lado da minha, que ele roubou do Silas, que é quem sempre senta do meu lado. Mas o problema nem era esse. O problema é que o descarado estava aos beijos com a Roberta Novaes, uma loira oxigenada que vendeu os neurônios na mesma feira de garagem que ele. Acho que por isso os dois namoravam. Eu sempre tive um ódio mortal dessa Roberta, já que ela sempre caçoava de mim quando éramos pequenas. Cansei de ver a criatura apanhar da Petra, essa era a parte divertida de tudo isso.

Não sei o que os garotos vêem nessa Roberta. Tá, tudo bem, a garota é linda. Tirando esse cabelo falsificado de loira do banheiro, ela é perfeita. Mas, além de ter o QI inferior ao de um palito, é a garota mais piranha que eu já conheci na vida. É disso que os meninos gostam? De verdade? Porque se for assim, eu estou realmente ferrada, já que prefiro virar freira e passar o resto dos dias trancada num convento na Itália a ser adepta desse tipo de vulgaridade. Precisa realmente vir para escola com uma blusa que ficaria pequena até numa criança de 8 anos? E aquela calça precisa realmente ser tão justa? E ela precisa ficar se agarrando com aquele otário no meio da sala de aula? Pior, bem na minha frente?

Morrendo de ódio, passei na frente dos dois para chegar até o meu lugar, querendo que a professora de história chegasse logo pra acabar com aquela pouca vergonha. Mas os dois pararam antes da professora chegar e aquela loira azeda foi para o seu lugar, lá no fundão. Só queria que ela tivesse feito o favor de levar aquele encosto junto com ela, mas ele acabou ficando por ali mesmo, com o cabelo todo bagunçado e parecendo relaxado e feliz. Dois garotos – reconheci como sendo do time de futebol, mas não consegui lembrar seus nomes – vieram falar com ele e os três ficaram rindo de alguma coisa que o Vicente disse. Depois disso, a professora chegou e eles foram lá para o fundão também, mas aquele troço continuou ali.

Bufei e abri meu caderno, ignorando a criatura, mas eu sentia que ele estava me olhando. Não olhe para ele, Tina. Ah, pelo amor de Deus, quanto tempo eu vou precisar aguentar esse pesadelo? Respirei fundo, fechando os olhos por um segundo e comecei a prestar atenção na aula. História é minha matéria preferida e nós estávamos estudando a Revolu-

ção Russa, que é especialmente fascinante. Estava ali, concentrada e focada quando uma bolinha de papel foi jogada na minha mesa. Olhei para os lados e a única pessoa que estava com a culpa escorrendo pela cara era o Müller. Bufei e estava pronta para jogar a bolinha de volta nele quando percebi que tinha alguma coisa escrita no papel. Abri e li.

*Mudança de planos. Amanhã eu vou sair com a Roberta, a aula precisa ser hoje, depois do treino. V.*

Esse garoto existe mesmo? Respire, Tina, acalme-se. Eu precisava mesmo de calma, porque estava faltando pouco pra eu começar a bater naquela coisa, como eu fiz mais cedo. Ainda acho que bati pouco, ele merecia é levar uma surra com vara de bambu! Só de lembrar da nossa conversinha embaixo da escada, meu sangue fervia. Como podia existir alguém tão metido e arrogante? Minha vontade era que um buraco se abrisse no chão para eu poder empurrá-lo para a morte. Ok, talvez vê-lo morrer fosse um pouco de exagero. Eu já ficaria contente em vê-lo sendo torturado.

Peguei minha caneta e rabisquei no papel:

*Faz o seguinte, se mata. Ai você não vai mais precisar estudar e eu não vou precisar te aturar.*

Não assinei, amassei a bolinha e joguei para ele, que imediatamente a abriu e leu, franzindo o cenho. Olhou para mim pelo canto do olho, mas eu apenas virei o rosto e fingi estar concentrada na aula. Menos de um minuto depois, a bolinha estava na minha mesa de novo.

*Hoje, depois do treino. Você me espera e vai pra casa comigo. Vai ser desse jeito ou eu vou interromper a aula agora pra anunciar sua paixão louca e irrefreável pelo Ronald McDonald.*

Desgraçado! Babaca! Maldito!

Furiosa, escrevi no papel com tanta força que quase o rasguei:

*Hoje eu não posso! Ou é amanhã ou nada!*

Depois de ler, Vicente sorriu e guardou a bolinha no bolso da calça. Ele aceitou? Simples assim? Sem brigar nem discutir? Não sou íntima desse garoto, mas já o observei muito durante todos esses anos e sei que ele não é o tipo de garoto que aceita as coisas assim, na boa. Se não é do jeito dele, não é. Ele é desse tipinho bem mandão mesmo, que eu não suporto. Então, algo não estava certo ali, eu sentia.



– Professora – o ouvi dizer de repente. – Eu tenho uma coisa pra dizer. Virei para ele, chocada, assim como boa parte da turma. Que diabos ele está fazendo? A professora parou de falar e voltou seus olhos amáveis para ele.

– Alguma dúvida, querido? – perguntou.

– Não, é só um anúncio mesmo – ele respondeu, com a cara mais cínica desse mundo.

Nossa Senhora dos Nerds e Esquisitos, por favor, não permita que ele diga o que eu acho que vai dizer.

– Eu quero que todos saibam que a Mariaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah!

Isso fui eu, pisando no pé dele.

– Professora, o Vicente está passando mal – eu disse, levantando e colocando a mão na testa dele, como se para ver se ele estava com febre.

– Ele está ardendo em febre e delirando, vou levá-lo para a enfermaria.

Puxei-o da cadeira, mas ele só olhava para mim como se eu fosse um trasgo com duas cabeças, e resistia.

– Anda logo, seu idiota – sussurrei para ele.

– Que bom que você vai acompanhá-lo, Tina – disse a professora.

- Quando estamos doentes é que descobrimos quem são nossos verdadeiros amigos.

– Pois é – eu disse, totalmente sem graça, arrastando aquela mureta (esse Vicente é um garoto ou uma torre? Por que ele tem que ser tão alto?). – Eu só vou deixá-lo lá na enfermaria e não demoro.

Sáímos da sala com todos os olhares sobre nós. Ai, como eu odeio esse garoto! Por causa dele, precisei ser o centro das atenções, coisa que eu odeio quase tanto quanto odeio ele! Fui arrastando aquele moleque até ficarmos longe o suficiente da nossa sala.

– Você enlouqueceu? – eu perguntei, indignada. – Eu quebro a sua cara se você fizer isso de novo!

– Essa ameaça seria bem mais assustadora se você fosse uns vinte centímetros mais alta – ele disse, zombeteiro. - Mas do jeito que você é pequenininha, só parece patético.

– Não me subestime – retruquei, verde de raiva.

– Nem você a mim. Já viu que eu não tenho medo de você, certo? Se as coisas não forem do meu jeito, todo mundo vai ficar sabendo desse seu amor remelento pelo Ronald.

– O nome dele é Silas!

– Que seja, isso não é relevante. Hoje, depois do treino, certo?

Isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo...



– Minha paciência já está acabando – ele disse, cruzando os braços e me olhando de cima.

Suspirei, tentando conter a vontade de bater em alguma coisa. Ou melhor, em alguém. Isso só ia me prejudicar.

– Certo – respondi, finalmente.

– Boa garota – ele disse, como se eu fosse um cachorrinho. – Não é à toa que é a primeira da classe. Sabe ser inteligente.

Mordi a língua até sentir gosto de sangue, mas consegui não dizer nada. Depois disso, voltamos para a sala, com todos nos olhando. Pelo menos a professora engoliu a desculpa que, depois de medicado, Vicente se sentiu bem o suficiente para assistir o resto da aula. E assim, a manhã passou voando.

O tempo sempre passa voando quando o que espera a gente é um destino cruel. Que desculpa eu ia dar para o papai para ter que ir estudar na casa daquela peste do Müller? Ele nunca iria permitir, não nessa vida! E entre encarar a fúria do meu pai ou ser humilhada na frente de toda a minha sala, a escolha era difícil.

Assim que a aula acabou, Petra foi logo atrás de mim para saber o que diabo tinha sido aquilo na aula de história, mas eu consegui fugir dela e dos outros – Silas, Arthur e Larissa – alegando estar atrasada para encontrar minha irmã. Fui correndo para o corredor da oitava série e avistei Geny saindo da sala.

– Geny, eu preciso falar com você – ofeguei. – É urgente!

– O que foi? – ela perguntou.

– Você sabe que horas o papai sai do trabalho hoje?

– Só de noite, ele está de plantão o dia inteiro.

– Ótimo – suspirei de alívio. – Geny, você vai precisar me fazer um favor.

– O quê? – ela me olhou, desconfiada, porque nunca pedia favores para ninguém.

– Eu não posso voltar para casa agora, com você – eu disse, rezando para ela me ajudar. – Eu vou voltar mais tarde. Você precisa me dar cobertura. Se o papai ligar, diz que eu estou dormindo ou tomando banho. E se ele chegar mais cedo, diz que eu fui à casa da Petra estudar. Por favor!

– Tina, você está bem? Não está doente?

Sou sempre a irmã mais sensata, é claro que Geny estava achando esquisito eu agir desse jeito.

– Eu não posso explicar agora, Geny. Por favor, me ajuda!



– Tudo bem, mas você fica me devendo uma. E se o papai desconfiar, eu jogo a culpa toda em você e digo que você me obrigou.

Eu nem posso culpá-la por isso, papai é um tirano de vez em quando. Todos têm medo dos ataques de fúria dele.

– Ok, nos vemos mais tarde. Tchau! – eu disse, antes de dar um beijinho na testa dela e sair correndo dali.

Vai que o retardado do Vicente acha que eu fugi e começa a contar meus segredos por aí? Melhor não arriscar, por isso fui direto para o campo de futebol, atrás dele. Cheguei e, como em todas as segundas, quartas e sextas, o lugar estava lotado de tietes babando o ovo daqueles babacas do time, liderados pelo babaca-mor, o Vince. Eles estavam entrando no campo, com os uniformes já trocados. Eu estava bem escondida na ponta da arquibancada, mas quando o Vicente apareceu, eu acenei para ele ver que eu estava ali. Assim que o idiota me viu, deu aquele sorriso cínico dele e uma piscadela para mim. Bufeí irritada e fui me esconder num banquinho atrás da arquibancada.

Sentei e peguei meu livro da Agatha Christie, Mansão Hollow, para ler. Em minutos, já estava totalmente presa e concentrada na história e nem senti o tempo passar. Até que uma bola atingiu a minha cabeça.

– Ai! – gritei, mais com o susto do que qualquer outra coisa, e deixei meu livro cair no chão.

– Foi sem querer – Vicente disse com a cara mais lavada desse mundo.

Sem querer, é? Olhei para ele direito, começando pelos tênis brancos sujos, passando pelo uniforme de educação física encharcado de suor, até chegar ao rosto brincalhão e aos cabelos desgrenhados. Como ele consegue ser tão bonito mesmo todo sujo e suado?

– Tudo bem – eu disse, pegando meu livro do chão e levantando. Cheguei perto dele e dei um chute na canela do desgraçado. – Isso foi sem querer também.

– Filha da... – ele começou a dizer, mas parou ao ver o brilho assassino nos meus olhos. – Por que você é tão violenta, hein?

– Não sei. Por que você é tão idiota?

– Tá, chega. Vamos logo, que eu estou morrendo de fome.

Olhei as horas no meu relógio e fiquei chocada ao constatar que eram quase três da tarde. E eu também estava morrendo de fome.

Eu não tinha ideia de onde Vicente morava ou como ele ia para casa, então só o segui. O colégio estava quase vazio naquele horário, já que Vicente disse que tinha esperado todos irem embora para, só então,

me procurar. Pelo visto ele estava levando a sério aquele papo de ninguém saber do nosso acordo. Que bom.

Chegamos na frente da escola e tinha um carro vermelho enorme e bonito esperando por nós – digo, por Vicente. O motorista saiu do carro e abriu a porta traseira para nós entrarmos. Fala sério, isso é de verdade ou estamos num set de filmagem de algum filme tosco? Não falei nada e apenas entrei logo depois do Vicente. Ficamos o percurso inteiro calados e, se o motorista achou estranho o patrãozinho dele estar levando uma nerd desconhecida para casa, não falou nada. Para falar a verdade, o cara não abriu a boca nem para dizer boa tarde.

Eu fiquei só olhando pela janela os outros carros e as pessoas andando na rua. Chegamos em um bairro não muito longe do meu e entramos num condomínio muito bonito. Eu já havia passado pela frente dele, mas nunca tinha entrado. A casa do Vicente era uma das últimas. E era linda. Meio moderna para o meu gosto, mas bonita mesmo assim. Era como uma enorme caixa de vidro, com dois pavimentos e uma enorme varanda. Saímos do carro e entramos na casa, cuja enorme porta vermelha foi aberta por uma empregada. Eu fiquei por um tempo admirando os painéis de madeira escura da sala, com nichos e spots de luz amarela. Era tudo tão elegante que eu confesso que fiquei meio intimidada. Minha casa era quase do mesmo tamanho da dele, mas a minha não parecia ter sido decorada por um designer profissional, do tipo que podia aparecer numa revista de decoração. A minha casa é mais... aconchegante, eu diria.

Entramos e Vicente foi logo subindo as escadas de vidro azul e sem corrimão – eu nunca subiria aquele troço de saia, um perigo – deixando-me ali parada, parecendo uma pateta.

– Ei, onde você vai? – perguntei, fazendo-o se virar para mim.

– Tomar banho – ele respondeu. – Você não vem?

– Tomar banho! – repeti, incrédula.

– Não, sua nerd de mente poluída. Você vai me esperar no quarto.

– No seu quarto? Nem pensar!

– Ah, vem logo – disse e voltou para me arrastar pelas escadas até o quarto dele.

O quarto do Vicente era um pouco maior que o meu, que já é bem grande. Era muito...interessante. Decorado em verde e branco, com a parede que dava para a varanda toda de vidro transparente. Eu nunca conseguiria viver num quarto desses, com medo de ser observada por um voyeur tarado. Mas havia cortinas que podiam cobrir a parede toda, então se o garoto quisesse privacidade, era só fechar.



Tinha uma grande bancada branca e quadrados brancos – que faziam o papel de estantes, eu acho – numa parede verde. Eu odeio verde, que cor mais horrível, parece catarro. Mas até que o tom de verde do quarto dele era passável. Ele também tinha uma TV gigante, duas caixas de som enormes, um computador e um Xbox 360 lindo e perfeito que eu sempre quis ter, mas que meu pai sempre achou um desperdício de dinheiro.

– Eu não vou demorar no banho – ele disse, reparando no meu olhar de puro desejo em cima do seu Xbox. – Aí nós vamos almoçar. Sente-se quietinha aí e não mexa em nada, ouviu?

Assenti, mal humorada e sentei numa poltrona perto da parede de vidro, largando minha mochila de qualquer jeito no chão. Estava morrendo de fome e ainda tinha que esperar o moleque tomar banho, que raiva. Nem vontade de ler eu tinha, então só fiquei lá sentada, observando o lugar.

Uns vinte minutos depois, ouvi o barulho do chuveiro sendo fechado e pouco tempo depois, Vicente saiu do banheiro.

Ele estava vestindo só uma bermuda cinza que chegava até depois dos joelhos. Eu fiquei bem uns trinta segundos olhando que nem uma tarada para as divisões perfeitas do seu abdômen, quando finalmente me toquei do que estava fazendo. Tive sorte que ele não presenciou esse momento de loucura transitória pelo qual eu passei, já que estava muito ocupado secando os cabelos com a toalha. Finalmente, colocou a toalha nos ombros e olhou para mim, com o cabelo molhado e bagunçado – e muito charmoso, infelizmente devo acrescentar.

– Pronto, vamos almoçar – ele disse.

– Você não pode vestir uma camisa, não? – perguntei, olhando para um canto da parede.

– Não – ele respondeu.


Meu Deus, só pode ser castigo!



# 4



## Maldita Valentina!



ELA PARECIA TÃO ENCABULADA QUE eu suspirei e peguei uma camisa azul no armário, vestindo-a em seguida.

— Melhor agora? — perguntei, mal humorado. A fome sempre me deixa assim.

Ela assentiu, então nós saímos do quarto e descemos as escadas para a sala de jantar. Os empregados sempre sabiam como agir quando eu trazia alguém para casa e já tinham arrumado a mesa para duas pessoas. A sala de jantar da minha casa é grande e ampla, com uma parede de vidro que dá para os fundos, onde tem uma enorme piscina. Tudo o que eu queria era cair naquela água, já que estava o maior calor, mas eu tinha que estudar e era para isso que aquela nerd estava ali.

Suspirei, sentando-me no meu lugar à cabeceira da mesa e Maria Valentina sentou-se a minha direita. Começamos a comer em silêncio. Essa menina nunca fala nada? Isso é uma novidade, já que todas as mulheres que eu conheço — com exceção da minha mãe — nunca conseguem ficar de bico fechado e sempre preenchem cada silêncio com a primeira besteira que lhes venha à cabeça. Mas eu estou aprendendo que nada do que vale para as outras garotas, vale para a pequena nerd que eu tinha arrastado para a minha casa.



— Então — comecei, irritado com aquele silêncio. — O que nós vamos estudar primeiro?

— Você é quem sabe — ela respondeu, olhando para o prato. — Eu não sei quais as matérias que você precisa estudar.

— Eu preciso estudar todas!

— É tão burro assim?

— Você está na minha casa, não vou permitir que me fique me xingando! — essa menina é uma cara de pau abusadinha, eu mereço!

— Ótimo — ela disse, começando a se levantar da mesa. — Eu vou embora.

Levantei-me e a forcei a sentar de novo.

— Você fica — disse, irritado, voltando a me sentar. — E termina logo de comer, não quero perder tempo.

Ela só revirou os olhos e voltamos a comer naquele silêncio tenso. Eu ia acabar tendo uma indigestão por causa dessa garota. Só de olhar para a cara dela, eu já ficava irritado, então fixei o olhar no meu almoço. Comecei a catar os legumes da comida, como sempre faço, e os coloquei num canto do prato. Quando acabei de comer, fiquei olhando para a piscina, cuja água cristalina brilhava ao sol e parecia me chamar. Ah, como eu queria dar um mergulho!

— Já acabei de comer — Maria Valentina disse, de repente, tirando-me do meu devaneio.

— Ah, ok — respondi, levantando-me. — Vamos.

Eu esperei ela passar na minha frente — sou um garoto muito bem educado, ok? — e estava quase subindo as escadas atrás dela quando algo na mesa me chamou a atenção. Olhei e vi que a Maria Valentina tinha feito a mesma coisa que eu: colocou os legumes num canto do prato. Acho que a maioria dos jovens faz isso. Se bem que todas as garotas com quem eu já tinha almoçado, normalmente, só comiam o que fosse verde.

Enfim, que seja. Ela e eu subimos a escada e voltamos para o meu quarto.

— É aqui que vamos estudar? — ela perguntou, com uma careta de desagrado.

— É sim — respondi, irritado. Ela tem que reclamar de tudo? — E nem adianta fazer cara feia. A sua já não é muito bonita, assim só fica pior.

— Cala essa boca — ela disse e deu um chute na minha canela.

Mas é uma selvagem mesmo essa garota! Parece que só vive para me bater! Esfreguei a canela atingida e manquei até minha bancada de estudos.

— Mais um ato de violência desses e você já sabe o que vai acontecer — eu falei, irritado. — Eu vou dizer para todo mundo...

— Que a nerd da Maria Valentina é apaixonada pelo Ronald McDonald — ela terminou pra mim, rolando os olhos. — Você só sabe repetir isso, é? Não tem nem um pouco de criatividade para inventar outra ameaça?

— É melhor não brincar comigo — retruquei.

— Se não o que? Sabe de uma coisa, acho que vou começar a te ameaçar também. Se você não começar a mostrar algum respeito por mim, vou sair por aí dizendo que você vive apanhando de uma nerd.

— Desgraçada — resmunguei. Mas a verdade é que a menina não é boba. Melhor mesmo é fazê-la me ajudar a estudar e depois chutar a garota daqui.

Peguei minha mochila e tirei de lá meu caderno, colocando-o em cima da bancada. Depois puxei uma cadeira para a Maria Valentina — meus instintos cavalheirescos são mais fortes...mentira, é que ela estava me fitando com um olhar tão assassino que eu preferi ser gentil — e nos sentamos para estudar.

— Bom, já que você é burro e precisa estudar todas as matérias, — ela começou, me xingando como se eu não fosse nada, a maldita — vamos começar por história, já que você não me deixou prestar atenção na aula de hoje e eu preciso rever a matéria mesmo.

— Foi você que inventou aquela palhaçada de eu estar doente — retruquei. — Por sua culpa, precisei ficar ouvindo os caras do time perguntarem o tempo todo qual era o problema com você.

— Comigo? Você tem que estar de brincadeira, quem começou tudo foi você! E o que você inventou pra eles, hein?

— Eu não inventei nada, só falei a verdade. Você é louca e esquisita — disse e precisei me esquivar para não levar outro chute na canela.

Sim, o que ela esperava que eu dissesse? Que nós íamos estudar juntos? Só na mente psicótica dela uma coisa dessas iria acontecer. Ninguém pode descobrir que eu respiro o mesmo ar que essa nerd maluca.

— Se você abrir essa sua boca estúpida mais uma vez — ela ameaçou, com os punhos apertados de raiva — eu juro que vou embora daqui e você vai continuar se ferrando nas provas pelo resto da vida.

Ok, ok, talvez eu devesse parar de mexer com a garota, pelo menos tempo suficiente para ela me explicar a matéria. O que a professora estava ensinando hoje na aula mesmo? Alguma revolução aí, sei lá. Eu estou mesmo precisando de ajuda.

— Vamos fazer assim — propus. — Vamos tentar não xingar, ofender, chutar e nem matar um ao outro pelas próximas duas horas. O que você acha?

— Feito — ela respondeu, abrindo o seu caderno que, até onde eu pude ver, estava lotado de anotações. Caraca, a menina é uma máquina. — Agora, vê se presta atenção.

Isso ia ser difícil. Confesso que sou meio distraído. Ok, talvez meio seja eufemismo. Sou muito distraído. As únicas coisas que realmente conseguem minha total concentração são futebol, surfe, música e garotas bonitas — e essas últimas só por algum tempo. O resto, sinceramente, passa reto e batido por mim. E por isso minhas tentativas de estudar foram fracassadas, a droga da matéria — seja qual for — não prendia minha atenção. E nem a droga da Maria Valentina.

E por isso ela ficou falando e eu só conseguia escutar blábláblá. Depois de um tempo, nem isso. Desde quando a minha cortina era creme? Não era branca? Será que alguém trocou? Tem diferença? Eu estava olhando fixo para a cortina quando um mosquito entrou pela varanda. Primeiro ele pousou no vidro, depois na parede verde do meu quarto. Qual será o tempo de vida de um mosquito? Ouvi dizer que as moscas só sobrevivem por um dia, mas mosquitos não são moscas. Serão parentes próximos? Será que eles contam para elas que elas só tem um dia de vida? Mas como...

— Vicente Müller, seu idiota!

Para as pessoas que pensam que levar um tapa com o caderno na cabeça, não dói...revejam seus conceitos.

— Sua louca! — gritei, esfregando minha testa, a parte mais atingida. — Você já esqueceu o nosso acordo? Qual o seu problema?

— O meu problema — ela começou, se levantando e começando a guardar o material na mochila, parecendo furiosa — é que, enquanto eu estou aqui contra a minha vontade, mas me esforçando para fazer você aprender alguma coisa, você fica aí com essa cara de tapado, pensando na morte da bezerra.

— Na verdade, era na morte da mosca...Aaaai! — esse caderno dela é uma arma! — Dá para parar de me bater?

— Não! Você merece apanhar mesmo!

— Mas eu estava prestando atenção!

— Ah, é? Então me fala: qual foi o papel de Robespierre na revolução russa?

Pronto, a garota me pegou. Ferrou mesmo, não tinha ideia de quem era esse tal de Pierre ou sei lá o quê. Hora de improvisar.



— Ele foi... hm... — comecei, incerto — muito importante para a revolução russa... porque... hm...

— Seu idiota! — ela repetiu e começou a dar com o maldito caderno na minha cabeça. — Robespierre foi importante, como você disse nessa sua tentativa de resposta de segunda série, mas na revolução francesa! — a garota estava histérica e eu precisava ficar desviando dos seus golpes — E você ainda tem a cara de pau de dizer que estava prestando atenção, seu burro de carga!

Levantei da cadeira para desviar do caderno infernal da Maria Valentina, mas ela estava descontrolada. Qual é o problema? Então eu confundi a revolução russa com a francesa, grande coisa. Não é motivo pra essa louca começar a me bater desse jeito!

— É melhor você parar, Maria Valentina — avisei, enquanto dava passos para trás para desviar da fúria dela. — Chega! Eu já estou cansado disso!

Segurei a menina pelos pulsos, fazendo-a largar o caderno, e a joguei na minha cama, subindo em cima dela e segurando seus braços acima da sua cabeça. Ela ficou estática por um momento, depois começou a espernear e gritar:

— Me solta! Me solta! Seu ogro! Eu vou matar você! Vou quebrar todos os seus ossos e isso que você chama de cara!

— Você é muito barulhenta! — os gritos dela estavam me deixando com dor de cabeça, então eu segurei os pulsos dela com uma mão só e usei a outra pra tapar a boca dela. — Pronto, bem melhor. Agora que você está quietinha, vamos conversar...Aaaaaah! Você me mordeu, sua louca!

Ela se soltou de mim e levantou da cama mais rápido do que eu poderia dizer “nerd maluca” e ficou me fitando com o rosto lívido de ódio, completamente furiosa.

— Se você encostar um dedo em mim mais uma vez — ela disse, com os dentes trincados — eu acabo com a sua raça!

— Então é melhor você parar de bater em mim — avisei, levantando-me para poder olhá-la de cima. — Porque eu não bato em garotas, mas você está me irritando tanto que é capaz de eu esquecer isso por um momento ou dois.

— Você está ameaçando me bater, seu idiota?

— Só estou dando um aviso — respondi, dando de ombros. — Se você quiser segui-lo ou não, o problema é seu. Agora, vamos voltar a estudar.

— Nem pensar! Eu vou para casa! — ela disse, pegando seu caderno do chão.

— Não vai, não — eu disse, pegando o caderno da mão dela e esticando o braço com ele, deixando-o fora de alcance para a nerd baixinha.

— Me devolve isso agora — ela disse, pulando para tentar pegá-lo de mim, mas era em vão. Maria Valentina é mesmo pequenina.

— Nós voltamos a estudar e eu prometo que agora vou prestar atenção — eu disse, rindo dos esforços dela para pegar o caderno. — E nosso acordo de não agressão vai voltar a valer, ok?

Ela parou e me olhou por um momento, parecendo indecisa. Os grandes óculos que ela usava escorregavam para a ponta do nariz pequeno e arrebicado dela, e fios de cabelo cor de cobre se soltavam do coque apertado que ela usava. Maria Valentina estava uma bagunça. E parecia tão pequenina e frágil dentro daquelas calças jeans folgadas e daquela camisa em que poderiam caber três dela, que eu me senti meio mal, como se eu estivesse maltratando uma criança.

— Tudo bem — ela disse, parecendo resignada, os pequenos ombros caídos. — Vamos voltar a estudar.

Eu devolvi o caderno para ela, que o colocou em cima da mesa e abriu-o na página que estávamos estudando. Eu puxei a cadeira para ela sentar e ela me olhou torto. Dei de ombros, às vezes esses ataques de boas maneiras são mais fortes do que eu, já que mamãe costumava me dizer que nada é mais importante do que ser educado com uma garota e fazê-la se sentir cuidada e protegida. Isso foi há muito tempo, quando minha mãe ainda parecia saber que tinha um filho.

Bom, confesso que na maior parte do tempo, eu pareço esquecer desses ensinamentos e Maria Valentina parece trazer à superfície o que há de pior em mim. Que seja. Ela se sentou e eu também. Fiquei calado e esperando ela dizer alguma coisa.

— Bom — ela começou, baixinho — você tem que prestar atenção agora, porque eu vou repetir tudo o que disse antes. Mas só uma vez, ok? Não sou papagaio.

Sorri e ela me olhou com raiva. Ok, ok, vou me concentrar. Eu consigo, é só escutar a voz dela. Eu consigo.

E foi assim que a mágica começou.

Sério, eu não estou brincando. Maria Valentina é realmente impressionante. Eu nunca tinha reparado antes no quanto a voz dela é...bonita. Não sei, tem algo sobre a voz dela que, se você realmente parar para ouvir...não vai conseguir ouvir mais nada! É calma e suave, e faz as palavras realmente entrarem na cabeça. Eu conseguia entender as coisas que ela me dizia, mas ao mesmo tempo em que prestava atenção na matéria, per-

cebia certas coisas que acho que não eram intenção da Maria Valentina que eu percebesse. Como por exemplo o tom cadenciado da voz dela — acho que não percebi antes porque ela só grita comigo — e o quanto as mãos dela são bonitas. Sério, eu fiquei olhando para as mãos dela enquanto ela folheava o livro de história e, vez ou outra, fazia uma anotação à lápis na beira do caderno. E são mãos tão delicadas, pequenas, mas com dedos longos e finos. Ela usava um anel dourado em forma de coruja no dedo anelar da mão direita. Fiquei pensando qual era a desse anel, já que nunca tinha visto uma coruja na mão de nenhuma outra menina. Era bonito e estranho, diferente, mas combinava com ela.

Eram quase seis horas da tarde quando Maria Valentina fechou o caderno e parou de falar. Ela parecia exausta e acho que um banho não faria mal. Ela fechou os olhos por alguns segundos e tirou os óculos. Por algum motivo completamente estranho e aleatório, eu me peguei querendo que ela abrisse os olhos para que eu pudesse vê-los sem aquelas lentes grossas para atrapalhar. Mas ela colocou os óculos de volta antes de abrir os olhos.

— Eu já tenho que ir — ela falou, guardando o caderno na mochila. — Mas antes...eu vou fazer uma pergunta para ver se você estava realmente prestando atenção, certo? Uma bem fácil.

— Certo — eu disse, um pouco nervoso. Uma bem fácil para ela não era a mesma coisa para o resto do mundo.

— Quais doutrinas influenciaram a revolução?

— Essa eu sei! Liberalismo e Marxismo!

Ela sorriu e começou a bater palmas. Eu sorri junto, sentindo-me feliz. Para um cara que confundiu a revolução francesa com a russa há apenas poucas horas, eu estava indo muito bem.

— Estou impressionada — Maria Valentina disse, sorrindo. — Você estava mesmo prestando atenção.

O sorriso dela era cativante e me fazia sorrir ainda mais. Ela percebeu que eu a estava encarando e seu pequeno sorriso morreu. Ela levantou da cadeira e colocou a mochila nas costas. Eu levantei também.

— Bom, eu já vou — ela disse, séria.

Aparentemente aquele momento tinha passado. Mas momento de quê? Nós só estávamos sorrindo um para o outro... certo? Acho que eu estudei demais.

— Ok — eu disse, sem saber direito o que dizer. — Quer que eu peça para o motorista levar você?

— Não, obrigada. Minha casa não é muito longe.

Assenti e fui levá-la até a porta. Descemos as escadas em silêncio, aparentemente nenhum de nós sabia o que dizer. O que tinha acontecido ali? Por que estávamos ambos tão, sei lá, sérios?

— Ah, me empresta o seu celular um minutinho — eu disse, quando estávamos na porta. Ela me olhou desconfiada, mas pegou o aparelho do bolso e me entregou. Eu salvei meu número no celular dela e liguei pra mim mesmo, para salvar o dela. Devolvi e nossas mãos se tocaram durante um segundo. Nem deu para sentir a pele dela direito, mas eu poderia jurar que mãos tão delicadas só poderiam ser macias. Que merda eu estou pensando?

— Bom, eu já tenho mesmo que ir — ela disse. — Tchau.

— Tchau. E obrigado.

Ela virou as costas para mim e deu dois passos, mas parou. Parecia que ela queria dizer alguma coisa. Fiquei parado também, esperando. Ela virou para mim, com o rosto baixo, encarando os próprios sapatos. Qual era o problema dela? Eu estava a ponto de perguntar, quando, do nada, ela pisou com toda a força no meu pé descalço.

Gritei de dor e ela começou a rir.

— Isso foi por ter me jogado na sua cama e por ter usado essa sua mão imunda para tentar calar a minha boca! — ela gritou, rindo. Colocou a língua para fora, como uma criança, e depois saiu saltitando para a rua.

Mas é uma desgraçada mesmo! Maldita Valentina! Fiquei parado na porta com o pé latejando até ver a silhueta da nerd sumir na curva da rua onde ficava minha casa. Só para chegar na portaria do condomínio era uma caminhada e tanto, já que eu morava numa das últimas casas. E em pouco tempo iria escurecer. Não era perigoso para uma garota pequena como ela ficar andando sozinha por aí? E se a casa dela era perto mesmo, por que eu nunca a vi por aí? Por que raios eu estou perdendo meu tempo pensando na Maria Valentina? Ou melhor, na Maldita Valentina!

Entrei em casa e fechei a porta, encarando o silêncio da sala. A casa inteira estava silenciosa, como sempre. E, como sempre, eu odiava isso. Fez até eu sentir falta dos gritos da Maldita Valentina me chamando de idiota. Balancei a cabeça e passei a mão pelos cabelos, bagunçando-os. Quem sabe um mergulho na piscina não clarearia meus pensamentos? Eu já estava ficando doido com aquela nerd na cabeça.

Fui para o deck, tirei o celular do bolso e o coloquei na mesa com tampo de vidro que ficava perto da piscina. Tirei a camisa, jogando-a na mesa também, e mergulhei. O clima estava quente e abafado e a água estava fresca, na temperatura ideal. Comecei a nadar de uma ponta a outra,

forçando meus músculos até cansar. Não sei quantas voltas eu dei, mas foram muitas. Quando finalmente parei, no meio da piscina, estava meio tonto e com a respiração rápida e superficial. O sol já tinha se posto e o céu estava azul escuro. E eu ainda estava preocupado com a nerd andando por aí sozinha.

Meu celular começou a tocar em cima da mesa e eu saí correndo da piscina, secando minhas mãos rapidamente na camisa e sem nem olhar o identificador de chamadas. Na minha mente – que estava meio doente nesse momento – só podia ser a Maria Valentina gritando por socorro e fugindo de um sequestrador.

– Alô? Você está bem? – perguntei, sem respirar.

– Ei, cara, qual o problema? Por que você está todo nervoso? – era Lucas Magno, meu melhor amigo.

– Nada não, pensei que fosse a Roberta – disfarcei.

– Ah tá, então tá explicado. Ficar nervoso com uma gata dessas é perfeitamente compreensível.

– Ei, mais respeito com a minha namorada, seu babaca – disse rindo, e Lucas riu também.

Todo mundo sabe que eu não fico muito tempo com a mesma garota, então não tenho essas frescuras, tipo ciúmes.

– Cara, agora é sério – Lucas disse, parando de rir. – É verdade que você roubou o simulado? Está todo mundo comentando.

– É.

– Seu safado, maldito! Por que você não mostrou para galera? Eu teria ficado com uma boa nota pelo menos uma vez na vida!

– É, e depois seria suspenso ou expulso, como quase aconteceu comigo.

– Bom, isso é verdade...o que você está fazendo?

– Estava só dando um mergulho.

– Por que você não vem aqui para casa? Chama a Roberta e aquela amiga gostosa dela para assistir um filme aqui.

– Lucas, dá um tempo, hoje é segunda-feira!

– E daí? Isso nunca foi problema antes. Além do mais, a Roberta é louca por você, se você a chamasse pra se jogar da ponte, ela iria.

– Hoje não dá – recusei, meio sem saber o porquê.

Lucas ficou enchendo o saco por mais alguns minutos e desligou. Eu entrei em casa, molhado mesmo, subi para o meu quarto e tomei um banho quente. Coloquei outra bermuda e me joguei na cama, com o celular na mão. Fui salvar o número da Maria Valentina na minha agenda e

coloquei Maldita Valentina, só para ver a cara dela ficar vermelha quando ela descobrisse.

Que saco! Por que eu ficava pensando nessa maluca? Eu estava preocupado por uma garota ficar andando na rua sozinha, e era só. Seria o mesmo se fosse com qualquer outra garota. A nerd já devia estar em casa, afinal, já tinha passado das sete da noite. Mas para poder finalmente parar de pensar na maldita, resolvi ligar para ela, só para ter certeza de que estava bem.

– O que você quer? – disse a voz ofegante dela do outro lado da linha.

– Por que você está ofegante? – perguntei, desconfiado.

– Não que seja da sua conta – ela disse – mas andar cansa.

– Você ainda não chegou em casa?

– Eu peguei a rua errada e me perdi, mas agora já estou quase na porta de casa.

– Onde você está? – perguntei, me levantando. Essa garota ia me deixar louco. – Eu vou te buscar, sua maluca!

– E desde quando você se importa? Além do mais, já disse que estou chegando. Posso ver minha casa daqui.

– Eu perguntei onde você está – disse, pegando uma camisa qualquer no armário e descendo as escadas correndo. – Não interessa se eu me importo ou não.

– Pode parar com isso, eu já estou em ca... – ela parou a frase no meio. Eu podia reparar que sua respiração tinha ficado mais acelerada, como se ela estivesse com medo.

– Maria Valentina! – gritei no telefone, imaginando os maiores horrores acontecendo à pequena nerd. – Tina, o que aconteceu? Você está aí?

Ela não falou nada, mas eu ouvi uma voz furiosa de homem ao fundo:

– Maria Valentina, o que você pensa que está fazendo chegando a esta hora em casa?

– P-papai?

E aí, o telefone ficou mudo.



5



# Boa noite, Cérebro de Mosca

SABE AQUELES FILMES DE TERROR classe b, quando você pensa que está tudo ok, aí o assassino aparece com uma machadinha na frente da menina bonita e começa a cortá-la pedacinho por pedacinho?

Não sou a menina bonita, mas era assim que eu estava me sentindo, como se estivesse sendo cortada pedaço por pedaço pelo olhar furioso e mega afiado do meu pai. Juro que eu preferiria a machadinha. Ser encarada pelo papai quando ele está nesse estado de espírito é...aterrador! Para dizer o mínimo.

— P-papai — repeti, incapaz de pensar em outra coisa para dizer.  
— E-eu...eu...

— Entre em casa agora — ele ordenou, trancando o carro, entrando em casa e deixando a porta aberta. Aparentemente, ele tinha acabado de chegar do trabalho.

Eu desliguei o celular e o joguei no meio de um arbusto ali perto. Torcia para que papai não o tivesse visto, já que estava escuro, senão eu estaria duplamente ferrada. Entrei em casa com as pernas trêmulas e fechei a porta. Papai estava sentado na poltrona de couro do escritório,



onde sempre fica quando vai nos dar uma bronca. Entrei lá e esperei ele começar a falar. Papai é muito alto e forte e, mesmo quem não conhece esse jeitão de sargento dele, pode ficar intimidado à primeira vista. Apesar disso, papai é muito bonito, as enfermeiras e médicas do hospital onde ele trabalha sempre ficam suspirando apaixonadas e jogando charminho para ele, mesmo as casadas e comprometidas. Mas acho que ele não nota. Ele tem o cabelo curto mais castanho do que ruivo, mas no sol dá para perceber alguns fios cor de cobre. Tem a pele pálida como o resto da família, mas ao contrário de Geny e de mim, sem sardas. Os olhos dele são azuis como o fundo de uma piscina limpa, o que não combina muito com ele, já que parecem calorosos e gentis, como os olhos das pessoas com personalidade mais doce. Ainda assim, o nariz afilado, as sobrancelhas grossas, o queixo quadrado e a expressão séria do papai o tornam um homem muito atraente e ele só não tem uma namorada porque não quer.

Confesso que já me peguei imaginando que, se ele tivesse uma namorada, minha vida e a de Geny talvez fosse mais fácil.

— Onde você estava, Maria Valentina? — papai perguntou e sua voz soou grave e irritada, como sempre.

Não vou dizer que sou péssima com mentiras. Até porque não é verdade. Minha mente é rápida e afiada e eu não tenho grandes dificuldades de inventar alguma história para sair de algum problema. Devo dizer que até tenho certo talento para isso, o que devia me incomodar mais do que incomoda, eu sei. Mas as pessoas sempre têm seus talentos ocultos, certo? Porém o fato de eu ser boa com mentiras, não significa que eu goste de contá-las, especialmente quando papai está envolvido. Não gosto de mentir para ele, principalmente assim, quando estamos cara a cara em seu escritório cheio de livros antigos e com cheiro de cigarros. Mas devo acrescentar que nunca foram fumados na minha presença ou na de Geny.

A coisa toda dos celulares secretos já está de bom tamanho, não quero me enrolar ainda mais. Então resolvi falar a verdade mesmo. Uma verdade condensada — não fumei ópio nem sou louca a ponto de dizer que passei a tarde na casa de um garoto, sem os pais dele em casa — mas ainda assim, uma verdade. Para todos os efeitos, eu passei a tarde na escola estudando com o Vicente. Isso com certeza iria me garantir uns dois meses de castigo, mas acredite-me quando eu digo que, se ele soubesse de tudo, seria muito pior.

— Pai, eu — comecei, disposta a ser sincera. Mas antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, Geny entrou como um furacão no aposento, parando entre papai e eu.



— Tina, eu achei a Pandora! — ofegou, respirando de forma entrecortada, os cabelos arrepiados. — Ela estava nos fundos.

Só então notei que ela estava com Pandora, a nossa pug asmática e mal humorada, no colo.

— Maria Eugênia, eu estou falando com a sua irmã! — papai esbravejou, levantando-se ameaçadoramente. — Você sabe que nunca deve me interromper. Quer ficar de castigo também?

— Desculpe, papai — Geny disse, ainda com uma irritadiça Pandora esperneando no colo dela. — Mas é que eu estava histérica porque pensei que a Pandora tinha fugido e enlouqueci a Tina para ir na rua procurá-la, mas acabou que ela estava no jardim dos fundos, cavando um buraco perto da estufa.

Geny tem, definitivamente, uma mente do mal. Bom, não posso reclamar disso.

— Era isso que você estava fazendo lá fora, Maria Valentina? — papai perguntou, meio desconfiado, mas voltando a se sentar.

— Sim, papai — respondi, agradecida por não ter sido eu a inventar a mentira.

— E por que você ainda está de uniforme? — ele perguntou.

— Cheguei muito cansada da escola e fui tirar um cochilo sem trocar de roupa — inventei rapidamente. — Só acordei quando a Geny me pediu para procurar a Pandora.

Papai pareceu aceitar essa desculpa, porque disse:

— Maria Eugênia, vá arrumar a mesa do jantar. E você, Maria Valentina, vá tomar um banho, já que passou o dia todo com essa roupa. E que isso não se repita, já que as tardes são feitas para estudar, não dormir.

— Sim, papai — Geny e eu dissemos, antes de sair.

Geny largou a Pandora no chão, que imediatamente rolou para debaixo do sofá, aborrecida. Ela não era a única nesse estado de espírito, já que a expressão de Geny não era das melhores e eu acho que nem preciso falar da minha, depois da tarde de cão que tive hoje.

— Onde você estava? — Geny sussurrou enquanto caminhávamos para a cozinha. — Você tem noção de que horas são?

— Eu explico tudo depois do jantar — respondi, no mesmo tom baixo. — Papai pode escutar agora. Me faz um favor?

— Outro? Você tem noção de que está me devendo umas boas, certo?

— Sei, sei. Continue sendo boazinha e pegue o meu celular que está num dos arbustos na frente da casa, por favor.

— O que seu celular está fazendo lá?

— Brincando de esconde-esconde. Vou tomar meu banho — disse e subi as escadas para o meu quarto.

Minha casa tem dois pavimentos e um sótão, que é quase como se fosse um terceiro andar. Os quartos do papai e da Geny ficam no segundo andar e eu durmo no sótão, apesar de terem mais dois quartos sobrando na casa. Faço isso por dois motivos. O primeiro é que, em uma escala menor, eu fico um pouco mais livre da presença do papai, já que ele nunca, nunca mesmo, entra no meu quarto, o que me dá mais liberdade. E o segundo motivo, que meio que explica o primeiro, é que o sótão costumava ser o ateliê da mamãe.

Tenho poucas lembranças dela, já que ela foi embora quando eu era muito pequena e Geny era apenas um bebê. Quase não lembro dos traços do seu rosto ou do seu sorriso. Sei que Geny e eu temos os olhos dela porque uma vez o vovô deixou isso escapar, o que não deixou o papai nada contente, já que ele praticamente proibiu que ela fosse sequer mencionada nesta casa. Eu lembro exatamente das palavras dele: “Teresa também tinha esses olhos, crianças. Vocês os herdaram dela. Esses olhos claros cor de poeira, que, sem aviso nenhum, podem virar tempestades. E foi uma dessas tempestades que transformou seu pai no homem que ele é hoje”. Isso foi há quase 10 anos atrás. Papai ficou furioso. Foi mais ou menos na época em que ele queimou todas as fotos da mamãe. Não que ele nos deixasse vê-las antes disso, mas pelo menos elas existiam. E eu sabia que estavam lá. Hoje, já não existe nenhuma. E o que me deixa mais triste é que muito provavelmente eu morrerei sem ver de novo o rosto da minha mãe.

Ela era uma artista, coisa que papai sempre abominou. Pintava cerâmica e eu sei que amava fazer aquilo. Aquele sótão era seu mundinho, onde ela criava e inventava arte, o único lugar daquela casa onde ela foi feliz de verdade. E era por isso que eu gostava de ficar ali, por isso eu tinha escolhido aquele lugar para ser o meu cantinho. Eu lembro dela ali. Posso não recordar seu rosto ou suas expressões, nem mesmo sua voz. Mas lembro das suas mãos. Lembro da firmeza com que ela segurava o pincel e da delicadeza com que fazia seus desenhos. As mãos dela eram lindas, sujas de tinta e com as unhas roídas. E vivendo ali, dormindo ali, transformando aquele lugar no meu quarto, eu me sinto mais próxima dela. Sinto como se ela estivesse aqui comigo, velando meu sono e cuidando de mim como costumava fazer. O lugar inteiro era dela. É dela. E por isso papai não se atreve a pisar aqui.

Bom, a única coisa ruim sobre morar no sótão é que eu não tenho meu próprio banheiro, o que significa que eu tenho que usar o do andar de baixo.



Então eu fui para o meu quarto — por meio da escadinha no final do corredor — e peguei minha roupa no armário, já que é impossível e provavelmente degradante subir a escada do sótão de toalha. Fui para o banheiro e tomei um banho demorado, finalmente relaxando depois das horas de tortura que passei com aquele ridículo do Vicente. Falando nele, por que a criatura tinha me ligado? Esse menino definitivamente é estranho. Terminei o banho e vesti meu short jeans e minha camiseta azul do South Park, aquela em que o Kenny está caído no chão com uma ferida na cabeça e ratos passando por cima dele. Sempre foi a minha preferida. Escovei os dentes e penteei meu longo cabelo molhado. Peguei minha roupa suja e saí do banheiro para levá-las à lavanderia. Passei pela cozinha e Geny estava lá, tirando a lasanha do forno.

— Seu celular está no meu bolso — ela sussurrou, parecendo muito irritada. — Pega logo essa merda e esconde no meio dessas roupas.

Preferi não fazer comentário nenhum, já que minha irmãzinha não estava com o melhor dos humores, e peguei o aparelho do bolso dela. Enfiéi no meu próprio bolso e deixei as roupas na lavanderia. Quando voltei à cozinha para perguntar se Geny não queria ajuda em nada, ela estava fazendo suco de laranja.

— Não, não quero — respondeu ela, mal humorada, quando ofereci ajuda. — A única coisa que eu quero saber é quem é Cérebro de Mosca. Ele te ligou, tipo, um zilhão de vezes. Quase joguei esse celular longe.

O que diabos esse menino quer? Por que ficou me ligando? Tudo bem, confesso que me diverti colocando o nome dele como Cérebro de Mosca no meu celular no caminho para casa, coisa que uma garota de 10 anos faria.

Saí da cozinha e fui para o jardim dos fundos, até a estufa. Entrei e sentei meio escondida entre as orquídeas. Abri o celular e vi que o Cérebro de Mosca tinha me ligado 22 vezes. Além de ter me mandado três mensagens. A primeira dizia:

*O que aconteceu? Você está bem?*

*A segunda:*

*Onde você está?*

*E a terceira:*

*Estou indo te procurar.*

Esse moleque enlouqueceu? Nem uma mosca seria tão obtusa, acho que estou sendo injusta ao comparar esses pobres seres com essa coisa que é o Vicente. Resolvi ligar para ele, que atendeu no primeiro toque.



— Está tudo bem? Onde você está? — ele perguntou sem respirar entre as palavras.

— É claro que estou bem, o que você achou que tinha acontecido? — perguntei de volta.

— Ah, sei lá... — impressão minha ou ele parecia aliviado?

— Que seja, não volte a me ligar a menos que seja importante — eu disse.

Ah, fala sério, não tenho mais paciência para gastar com esse menino. Por causa dele, eu quase me ferrei feio.

— Você é uma maldita mesmo — ele disse, parecendo irritado.

— E você é um cérebro de mosca! — quem ele pensa que é para me chamar de maldita?

— Um o quê?

— Olha, esquece. E vê se não me liga mais.

— E se eu tiver vontade de falar com você?

— Se isso acontecer é porque você se drogou. E se eu não suportar você normalmente, chapado então...

— Sem gracinhas, Maria Valentina. Eu só liguei para saber quando vai ser nossa próxima aula.

— Mentiroso, eu sei que você ficou preocupado comigo — eu disse, só para provocá-lo.

E ele desligou na minha cara.

Desgraçado! E é por isso que eu não gosto de perder tempo com idiotas como ele. Levantei do chão e tinha acabado de sair da estufa, quando meu celular vibrou. Era uma mensagem dele:

*Quarta-feira, mesma hora e mesmo lugar.*

Sério mesmo que eu mereço isso? Mas mesmo irritada como eu estava, eu não podia me dar ao luxo de deixar essa desgraça que apareceu na minha vida contar para todo mundo sobre o que eu sinto pelo Ronald... quer dizer, pelo Silas. Mesmo assim, eu escrevi de volta:

*Você é muito idiota mesmo!*

E desliguei o celular.

Fui para dentro e corri para o meu quarto, guardando o celular na gaveta bem a tempo de ouvir papai gritando para eu descer para jantar. Jantamos como em todos os outros dias, em silêncio. Papai não permite conversas tolas na hora das refeições e por isso eu tinha ficado meio deslocada quando Vicente começou a conversar comigo no almoço. Depois

do jantar, papai se trancou no seu escritório, como sempre, e Geny e eu limpamos a mesa e lavamos a louça.

Enquanto estávamos fazendo isso, eu contei tudo o que tinha acontecido para ela. Desde quando Vicente foi falar comigo sobre uma “proposta”, até o momento em que falei com ele por telefone na estufa.

— Mas esse garoto é um idiota! — Geny verbalizou meus sentimentos por ele.

— Eu sei! — respondi. — Mas ainda assim, ele pode destruir a minha vida.

— É, acho que você tem que continuar dando aulas pra ele.

— Você vai me ajudar?

— Claro que vou, irmãzona, mas com uma condição.

— O que é?

— Você tem que me deixar arrumar você para a festa de sábado.

— E como você sabe que tem uma festa no sábado? — essa menina anda escutando minhas conversas agora, é?

— Petra me pediu para te ajudar com o papai — ela respondeu dando de ombros. — E eu quero testar minhas habilidades de estilista com você.

— Não deixa o papai te pegar ouvindo isso que você morre!

— Não há nada de errado em querer ser estilista. Eu já me decidi, vou fazer faculdade de moda e pronto. Ninguém vai tirar isso da minha cabeça.

Revirei os olhos e terminei o trabalho em silêncio. Acho que Geny herdou o talento artístico da mamãe, mas é claro que ela não sabe disso. Eu nunca contei para ela, então ela não sabe que nossa mãe era uma artista.

Fui escovar os dentes e depois subi para o meu quarto. Coloquei uma música para tocar baixinho, para me ajudar a relaxar. Ainda era cedo e eu pensei em estudar, mas não tinha a menor vontade, o que, de fato, é uma novidade para mim. Penteei os cabelos, tirei os shorts e me enfiei na cama, pegando meu celular na gaveta da mesa ali do lado. Liguei-o e vi que tinha uma ligação da Petra e uma mensagem do Cérebro de Mosca. Ignorei a mensagem e liguei para Petra.

— E aí? Já falou com seu pai sobre a festa? — perguntou, assim que atendeu.

— Ainda não, eu...

— Cara, você está muito estranha! — ela me interrompeu. — Você não é do tipo de ficar enrolando, gosta de resolver as coisas de uma vez. E essa sua história com o Vince Müller lá da sala? O que está acontecendo, Tina?

Ok, agora é oficial. Estou com uma dor de cabeça dos infernos.

— Petra, agora não dá pra explicar — eu disse. — A história é longa e eu estou com dor de cabeça. Eu prometo que conto tudo para você amanhã.

— Acho bom mesmo. E nem pense que você vai fugir da festa no sábado. Você vai nem que eu tenha que te sequestrar. Tchau!

Desliguei o celular e o joguei de qualquer jeito na cama. Levantei para desligar as luzes e fui abrir as janelas. Estava fazendo muito calor e eu precisava de ar puro. As duas janelas do sótão eram grandes e redondas, inclinadas para cima, assim como a parede. Eu as abri e deixei o ar úmido da noite brincar com meus cabelos. Liguei minhas luzinhas de Natal que ficavam piscando vermelhas na parede das janelas e voltei para a cama, deitando em cima do meu celular. Fechei os olhos, cansada. Ainda não eram dez da noite, mas meu dia tinha sido horrível e tudo o que eu queria era uma boa noite de sono.

Mas enquanto eu não lesse aquela mensagem, isso não ia acontecer.

Contrariada, peguei o celular e fui ler a mensagem, já preparada para mais xingamentos e a falta de respeito daquele garoto. Porém confesso que fiquei meio chocada com a mensagem, com aquelas palavrinhas inócuas.

*Ok, ok. Boa noite, Maria Valentina.*

Bom, isso não foi falta de respeito, certo?

Voltei a colocar o celular na gaveta e me estiquei na cama, achando facilmente uma posição confortável, perfeita para dormir.

Boa noite...isso era sério? Não era nenhum tipo de código estranho para me chamar de nerd maluca?

Boa noite, boa noite. Não sei. Mas eu não iria responder, de qualquer jeito.

*Boa noite, Cérebro de Mosca. Não sonhe comigo!*



6



# O que diabos ela riê no Ronald McDonald?

DESGRAÇADA!

— Para onde vamos agora, sr. Müller? — Hugo, o motorista, perguntou.

Como ela adivinhou que eu fiquei preocupado? Peraí, eu fiquei preocupado? Fala sério, eu preciso de um daqueles drinks com vodka que a Roberta vive fazendo.

Roberta! É isso! Eu vou ligar para ela, a gente vai ficar, e eu vou tirar a nerd maluca da minha cabeça de uma vez por todas. Afinal, eu só fiquei um pouco preocupado por ela ser uma garota pequena e indefesa andando por aí à noite. E o jeito como ela desligou o telefone mais cedo? De quem era aquela voz mega assustadora de lutador de vale tudo? E quem mais chama ela de Maria Valentina além de mim?

Bom, de qualquer jeito, qualquer outro cara com um pouco de caráter teria ficado preocupado. Foi como ficar preocupado com um cachor-



rinho que fugiu de casa. Um cachorrinho frágil e indefeso, sem senso nenhum de direção.

— Vamos para casa, Hugo — respondi.

Nós estávamos dando voltas pelo quarteirão e adjacências desde que a Maria Valentina desligou o telefone daquele modo suspeitíssimo e eu, ok, vou confessar, meio que surtei. Ela disse que morava perto, mas não exatamente onde, então ficamos circulando por ali tentando encontrá-la. O fato da garota não atender ao celular e nem responder às minhas mensagens só piorou a situação. Ainda não acredito que perdi meu tempo indo atrás dela. E, depois de tudo isso, a maldita ainda precisava ser tão babaca no telefone? Vê se não me liga mais. Como se eu tivesse tempo para gastar com ela ou vontade de ouvir a voz daquela coisa. Ela podia ter mostrado um pouco mais de gratidão, só acho isso. E o que foi aquele negócio de adivinhar que eu me preocupei? Que droga, Vince, você não se preocupou!

Que seja, Maria Valentina me irrita a ponto de me forçar a fazer coisas irracionais, como desligar na cara dela. É, não sei por que fiz isso, não foi uma coisa muito masculina. Eu simplesmente fiquei sem ter o que dizer, bateu um pânico, sei lá. Não gostei do fato de ela ter achado que eu tinha ficado preocupado, quando a verdade é que eu estava super relaxado. Procurando ela por aí com Hugo, o motorista. Descalço, porque calçar sapatos foi a última coisa que me passou pela cabeça quando eu estava pensando que a garota estava sendo estrangulada por um maníaco ou coisa do tipo. Mas eu estava realmente muito relaxado sobre isso.

Mesmo.

Ok, quem eu estou tentando enganar?

E é exatamente por esse tipo de coisa que eu detesto meninas complicadas.

Elas fazem isso com a gente, não existe um protocolo sobre como lidar com elas. E eu detesto não saber o que estou fazendo. Ok, voltando ao momento em que eu desliguei na cara dela. Acho que isso não foi uma coisa muito correta para se fazer e, como Maria Valentina é, no momento, meio que minha professora particular, acredito que devemos ter pelo menos uma relação de respeito entre nós. Mas aí eu penso em como minha canela está dolorida dos chutes dela.

Acho que está meio tarde demais para essa parada do respeito. Já que está mais do que claro que essa nerd não tem nenhum por mim. Ainda assim, resolvi que seria mais decente se eu me desculpasse por ter desligado na cara dela. Só que, de alguma forma, entre meus pensamentos



e os dedos que digitaram a mensagem, houve algum erro de comunicação e a coisa saiu meio assim:

*Quarta-feira, mesma hora e mesmo lugar.*

Não sei em que plano de existência isso pode ser considerado um pedido de desculpas. Mas por que essa baixinha merece um pedido de desculpas? Ela só faz merda! Primeiro fica me xingando e me tratando mal na minha própria casa. Sem falar nas agressões físicas. Depois some por aí, me deixando preocupado e não atende mais ao telefone. E quando finalmente me liga de volta, é uma verdadeira megera e fica com essa de “não me ligue mais, não suporto você” e etc. Fala sério, eu até dei comida para ela! Quer dizer, eu podia ter me recusado a deixá-la almoçar em casa, certo? Isso não estava no acordo, então eu fui até generoso com ela. Eu a alimentei! Sem contar o fato de eu ter saído de casa como um doido, descalço, achando que ela poderia estar correndo perigo. E onde está o reconhecimento por isso? Essa garota não merece um pedido de desculpas, ela merece mesmo é uma surra!

Uma pena que não serei eu a dar esse castigo a ela. Maldita regra de não bater em meninas!

Meu celular vibrou, avisando que Maria Valentina tinha respondido a mensagem:

*Você é muito idiota mesmo.*

Não falei? Cadê o respeito? Quem essa garota pensa que é? Nunca ninguém teve a ousadia de me tratar desse jeito e então aparece uma nerd rejeitada e estranha que não é ninguém e passa a me tratar como se eu fosse o carpete. Detesto esse jeito sabe tudo dela e a postura insolente que ela tem. A garota não parece mesmo com uma nerd, apesar de eu a conhecer desse jeito por toda a vida, ela parece mais uma rebelde com problemas para controlar a raiva. Fico me perguntando por que, durante toda nossa vida escolar em comum, eu nunca pensei em falar com ela antes. Não que seja uma coisa agradável de se fazer, devido à mania irritante que a baixinha tem de chutar a minha canela. Aliás, o que faz uma garota ser tão violenta? Enfim, não sei a razão disso, mas algo me diz que eu deveria ter feito contato com ela há muito tempo. Quer dizer, ela poderia ter me ajudado com os estudos desde a terceira série ou coisa parecida.

Claro que não existe nenhum outro motivo para eu querer ter falado com ela antes, é sério.



Digitei uma resposta bem mal criada para mandar para a Maria Valentina, mas congelei antes de terminá-la. Que raios eu estou fazendo? Por que perder meu tempo com uma garota tão insignificante? Por que me importar com as ofensas — não muito criativas, já que a garota só consegue me chamar de idiota e, mais recentemente, de Cérebro de Mosca — de uma nerd baixinha e ridícula? Aliás, Cérebro de Mosca é o tipo de xingamento usado no jardim da infância, o que só prova meu ponto de que Maria Valentina Lazarov é patética.

Até o nome dela é patético, o que mais eu poderia esperar?

Irritado, deletei a mensagem e procurei nos meus contatos pelo número da Roberta. As namoradas têm que servir para alguma coisa, certo? E tirar a mente dos namorados de garotas patéticas e complicadas como a Maldita Valentina não deve ser difícil para uma garota bonita e sexy como a Roberta. Liguei para ela, que atendeu no segundo toque.

— Amor — ela ronronou. — Achei que você nem fosse me ligar hoje, fiquei triste — continuou com uma voz melosa e, provavelmente, estava fazendo aquele biquinho que ela acha fofo.

Ela acha fofo.

— Pois é, eu fiquei ocupado hoje o dia todo — respondi apenas. Afinal, ela não precisa saber exatamente o que eu fiz hoje. Aliás, ninguém pode saber. — E aí? Quer ir lá para casa fazer alguma coisa?

— Quero! — ela respondeu imediatamente, animada. — É claro que eu quero! Vou dizer para a mamãe que vou dar uma passada lá na casa da Michelle para ela não barrar, ok?

— Faça o que quiser. Vou estar te esperando em casa — disse e desliguei o telefone. Roberta tende a ficar toda melosinha quando falamos no telefone e gosta de se despedir com um “eu te amo” desnecessário. É claro que ela não me ama, mas fala isso para me forçar a repetir o mesmo apenas para alimentar seu ego. É claro que eu não faço isso, nunca disse um “eu te amo” para ela — nem para ninguém — por mais de dez anos.

Não entendo essa necessidade que certas pessoas têm de basear cada relacionamento nessa ideia que elas têm de amor.

Cheguei em casa e fui lavar os pés, ainda pensando naquela desgraçada da Maria Valentina. Por que essa garota não me saía da cabeça? Ela deve ter feito macumba, sei lá. Só assim para eu perder meu tempo pensando nela quando a minha namorada gostosa está quase para aparecer aqui em casa. Fui para a sala de TV e procurei alguns filmes água com açúcar na prateleira de DVDs, porque sei que Roberta só assiste a esse tipo de filme. Eu acho uma grande merda, é claro, mas faço isso para agradá-la e

no final, minha tática dá certo: ela fica feliz e ninguém assiste a porcarias do filme, já que ficamos nos beijando o tempo todo.

Joguei alguns DVDs em cima do sofá para ela poder escolher quando chegasse e fui para a cozinha procurar alguma coisa para comer. A essa hora, todos os empregados já tinham ido embora, exceto o Hugo, já que ele tem um quarto só para ele no corredor dos fundos e meio que mora aqui durante a semana. Abri a geladeira e foi uma decepção. Só aquelas coisas saudáveis nojentas que minha mãe costuma comer. Juro que não sei por que encham a minha geladeira com isso. Mamãe praticamente não mora em casa e eu não como essas porcarias, então fechei a geladeira inútil e peguei o telefone para pedir uma pizza.

Depois disso fiquei meio sem ter o que fazer. Aí a Maria Valentina veio bater ponto na minha cabeça. Uma tarde. Uma tarde. Foi tudo o que passei com ela. E agora não consigo tirar a maldita da cabeça. Aposto que essa menina é bruxa.

Meu celular começou a tocar e era a Roberta.

— Vince, meu amor — ela disse numa voz chorosa que eu particularmente odeio. — A minha mãe é uma idiota! Ficou dizendo que hoje é segunda-feira e que já está muito tarde para ficar saindo. Mandou eu estudar, acredita?

Você bem que está precisando, pensei. Mas não foi isso que eu disse, claro.

— Tudo bem, deixa para lá — eu disse, dando de ombros mentalmente. Para ser realmente sincero, não fazia muita diferença. — A gente se fala amanhã, ok? Tchau — e desliguei.

Pronto, agora mesmo que eu não tinha nada para fazer.

Pensei em ligar pros caras, mas só de pensar nisso me fez ficar com preguiça.

Contraditoriamente, me deu vontade de sair para caminhar um pouco pelo condomínio. E foi isso que eu fiz. Fiquei lá, passeando sozinho, me sentindo muito emo, mas ok. A culpa era toda da nerd, nunca mais, nunca mais mesmo, eu a deixaria pisar na minha casa. Tenho certeza absoluta de que ela fez alguma bruxaria lá. A diabinha não sai da minha cabeça, eu devo estar ficando doente, tenho certeza. Peguei meu celular e fiquei olhando pra ele, travando e destravando o teclado que nem um retardado. Parecia que eu estava esperando o maldito celular falar comigo. Uma mensagem com um pedido de desculpas da Maria Valentina já estava de bom tamanho, mas eu tinha quase certeza de que não ouviria nem um pio dela esta noite. Eu devo ter sérios problemas mentais só por estar esperando por isso. Chega, que se



dane. Não vivem falando na TV que a gente deve falar o que está sentindo e essas merdas? Então sim, eu me preocupei com a nerd baixinha perdida sozinha por aí. Algum problema? Como eu já devo ter dito, me preocupei com ela como me preocuparia com qualquer outra garota que eu conheço. Ou com um filhotinho de cachorro. Dá no mesmo. Então eu resolvi mandar uma mensagem para ela dizendo mais ou menos isso, e ficou meio assim:

*Ainda bem que você está ok. Da próxima vez eu te levo em casa, assim você não se perde.*

Mas é claro que eu não mandei isso, até porque nunca vi nada mais meloso. Apaguei tudo e não soube o que escrever. Por que eu simplesmente não esquecia disso tudo e pronto? Não, eu precisava “falar” com ela, nem que fosse para dar boa noite. Eu sei, tudo produto da maldição que eu tenho certeza que ela me jogou. O que posso fazer então? Escrevi um “boa noite” mesmo e enviei. Talvez agora a moleca saísse da minha cabeça.

Fiquei andando sem rumo por mais uns vinte minutos, mas aí decidi voltar para casa por causa da pizza. Estava na minha rua, quase chegando em casa, quando escutei um barulho de porta batendo na casa vizinha. Voltei-me para ver o que era e vi a Luiza, minha vizinha, saindo de casa e vindo até mim.

Luiza deve ter uns 19 anos, faz faculdade, tem namorado e mora com os pais e o irmão mais novo.

Como eu pude me esquecer dela?

Luiza e eu somos vizinhos há uns dois anos, que foi quando a família dela se mudou pra cá. O que foi muito, muito conveniente.

— E aí, Vince — ela disse, quando chegou perto de mim. — O que você tá fazendo?

Luiza é morena, tem olhos castanhos claros, cabelos enrolados e é, por incrível que pareça, ainda mais gata que a Roberta. Deve ser toda essa coisa de mulher mais velha. Ela estava usando um short jeans e uma blusa amarela apertada, que deixava a barriga aparecer um pouquinho.

— Nada, e você?

— Nada também.

— Vamos fazer nada juntos?

Ela sorriu de lado e assentiu, com uma expressão animada.

— Eu acabei de pedir uma pizza — eu disse, passando a mão pela cintura dela. — Vamos lá para casa?

— Claro — ela riu.



Ok, sei que tenho namorada. E sei que ela também tem namorado. E que isso é, provavelmente, uma coisa muito errada de se fazer. E que isso me faz ser o maior safado. E também sei que a nerd da Maria Valentina nunca aprovaria uma coisa dessas. Mas e daí? Ninguém precisa saber, certo?

Dois dias se passaram e eu estava sentado num dos bancos da escola na hora do intervalo. Roberta, Lucas, Pedro, Diana e Fábio estavam comigo. Roberta estava sentada no meu colo, mexendo no meu cabelo com uma mão. Lucas estava dando em cima da Diana, a namorada do Fábio, na maior cara de pau mesmo. E eu, Fábio e Pedro estávamos falando sobre o primeiro jogo da temporada, que seria em duas semanas. Os dois também são grandes amigos e fazem parte do time.

— É, quem sabe esse jogo não faz nosso Vince aqui voltar ao normal? — Lucas comentou. Aparentemente, estava prestando mais atenção à nossa conversa do que dava a entender.

— Como assim, Lucas? — perguntou Pedro.

— Vocês não estão achando ele estranho esses dias?

Vai começar...

— Verdade, bebê — Roberta disse, manhosa. — Você está meio estranho. Até anda desligando na minha cara mais vezes que o normal!

Lucas começou a rir. Ele sabe exatamente por que eu desligo na cara dela.

— Vão cuidar da vida de vocês — eu disse, não muito preocupado com isso. — Não tem nada de errado comigo. E sobre desligar na sua cara, Roberta, eu nunca faço isso. É que a ligação cai.

Dessa vez não só Lucas caiu na gargalhada, mas Fábio e Pedro também.

— Sério? — a idiota ainda perguntou.

— Sério.

— Acho que a gente deve mudar de operadora então, Vince.

— Claro, o que você quiser — respondi, segurando a risada.

Continuamos lá conversando normalmente, até que eu vi a Maria Valentina andando pelo pátio com o Ronald McDonald. Ok, ok, com o tal do Silas Koury. Os dois estavam andando sozinhos, nem sinal da menina gigante que praticamente vive grudada na nerd, nem do resto da turma da nerdlândia. Ela estava com o uniforme largo de sempre e os cabelos presos como sempre, tomando um sorvete de chocolate. A garota parecia inacreditavelmente feliz.

Quer dizer, que garota em pleno uso de suas faculdades mentais fica feliz com aquela coisa do lado?



Mas ela sorria para ele e ele tocava nela. Coisas inocentes como um toque no ombro para chamar a atenção dela para alguma coisa ou pegá-la pela mão livre para apressá-la a algum lugar. Para alguém que não os estivesse observando com muita atenção, eles poderiam facilmente passar por dois amigos curtindo o intervalo juntos. Mas eu sei que não é bem assim. Já fazem três dias que eu presto atenção na Maria Valentina e ela é uma garota relativamente fácil de ler em certos aspectos.

Maria Valentina não gosta de chamar a atenção e fica intimidada se estiver rodeada de um grande número de pessoas. Talvez seja por causa do seu tamanho, ela é a menina mais baixinha da sala. Ela se sente à vontade com alguns amigos, como a menina alta e alguns outros nerds. Mas com o Ronald, ela fica diferente. Como se ficasse mais consciente da presença de outra pessoa, sabe? Da presença dele. E ele é o único que toca nela. Quer dizer, não é bem assim, já que a menina alta — que eu suspeito que seja sua melhor amiga — também não tem problemas em se aproximar da nerd. Mas com o ruivo magrelo, a coisa é diferente. Ele foi o único menino que eu vi se aproximando dela assim. É como se ela tivesse uma reserva natural com todas as outras pessoas, especialmente do sexo masculino, mas essa reserva sumisse quando ela está com ele. Ela o olha nos olhos e não fica baixando a cabeça. Ela também sorri mais quando está com ele.

E eu queria ver esse sorriso de perto.

Sério que eu pensei isso? Acho que estou ficando senil. Melhor sair do sol.

Enfim, a coisa está ali para quem quiser ver. Mas como são ambos nerds rejeitados e esquisitos, ninguém dá a eles a menor atenção. Ninguém além de mim, é claro. E até agora eu não entendo essa minha súbita fascinação pelo estilo de vida nerd. Quer dizer, que outra razão eu teria para ficar observando-os de longe?

Os dois sentaram num banco do outro lado do pátio, perfeitamente dentro do meu campo de visão. O Ronald McDonald disse alguma coisa e a Maria Valentina riu. Seus enormes óculos escorregaram um pouco para a ponta do nariz, muito provavelmente por causa do calor que estava fazendo, deixando todo mundo meio suado. O ruivo magrelo fez sinal de que iria ajeitar os óculos dela, mas acabou batendo na mão com a qual ela segurava o sorvete, fazendo-o cair no uniforme da nerd.

Juro que precisei me segurar muito para conter a risada. Aquele otário nunca ia conseguir mulher nenhuma daquele jeito. Pedro e Fábio falavam comigo e eu respondia, mas apenas com metade da minha atenção.



Não podia perder aquele espetáculo, certo? Estava quase ansioso para ver a Maria Valentina desferir alguns chutes na canela do Ronald.

Mas ela não fez isso.

Sério. Ela não bateu nele. Nem um tapinha. Nada.

Fiquei muito chocado.

Por muito menos, aquela garota só faltou arrancar meu couro! Mas com um ruivo esquisito e raquítico, não. Que absurdo! Ele começou a balbuciar desculpas – era o que parecia, mas eu não podia ouvir de longe – e ela só deu um sorrisinho amarelo, como quem diz “tudo bem, acontece”.

Qual é o problema dessa garota?

Aí o Ronald tirou do bolso uma caixa de lenços de papel e entregou a ela. Quem é o retardado que anda com uma caixa de lenços de papel no bolso? Pronto, foi o que bastou para a menina se derreter inteira. Juro que não entendo as mulheres...

O que diabos ela vê no Ronald Mcdonald? Quer dizer, o menino é ridículo! Para começar, tem essa aparência patética. Qual é, qualquer pessoa que possa ser comparada ao Ronald McDonald não pode ser considerada atraente. Mas além disso, o garoto ainda é desengonçado, esquisito, nerd e ainda por cima, é estabonado ao ponto de derramar sorvete na Maria Valentina, a garota que está afim dele!

O que esse menino tem de tão bom, afinal? Só eu que não vejo nada?

– Ei, vamos cara, o sinal já tocou – Lucas disse, batendo de leve no meu ombro.

Levantei e fui andando com eles para o corredor onde fica nossa sala. Para isso, eu teria de passar bem perto de onde a nerd e o Ronald estavam sentados. Ela continuava com aquela enorme mancha marrom no uniforme e, paradoxalmente, com aquele sorriso bobo no rosto. Do lado dela no banco, vários lenços de papel amassados e sujos de chocolate. O Ronald estava segurando uma garrafinha de água, coisa que eu só reparei à medida que chegava mais perto dos dois. Ele a abriu, tomou um gole e ofereceu à nerd.

Para tudo! Ele bebeu antes de oferecer para ela? Onde diabos esse garoto aprendeu boas maneiras? Além do mais, ele colocou aquele troço na boca! Que nojo! E o pior de tudo é que ela aceitou! Pegou a garrafinha da mão dele e estava pronta para beber aquela água imunda misturada com cuspe de Ronald McDonald! Dá para acreditar?

É claro que eu não podia permitir isso. De jeito nenhum! Vai que o cara tem herpes ou coisa assim? Maria Valentina é, no presente momento, minha professora particular, então é meu dever salvá-la de uma possí-

vel doença, certo? Estamos falando da minha segurança, já que ela pode acabar passando alguma coisa para mim. Mas nem pensar, mesmo! Não posso deixar isso acontecer!

E foi por isso que eu aproveitei que estava passando atrás do banco onde ela estava sentada, bem na hora que ela foi colocar aquela garrafinha cheia de germes do ruivo magrelo na boca, e bati na mão dela, fazendo-a derramar a garrafinha e toda a água em cima dela mesma.

Meus amigos, incluindo Roberta e Diana, viram e caíram na risada. Ronald McDonald só ficou olhando para mim, meio chocado, e eu juro que podia ver uma fumacinha saindo da cabeça da Maldita Valentina.

– Qual é o seu maldito problema, garoto? – ela gritou, levantando-se furiosa para me encarar.

– Achei que estava fazendo um favor – eu respondi, em tom divertido. – Reparei que você esqueceu de lavar seu uniforme antes de vir para a escola e dei um jeito nisso.

Isso só fez arrancar mais risadas dos meus amigos e das pessoas que estavam por perto e que pararam para ver o que estava acontecendo.

– Você se acha muito engraçado, não é? – Maria Valentina disse e eu podia ver que ela estava furiosa.

Por alguma razão completamente alheia e estranha, eu ficava feliz com isso.

– Não tenho culpa se você gosta de usar roupa suja – comentei, ácido. – Vem cá, você toma banho antes de sair de casa, pelo menos?

Todos riram, menos a nerd – é claro – e o seu príncipe encantado fajuto, que continuava sentado no banco e olhando com aquele ar amedrontado para mim.

– É impossível esperar qualquer coisa boa de uma pessoa como você mesmo – ela disse, fazendo-me voltar novamente os olhos para ela. Seus óculos estavam embaçados. – Mas nem o mínimo da educação? Você está realmente no fundo do poço, garoto.

– Pelo menos eu saí de lá limpo – retruquei. – Já você... Aliás, que cheiro ruim é esse? Você realmente deveria mudar seus hábitos de higiene. Mas não se preocupe, quem sabe no Natal você não ganha uma escova de dentes? Aí só vai ter que aprender a usar.

Ok, me senti mal depois disso. Todos estavam rindo dela e a garota ficava lá, parada, olhando para mim. Eu não podia enxergar seus olhos, seus óculos estavam mesmo muito embaçados. O que significava aquilo, afinal?





– Vem, vamos embora, amor – Roberta disse, pegando-me pelo braço. – Você não vai querer se contaminar com essa sujeira, não é mesmo?

Nunca, em toda a minha vida, eu tive tanta vontade de bater em uma garota como nesse momento. Por alguma razão, o insulto que Roberta soltou me deixou irado de raiva. Afinal, quando eu faço é uma coisa, mas ela fazendo é outra completamente diferente. É muito mais venenoso.

– Não se preocupem – Maria Valentina disse, puxando repentinamente o garoto McDonald pelo braço, fazendo-o se levantar do banco. – Não é minha intenção contaminar vocês com a minha sujeira. Até por que, de sujeira, vocês já estão bem servidos – ela terminou e saiu correndo com aquele ruivo horrroso atrás dela.

– Quem é essa garota nojenta, afinal? – perguntou Diana para ninguém em especial. – Quem ela pensa que é para falar com a gente desse jeito?

Não parei para escutar mais comentários sobre a Maria Valentina. Estava arrependido. Muito arrependido de ter começado tudo isso. Por que eu fui fazer uma coisa dessas? Por que eu tinha sido tão cruel com ela? Sei que estou irritado por ela estar me ignorando desde ontem, sem nem um olhar na minha direção enquanto que eu não consigo tirar os olhos dela. Sei que estou irritado por ela achar um otário daqueles mais interessante do que eu. Por me bater por qualquer coisa e perdoá-lo com um sorriso por qualquer coisa.

Qual é a justiça nisso?

Mas o que eu fiz também não foi nada justo. Merda!

Tomei um banho rápido depois do treino, apesar de não ter motivos para me apressar. Depois daquele incidente no intervalo, não vi nem a Maria Valentina nem o Koury pelo resto das aulas, e Maria Valentina nunca falta às aulas. De algum modo, isso me fez sentir pior do que eu já estava.

Se eu não fosse tão babaca, agora eu estaria indo para a minha casa com a nerd e iria escutar a linda voz dela me ensinando física ou qualquer outra merda dessas. Mas não, eu precisava sabotar a mim mesmo, porque sem ela eu nunca vou conseguir ter notas boas.

Mas essa não é a única razão para eu estar me sentindo péssimo. Eu acho que... eu acho que a machuquei com minhas palavras. Sinceramente, nem sei por que disse aquelas coisas. Agora eu fico pensando que os óculos dela podiam não estar embaçados por causa do calor, e que ela podia estar chorando. E é numa hora dessas que eu gostaria de levar um soco.



– Você acha que eu tenho o dia inteiro pra esperar por você? – ouvi Maria Valentina dizer atrás de mim.

Virei-me e ali estava ela. Seu coque estava meio frouxo e vários fios escapavam, além disso seu uniforme continuava sujo e meio úmido. E amassado. Ela me fitava com uma postura completamente indiferente, como se nada tivesse acontecido.

– Eu... – comecei, mesmo sem ter a menor ideia do que dizer.

– Nós temos um acordo, certo? – ela me cortou, sua voz fria. – Não vou voltar atrás só porque você é um idiota. Aliás, não é como se fosse muita novidade, não é?

Nem me irritei por ela estar me xingando. Maria Valentina meio que tinha esse direito. Mas eu preferiria vê-la irritada, brigando comigo, indignada e chutando minhas canelas.

Mas ela agia como se não se importasse.

E talvez eu estivesse imaginando coisas. Talvez ela não se importasse mesmo e seus óculos deviam estar embaçados porque fazia muito calor no intervalo.

– Se você não tocar mais nesse assunto – ela continuou – eu também não toco.

Eu assenti e nós começamos a caminhar para a entrada da escola, onde Hugo já estava me esperando. Entramos no carro e ficamos o percurso inteiro em silêncio. Chegamos em casa e, como na segunda-feira, ela não quis subir para o meu quarto.

– Podemos muito bem estudar na sala – ela retrucou quando eu insisti.

– Não, não podemos – eu disse e segurei a mão dela para arrastá-la para cima.

No mesmo momento, ela gritou e puxou sua mão de mim. Eu a larguei imediatamente e ela olhou para a própria mão com nojo. Depois, voltou o rosto para mim e disse com um tom de voz de absoluta aversão, que eu nunca vou esquecer:

– Nunca mais toque em mim.

Eu não soube o que dizer, só fiquei olhando para ela, que resolveu subir as escadas e ir para o meu quarto. Eu fui atrás dela, ainda meio atordoado, e fechei a porta quando entramos. Fiquei observando-a tirar os livros e cadernos da pesada mochila e colocá-los na mesa. Maria Valentina estava péssima. Seu uniforme ainda estava manchado de sorvete e ela parecia estar com a roupa toda amassada, como se tivesse dormido com ela. Fui até o armário e peguei uma calça de moletom regulável e uma

camisa branca. Olhei para a camisa limpa e, não sei bem por que, resolvi guardá-la de volta no armário. Peguei então a camisa que eu tinha usado na noite anterior para dormir e que estava dobrada em cima da cama. Era minha camisa preferida. Larga, cinza, meio velha, do South Park, com um desenho do Kenny caído no chão cheio de sangue com uma placa enfiada na cabeça, onde está escrito *I Killed Kenny*.

Totalmente horrível para uma garota, eu sei. Garotas odeiam South Park. Pelo menos todas as que eu já conheci na vida. Mas eu queria que Maria Valentina a vestisse.

– Pegue – eu disse, praticamente jogando as roupas nos braços dela.  
– Vá tomar um banho.

Eu queria que ela se sentisse mais confortável e eu sei que passar o dia todo com o uniforme suado da escola é tudo, menos confortável.

Maria Valentina olhou para as roupas em suas mãos e depois olhou para mim de um jeito estranho. Era como se aquele olhar estivesse me dizendo alguma coisa, mas eu não o entendia. Então ela desviou o rosto e soltou um suspiro que parecia muito com uma risada sarcástica.

– Se é o que você quer, tudo bem – ela disse. – Não quero contaminar sua casa.

– Não foi isso que eu quis dizer! – eu disse, chocado por ela ter entendido isso. Mas acho que não posso culpá-la, depois de hoje. – É sério, não é nada disso.

– Você vai fazer o que com estas roupas depois que eu usá-las? Incinerá-las? Tem tanto nojo de mim assim? Estou surpresa por você ter me deixado entrar no seu quarto.

– Você está entendendo tudo errado!

– Estou mesmo?

– Sim, está! Eu só quero que você tire esse uniforme que aquele idiota do Ronald McDonald sujou de sorvete!

– E quem é você pra falar assim do Silas? Ele é uma pessoa mil vezes melhor do que você!

– Você é louca só de pensar uma coisa dessas!

– É o que você pensa? Bom, isso só prova que você é um garotinho mimado e narcisista, que não consegue enxergar nada além do próprio umbigo!

– E você está dizendo que um ruivo magrelo e ridículo como esse Silas é melhor do que eu?

– Qualquer pessoa que possua neurônios pode enxergar isso – ela disse.



Suspirei e passei as mãos pelo cabelo, frustrado. Eu odeio essa garota! Ela é estúpida e cega e briguenta! Além de ser horrorosa, com esses óculos fundo de garrafa e as roupas largas! E ainda vem dizer que o Ronald McDonald é melhor que eu? Sério?

Ela é patética! Eu a odeio! Eu...eu... Eu a segurei pelos ombros e a abracei. As roupas nas mãos dela caíram no chão. Eu a apertei mais entre meus braços. Ela ficou rígida.

– O que diabos você vê no Ronald McDonald?





7



# Essa festa só me dá dor de cabeça

— ME. SOLTE. AGORA — eu disse pausadamente.

Ele não me largou.

— O que você vê naquele garoto? — Vicente perguntou.

Eu me arrepiei. Sua boca estava próxima demais do meu ouvido. Aliás, ele estava próximo demais. Mais próximo do que qualquer outra pessoa — tirando minha irmã e Petra — já estivera. Eu estiquei minha mão direita até a mesa e tateei à procura de algum objeto pesado. Fechei meus dedos no telefone verde que eu sabia que estava ali e, com toda a força que pude reunir na minha mão ruim, atingi a testa do Vicente com ele, que me largou imediatamente, praguejando e colocando as duas mãos na testa.

— Não se preocupe, seu cérebro não vai cair — eu disse, triste demais para ficar furiosa. — Não é como se você tivesse um.

Me virei e continuei tirando minhas coisas da mochila. Queria ir embora dali. Queria nunca mais voltar. Queria nunca mais ter de olhar para a cara daquele garoto que eu tanto odiava. Mas eu não podia. Não podia deixá-lo, não depois de hoje. Não depois do que ele fez comigo no



intervalo. Foi quando eu percebi tudo claramente. Uma prévia do que minha vida escolar seria se Vicente resolvesse contar para todo mundo que eu gosto do Silas.

Mas eu até poderia aguentar isso, pois na verdade as pessoas na escola nunca foram gentis comigo. Não é como se, a cada dia, eu não tivesse que aturar os olhares de desprezo, as piadinhas, as brincadeiras de mau gosto. Sempre foi assim para mim. E isso não iria mudar. Mas eu não me importo. Nunca me importei. Posso aguentar essas coisas, sou uma menina forte, e poucas coisas me deixam com medo. Eu não tenho medo da escola e do que as pessoas podem fazer comigo lá. Não tenho medo do todo poderoso Vince. Para mim, ele é apenas mais um desperdício de espaço no mundo. Isso não seria nada que eu não pudesse suportar. Eu tenho meu futuro, me agarro a ele como um náufrago a um pedaço de madeira flutuante, sei que tudo vai ser melhor em alguns anos, quando eu provar que minha “nerdlice” é uma coisa boa, e que me trará felicidade.

Então por que eu não dou logo uma vassourada nesse filho de chocadeira do Vicente, mando ele ir catar cinzas no inferno e o deixo falar logo para todo mundo o que eu sinto pelo Silas? Que se dane, certo? Eu posso aguentar as risadas, as piadinhas e tudo o que aquele pessoal metido da escola resolver fazer. Eu posso fazer isso, eu posso suportar.

Mas eu não posso permitir que façam isso com o Silas.

Ele é a pessoa que eu gosto. Com todos os defeitos e problemas. Silas não é perfeito, nossa, longe disso! Mas se eu me sinto bem, à vontade perto dele, então ele é perfeito para mim. Ele é sensível e me aceita como eu sou. Não sei se ele também gosta de mim desse jeito, mas sei que ele gosta de ser meu amigo. Sei que ele me admira e gosta de estar comigo. Eu gosto dos cabelos ruivos dele e do seu jeito estabonado. Gosto que ele seja magrelo. Gosto do jeito como ele derruba as coisas e faz tudo errado. Ele é... confortável. Sei que ele é inseguro e tímido, sei que ele fica mal quando as pessoas são más, porque ele não entende. Ele simplesmente não entende por que as pessoas dizem coisas ruins para nós, por que elas nos fazem mal. Ele é tão doce e meigo que não consegue se acostumar com esse tipo de agressão. Ele não lida com isso do mesmo jeito que eu.

Sabendo disso, como eu posso permitir que meus sentimentos por ele acabem fazendo-o sofrer? Como eu posso permitir que façam mal a ele por minha causa? Não posso! E nem vou! E foi por perceber que nunca alguém como Vicente entenderia isso, esse tipo de sentimento, que eu comecei a chorar enquanto era humilhada no intervalo. Já passei por coisas desse tipo antes e elas já não me atingem. Mas ver Silas tão chocado

e triste por aquele ataque, sem saber o que fazer, me deixou arrasada. Não posso deixar isso acontecer com ele. Então, não importa que eu odeie o Vicente mais do que já odiei qualquer outra pessoa. Eu não o abandonarei. Farei o que ele quiser. Farei o que é certo pela pessoa que eu gosto. Aguentarei essa tortura pelo Silas. Farei isso por ele.

— Eu estou sangrando — Vicente disse com uma voz alarmada atrás de mim. — Porra, eu estou sangrando!

Larguei minhas coisas na mesa e olhei para ele enquanto o sangue escorria da sua testa, mais especificamente, da sua sobrancelha esquerda. Caramba, era muito sangue. Muito mesmo. Suas mãos já estavam manchadas de vermelho por ele estar tentando estancar o sangramento com elas, mas não adiantou muito, já que o sangue insistia em pingar no tapete.

É, Tina, você fez um estrago.

— Você está sangrando — eu disse, pateticamente.

— Sério? — ele disse, sarcástico, indo em direção ao banheiro. — Não tinha reparado!

Fui atrás dele, nervosa, afinal aquele corte parecia sério. Juro que não costumo ser violenta, mas esse garoto me faz perder o controle! Não é minha culpa! Mas, apesar disso, eu estava me sentindo só um pouquinho...culpada.

— Espera, deixa eu te ajudar — eu disse, aproximando-me dele, que estava avaliando os estragos feitos em sua cabeça no espelho do banheiro. Eu posso não gostar do garoto, mas também não vou deixá-lo sangrar até a morte bem na minha frente.

Exagero, eu sei, mas deu pra entender o que eu quis dizer.

— Não chega perto de mim, demônio! — Vicente rugiu.

É, isso não ia ser fácil.

— Fique quieto se não quiser que eu detone sua outra sobrancelha — ameacei e dessa vez ele me ouviu. Fiz o garoto sentar no tampo do vaso sanitário e afastei suas mãos para ver o corte. Era pequeno, mas sangrava bastante.

— Talvez não precise de pontos — pensei alto.

— TALVEZ? — Vicente gritou, levantando-se e quase me fazendo cair para trás. — Você tá louca? Ninguém vai me costurar! Não sou almofada!

Revirei os olhos. Dá pra ser mais infantil?

— Para de fazer drama, moleque — eu disse, impaciente, empurrando-o de novo para fazê-lo sentar, coisa que ele fez parecendo muito contrariado. — Onde está a caixa de primeiros socorros?

— Eu tenho cara de adivinho, por acaso? Por que você acha que eu teria uma coisa dessas?

— Olha, eu prefiro nem dizer nada, já que meu cérebro ainda está tentando encontrar a lógica nesse seu raciocínio. Fique quieto aí que eu já volto.

Saí de lá e fui para o andar de baixo. Duvido muito que numa casa grande e cheia de empregados como essa não haja uma caixa de primeiros socorros. E eu estava certa. Foi só eu perguntar para a primeira pessoa que encontrei — uma senhora que estava lavando as janelas — e ela voltou minutos depois com a caixa nas mãos. Agradei e voltei para o quarto. Vicente estava gemendo de dor no banheiro, parecendo uma criança mal comportada. Fiquei com vontade de rir e ele percebeu.

— Você ri porque não é você que está com a cabeça rachada — ele resmungou. — Ainda.

— Um garoto que chora por um cortezinho desses não é capaz de abrir a cabeça de ninguém — eu retruquei, de costas para ele, enquanto apoiava a caixa de primeiros socorros na bancada do banheiro e começava a tirar algodão, esparadrapo, gaze e antisséptico de lá.

— Eu não estou chorando!

— Aham, sei. Agora fica quietinho para eu limpar isso aí — eu disse, depois de espirrar o antisséptico no algodão.

— Vai arder? — ele perguntou, receoso, colocando a mão em cima do corte. Vicente estava tão bonitinho daquele jeito, sentado na minha frente com uma carinha de criança assustada e um corte na cabeça que, sei lá, meu coração ficou meio esquisito. Acho que fiquei com pena dele. Ainda que ele não merecesse.

— Não, Vicente, não vai arder — eu disse para tranquilizá-lo. — Vou fazer com cuidado.

— Certo.

Ele se retesou quando eu comecei a limpar o corte, mas não falou nada e foi se acalmando aos poucos. Engraçado como ele parecia não estar acostumado com isso. Jogadores de futebol não vivem se machucando? E ele também surfa... não é um esporte muito seguro, certo? Esse menino devia viver machucado, então por que agia de modo tão estranho por causa de um pequeno corte na testa?

— Relaxa, você vai sobreviver — eu não pude resistir e disse, quase sorrindo.

Ele olhou para o meu rosto e levantou um dos cantos da boca.

— Também não vou virar o Harry Potter? — perguntou.



Eu derrubei o algodão enquanto ria. Ele se abaixou para pegar e eu também. Nossas mãos se tocaram e eu recuei. Ele não. Pegou o algodão e me deu, eu o joguei fora e peguei outro, parando de sorrir.

– Se você quiser eu posso te cortar mais um pouquinho para ficar em formato de raio – eu disse, enquanto continuava a limpar o sangue da testa dele.

– Não precisa, acho que vou querer ficar com a cabeça inteira, obrigado.

Depois de limpar o corte, fiz um pequeno curativo e me inclinei para dar um beijinho nele, sem perceber o que estava fazendo. Porém, caí em mim antes que meus lábios tocassem a pele dele e recuei três passos até que bati com as costas na bancada do banheiro.

– O que foi isso? – perguntou Vicente confuso.

– Nada – eu falei – Já terminei.

Idiota! Eu sou mesmo uma maluca! Estou tão acostumada a cuidar dos ferimentos da minha irmã...nem tanto nos últimos anos, mas quando ela era menor, sempre se machucava. E então eu secava suas lágrimas, limpava seus cortes, fazia curativos e dava um beijinho para sarar mais rápido. Não tínhamos uma mãe que fizesse isso, então eu fazia o meu melhor para que Geny se sentisse bem. Eu gostava, aliás, gosto de fazer isso. E, por um momento, quase beijei o machucado do Vicente.

Será que estou com febre?

Saí do banheiro e discretamente coloquei a mão na minha testa para sentir a temperatura, mas parecia normal. Peguei as roupas que Vicente me deu para vestir e que tinham caído no chão e voltei para o banheiro, de onde Vicente saía.

– Não sei se brigo com você por me bater ou agradeço pelo curativo – ele disse, me olhando estranho.

– Um anula o outro, então esqueça os dois – eu disse, nervosa e sem saber o porquê. – Vou tomar o banho que você pediu.

– Não precisa se não quiser.

– Eu quero – afinal, estava quente demais ali. – Eu preparei umas fichas de exercício para você sobre o que estudamos na segunda. Estão na minha pasta.

– Você fez isso para mim? – ele parecia surpreso com isso.

– Exercícios são ótimos para estudar, a repetição faz a matéria entrar na sua cabeça – eu expliquei, não entendendo o motivo da surpresa dele. – Você pode começar a resolvê-los enquanto eu tomo banho.

Entrei no banheiro e tranquei a porta. O banheiro dele era grande e – adivinhem? – verde. Se bem que a cor combina mais com um banheiro do que com um quarto, mas tudo bem. Coloquei a roupa que ele me deu em cima da bancada, do lado da caixa de primeiros socorros, tirei os óculos e soltei os cabelos, que caíram em cachos até abaixo da minha cintura. Fiquei nervosa, por algum motivo me sentia envergonhada com a ideia de tirar a roupa na casa de um garoto, com o dito cujo separado de mim apenas por uma porta. Sei que é a maior besteira, já que ele não está vendo e nem se interessaria em ver, mas, tipo, ele sabe o que vim fazer aqui dentro. E sabe que para isso terei que tirar a roupa. Sou a maior boba.

Respirei fundo e, de costas para o espelho, me despi, com as bochechas em chamas. Mas eu estava suada, com calor e me sentindo imunda, então foi um alívio quando liguei o chuveiro e fui atingida por um delicioso jato de água gelada.

Se há uma semana atrás alguém me dissesse que hoje eu estaria tomando banho no banheiro de Vicente Müller, eu apenas diria para essa pessoa largar as drogas, porque elas fazem mal à saúde. E, mesmo agora, que estava aqui, a coisa ainda parecia irreal.

Enquanto lavava o cabelo com o xampu 2 em 1 do Vicente (meninos definitivamente são preguiçosos), fiquei pensando no que Silas havia me dito depois que saímos do pátio. Eu estava chorando e odeio quando isso acontece. Odeio mais ainda que outras pessoas me vejam assim. Então corri para a escada e fiquei escondida lá embaixo, no mesmo lugar onde Vicente me levava na segunda-feira, para falar sobre a “proposta” dele. Sentei no chão e abracei meus joelhos, sabendo que Silas viria atrás de mim, mesmo depois de eu ter largado a mão dele.

Ele chegou e sentou-se ao meu lado, me fez levantar o rosto e tirou meus óculos.

— Tina, não fica assim – ele disse.

— Ele é o maior idiota, eu sei – eu falei, secando as lágrimas. – Não é por isso que eu estou chorando.

— E é por quê?

— Não quero falar sobre isso.

— Vai me deixar na curiosidade?

— Vou.

— Chata – ele disse, emburradinho. Eu sorri.

— Não quero voltar para a aula – eu declarei.

Silas me fitou com olhos super arregalados. É, qualquer pessoa que me conhecesse teria a mesma reação, já que eu não falto nunca, matar aula



então... Impossível! Mas eu não queria ver a cara do Cérebro de Mosca e dos amigos retardados dele. Silas resistiu – afinal, apesar de sempre chegar atrasado, matar aulas não é algo que ele goste de fazer – mas acabou se deixando convencer e nós dois ficamos conversando embaixo da escada até o final da aula. Falamos sobre as coisas de sempre: séries de TV, filmes de ficção científica, quadrinhos e videogame. Ele ficou descrevendo todas as maravilhas do novo jogo que comprou para o playstation 3 dele, o *Uncharted*. Eu não gosto muito, ainda estou viciada em *Alice Madness Returns*. Apesar de não ter videogame em casa, – uma palavra: papai – jogo quando vou na casa da Larissa, que é tão viciada quanto o Silas e eu.

Depois que a aula acabou, eu me despedi dele e fui procurar o dito cujo que, no presente momento, estava no aposento adjacente ao qual eu estava nua. Só eu acho isso esquisito? Como as pessoas conseguem tomar banho com um garoto no aposento ao lado? Mesmo que ele não esteja vendo nada, é meio desconfortável.

Voltei ao mundo real e desliguei o chuveiro. Peguei uma toalha branca que estava pendurada na parede, me sequei e fui vestir a roupa que Vicente tinha me dado. Uma calça de moletom gigante, que eu precisei dobrar umas seis vezes só para enxergar meus pés e uma camisa perfeita. Sério. Ele tinha uma camisa do *South Park*! É claro, óbvio, transparente que eu fiquei babando na camisa. Quer dizer que o Vicente gostava de *South Park*?

Provavelmente não. Do contrário, ele não teria me emprestado a camisa. Devia ser uma que ele nunca usou ou não costuma usar.

Resolvi deixar isso para lá e me concentrei em secar meu cabelo e voltar a prendê-lo no meu coque diário. Detesto estudar com o cabelo caindo no rosto, então esse penteado é muito prático. Coloquei meus óculos e dobrei minha roupa. Fiquei descalça mesmo e saí do banheiro. Vicente estava focado nos exercícios e sequer olhou para mim. Coloquei minha roupa dentro da mochila e fui sentar ao seu lado.

– Como você está indo? – perguntei.

– Não sei bem – ele respondeu, ainda olhando para a folha de exercício incompleta. – Algumas questões são fáceis de responder, outras nem tanto.

– Você tem estudado sozinho?

– Bem...não.

– Sou inteligente, Cérebro de Mosca, mas não faço milagres.

Ele finalmente virou seu rosto para mim, seus lábios levemente curvados num sorriso, que foi logo apagado.



– Você não solta os cabelos nunca? – perguntou, parecendo curioso e meio desapontado.

Confesso que essa pergunta me pegou de surpresa. Afinal, o que meus cabelos têm a ver com ele?

– O que interessa no momento é você acabar isso aí – respondi, apontando a folha de exercícios. – E não o meu cabelo, pelo amor de Deus!

Ele me olhou fixamente por alguns segundos até que pareceu decidir que não valia a pena discutir comigo, e voltou a fazer os exercícios.

Vicente não era burro como parecia, percebi. Era apenas desatento. Se prestasse mais atenção às aulas e se esforçasse um pouco, nem precisaria de uma professora particular. Ele ficou completamente concentrado no exercício que eu tinha feito para ele, depois de um tempo. Até parou de pedir minha opinião, resolvendo tudo por conta própria. Fiquei imaginando o porquê dele querer se dedicar tanto aos estudos assim de súbito. Será que fora pressionado pela mãe a melhorar na escola? Falando em mãe, eu nunca tinha visto nem a sombra dela por ali, talvez trabalhasse o dia todo como o meu pai.

Resolvi voltar para casa assim que Vicente terminou a folha de exercícios, para não correr riscos desnecessários. Ele voltou a oferecer seu motorista para me levar, mas eu neguei. Não gostava do jeito que isso soava. Acabei andando de volta para casa com a roupa do Vicente mesmo, coisa que Geny não deixou de notar.

– As coisas estão mais sérias do que eu pensava – brincou ela quando me viu atravessando o vestibulo. – Ele gosta de *South Park*.

– Ah, cala essa boca – resmunguei, e saí correndo para o meu quarto para trocar de roupa.

Depois de colocar a roupa emprestada de Vicente para lavar, fui para a cozinha ajudar Geny com o jantar. Como já deve ter ficado claro, não temos empregados e nós mesmas fazemos os serviços domésticos.

– Tina, eu já tenho tudo pronto! – Geny disse, enquanto espremia laranjas em cima do balcão. Seus olhos brilhavam de animação.

– Tudo pronto o quê? O jantar?

– Claro que não, criatura lerda – respondeu ela, parecendo decepcionada com a lentidão do meu raciocínio. – Para a festa, no sábado! – completou, como se fosse óbvio.

Não era. Mais uma vez eu já tinha até me esquecido dessa maldita festa. E acabei pagando caro por isso. A semana, é claro, passou voando. E, de repente, era sábado.

O resto da semana não foi de todo ruim, pelo menos quase não mantive contato com o Vicente Sobrancelha Rachada Müller e ele não exigiu mais nenhuma aula particular. Para falar a verdade, comecei a achar que ele estava desistindo dessa vida de estudo. O que, no fim, era melhor para mim. Eu acho.

Bom, voltando ao que importa: no fim, precisei mentir. Ou melhor, omitir. Convenci papai a me deixar dormir na casa de Petra, mas não mencionei a festa, Geny não permitiu. Ela disse que era óbvio que ele não ia deixar e não ia permitir que eu usasse isso como desculpa. Ela sabe bem o que passa na minha cabeça.

E acabou que fomos as duas para a casa da Petra, onde ela começou a nos “arrumar”. Não sei quanto à minha melhor amiga, mas eu estava sofrendo.

– Ai! – gritei de dor quando Geny começou a mutilar minha sobrancelha armada com uma pinça. – Isso é tortura!

– Pelo que eu saiba, não é uma festa de Halloween, – retrucou ela, calmamente – então você não precisa ir de Frankenstein. O que significa que essas sobrancelhas vão dançar.

Bufe e ela continuou me torturando.

Além do ataque às sobrancelhas, minhas unhas – já curtas – foram lixadas e pintadas com esmalte rosa claro. Meus cabelos foram lavados com trocentos produtos diferentes e depois passaram uma hora sofrendo na mão do secador. Minha pele foi encharcada por cremes e eu estava me sentindo uma palhaça com tanta pintura na cara. Não tinha me visto no espelho ainda, – Geny daria uma boa ditadora – mas pela quantidade de coisas que ela passou no meu rosto, eu tinha uma ideia. Base, pó, blush, máscara para cílios, sombra, iluminador, lápis, batom e mais um milhão de coisas que eu não sabia nem a utilidade.

Eu estava me sentindo tonta com tanta coisa. Odiava meu cabelo solto, queria prendê-lo, mas Geny me avisou que se eu estragasse a obra prima dela, ela comeria meu fígado no café da manhã. Meus olhos coçavam – ela me obrigou a colocar minhas velhas e quase nunca usadas lentes de contato – e eu me segurava para não lacrimar. Se eu borrarasse a maquiagem, Geny era capaz de me jogar de comida para os leões.

– Chega, por favor – murmurei, quando a vi trazendo um vestido nas mãos. – Mate-me, mas me poupe de mais essa provação.

Petra vinha atrás de Geny. Ela estava linda, com uma saia preta e uma blusa branca de seda. Seus cabelos estavam muito lisos, penteados para o lado, e seus olhos estavam destacados pela maquiagem.

– Nem adianta fazer drama – Geny disse, resoluta. – Você vai entrar nesse vestido nem que seja dopada.

– Ah, vamos lá, Tina – Petra disse com uma risadinha. – É divertido!

Assenti, resignada, mesmo achando que aquilo era tudo, menos divertido. Geny me vestiu, colocou os sapatos nos meus pés, penteou meu cabelo mais uma vez e deu uma última retocada no meu batom. Depois, se afastou e disse:

– Petra, você precisa ver isso...

Pronto, eu devia estar parecendo a Dercy Gonçalves bêbada.

– Mas o quê? – sussurrou Petra quando me viu direito. – Caramba, Tina, não é você. Definitivamente não é você.

Geny só conseguia sorrir, radiante. Petra me pegou pelos braços e me fez levantar. Nem preciso dizer que eu quase caí com aqueles saltos do inferno. Depois que eu recuperei o equilíbrio, Petra me arrastou até o espelho de corpo inteiro que havia no quarto dela, e me fez olhar para mim mesma.

Caramba, não era eu. Não era eu mesmo.

Minha pele continuava translúcida, mas não parecia um cadáver em decomposição no mar. Era como se fosse feita de seda, brilhante e macia. Meus olhos que viviam sempre escondidos atrás dos meus óculos, brilhavam, mas ao mesmo tempo pareciam misteriosos, como a névoa sobre o pântano. Uma mistura de sombras em tons diferentes de cobre sobressaía em minhas pálpebras e chamavam atenção para os longos cílios pretos que emolduravam meus olhos. Sempre tive cílios claros, que quase não apareciam, então era uma surpresa saber que eles existiam.

Minha boca parecia mais carnuda e bem contornada do que realmente era, pintada com um batom clarinho, cor de pêssego. Meus cabelos caíam em cachos perfeitos e suaves em minha cintura, mais comportados do que estiveram em toda a minha vida, brilhando vermelhos como o fogo. E o vestido que eu estava usando... não lembro da última vez que usei um vestido, acho que nunca usei um, pelo menos não um como aquele. Era simples, azul claro, com um decote redondo e mangas curtas, marcado na cintura e meio rodado. Era feminino e etéreo, mas muito curto. E nos pés eu estava usando scarpins cor de terra que mais pareciam um par de arranha-céus. Eu me sentia como uma fada. Ou uma princesa. Ou uma maluca.

– Não tem jeito de eu ir assim para lugar nenhum! – declarei.

Duas horas depois, eu estava descendo do carro da mãe da Petra na frente de uma casa enorme e linda. A casa era do tal do Tiago, o primo da

Petra. Saímos as duas do carro e, depois que se despediu da gente, a mãe dela foi embora alegando que a festa era só para os jovens.

De fato, adolescentes bonitos e sem um pingão de noção do ridículo eram o que não faltava ali. E nós ainda nem havíamos entrado na casa. Petra e eu fomos pelo caminho de cascalho do jardim até a porta da frente sentindo os olhares das pessoas que estavam por ali, em nós. Ou, pelo menos eu senti. A porta da frente estava aberta e nós entramos num hall lotado de garotos e garotas dançando ao som de alguma música eletrônica barulhenta. Eu sabia que não devia ter saído de casa hoje.

– Espera um instante – Petra gritou para se fazer ouvir em meio ao barulho. – Vou falar com a minha tia e já volto!

Depois disso, minha melhor amiga sumiu na multidão, deixando-me sozinha ali.

Eu estava um pouco nervosa. Ok, ok, eu estava praticamente histérica. Como as outras garotas conseguem se equilibrar nessas armadilhas mortais conhecidas como salto alto? Mordi os lábios e senti o gosto do batom. Isso nunca vai dar certo, o melhor que eu posso fazer é ir embora, tirar esse vestido e toda essa maquiagem da cara. Essa não sou eu, simplesmente não sou eu. Eu estou ridícula.

Levantei os olhos. Droga! Droga! Droga!

O que aquele garoto estava fazendo ali? Até na festa do primo da minha melhor amiga ele tem que estar?

Vicente me fitava descaradamente do outro lado do aposento, como se nunca tivesse me visto na vida. Mesmo de longe eu podia sentir a intensidade do seu olhar. Não queria que ele me visse assim. Virei-me para outro lado e fui até um balcão cheio de copos com bebidas. Peguei o primeiro que minha mão alcançou e entornei, tossindo quando o líquido forte queimou minha garganta. Aquilo definitivamente não era refrigerante. Dei dois passos para sair dali quando tropecei naqueles – malditos! – saltos e fui amparada pelo garoto que mais queria evitar.

– Pode me largar agora! – gritei, tentando me desvencilhar dele.

– Ei, se acalma – ele disse, como se estivesse domando um cavalo selvagem.

– Vou me acalmar mais rápido se você tirar as mãos de mim! – disse e finalmente me soltei dele, recuperando o equilíbrio e quase correndo dali.

Eu só tinha uma coisa na cabeça: achar Petra e desaparecer daquela festa no segundo seguinte, de preferência. O problema era que a desgraçada da minha – futura ex – melhor amiga não estava à vista em lugar nenhum.

– E aí, docinho? – disse uma voz arrastada no meu pescoço ao mesmo tempo em que senti mãos grandes e furtivas na minha cintura. – O que uma menina tão gata como você faz sozinha por aí?

Não estou acostumada com essas coisas, não sei lidar com isso, nunca soube. Fiquei assustada e tentei me soltar, usando minhas unhas inexistentes para tentar arranhar o garoto bêbado que me segurava. Sentia as lágrimas arderem atrás dos meus olhos cobertos por lentes de contato transparentes. Ele não estava me machucando nem parecia do tipo que me faria mal, mas eu estava histérica e nervosa.

– Solta ela, babaca – disse Vicente quando me alcançou, empurrando o cara para longe de mim e segurando-me pelo braço.

– Foi mal, Vince – o garoto respondeu, dando de ombros. – Não sabia que ela era sua.

– Some – mandou Vicente, irritado.

O garoto se misturou na multidão e desapareceu de vista, então Vicente foi me conduzindo através das pessoas até a parte de trás da casa, onde havia um quintal enorme, com um deck, uma piscina e algumas espreguiçadeiras. Eu me deixei levar, ainda nervosa pelo que havia acontecido. O lugar estava vazio.

– Você está bem? – ele perguntou, solícito.

– Sim. Não. Eu quero ir embora. Fica longe de mim – respondi.

Ele me fez sentar numa das espreguiçadeiras e sentou-se em outra, de frente para mim.

– Por que você me trata assim? – perguntou ele, genuinamente confuso. – O que eu fiz para você?

Esse menino andou bebendo? Ou está sofrendo de amnésia? Porém, só a ideia de enumerar tudo o que ele fez para mim durante essa semana me dava náuseas.

– Você ainda pergunta? – retruquei, encarando-o.

– Ora, é claro – respondeu ele, olhando-me como se realmente estivesse me vendo pela primeira vez. – Afinal nós nem nos conhecemos.

É o quê?

Definitivamente esse garoto ingeriu mais do que apenas álcool essa noite.

– Você está brincando comigo? – perguntei, levantando-me.

Ele fez o mesmo.

– É claro que não! Você me conhece? Eu juro que nunca a vi antes e... eu me lembraria se tivesse visto. Não quero que isso soe como uma cantada barata, mas...você é a garota mais linda que eu já vi em toda a minha vida!



Eu estava mais do que chocada. Sinceramente, se o Vicente chegasse para mim e dissesse que, quando ninguém está vendo, ele gostava de imitar as coreografias da Beyoncé, eu não ficaria tão embaçada como estava agora.

– Você está falando sério? – perguntei. Mas antes mesmo que qualquer palavra saísse da sua boca, eu percebi que sim, era sério. Seus olhos me diziam isso. Aquele par de olhos escuros como a noite me fitavam cheios de curiosidade, confusão e deslumbramento.

Por mim?

Definitivamente, Geny tem talento.

– É claro que sim – ele respondeu, olhando fixamente em meus olhos. – Quem é você? Qual o seu nome?

Aquilo estava mesmo acontecendo?

– Sou eu, a Ti... – parei no meio da frase.

– Ti? – repetiu ele, esperando que eu completasse meu nome.

O garoto não estava me reconhecendo.

– Ti... – comecei de novo. Ele me olhou interrogativamente.

Sou eu, a Tina. Era o que eu deveria dizer, é claro.

Mas não disse.

Uma ideia maluca, mas definitivamente maligna, surgiu na minha mente. Ora, por que não me aproveitar dele um pouquinho? Por que não aproveitar a burrice do Vicente e ter um pouco de diversão? Por que não me vingar? Então eu não disse: ei, seu babaca, sou eu, a Tina. Eu sorri, e o que saiu da minha boca foi:

– Prazer, Tiffany.

8



Tiffany

TIFFANY...

O que foi isso? É impressão minha ou meu coração acabou de pular uma batida? Quem é ela? Ela não é real, não pode ser. Impossível. Devem ter colocado alguma droga na minha bebida. Ela é perfeita demais para ser de verdade.

Tiffany baixou os olhos, parecendo meio nervosa. Olha para mim... Ela mordeu o lábio inferior e sorriu de novo, hesitante, levantando timidamente seus olhos azuis cinzentos. Deus, eu nunca vi nada tão lindo.

– Ahn, eu sou o Vince – falei, soando mais patético do que já soei em toda a minha vida.

Mas aquele sorriso... era impossível não soar patético olhando para o jeito como aqueles lábios rosados se esticavam de forma tão adorável, mostrando um vislumbre dos dentes muito brancos e perfeitamente alinhados, exceto os dois da frente, superiores, que eram apenas ligeiramente afastados.

Nunca pensei que dentes pudessem ser uma coisa sexy.

Assustei-me ao perceber que estava me segurando para não beijá-la. Aqui. Agora. Para falar a verdade, quis beijá-la desde o momento em que a vi, parecendo meio perdida, perto da porta. Nunca, em toda a minha vida, vi uma garota como ela. Pequena, delicada, etérea, linda, e



com um brilho especial nos olhos...Tiffany tinha uma beleza tão surreal, – quase sobrenatural – que eu temia que ela fosse uma criação do meu subconsciente, realizando uma das minhas mais obscuras fantasias.

Ou isso ou eu estava de fato muito bêbado.

– Acho que eu vou embora – ela disse com uma voz doce, ligeiramente familiar.

Mas claro que eu nunca a tinha escutado antes. Não era possível.

– Não! – disse, quase gritando. Não podia deixá-la ir embora. Não ainda. Nem nunca. – Quer dizer, você não acabou de chegar? Eu não a vi antes... e ainda está tão cedo.

– Você realmente não sabe quem eu sou? – ela perguntou, juntando as sobrancelhas vermelhas e perfeitas, e mexendo ligeiramente a cabeça, fazendo aqueles cachos longos balançarem, refletindo as luzes da piscina.

– Eu juro que nunca a vi antes de hoje – respondi sinceramente.

Por que ela continuava achando que eu devia saber quem ela era? Era simplesmente impossível. É claro que eu nunca a tinha visto antes. Eu nunca teria sido capaz de esquecê-la, nunca teria sido capaz de tirar da cabeça aqueles cabelos que pareciam fios de ouro vermelho, aquela pele translúcida e as pequenas e adoráveis sardas espalhadas por ela, que me faziam querer ligá-las com meus dedos. Aquele narizinho atrevido, a boca com a cor e a textura de uma pétala de rosa, as mãos de pianista, pequenas e com dedos longos... Tudo isso ficaria gravado para sempre em minha mente.

Mas aqueles olhos...aqueles grandes olhos que, ora brilhavam azuis e inocentes, ora cinzentos e tão misteriosamente densos que me impulsionavam a desvendar seus segredos, um por um... Ninguém seria capaz de esquecer esses olhos.

Eu nunca a esqueceria, ainda que vivesse por mil anos. Credo, estou ficando brega.

– Por que você está me olhando com essa expressão de maníaco da faquinha de pão? – Tiffany perguntou com sua voz doce, com um ligeiro tom divertido e um dos cantos da boca apenas um pouquinho levantado.

Sorri. Linda e com senso de humor. Dá para ficar melhor?

– Não se preocupe, não vou te fazer mal – respondi. – Deixei minha faquinha de pão e o requieirão em casa.

– Isso é um alívio – ela sorriu e usou uma daquelas lindas mãos para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Céus, ela estava flertando comigo? Sou o cara mais sortudo do mundo!

Abri a boca para falar alguma coisa, mas me encontrei sem ter o que dizer. Era a primeira vez que isso acontecia comigo, ficar sem ter o que dizer para uma garota por quem estou interessado. Mas de repente tudo o que eu costumava dizer para as garotas pareceu vazio e superficial, sem sentido. E, para falar a verdade, nenhuma dessas besteiras passou pela minha cabeça. Não havia nada de vazio ou superficial na Tiffany e eu não queria ser assim com ela, como eu normalmente sou. Ok, vamos encarar, na maior parte das vezes, eu sou só um babaca charmoso. E lindo, fala sério, nem dá para negar.

Mas eu queria mais que isso. Eu queria sinceridade e intensidade. Queria saber tudo sobre ela. Queria que ela soubesse tudo sobre mim.

Até esta noite, eu nunca tinha acreditado plenamente no amor, talvez por nunca ter sido amado pela primeira mulher importante na vida de um garoto, minha mãe. Sempre vi o amor como sendo meio falso, meio super valorizado, uma utopia. Algo que funciona bem nos livros e nos filmes, mas que não existia realmente na vida real. Mas amor à primeira vista? Sempre achei a maior de todas as besteiras. Mentira. Fantasia. Algo em que crianças e meninas ingênuas acreditam. Contos de fadas. Filmes da Disney. Idiotice.

Idiotice – ou devo dizer, loucura? – da qual estou sofrendo neste exato momento.

Sei que isso vai soar ridículo, para não mencionar clichê, mas estou apaixonado por essa garota de quem não sei absolutamente nada, a não ser o nome. E ela é a garota mais linda que já vi.

Apaixonei-me por ela antes mesmo de saber seu nome, antes mesmo de segurá-la quando ela se desequilibrou, o que me permitiu tocar sua pele de seda, ainda que só por um segundo. Apaixonei-me antes mesmo que o ciúme quase me rasgasse ao meio quando vi aquele desgraçado do Mateus colocar suas mãos sujas sobre ela. Apaixonei-me desde o primeiro momento em que me perdi em seus olhos.

Acho que a amo.

Sei que é loucura, mas é verdade. Nunca me senti assim por mais ninguém.

Tiffany é a outra metade que eu nem sabia que estava procurando. Ela me pertence, só não sabe ainda.

Mas se eu declarar isso de repente, o provável é que ela saia correndo e gritando pela polícia.

Vamos devagar, Vince.

Então achei melhor dizer:

– Você quer beber alguma coisa?  
Ela negou com a cabeça.  
– Comer?  
Outra negação.  
– Dançar? – continuei perguntando.  
– Sério? Com essas armadilhas que eu tenho nos pés? – perguntou horrorizada, sinalizando seus sapatos com salto alto. – Não estou no humor para torcer o pescoço, obrigada.

Eu ri, e aproveitei para dar uma olhada discreta em suas lindas pernas. Ei, eu nunca disse que era santo.

– Você deve saber que não precisa disso, não é? – perguntei, desviando o olhar de seus pés e pernas para seu rosto. – Ficaria linda calçando qualquer coisa. Chinelos. Tênis de corrida. Botas de combate. Qualquer coisa mesmo.

Ela ruborizou de modo tão adorável que eu nem sei como consegui evitar beijar suas maçãs do rosto rosadas.

Eu queria beijar as maçãs do rosto dela. Maçãs do rosto. E também o nariz, e as pálpebras, e os tornozelos, e cada centímetro daquela pele sobrenaturalmente perfeita.

Deve haver algo de errado comigo.

– Obrigada – Tiffany disse. – Mas é que eu sou muito baixinha.

Você é perfeita.

– Por que você não os tira? – perguntei, apontando para seus sapatos.

– Você está louco? Ge...ge

– Ge?

– Ge...geralmente isso é considerado deselegante. Principalmente em uma festa.

Ela estava com o rosto muito vermelho, completamente adorável.

– Tecnicamente, nós não estamos na festa. Estamos do lado de fora. Então não tem problema.

– Prefiro ficar com meus sapatos, obrigada.

Dei de ombros e sentei-me novamente na espreguiçadeira, esperando que Tiffany se sentasse também. Ela hesitou, mas acabou se sentando na ponta da outra espreguiçadeira, ficando de frente para mim.

– Então – comecei, para quebrar o silêncio – você conhece o Tiago?

– Quem?

– Tiago. O aniversariante. O dono dessa festa.

– Ah, sim. Quer dizer, não. Eu não o conheço.

– Entrou de penetra?

- Claro que não! – declarou ela, indignada.
- Calma, eu só...
- Uma amiga me convidou, ok? E ela conhece o Tiago!
- Tudo bem, calma. Não teria problema ainda que você tivesse vindo de penetra, muita gente faz isso.
- Eu não!

Ficamos em um silêncio constrangedor por alguns minutos, até que o celular dela tocou. Por um momento achei que o toque do celular era algo parecido com a música tema do Darth Vader, de Star Wars, mas aí ela atendeu e eu percebi que isso com certeza foi viagem da minha cabeça.

– Não, eu estou bem – Tiffany disse ao telefone, sem nem cumprimentar a outra pessoa, deixando claro que, quem quer que estivesse do outro lado da linha, era muito próximo a ela. – Não precisa, eu tenho que fazer uma coisa. Não, é sério. Isso mesmo, depois a gente se fala, não se preocupe. Não precisa esperar por mim, tchau.

Quem diabos era no telefone? Por que eu estou com tanto ciúme? Podia ser a mãe dela, sei lá. Eu precisei me controlar muito para não perguntar.

– Você já precisa voltar para casa? – perguntei, porque se realmente fosse a mãe dela no telefone, ela disse “não precisa esperar por mim”. Enfim, talvez ela deixasse escapar com quem estivera falando.

– Não, ainda não preciso – ela respondeu apenas, dando de ombros. – E você, conhece o Tiago? – perguntou então, retomando o assunto.

– Mais ou menos – respondi. – Ele é amigo do meu melhor amigo. Nos vimos algumas vezes.

Ela ficou calada. Eu também. Eu não sabia o que dizer. E o silêncio perdurou pelo que me pareceu um século. Até que ela perguntou:

- Vince é apelido?
- Sim – respondi, aliviado por ela ter quebrado o silêncio dessa vez.
- Meu nome é Vicente, mas ninguém me chama assim.

Ela levantou os olhos para mim, com um brilho estranho neles. Era meio como raiva ou mágoa, mas desapareceu tão rapidamente que acho que foi outra criação da minha cabeça.

- Ninguém? – perguntou.
- Ninguém – repeti. – Todo mundo só me chama de Vince. E você, tem algum apelido?
- Não – ela respondeu, seca.
- Onde você estuda?
- Não interessa.



Olhei para ela, meio surpreso. Qual era o problema?

– Quer saber de uma coisa, Vince – ela começou, dizendo meu nome com certo deboche. — Acho que estou perdendo meu tempo aqui.

Fiquei olhando para ela por alguns segundos, totalmente arrasado por dentro quando percebi o que ela quis dizer. Ela se levantou, me deu as costas e saiu andando. Eu também me levantei e a segui.

– Por que? – eu perguntei, quando estávamos a poucos passos da piscina.

Ela parou, ainda de costas para mim, e disse:

– Por que eu sou uma perda de tempo para você? – recriminei-me mentalmente por não ter conseguido afastar a dor da minha voz. Só esperava que ela não percebesse.

Ela se virou para mim, com aquele mesmo olhar estranho, que eu não conseguia ler. Hesitou e então disse, como se tivesse acabado de inventar uma mentira:

– Porque eu não te conheço direito, você é um completo estranho! É melhor eu ir.

Antes que ela se virasse novamente, eu a segurei pelo braço e a impedi. Eu podia ser um estranho agora, mas não seria para sempre. Se esse era o problema, ficaria mais do que contente em resolvê-lo.

– As pessoas sempre são estranhas antes de se conhecerem — eu disse, fitando-a direto nos olhos cinzentos, que se mostravam ao mesmo tempo temerosos e curiosos. — E é em um momento como esse que decidimos se queremos ser apenas isso um para o outro ou não. Tudo bem, é esquisito, porque eu acabei de te conhecer, mas eu sei de uma coisa. Eu sei que não quero ser só um estranho para você.

Ela voltou seu olhar com algo ao mesmo tempo firme e frágil naquele cinza hipnotizante.

– E o que você quer ser? — ela perguntou, surpreendendo-me.

E eu acabei surpreendendo-a também. Não sei o que deu em mim, só sei que aquela pergunta fez transbordar tudo que eu estava sentindo. Eu apenas precisava dela mais perto. Bem mais perto. Em mim, debaixo da minha pele.

Puxei-a pelo braço que ainda não tinha soltado, encostando seu corpo no meu, e abaixei meu rosto para o dela, nossas bocas separadas por uma respiração.

– Seu — respondi, fechando os olhos e me inclinando para beijá-la.

Para ser sincero, não sabia o que esperar daquele primeiro toque, daquele primeiro carinho, era como mergulhar em águas escuras e inex-

ploradas, sem saber o que iria encontrar. Não tinha a menor ideia de como seria, mas não poderia ser nada menos que especial. Inesquecível. E tudo o que eu soube foi que, no segundo seguinte, meu mundo virou de cabeça para baixo e eu me senti caindo num mar de água quente, que me envolvia como uma luva cálida e me fazia perder o fôlego.

Foi apenas quando perdi o ar e submergi, que eu percebi o que a linda Tiffany havia feito.

Talvez não especial, mas definitivamente inesquecível.

Céus, eu amo essa garota. Foi o que pensei antes de começar a rir e, depois de alguns segundos, a minha bela ruiva começou a rir também, fazendo todo o clima ruim se dissipar e tornando o mundo mais perfeito. Que importava que ela tivesse me empurrado na piscina?

Eu bem que sentia falta de um desafio.

— Não vai querer me ajudar a sair daqui? — perguntei, balançando os cabelos para tirar a água deles e enxugando os olhos.

— Só para dar a você a chance de me puxar? Não sou tão idiota — ela respondeu, sem parar de rir.

— Não, você não é idiota. É só malvada. Pensei que ia querer me fazer companhia. A água está ótima.

— Iria arruinar meu vestido.

— Então tire-o — eu sugeri e isso só a fez rir ainda mais.

Fitei-a sério e ela foi gradativamente parando de rir. Percebeu que eu estava falando sério e levantou as duas sobrancelhas para mim, e foi minha vez de rir.

— Tudo bem, tudo bem — falei, levantando minhas mãos em um gesto de rendição. — A garota é tímida, eu entendi.

Ela ficou calada, apenas me olhando com uma mistura de confusão e audácia. Seus grandes e gloriosos olhos cinzentos – diferente de minutos atrás – agora pareciam tão fáceis de ler! Mas, ao mesmo tempo, e eu sei que isso é um paradoxo, escondiam sombras nos cantos, fazendo-a se tornar misteriosa e interessante, mas sem a dissimulação que eu costumo enxergar nos olhos das garotas com quem saio. Não parecia haver nada planejado nela e nem naquele olhar que estava acabando comigo. Era quase como se ela estivesse se libertando e fazendo tudo o que passasse em sua cabeça.

Como me empurrar na piscina para que eu não a beijasse.

Eu já estava na borda da piscina, pronto para sair, quando Tiffany tirou os sapatos e jogou-os de qualquer jeito na espreguiçadeira. Antes que qualquer pensamento pudesse cruzar minha mente, ela se atirou na



água, a poucos metros de mim. Quando sua cabeça saiu da água, com o cabelo molhado e escurecido, os olhos fechados e gotas presas em seus cílios, pensei que estava sonhando, afinal sereias não existem. Então ela abriu os olhos e colocou os cabelos para trás com as mãos. E sorriu.

Aproximei-me dela, quase sem saber o que estava fazendo, não era como se eu pudesse me conter. Ela era um imã e parecia que eu nunca estaria perto dela o suficiente.

Parei quando estávamos separados por meros centímetros e eu era capaz de sentir sua respiração úmida em meu pescoço. Ela levantou a cabeça para me olhar e eu percebi que o rímel que ela usava começava a escorrer, deixando uma linha preta em suas bochechas.

Quando eu a vi pela primeira vez, achava que nunca mais veria algo tão lindo.

Estava errado.

Nada seria mais bonito que Tiffany naquele exato momento, com os cabelos molhados, a maquiagem escorrendo, o vestido azul flutuando, o sorriso mais sincero que eu já vi e aqueles olhos mostrando uma alegria quase infantil, daquelas que sentimos quando fazemos algo errado e impulsivo.

— Você me deve um vestido — ela disse, sem parar de sorrir.

Eu apenas assenti, não confiando em minha voz para falar alguma coisa. Eu já sabia que daria tudo o que ela quisesse, sempre que quisesse. Afinal, eu já era total e completamente dela.



9



# Mas é muito otário mesmo

— VOCÊ É LOUCA, POR acaso?

Bom, não posso dizer que não estivesse esperando por isso.

— Como você pode fazer isso? O que você tem na cabeça?

Não resisti e respondi:

— Cabelo.

O que só fez Geny grunhir e dar um tapa forte no meu ombro, que quase fez com que eu derrubasse o secador de cabelo.

Não, eu não estava realmente usando o secador. Não no meu cabelo, pelo menos. Nem sei como se faz isso. Eu estava tentando secar a bateria do meu celular.

— Sério, Tina, qual é o seu problema? — minha irmãzinha perguntou com a voz carregada de frustração.

Verdade, qual é o meu problema?

Sinceramente, não sei o que deu em mim noite passada. Foi quase como se outra pessoa se apoderasse do meu corpo e me obrigasse a fazer coisas insanas. Coisas completamente fora da minha órbita. Coisas que eu nunca deveria ter sequer pensado em fazer. Coisas que eu adorei ter feito.



Acho que Tiffany é uma parte de mim, da minha personalidade, que eu nem sabia que tinha. Até porque, de certo modo, foi fácil interpretá-la. Depois que eu relaxei, ela fluiu naturalmente de mim, como se eu sempre tivesse sido a bela e interessante Tiffany, e a nerd e estranha Maria Valentina fosse apenas uma casca. Tudo começou com a vontade de me vingar daquele ridículo do Vince, mas agora, não sei mais de nada.

Como eu sou estúpida. Geny tem todo o direito de estar furiosa. Conteí tudo para ela assim que cheguei em casa e a garota não podia estar mais transtornada. Descobrir que a irmã mais velha sofre de um sério caso de transtorno de personalidade e cria alter egos para si mesma com o intuito de enganar um garoto. Não deve ser fácil.

— Juro que não entendo! — continuou Geny, gesticulando furiosamente com as mãos e dando voltas pelo quarto. — O que leva uma pessoa a fazer uma coisa dessas?

— Eu sei que o que eu fiz foi estúpido — comecei, mas Geny estava alterada demais para me deixar terminar.

— Estúpido? — ela repetiu, incrédula. — Estúpido é sacudir uma lata de Coca-Cola e abri-la na sua própria cara. Chamar o que você fez de estúpido é o cúmulo do eufemismo!

Ok, Geny já estava indo longe demais.

— Geny, eu tinha bebido e eu não estava pensando direito...

— Claro que você não estava pensando direito! — ela gritou. — E quem mandou você beber? Eu devia ter desconfiado que você ia acabar se tornando um perigo para si mesma naquela festa. Por que raios a Petra te largou sozinha?

Isso é verdade, se Petra não tivesse sumido e me deixado por minha conta, nada daquele desastre teria acontecido.

— Tanto trabalho...um vestido tão lindo...e você o estragou desse jeito! Por que você não pensou antes de se jogar naquela piscina?

Espera aí... Desliguei o secador e me virei para ela. Talvez eu não tenha escutado direito.

— Você tá fazendo todo esse escândalo por causa do vestido? E toda parte em que eu fingi ser outra pessoa como parte de um plano para me vingar do menino mais ridículo da escola?

— Ah, isso foi genial, Tina! — exclamou minha irmãzinha que, eu acabava de descobrir, tinha sérios problemas mentais. — Sério, foi incrível! Pelo que você me disse, o garoto ficou caidinho pela sua versão Tiffany! Que eu criei, só para constar. Você não teria ficado tão linda se não fosse por mim.

Entre os problemas mentais de Geny está a total incapacidade de achar a palavra modéstia no seu dicionário.

— Você não vai dizer que foi loucura? — perguntei, genuinamente chocada.

— Loucura foi o que você fez com o vestido, querida irmã. A parte de fingir ser outra pessoa para fazer aquele moleque implicante se apaixonar, só para depois dar um fora nele e assim se vingar em nome dos nerds... Isso foi simplesmente malvado. O que quer dizer que eu adorei!

Acho que esqueci como se fecha a boca.

— Você tá falando sério?

— Tina, como você é cansativa! Já disse que, tirando a parte em que você destrói um vestido perfeito, eu simplesmente amei o seu plano — ela respondeu, revirando os olhos e começando a andar em círculos pelo meu quarto. — Agora nós só precisamos pensar num jeito de você continuar com isso sem ser descoberta.

— Continuar? Agora eu é que pergunto: você é louca, por acaso? Tiffany nasceu e morreu ontem! E não há nada que possa trazê-la de volta.

— Nem as... —

— Não, nem as malditas esferas do dragão! — às vezes Geny é tão descolada que esqueço que ela também tem algumas tendências nerds.

— Mas... — tentou sugerir Geny.

— Chega, Geny! Eu realmente preciso de um tempo sozinha agora.

Geny bufou e colocou uma mecha do seu longo cabelo ruivo atrás da orelha. Virou-se e foi em direção à escada do sótão onde estávamos, o único lugar onde não éramos incomodadas.

— Ótimo, eu vou — ela foi murmurando, a voz diminuindo de acordo com seus passos na escada. — Mas você sabe que isso não pode acabar agora. Covarde!

Bufei também, largando a bateria do meu celular na mesinha e me jogando na cama. Sufoquei um grito no travesseiro, rolei na cama e fiquei olhando para o teto, sem saber se estava furiosa ou assustada.

Talvez um pouco dos dois.

Tudo sobre a noite de ontem foi incrível. Tudo. Desde o momento em que eu decidi começar essa loucura de fingir ser outra pessoa, até o momento em que fiquei tão assustada quando Vicente pareceu a ponto de me beijar, que o empurrei na piscina. E depois também.

Fechei os olhos e era como se pudesse vê-lo, ali, a meros centímetros de mim, sorrindo como uma criança, os cabelos escuros e molhados caindo nos olhos que brilhavam como se fossem estrelas irradiando luz.

Meus lábios pareciam incapazes de relaxar e meu sorriso parecia colado em meu rosto enquanto nos olhávamos mergulhados até o pescoço na piscina do Tiago. Meus pés não tocavam o chão e eu já estava ofegante pelo esforço para não imergir. Vicente, ao perceber, colocou suas mãos em volta da minha cintura e me puxou para ele, segurando-me. Ele se moveu tão rápido que só percebi o que havia acontecido quando meu rosto já estava encostado em seu ombro coberto pela camisa encharcada. Ele estava com cheiro de cloro, perfume amadeirado e um pouquinho do que lembrava amaciante de roupas floral. Eu sei porque respirei fundo para sentir.

Para ser sincera, eu não sabia o que fazer. Nunca estive tão perto de um garoto assim, nem mesmo Silas tivera tanta liberdade comigo. Mas eu não me sentia mal ou sufocada, como achei que iria me sentir. Só parecia ser o certo naquele momento. Natural. Então, quando ele passou as mãos pela minha cintura e aproximou mais nossos corpos num abraço tão suave e doce, eu não fiz nada além de fechar os olhos e ouvir o ruído de nossas respirações molhadas e das batidas aceleradas do meu coração.

Maria Valentina nunca deixaria Vicente chegar tão perto, não sem brigar. Mas Tiffany era outra garota. E ela não apenas o permitiu abraçá-la, como gostou de estar em seus braços.

Era como estar em transe ou em alguma realidade paralela. Simplesmente não parecia real, era como estar sonhando. Talvez por isso mesmo eu tenha me permitido fazer coisas que, na vida real, nunca teria feito.

Mas aquilo era a vida real.

E isso ficou claro quando ouvimos vozes de um grupo de adolescentes que saía da casa em direção ao deck e à piscina. Só havíamos ficado abraçados por poucos segundos, apesar de que – só para ser clichê – tenha me parecido muito mais tempo. Soltei-me de Vicente imediatamente e afundei, engolindo um pouco de água da piscina. Ele me segurou, mas mantendo-se distante, e eu me contive para não tossir. Entrei em pânico quando vi aqueles garotos e garotas vindo em nossa direção. Eu não queria que ninguém nos visse daquele jeito, seria simplesmente mortificante.

Olhei suplicante para ele, esperando que ele tivesse uma ideia para nos tirar dali, mas não ousando falar uma palavra. Felizmente ele pareceu entender e sussurrou:

– Você confia em mim?

Hesitei, porque é claro que eu não confio em um garoto com o desenvolvimento mental de uma samambaia, isso simplesmente seria pedir demais.



Mas então pensei que esse pensamento era tão Tina. E naquele momento eu não era Tina, então podia simplesmente fazer o que quisesse.

Inclusive confiar naquele garoto que agora olhava para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo inteiro.

Então devolvi seu olhar e assenti.

Ele sorriu.

– Respire fundo – ele disse, apenas mexendo os lábios. – Agora prenda a respiração.

Fiz o que ele disse e no segundo seguinte ele me empurrou para baixo d'água. Abri os olhos e o vi, também embaixo d'água. Seus cabelos balançavam como se fossem soprados pelo vento e sua pele parecia anormalmente azulada. Ele estava tão bonito! Seus olhos castanho escuros pareciam pretos e me olhavam como nunca fui olhada em toda a minha vida. Era algo quase como uma adoração. Era mais ou menos como a emoção que vi nos olhos do papai enquanto ele olhava a última foto da mãe que ainda não havia queimado, bem antes de jogá-la no fogo. Só que também havia mágoa e dor naquele olhar, ao contrário do de Vicente, que era tão cristalino como a água em que estávamos. Havia esperança e felicidade ali.

Não resisti e sorri, mesmo que isso fizesse a água entrar na minha boca. E Vicente tocou com cuidado uma mecha esvoaçante do meu cabelo.

Isso tudo durou apenas poucos segundos e logo ele me fez nadar silenciosamente pelo fundo da piscina até o outro lado, que era meio escondido por uma fonte e onde havia uma escada. Ninguém poderia nos ver dali.

Meus pulmões já estavam queimando quando chegamos lá, já que Tina nunca teve muito fôlego, Tiffany então, parecia perdê-lo constantemente. No entanto, quando emergimos, Vicente, ao contrário de mim, não parecia nem um pouco ofegante.

Confesso que isso me irritou um pouco.

– Pronto, você está a salvo, minha sereia – ele sussurrou com uma pitada de diversão na voz.

– Me chame de sereia de novo e eu cravo o salto do meu sapato na sua língua...meus sapatos!

Se eu chegasse em casa com o vestido encharcado, a maquiagem borrada, o cabelo arruinado e, ainda por cima, sem os sapatos, eu seria definitivamente assassinada por Geny.

– Você precisa ir pegá-los! – exigi.

– Eu? – Vicente perguntou, incrédulo. – Mas eles são seus! E você acabou de dizer que pretende usá-los para me mutilar!

– Eu prometo não fazer uso deles para perfurar qualquer parte do seu corpo – prometi, ainda incerta se cumpriria isso ou não. – Agora vá pegá-los!

Vicente suspirou e saiu silenciosamente da piscina, murmurando baixinho algo que soou muito como “o que eu não faço por você?”, mas acho que isso foi excesso de água nos meus ouvidos.

Quando Vicente saiu totalmente da piscina, notei algo meio perturbador. Sua camisa escura e seus jeans meio que colavam em seu corpo por causa da água, delineando seus músculos perfeitamente definidos. Futebol e surfe são definitivamente as atividades físicas que os homens deveriam praticar se quisessem arrancar das garotas a reação que o corpo do Vicente arrancou de mim. Meu coração ficou meio engraçado, sabe? Bom, nem eu, isso é loucura completa.

Apertei os olhos e balancei a cabeça, fazendo gotas de água se soltarem do meu cabelo. Eu estava começando a enlouquecer. Mas quando abri os olhos, esqueci isso completamente, porque fiquei muito ocupada me segurando para não rir.

Ver Vicente se arrastando escondido de planta em planta era de fato uma cena engraçada. Precisei morder minha mão para não gargalhar quando ele se escondeu atrás de uma samambaia enorme pendurada num suporte para plantas. Era realmente engraçado vê-lo conviver com sua própria espécie.

Espere, isso foi bem malvado. Dane-se, Tiffany pode ser malvada de vez em quando, certo?

O grupinho que havia saído da casa havia sentado numa das mesas próximas das espreguiçadeiras em que eu e Vicente estivemos mais cedo. Mas eles pareciam tão bêbados e focados em sua própria conversa que não viram meu salvador de scarpins se esgueirar ali perto e pegar meus sapatos. Fechei os olhos e suspirei, aliviada.

Logo ele veio até mim e sussurrou:

– Vamos sair daqui – e pegou minha mão com firmeza para me levar para longe dali.

Apenas o segui em silêncio, com o vestido colado no corpo, descalça e com os cabelos molhados. Fomos até a frente da casa que estava vazia e – convenientemente para mim – escura. Vicente me arrastou até o carro que reconheci como sendo o que viera nos buscar na escola nas vezes em que fui estudar na casa dele. Mas não havia sinal do motorista antipático



em lugar nenhum. Vicente parou e tirou do bolso uma chave, apertando a trava automática, que não funcionou.

– Valeu à pena – murmurou, antes de abrir o carro com a chave normal mesmo.

Sorri e ele abriu a porta do passageiro para mim, fechando-a assim que me acomodei e dando a volta no carro para se sentar no assento do motorista.

Estava escuro e confortável dentro do carro e, aparentemente, Vicente não se importava se estávamos molhando seu banco de couro. Também não me importei.

– Você tem idade para dirigir, Vince? – perguntei em minha voz anormalmente doce e lembrando de chamá-lo pelo apelido. Eu sabia que ele tinha 16, como eu, mas Tiffany não.

– Na verdade, não – ele respondeu, parecendo meio tímido. – Mas minha mãe nunca está em casa, então não tem realmente alguém que me diga o que posso ou não fazer.

Estremeci. Era a primeira vez que o ouvia falar da mãe e havia tanta dor em sua voz! Uma pena que eu apenas pudesse ver sua silhueta nas sombras, que não me davam acesso aos seus olhos tão expressivos. Queria saber o que ele estava sentindo.

Fiquei sem ter o que dizer por um momento e então Vicente ligou o carro e disse:

– Não vou nos matar, não se preocupe. Só quero levá-la a um lugar especial.

Assenti e o vi dirigir numa velocidade surpreendentemente devagar – acho que por minha causa. Ficamos em silêncio o tempo todo, ouvindo apenas o ronco suave do motor. Percebi que estávamos indo em direção à praia, e não demorou muito para chegarmos lá, já que quase não havia carros na rua. Ele estacionou bem perto da areia, mas não fez nenhum movimento para descer do automóvel. Eu também não. Ele apenas tirou seu cinto de segurança, depois o meu, e inclinou nossos encostos para trás. Então apertou um botão que abriu o teto solar do carro e deitou-se, olhando para o céu. Fiz o mesmo.

Apesar de ser bem tarde, o céu não estava negro. Estava aquela mistura de rosa e vermelho, cheio de nuvens, como se fosse chover. E até o ar carregava o cheiro de chuva com a brisa úmida que vinha do mar. De alguma maneira, era ainda mais bonito do que se o céu estivesse estrelado. Dessa maneira, tão denso e carregado, era quase como se o céu estivesse vivo, respirando. Fechei os olhos e aspirei o cheiro de areia molhada e sal.



Uma parte de mim sussurrou dentro da minha cabeça que não queria que aquela noite acabasse.

E o problema é que não tenho certeza se a “parte” foi Tiffany ou Tina.

Não posso negar, eu me sentia feliz. Livre. Como acho que nunca fui na vida. O que é uma loucura, afinal, como posso me sentir feliz com uma pessoa que odeio tanto?

Mas quando eu havia me divertido desse jeito?

Quando havia sido tão espontânea assim?

Eu sabia a resposta para isso. Nunca. E isso me assustou. Muito. Principalmente quando senti os dedos de Vicente se apertarem ao redor dos meus, segurando minha mão com tanto cuidado, mas, ao mesmo tempo, com tanta necessidade. Como se fosse algo que ele precisasse fazer.

Como se fosse algo que eu precisasse que ele fizesse.

– Por que me trouxe aqui? – perguntei, rompendo aquele silêncio que não era bem um silêncio, já que o vento zumbia agradavelmente em nossos ouvidos.

– A praia é uma parte de mim – ele respondeu. – O segundo lugar no mundo onde eu mais amo estar. Por isso aprendi a surfar, para ter mais um motivo para estar sempre aqui.

– Você surfa? – perguntei baixinho. Por um momento, odiei precisar fingir que não sabia.

Ele assentiu.

– Ainda não respondeu minha pergunta – insisti, ainda olhando para o céu. – Por que me trouxe aqui?

– Acreditaria se eu dissesse que foi porque quis simplesmente dividir uma parte tão importante de quem eu sou com você?

Fechei os olhos, absorvendo suas palavras, deixando-as fazerem maravilhas em minha alma por um momento. Mas me repreendi mentalmente por não me conter. Esse tipo de sentimento é sempre muito perigoso. Ninguém devia ter o poder de fazer outra pessoa se sentir tão bem. Podia acabar se tornando um vício.

– Não sei – respondi finalmente, soltando nossas mãos.

– Me conte alguma coisa sobre você – ele pediu, depois de alguns segundos.

Alguma coisa? Qualquer coisa? Algo que importe? Algo verdadeiro? Uma banalidade? Eu simplesmente não sabia o que dizer e de repente isso era muito importante para mim.

Lembrei que Tiffany fazia coisas impulsivas como pular na piscina completamente vestida, então fechei os olhos e disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

– Quando eu era pequena, queria ser astronauta.

– Toda criança já quis ser astronauta, Tiffany – ele respondeu, zombeteiro.

– Talvez, mas não pelo mesmo motivo que eu.

– E qual era esse motivo?

– Você sabe aquela sensação de alívio que temos quando voltamos para casa depois de uma longa viagem, não importando quão boa ela tenha sido? Eu tenho essa sensação quando olho para minha casa porque eu sei que lá dentro estão tudo e todos que eu amo. Mas quando você ama alguém, mas não sabe onde essa pessoa está, em todo o mundo? Eu só queria ir para o espaço para poder olhar a Terra e saber que, em todo o universo, era ali que em algum lugar estava essa pessoa – confessei, sem saber o porquê, já que era algo que eu nunca tinha dito a ninguém.

– É estúpido, eu sei, mas...  
– Não é estúpido – Vicente disse, inclinando-se para poder me olhar, ainda que não desse para ver muita coisa naquela semi escuridão.  
– É lindo.

Senti meus olhos arderem, mas não podia chorar. Não ali. Não naquele momento. Não na frente do garoto que eu mais detestava em todo o mundo.

O ódio é um sentimento esquisito, não é? Faz coisas engraçadas com a sua barriga. Como se houvesse um monte de borboletas dentro dela.

– Quem era? – ele perguntou. – Quem era a pessoa que você amava tanto?

Virei-me para fugir do seu olhar que, mesmo no escuro, me queimava com sua intensidade.

– Agora não importa mais – respondi. – Nunca poderei vê-la de novo. Nem sequer lembro-me do seu rosto.

Agradei mentalmente por Vicente não ter mais insistido no assunto e me assustei ao olhar no painel do carro e perceber que eram quatro da manhã. Insisti para irmos a um ponto de táxi, apesar de Vicente ter dito que não tinha problemas em me deixar na minha casa.

– Eu moro muito longe – menti.

– Não tem problema – ele disse. – Eu levo você em qualquer lugar. E está muito tarde para pegar um táxi.

– Não! Está bem? Eu vou de táxi, e você me levar não é uma opção.

Visivelmente contrariado, ele finalmente aceitou. Calcei meus sapatos e saí do carro dele, que havia aberto a porta para mim. Vicente já tinha conseguido o táxi e o havia pagado enquanto eu estivera me fazendo apresentável. Meu vestido já estava quase seco, mas cheirava a cloro. Meu cabelo estava em situação similar, porém era ainda pior porque estava meio duro e cheio de nós. Tentei ajeitá-los da melhor maneira possível e limpei as manchas pretas que o rímel havia deixado em minhas bochechas. Estava tão cansada que não tive nem forças para me importar de ter ficado a maior parte da noite com o rosto manchado daquele jeito.

– Bom – eu disse quando já estava pronta para entrar no banco de trás do táxi. – Muito obrigada por... Na verdade, não sei pelo que estou agradecendo.

– Que tal por eu ser excelente companhia? – ele brincou.

– É, deve ser por isso mesmo – respondi sorrindo, finalmente notando um pouco do Vicente que eu conhecia antes. Sendo legal ou sendo um ogro, o garoto continuava se achando a última Coca-Cola gelada do deserto.

– É melhor eu ir – falei, com medo por não estar com a mínima vontade de ir.

– Por que tenho a impressão de que nunca mais nos veremos de novo? – ele perguntou, tornando-se sério de repente.

Eu não fui capaz de responder.

– Vicente, certo? – eu disse em tom de pergunta. – Se for para nos vermos de novo, eu acharei você.

Depois disso entrei no táxi e fiquei vendo Vicente pelo vidro traseiro enquanto o carro se afastava. Confesso que achei que ele não fosse me deixar ir embora, seu olhar me dizia isso. E uma pequenina parte de mim quis que ele não deixasse.

Só faltava a chuva para dar um ar mais dramático, não é? Bom, infelizmente ela só chegou com a luz da manhã, cegando-me com sua realidade. Acabou.

Levantei da cama me sentindo meio tonta. Nem percebi que havia cochilado, mas aparentemente dormi muito, acaso a luz fria de fim de tarde que entrava pelas janelas servisse de indicação. Minha cabeça doía um pouco e meu estômago roncava. Eu definitivamente havia perdido o almoço. Desci as escadas do sótão e fui até a cozinha. A casa parecia vazia. Abri a geladeira, mas não havia nada comestível, só as coisas saudáveis que papai e Geny comiam e que eu, como qualquer pessoa normal, odiava. Fui até o armário em cima do balcão da cozinha (precisei subir

no balcão para alcançá-lo, como é bom ser baixinha) e peguei a caixa de cereal. Coloquei quase todo o conteúdo da caixa em uma caneca e peguei uma colher. Sempre comi cereal sem leite porque detesto a consistência que os flocos adquirem quando molhados. É meio nojento.

Fui para a sala e não havia ninguém lá também. Domingos são realmente deprimentes, em uma casa vazia então... a única vontade que eu tinha era a de me encolher em um cantinho e esperar a segunda-feira chegar. Percebi que a luzinha da secretária eletrônica estava piscando, fui até a mesinha e apertei o botão do telefone. A voz grave e constantemente irritada souou como se ele estivesse ali:

– Vou trabalhar a noite inteira e Maria Eugênia foi fazer um trabalho da escola na casa daquela amiga dela, a Magno. Se ela não voltar até às 7 horas, me ligue.

Como sempre, sem nenhuma saudação, nenhum “oi filha”, ou sei lá, qualquer coisa que indique que ele não é uma máquina. Mas tudo bem, já devia estar acostumada com isso. Olhei o relógio e vi que já eram quase sete da noite, mas não me preocupei nem pensei em ligar para o papai. Sabia que a mãe de Sarah Magno traria Geny em casa, como sempre fazia quando ela ia para lá.

Terminei meu cereal e subi para o sótão, peguei meu celular e a bateria e desci de novo. Fui para o banheiro e escovei os dentes, depois coloquei a bateria no aparelho e tentei ligá-lo. Foi realmente muita burrice ter me jogado na piscina sem tirar o celular do bolso do vestido. Bom, pelo menos eu salvei os sapatos.

O celular funcionou e a primeira coisa que eu percebi era que havia uma mensagem bem desaforada de Petra. Tudo bem, ela estava meio danada da vida comigo. Eu cheguei às 5 horas da manhã na casa dela, precisei me esgueirar pela janela como uma fugitiva da polícia e sei que ela teve que mentir para a mãe dela dizendo que eu estava dormindo embaixo das cobertas, que estavam – olá sr. Clichê, você por aqui? – cheias de travesseiros. Depois, saí de lá antes das nove da manhã, quando ela ainda estava dormindo.

E ainda por cima, eu não contei absolutamente nada para ela. Sério, Petra é minha melhor amiga e eu a amo muito, mas simplesmente sei que ela não entenderia, faria um escândalo pior que o de Geny e, não sei! Simplesmente não pude me abrir com ela. Sabia, de algum modo, que a coisa não daria certo. Por isso ela não sabia nada sobre Tiffany e Vince.

Suspirei e nem me dei ao trabalho de responder à mensagem. Tentaria falar com ela na escola amanhã. Resolvi tomar um banho e fui bus-

car uma toalha nova na lavanderia. Depois de pegar uma toalha branca e felpuda, resolvi catar algo para vestir na pilha de roupas limpas por pura preguiça de subir até meu quarto. Foi quando vi a camisa do South Park que Vicente havia me emprestado quando eu tomei banho na casa dele, e que eu havia colocado na máquina de lavar há alguns dias. Sem hesitar, peguei-a da pilha junto com uns shorts de algodão e corri para o banheiro. Depois do banho, vesti a enorme camisa e os shorts e fiquei olhando para meu reflexo no espelho. Os dizeres *I Killed Kenny* estavam ao contrário no espelho, mas se eu baixasse os olhos para a blusa, podia ler direitinho. Passei as mãos pelo desenho de Kenny, quase prendendo a respiração.

O que havia de errado comigo?

A porta do banheiro foi aberta e Geny entrou lá, toda sorridente. Eu levei um susto e quase gritei. Quando minha querida irmã percebeu o que eu vestia, começou a rir sem parar.

– E ainda me diz que não vai continuar com a farsa? – zombou ela.  
– Você quer continuar!

Enfurecida, empurrei-a e saí do banheiro, correndo para o meu quarto. Antes de subir as escadas, gritei:

– São quase oito horas, eu devia ter ligado para o papai!

A resposta dela foi clara:

– Se eu contar tudo o que você já fez, Tina, ele não se importaria comigo nem se eu só aparecesse aqui amanhã.

Bufei e subi as escadas para o sótão. Joguei-me na cama e, pela segunda vez hoje, fiquei mirando o teto. Como se o meu teto fosse interessante. Eu nem tinha aqueles adesivos de estrelas que brilham no escuro e que são patéticos.

Acho que vou arrumar alguns.

Meu celular vibrou no bolso do short e eu o peguei, achando que era mais uma mensagem ofensiva da Petra.

Não era.

Petra não era o Cérebro de Mosca.

Meu coração pulou uma batida. Duas, na verdade. E acelerou tudo de uma vez, como se eu tivesse subido e descido as escadas do sótão pelo menos umas vinte vezes. Minhas mãos começaram a suar.

O que ele queria comigo?

E se ele tivesse descoberto tudo?

O que fazer?

Levantei da cama e dei umas cinco voltas pelo quarto, apertando o celular recém-chegado do mundo dos mortos nas mãos.



Será que eu devia afogá-lo de novo?

Não. Eu precisava ver. Precisava ver o que Vicente tinha dito naquela mensagem. Apertei a tecla para abri-la, sentindo meu sangue fluir gelado pelas veias.

*Ei, coisinha nerd, a nossa próxima aula será amanhã, mesmo horário de sempre. Nem tente reclamar!*

Fiquei olhando para o telefone como uma pateta. Minha expressão deve ter sido cômica, mas eu só sentia vontade de quebrar alguma coisa naquele momento.

Mesmo temerosa, eu ainda queria que ele descobrisse. Sabe, queria que ele não fosse tão cego e sacasse que a garota cuja companhia ele aparentou ter gostado tanto era na verdade a nerd que ele tanto desprezava.

Mas ele é muito otário mesmo.

Talvez eu devesse simplesmente fazer como Geny disse e arranjar um jeito de continuar com isso, não é? Eu queria fazê-lo sofrer, afinal de contas. Essa foi a ideia inicial, me vingar dele.

Mas agora, como eu posso continuar com isso?

Como posso não continuar?

Talvez eu realmente queira ser a Tiffany só por mais um tempo. Talvez eu mereça isso. Talvez.

Isso é tão louco, mas é simplesmente mais forte que eu.

Suspirei e levei a gola da camisa até o nariz. Cheirava a lavanda, o mesmo cheiro de todas as minhas roupas. Nada como aquele cheiro dele ontem à noite. Deitei-me na cama de novo e comecei a brincar com a barra da camisa. Fechei os olhos e respirei fundo.

Eu já sabia o que iria fazer.



10



## Meu mistério favorito

– MAS QUE MALDITA DIFERENÇA aprender números complexos vai fazer na minha vida? – perguntei frustrado, jogando a lapiseira na mesa e cruzando os braços. – Essa bosta não serve para nada.

Maria Valentina nem ao menos levantou os olhos do livro que estava lendo, *É Fácil Matar*, de uma tal de Agatha Christie. Eu estava preso no quarto com uma sociopata?

– Maria Valentina! – gritei, querendo a atenção dela e irritado por ela mal ter olhado para mim, desde que chegamos em casa.

– Você é burro, por acaso? – perguntou calmamente enquanto virava uma página daquele maldito livro. – Não conhece uma coisinha chamada faculdade? Essa bosta, como você tão brilhantemente definiu, vai separar pessoas como eu, de pessoas como você. Ou seja, pessoas que vão se formar na faculdade, ser alguém na vida e, provavelmente, passar as férias num cruzeiro no Caribe, o que é o meu caso, e – olhou depreciativamente para mim – o próximo Zé Ninguém, o que parece ser o seu.

– Cala essa boca – resmunguei, descruzando os braços e levantando-me da cadeira em frente à escrivaninha para ir me sentar na minha



cama, que era onde a abusadinha estava. Ela franziu o cenho, não gostava de me ter tão perto, mas dane-se, a cama era minha. – Eu sou rico, você sabe. E você também é, todo mundo na cidade sabe que seu pai é o neurocirurgião mais famoso do país. Além do mais, ainda faltam dois anos para nós acabarmos o colégio. Então, esse seu sermãozinho sobre faculdade pode acabar, nós não precisamos disso.

Ela revirou os olhos.

– Nós? – repetiu incrédula e suspirou audivelmente. – Sabe de uma coisa? Nem vou gastar minha saliva discutindo com você. Você é uma vergonha para toda a espécie humana, seu atraso genético.

Como é? Essa garota é demente, por acaso? Como eu – euzinho, essa perfeição da natureza – posso ser chamado de atraso genético?

Irritado, levantei-me da cama, decidido a provar para a Maldita Valentina que ela não tinha noção do que estava falando. Parei em frente a ela, que baixou o livro, e puxei as mangas da minha camisa para cima, mostrando a ela os meus bíceps definidos. Ela pareceu engasgar, constatei com satisfação. Aproveitei o embalo para levantar minha camisa até o peito, mostrando meu abdômen dividido. De nenhum jeito essa menina idiota podia deixar de perceber minha beleza viril. Garota nenhuma resiste a mim.

Eu sei, sou demais.

– Ainda acha que tudo isso aqui é um atraso genético? – perguntei, vendo-a baixar o rosto e começar a...soluçar? Hahá, parece que tanta beleza emocionou a menina, coitada.

Enquanto eu estava lá, me sentindo o máximo, ela levantou o rosto e soltou uma gargalhada.

É, ela estava rindo de mim o tempo todo.

– Não – ela respondeu, tentando parar de rir. Sem sucesso. – Não, eu realmente não acho que você é um atraso genético. Agora eu tenho certeza! – riu mais um pouco enquanto eu a fitava, chocado. – Se importa de baixar a camisa, por favor? Eu já percebi que seus neurônios, entediados por falta de uso, foram parar nos seus músculos abdominais. Não precisa continuar com a exibição – e riu mais um pouco da sua piadinha sem graça.

Desgraça, como essa menina é imune a mim?

Bufei e baixei a camisa, começando a achar que, talvez, minha atitude tenha sido meio infantil. Que seja, era a Maldita Valentina testemunhando aquilo, não ninguém importante. Voltei a me sentar ao lado dela, sem deixar de perceber que ela parou de rir, estremeceu e se afastou um



pouco. A minha mera presença parecia ofendê-la. Tudo bem que a MV nunca foi muito com a minha cara, mas hoje a menina estava mais antipática do que imaginei ser possível.

– É Fácil Matar? – falei, lembrando do título do livro que ela recomençara a ler avidamente. Tentei espiar a página por cima dos seus ombros. – Planejando um assassinato?

– Sim, o seu – respondeu, levantando o rosto para me olhar. Como sempre, a luz refletiu em seus óculos de lentes muito grossas, me impedindo de ver seus olhos com clareza. – Vem cá, você não tem os exercícios de matemática para fazer? Ou já terminou? – seu tom era de incredulidade nessa última pergunta.

Suspirei e deitei de costas na cama, com as pernas para fora e as mãos atrás da cabeça.

– Ah, dá um tempo. Já fiz muito por hoje, agora estou cansado.

Imediatamente, Maria Valentina fechou o livro e se levantou, jogando-o na mochila e guardando o resto das suas coisas em seguida.

– Ei, aonde você vai? – perguntei, apoiando-me nos cotovelos para olhá-la.

– Para casa. Tenho mais o que fazer.

– Mas ainda está cedo! – protestei.

Odeio admitir, ainda que para mim mesmo, mas eu meio que gostava da companhia da Maria Valentina. Sei que o absurdo é total, mas eu sentia que podia ser mais eu mesmo com ela do que com meus amigos.

Além disso, eu tinha algo importante que... gostaria de dividir com ela.

– Você não quer estudar e é para isso que eu estou aqui – declarou convicta e depois acrescentou baixinho, mais para si mesma do que para mim. – E agora que minha irmã resolveu passar as tardes socada na casa da Sarah, eu preciso levar a Pandora para passear...

Arqueei uma sobrancelha. Quem diabos era Sarah? E Pandora? E a Maria Valentina tinha uma irmã? Que mais falta eu saber da vida dela?

Não sei...tudo?

– Meu pai chega mais cedo do trabalho hoje e...por que eu estou dando desculpas? Ah, simplesmente não quero mais perder meu tempo aqui!

Ela se virou e foi em direção à porta. Eu, ainda meio chocado com aquela mudança de humor brusca, me levantei e fui atrás dela. Mal tinha tocado seu ombro quando ela se virou, parecendo furiosa. Lembrei-me imediatamente do que acontecera na última vez em que eu toquei na garota. Inconscientemente, dei um passo para trás.

Eu não queria que ela detonasse minha outra sobancelha, tá legal? Maria Valentina parecia mesmo com vontade de quebrar alguma coisa.

– Qual é o seu problema? – perguntei exasperado. – O que foi que eu fiz? – eu estava sendo até bem decente hoje, não me lembro de tê-la ofendido nem uma vez.

Ela baixou o rosto e respirou fundo umas três vezes tentando se acalmar. O porquê dela estar tão nervosa, eu não sabia. Vai que a menina é louca mesmo?

– Vicente – ela disse finalmente, parecendo mais calma. – Olha para mim – pediu.

– Mas eu estou olhando! – exclamei. Ela tinha fumado o grafite da lapiseira ou era doida assim o tempo todo?

– Não, não está! Olhe de verdade!

Rolei os olhos, mas fiz o que ela pediu. Passei rapidamente o olhar por toda a sua pequena e – por que não dizer deprimente? – figura. Maria Valentina estava com os cabelos escuros e permanentemente molhados (ela deve encharca-los de gel todos os dias) puxados, como sempre, para trás, naquele coque apertado que só de olhar já me dá dor de cabeça. Aquilo não a machucava, não? O cabelo dela estava tão puxado que – com a ajuda daqueles óculos horrorosos – ela parecia um alienígena. Sério. Daqueles com uma testa enorme e rosto fino. Até já sei que fantasia vou obriga-la a usar no Halloween...

Ok, me distraí. Continuando. Como eu falei, ela estava usando aqueles óculos ridículos que cobriam seus olhos...castanhos? Sei lá, nunca os vi direito, mas sempre me pareceram meio sombrios, especialmente quando ela olhava para mim. A camisa do seu uniforme era, como sempre, grande demais para ela, chegando-lhe quase aos joelhos, e por cima disso ela usava um casaco bege horrível que a deixava completamente sem forma. Tudo bem usá-lo no meu quarto, que estava meio frio por causa do ar condicionado. Mas ela estivera usando aquilo o dia todo, mesmo com o calor de matar lá fora. Estava tão quente que até o treino de futebol de hoje foi uma tortura à la...como era mesmo o nome da mulher que a MV disse ser a maior serial killer da história? Ela comentou sobre isso hoje mesmo, quando disse que gostaria de poder usar alguns dos métodos dela em mim...Elizabeth Bathory, é isso! O treino foi uma tortura à la Condessa de Sangue.

Parece que, além de se banhar no sangue das pessoas, essa doida gostava de enfiar pregos embaixo das unhas de suas vítimas. Entre outras coisas.

Bom, eu acho que prefiro levar uma pregada na unha do que vestir um casaco com esse calor.

Ok, viajei de novo e agora Maria Valentina parecia impaciente. Ela estava usando tênis da Nike velhos, que, um dia, poderiam ter sido brancos, mas agora eram quase amarelos de tão encardidos. E em vez dos jeans folgados que normalmente usava na escola, ela vestia uma dessas calças de tactel preta, com elástico. Mais folgadas que os jeans, se é que isso era possível.

– É isso! – exclamei.

Ela abriu e fechou a boca, subitamente nervosa.

– E-eu... – balbuciou.

– Você está toda chateada porque eu não reparei que você trocou a calça jeans por essa aí! – revelei, orgulhoso da minha perspicácia em relação à confusa mente feminina. – Bom, mas essa não é folgada demais? Nem parece que você tem joelhos. Mas sabe, você me surpreende, Maria Valentina, eu achei que não ligasse para essas merdas de mulherzinha. Pelo menos é melhor que a Roberta, que fica possessa porque eu não vejo diferença entre os esmaltes Vermelho Volúpia e Vermelho Sedução. Ou qualquer porcaria dessas...

Maria Valentina rosou. Sério, ela rosou de verdade. Mas que garotinha estressada, vou te dizer.

– Estou indo – ela disse, ainda rosando e saiu praticamente correndo do meu quarto.

– Espera! – desci as escadas atrás dela. – Eu preciso falar com você!

Meu celular começou a tocar no meu bolso e eu praguejei antes de atender.

– O que é? – foi minha vez de rosar. Pelo menos a nerd tinha parado antes de chegar à porta, e agora me encarava com raiva.

– Amorzinho – Roberta ronronou na linha. Eu me senti imediatamente enojado. Como fui capaz de namorar aquela criatura pegajosa e irritante? Sério, no que eu estava pensando? – O que foi? Por que está tão irritado? Quer que eu vá aí te alegrar?

Espera aí, eu ainda era namorado dela.

– Roberta, agora não é uma boa hora – resmunguei, decidido a falar com ela amanhã. Eu tinha me esquecido completamente dela.

– Ah, bebê, mas eu nem fui para a aula hoje, você não está com saudades? – ela disse, naquela voz manhosa que eu percebi que desprezava. Bom, pelo menos está explicado por que eu a esqueci completamente, Roberta não foi à aula.

E eu não podia me importar menos.  
– Tchau, Roberta – disse e desliguei. Se eu passasse mais um segundo com ela no telefone, terminaria tudo imediatamente.

E eu não era tão canalha assim.  
– Você precisa ser tão imbecil com a sua namorada? – perguntou Maria Valentina, olhando-me com desprezo, perto da porta.

Desci as escadas e fui ao encontro dela.

– Ela não vai ser minha namorada por muito tempo – esclareci.

Ela pareceu ficar surpresa por trás dos óculos.

– Vai terminar com ela?

– Já devia ter feito isso...

– Por que?

– Conheci outra pessoa...e era sobre isso que eu queria conversar com você.

Ela pareceu ficar ainda mais surpresa. Chocada, eu diria. Até deixou a mochila cair no chão. Mas então colocou as mãos no quadril e olhou para mim com desconfiança.

– O que eu tenho a ver com isso? – soltou.

– Nada – dei de ombros. – É só que eu não tenho mais ninguém com quem possa falar sobre isso.

– E os seus amigos?

Fiz uma careta. Não conseguia nem imaginar como ia falar uma coisa dessas para eles. Sairia tipo “ei, eu estou apaixonado por uma garota que acabei de conhecer. Sabe, tipo amor à primeira vista?”

E aí eu seria zoadado pelo resto da vida.

Não era como se eu estivesse com vergonha, era só que...eu sabia que não seria entendido.

E...não sei a razão, mas Maria Valentina, mesmo com essa antipatia toda e mesmo que ela não fosse minha amiga...eu sentia que talvez ela pudesse me entender.

Afinal, ela também estava apaixonada.

Por um nerd para lá de esquisito, mas enfim, cada um com suas preferências.

E, por algum motivo, eu precisava dividir isso com alguém. Parecia que meu peito ia explodir. Eu estava começando a suspeitar de que talvez estivesse doente. Ou louco. Ou as duas coisas.

O negócio é que eu passei o tempo todo desde sábado – exceto os momentos em que passei ouvindo as ofensas da MV, juro essa abusada é um antídoto para qualquer coisa que possa passar pela minha cabeça –

pensando em uma garota que, talvez, eu nunca mais fosse ver. E por quem eu estava completamente... arrebatado.

Tiffany ainda parecia ser fruto da minha imaginação, eu ainda não estava totalmente certo de que ela era real. Eu precisava que mais alguém soubesse como eu me sentia porque talvez assim eu me convencesse de que sim, aquela garota bela e misteriosa era de verdade.

– Não dá – respondi, incerto. – Vai ter que ser você mesmo.

– Ahn?

– Eu estou apaixonado.

– QUÊ?

Pensei que ela fosse cair, mas ela se apoiou na porta, olhando embasbacada para mim.

– É, eu conheci uma garota no sábado e... –

Antes que eu pudesse continuar, MV pegou sua mochila do chão numa velocidade que eu não imaginei ser possível e disparou contra a porta.

– Não quero ouvir, não tenho nada a ver com isso! – gritou, correndo pelo jardim, deixando a porta escancarada.

Olhei, estupefato, enquanto ela corria pela rua, até dobrar na esquina e desaparecer do meu campo de visão.

O que tinha acabado de acontecer?

Sério, Maria Valentina deveria ir consultar um psiquiatra, a menina tinha sérios problemas comportamentais, além de gostar de chutar canelas alheias e destruir sobrelhas.

Fechei a porta, ainda chocado com a reação dela, depois me apoiei, exatamente como ela tinha se apoiado e comecei a pensar em Tiffany.

Do início ao fim, Tiffany era um mistério. De onde veio? O que fazia ali, numa festa onde não parecia conhecer ninguém? Como podia ser tão linda, tão encantadora, tão especial? O que ela tinha que me enlouqueceu tanto?

Eram perguntas para as quais eu poderia nunca ter respostas.

Afinal, ela desapareceu na noite dentro de um táxi indo sabe lá para onde. Como eu fui estúpido! Deveria ter insistido em levá-la para casa, ou mesmo seguido o táxi para saber onde ela morava...mesmo que isso fosse uma atitude de perseguidor.

Mas ela parecia tão...sincera quando disse que me acharia. Era quase como se ela estivesse me pedindo um voto de confiança...e eu não tive outra escolha, a não ser deixá-la ir. Não podia deixar de pensar se a veria de novo, mas sei que enlouqueceria no processo, com certeza.

Balancei a cabeça, tentando afastar os pensamentos. Resolvi mergulhar na piscina, estava quente e nadar sempre parecia me acalmar. Apesar de suspeitar que nem isso seria o suficiente no momento. Foi só Maria Valentina sair da minha casa que eu voltei a pensar em Tiffany. Droga! Não deveria tê-la deixado ir, a nerd sempre parecia preencher meus pensamentos quando estava por perto, aquele jeito emburradinho dela sempre conseguia me distrair. Se ela estivesse aqui eu não estaria pensando na Tiffany!

Tirei a camisa, mas antes que pudesse mergulhar na piscina, meu celular tocou de novo. Era a Roberta mais uma vez, vi no identificador de chamadas, ficando mais irritado com isso do que imaginava. A pobre idiota não tinha culpa nenhuma, nada havia mudado nela desde que começamos a namorar. Mas eu mudei. E, apesar de sempre ter certeza de que não gostava dela, eu a fiz acreditar que sim, enrolei-a na minha teia de falsas esperanças como sempre fiz com as garotas. Tudo bem que eu nunca tinha declarado amor apaixonado, mas, mesmo assim, se eu estava namorando ela, era porque, teoricamente, eu gostava dela.

Mas nunca foi assim, eu só estava me divertindo.

Fiquei meio enojado de mim mesmo.

Bom, passado é passado. E desde que eu experimentei a emoção de verdade, eu não poderia continuar com a Roberta, uma pálida e fraca amostra do que a verdadeira atração deveria ser.

Não atendi e desliguei o telefone, não queria mais ser incomodado. Deixaria para pensar no meu namoro amanhã, quando ele encontraria seu fim. Pulei na piscina, querendo não pensar em mais nada, forçando os músculos para nadar bem rápido. Mas antes mesmo que eu pudesse dar duas voltas na piscina, ouvi alguém me chamando. Parei na borda e olhei para Camile, uma das faxineiras da casa, a mais jovem delas.

– D-desculpe por interromper – falou com uma voz nervosa, segurando o telefone sem fio da sala nas mãos. – Mas é a...sua mãe. Ela quer falar com você.

Em meio segundo, eu já saía da piscina e tomava o telefone da mão de Camile, que saiu rapidinho dali.

– Mãe? – falei, meu coração batendo forte no peito. Fazia meses que eu não ouvia a voz dela.

– Estou chegando em uma semana – avisou, na voz indiferente e monótona de sempre. – Espero que não tenha arrumado problemas.

– Nenhum – respondi, o mais depressa que pude.

– Ótimo, tenho algo para você.

Meu coração parou. Minha mãe tinha...algo para mim? O mundo pirou? Virou do avesso? Como assim? Minha mãe nunca me deu presentes. Nunca. Eu quase não podia impedir o sorriso de se esboçar em meus lábios. Isso estava mesmo acontecendo?

– Mãe, é sério? – não consegui tirar a esperança da minha voz.

– Sim – ela respondeu sem alterar sua voz monótona, como se estivesse entediada de ter que falar comigo. – Tenho uma surpresinha para você – e desligou.

Estremeci.

Algo no tom dela quando disse a palavra surpresinha me fez ver que aquilo não iria ser nada bom. Minhas esperanças viraram fumaça e foram sopradas para longe. Larguei o telefone na mesa perto da piscina, depois me sentei numa das cadeiras, desgraçadamente arrasado.

Ela passa meses sem dar um sinal de vida, e, quando me liga, nem ao menos pergunta como estou. Sempre é assim, eu sei, mas mesmo assim, não consigo me impedir de ter esperanças de que, dessa vez, ela vá pelo menos dizer um “sinto sua falta”.

Mas ela não sente. E não vê sentindo em mentir para me fazer feliz.

Odeio isso. Odeio essa fraqueza. Odeio o poder que ela tem sobre minhas emoções. Uma mãe de verdade não deveria ser assim. O que eu fiz para ela me desprezar tanto?

Num surto de raiva, virei a mesa, fazendo-a tombar de lado, derubando o telefone e quebrando-o. Suspirei e voltei a pular na piscina. A água era gelada, ao contrário daquela piscina na casa do Tiago, mas eu não pude deixar que minha mente viajasse. Nunca uma piscina seria tão divertida.

Não sem a Tiffany.

Pensar nela fez a dor no meu coração se abrandar. Talvez...talvez era disso que eu precisasse para esquecer minha mãe e seu desprezo...

Eu teria de desvendá-la. Tiffany.

O meu mistério favorito.





# *Lições de sedução*

EU NÃO ACREDITO.

Vicente gostoso-porém-babaca Müller está apaixonado por mim.

Ok, pela Tiffany. Tudo bem que ele não disse o nome com todas as letras, mas eu sei que é ela.

Mas ela sou eu, então é por mim, não é?

Mas ele não sabe que ela sou eu e eu sou ela, mas eu sou eu e ela é ela...

Isso tudo está soando bizarro para mais alguém?

Certo, melhor esquecer minha loucura e começar a pensar na de Vicente, porque esse garoto só pode estar louco. Ou com um sério caso de burrice crônica.

Acho que é seguro apostar minhas fichas na segunda opção.

Mas é sério, como esse garoto pode ser tão cego? Eu estava lá, na casa dele, ao lado dele, falando com ele – tudo bem que com a minha voz normal, e não com aquela coisa aveludada e doce que usei enquanto Tiffany – e ele não se tocou! Como pode? Nós estudamos juntos toda a vida, nunca fomos amigos, mas ele me viu crescer, caramba! E foi só me enfiar num vestido, colocar uma maquiagem na cara e soltar os cabelos para ele pensar que sou outra pessoa. Tem como alguém ser tão obtuso?

É uma surpresa que Vicente tenha chegado ao ensino médio.





Ou talvez não, já que, como ele salientou com tanta arrogância, é rico o bastante para não ter que se preocupar nem com a faculdade.

Não que realmente alguma fosse aceitá-lo, sendo tão estúpido.

Bufei, irritada, e continuei meu caminho para casa, depois de praticamente fugir da casa daquela coisa com uma lesma morta no lugar do cérebro. Para falar a verdade, nem sei por que estava com tanta raiva. Mas eu estava. Estava furiosa e se passasse mais um segundo na presença dele, acabaria revelando tudo.

O que seria muito idiota.

Afinal, meu plano improvisado e maluco saíra melhor do que eu podia ter esperado algum dia. Vicente disse que estava...apaixonado.

Apaixonado.

Ainda era meio difícil de engolir, fato. Aliás, por que ele resolveu contar isso logo para mim? Que seja, não importa, o menino não bate bem mesmo.

Enfim, o negócio é que esta seria a vingança mais perfeita, maligna e cruel. Ferir o orgulho é só um arranhão na armadura, agora, ferir o coração... Destruição total.

Meu plano inicial tinha sido só frustrá-lo por ser uma garota que não correria atrás dele como todas as outras. Ele tentaria, mas não conseguiria adicionar o nome – ainda que fictício – de Tiffany na sua lista de conquistas. E eu tenho certeza que isso o deixaria furioso, já que, até hoje, nunca nenhuma garota resistiu ao seu charme. Mas ele se apaixonou por Tiffany! Isso eu nunca poderia ter previsto! Nem sabia que idiotas como o Müller eram capazes de gostar de verdade de alguém.

Bom, o que importava no momento era: que diabos eu ia fazer?

Sei que disse que Tiffany estava morta e que aquilo tudo foi uma loucura – uma loucura que eu nunca faria de novo. Mas...e se Geny estivesse certa? Vicente era o pior tipo de escória que o colégio podia abrigar e nunca ninguém foi capaz de dar uma lição nele. E se fosse eu a fazer isso? Talvez eu devesse mesmo ressuscitar a Tiffany e pôr em prática a maior vingança da história dos nerds contra o esquema social vigente na escola, onde os músculos eram mais importantes que as maravilhosas “células cinzentas”. E que maneira melhor de fazer isso do que derrubando o líder deles? O líder dos populares metidos a besta?

Chega, isso está começando a parecer um discurso revolucionário radical pendendo para o terrorismo.

Parei subitamente, meus pés estancando na calçada quase que por vontade própria. Sabe, eu não sou má. Posso ser um pouco estressada,

antipática e irritável, mas não sou deliberadamente cruel. Isso nunca. E brincar com os sentimentos de alguém, ainda que esse alguém seja um babaca manipulador que mereça isso, soa cruel demais para mim.

E eu não sou cruel.

Mas sou humana.

Não que isso seja uma desculpa para o que eu fiz a seguir. Que foi ignorar o caminho de casa e pegar o primeiro ônibus que me levasse para o shopping que havia num bairro próximo. Parece bastante inócuo, não? E estranho, porque eu odeio shoppings e só entro em lugares como esse à base de tortura e chantagens. Minha irmã é graduada nisso. Sério, nem Petra consegue me convencer a entrar no shopping e Geny consegue a façanha em questão de segundos.

Às vezes acho que minha irmã é uma sacerdotisa vodu.

Chega de viajar, o que interessa é que eu entrei no maldito shopping e fui até a loja de uma operadora de celular, onde comprei um chip telefônico com o número mais fácil disponível. Eu sou péssima para decorar números de telefone. Mas se Tiffany iria voltar à vida, ela precisaria estar ao alcance da rede de telefonia. E eu não podia, por razões óbvias, usar o meu número. E sim, sei de todo aquele blábláblá que falei sobre eu não ser cruel. E não sou mesmo.

Sou só uma garota muito confusa que acabou se metendo em uma situação da qual...não tem certeza se quer sair.

Até porque, embora eu não entendesse direito e nem quisesse admitir, não era apenas o desejo de vingança que movia minhas ações. Tudo bem, eu estava morrendo de raiva por ele ter me chantageado, usando os meus sentimentos contra mim, e agora estar me usando. Sem falar de todo o ressentimento guardado, por ele sempre ter me tratado como uma coisinha insignificante, na qual era perda de tempo até pensar a respeito.

Posso ser forte o bastante para não cair por uma coisa dessas, mas não posso impedir que machuque. E machuca.

Ninguém se acostuma a ser desprezado.

Mas mesmo todos esses motivos não seriam o suficiente para me fazer decidir prosseguir com essa loucura. Não, havia algo mais. Sei, eu também estou chocada com a minha própria fraqueza. Talvez eu não fosse muito melhor que Roberta Novaes e as outras metidas da minha sala. Eu só...queria saber como era, sabe? Como era ser bonita. Desejável. Popular.

Eu sei, eu sou idiota demais.

Idiota, idiota, idiota!

Saí da loja depois de enfiar o chip num bolsinho da mochila, tão irritada e perdida em pensamentos que acabei esbarrando em alguém.

– Des...Silas!

Silas abriu seu costumeiro sorriso tímido, tomando o cuidado de me segurar pelos ombros até eu recuperar o equilíbrio.

– Oi, Tina – ele disse, soltando-me.

Mesmo tendo estado confusa e irritada apenas momentos antes, respondi honestamente ao seu sorriso. Era sempre assim quando eu estava perto do Silas, sempre fácil e seguro. Bom e previsível como um sorvete de creme, sem montanhas-russas emocionais. E era por isso que eu gostava dele, porque ele me fazia sentir bem e confortável com apenas um sorriso. Era fácil estar com ele, me acalmava. Era como se Silas fosse minha dose pessoal de Valium, me deixava relaxada quase que instantaneamente.

– Eu vi você saindo da loja – ele foi dizendo. – Estou ajudando a mamãe a comprar um presente para o papai, você sabe que o aniversário dele é no sábado – e sinalizou uma loja de gravatas ali perto. – E você, o que faz aqui? Sei que odeia shoppings, Geny te obrigou a vir?

– Não, eu...ahn...vim resolver um problema com meu celular, ele não estava mandando mensagens – improvisei. Odeio mentir para o Silas, é a pior coisa do mundo. Ele é tão ingênuo! Acredita tanto na bondade das pessoas que nunca esperaria que uma amiga como eu fosse capaz de mentir para ele. Eu poderia falar que estava caçando arco-íris com meu unicórnio cor de rosa que ele provavelmente acreditaria.

– Ah, tudo resolvido então? – perguntou e eu assenti. – Quer ir comer alguma coisa?

– Bem que eu queria – suspirei. A ideia de chegar em casa e ainda precisar cozinhar era positivamente torturante. – Mas o papai chega mais cedo às segundas e como a Geny parece que começou a morar na casa daquela amiga dela, a Sarah, eu preciso...

– Levar a Pandora para passear, estou certo? – ele completou. Sorri e fiz que sim. Ele me conhecia e me entendia tão bem, que até completava minhas frases. Era simplesmente fofo.

– Então, que tal na sexta? – Silas perguntou de supetão.

– Ahn? Não entendi. O que tem sexta?

– Quer s-sair para comer algo na sexta? – ele parecia meio encabulado. Me pergunto o porquê, ele normalmente não era tão tímido assim comigo, apesar de o ser com a maioria das pessoas.

– Claro – respondi, dando de ombros. – Jogar videogame na casa da Larissa, com a Petra e o Arthur, e pedir pizza? Faz tempo que não fazemos isso e papai não se incomoda se for de vez em quando, você sabe, e...

– Não, Tina – ele me interrompeu, agora parecendo totalmente envergonhado, o rosto vermelho como seus cabelos. – E-eu quis dizer v-você e eu...sozinhos. J-jantar e depois cinema, q-quem sabe?

– Ah.

Espera aí, eu ouvi direito?

Pela cara do Silas, de quem gostaria de ser um avestruz para poder esconder a cabeça na areia, acho que sim.

E como assim “ah”? Tina, sua demente, o garoto de quem você gosta acabou de chamar você para sair e você só diz “ah”? Isso nem mesmo é uma palavra!

Mas eu ainda não estou entendendo. Silas, o tímido Silas Koury, acabou de me chamar para um encontro? Sério?

Isso é tão estranho...

– T-tá, claro – foi minha vez de gaguejar e corar como um tomate.

Silas pareceu feliz e aliviado, alargando o sorriso bonito dele, porém continuava vermelho como antes. Exatamente como eu devia estar. Acho que éramos um casal engraçado, ambos ruivos e corados como um pimentão.

– Legal – foi só o que ele disse.

– É mesmo.

Silêncio. Agonizante e intimidador silêncio. O desconforto parecia pinicar minha pele.

Aimeudeus, o que eu faço agora?

– Bom, acho que eu já vou – falei, ansiosa para sair dali.

– Quer que eu peça para a mamãe te dar uma carona? – ele perguntou, solícito.

Tremi. Por favor, não.

– Não precisa, eu vou pegar o ônibus – se eu conseguir alcançá-lo sem vomitar nos meus próprios pés.

– Tudo bem...sexta às 7 horas, então?

– Ok – disse e tratei de ir embora rapidinho dali, antes que a Sra. Koury saísse da loja de gravatas. Ela era muito simpática e meio psicótica com segurança, então eu sei que ela insistiria em me levar em casa, querendo eu ou não.

E a última coisa de que eu precisava era ter Silas assistindo enquanto eu vomitava no carro da mãe dele.

Cheguei em casa antes do papai, o que foi um alívio. Saí para passear com a rabugenta Pandora, que fez questão de empacar a cada dez passos, só para me deixar louca. Acho que ela não gosta muito de mim. Depois de uma volta lenta pela rua, voltei para casa, tomei banho e fiz uma pizza caseira para o jantar. Também fiz uma salada, apesar de odiar comida verde. É claro que eu não comeria aquele monte de folhas, tomates então? Nem para salvar a minha vida. Mas era só para o papai não reclamar muito sobre só comermos porcarias.

Depois que terminei tudo e arrumei a mesa, fiquei meio sem ter o que fazer. Claro, eu deveria estudar um pouco, já que ando meio relaxada esses dias. Mas Geny ainda não chegara e eu estava nervosa com a possibilidade de papai chegar antes dela. Além disso, todo o meu drama pessoal do tipo ser ou não ser Tiffany estava mexendo com a minha cabeça.

Isso sem falar na coisa totalmente bizarra que foi o Silas me chamando para sair.

Quem conseguiria estudar com tudo isso na cabeça?

Bom, mas o encontro com Silas...eu meio que não entendia. Porque eu gostava dele! De verdade, eu gostava mesmo dele. Então eu não deveria estar feliz e animada com o fato de que ele me chamou para sair? Mas não, eu só estava nervosa e com uma vontade louca de roer as unhas.

Mas se você pensar por outro lado, é óbvio que a ideia de um encontro romântico com Silas deveria me apavorar. Eu acho que estava com sentimento certo, afinal. Porque eu nunca tive um encontro antes! O que deveria dizer, fazer, vestir? Nunca precisei me preocupar com esse tipo de coisa antes. E se tudo desse errado? Nossa amizade poderia acabar ficando comprometida e nunca mais ser a mesma! Eu não queria perder Silas, o amigo.

Mas eu acho que gostaria de ter Silas, o namorado.

E era por isso que eu estava tão nervosa. Era perfeitamente normal.

Oh, isso precisa mesmo ser tão confuso?

O barulho da porta batendo com força interrompeu meu pequeno dilema mental e Geny apareceu esbaforida, com as bochechas vermelhas e ainda com o uniforme da escola, correndo para o andar de cima.

– O carro do papai está dobrando a esquina! – ela gritou enquanto subia. – Acho que ele não me viu. O jantar já está pronto?

– Sim, mas não graças aos seus esforços – gritei de volta.

Ela entrou em seu quarto e fechou a porta, saindo minutos depois vestindo uma bermuda cinza velha e uma blusa dos Muppets meio vesti-

da. Desceu as escadas correndo, ajeitou a blusa e passou uma mão pelos cabelos desgrenhados.

– Nem começa – disse enquanto passava por mim para ir até a cozinha. – Eu encubro você o tempo todo e não fico acionando o botão do sarcasmo.

– É, mas pelo menos eu conto para você o que estou fazendo quando peço para me encobrir – respondi, entrando na cozinha atrás dela. – O contrário não acontece. O que você tanto faz na casa da Sarah, afinal?

– Depois falamos disso – Geny disse, pegando uma jarra de água na geladeira e colocando num copo. – Papai chegou e...honestamente, você não vai querer saber...

De fato, ouvi o barulho da porta e de chaves, indicando que papai estava em casa. Geny bebeu a água rapidamente e foi recebê-lo enquanto eu pensava num jeito de fazê-la falar. Geny é que é a mestre das chantagegens, eu sou apenas a aprendiz. Infelizmente.

– Olá, papai – cumprimentei ao entrar na sala de estar, onde ele e Geny estavam. – Como foi o seu dia?

– Terrível – ele respondeu apenas. Seu cenho estava mais franzido do que o normal e a rigidez em sua boca, mais acentuada. Talvez ele estivesse com problemas no trabalho.

E eu, como a garota inteligente que sou, resolvi não perguntar nada nem me meter no assunto. Papai é adulto e sabe cuidar de si, e eu realmente não queria vê-lo despejando sua raiva em mim, o que costuma acontecer com frequência quando ele está aborrecido com alguma coisa.

Às vezes acho que ele precisa de uma namorada. Mas sei que ele não superou a mãe e, talvez, ainda esteja esperando que ela volte.

Só que ela não vai voltar.

E papai será rabugento assim para sempre.

Oh, como a vida é cheia de finais felizes!

Ok, talvez eu deva seguir o conselho de Geny e pegar mais leve com o botão do sarcasmo.

Depois do jantar, subi para o meu quarto e Geny ficou assistindo TV na sala com o papai. Os dois são meio que viciados em assistir partidas de golfe no canal de esportes. É a única coisa que meu pai assiste, sério. E, honestamente, eu preferiria comer alface a assistir partidas de golfe. Dá para imaginar algo mais entediante? Então eu me mandei rapidinho, antes que alguém tivesse a péssima ideia de me pedir para ficar.

Além disso, eu precisava ficar sozinha para pensar.

Subi as escadas para o meu quarto e abri as cortinas e as janelas. A noite estava quente e uma brisa morna invadiu meu quarto abafado. Gotas de suor começaram a se formar em minha nuca quando eu soltei os cabelos. Verão e cabelos compridos são inimigos mortais e eu estava realmente pensando em driblar as regrinhas do papai e passar a tesoura nos meus.

Mas esse não era o maior dos meus problemas no momento. E eu resolvi que, por enquanto, também não pensaria em toda a loucura de fingir ser outra pessoa para me vingar do Cérebro de Lesma Morta. Ou seja, Tiffany estava fora dos pensamentos da noite.

Mas Vicente não estava.

Com a surpresa toda de ser chamada pelo Silas para sair, eu não pensei nele à princípio, mas a ideia se formou em minha cabeça durante o jantar. Vicente fez uma proposta, certo? Naquele dia fatídico em que eu meio que me tornei sua tutora nos estudos. Mas a proposta não falava apenas disso. Traria benefícios para mim também, já que, segundo ele, eu precisava de ajuda para conquistar o Silas.

Bom, estava na hora de ele começar a me ajudar.

Resolvi mandar uma mensagem para Vicente de manhã cedo, antes da escola e antes que eu perdesse a coragem. Isso era tão embaraçoso!

*Podemos nos encontrar hoje na sua casa? Já está mais do que na hora de você cumprir a sua parte do acordo.*

Recebi a resposta enquanto estava escovando os dentes:

*Drogada logo cedo, MV? Do que diabo você está falando? Não dava para esperar até um horário aceitável? Ser acordado por essas suas doces palavras vai me deixar mal acostumado.*

Acho que tem mais alguém que precisa manear no sarcasmo por aqui. Terminei de escovar os dentes, penteei e preendi os cabelos, passando gel para deixá-los no lugar, depois respondi:

*Você prometeu me ajudar se eu ajudasse você. Agora estou cobrando essa promessa. Entendeu?*

Não queria ser muito clara por mensagem porque Vicente definitivamente não está na minha lista de pessoas confiáveis e poderia usar minha mensagem como prova de que eu gostava do Silas. E já estou farta de ser chantageada por um garoto que nem decorou a tabuada.

Geny e eu já estávamos no ônibus quando finalmente o príncipe das lesmas mortas se deu ao trabalho de responder minha mensagem. É claro



que eu não poderia esperar outra coisa, afinal, ele deve ter demorado todo aquele tempo tentando entender do que eu estava falando.

Deve ser horrível ser burro.

A mensagem de Vicente foi sucinta:

*Ok, hoje depois da aula então.*

Bom, pelo menos ele havia concordado.

Me despedi de Geny quando chegamos à escola e fui logo para a minha sala, apesar de ainda estar cedo. Ao contrário dos desocupados dessa escola, eu não gosto de ficar perambulando pelos corredores. A sala estava vazia, exceto por Petra, sentada na cadeira de sempre, folheando uma revista sobre fotografia. Sentei-me ao seu lado, na minha cadeira, e sorri para ela:

– Bom dia, Petra.

Ela nem olhou para mim.

Certo, Petra meio que não estava falando comigo.

E eu não posso culpá-la por estar irritada. Melhores amigas não devem guardar segredos uma da outra assim, do jeito que eu estava fazendo. Eu não esclareci nada do que havia acontecido comigo na festa do primo dela. Eu nem me dei ao trabalho de inventar uma mentira! Claro que mentir para Petra era um pouco mais complicado do que mentir para o Silas, por exemplo, pois ela me conhecia bem demais.

E eu sabia que, quando ela estava ficava daquele jeito, era porque a coisa estava feia. Ela havia me ignorado totalmente no dia anterior e parecia decidida a continuar com o mesmo tratamento.

– Petra, eu... – comecei, tentando fazer as pazes com ela.

Mas antes que eu pudesse concluir sabe deus o quê – nem eu tinha ideia do que ia dizer – a porta da sala foi aberta de supetão, batendo na parede com um barulho de estalo. Roberta entrou como se estivesse sendo perseguida pelo próprio capeta, os lindos cabelos loiros parecendo despenteados pela primeira vez na vida. Os olhos verdes estavam vermelhos e molhados, apesar de seu rímel parecer intacto.

Vou falar para Geny comprar maquiagem à prova d'água daqui para a frente.

Diana Linz entrou logo atrás dela, aparentemente tentando controlar a crise histérica da amiga. Diana era alguns centímetros mais alta que Roberta, tinha uma linda pele café com leite, longos cabelos castanhos e olhos ainda mais verdes que o da amiga.



É claro que Diana era quase tão linda quanto Roberta. E quase tão nojenta também. Obviamente, as duas eram melhores amigas. Ou tão melhores amigas quanto garotas como elas poderiam ser.

– Oh, só o que me faltava, as duas aberrações da escola estão aqui! – choramingou Roberta assim que nos viu.

Eu dei de ombros, nada do que uma garota com menos do que um batom da MAC na cabeça possa dizer tem a capacidade de me atingir.

Já não posso dizer o mesmo de Petra. Mas bem, eu conheço o jeito dela.

– Mais uma palavra e eu arranco seus olhos, vadia – ela ameaçou, levantando-se em toda a sua altura. O que é meio ameaçador, já que ela tem 1,78m.

Amo ter Petra como melhor amiga, ela é um exemplo para mim.

Antes que Roberta pudesse dar qualquer resposta, Diana a puxou de lá e as duas saíram da sala. Diana parece ser mais sábia do que a amiga, ou talvez tenha sido a lembrança de ter seu rabo de cavalo cortado na infância. Cortesia de Petra, depois que Diana disse que eu era tão feia que nem minha mãe me quis.

Lembranças, lembranças...

– Obrigada, mas não precisava – eu disse, levantando-me também.

– Não estava te defendendo, estava me defendendo – enfatizou. – Ainda estou com raiva de você, Tina.

E Petra também saiu da sala, deixando-me sozinha.

É, ia ser mais difícil do que eu pensava.

O resto da manhã foi um pesadelo. Petra não estava falando comigo e eu meio que estava evitando o Silas. Pode me processar, mas eu comecei a me sentir encabulada perto dele, ainda mais sabendo que logo depois da aula eu iria me encontrar com um idiota que me daria dicas de como conquistá-lo.

Por acaso, o idiota em questão também não parecia muito contente comigo, já que esbarrou em mim duas vezes propositalmente, quase me derrubando na segunda vez. Seu semblante era escuro e irritado, como se houvesse uma nuvem tapando o sol bem em cima dele.

Mas os infortúnios daquele aprendiz de burro de carga não eram da minha conta. Roberta e Diana não apareceram mais para a aula e eu tinha certeza que a histeria da primeira tinha tudo a ver com o Vicente.

Mas não me interessava. Nem um pouquinho. Meeesmo.

Passei o intervalo na biblioteca, folheando um livro sobre mitologia nórdica sem ler realmente. As aulas, pela primeira vez, pareciam intermi-

náveis para mim. Não conseguia me concentrar, ficava estalando os dedos e mordendo a tampa da caneta compulsivamente.

Quando finalmente o sinal tocou anunciando o fim das aulas, eu fui quase correndo para o banheiro, onde mandei uma mensagem para Vicente:

*Onde nos encontramos?*

Como hoje ele não tinha treino, desconfiava que iríamos direto para a sua casa. Dois minutos depois, ele respondeu, confirmando minhas suspeitas:

*Me espera na frente daquela locadora atrás do colégio.*

Ele não queria que nos vissem saindo juntos, o que eu entendo totalmente. Eu também não estava louca de vontade de anunciar aos quatro ventos que me encontrava secretamente com o menino mais idiota da escola. Ainda que esses encontros fossem puramente...profissionais.

Alcansei minha irmã e disse que ia novamente para a casa do Müller. Ela teve a consideração de assentir sem fazer perguntas, talvez por pensar que eu exigiria que ela respondesse os meus questionamentos também. Acho que essa era uma boa moeda de barganha, mas pensaria nisso depois.

Apressei-me até o lugar combinado e vi que o carro do Vicente já estava parado em frente à locadora. Olhei para os lados furtivamente para ver se tinha alguém conhecido por ali e entrei no veículo. Assim que eu me acomodei, Vicente acenou para o motorista partir e fomos para a sua casa. Como sempre, fomos em silêncio. Eu sentia algumas vibrações negativas vindas do garoto da lesma morta, parecia que ele estava com raiva.

Acho que aquela Roberta irrita qualquer um. Quis saber se ele havia terminado com ela como disse que faria ontem, mas não me atrevi a perguntar.

Não era da minha conta mesmo.

Chegamos e fomos direto para o quarto dele, eu já estava quase acostumada com isso. Não me incomodava tanto como da primeira vez. Vicente largou a mochila no chão e tirou os tênis e as meias. Eu fiz o mesmo com a mochila, mas mantive meus tênis.

– Com fome? – ele perguntou, sentado na cama.

– Na verdade, não – respondi e ele assentiu.

– Também estou sem fome, podemos deixar o almoço para depois e ir logo ao que interessa.

Ele parecia prestes a arrancar um dente sem anestesia. Seria tão ruim assim me ajudar?

– Sinceramente, não sei como você pretende atrair a atenção de qualquer pessoa com essa aparência – ele começou, levantando-se e começando a andar pelo quarto. – Quer dizer, você nem parece gente!

Ah, moleque maldito!

– Para o seu governo, eu já chamei a atenção do Silas, ok? – revelei com raiva. – Ele me chamou para sair e tudo.

Vicente pareceu chocado por um segundo, antes de dizer, se aproximando de mim:

– Ah, chamou, é?

– Sim! Jantar e cinema – fiz questão de salientar.

– E você já disse que sim?

– Ora, é claro. Eu gosto dele, você sabe.

– Você foi meio fácil demais, não acha?

Ah, ele está pedindo para apanhar. Respirei fundo e consegui guardar meus punhos para mim, de nada adiantaria partir para a violência. Eu acho.

– Não, não acho. Você vai ajudar ou não?

Vicente suspirou e chegou mais perto de mim. Eu me esforcei para não recuar e ele parou a poucos centímetros.

– Vamos ter que começar com esse seu jeito de vestir – ele disse.

– Podemos pular a parte referente à minha aparência, minha irmã pode cuidar disso – falei antes que ele acrescentasse mais um comentário ácido sobre mim.

Vicente arqueou uma sobrancelha, mas não insistiu no assunto.

– Tudo bem, então vamos passar para o próximo tópico – disse. – Sobre o que você pretende conversar com ele?

– Ah, isso é fácil, Silas e eu nunca tivemos problemas de comunicação – eu respondi. – vamos falar sobre o que sempre falamos.

– Errado. Um encontro muda tudo. Você não vai querer agir como se ele fosse só um amigo, certo? – ele voltou a andar pelo quarto e eu relaxei os ombros – Comece falando sobre amenidades, depois pergunte algo sobre ele e tente manter o assunto leve, pelo menos no início. O importante é nunca deixar aquele silêncio tenso tomar conta.

Assenti, começando a me perguntar se deveria começar a anotar tudo.

Resolvi confiar em minha capacidade de memorização e não anotei nada, apenas ouvi com atenção enquanto Vicente falava que era importante não comer nada que pudesse ficar preso entre meus dentes e que

filmes românticos estavam fora de cogitação. Pressão demais, segundo ele. O ideal era assistir um filme neutro. Algo não muito meloso, ou sangrento, ou triste demais a ponto de me fazer chorar, obstruindo minhas vias aéreas, fazendo com que eu fungasse.

Beijar uma garota enquanto ela está lutando contra o excesso de muco não é uma coisa agradável, segundo ele.

Ei, mas quando nós passamos dos detalhes técnicos para a parte de beijar?

Vicente riu ao ver o horror em minha expressão e comentou:

– Aposto que você nunca beijou ninguém, não é?

Engasguei e comecei a tossir enquanto o idiota ria.

– Não é da sua conta – soltei quando parei de me afogar com a própria saliva.

– Ora, é claro que é – ele retrucou. – Você me pediu para te ajudar com isso e saber beijar faz parte das suas lições de sedução.

– Lições de sedução? É assim que você chama isso?

– Você tem um nome melhor para o que estamos fazendo?

– Para falar a verdade, não pensei muito nisso.

Ele voltou a rir. Eu já estava ficando nervosa com o jeito com que Vicente estava lidando com aquilo tudo. Ele parecia estar se divertindo ao mesmo tempo em que parecia meio irritado. Isso era possível?

– O que você vai fazer se ele chegar mais perto? – ele perguntou, um sorriso malicioso se formando nos lábios.

– C-como assim mais perto? – gaguejei, xingando-me mentalmente.

– Assim – respondeu e chegou tão perto de mim que eu fui andando para trás até bater na parede. Ele não me tocava, mas eu quase podia sentir seu peito reverberar quando ele disse – Ou assim – e chegou tão perto que eu sentia sua respiração no topo da minha cabeça.

Não entrei em choque. Mas foi por pouco. Vicente colocou suas duas mãos na parede atrás de mim, logo ao lado da minha cabeça.

– O que você está fazendo? – minha voz soou esganiçada. Merda.

– Ah, qual é, estou fazendo isso por você, entra na brincadeira. Finge que eu sou ele.

Fixei meu olhar em algum ponto no pescoço dele, receosa de olhar para seus olhos. Talvez ele estivesse certo, eu realmente não sabia como lidar com uma situação daquele tipo. E ele estava ali para me ensinar.

É tudo de “mentirinha”, não é?

– Ok – assenti, ainda fitando a gola da sua camisa.

– Ótimo – ele respondeu e uma de suas mãos foi parar em minha cintura. Por um momento, ele pareceu surpreso por descobrir que eu tinha uma, mas logo baixou o rosto para o meu. – O que você faz se ele fizer isso? Você quer beijá-lo, certo?

Eu queria? Beijá-lo, quer dizer. Eu queria, não é? Eu achava que sim. E com ele assim tão perto...

Epa.

Era do Silas, não do Vicente que estávamos falando. Eu estou louca ou o quê? O que estava rolando na minha cabeça? Fechei os olhos e suspirei.

– Sim, eu...eu quero beijar o Silas – respondi baixinho. – O que eu faço?

A mão dele apertou minha cintura e a outra foi para a minha nuca.

– Podia começar olhando para mim.

Não olhei. Não tinha coragem.

Ele fez pequenos círculos com o polegar na minha nuca, fazendo-me estremecer. Depois sua mão fez o mesmo caminho da outra, indo parar na minha cintura também. Eu não tinha a menor ideia do que fazer.

– O que eu faço agora? - perguntei, sentindo que ia entrar em combustão espontânea a qualquer momento.

– Tem certeza que você não sabe? Você é mesmo muito boba, Maria Valentina - ele disse, sem esconder o riso em sua voz. Senti seus braços apertarem mais ao redor do meu corpo. - É simples. Me beija.

Arregalei os olhos por trás dos óculos, ainda sem olhar para ele. O ar prendeu a meio caminho dos pulmões e eu pensei que ia sufocar de nervosismo.

– Deixa para lá – Vicente disse, sem nenhum vestígio de riso na voz. – Eu mesmo faço isso.

E se inclinou para me beijar.

12



# Filme de terror é clichê

TINHA ALGO DE ERRADO COMIGO.

Tipo, muito, muito errado.

E eu nem estava falando do meu nariz quebrado.

Ok, estou dramatizando. Ele não estava quebrado. Só sangrava e doía como se estivesse.

Isso sem falar no inchaço. Estou te falando, se eu não precisar de cirurgia plástica depois dessa, vou começar a acreditar em milagres.

– Sério, Vicente, me desculpe – Maria Valentina falou pela quinta vez, segurando uma bolsa de gelo contra meu nariz latejante. – Não vai ficar roxo, eu prometo – acrescentou, afastando a bolsa de gelo por alguns segundos antes de voltar a pressioná-la delicadamente.

Quase não doeu. Quase.

Apanhar dessa menina está virando um hábito.

Fiz uma careta e isso sim fez meus lábios se partirem em um gemido de dor. Parecia impossível fazer qualquer movimento facial sem sentir uma pontada aguda que começava no nariz e se irradiava para as minhas maçãs do rosto, chegando em menor grau até meus olhos, fazendo-os se encherem de água.



Que fique claro que eu não estava chorando. Fala sério, eu, chorando? Coisa mais ridícula. Eu estava lacrimejando.

Tem diferença, ok?

– Você me deu a porra de um soco, Maria Valentina – rosnei, tentando soar ameaçador e sedento por vingança, para que ela não reparasse em meus olhos ligeiramente úmidos.

Mas só me deixe dizer uma coisa. É impossível parecer ameaçador com dois tufos de algodão enfiados nas narinas. Minha frase “ameaçadora” saiu algo como: Focê be deu a borra de um soco, Baria Valentida.

Viu? Ameaçador como um patinho.

Merda.

Estávamos – mais uma vez – no meu banheiro, com a caixa de primeiros socorros aberta no balcão, a pia cheia de sangue – se alguém visse, iria achar que havíamos acabado de assassinar um gatinho – e Maria Valentina tentando consertar os estragos que ela mesma causou.

Certo, mais ou menos. Não nego minha participação no desenrolar dos eventos, mas ela foi pequena. A maior parte da culpa foi toda da Maria Valentina, como sempre. Afinal, é sempre ela que pira e parte para a violência.

Já eu sou da paz.

– Eu não queria machucar você, me desculpe – ela lamentou, apoiando a bolsa de gelo na pia e começando a limpar o sangue seco no meu rosto com cuidado, usando um algodão úmido.

– Um soco, Maria Valentina. Um maldito soco e você ainda diz que não queria me machucar? – falei o mais alto que podia sem sentir meu rosto partir ao meio. Mas é claro que o que saiu foi: um soco, Baria Valentida. Um baldito soco e focê ainda diz que dão queria be bachucar?

Eu sei, eu sei. Patético.

– Eu me assustei – sussurrou ela, jogando o algodão sujo no lixo e pegando um limpo. – Achei que você ia me beijar.

– Sério, M.V? – falei, me estressando e tirando aquele negócio do meu nariz para poder falar direito. Forcei uma expressão de escárnio apesar da dor no nariz. – Você sinceramente acha que eu te beijaria? Eu, Vince Müller? Garota, você só pode estar louca, eu nunca beijaria você. Preferiria beijar um cacto – e me machucaria menos também.

É claro que isso era a maior mentira.

Porque – adivinhe? – eu a teria beijado sim, era o que eu ia fazer, se a louca não tivesse tentado afundar meu nariz para dentro do crânio.

O negócio é que – chocante, eu sei – eu queria beijar aquela nerd de língua ácida e punhos rápidos.

Acredite, ninguém está mais estupefato com isso do que eu.

Como eu disse, tinha algo de muito errado comigo.

– Eu sei – a nerd disse baixinho. Ela tinha hesitado um pouco logo que eu acabara de falar, mas logo voltara a limpar minha pele com toques delicados. – Eu sei que você nunca me beijaria, eu só...não estava pensando. Eu pirei. Me desculpe – terminou num fiapo de voz.

Ótimo, era só o que me faltava. Eu estava destruindo a autoestima da garota e me sentindo mal por isso. O que era realmente péssimo, porque afinal, eu iria beijá-la mesmo. Se ela tivesse me dado a chance.

Mas é claro que isso eu não podia dizer.

Segurei o pulso dela de leve, impedindo-a de continuar. Seus dedos soltaram o algodão sujo de sangue, que caiu no chão aos nossos pés. Sua mão tremia ligeiramente e ela encarava um ponto acima da minha cabeça, o que era fácil já que eu estava sentado e ela, de pé.

– Está tudo bem, Maria Valentina – era tudo o que eu podia dizer. – Eu não estou com raiva – e não estava mesmo. Não sei por que, mas não estava.

E então eu fiquei sabendo que tudo o que eu podia dizer era, aparentemente, a coisa errada a se dizer.

Isso ficou claro quando a garota começou a chorar.

Sei, eu mereço.

Maria Valentina me deixou no banheiro e correu para o quarto, mas tropeçou na própria mochila e caiu de joelhos no chão. Em meio segundo eu estava agachado ao lado dela, segurando seus ombros, tentando fazê-la olhar para mim.

– Você está bem? Se machucou? – perguntei preocupado.

Pequenos soluços escapavam de sua garganta, seus grandes óculos estavam embaçados e lágrimas riscavam suas bochechas rosadas. O que diabos estava acontecendo? Quando foi que passamos da violência para a choradeira? O que eu deveria dizer para fazê-la parar? Céus, eu não tinha a menor experiência em consolar mulheres chorosas. Eu deveria deixá-la chorar em paz por algum tempo? Esperar na sala, talvez? Pedir ao motorista para levá-la para casa?

Não sabia, mas a ideia de deixá-la me parecia...errada. Como se eu fosse me tornar o canalha número um da terra se fosse embora e a deixasse ali. A garota era tão pequena, frágil no meio de todas aquelas roupas largas. Era como se tentasse se esconder do mundo. Parecia até inofensiva, para alguém que não a conhecesse.



Mas eu conhecia aquele pequeno furacão muito bem. Sabia dos estragos que era capaz de causar. Minha canela, minha sobrançelha e meu nariz podiam testemunhar.

Só que algo na maneira em que seus ombros se sacudiam sob minhas mãos a cada soluço era como uma pontada daquela dor aguda que eu sentia em meu nariz.

Exceto que não era no nariz que eu a estava sentindo agora. Apesar dele ainda estar doendo, e bastante.

– Ei, pequena – disse numa voz que esperava que fosse reconfortante, mesmo que ainda estivesse um pouco anasalada. E, sem pensar, puxei-a para os meus braços. – Eu já disse que não estou com raiva, você não precisa ficar assim. Não há nenhum dano permanente, veja – e torci o nariz bem no estilo “A Feiticeira” (eu tive uma namorada que gostava e me forçava a assistir, ok?), ignorando a pontada de dor que isso me causou e tentando não fazer careta.

Isso não arrancou o sorriso que eu esperava dos lábios dela, que apenas afundou o rosto na minha camisa suja de sangue.

É, eu sei. Que delícia.

Pelo menos os soluços haviam parado.

Acaricieei sem prestar muita atenção o lado do seu rosto, como se fizesse isso o tempo todo, e observei enquanto a nerd se encolhia em meu abraço desajeitado. Confesso que não era...desagradável, apesar do calor, que estava me fazendo suar e não estimulava contatos como aquele. Maria Valentina parecia menor e mais pálida colada a mim daquele jeito, e suas lágrimas eram quentes mesmo através da minha camisa. Nunca havia pensado que veria tanta...vulnerabilidade – se é que essa era a palavra correta – naquela garota que, desde que entrou na minha vida, tudo o que fez foi me xingar, chutar minha canela até o ponto em que pensei que ficaria aleijado, dar com o telefone na minha cabeça e – mais recentemente – toda essa história de quase quebrar o meu nariz.

E agora a violenta e durona Maria Valentina estava toda aninhada em mim, como uma gatinha.

Coitado de mim.

Certo, certo. Não era ruim tê-la em meus braços daquele jeito, não era nada ruim. Bom, exceto pelo fato de que ela estava chorando e isso não era uma coisa boa.

Mas, ei, pelo menos ela não estava me batendo! Um avanço inegável.

Será que ela me bateria se eu distraidamente deslizesse minha mão até a sua cintura? É que foi tão surpreendente – de um jeito bom – sentir

as suaves curvas do corpo da nerd! E não, eu não estou brincando, a menina tinha curvas! Claro que não eram aquela coisa, mas para quem passou a vida toda achando que a menina era quadrada...já era alguma coisa, certo? Não entendia por que ela se escondia tanto atrás daquelas roupas horríveis. Talvez ela ficasse até razoável se alguém fizesse um upgrade nela.

Aqueles óculos e o penteado seriam as primeiras coisas que eu gostaria que desaparecessem.

Bom, decidi não arriscar tentar tocá-la em qualquer outro lugar – meu nariz ainda era um lembrete dolorido de que não era sábio irritar a baixinha – então só continuei passando as pontas dos dedos no rosto dela numa carícia leve e inocente.

– Por que você está chorando? – perguntei em voz baixa.

Ela pareceu sair de uma espécie de transe, afastando-se de mim lentamente e secando as lágrimas com as costas das mãos. Seus lábios se separaram e ela inspirou e expirou bem devagar, antes de dizer:

– Eu sou um caos! Você tinha razão, garoto nenhum jamais olhará para mim – sua voz era fraca e ela me fitou através das lentes embaçadas. – E se Silas tentar me beijar e eu acabar pirando e dando um soco nele? Ou pior, e se ele perceber que eu sou uma nerd intragável e nem tentar? – ela olhou para baixo, para suas mãos. – Eu não me surpreenderia.

Ela estava tão cabisbaixa que eu fiquei com vontade de abraçá-la de novo. Mas isso seria uma péssima ideia. Aliás, a coisa toda era uma péssima ideia. O que estava acontecendo comigo? Por que, de repente, eu fiquei com vontade de abraçar e, vamos ser sinceros, de beijar aquela criaturinha esquisita?

Era a mesma coisa que ter uma súbita vontade de beijar seu hamster de estimação.

E, tudo bem, eu talvez tenha ficado um pouco irritado com aquela coisa de oh-meu-deus-Silas-me-chamou-para-sair. Como se sair com aquele palhaço fosse grande coisa. E ela estava tão empolgada! Queria que eu a ensinasse como agir num encontro! E num encontro com aquele garoto idiota! Argh! Não entendia o que eu estava sentindo, mas só a ideia de que ela teria um encontro com o Ronald McDonald, me dava vontade de vomitar. E quando ela disse “eu quero beijar o Silas”? Foi isso que me fez ter mais vontade de beijá-la.

Quem disse que o primeiro beijo dela tinha que ser dele?

Mas o que isso tinha a ver comigo?

A vida era dela, afinal de contas. E o que ela e seu – argh – namorado faziam não devia ser da minha conta.

Mas eu estava começando a querer que fosse.

Acho que eu comecei a gostar da Maria Valentina. Não, não de um jeito romântico – apesar daquele momento de loucura em que eu quis beijá-la – mas algo como amizade. Eu estou completamente apaixonado por uma garota que vi uma vez na vida e de quem não tenho notícias há dias, afinal, e isso já era muito para a minha cabeça. Eu devia estar carente, só podia.

Enfim, talvez não houvesse problema em gostar da nerd como eu gosto do meu melhor amigo, por exemplo. De maneira geral, passar um tempo com ela era bem parecido com passar um tempo com Lucas. Nós nos xingávamos, batíamos – não com toda a violência da baixinha, é claro – um no outro e ríamos. Só não estudávamos. Então, de uma maneira meio distorcida, Maria Valentina era meio que minha amiga. Eu nunca tinha sido amigo de uma garota e agora estava vendo que não era ruim, apesar de todas as nossas diferenças. Quer dizer, eu me importava com ela, queria que ela ficasse bem e definitivamente não queria que tivesse seu primeiro beijo com o Ronald McDonald que, quem sabe, poderia ser um aproveitador e corruptor de menores. Eu não sabia nada sobre ele! Ele podia ser um traficante de drogas juvenil ou até um aprendiz de estuprador! Eu não podia deixar minha professorinha nas mãos dele, podia? Um amigo de verdade não deixaria a pobre e inocente Maria Valentina nas mãos daquele cara.

Eu sempre achei o Ronald McDonald com cara de psicopata.

Estou falando do verdadeiro.

Mas se eu for parar para pensar, o Koury era parecido com ele, portanto, também tinha cara de psicopata.

Não devo ajudar a MV a se dar bem num encontro com um garoto com cara de psicopata, simplesmente não é certo.

Mas, nada disso importava. Porque ela estava triste. E ela estava triste por pensar que aquele psicopata-possível-estuprador-drogado não iria tentar beijá-la na sexta-feira, no encontro deles. E, ok, mesmo sabendo que o cara poderia muito bem não prestar nem para encerrar o chão, eu não queria vê-la tristonha daquele jeito. Então, em vez de ser racional e inteligente, e dizer para ela desistir, que o cara era um traste e que os dois nunca ficariam bem juntos, eu disse:

– Maria Valentina, o psico...quer dizer, o Koury nunca vai achar você uma nerd intragável. Até porque, ele é um nerd intragável.

Certo, isso a fez rir. Bom.

– E se ele não tentar beijar você – continuei, me inclinando para tocar sua bochecha. – Bom, ele que vai perder. Aposto que você beija muito bem.



Ela riu mais, seus lábios se abriram em volta dos dentes brancos imaculados e, se eu pudesse enxergar seus olhos, tenho certeza de que os veria cintilar.

– Sério? – ela perguntou, ainda com o sorriso lindo no rosto. – Como você pode saber disso? Eu nunca beijei ninguém, acho que sou péssima.

Ela realmente tinha um sorriso lindo. Parecia com o da minha Tiffany desaparecida.

Ok, foco. Se eu começar a pensar na Tiffany, vou enlouquecer.

– Eu tenho instinto para esse tipo de coisa – inventei, apesar de estar consciente de que ninguém beijava bem logo de primeira. Eu só queria deixá-la feliz. – Tenho certeza de que você vai se sair muito bem no seu primeiro beijo.

Opa, acho que eu disse algo errado, pois ela parou de sorrir.

– Por que? – perguntou, baixando a voz e olhando para mim. Seus óculos estavam começando a desembasar e eu pude ver o contorno dos seus olhos. Eles eram grandes em seu rosto. – Por que você está sendo tão...legal? Se não se lembra, eu quase quebrei seu nariz há um minuto.

Eu ri, e a dor era apenas inconveniente, não insuportável agora.

– Você me prometeu que não ficaria roxo – respondi apenas, não querendo revelar minha recém-descoberta amizade por ela.

Ela voltou a sorrir, sem separar os lábios dessa vez.

– Talvez eu não seja capaz de cumprir minha promessa – ela disse, incerta, mas o sorriso ainda trazendo para cima os cantos dos seus lábios. – Você está um pouquinho roxo.

Fingindo-me de horrorizado, corri para o banheiro para ver a extensão dos danos. A base do meu nariz, logo acima dos lábios, estava meio arroxeadada, assim como ao redor das narinas. Mas não parecia nada muito grave, o gelo me poupou do pior. E eu não pude evitar o sorriso que se formou em meus lábios ao ouvir a risada doce da nerd, quando eu disse:

– Definitivamente, caso para cirurgia plástica.

Eu a olhei e ela levantou do chão, ajeitando as calças – as mesmas do dia anterior, horrorosas e folgadas – e os cabelos. Percebi que alguns fios haviam escapado do coque apertado e enrolavam ao redor do seu rosto, num lindo tom de cobre, que se transformou em vermelho fogo no minuto em que ela deu um passo em minha direção, quando passou a ser acariciada pelos raios de sol que entravam pela janela aberta.

– Você é ruiva – concluí, como um idiota, encantado pela cor dos seus fios. – Nunca havia reparado.

– É – ela concordou, parecendo meio desconfortável e colocando os fios rebeldes de volta no lugar. – Você não respondeu minha pergunta. Por que está sendo tão legal comigo, de repente?

Eu suspirei. Se íamos ser amigos, ela precisava saber, certo?

– Eu só acho que... – comecei, passando a mão nervosamente pelos cabelos e observando sua expressão confusa. – Sei lá, nós não precisamos brigar o tempo todo e nos odiar para o resto da vida. Podíamos tentar ser amigos.

Fitei-a enquanto sua expressão passava de confusa para chocada, e então, para o meu completo alívio, para simplesmente satisfeita.

Acho que “em êxtase” seria pedir demais.

– Amigos? – ela repetiu, arqueando uma sobrancelha que, agora eu notei, era ruiva como seus cabelos. Como eu não percebi isso antes? – Você, Vince Müller, estrela do futebol, garoto mais popular do colégio, namorado da garota mais linda...

– Ex-namorado – corriji. – terminei com a Roberta hoje. – E ela não é a mais linda – claro que não, Tiffany era.

Ela assentiu, como se desconfiasse disso. Foi minha vez de arquear a sobrancelha. Ela ignorou e continuou:

– Certo, ex-namorado da menina mais linda da nossa sala e eu? A nerd esquisita que usa óculos e foi relegada ao ostracismo durante toda a vida escolar? Você está dizendo que quer ser meu amigo?

Colocando as coisas desse jeito, parecia mesmo meio improvável... mas dane-se, por que eu deveria me preocupar com isso? Então Maria Valentina não era como todos os meus outros amigos, mas e daí? Eu me importava tanto com essas coisas inúteis a ponto de me afastar de alguém cuja companhia era...boa para mim?

Eu já sabia a resposta.

– Eu resolvi não me importar tanto com isso, MV – respondi, dando de ombros como se não fosse nada. – Quero ser seu amigo, mesmo que sejamos diferentes. Você topa ou prefere ficar brigando comigo o tempo todo?

– Então você quer ser meu amigo para que eu pare de bater em você?

– Confesso que a ideia passou pela minha cabeça. E não é de todo má. Ela riu e então levantou a mão para mim.

– Amigos? – ela perguntou.

Eu apertei a mão dela com a minha.

– Amigos – confirmei, sentindo-me estranhamente satisfeito.

Decidimos que devíamos parar um pouco com as aulas – tanto as minhas quanto as dela – por pelo menos o restante do dia. A ideia foi minha, eu estava cansado de me irritar com o pensamento de Maria Valentina e Ronald McDonald juntos no encontro. Sabia que ia acontecer, mas, ela precisava realmente ficar esfregando na minha cara daquele jeito? Eu não gostava do cara e pronto, não queria os dois juntos.

Mas se ela gostava mesmo dele...

Quem eu estou tentando enganar? Eu estava torcendo para o encontro deles ser um fracasso.

Continuando, a ideia era termos nosso primeiro momento como amigos. Sem pressões de aprender geopolítica nem a técnica para beijar sem bater os dentes nos dentes da outra pessoa. Maria Valentina pareceu feliz com a ideia de assistirmos um filme, depois de vetar terminantemente o banho de piscina que eu propusera. Aceitei a ideia dela, contanto que eu pudesse escolher o filme. E em menos de uma hora – fomos almoçar e eu troquei minha camisa que mais parecia de açougueiro com todo aquele sangue –, estávamos na grande sala de TV, esparramados no sofá, armados com pipoca, refrigerante e chocolate – fiquei deliciado ao saber que Maria Valentina rejeitava qualquer tipo de comida natureba, assim como eu – e tendo, no caso da nerd, os primeiros vislumbres de O Teatro Da Morte.

– Vincent Price? – Maria Valentina perguntou olhando para mim com um sorriso. – O Mestre do Macabro não é meio baixo, mesmo para você?

– O que você quer dizer com isso? – perguntei, satisfeito por ela conhecer um dos meus atores preferidos.

– Nunca vi esse filme, mas Vincent Price é conhecido por seus filmes de terror e eu duvido que algo que chame O Teatro Da Morte seja algum romancinho água com açúcar.

– Com medo, MV? – provoqueei.

– Nos seus sonhos – retrucou ela. – É só que isso é tão clichê!

– O quê? Filmes de terror?

– É claro. Você quer que eu, por ser garota, fique toda assustada e solte alguns gritinhos nas piores cenas, só para depois me provocar por isso pelo resto da vida.

Meu queixo caiu quando percebi que ela descobriu todo o meu plano meticulosamente arquitetado. Tudo bem, não tão meticulosamente assim, mas...

– Você é mesmo esperta, garota nerd – declarei com um sorriso.

– Mas eu poderia ter escolhido esse filme para você se assustar e me agarrar.

Foi a vez dela de ficar com o queixo caído, mas logo se recuperou e me deu uma piscadela.

– Para a sua sorte, eu meio que gosto de filmes de terror – disse e riu, voltando suas atenções para a tela.

Certo, filme de terror é clichê. Mas é tão divertido que eu posso conviver com isso.

13



## *A felicidade é frágil*

SAÍ DA CASA DO VICENTE um pouco mais tarde do que seria sensato, o filme era longo e bom demais para que eu pudesse desviar os olhos da tela para o relógio. Vincent Price sempre seria o Mestre do Macabro, o cara era genial, assim como um garoto de nome parecido...

As chances de papai já ter chegado em casa eram grandes, mas quer saber de uma coisa? Eu não me importava! Nem um pouco! Eu estava oficialmente dando descarga no bom senso! Trataria de inventar uma desculpa para minha ausência, se e quando isso se tornasse necessário, porém, no momento, eu só queria curtir as primeiras lembranças da minha recém-formada — e mais do que improvável — amizade.

Um sorriso sutil insistia em esticar meus lábios para cima enquanto eu fazia meu caminho para casa. Eu nunca me considereei uma pessoa ilógica, mas acho que agora as provas disso estavam estampadas em garanchos luminosos. Afinal, qual era a lógica em me sentir tão leve e feliz só por ter me tornado amiga de um garoto que passei a vida toda odiando? Meu ódio por ele sempre foi real, nunca houve dúvida quanto a isso. Então por que uma tarde de filme de terror com ele me fez tão feliz que eu tinha vontade de rir à toa?

Bom, pensaria nisso depois, minha mente estava muito agitada e eufórica para encontrar respostas plausíveis. E eu já estava quase em casa,





precisaria ocupar minha mente com coisas mais importantes. Não foi surpresa ver o carro do papai estacionado na entrada de veículos enquanto eu atravessava o pequeno jardim. Franzi a testa, pensando em uma desculpa não tão descarada para estar fora até aquela hora, mas os gritos vindos de dentro da casa meio que me distraíram, principalmente quando reconheci a voz da minha irmã. Não hesitei – sempre fui e sempre seria superprotetora com Geny – e corri para a porta sem um segundo pensamento.

Papai estava muito vermelho, como se tivesse acabado de sair de uma sauna, seus olhos azuis normalmente claros e límpidos estavam escuros de raiva. Geny não estava muito diferente. As bochechas quentes de cólera e os cabelos longos, soltos, flutuavam em volta do seu rosto enquanto ela o enfrentava. Eu nunca tinha visto tal cena. Tudo bem que papai brigava com Geny um pouco mais que frequentemente, mas nunca a vi reagir daquela maneira tão intensa. A menina estava louca, só podia. Como ela tinha a coragem...?

Nenhum dos dois notou minha presença.

– Eu já estou cansada! – Geny gritava, agitando os braços para dar ênfase. – Não sou a filha perfeita nem quero ser! Conte-se com a Tina, porque eu me recuso a ser um robô!

– Cale-se, Maria Eugênia – papai não gritava, mas de algum modo sua voz soava mais ameaçadora do que se ele estivesse aos berros. – Mais uma palavra e eu a mando para um colégio interno!

– Ótimo! – retrucou Geny completamente fora de si, fuzilando papai com os olhos. – Pelo menos assim eu ficaria livre de você!

O silêncio que se seguiu parecia o de um cemitério. Não sei quem ficou mais chocado depois dessa declaração. Meu queixo caiu, literalmente, e papai parecia que tinha acabado de ser atingido por algo muito pesado. Até Geny parecia surpresa com suas próprias palavras, mas manteve sua postura beligerante e o nariz empinado, embora eu pudesse ver suas mãos tremendo e seu peito afundando nas costelas com mais força que o normal.

Geny não percebeu o que estava por vir, estava tão alterada que não perceberia se um trem desgovernado estivesse vindo em sua direção, porém eu percebi a mão de papai e me entrepus entre os dois, impedindo-o. Geny fitou-me em choque, depois alternou o olhar entre papai e eu. Ninguém parecia saber o que dizer, eu também estava em choque e papai parecia mais do que um pouco furioso.

No entanto, eu nunca o tinha visto dessa maneira. Ele nunca, em nenhum momento, mesmo com raiva, nunca havia levantado a mão para

uma de nós. Podia ser ameaçador e rígido, mas nunca tinha agido com violência com a gente nem com qualquer outra pessoa. E, tudo bem, eu podia ser a suposta filha perfeita que Geny me acusara de ser, nunca contrariando ou desobedecendo ao papai – não na frente dele, é claro – e tentando ao máximo agradá-lo. Mas eu não podia permitir que ele batesse na minha irmã.

– Você é horrível – ela disse, parecendo recuperar a coragem depois de mais alguns segundos de silêncio esmagador. Sua voz tremia. – Eu quero ir embora daqui para sempre. Eu o odeio!

Uma veia começou a latejar na têmpora do papai e eu tinha um péssimo pressentimento sobre aquilo.

– Para o quarto, Maria Eugênia. Agora – declarou papai, com a voz furiosa contida, afastando-se de nós. – E é melhor que goste dele, não vai sair de lá tão cedo.

Geny parecia querer retrucar, mas o olhar azul de papai era gelado e, para ser sincera, assustador. Ela olhou para mim antes de ir, como se pedisse uma autorização muda. Era bom saber que minha irmã tinha tanta confiança em mim. Assenti e ela subiu as escadas correndo, sem outro olhar para papai.

Ficamos apenas os dois ali, encarando-nos. A tensão podia ser cortada como se fosse manteiga. Papai finalmente desviou o olhar e se jogou na poltrona de couro marrom, passando uma mão firmemente pelo cabelo curto.

– Onde você estava? – perguntou, áspero.

– Petra – respondi imediatamente.

– Com a permissão de quem?

Não respondi. Era uma pergunta retórica.

– Também está de castigo, Maria Valentina – continuou, sem me olhar.

– Tudo bem – respondi. Eu ainda permanecia de pé, a uns três metros dele.

Papai voltou a me fitar com aqueles olhos azuis que ainda guardavam vestígios de fúria, a tensão visível em sua boca apertada e seu cenho franzido.

– Nunca mais se meta em uma discussão minha com a sua irmã – ele disse de repente.

– Não posso dizer que farei isso – respondi, surpreendendo-o. – Vou me meter entre vocês toda vez que você ameaçar machucá-la.

Nunca em toda a minha vida eu havia sequer imaginado falar com meu temido pai assim. Mas eu não podia deixar que o que quase aconte-

ceu com Geny acontecesse de novo. E se ela estivesse sozinha e eu não pudesse protegê-la? Minha irmã vinha em primeiro lugar em qualquer situação. E nem o respeito nem o medo que eu sentia pelo meu pai me impediriam de tentar fazê-lo entender isso.

Papai arregalou os olhos e voltou a passar os dedos pelo cabelo, levantou-se e foi até o armário de bebidas. A coisa era séria mesmo, se pai estava apelando para o uísque num dia de trabalho. Serviu-se e tomou um gole antes de tirar a cartela de cigarros do bolso. Não a abriu.

– É um motim? – perguntou, de costas para mim. Mas não parecia esperar que eu respondesse, porque continuou – Nunca quis machucar sua irmã, mas ela me tirou do sério. Está cada dia mais parecida com a sua mãe. Tão rebelde, indisciplinada, incontrolável...

Papai nunca falava da mamãe, então suas palavras me pegaram completamente fora de guarda. Ele devia estar mais do que apenas alterado para trazê-la à tona numa conversa.

– Fala como se fosse algo ruim – eu retruquei, indignada com o tom das palavras dele.

Ele se voltou para mim, parecendo frio e ainda mais distante.

– E não é? Uma mãe irresponsável, uma mulher volúvel, isso o que ela era...

Senti uma fúria insana percorrer-me com suas palavras. As lágrimas não derramadas ardiam atrás dos meus olhos e eu fechei as mãos em punhos, porém, minha voz estava controlada ao dizer:

– Não fale dela assim.

Mas foi como se ele nem tivesse ouvido. Parecia tão furioso e as palavras cruéis se derramavam de sua boca, como nunca antes eu tinha visto.

– O maldito sangue dela corre em vocês, é claro que seriam perdidas como ela. Talvez você se salve, mas Maria Eugênia tem a mesma rebeldia, a mesma futilidade...

– Pare! – pedi, dessa vez as lágrimas começaram a rolar soltas por meu rosto. – Não fale dela assim!

Mas ele parecia determinado a despejar todas as palavras que ficaram tantos anos presas dentro do seu coração.

– Uma qualquer, uma perdida, isso o que ela era! Sempre inquieta, insatisfeita, uma vida decente não era e nunca seria o suficiente para ela, eu nunca seria suficiente para ela! Mas eu pensava que vocês seriam, mas não, nem amava o suficiente as próprias filhas para...

– Cala a boca! – gritei, descontrolada. – Cala a boca! Cala a boca!

Quase não senti a dor do tapa, mas o ato em si me assustou e repugnou. Sentia meu rosto esquentar e latejar, as lágrimas ainda fazendo seu caminho em minhas bochechas.

– Maria Valentina, eu – começou, parecendo surpreso e assustado consigo mesmo, mas eu não queria escutar sua voz.

– É da minha mãe que você está falando – eu disse, a voz frágil. – Não importa o que ela foi, ela ainda é minha mãe. E pelo menos ela nunca me bateu.

– Nunca estive perto tempo o bastante para ter a oportunidade.

– As mãos dela eram lindas demais para cometer esse tipo de violência.

Os olhos de papai pareciam que iam saltar das órbitas, sua pele pálida estava corada e febril, seu maxilar preso como se ele estivesse fazendo muito esforço para se controlar. O copo com uísque em sua mão se espatifou na parede no segundo seguinte, quando ele o atirou. Falar em mamãe era sempre algo que o fazia perder as estribeiras, mas tanta fúria não era normal, mesmo para ele.

– Para o quarto, agora!

Não foi preciso pedir duas vezes, em meio segundo eu já estava no topo da escada, tendo subido dois degraus de cada vez. Passei reto pelo quarto da Geny e subi para o meu sótão, meu amado refúgio. Ela estava lá, sentada na minha cama com a cabeça apoiada nos joelhos, os cabelos bagunçados ao redor do rosto. Levantou os olhos ao me ver entrar, e seu rosto também brilhava com as lágrimas. Apesar de toda a capa de garota forte e bem resolvida, Geny era uma criança, uma criança tão sozinha e confusa, sem mãe e com um pai distante e incapaz de compreendê-la.

– Ele achou meu caderno, Tina – ela chorou, a voz quebrando-se no meio da frase. – Meu caderno de desenhos...

Como mamãe, Geny era talentosa e criativa. Queria ser estilista e qualquer pessoa que tenha visto o que ela fez comigo para a festa do primo da Petra, perceberia que ela tinha jeito para a coisa. Infelizmente, moda não era algo que papai considerasse uma carreira.

Ele odeia artistas.

– Ele d-disse que era uma bobagem inútil – soluçou quando eu sentei ao seu lado na cama e a abracei. – Disse que era uma b-besteira de criança e que eu tinha que crescer. Que ele nunca permitiria que eu...que eu...que eu estragasse minha vida com uma f-futilidade dessas. Mas é meu sonho, Tina! Meu sonho!

Eu não falei nada, apenas abracei-a e a deixei chorar no meu ombro, acariciando seus cabelos com uma das mãos. Em qualquer outro dia, eu

confesso que teria concordado com papai. Sinceramente, nem eu entendia a fascinação de Geny por esse tipo de coisa, era algo estranho para mim. Mas eu amava minha pequena irmã, ela era tudo para mim. E qualquer coisa que fosse capaz de colocar um sorriso em seus lábios, nunca seria ruim. Papai estava tão cheio de rancor pela nossa mãe que era incapaz de ser feliz com uma filha tão parecida com ela. Me doía saber que ele estava tão certo. Irresponsável, rebelde, inconsequente...Geny tinha herdado essas características da mamãe. Mas, assim como ela, Geny também era espontânea, autêntica e doce. E eu não podia deixar de admirá-la por ser assim. Não podia deixar de amá-la mais por isso.

– Esqueça – eu disse, finalmente. – Ninguém tem o direito de tirar seu sonho de você, nem de fazer pouco dele. Guarde-o, proteja-o e um dia ele se tornará realidade. Mas não volte a enfrentar o papai assim. Não é inteligente e nem certo.

Ela continuou chorando e se apertou mais em meu abraço. Minhas próprias lágrimas secaram geladas em meu rosto. Nenhuma de nós parecia querer ir para baixo, nem para comer. Então ficamos ali e dormimos juntas, abraçadas, como costumávamos fazer quando menores, sem pais que nos colocassem para dormir. Ainda lembro como Geny chorava e dizia que odiava mamãe e que queria ter uma família normal.

Irônico como minha irmã nunca pôde perdoar nossa mãe. E mesmo assim, era tão parecida com ela que meu coração apertava.

Fechei os olhos e adormeci com os olhos ainda cheios de lágrimas. O pequeno furor de alegria por minha amizade com Vince totalmente eclipsado pela realidade que me cercava.

No dia seguinte, quando descemos do sótão, papai já tinha ido para o trabalho. Nenhuma de nós falou muito enquanto íamos para a escola e Geny me abraçou apertado antes de ir para sua sala da oitava série. Às vezes eu me esquecia o quanto ela já estava crescida, apesar de saber que, no fundo, era uma criança. Fui arrastando os pés para a minha sala, pela primeira vez em muito tempo, a perspectiva de estudar e aprender não me estimulava. Petra ainda não falava comigo e devo dizer que não esperava que fosse receber algum reconhecimento de Vicente em público. Não falamos disso, mas eu realmente não esperava que ele fosse agir como meu amigo na escola, na frente de outras pessoas.

Eu queria muito chorar.

Fiquei sentada em meu lugar até a aula começar, sem falar com ninguém. Petra sentara algumas cadeiras longe de mim hoje, e nem Silas nem Vicente tinham chegado ainda, porém o último apareceu pouco depois do

sinal tocar e entrou na sala segundos antes do professor, parecendo bonito e despreocupado, os cabelos molhados pingando na gola da camisa. Para minha surpresa, ele ocupou o lugar ao meu lado e me cumprimentou com um sorriso largo cheio de covinhas e uma piscadela.

Ignorei-o porque me sentia incapaz de retribuir seu sorriso e afundi na minha cadeira. O professor chegou e eu tentei manter minha atenção na aula, mas minha mente voltava à discussão de ontem e eu só me sentia pior. Vicente tentou chamar minha atenção e até empurrou um bilhete em minha mesa, que eu não li. Apenas amassei e joguei de volta para ele, que me fitava aturdido.

Quando a primeira aula acabou e o professor se retirou, ele se inclinou para perto de mim e perguntou baixinho:

– O que há, Maria Valentina?

Isso me pegou de surpresa, porque todos podiam nos ver perfeitamente. E é claro que era isso que todos na sala estavam fazendo, ninguém tirava os olhos de nós. Roberta parecia ter engolido um limão e Petra não pareceria mais chocada se eu tivesse sido eleita miss universo. Não podiam nos ouvir se cochichássemos, mas podiam ver que estávamos conversando. A nerd e o garoto mais popular da escola. Assunto para o ano todo.

– Não me chame assim – murmurei de volta. Só quem me chamava de Maria Valentina era o papai e eu não queria pensar nele.

Vicente sorriu e tocou a ponta do meu nariz.

– Gosto do seu nome – ele disse, sorrindo.

Eu estava tão mal que isso quase me fez chorar. E o fato de que ele estava agindo como se estivéssemos sozinhos, mesmo no meio da sala, deixou-me mais do que um pouco emocionada.

– Você está triste – não foi uma pergunta. – O que aconteceu?

Neguei com a cabeça. Não estava negando que estava triste, apenas disse sem palavras que não queria falar sobre isso. Não confiava em minha voz para sair firme.

– Somos amigos agora, lembra? Mas tudo bem, podemos conversar sobre isso em minha casa mais tarde.

Balancei a cabeça mais uma vez.

– Não vou para a sua casa hoje, Vicente – respondi.

– Por que?

– Não posso, estou de castigo.

Assim que eu disse isso, outro professor entrou e não pudemos mais conversar, apesar de eu ainda sentir o olhar dele – e de toda a sala, aliás – em mim.

Aquilo estava insuportável. Cinco minutos depois eu decidi que não ficaria mais ali, levantei-me, para o espanto de todos, peguei minhas coisas e disse ao professor que não estava me sentindo bem e que iria para casa. Ele assentiu na hora, todos os professores me conheciam e sabiam que era mais fácil a lua cair do céu do que eu inventar desculpas para perder aulas.

Saí da sala o mais rápido que pude e fui para a coordenação, onde repeti o que havia dito ao professor.

– Vou ter que ligar para o seu pai para ele vir buscar você – a sra. Meilin, assistente da coordenadora, disse, já pegando o telefone.

– Não, por favor – eu pedi, horrorizada com o pensamento de falar com papai. – Meu pai é um médico muito ocupado, a senhora sabe, e odeia ser perturbado por esse tipo de coisa. Eu não posso pedir para ele assinar uma autorização e trazer amanhã?

Como eu sempre fui a aluna perfeita e responsável, a sra. Meilin concordou, apesar de, como ela fez questão de repetir mil vezes enquanto assinava meu passe de saída, aquilo fosse terminantemente contra as regras da escola. Ela abriria uma exceção só porque eu realmente parecia pálida e abatida e ela sabia como meu pai era um homem ocupado.

Depois de agradecer e pegar o passe, eu saí depressa de lá. Ao chegar ao portão da escola, entreguei meu passe e saí. Resolvi pegar um táxi, estava me sentindo cansada demais para andar mesmo só até o ponto de ônibus. Dentro do táxi, eu mandei uma mensagem para Geny, avisando que tinha voltado para casa e desliguei o celular.

Cheguei depois de alguns minutos e subi para o meu quarto, largando a mochila no chão e trocando o uniforme por uma calça de moletom velha e muito folgada e a blusa do South Park do Vicente.

Idiota, eu sei, mas me sentia tão bem com ela. Confortada e segura.

Fui até o aparelho de som e coloquei minha lista de músicas preferidas para tocar, depois deitei na cama, fechei os olhos e relaxei ao som dos primeiros acordes. Tentei visualizar o rosto da minha mãe, mas era como se eu tentasse enxergá-la através de óculos embaçados. Ou como se eu estivesse tentando fazer um retrato falado com detalhes importantes faltando. Sabia que ela tinha cabelo escuro e pele apenas ligeiramente morena. E seus olhos eram da mesma cor que os meus. Mas acabava aí. Eu não lembrava da curva dos seus lábios nem da curva do seu nariz. Não sabia como era o formato do seu rosto ou se ela tinha um queixo pronunciado. Seus cílios eram longos? Ela sorria com frequência? Suas orelhas eram furadas? Ela tinha covinhas?

Antes que eu percebesse, as lágrimas pela perda venceram a barreira das minhas pálpebras e escorregaram pelo meu rosto, molhando minhas orelhas. Sentia-me tão só, tão...abandonada.

O som da campainha arrancou-me dos meus devaneios e fiquei tentada a ignorar. Mas a pessoa era insistente e foi com esforço que me levantei da cama para ir atender. Era improvável que fosse Geny, a não ser que ela tivesse fugido da escola e papai tinha a chave para entrar em casa. Devia ser uma das vizinhas querendo a bateadeira emprestada ou coisa assim...

Desci do sótão e fui até a porta, abrindo-a sem ânimo e quase deixei escapar um gritinho ao ver Vicente parado na soleira, olhando-me com curiosidade e preocupação.

– Não vai me convidar para entrar?

Pasma, fiquei apenas parada fitando-o demoradamente. Só quando ele sorriu, mostrando as covinhas, percebi o que estava fazendo e, afastei-me para deixa-lo passar.

– Como descobriu onde eu moro? – perguntei, fechando a porta.

Ele sacudiu os ombros e disse enquanto passava os olhos pela sala de estar:

– Você não atendia o celular, então eu precisei tomar medidas drásticas. Mas para quem roubou um simulado, descobrir o endereço de uma das alunas da escola foi moleza.

Isso consegui me fazer sorrir fracamente. Era engraçado como o fato de ele ter roubado o simulado e ficado em primeiro lugar na lista de classificação, ainda que por um dia, não me aborrecia mais. Aliás, eu começava a ver minha reação como infantil e tola. Para não mencionar fútil.

– Quem imaginaria que eu estava fazendo amizade com um marginal? - brinquei para atrair a atenção dele. O modo como ele parecia observar minuciosamente a sala de estar estava me dando nos nervos. Parecia que ele estava procurando algo ali.

– Pois é, você se meteu com o garoto mau – ele respondeu, virando-se para mim com um sorriso malicioso. – E isso tem seus riscos e suas vantagens. Mas você não pode dar para trás agora.

– O que quer dizer?

– Não pode decidir deixar de ser minha amiga só porque eu não presto.

– E quem disse que eu quero deixar de ser sua amiga?

Ele fitou-me confuso.

– E o que foi tudo aquilo na escola?



– Você é muito metido, não é? Para se achar a razão de todos os meus problemas – eu disse, mas num tom leve e brincalhão para ele não tomar como uma ofensa. – Porém confesso que fiquei meio surpreendida ao ver você me tratando daquele jeito na frente de todo mundo.

Ele se aproximou de mim, muito sério. Eu, inconscientemente, dei dois passos para trás, até bater a parte de trás dos joelhos na mesinha de centro.

– Eu sei que você tem uma imagem muito ruim de mim, Tina – ele falou, lembrando-se de me chamar pelo apelido. – E não posso realmente culpá-la por isso. Eu posso não ser o cara mais legal do mundo, mas quando eu disse que queria ser seu amigo, eu falei sério. E não importa se estamos sozinhos ou no meio de uma multidão, eu vou tratar você do mesmo jeito, já que você é minha amiga agora.

Baixei os olhos, piscando várias vezes para impedir as lágrimas. Deus, eu estava uma massa disforme de sentimentalismo barato! TPM, é você?

Senti uma mão no meu queixo me obrigar a levantar o rosto e me peguei encarando os olhos escuros e quentes do meu amigo Vicente. Ele me olhava com carinho, com preocupação. Como as coisas puderam mudar tanto em um dia? O dia de ontem começou com ele sendo meu inimigo. Eu o odiava, queria fazê-lo sofrer, vingar-me dele. E agora só o que eu queria era que ele não parasse de me olhar nunca, que ficasse para sempre fitando-me com aquele calor nos olhos, como se eu importasse. Como se eu fosse especial.

– Você andou chorando? – ele perguntou.

Pensei em não responder. Pensei em baixar o rosto e mudar de assunto. Pensei em mentir. Mas aqueles olhos pareciam tão verdadeiros, tão honestos, que eu só pude dizer a verdade.

– Sim.

E antes que ele dissesse alguma coisa, eu o peguei pela mão e o fiz subir as escadas atrás de mim. Passamos pelo corredor até chegar à escada que dava para o meu quarto, subi, esperando que ele viesse atrás de mim. Nunca havia levado um garoto no meu quarto, mas parecia normal tê-lo ali. Querê-lo ali.

– Uau – ele disse, passando os olhos pelo meu quarto com paredes inclinadas e grandes janelões. – Seu quarto é o máximo.

A luz da manhã era clara e fria através das cortinas brancas, e banhava meu quarto completamente. A grande cama com lençóis azuis um pouco amassados, a penteadeira, a cômoda ao lado da cama, o armário de

madeira branca com puxadores amarelos e a escrivaninha brilhavam na claridade e senti o olhar de Vicente passar demoradamente por eles e por cada objeto no meu quarto.

– Era o ateliê da minha mãe – contei, surpreendendo a mim mesma.

Ele franziu o cenho e voltou-se para mim.

– É a primeira vez que a ouço falar da sua mãe.

– Não é um assunto que me deixe muito confortável.

A música suave ainda tocava no meu aparelho de som, deixando o momento menos tenso, e foi a vez de Vicente tomar minha mão e me puxar para o meio do quarto. Ele se sentou no chão e eu o imitei, fazendo o mesmo quando ele se deitou. E ficamos lado a lado, deitados no chão, encarando as luzinhas de Natal que enfeitavam minhas janelas, apagadas àquela hora do dia.

– Ela morreu? Sua mãe? – ele perguntou suavemente depois de alguns minutos.

Fechei os olhos e tentei mais uma vez visualizá-la na mente, mas só conseguia lembrar-me de suas mãos. Suas mãos talentosas e firmes, mas delicadas quando faziam carinho em meu cabelo ou cócegas em minha barriga. Eram exatamente como as mãos de uma mãe deviam ser.

– Não – respondi finalmente. – Ela não morreu. Ela foi embora.

Vince não disse nada, mas eu podia sentir seu olhar em mim, queimando-me com perguntas mudas, mas respeitando meu silêncio e privacidade. Poderia beijá-lo por ser tão sensível comigo nesse momento. E quase sorri com esse pensamento, na única vez em que nós estivemos próximos o bastante para o beijo ser uma possibilidade, eu quase quebrei o nariz do garoto.

Mais minutos se passaram até que eu disse:

– Meu pai a conheceu quando foi passar um Natal com meu avô na Romênia. Acredite ou não, minha mãe é meio cigana e trabalhava num circo nômade que estava fazendo várias apresentações em todo o leste europeu.

Podia ver a expressão assombrada de Vicente pelo canto do olho. A história era mesmo meio maluca. Eu continuei:

– Meu avô me disse que quando meu pai viu minha mãe, se apaixonou perdidamente, à primeira vista. E fez tudo para conquistá-la. Um ano depois, os dois casaram e vieram para esta casa. Foi quando os problemas começaram, acho que mesmo antes de eu nascer. Meu pai sempre foi um homem difícil, sabe, muito sério e correto. Organizado e focado, sabia exatamente o que esperar da vida e o que ela esperava dele. Além disso,

ele sempre foi muito rígido e austero. Ao contrário da minha mãe, que era como um passarinho. Ela vivia um dia de cada vez e encontrava felicidade em pequenas coisas. Não pensava muito no futuro e a vida para ela era uma aventura, da qual ela só esperava surpresas – meus olhos voltaram a se encher de lágrimas enquanto eu falava, as minhas próprias lembranças misturando-se aos relatos escondidos do meu avô. – Ela era uma artista. Mas não só isso, ela era livre. E o amor do meu pai a sufocou. Eu sei que ela me amava, sei que amava Geny também. Acho até que amava o papai, do contrário não teria se casado com ele. Mas ela não pôde viver aqui. Não pôde aguentar as limitações, as restrições e o comedimento do meu pai. Então ela fugiu.

Senti a mão de Vicente cobrir a minha, massageando minha pele delicadamente com seu polegar. As lágrimas pareciam impossíveis de contar e eu nem me envergonhava mais por estar chorando na frente daquele que eu achava que odiava mais do que qualquer outra pessoa.

– Geny não lembra dela – eu continuei, confortada por aquele toque em minha mão, que me fazia sentir como se eu não estivesse tão só. – Eu mesma lembro muito pouco, talvez se visse seu rosto na rua, eu não a reconhecesse. Papai queimou todas as fotos. Geny a odeia, sabe que ela nos abandonou, nos deixou sozinha com um pai que nunca seria carinhoso, e não entende como foi capaz de fazer isso. Por isso, e porque meu pai não aprova, meu avô não fala sobre ela com minha irmã. Mas, quando ninguém está vendo, eu peço para ele me falar dela. Eu gosto de saber que ela me quis um dia. Que eu fui amada por ela. Lembro-me de ser feliz, de me sentir feliz com ela aqui. Mas a felicidade é tão frágil...

Meus óculos estavam completamente embaçados, eu quase não podia ver Vicente, que se ergueu, apoiando-se no cotovelo, para me olhar melhor. As lágrimas há tanto tempo guardadas fluíam de mim como uma cascata. A dor, encerrada há tantos anos, despejava-se em minhas palavras, palavras que eu nunca revelara a ninguém, nem mesmo à minha irmã.

– Quer dizer, eu sei que ela me abandonou. Nos abandonou. Sei que ela resolveu sair pela porta da frente e nunca mais voltar. Sei que ela nos deu às costas e foi em busca da vida que queria viver. Sei disso. Mas mesmo sabendo dessas coisas, não consigo deixar de amá-la. Minha mãe era uma mulher com um espírito livre tentando viver numa gaiola dourada. Sei como ela se sentia, entendo-a. Amo-a. E se fosse só por mim, eu a perdoaria. Mas, mesmo amando-a tanto, não posso deixar de odiá-la ao ver o sofrimento que causou à Geny. Geny que é tão igual a ela, que me assusta. Isso faz algum sentido?

Eu comecei a soluçar, sem entender o que diabo havia de errado comigo. Eu não podia ser uma pessoa menos complicada? Eu estava só esperando a hora em que Vince ia achar que aquilo era demais para ele e iria cair fora, mas ele continuou lá. E quando eu levei as mãos ao rosto para esconder minhas lágrimas, ele me impediu. Eu não podia vê-lo muito bem, mas senti suas mãos, se fecharem nas minhas com cuidado e as abaixarem de cada lado do meu corpo. Depois ele fez algo que me deixou estática e gelada.

Tirou meus óculos.

Meus olhos arregalados e molhados finalmente podiam enxergar seu rosto, ainda que sem muita nitidez. Ele não me olhava diretamente e tinha uma expressão triste no rosto, mas ao mesmo tempo tão...linda. Maluco, eu sei, mas era como se ele sofresse por mim, comigo. Como se minha dor, de algum modo, também fosse a dor dele.

– Faz sim, Maria Valentina – ele disse, secando minhas lágrimas com os dedos. – Faz muito sentido.

Ele levantou os olhos e me fitou, com todo o poder e emoção daquele olhar escuro, hipnotizante e intenso. E, pela primeira vez, eu senti que ele olhava realmente dentro dos meus olhos.



14



## Investigador de corações

AZUL CLARO. LÍMPIDO COMO A nascente de um rio. Com um ligeiro toque de cinza, como se coberto por névoa. Névoa clara e transparente do tipo que cobre as manhãs de inverno. Do tipo que não escondia nada, não fingia nem dissimulava. Eram os olhos mais lindos, mais puros, honestos e claros que eu já havia visto. Eram como uma janela para a alma de Maria Valentina. Ela tinha um olhar que entregava, não pedia. Revelava, não escondia. Estavam ligeiramente vermelhos e inchados, úmidos pelas lágrimas que cobriam o azul cinzento de sua íris como uma capa transparente. Seus cílios eram claros e quase invisíveis, e os raios de sol que penetravam o quarto através das cortinas deixavam as lágrimas presas neles brilhando como pequeninos diamantes.

Eu não conseguia ver mais nada, era como se eu não conseguisse desviar o olhar do dela, como se eu não quisesse quebrar o encanto que era olhar em seus olhos. Engraçado como eu conhecia aquela garota por quase toda a vida, eu a via todos os dias na escola, mas nunca, nunca, havia parado para me perguntar de que cor eram aqueles olhos por trás das lentes grossas dos óculos. E não é só isso, como eu pude passar tanto tem-



po...longe dela? Como pude demorar tanto para perceber a garota meiga e frágil, doce e tão generosa que havia debaixo daquelas roupas largas? Eu não queria pensar em mim mesmo como sendo tão pequeno, tão fútil, tão ridículo. Mas eu era assim mesmo. Julguei uma menina tão incrível apenas pelo que ela era por fora e por anos não me permiti conhecê-la de verdade. Quantos grandes amigos eu deixei de ter por isso? Por essa minha visão limitada das coisas? Sempre achei que, por Maria Valentina ser feia, ela de algum modo não me merecesse, não fosse boa o suficiente para ficar perto de pessoas como eu.

Como eu fui idiota.

Agora eu via que, provavelmente, eu não merecia a amizade de alguém como ela. Certo, ela não era bonita, mas e daí? Roberta era linda, uma visão, e eu não sentia com ela nem metade da vivacidade que sentia perto da minha pequena MV. Eu fui tão cego por tanto tempo... Maria Valentina não era só inteligente, era boa, esperta, engraçada, espirituosa e tinha um coração tão lindo que era quase inacreditável que, um dia, eu a tivesse julgado sem atrativos. Maria Valentina era feia? Só para pessoas com aquela visão limitada que eu tive por toda a vida. E agora que eu a enxergava — não por fora, como sempre fiz, mas por meio de tudo o que ela mostrava para o mundo — eu não podia deixar de ver beleza nela. E não podia deixar de me perguntar como não enxerguei isso antes. Parecia tão óbvio agora...uma garota com aqueles olhos nunca poderia ser considerada feia. Mas a beleza deles não estava só na cor exótica que tinham, mas na doçura, na fragilidade, no amor puro e sincero e na firmeza de caráter que eles expunham tão livremente. E na profundidade. Nunca vi olhos tão profundos, como se fossem me tragar para dentro deles, me afogar em suas águas cinzentas.

— Aposto que foi a coisa mais difícil que ela fez na vida — sussurrei, antes de perceber o que estava fazendo. Maria Valentina juntou as sobrancelhas em confusão e eu expliquei. — Sua mãe. Aposto que a coisa mais difícil que ela fez na vida foi deixar você.

Ela se sentou e virou de costas para mim, terminando com o contato que eu mantinha em seus olhos. Eu também me sentei e fiquei encarando sua nuca. Ela não falou nada, não fez um ruído. Mas seus ombros balançavam com a força que ela fazia para conter os soluços. Eu continuei:

— Ela amava você, Tina.

— V-você não tem como saber — ela respondeu com uma voz quebrada.

— Você é bonita como só as pessoas que foram muito amadas podem ser.

Ela riu sem humor e se virou para mim.

— Eu, bonita? Mentiras nunca serviram de consolo para mim, Vicente.

Maria Valentina me olhava com aqueles gloriosos olhos, úmidos e avermelhados, as lágrimas escorrendo por suas bochechas e por seu nariz vermelhos de tanto chorar. Seu cabelo apertado no coque de sempre. A calça folgada e a minha blusa enorme fazendo a parecer uma criança. Há uma semana eu não teria enxergado nada além daquilo, mas algo...

Algo mudou dentro de mim.

Infelizmente, não era algo que eu pudesse entender, muito menos expressar.

— Eu quis dizer que você é bonita por...dentro, sabe. Por baixo de toda essa casca podre.

Ok, eu sou idiota.

QUE DIABO EU ACABEI DE DIZER? ESSA MENINA VAI ARRANCAR MINHA PELE!

Eu até cheguei a me encolher, esperando o golpe da nerd...mas aí eu ouvi sua risada.

Sério, ela estava rindo.

Eu chamei a Maria Valentina de casca podre e ela não me bateu.

Ela. Não. Me. Bateu.

Oi, mundo, que aconteceu com você?

— Vindo de você — ela disse, secando os olhos e colocando os óculos de volta — isso é quase um elogio.

Dá para acreditar na minha sorte? Eu xingo a menina e ela ainda sorri como se fosse um elogio. Obrigado, mundo.

— Gosto muito mais quando você sorri, Maldita Valentina — eu falei, levantando-me do chão e estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

— Pensei que você tivesse parado de me chamar desse jeito, Cérebro de Mosca — ela disse, sorrindo por entre as lágrimas que ainda marcavam seu rosto e segurando minha mão.

— Eu paro se você parar.

— Eu não vou parar, Cérebro de Mosca Aleijada.

— Ótimo, porque eu adoro chamar você de Maldita Valentina.

Ela riu e, antes que eu percebesse, enlaçou seus braços em volta da minha cintura e escondeu o rosto na minha camisa.

— Obrigada — ela disse, a voz abafada pelo tecido. — Obrigada por ter vindo.

Eu espalmei as mãos em suas costas, apertando-a mais contra mim.



– Para que servem os amigos, Maria Valentina?

Maria Valentina era um ser com muitos talentos. Sério, a menina era boa em tudo! Depois do nosso momento de amizade melosa, ela me arrastou para baixo, para a cozinha, satisfeita, – ela mesma disse – em ter a casa só para nós. Ela disse isso na maior inocência e eu não tenho a menor ideia de como alguns pensamentos maliciosos foram parar na minha cabeça. Sério, eu pensei besteira. Porra, era a Maria Valentina, que merda eu tinha na cabeça?

Eu devo ter algum problema.

Mas, em minha defesa, eu tenho que dizer que...lá em cima, por um momento, quando eu olhei para os olhos dela de verdade pela primeira vez...eu pensei ter visto – só por um momento – a minha Tiffany.

Este é o momento em que alguém poderia me perguntar se eu andei usando drogas.

Eu sei, foi a maior loucura em que eu já pensei. Maria Valentina e Tiffany não têm nada a ver uma com a outra. Sim, as duas são pálidas, mas a Tiffany tem uma linda pele translúcida enquanto que a MV parece que está se recuperando de, sei lá, uma tuberculose. As duas também são rui-vas, mas os tons são diferentes, o da MV é mais escuro e, bem, a Tiffany tem um corpo que nem com cirurgia plástica a nerd pode conseguir.

Foi só um pensamento bobo. Eu estou tão obcecado e frustrado por uma garota que só vi uma vez na vida – até terminei meu namoro por ela – e não sei nem o sobrenome dela. E eu achava que ela me procuraria... me acharia, como ela disse.

Eu sou um idiota.

E não é a primeira vez no dia em que eu digo isso para mim mesmo.

Enfim, voltando aos talentos da minha nerd preferida, a garota arrebenta na cozinha. Ela cozinhou para mim! Eu não estou brincando. Nós entramos na cozinha com ilha branca e amarela, que mais parecia algo tirado de uma casa de bonecas, e ela colocou um avental verde bandeira horroroso por cima da roupa e olhou para mim, com um sorriso imenso:

– Você prefere torta ou pudim? Eu estou com vontade de comer doce.

Eu só pude murmurar que qualquer coisa que ela quisesse fazer estaria ok para mim.

– Vou fazer torta de chocolate e pudim de leite, então – ela cantorolou. – Na dúvida, faça os dois.

Ninguém nunca cozinhou para mim. É claro que os empregados e cozinheiros já fizeram isso, até porque eu sou uma negação para tudo que envolva mais complexidade que apertar os botões do micro-ondas. Eu



quis dizer que nunca alguém que não fosse pago para cozinhar para mim, fez isso. Quando estou com meus amigos, nós normalmente pedíamos comida pelo telefone e, com minhas namoradas, eu sempre as levava para sair. Nem preciso comentar que duvido que minha mãe tenha descascado uma banana para mim, fazer uma torta então, nem pensar.

Então eu só fiquei ali, sentado em um banco alto, olhando com cara de idiota para a minha nerd cozinheira enquanto ela fazia sua mágica. E uma hora depois eu percebi que aquilo era realmente mágico. Que um raio caia na minha cabeça se eu nunca mais puder experimentar a torta de chocolate da MV. Foi a coisa mais deliciosa que eu já comi na vida!

– Tira a mão, garoto! – ela disse, batendo levemente na minha mão quando eu estava tentando tirar uma segunda lasquinha. – Vamos comer lá em cima.

Ela serviu grandes porções de pudim e torta em dois pratos e foi subindo as escadas, acenando para eu segui-la. Nós nos sentamos no chão, com as costas apoiadas na grande cama dela e eu me delicieei com o resultado das habilidades culinárias dela.

– Deus, isso é o céu – exclamei, com a boca cheia de pudim e chocolate. – Você tem que fazer isso todos os dias, MV.

Ela revirou os olhos e, diferente de mim, engoliu antes de responder com ironia:

– Claro, sem problema. Agora me diga, quando que virei sua escrava?

Virei-me para ela e disse, já sem comida na boca:

– A culpa é sua, que fez essas maravilhas. Sou um homem caindo em tentação.

Ela riu, gargalhou com gosto, inclinando a cabeça para trás. Foi quando eu percebi que o queixo dela estava melado com um pouco de chocolate. Inconscientemente, levei um dedo até o queixo dela e limpei a pele suja. Ela parou de rir e ficou vermelha. Eu desviei o rosto para baixo, sem saber o que diabo era aquilo. Eu me sentia meio...nervoso.

Vince, o que está acontecendo com você? Essa é a MV, cara! Você tá todo nervoso Por quê?

Meus olhos caíram na camisa que ela vestia. Já havia notado antes, mas não falei nada. Mas era um bom jeito de mudar de assunto, então eu soltei no que eu esperava que fosse um tom de brincadeira:

– Quer dizer que você realmente se apossou da minha camisa, não é?

Ela engasgou e, se possível, corou ainda mais.

– Eu vou querer de volta um dia, sabe, é minha camisa preferida – continuei, divertindo-me com seu embaraço. – Mas por hora você pode usá-la. Gosto de vê-la em você.

Ela ignorou meu último comentário – e eu fiquei feliz por isso, nem eu o entendi muito bem – e respondeu, num tom meio surpreso:

– Sua camisa preferida? Então você realmente gosta de South Park?

– Eu adoro South Park!

– Eu também!

– Impossível, você é uma garota!

Ela soltou um suspiro cansado e revirou os olhos.

– Deixe de ser tão tapado. Qual o problema de ser garota e gostar de South Park?

Pensei por um segundo. Sei lá, era estranho, eu nunca conheci outra garota que gostasse. Foi o que eu disse para a nerd, que deu um tapa na própria testa, como se tivesse acabado de ouvir algo muito estúpido, e replicou:

– Não podemos levar em conta as garotas que você conhece, Vince. Sério, se todas forem do nível da Roberta, eu me surpreenderia se elas conseguissem achar o botão para ligar a TV.

Certo, foi uma ofensa, mas eu não pude deixar de rir. E, de fato, a nerd irritante tinha um pouco de razão, não era todo dia que eu passava meu tempo com uma garota que sabia pensar. Mas isso eu não disse para ela, é claro.

Ela voltou sua atenção aos doces que estava comendo e eu ia fazer o mesmo quando ouvi um ruído baixinho. Uma melodia.

– Que barulho é esse? – perguntei.

Ela quase largou o prato e me olhou assustada.

– Que os céus não permitam, será que alguém chegou em casa?

Eu ri do seu desespero e expliquei.

– A música, Maria Valentina, de onde está vindo?

Ela suspirou de alívio audivelmente.

– Seu idiota! Quase me matou de susto! – exclamou, dando um soco fraco no meu braço enquanto eu continuava sorrindo. – A música está vindo do meu aparelho de som, eu coloquei para tocar mais cedo, bem baixinho, e esqueci de desligar.

Eu levantei e fui até o aparelho de som que ela apontou. Aquela melodia não me era estranha.

*Love don't come so easily*



– Eu conheço essa música! – exclamei de repente, ao reconhecê-la. Antes que a MV pudesse me impedir, eu aumentei o volume até o ponto em que os acordes doíam nos ouvidos.

*This doesn't have to end in tragedy*

Maria Valentina largou a torta e se levantou, fazendo uma careta zangada e vindo para cima de mim.

– Vicente, você quer nos deixar surdos? – ela gritou para se fazer ouvir sobre a música.

*I have you and you have me*

Eu sorri.

*We're one and a million*

*Why can't you see?*

– É sempre melhor escutar música alta, minha pequena nerd ignorante – eu gritei, puxando-a pelos ombros para longe do aparelho de som e sorrindo para ela. – E eu gosto dessa, ou seja, mais um motivo para o volume estar nas alturas.

Ela suspirou e disse alguma coisa que eu não consegui ouvir.

– Vamos dançar – eu propus.

Ela começou a balançar a cabeça em uma negativa apressada e a lutar para se livrar das minhas mãos em seus ombros.

– Nem pensar! Nem pensar! – ela gritou, horrorizada. – Nós não temos doze anos, Vicente, por favor!

Eu ignorei seu protesto e comecei a me mexer no ritmo da música e a cantar bem alto e muito, muito desafinado, puxando ela comigo pelas mãos.

*I treat you like a princess*

*But your life is just one big mess*

*When did your heart go missin'?*

*When did your heart go missin'?*

– Eu não sei se você é louco ou só idiota! – Maria Valentina gritou, mas agora havia um pequeno sorriso em seus lábios. – E eu não sei dançar!

Eu ignorei sua ofensa e continuei obrigando-a a dançar. Ela estava resistindo menos, mas ainda estava longe de estar dançando. Mas eu não desistia e logo ela começou a se soltar e se mexer, de maneira adorável-



mente desajeitada. Ela realmente não sabia dançar. Mas era engraçado vê-la tentar.

*I'm waitin', waitin' for nothin'  
You're leavin', leaving me hangin'  
When did your heart go missin'?  
When did your heart go missin'?*

Logo nós cantávamos e ríamos juntos. Eu não me lembrava de ter me divertido tanto por um longo tempo. Era tão bom estar ali, com ela, dançando desajeitadamente como dois idiotas. Eu nunca poderia fazer aquilo com mais ninguém sem sentir vergonha por parecer ridículo, mas...com Maria Valentina eu não me importava de fazer papel de bobo. Com ela eu não me importava de ser... ridiculamente feliz.

*I don't understand  
How could you forget what we had?  
It's so wrong*

– Cuidado! – minha nerd desajeitada gritou, mas era tarde demais, eu tinha nos arrastado até próximo da cama e acabei tropeçando nela, caindo e levando Maria Valentina comigo. Ela caiu com força em cima de mim, com o cotovelo nas minhas costelas. Eu xinguei, mas a música abafou as palavras e o riso da garota em cima de mim. De fato, eu só percebi que ela estava rindo porque olhei para ela e seu grande sorriso estava estampado nos lábios.

– Você ri, é? – falei, mas ela não me ouviu. Eu troquei nossas posições e fiquei por cima dela, mas nem assim a garota parou de rir.

Acabei rindo também, estar com ela era tão divertido que até compensava os machucados.

*And your heart, your heart went missin'  
I don't know how to find it  
I don't know where it is*

A música já estava no final e agora eu só olhava para ela. Seu riso ia esmorecendo lentamente e eu juro que quase podia ver o brilho dos olhos dela através das lentes.

*I don't know where your heart went  
It was here just the other day*



Essas últimas palavras eram bem baixinhas, faladas por baixo do refrão, mas estávamos tão quietos, olhando um para o outro, que não deixamos de ouvir.

*Now it's gone*

*I'm gonna call the police*

*Call the investigator, the heart investigator*

A música acabou e nós ficamos nos encarando pelo que me pareceram séculos, mas foram apenas alguns segundos. Então, como se tivéssemos ensaiado, dissemos:

– Isso é tão ridículo! – e rimos.

Eu saí de cima da nerd e ela se levantou para desligar o som. Eu continuei largado na cama dela, como abusado que sou, pensando que, talvez, aquela música estivesse certa. Talvez fosse uma boa ideia chamar o investigador de corações. Quem sabe ele talvez achasse o coração que eu estava procurando.

Só havia um problema.

Eu nem sabia mais qual coração era esse.



15



# Meu primeiro beijo (os outros foram acidentes!)

COMO PODE O CORAÇÃO DE alguém sofrer tantas mudanças em um período tão curto de tempo? Será que é da natureza humana a mania irritante de ser volúvel? Ou sou só eu? Nunca me considereei uma pessoa inconstante, mas tenho encontrado uma certa inconsistência nos meus sentimentos ultimamente. Pensando de maneira racional, esse comportamento é perfeitamente natural, afinal tenho 16 anos estou passando pela infeliz fase da adolescência. Acredite-me, ter 16 não é nenhuma festa, não para mim, pelo menos. Eu poderia escolher uma idade ao acaso e seria melhor. Tipo 34. Seria legal ter 34 anos agora. Talvez eu não estivesse tão confusa.

Ou talvez estivesse sim.

Porque, para ser sincera, não posso colocar toda a culpa da minha inconstância emocional nos meus malditos hormônios adolescentes. É que existe outro culpado. Ele se chama Vicente Müller. E com 16 ou 34, Vicente sempre iria mexer comigo, para o bem ou para o mal.



Acredite, isso não é algo do qual eu me orgulhe.

Quer dizer, eu odiei o garoto por toda a vida, certo? E, em alguns poucos dias, eu me tornei sua amiga. E dois dias atrás, quando dançamos como dois patetas no meu quarto, depois de eu ter aberto meu coração pela primeira vez na vida, me senti mais próxima dele do que de qualquer outra pessoa na vida, à exceção de Geny. E eu pensei “puxa, eu gosto desse garoto, gosto de tê-lo comigo. Ele é um bom amigo”.

E hoje eu venderia o cachorro (nunca gostei muito da Pandora mesmo) se pudesse ter a quase inexistente massa encefálica daquele projeto de ser humano em uma bandeja.

Eu disse, inconstância emocional.

Mas estou me adiantando e isso está ficando confuso. Vamos começar do início. Ou seja, ontem, quando toda aquela coisa do dançar-que-nem-dois-idiotas-só-porque-ninguém-está-vendo aconteceu.

Vince foi embora pouco antes de Geny chegar, furiosa comigo por ter saído da escola sem uma justificativa plausível.

– Você não explicou nada! Eu pensei em milhões de coisas! E se você tivesse tropeçado e tido sua cabeça perfurada por uma barra de ferro? – insistiu, quase beirando a histeria. – E se você estivesse passando por uma cirurgia intracraniana enquanto eu estava na aula de geografia? Eu não tinha como saber, você desligou o celular, sua irmã desnaturada!

Ela se acalmou um pouco ao perceber que eu estava perfeitamente bem, e depois de eu ter repetido que, se estivesse passando por uma cirurgia no cérebro, dificilmente teria conseguido mandar uma mensagem para o seu celular.

Nós almoçamos sozinhas, como quase sempre acontecia, e depois fomos para nossos respectivos quartos para estudar.

Ou, no meu caso, tentar estudar.

Eu já não enxergava contas, cálculos, nomes, datas nem fórmulas. Eu via o Vicente. Via o brilho quase dourado dos seus cachinhos bagunçados, a ponte de seu nariz afilado, a segurança dos seus braços, o calor do castanho-quase-negro dos seus olhos. Por algum motivo, ele não me saía da cabeça. Eu fechava os olhos e era capaz de tocar seu sorriso.

Havia algo de muito errado comigo.

Passei toda a tarde assim e fiquei distraída no jantar. Papai mal trocou uma palavra com Geny e eu, as coisas ainda estavam muito estranhas entre nós. Mais tarde, deitada na minha cama, olhando o céu escuro através da janela aberta, eu imaginava que o Vicente estava ali comigo. E que estávamos dançando e cantando *When Did Your Heart Go Missing*.



Patético, eu sei.

Na manhã seguinte, eu senti uma certa expectativa, ansiedade mesmo, ao chegar à escola. E um frio na barriga quando o vi. Ele estava no pátio conversando com alguns amigos e eu imediatamente me senti intimidada. Não sabia se devia falar com ele ou passar direto, fingindo que nem o tinha visto. Para minha surpresa, não precisei tomar essa decisão. Vicente me avistou e sorriu para mim, indo até onde eu estava.

– Bom dia, minha nerd preferida – ele disse com um sorriso brilhante.

– Bom dia – respondi, correspondendo ao seu sorriso, em menor grau, é claro. Duvido que meus dentes sejam capazes de brilhar daquele jeito ofuscante.

– Quer conhecer meus amigos?

– Na verdade, não.

– Ah, qual é, Maria Valentina, deixe de ser esnobe – e segurando-me pelo pulso, me arrastou até seus amigos. – Gente, essa é a Ma...essa é a Tina. Tina, esses são Lucas, Pedro e Fábio.

Balancei a cabeça em reconhecimento, mas não disse nada. Eu os conhecia. Pedro e Fábio eram dois garotos grandes, um loiro e um moreno, que também eram do time de futebol. Lucas era o menor deles, mas ainda maior que eu muitos centímetros. Tinha cabelos pretos e olhos azuis. Seu rosto era assimétrico e não exatamente bonito, mas tinha algo nele que era...agradável de olhar. Um brilho de bom humor nos olhos ou algo assim.

– Então, ela é a sua nova amiga? – Pedro perguntou incrédulo.

– Uma nerd? – Fábio completou com desdém.

Bom, não posso dizer que havia esperado outra coisa.

Vicente pareceu ficar meio irritado e ia abrir a boca quando Lucas veio para o meu lado e passou um braço pelos meus ombros.

– Ei, seus dois mal educados – disse para Pedro e Fábio. – Mais respeito com a pequenininha! Se ela é amiga do Vince, é nossa amiga também.

Ok, queixo, cadê você?

Vicente deu um sorriso que eu não entendi e Lucas piscou para mim, depois de trocar um olhar cheio de significado oculto com o primeiro. Significado oculto...eu devo estar assistindo séries de investigação demais. Enfim, os dois brutamontes do time de futebol pareceram ficar encabulados e pediram desculpas. Eu não entendi muita coisa e nem tive tempo de perguntar nada, já que o sinal tocou e tivemos que entrar na sala. Entramos todos juntos e a primeira coisa que vi foram as expressões chocadas dos meus amigos. Larissa e Arthur estavam embasbacados, Silas



obviamente não estava ali – ele só chega atrasado – e Petra parecia que tinha acabado de levar um soco no estômago. No entanto, eles não eram os únicos que estavam expressando surpresa. Quase todos os alunos pareciam estar chocados. Estava escrito em letras garrafais na testa de Roberta que ela queria muito voar no meu pescoço.

Vicente sorriu para mim e foi se sentar com seus amigos, enquanto eu fui ocupar meu lugar usual ao lado de Petra. Ela virou o rosto para o outro lado quando eu fiz isso. Eu ainda estava meio atordoada com tudo, mas consegui prestar atenção nas aulas. Silas chegou no segundo horário e se sentou ao meu lado, mas sua expressão também era estranha. Eu resolvi que o melhor era conversar com ele no intervalo, mas quando o sinal bateu, ele, Petra, Larissa e Arthur saíram da sala sem olhar para mim. Eu fiquei atônita.

Doeu.

Sério mesmo que eu estava sendo rejeitada pelos meus melhores amigos? Sem nenhuma explicação, nenhuma palavra, nada? Tudo bem que eu estava meio distante esses dias, mas eu já estive distante antes – sempre que entrávamos em período de provas, minha vida social já meio atrofiada, se escondia para hibernar – e eles nunca me trataram assim. Bom, Petra tinha outras razões para não falar comigo, porque eu estava escondendo coisas dela, coisa que não costumava fazer. Mas e os outros? Até aquele idiota remelento do Arthur, apesar de sempre implicar comigo, nunca me daria às costas desse jeito.

Saí rapidamente da sala e me enfiei no banheiro feminino. Até o Silas...meu coração estava apertado. Abri a torneira do banheiro e lavei minhas mãos inconscientemente. O Silas que eu conhecia era doce demais para fazer uma coisa dessas. Por que ele nem olhou para mim uma única vez?

Será que eu estava exagerando? Vendo coisas? Talvez eles apenas estivessem apressados para a fila da cantina ou coisa assim...

Certo, minhas conjecturas não estavam ajudando. Eu iria de uma vez atrás de Silas e Petra e conversaria com os dois. Eu não estava louca e sentia que algo estava errado. E queria saber o que era. Porém, antes que eu pudesse sair do banheiro, a porta foi bloqueada por Roberta, que entrava com uma expressão debochada no rosto. Seus longos e lisos cabelos loiros caíam ao redor do seu rosto com graciosidade, uma antítese ao brilho de desdém em seus olhos.

– Ah, aqui está você, sua esquisita – ela começou, com a voz ácida.  
– Estive te procurando.



– Não tenho nada para falar com você – eu disse.

– Você não deve ter nada para falar mesmo, mas eu tenho – ela retrucou. – Sinto tanta pena de você, por isso estou aqui. Você é tão cega! Sinceramente, qualquer pessoa pode ver que Vince está brincando com você.

– Ah, cala essa boca.

– Você realmente acredita que ele está todo bonzinho com você sem um bom motivo? Esse é o garoto que, apesar de ter estudado com você quase a vida toda, nunca te notou até bem recentemente. Não acha suspeito? Ah, qual é? Você não pode ser tão burra!

Eu não falei nada, apenas fiquei encarando-a sem expressão. Roberta Novaes era uma cobra do pior tipo, não prestava mesmo, mas...suas palavras faziam certo sentido. E meio que mexeram comigo.

Vince Müller nunca reparou em mim e, até muito recentemente, parecia nutrir o maior desprezo por todos os nerds da escola. E eu não posso escapar disso, sou uma nerd esquisita mesmo. Por que ele estava me tratando tão bem ultimamente? Por que veio com essa história de que queria ser meu amigo? Eu fui realmente tão cega? Tinha mesmo alguma razão oculta por trás de tudo? E o que foi aquele sorrisinho que ele trocou com o amigo dele hoje mais cedo? Como se os dois estivessem armando alguma coisa? Será que Roberta estava certa e ele estava só brincando comigo?

Ou será que, mais uma vez, Maria Valentina está entrando em pânico pelo simples prazer que sua – brilhante, não dá para negar - mente aparentemente tem de enlouquecer total?

Essa frase fez algum sentido?

– Ele vai te humilhar, Lazarov – Roberta disse com aquela voz venenosa dela, colocando os cabelos para trás com as mãos, num gesto gracioso. – Vai te destruir na primeira oportunidade. De preferência com uma plateia para aplaudi-lo no final. Você não pode ser tão estúpida a ponto de não ter percebido isso.

Ela então se virou para olhar seu reflexo no espelho e tirou uma sujeirinha imaginária da camisa apertada do uniforme dela.

Eu não disse nada.

– Bom, você não pode dizer que não foi avisada – ela continuou, ainda encarando seu reflexo no espelho. – Estou lhe fazendo um favor, abra esses seus olhinhos ou compre óculos novos. As intenções do Vince estão na cara.

Depois disso, ela saiu, sem mais um olhar na minha direção.

Roberta era uma despeitada, apenas estava com raiva porque o Vicente terminou com ela. Era uma mentirosa. Ele era meu amigo e gostava de mim. Era uma coisa nova, mas eu tinha certeza disso. Bom, quase certeza. Ele estava apenas sendo gentil, ele...ele...

– Ele está te enganando, Tina – Petra disse, saindo de um dos cubículos do banheiro, tendo, obviamente, escutado a conversa inteira (e eu suspeito, meus pensamentos também. Minha quase-ex-melhor-amiga é paranormal?) – Você está louca se acha que ele realmente gosta de você, mesmo que seja como amigo. Roberta Novaes é uma vagabunda, mas ela está certa.

– Então você está falando comigo de novo, é? – perguntei azeda.

– Tina, eu estou com raiva de você por estar mentindo para mim, eu tenho o direito de ficar assim!

– Eu não estou mentindo, só omitindo. Você tem o direito de ficar com raiva e eu tenho o direito de não dividir cada pedacinho da minha vida com você!

Ficamos nos encarando por alguns segundos, minha cabeça doía, eu não sabia o que pensar, em quem acreditar. Será que Roberta e Petra estavam certas? Eu estava sendo boba? Estava sendo enganada desde o início? Como eu iria descobrir a verdade sem ser humilhada por Vince ou sem perder sua amizade graças a minha desconfiança?

– Isso vai acabar muito mal, Tina – Petra disse, cruzando os braços e olhando para mim com reprovação e tristeza. – Você está trocando amigos que realmente gostam de você por um garoto popular, metido e ridículo. Ele nem gosta de você e isso não deve passar de uma brincadeira de mau gosto.

Eu sorri para ela, sem humor nenhum. Queria gritar, contar tudo, implorar para ela não falar daquele jeito comigo. Mas segurei todas aquelas vontades e preferi dizer:

– Você não tem como saber se ele gosta de mim ou não, Petra. E eu não estou trocando vocês por ele. Você que, aparentemente, está querendo me forçar a uma decisão.

– Ou a gente ou ele, Tina.

Perplexa, eu encarava as feições da garota que foi minha melhor amiga por toda a vida. Ela não estava feliz com suas próprias palavras, eu a conhecia bem demais para saber. Queria fazer aquilo tanto quanto eu. Então por que me obrigar a uma escolha? Uma coisa que ela nem tinha o direito de fazer?

Ninguém me diz o que fazer.

Bom, a não ser meu pai. Mas ele me pôs no mundo – não no sentido literal, mas ele deu uma ajudinha, sabe – e paga as minhas contas. Isso meio que dá a ele o direito de mandar em mim.

Mas Petra sabia, me conhecia o suficiente, para saber que eu não era garota de tolerar aquele tipo de pressão que ela estava fazendo.

– Você está agindo igual à Roberta, Petra – soltei, odiando cada palavra que saía da minha boca. – Me ameaçando desse jeito.

Eu sabia que a pior coisa para Petra era ser comparada com uma menina como a Roberta. Cabeça oca, popular, metida e vulgar. Vi o rosto da minha amiga ficar vermelho e depois branco, lívido de raiva. E, sem falar nada, deu-me às costas e saiu do banheiro. Eu me apoiei na pia assim que os passos dela não puderam mais ser ouvidos, e abri a torneira, jogando água gelada no rosto. Não conseguia deixar de pensar naquilo como um ataque duplo, ainda que a ideia de que um deles havia vindo da minha melhor amiga me deixasse triste.

Saí do banheiro depois de alguns minutos, com os olhos e os ombros baixos, totalmente desanimada. Nem iria para o pátio, não queria ver e nem falar com ninguém. Estava no meu caminho para a sala quando esbarrei em alguém. Levantei os olhos ao sentir um par de mãos me segurando pela cintura.

– Parece que você vive esbarrando em mim ultimamente, Tina – disse Silas com um sorriso tímido.

Soltei-me dele com raiva e falei:

– Você também não está contra mim?

Ele baixou os olhos, não antes que eu visse o brilho de tristeza neles. Droga! É impossível falar meio torto com o Silas, ele logo fica chateado. Se eu falasse e agisse com ele como faço com o Vicente, o menino entraria em depressão!

– Desculpa, Silas, eu não queria falar assim com você, é que...

– Não, eu que peço desculpas – ele me interrompeu, voltando a olhar para mim. – Eu não devia ter ignorado você mais cedo. Podemos conversar?

Eu assenti, mas não devia ter feito isso, porque ele me levou justamente para o pátio onde a maioria dos alunos costumava ficar no intervalo. Pelo menos conseguimos sentar sozinhos em um banco de pedra embaixo de uma das árvores. De lá eu pude ver Petra, Larissa e Arthur conversando em uma mesa a alguns metros de nós. Nenhum deles olhou em nossa direção.

– Você...bem... – começou Silas, tímido. – Você ainda quer sair comigo amanhã?

Eu corei furiosamente e olhei para baixo.

– É-é claro, Silas – gaguejei. – Mas eu achei que você não fosse mais querer.

– A Petra veio com uma conversa esquisita, de que você tinha virado amiguinha do Vince Müller e estava nos trocando por ele e...

– E eu não sou amiguinha do Vince Müller – o interrompi, envergonhada e meio irritada. Mas decidi que, como o Cérebro de Mosca tinha me “assumido” na frente dos amigos dele, eu devia fazer a mesma coisa com os meus. Ou com os que restaram pelo menos. – Nós só descobrimos que temos algumas coisas em comum e passamos a ser mais civilizados um com o outro. Acho que somos amigos agora, mas isso não quer dizer que eu estivesse trocando vocês por ele.

Silas abriu um sorriso tão lindo que eu não pude deixar de acompanhá-lo e de me sentir quente por dentro. Como se tivesse acabado de entrar em uma banheira perfumada. Estar com ele sempre era bom. Era por isso que eu gostava dele.

– Eu sabia que você não faria isso, Tina – ele disse, num tom de quem pedia desculpas. – Mas fiquei um pouco confuso, afinal, você está agindo tão diferente esses dias...

Eu não disse nada. O que poderia dizer? Minha vida estava uma bagunça e até eu explicar tudo, envelheceríamos ali. Silas não se importou com meu silêncio e continuou:

– Você é doce demais para fazer uma coisa dessas. Petra está errada, mas não fique com raiva dela. Ela só está preocupada com você.

– Eu sei – respondi, fazendo o sorriso morrer em meus lábios. – Mas eu gostaria que ela confiasse um pouquinho mais em mim. E no meu julgamento.

Silas tocou em meu queixo e me fez virar os olhos para ele.

– Confesso que eu também não estou muito animado com o fato de você ser agora amiga daquele garoto – ele disse. – Principalmente depois que ele derramou água em você naquele dia. Mas acredito que as pessoas mudam e que ele tenha visto a garota incrível que você é, Tina. É impossível não querer ficar ao seu lado.

O rubor na pele muito branca de Silas era facilmente um espelho do meu. Difícil dizer quem estava mais constrangido. Eu comecei a empurrar os óculos no rosto a cada cinco segundos e Silas parecia estar muito entretido com seus cadarços. Aquele foi provavelmente o discurso mais revelador que havia saído daqueles lábios tímidos e ele não parecia mais saber o que dizer.

– Então... – eu resolvi falar, antes que o silêncio me intimidasse ainda mais. – Ainda vamos sair amanhã?

– Claro! – respondeu ele, um pouco rápido demais, fazendo com que suas orelhas ficassem vermelhas também.

Eu sorri e, finalmente, o momento constrangedor havia passado. Eu me sentia bem melhor ao saber que Silas não havia me abandonado como Petra parecia ter feito e tinha um pequeno sorriso no meu rosto quando ele foi comprar algo para bebermos. Ele voltou com um suco de uva de caixinha para mim – eca, odeio suco! – que fingi bebericar enquanto conversávamos sobre que filme iríamos assistir amanhã.

– Que tal uma comédia romântica? – ele sugeriu, o rubor voltando à sua face.

Rapidamente, os conselhos de Vicente vieram à minha cabeça e eu respondi:

– Ah, eu prefiro assistir *The Avengers*, Silas, você sabe como eu sou.

Enquanto ele assentia e voltava a falar sobre o filme, meus olhos correram o pátio inconscientemente, e eu avistei Vicente com seus amigos e umas garotas em uma mesa no meio do refeitório. Lucas e ele estavam com os olhos na minha direção, mas desviaram assim que eu os vi e começaram a rir bastante de alguma coisa. Uma atitude muito esquisita.

Um arrepio trespassou minha espinha e as palavras de Roberta ecoaram na minha cabeça.

“Ele vai te humilhar, Lazarov. Vai te destruir na primeira oportunidade. De preferência com uma plateia para aplaudi-lo no final.”

Ela estava mesmo certa? E Petra também? Estaria eu realmente fazendo o maior papel de boba?

– Tina? Está ouvindo?

Pisquei e virei com um sorriso forçado para Silas. Dei uma desculpa qualquer e corri até a sala de aula, que estava vazia, sem um segundo pensamento. Uma ideia havia se formado na minha cabeça na velocidade de um raio e eu iria colocá-la em prática antes que perdesse a coragem. Remexi minha mochila em busca do chip de celular que havia comprado no shopping há alguns dias, me apressei e o coloquei no lugar do meu. Tinha pouco tempo até o sinal tocar, o que traria os alunos de volta à sala. Assim que o aparelho ligou, eu me forcei a digitar uma mensagem para Vicente – cujo número eu, infelizmente, assumo que já sabia de cor – com as mãos meio trêmulas.

*Oi Vince, lembra de mim? É a Tiffany, da festa do Tiago.*

Fechei os olhos, suspirando. Meu coração batia, ansioso, e eu moradia os lábios freneticamente. Sei o que isso estava parecendo e não, naquele momento eu ainda não tinha retomado meus maquiavélicos planos de vingança. Vicente era meu amigo, certo? Ou pelo menos eu achava que era, e queria ter certeza.

E não vi outro modo de fazer isso.

O que fazia Tiffany estar oficialmente de volta à vida.

Mais rápido do que eu imaginei ser possível, meu celular vibrou com a resposta do Vince:

*TIFFANY! Como você conseguiu meu número? Não me entenda mal, estou feliz que você tenha conseguido...eu pensei que nunca mais ia saber de você. Nem sei o que dizer.*

Meu coração deu uma guinada. E não foi pela capacidade quase alienígena que Vicente tinha de digitar anormalmente rápido. E sim porque suas palavras expressavam a ansiedade que eu mesma sentia. Ele parecia tão confuso, tão feliz e... Apaixonado.

Certo, eu não tinha levado muito a sério esse amor dele pela Tiffany, mesmo entendendo que ele tinha ficado um pouco encantado com ela. Quer dizer, comigo. Sinceramente, nem sei mais o que estava pensando, aquilo era confuso demais. Enfim, o que eu quis dizer é que Vince Müller era um garoto tão...raso em seus sentimentos – isso sem mencionar que era o maior mulherengo – que eu duvidava que ele pudesse sentir algo verdadeiramente profundo por alguém. Muito menos por uma garota que ele mal conhecia. Mas, apesar de não saber com exatidão – sentimentos podem ser exatos? – a profundidade dos seus sentimentos, eu podia perceber que ele não havia tirado a Tiffany da cabeça. Ele ainda pensava nela. Isso, de certa forma, me deixava meio emocionada.

Ainda que os supostos sentimentos dele fossem por Tiffany e não por mim.

Deixei meus dilemas mentais de lado – melhor dizendo, deixei minha provável crise de identidade de lado – e me apressei em digitar uma resposta, incorporando quase de modo inconsciente a ousadia e a impulsividade de Tiffany:

*Como consegui seu número? Tenho meus meios. Eu disse que te acharia, não disse? Agora me fala de você, o que está fazendo agora?*

Mais uma vez, não precisei esperar muito por uma resposta:

*Só estou rindo de uma garota ridícula, nada importante. Quando vamos nos ver de novo?*

Por muito pouco o celular não escapuliu da minha mão. Aquele desgraçado, maldito, babaca, duas caras, fingido dos infernos! Estava com tanta raiva que nem percebi que estava chorando até que gotas grossas caíram em cima da tela do celular, fazendo as palavras da mensagem de Vince ficarem meio distorcidas. Enxuguei o rosto e respirei fundo.

Maria Valentina vai entrar para o livro dos recordes como a garota mais estúpida do mundo.

E enfim, voltamos ao início. Agora ficou claro para o mundo porque eu gostaria de matar – e torturar, esquarterar, destrinchar – aquele moleque idiota e mentiroso que achou que seria fácil enganar uma nerd boba e fazer dela a piadinha da escola.

Droga, por que eu não ouvi o que Petra disse? Ele é minha amiga, ela só quer o meu bem. E eu defendendo aquele desgraçado do Vicente! Para começar, foi por causa dele que eu comecei a esconder coisas da minha amiga, o que nos fez brigar. É tudo culpa dele!

Como eu o odeio!

E só de pensar que eu dividi minha maior dor com ele, confiei nele como nunca havia feito com ninguém...como fui estúpida, ingênua, idiota!

As lágrimas não derramadas embaçavam meus olhos enquanto eu tentava endurecer meu coração e digitava:

*Que tal sairmos amanhã? Me encontra às 16:00 no cinema do shopping.*

O sinal finalmente tocou, um segundo antes de eu receber a resposta daquele traidor:

*Certo, 16:00 é perfeito. Vou esperar você.*

Guardei o celular de qualquer jeito antes que minhas mãos trêmulas o derrubassem e sentei-me na minha cadeira. Logo os alunos começaram a chegar e Silas sentou-se ao meu lado, vestindo mais um dos seus doces sorrisos. Que, infelizmente, eu não pude retribuir com a mesma sinceridade. Vicente entrou pouco tempo depois, com um enorme sorriso e um brilho meio sonhador no olhar. Piscou para mim ao passar pela minha cadeira e eu fingi não ver. Era impossível forçar um sorriso quando tudo o que eu queria era roubar a felicidade dele e destruí-la na frente dos seus olhos.



E eu ainda tinha que agir como se tudo estivesse bem.

Mas a Tina vingativa estava de volta e eu não seria enganada por aqueles olhos escuros e aquele sorriso fácil uma segunda vez.

O dia passou como um borrão e, felizmente, eu não tive que falar com o Vicente de novo. Ele não foi à aula no dia seguinte, mas eu precisei falar com seu melhor amigo, que parecia ansioso demais para se aproximar de mim.

Eu devia ter desconfiado.

Dei um jeito de fugir de Lucas a maior parte da manhã. Silas ficou comigo o tempo todo, inocentemente feliz com a perspectiva de sair comigo. Eu me odiei por não poder ter o mesmo sentimento, toda a minha alegria por finalmente poder sair com ele parecia ter ido embora pelo fato de eu ter sido traída por um garoto que pensei ser um amigo. Petra parecia ter engolido um limão e eu preferi não me aproximar de Larissa e Arthur, não queria deixar minha melhor amiga com mais raiva de mim. Ainda teria que me desculpar com ela, mas isso teria de esperar. Eu não conseguiria enfrentá-la tão cedo, sabendo que ela estivera certa e eu errada o tempo inteiro.

A aula acabou sem nenhum incidente e eu segui com Geny para casa. Minha irmã me conhecia muito bem para saber que havia algo de errado comigo. Eu estava mais calada que o normal e incrivelmente distraída. Sempre costumava dividir tudo com ela, mas eu mesma não entendia o que se passava com meus próprios sentimentos. Não sabia como externá-los.

– Tina – ela disse enquanto caminhávamos para casa. – O que você tem? Não está feliz por sair com o Silas?

Eu havia contado para ela do encontro e eu realmente devia estar feliz, não com a expressão de quem recebera a pena de morte.

– Estou – respondi apenas.

– Não parece.

Então, mesmo sem entender o que era tudo aquilo, mesmo que meus sentimentos não fizessem sentido, mesmo que eu nunca tivesse estado tão confusa antes na vida, eu resolvi que o melhor a fazer era desabafar. Sempre ouvi dizer que alguém de fora pode entender as coisas melhor do que quem as está vivendo. E eu deveria confiar na minha irmã, antes de em qualquer outra pessoa. Eu nunca voltaria a confiar em outra pessoa, a não ser ela. Não cometeria o mesmo erro novamente.

Eu abri a boca e parecia que não era capaz de parar o fluxo de palavras que fluíam por ela. Geny ficou calada o tempo inteiro. Eu contei

tudo. Como de início eu o detestava e como, pouco a pouco, comecei a pensar nele com uma frequência que me assustava. Como ficamos amigos e como eu achei que poderia confiar nele, como tinha decidido enterrar Tiffany para sempre e esquecer o que eu achava ser uma vingança ridícula, já que ele havia se redimido e se tornado alguém que eu podia admirar e gostar. Então eu contei sobre ontem e sobre como Roberta e Petra tentaram abrir meus olhos, ainda que com intenções diferentes, e como eu fiquei em dúvida e usei Tiffany para descobrir a verdade. E como a traição dele doía como uma queimadura. Uma dor tão surpreendentemente profunda que teria de ser devolvida.

Eu não era perfeita. Eu não era boa ou generosa. Queria que ele sentisse pelo menos um pouco do que eu estava sentindo. Queria que ele sofresse também.

Andamos o longo caminho inteiro e eu só parei de falar quando chegamos em casa. Geny continuou calada enquanto eu abria a porta e o vazio do nosso lar nos dava as boas-vindas. Ela começou a subir as escadas sem olhar para mim, que estivera esperando um comentário ou uma palavra que fosse dela.

– Geny! – chamei, antes que ela chegasse ao topo da escada. Ela parou e eu me aproximei, ficando alguns degraus abaixo dela. – Não vai dizer nada?

Ela me olhou de modo estranho, quase como se estivesse surpresa e triste com minhas palavras.

– Dizer o que, irmã? O óbvio?

Fitei-a sem entender.

– Você está apaixonada por Vince Müller, Tina – ela respondeu à minha pergunta muda. – Está claro como água. Você se apaixonou por ele.

– Está se divertindo, Tina?

A pergunta me trouxe de volta ao mundo real.

– Claro, Silas – respondi, sorrindo levemente. – Estou me divertindo muito.

– É que você parece meio distraída.

Era verdade.

Mas eu não podia evitar.

– Estou com medo que você caia – ele continuou, de frente para mim e segurando minhas duas mãos.

– Não se preocupe, patinar no gelo é uma das poucas coisas que meus pés conseguem fazer direito.

Eu havia ligado para Silas de tarde, avisando que não queria chegar nem perto do shopping. Tinha perdido totalmente a vontade de ir ao cinema. Então ele me levou para patinar. Estava muito quente lá fora e o rink de patinação no gelo era, obviamente, bem frio.

Silas nunca gostou muito de calor.

Mas, enquanto ele sorria para mim e me puxava pelas mãos para patinar com ele, um sorriso falso estava pregado em meu rosto e minha mente estava bem longe dali. Estava no shopping, onde Vicente esperava por uma garota que nunca tivera a menor intenção de ir encontrá-lo.

A ideia era minha e eu realmente pensei que quisesse fazê-lo sofrer, mas a cada segundo o pensamento de que ele estava lá sozinho me deixava mais angustiada. Sei que é ridículo, sei que ele merece levar esse fora, sei que era isso que eu devia fazer, mas...por que então eu não me sentia feliz?

Minha cabeça dava voltas, mas eu me forçava a agir como deveria em um encontro agradável, ainda que não conseguisse evitar ficar um pouco aérea. Silas parecia contente mesmo que eu estivesse no piloto automático, sendo tomada por imagens de tristes olhos escuros por incontáveis vezes. Tão diferentes dos olhos claros e suaves do garoto que agora segurava minhas mãos. Reparei que ele usava um relógio no pulso esquerdo e, antes que pudesse impedir a mim mesma, estiquei-me para ver as horas. Já eram quase oito da noite e eu tinha que estar em casa oito e meia, já que papai havia avisado que voltaria às nove e eu estava fugindo do castigo.

– Silas, eu já preciso ir – avisei enquanto duas crianças passavam como raio por nós.

Uma delas esbarrou em mim e me fez perder o equilíbrio, fazendo-me cair em cima de Silas. Nós dois fomos ao chão, eu por cima dele, e enquanto eu me desfazia em desculpas, ele riu e colocou uma das mãos em minha nuca, aproximando meu rosto do dele, colando nossos lábios levemente.

Meu primeiro beijo.

Durou apenas alguns segundos. Seus lábios estavam gelados sob os meus, seus olhos fechados enquanto os meus estavam arregalados. A reação veio aos poucos e, finalmente, eu me levantei, o rosto em brasa, olhando sempre para meus patins. Ele fez o mesmo e, juntos e silenciosos, saímos dali. Algumas pessoas nos olhavam e sorriam, sussurrando coisas como “o amor é lindo” ou “que casal bonitinho”.

– Quer que eu te dê uma carona? – Silas perguntou, totalmente constrangido, mas com um brilho de alegria nos olhos. – Mamãe vem me pegar e ela pode te deixar em casa.



Deus, não.

– Não precisa – respondi, tentando forçar um sorriso e agir com normalidade. – Eu preciso ir logo, você sabe, estou fugindo do castigo e tudo.

– Tudo bem, apesar de que eu realmente gostaria de te deixar em casa.

– Fica para próxima, ok? – disse e saí de lá o mais rápido que pude, sem correr.

Enquanto eu caminhava para o ponto de ônibus, minha mente revirava mais que um liquidificador. A noite era quente, principalmente depois do frio do ringue de patinação. Eu estava com uma calça folgada e uma blusa larga com mangas curtas e meu cabelo estava preso em uma trança lateral que chegava quase à minha cintura. Tirei os óculos por um momento e esfreguei os olhos, coloquei-os de volta e peguei o celular para olhar as horas. Eu tinha exatos vinte e cinco minutos para chegar em casa. O ônibus chegou, mas eu continuei ali, sem conseguir fazer minhas pernas a se mexerem. O ônibus não parou, e eu fiquei sentada no banco observando as pessoas andarem pelas ruas. Como era sexta-feira, havia muitos casais, e, como estava perto do ringue de patinação, muitas crianças.

Não sei o quê deu em mim, mas eu acabei pegando um ônibus que parava no shopping e foi lá que eu desci. O que era ridículo, já que Vicente já deveria ter ido embora há muito tempo. E eu nem sei o que faria se ele estivesse ali. O que eu estava pensando? Era como se eu não tivesse mais controle das minhas ações, nada do que eu fazia tinha sentido!

Atravessei a rua até o shopping sem olhar para os lados e ouvi o barulho agudo de freios no asfalto e buzinas. Parei, congelada no lugar, enquanto um carro freava a centímetros de mim. O motorista desceu no meio da rua, furioso, e bateu a porta do carro com força.

– Maria Valentina, você é doida? – Vicente gritou.

Eu fiquei estática por alguns segundos e deixei ele me empurrar para dentro do carro. Logo ele tomou o seu lugar no banco do motorista e arrancou dali. Percebi que seus olhos estavam mais escuros que o normal e suas mãos apertavam o volante com força. Mesmo assim, também não pude deixar de perceber como ele estava bonito com aqueles jeans escuros e uma camisa polo branca que destacava seu bronzeado. Eu mordei os lábios, sem saber o que dizer.

– Para onde você está me levando? – finalmente perguntei.

– Para sua casa – ele respondeu, irritado. – Coisa que seu namorado tinha que ter feito.

Não refutei sua afirmação e preferi ficar calada. Como? Como eu pude me tornar tão instável? Tão confusa? Eu não sou assim! Por que tenho essa ridícula vontade de chorar ao lado daquele garoto que parecia me desprezar tanto? Por que queria abraçá-lo e me sentir segura no calor dos seus braços?

O que havia de errado comigo?

Está claro como água. Você se apaixonou por ele.

– Como foi o seu encontro com o McDonald? – Vicente perguntou de repente, tirando-me das minhas loucuras mentais.

– Eu não sei bem... - respondi, incerta se queria dividir aquilo com outra pessoa. - Foi bom, legal. Meio estranho no início. Mas depois ficou fácil. Com ele tudo sempre é fácil.

Os nós nos dedos de Vicente ficaram quase brancos com a força que ele colocava no volante. Percebi que eu não estava usando cinto de segurança, mas não quis me mexer um milímetro, nem para colocá-lo. O silêncio perdurou enquanto as ruas passavam como um borrão pelas janelas e, antes que eu tivesse certeza de que era aquilo que eu queria, chegamos à minha casa. Vicente estacionou bem em frente e desligou o carro. A entrada de automóveis estava vazia, o que queria dizer que meu pai ainda não estava em casa.

Vicente – um irresponsável que também não estava usando cinto de segurança – virou-se para mim e me fitou com aqueles olhos profundos e escuros.

– O que vocês fizeram? – perguntou.

– Fomos patinar – respondi automaticamente, fixando meu olhar em qualquer coisa que não fosse ele.

– Foi bom?

Eu hesitei e ele percebeu.

– O que aconteceu?

– Ele me beijou.

Ficamos em silêncio pelo que me pareceu um século. Então, Vicente, desceu do carro e veio abrir a minha porta, apesar de eu estar muito atordoada para notar esse gesto como sendo gentil. Eu desci, ele bateu a porta e ficou me encarando. Sua voz parecia estar cheia de raiva contida quando ele perguntou:

– E você gostou?

Eu levantei meus olhos para encarar os dele.

– Sim.

Ele deu dois passos em minha direção, prendendo-me entre ele e o carro.

– Como foi o beijo dele?

Eu não estava entendendo aonde ele queria chegar com aquilo e preferi não responder nada.

– Não vai dizer? Então eu vou ter que adivinhar – ele chegou mais perto e uma de duas mãos foi parar em minha cintura, a outra, em minha nuca. – Foi assim?

E antes que eu pudesse respirar, antes que eu pudesse saber o que estava acontecendo, senti os lábios quentes de Vicente sobre os meus, apertando-os, sugando-os, mordendo-os.

Foi completamente diferente do que eu poderia esperar de um beijo.

Era furioso, incontrolável e quente. Irrecusável. Irrefreável.

E terminou rápido demais.

Ele cortou o contato entre nossos lábios e voltou a fitar meus olhos, embora os seus não estivessem mais escuros de raiva, e sim de emoção. Eles estavam mais suaves, mas com a mesma profundidade esmagadora. Pareciam me hipnotizar, me atrair. Me afogar.

– Ou foi assim? – ele sussurrou e novamente colou os lábios nos meus.

Foi ainda melhor.

Meus braços circundaram seu pescoço enquanto ele me abraçava até eu sentir o calor da pele dele mesmo através das minhas roupas. Senti sua língua passando por meus lábios e os entreabri inconscientemente. Era um beijo completamente diferente do primeiro. Suave e macio, cuidadoso e muito, muito mais profundo.

E nem todo o tempo do mundo seria o bastante para ele.

Está claro como água. Você se apaixonou por ele.

Claro...claro como água.

O barulho de uma porta batendo na casa do vizinho nos assustou e rapidamente nos separamos. Olhei para os meus pés, sem saber o que dizer. Sem ter coragem de olhar Vicente nos olhos.

Sem ter coragem de admitir para mim mesma que eu o amava.

– Desculpe, Tina – ele falou de repente, a voz rouca. – Eu sinto muito. Isso não deveria ter acontecido. Eu...eu não sei o que deu em mim, me perdoe. Isso foi só um...

– Acidente – completei por ele, sentindo meu coração doer com o som da palavra.

– Isso – assentiu ele. – Foi um acidente.

Fitei aqueles olhos que tanto me perturbavam mais uma vez.

Está claro como água. Você se apaixonou por ele.

Eu sei.

Agora eu sei.

16



# *Ciúmes é sempre complicado*

EU BEIJEI MARIA VALENTINA.

Eu. Beije. A. Maria. Valentina.

É oficial. Eu estou completamente maluco.

Beije. Minha pequena e esquisita nerd não só uma, mas duas vezes! O que diabos deu em mim? No que eu estava pensando? Aliás, eu não estava pensando! Eu não tinha a menor ideia do motivo para ter feito aquela loucura...ou não queria me aprofundar nelas...eu estava louco, ponto final.

Mas eu ainda sentia o gosto dela na minha boca.

E não era ruim, como eu podia ter imaginado. Para falar a verdade, era bom. Muito bom. Fazia coisas estranhas com a minha barriga, coisas que um beijo não deveria fazer, especialmente depois de aqueles lábios terem sido contaminados por um certo ruivo psicopata com cara de palhaço tarado que seria futuramente espancado. Deus, odeio pensar que ele teve a audácia de tocar na minha nerd. Ele conseguiu o primeiro beijo dela! O primeiro! E dizem que meninas nunca esquecem o primeiro beijo, o que quer dizer que a Maria Valentina nunca vai esquecer aquele otário! Isso estava me deixando insano! E eu não estava entendendo esse sen-



timento...cara, eu sou um homem! Homens não entendem esse tipo de maluquice, não nascemos com as enzimas que digerem os sentimentos...

ALGUÉM ME MATE AGORA, ESTOU FICANDO NERD QUE NEM A MARIA VALENTINA.

Tá, voltando ao maldito Ronald McDonald e a cara de pau dele de beijar a nerd. Talvez eu estivesse desse jeito por preocupação com ela. E só. Como se ela fosse uma irmã mais nova. Eu não iria gostar nem um pouco de saber que uma irmãzinha minha estava sendo beijada por um garoto com cara de palhaço sociopata.

Então por que você beijou a garota, Vince?

Diabos, não sei! Não é como se eu tivesse planejado, foi um impulso do momento! Eu estava totalmente frustrado com o bolo que eu levei da Tiffany e lá estava a nerd jogando na minha cara o encontro perfeito que teve com o Ronald...

Certo, você a beijou por causa disso. Mas por que você gostou?

Chega, preciso procurar um psiquiatra com urgência, essas discussões comigo mesmo estão muito estranhas e perturbando a minha paz de espírito.

Paz de espírito? Do que diabos eu estou falando? Eu acabei de beijar a Maria Valentina, a nerd rejeitada da escola! Eu nunca mais terei paz de espírito!

Olhei para a dona dos meus pensamentos e dilemas internos, e desejei poder ver seus olhos. Aqueles óculos horrorosos eram como uma barreira que escondia os pensamentos dela. E eu sentia que precisava saber quais eram eles. Só agora, ao fitá-la, começou a entrar na minha cabeça que, antes de ser a nerd esquisita, Maria Valentina era minha amiga. E eu a beijei. E isso poderia tê-la magoado.

Que grande amigo eu sou, hein?

— Maria Valentina — tentei me desculpar de novo. — Me des —

— Não se desculpe — ela me cortou, parecia nem querer ouvir minha voz, já que não me deixava terminar uma frase. — Não foi nada.

Não foi nada.

Eu não previ mesmo, mas aquelas eram as piores palavras que a nerd poderia proferir naquele momento, para terminar um dia em que tudo deu errado. Como assim “não foi nada”? O que havia acabado de acontecer não era “nada”! Era um beijo! Tudo bem que concordamos que foi um acidente, um erro, mas ainda era um beijo, era...

— Vicente — ela disse meu nome em voz baixa, interrompendo minha revolta mental. — É melhor você ir embora.



Certo, esse dia podia ser definitivamente apagado da minha vida. Primeiro a ligação esquisita da minha mãe, depois o bolo que eu levei da garota que gosto, depois eu fico sabendo que o Ronald McDonald beijou a nerd, depois eu beije a nerd, depois ela praticamente me expulsa da...calçada da sua casa. Eu realmente gostaria de não ter acordado essa manhã. Ou então ter acordado com febre, catapora, caxumba, apendicite, falência múltipla dos órgãos, queda de cabelo ou coisa pior. Aí teria ido diretinho para o hospital, o que teria me salvado de um dia odioso desses. Teria me poupado de ver o dia que tinha tudo — quase tudo — para ser perfeito, desmoronar até o inferno onde, tenho certeza, uma força demoníaca me possuiu e foi ela que me fez beijar a Maria Valentina.

Você a beijou porque quis, cretino.

Ótimo, agora além de falar comigo mesmo, eu passei a me xingar. Esse dia não tem como piorar...

— Maria Valentina! — alguém gritou, com uma voz grave e irritada que parecia ter saído direto das profundezas do reino de Hades.

Por que será que quando alguém diz que as coisas não podem piorar, o destino curte tirar uma com a cara desse pobre coitado, fazendo acontecer, não apenas uma coisa pior, mas a pior coisa de todas? Pois é, quando as coisas estão ruins...elas sempre podem piorar.

E a pior coisa de todas para esse pobre coitado aqui — e para a Maria Valentina, imagino — foi o pai dela aparecer exatamente naquele momento.

Bom, pelo menos eu suspeitava de que o homem enorme e com uma fúria assassina sendo exalada pelos poros que estava se aproximando de nós com passos rápidos era o pai dela. Seu carro estava estacionado de qualquer jeito na calçada e a porta do motorista ainda estava aberta. Se a súbita palidez da Maria Valentina — sim, ela conseguiu ficar mais pálida do que já era — servisse de indicação, eu estava certo.

Fujam para as colinas! Salvem suas vidas!

Ei, Maria Valentina já tinha dado a entender que seu pai era praticamente um cão do inferno e, mesmo que não tivesse, só de ver aquele cara com aqueles olhos azuis homicidas, qualquer pessoa normal correria para salvar a pele. E ok, confesso que era o que eu queria fazer. Blábláblá, não sou corajoso, eu sei, blábláblá. Tenho 16 anos e sou novo demais para morrer. Além disso, o meu rosto aqui é lindo demais para ser desfigurado.

E era exatamente isso que o pai da Maria Valentina parecia querer fazer, se aquele olhar fuzilador fosse uma dica.

Beleza, então eu queria sair correndo, pegar meu carro e me mandar para casa, para poder socar uma parede e me perguntar por que a

Tiffany me deu o bolo e não retornou minhas ligações. Mas, adivinha? Eu ainda estava ali parado, ao lado da nerd. Não, não foi um súbito surto de coragem. Eu só percebi que, se eu deixasse a ruivinha ali sozinha, ela provavelmente receberia toda a fúria do pai sozinha, e eu não poderia deixar isso acontecer. Sou meio covarde, eu sei, mas não sou um cretino! Eu acho. Bom, se a coisa começasse a feder mesmo, eu sempre poderia sequestrar a Maria Valentina e fugir para o Suriname.

Onde fica o Suriname mesmo?

Acho que não estou virando nerd, afinal.

O homem que supus ser o pai da Maria Valentina a segurou pelo braço fino com força, fazendo-a se virar para ele.

— O que você está fazendo aqui fora? — esbravejou. — Você saiu? Esqueceu que está de castigo? Onde está a sua irmã? Quem é esse?

Certo, o esse me ofendeu, mas algo me dizia que era mais sensato — e melhor para a minha saúde — ficar calado.

— G-Geny está em casa, pai — a nerd respondeu, tão assustada que eu comecei a ficar assustado por ela. — Ela não tem nada a ver com isso. Eu só vim aqui fora para...

— Você saiu com esse moleque? — o pai interrompeu, fuzilando-me com os olhos claros.

Moleque...esse cara não tem educação mesmo.

— Não, pai! — Maria Valentina se apressou em negar. — Ele é só um colega da escola que veio pegar umas anotações emprestadas.

Estava mais do que óbvio que o coroa não ia cair naquela história. Porque, é claro, bastava um olhar para mim para saber que eu não era o tipo de cara que vai à casa de garotas numa noite de sexta feira para pegar anotações. Pode parecer narcisismo, mas é verdade. O pai da nerd passou os olhos da filha para mim com incredulidade e eu pude ver seus dedos apertarem inconscientemente o braço dela, fazendo-a morder os lábios para não soltar um gemido de dor.

Certo, eu sou Vince Müller, 16 anos, amigo da Maria Valentina — e um amigo não muito bom, dado os recentes acontecimentos. O cara era gigante, devia ter mais de 40 anos, era visivelmente mais alto e forte do que eu, e eu não sou fraco nem baixinho. Além disso, era pai da minha nerd.

Mas era isso mesmo. Maria Valentina era a minha nerd — minha única amiga do sexo feminino — e eu não podia deixar ninguém, nem o gigante do pai dela, machucá-la. Que tipo de amigo eu seria se deixasse? E ok, falei sobre ficar calado e ser sensato há um minuto, mas, vamos encarar, Vince Müller é sensato desde quando?

Céus, preciso parar de me referir a mim mesmo na terceira pessoa. Isso tá ficando incontrolável.

— Ei cara, solta ela! — foi o que a esperteza aqui resolveu dizer, agarrando o outro braço da Maria Valentina, que olhou para mim com horror.

É, eu senti que a coisa tinha acabado de ficar feia.

Ele realmente soltou o braço da filha, cujos olhos estavam tão arregalados que eram quase visíveis por trás das lentes. Ela virava a cabeça do pai para mim a cada segundo, temendo a reação do pai. Ele me fitou com o que parecia curiosidade debochada por alguns segundos, depois virou para a nerd e perguntou:

— Onde estão as anotações, Maria Valentina?

Ela piscou, confusa, e por um segundo temi que tivesse esquecido a própria mentira. Mas se recuperou a tempo e balbuciou que estavam em seu quarto. O pai dela então a mandou ir buscá-las. Ela não parecia confortável em nos deixar ali sozinhos, mas não havia alternativa. Assim que desapareceu pela porta da casa, fui quase levantado do chão pelo pai maluco dela — que me segurava pela gola da camisa — e empurrado contra a porta do meu carro.

— Eu quero você longe da minha filha — falou em voz baixa e ameaçadora. — Entendeu, moleque?

Bom, eu não queria ficar longe da Maria Valentina. Ela era minha amiga, professora particular e...bom, sei lá, ela era meio que...minha, sabe? Não num sentido romântico, fala sério — esqueça os beijos, eles NÃO aconteceram — mas era como se fosse certo ela ficar perto de mim. Ela era tão esperta, podia até me dar umas dicas com a Tiffany. E bom, quem iria protegê-la do palhaço tarado? Não estou fazendo muito sentido, mas o lance era que eu não iria ficar longe da minha nerd, mesmo que o pai dela não me quisesse perto dela.

Porém, já concordamos que não sou corajoso, certo? Então sinto muito, mas não ia rolar dar uma de herói romântico e dizer aos berros ao pai da Maria Valentina que nada e nem ninguém iria me separar da filha dele. Isso aqui não é uma novela nem um livro do...sei lá, Shakespeare? Ele escrevia livros, certo? Romeu e Julieta? Deixa para lá, o que importa é que isso não ia acontecer. Primeiro, porque ele teria uma ideia totalmente errada do meu relacionamento com a filha dele, que é simplesmente uma relação de amizade (esquece os beijos!). Segundo, porque ele poderia me quebrar em dois facilmente.

Oi, eu tenho amor pela minha vida. E confesso que o segundo motivo pesou bastante na balança.

Então tudo o que eu disse foi:

– S-Sim, senhor.

E eu só gaguejei porque o cara estava amassando a minha traqueia. Verdade.

Ele me soltou segundos antes de Maria Valentina sair de casa com alguns cadernos e papéis nas mãos. Seu rosto estava tão pálido que as sardas se destacavam, parecendo mais escuras que o normal. Notei que seu cabelo não estava preso no costureiro coque e sim numa trança que caía do lado do seu rosto e terminava na cintura. Caraca, o cabelo da nerd era comprido assim? Como eu não percebi antes? Eu beijei a garota e não percebi que o cabelo dela estava diferente. Qual o meu problema?

Ah, já sei. Um cromossomo Y, é claro.

Não que ser homem seja um problema, ok? Apesar da frase acima ter soado super gay. É só que homens de verdade — tipo eu — não se prendem a detalhes. Pronto.

Ela se aproximou, parecendo apreensiva, e me entregou as anotações. Olhava de soslaio para o pai, parecendo adivinhar o que acontecera enquanto estávamos sozinhos.

— Bom, eu já vou indo, então — falei, entrando na já falida encaixação e sinalizando os cadernos que a nerd me entregara. — Valeu pelas anotações, Maria Valentina.

Ela murmurou uma despedida e eu entrei no carro, largando os cadernos no banco do passageiro, e saindo de lá. Eu só queria chegar em casa, comer alguma coisa e desmaiar. Devia ter desconfiado que um dia que começou com uma ligação da minha mãe, só poderia ser um dia de cão mesmo. Não me entenda mal, eu não odeio quando minha mãe me liga. Certo, eu odeio sim. Mas amo também. Amo saber que ela lembrou que eu existo e odeio por sempre sentir a mesma frieza em suas palavras, mesmo à distância. E hoje de manhã, quando me ligou, estava tão esquisita! Parecia querer soar mais...carinhosa. Devo dizer que falhou miseravelmente, eu quase pude ouvi-la engasgar quando tentou me chamar de “querido”. Disse que só ligou para me lembrar de que chegaria amanhã. Eu já sabia, ela tinha dito da última vez que ligou. Então por que ligou de novo? Ela nunca fazia isso. Quanto menos palavras gastasse comigo, melhor.

Consegui chegar em casa sem ser preso por dirigir sendo menor de idade — com meu azar de hoje, tudo era possível — e a primeira coisa que fiz foi ir para a cozinha, caçar algo comestível. Você podia pensar que um cara que tem o limite de cartão de crédito que eu tenho, teria algo para

comer em casa. Triste engano. Peguei o telefone e pedi uma pizza. Sentei na sala e liguei a TV, mas só fiquei trocando de canais aleatoriamente até finalmente deixar num canal onde estava passando Top Gun.

É, Top Gun, você leu direito e não, exceto por beijar nerds de cabelos ruivos que por acaso são minhas amigas, não há nada de errado comigo.

Algum tempo depois, a campainha tocou. Devia ser a pizza, mas achei estranho não terem ligado da portaria avisando. Nem sei para que eu morava num condomínio, se qualquer um podia vir e bater na minha porta sem ser anunciado, melhor morar numa vila!

Sim, tenho 85 anos e sou rabugento. Meu dia foi terrível, então tenho o direito de reclamar de tudo.

Como os empregados já tinham ido embora — a escravidão já acabou, então eles têm direito a uma folga nos finais de semana — eu tive que ir abrir a porta. Era a pizza, mas quem a estava trazendo era Lucas, que já foi entrando sem ser convidado, como sempre.

— Virou entregador de pizza agora, Lucas? — zombei, mal humorado. Péssima hora para ele aparecer.

— Eu estava chegando, o cara da pizza também — explicou ele, colocando a pizza no balcão da cozinha e pegando refrigerante da geladeira. — Economizei o trabalho que ele teria para vir até aqui. E ainda paguei a pizza para você, não vai agradecer?

Eu o segui e sentei numa cadeira na frente do balcão, abri a caixa da pizza e peguei um pedaço com a mão.

— E desde quando você faz caridade? — perguntei mal humorado.

— E desde quando você é um saco? — retrucou, sentando-se também, com dois copos de refrigerante. — Ah, é verdade, você sempre foi.

Não falei nada e só fiquei lá existindo. Uma existência miserável, devo dizer, mesmo correndo o risco de soar mais emo do que nunca. Por que eu não posso ser uma planta? Sei lá, uma samambaia? Ela só fica lá, verde, com cara de planta, fazendo fotossíntese. Por que eu não posso fazer fotossíntese? Iria me poupar o trabalho de ligar para a pizzaria. E duvido que as samambaias saíssem por aí levando bolo de garotas lindas, e beijando nerds esquisitas.

— Ei cara, qual o problema? — Lucas perguntou, provavelmente achando que eu estava agindo estranho.

Pelo menos ele não estava dentro da minha cabeça. Estaria no hospício antes de soletrar a palavra maluco.

— Nada — resmunguei.

— Você não me engana, Vince. Eu vim aqui para saber como foi o cinema com a garota maravilha da qual você me falou, achando que você estaria todo animado e encontro...isso. Sério, cara, parece que você tem seis anos e acabaram de atirar no seu cãozinho.

Respirei fundo e confessei:

— Ela não apareceu, Lucas. Eu fiquei esperando Tiffany por horas. Devo ter ligado umas cinquenta vezes para o celular dela, mandei mensagens...quase coisa de stalker mesmo e, mesmo assim, passei o dia inteiro sem uma palavra dela.

Lucas parecia chocado. Eu o entendo. Quem no mundo deixaria um cara como eu esperando?

— Vince, não leva a mal o que eu vou falar, — começou ele — mas você não imaginou essa menina, não?

— Você tá achando que eu tô maluco, é?

— É para responder?

Por que eu sou amigo desse cara mesmo?

Ah, o Lucas não interessa! Quem interessa é a Tiffany! Onde ela está? Me deixou esperando de propósito, esqueceu de ir ou foi impedida? Eu já tinha pensado nessas coisas mais de mil vezes durante as horas em que passei esperando por ela. E se algo tivesse acontecido? Se a garota pelo menos atendesse ao celular...

Eu queria tanto vê-la... se fechasse os olhos, era como se estivesse na minha frente. Aquela beleza tão exótica e ao mesmo tempo suave. Aqueles cabelos que reluziam como chama, aqueles olhos misteriosos, o sorriso impulsivo e aquele jeito de garota errada, de garota corajosa, que só faz o que quer. Por que eu não podia vê-la? Por que não podia tê-la? Eu nunca esperei por garota alguma em toda a minha vida. Eu as fazia esperar por mim. Então por que, se ela aparecesse na minha frente neste exato momento, eu esqueceria as duas horas que passei esperando por ela, esqueceria que ela não apareceu e me deixou lá sozinho como um idiota, esqueceria tudo isso. Eu sorriria para ela e faria qualquer coisa que me pedisse. Tiffany, a garota misteriosa por quem me apaixonei, me tinha na palma das mãos.

Se pelo menos ela aparecesse para me fazer proveito disso...

— Tá, e o que mais aconteceu? — meu futuro ex-amigo perguntou, tirando-me dos meus devaneios.

Ou Lucas é vidente ou ele contratou alguém para me seguir. Sério.

— Não aconteceu mais nada — menti, olhando para o pedaço de tomate que estava escorregando da minha fatia de pizza. — Por que você acha que aconteceu mais alguma coisa?

— Já disse que você não me engana, cara! Quer fazer o favor de falar?

E eu diria o quê? Lucas, eu dei um beijo na Maria Valentina! Foi O Beijo! Digno de cinema, com língua e tudo. Ah, eu mencionei que foram dois? Mencionei que ela surpreendentemente correspondeu? Mencionei que antes disso, ela beijou o maldito do Ronald McDonald? Mencionei que isso me deixou puto?

Como eu iria dizer isso para o meu melhor amigo? Eu ia ser zoadado pelo resto da vida!

Mas eu estava péssimo, aparentemente. Porque foi exatamente o que eu fiz. Conte tudo para ele.

— Ah...quem? Não...espera...O QUÊ?

E sabe o que o desgraçado fez então? Riu.

Por que eu fui abrir minha boca?

— Eu sabia! — exclamou ele, como se tivesse feito uma descoberta impressionante. — É óbvio!

— Será que dá para dizer o que é óbvio, Lucas? Porque eu não entendi nada.

— Primeiro você vem todo “a nerd é minha amiga, sejam legais com ela”, depois ficou olhando para ela o intervalo inteiro só porque ela estava com o namoradinho, que você odeia sem nem conhecer. E o que foi aquele “finge que a gente está se divertindo” que você disse quando ela olhou na nossa direção? Eu só ri mesmo porque achei ridiculamente hilário.

— Não foi desse jeito — revirei os olhos.

Não foi tão patético do jeito que Lucas disse, tá legal? Eu só quis que a nerd visse que era mais legal ficar com a gente do que com aquele projeto de delinquente ruivo. Não foi tão ridículo assim. Sério.

— E agora você admite que ficou morrendo de ciúmes do namorado dela e que ainda beijou a garota! — continuou, como se não tivesse me escutado. — Você gosta da Tina Lazarov, cara.

Esse cara cheirou orégano?

— Tá louco? Em primeiro lugar, eu não gosto dela do jeito que você está insinuando e, segundo, aquele palhaço não é namorado dela!

Ele riu antes de dizer:

— Você é mesmo cego, Vince!

— Esqueceu que eu gosto da Tiffany?

— Eu ainda acho que você imaginou essa garota. Não acredito que ela exista de verdade. Ei, você inventou ela pra fazer ciúmes na Tina?

— Para de falar asneira, cão! Eu não gosto da Maria Valentina e eu não imaginei a Tiffany! Quem você acha que me mandou aquelas mensagens enquanto estávamos rindo da Roberta? A minha imaginação?

Ele balançou a mão como se não importasse.

— Que seja, ela existe. Mas você gosta da Maria Valentina.

— Não chama ela de Maria Valentina!

— Tá vendo? Apaixonado.

— Maluco.

Lucas só riu e continuou comendo sua fatia de pizza. Eu perdi a fome e me levantei da mesa e voltei para a sala, onde ainda estava passando Top Gun na TV que eu esqueci ligada. Por que eu estou cercado por idiotas? Lucas está se saindo uma bela decepção. Gostar da Maria Valentina? Ele enlouqueceu? Tudo bem, eu posso até gostar dela como amigo, já tinha chegado a essa conclusão sozinho. Agora, apaixonado? Tudo bem, não vou retroceder ao nível neandertal da escala de babacas e dizer que não gosto da Maria Valentina porque ela não é bonita. Porque...bem, ela até que tem um charme, se você chegar bem perto para ver. Mas eu sou louco por outra. E é uma coisa tão insana que eu só precisei vê-la uma vez na vida para saber que era especial.

Como comparar qualquer coisa com um sentimento como esse?

— Daqui a pouco você vai estar assistindo Titanic com uma caixa de lenços numa mão e um pote de sorvete na outra, mocinha — caçou Lucas, entrando na sala.

— Por que você ainda está aqui mesmo?

— Certo, certo, eu vou embora. Ainda está cedo e eu posso aparecer na casa da Maria Valentina e pedir para ela me ensinar um pouquinho de biologia...

Estava de pé em dois segundos, a três passos do meu já ex-melhor amigo, porque ele não ia respirar por muito mais tempo.

— Lucas, você quer apanhar?

Ele riu. Eu já estava ficando de saco cheio da risada debochada dele.

— Nunca pensei que Vince Müller seria tão ciumento — ele disse, já caminhando displicentemente para a porta. — E ciúme é sempre complicado. Principalmente quando você o sente por alguém de quem não gosta. Ou pelo menos diz que não gosta.

— Do que diabos você está falando? Eu não tenho ciúmes daquela nerd!

— Quer saber? Você vai perceber isso sozinho qualquer hora dessas. Eu vou indo.



Nem me despedi. Voltei para a TV, mas aquilo estava um tédio e eu resolvi ir para o meu quarto tomar um banho. Larguei minhas chaves, celular e carteira em cima da bancada e fui para o banheiro, saindo de lá cinco minutos depois, com a toalha amarrada na cintura. Se eu estava até com preguiça de me vestir, era porque a coisa estava ruim mesmo. Meu celular tocou e eu o peguei da bancada. Era uma mensagem de texto.

Da Tiffany.

*Desculpa não ter ido hoje, Vince, eu não pude. Posso te explicar melhor amanhã, se você aceitar almoçar comigo. E aí?*

Lucas é que é o doido aqui, eu não inventei ninguém! Tiffany é mesmo real e é por ela que estou apaixonado, não pela Maria Valentina. E agora eu tinha outra chance de encontrar com a mulher da minha vida.

E de tirar os lábios macios de uma certa nerd da cabeça.

17



## O amor é brega

— VOCÊ TEM CERTEZA, TINA? — perguntou Geny pelo que me pareceu a quinquagésima vez.

— Já disse que vou fazer e pronto — respondi, pegando a tesoura da bancada do banheiro.

— Papai vai matar você.

— Eu sei. Não ligo.

— Deus, Tina. O que deu em você?

Virei-me para Geny com um suspiro:

— Vai me ajudar ou não?

Geny revirou os olhos e estendeu a mão direita. Eu coloquei a tesoura na mão dela e me sentei na cadeira que havíamos trazido para o banheiro, colocada de frente para o espelho. Fitei o reflexo de minha irmã atrás de mim, seu cenho estava franzido e ela mordia o lábio inferior insistentemente, olhando a tesoura em suas mãos de maneira hesitante.

— Anda logo! — exclamei. — Meu cabelo fica o tempo todo preso, papai não vai perceber!

— Certo, certo.

Eu fechei os olhos. Tudo bem, me processe, mas aquele cabelo era uma parte de mim há muito tempo. Uma longa parte de mim. Mas já era hora. Eu tinha 16 anos, pelo amor de Deus, e não podia tomar nem mesmo



as menores decisões por mim mesma? Tinha que viver com esse medo constante do meu próprio pai? Obedecendo-o como um cachorrinho? O cabelo era meu e eu queria cortá-lo. Acabou.

A briga que se seguiu à saída de Vicente, ontem, foi uma das piores da minha vida. Provavelmente a pior. Mas foi boa, de certa forma. Eu finalmente fui obrigada a abrir meus olhos, a perceber que minha própria vida estava longe de estar em meu controle. Meus desejos, anseios e aspirações sempre foram reprimidos, a espontaneidade foi esmagada e a felicidade, uma visitante ocasional e pouco frequente. Para onde eu estava sendo guiada? Estava na hora de arrancar minhas correntes e ser livre. E aquele cabelo era só o início. A primeira das algemas que eu soltaria.

O fato de que eu estava, mais uma vez, fugindo do castigo para me encontrar com um garoto era para mostrar que eu estava falando sério.

Ontem à noite, meu pai gritou comigo, ordenou que eu me afastasse daquele “moleque”, disse que eu estava a ponto de arruinar minha vida, que eu estava... estava...

— Você está começando a parecer com ela, Maria Valentina! E isso eu não vou permitir! Nunca!

E então eu percebi que aquilo não me atormentava como me atormentaria se meu pai tivesse dito isso alguns dias antes. Qual o problema, afinal, em me parecer com minha mãe? A opção seria parecer com meu pai e essa sim, é aterradora. E por anos, eu vivi assim, tentando parecer com ele, fria, focada, determinada apenas em seguir o futuro brilhante que foi escolhido para mim. Sim, foi escolhido, porque, no fim das contas, quando eu tomava minhas próprias decisões?

Nunca.

Mas isso estava prestes a mudar.

— Eu gosto dele, papai — eu havia dito, levantando o queixo em desafio. — E eu não vou me afastar dele só porque você quer.

Papai só fez me olhar com repugnância, e balançou a mão como se não fosse nada.

— Pensei que você estivesse além dessas tolices infantis, Maria Valentina — foi o que ele disse. — Mas se não está, só me resta fazer você ficar. Nunca mais vai vê-lo e acabou.

Bom, ele havia dito que Maria Valentina não podia mais ver Vicente Müller. Não falou nada sobre a Tiffany.

Eu sei, eu sou um gênio.

— T-Tina — começou minha irmã atrás de mim. — Acabei. Abre os olhos.

Meu coração acelerou e eu respirei fundo, abrindo só um olho e fitando o espelho. O choque me fez arregalar os dois olhos em um segundo e logo eu podia ver meu reflexo completamente. Levantei e cheguei bem perto do espelho, tirando os óculos.

Ai. Meu. Deus.

— Eu estou...estou...

— Linda — completou Geny, sorrindo. — Modéstia à parte, já que esse lindo corte de cabelo fui eu que fiz.

Sorri e consegui desgrudar meus olhos do espelho para fitar minha irmã, que tinha uma expressão satisfeita no rosto.

— Obrigada, Geny — disse, abraçando-a. — Você é a melhor irmã do mundo!

— Eu sei — ela respondeu. — Mas se o papai descobrir, você fez tudo sozinha, ok?

Ri. Como sempre, minha irmã dava uma de esperta.

— Certo — concordei.

— Ótimo. Agora vá se trocar ou vai se atrasar para esse seu almoço. Ainda penso que você não devia ir, não depois da briga de ontem, mas se você quer mesmo...

— Eu quero. Mais que isso, eu preciso. Vou esclarecer umas coisinhas hoje.

Dizendo isso, eu deixei uma Geny confusa no banheiro e subi para o meu quarto. Minha irmãzinha tinha separado umas roupas legais para mim do seu “estoque particular”, como ela chamou. Já tinha feito minha maquiagem e a coisa mais difícil foi mesmo convencê-la a cortar meu cabelo. Mas, apesar de ter ficado assustada, eu confiava no talento da minha irmã e ela fez com que aquele meu horrível cabelo reto e pesado se transformasse em leves fios ondulando até pouco abaixo dos ombros, um pouco mais curtos na frente. Eu me sentia outra pessoa, parecia que tinha tirado um peso da minha cabeça.

Ok, eu podia estar agindo como uma louca. Certo, eu “estava” agindo como louca. Ainda ontem fiz de tudo para fazer Vince Müller sofrer, deixei-o plantado no cinema, saí com o garoto que pensei amar por tanto tempo, fui beijada por ele, mas só tinha um certo Vicente na cabeça e...

No fim, um beijo mudou tudo. Certo, não foi um beijo. Foram dois. Eu simplesmente não sei explicar de que jeito aquilo mexeu comigo, eu só...só percebi o que meu coração já sabia há muito tempo.

Eu estou apaixonada por Vicente Müller.

Dá para estar mais ferrada?

E o pior de tudo é que ele está apaixonado por outra. A tal da Tiffany. Que é... bem... tipo... eu.

O que diabo eu vou fazer da minha vida?

Certo, um passo de cada vez. Tiffany vai ser muito útil para mim hoje, porque sim, Vicente me beijou. Eu, Tina, não Tiffany, e eu preciso saber se ele...bom, se ele pelo menos parou para pensar nisso. E sei que seria terrivelmente desconfortável tocar nesse assunto sendo eu mesma. Mas isso não significa nada, acho que Vince Müller é capaz de beijar tudo que tenha peitos e respire. A quantidade de garotas com quem ele já se agarrou pelos corredores da nossa escola é completamente absurda. É mulher suficiente para um exército. E eu nem posso me iludir, a maioria me colocava no chinelo.

Certo, não sou bonita! Tiffany é apresentável, eu sei, mas ela não sou eu! Não gosto de usar salto alto, maquiagem, nem roupas apertadas. Principalmente roupas apertadas. Eu sei, esqueceram de me jogar num balde de feminilidade quando eu nasci, porque apesar de não ser nada atraente, eu amo minhas calças de moletom folgadas. São confortáveis! Tudo bem que parecer bonita de vez em quando é legal, mas sinceramente, passar por todo o processo de embelezamento todo os dias é... tortura. Essa sou eu. Maria Valentina gosta de calças de moletom, odeia escovar o cabelo, sai de casa com a cara lavada, usa óculos porque é super míope e lentes de contato fazem o olho coçar, ama tênis e chinelos e não pode usar blusas decotadas por causa do sutiã PP. Além disso, gosto de estudar, principalmente História, tenho uma fascinação por quadrinhos, sou louca por Star Wars, Star Trek e cubos mágicos. Quero ter um sabre de luz e ir aonde nenhum homem jamais esteve, quero me fantasiar de Batman no Halloween, ainda que seja uma fantasia de homem e as outras meninas estejam vestidas de... sei lá, coelhinhas da Playboy. Quero passar tardes de sábado jogando Marvel vs Capcom e Mário Kart, para depois sentar no sofá com pipoca e refrigerante e assistir O Dia Em Que A Terra Parou (o de 1951, por favor) e A Hora Do Pesadelo pela milésima vez.

Mas eu também quero beijar Vicente Müller e poder me esconder em seus braços quando meu pai brigar comigo. Quero rir das idiotices que ele fala e do jeito convencido dele. Quero poder olhar em seus olhos escuros e roubar seus sorrisos. Quero que eles sejam meus. Quero simplesmente que ele me olhe do jeito que me olhou logo antes de me beijar ontem. Como se eu fosse, não a única garota do mundo, mas a única que ele conseguia enxergar.

É muito querer ser eu mesma e ainda assim, ter para mim aquele príncipe encantado burro e metido?

Tá, eu tenho consciência que, só por desejar isso, posso me considerar desequilibrada.

Vicente Müller, além de ter só mentido e brincado comigo desde a primeira palavra que trocamos, é do tipo que, se algum dia sentir esse tipo de coisa por uma garota, vai ser por uma que dorme maquiada, não tira os pés dos saltos, só tem roupas apertadas e decotadas no guarda-roupa e, provavelmente, um sutiã tamanho G. Isso sem falar que vai ser do tipo que gosta de assistir comédias românticas no cinema e tem como ideia de diversão pintar as unhas com as amigas. Isso sem falar na fantasia de coelhinha da Playboy.

Eu não tenho nem chance.

Mas como ir à guerra e morrer com honra é melhor do que não ir e sobreviver sendo covarde, eu não posso desistir sem tentar. Ou pelo menos sem saber se eu podia ter tido uma chance.

Sim, é hoje que Vicente Müller vai saber a verdade sobre Tiffany e Maria Valentina. É hoje que vou saber se ele pode vir a gostar de mim por quem eu sou de verdade. Ou se vai apenas me odiar para sempre por enganá-lo.

Coloquei a meia calça preta, o short jeans escuro e curto e a blusa vermelha com bolinhas brancas, mangas curtas e botões na frente. Para a minha eterna gratidão, Geny me permitiu usar as sapatilhas brancas que eu ganhei da Larissa no meu último aniversário. Segundo ela, eu já estava com tantas coisas na cabeça que me concentrar para não perder o equilíbrio em cima de saltos altos seria crueldade demais. Deixei meu novo cabelo solto, do jeito que estava, e peguei a bolsa de mão que Geny me emprestou, em que mal cabiam meu celular, algum dinheiro e o gloss rosa que ela me obrigou a levar. Outra coisa pela qual eu estava agradecida era o fato de estar usando menos maquiagem do que na noite da festa. Como era um almoço, eu não precisava pintar minha cara como se fosse um palhaço, bastava o delineador preto, rímel, blush e o maldito gloss.

Tinha cheiro de morango e me fazia ficar com vontade de lambê-lo dos meus lábios, mas o gosto não era tão bom assim.

Finalmente, coloquei as odiosas lentes de contato que me faziam piscar e lacrimejar, mas que não escondiam meus olhos como meus óculos fundo de garrafa, e desci as escadas.

Geny estava me esperando na sala. Estava dando voltas pelo aposento, com uma unha meio roída na boca. Quase acreditei que ela estava mais nervosa do que eu. Se bem que por motivos diferentes.

— Tina, papai vai matar a gente! — exclamou quando me ouviu descer, e então virou para mim. — Uau! Você está perfeita! — e então voltou ao seu blábláblá nervoso. — Mas papai vai matar a gente mesmo assim.

— Calma, Geny, não fique nervosa — eu disse, pegando o telefone para ligar para o táxi. — É só se ater ao plano e nada vai acontecer com você.

— Papai vai chegar mais cedo hoje, ele mesmo disse que agora ia fazer o estilo “linha dura” com a gente — ela protestou. — E você acha mesmo que ele vai cair nessa de que eu estava dormindo e não ouvi você sair? Ele vai me espancar e matar você! Além de provavelmente me obrigar a enterrar seu corpo esquartejado no quintal — terminou, à beira da histeria.

Fitei minha irmã futura-candidata-a-passar-o-resto-da-vida-no-hospício e rolei os olhos. Falei com a empresa de táxi e dei o endereço da minha casa e, depois de ouvir que o motorista chegaria em 10 minutos, desliguei, para enfim responder à Geny:

— Você está louca, sério. Vai tomar Maracugina e se acalmar.

Ela só me fitou com os olhos arregalados.

— Sério, vai dar tudo certo — continuei. — Pelo menos para você. Deixa que eu vou me entender com o papai quando voltar.

Geny deu um longo suspiro e seus ombros caíram.

— Certo, certo — resmungou, dando as costas para mim e começando a subir as escadas para o quarto. — Vá brincar de ser gostosa com aquele otário. Eu vou para o quarto fingir que estou dormindo.

La dizer alguma coisa quando ouvi uma buzina de carro anunciando que o táxi já estava ali. Dei de ombros e gritei uma despedida para Geny, que não foi respondida, enquanto corria para a porta da frente. Entrei no táxi e instruí o motorista a me deixar num restaurante no centro. Era um lugar que eu não conhecia. Vicente havia mandado o endereço e o horário em que era para aparecer lá, ainda essa manhã, por mensagem. Ele foi frio e seco, mesmo por meio das palavras na tela do meu celular, e não fez perguntas nem comentou o fato de eu ter dado o bolo nele. Receava que ele fosse me dar o troco, não aparecendo para esse almoço. Mas eu tinha que ir de qualquer jeito.

Depois de meia hora, o taxista parou na frente de um restaurante de aparência sofisticada, uma casa antiga reformada, com grandes janelas de vidro. Paguei ao motorista e desci do carro, sentindo minhas pernas tremerem como gelatina. Definitivamente, se eu estivesse de salto alto minha cara já estaria grudada no chão. Sentia meu coração acelerar a cada

passo que eu dava em direção à entrada. Será que ele já estava lá? Será que iria mesmo aparecer ou me deixaria plantada como eu o deixei? O que ele estaria vestindo? Será que estava com raiva de mim...quer dizer, da Tiffany? Será que ao menos lembrava do beijo de ontem ou Maria Valentina e aquele “acidente” já estavam riscados da sua memória?

Por um segundo, pensei em sair correndo e voltar para casa. Esquecer de tudo. Quem era EU afinal para cobiçar o menino mais incrível da escola? Quem era eu para pensar que podia mudar a disposição da pirâmide social? Populares não se interessam por nerds e, principalmente, não namoram nerds. O que diabos eu estava pensando?

É, mais uma vez eu não estava pensando.

Quase fiz isso. Minhas pernas tremiam, minhas mãos suavam e o gloss já tinha sumido dos meus lábios há muito tempo, de tanto que eu os mordi. O gosto ruim do morango fajuto estava me deixando ligeiramente nauseada. Ou talvez fosse só meu estômago dando voltas com a perspectiva de encarar uma certa pessoa.

Chega Maria Valentina, você vai deixar de ser covarde! Você vai entrar nesse restaurante e, se Vicente estiver lá, você vai até ele e, com toda a dignidade possível, vai revelar que nunca existiu uma Tiffany, que ela é você!

É, e depois esperar ele me pegar nos braços e me beijar loucamente.

Ou — o mais provável — sair correndo fugindo da fúria assassina do menino.

Ou até posso acabar sendo expulsa do restaurante, quem sabe? Müller daria um jeito de fazer isso, aposto.

Mas, mesmo assim, eu respirei fundo e entrei.

Meus olhos foram guiados imediatamente para ele, como se fossem polos positivos atraídos por polos negativos. Minha respiração ficou presa na garganta. Diabos, ontem mesmo eu o vi! Estive com ele, fui beijada por ele...

Só pude perceber que ele usava jeans desbotados e uma camisa fina de mangas compridas, cinza. Depois disso ele virou o olhar para mim e eu só pude perceber o abismo dos seus olhos. Quantas vezes eu fitei esses mesmos olhos e não percebi o quanto eram lindos, hipnóticos? Quantas vezes eu os achei simplesmente escuros e rasos?

Céus, eu fui tão cega!

Não sabia se ele estava com raiva de mim ou não. Não sabia o que ele estava pensando. Não interessava. Minha mente ficou em branco e todas as minhas resoluções foram esquecidas. Junto com qualquer vestígio



de decoro ou bom senso. Ele estava sentado e se levantou ao me ver. Não reparei na mesa em que estava nem nas outras pessoas que estavam no restaurante. Aliás, esqueci completamente que estava em um restaurante. Não sei o que deu em mim. Não sei o que aconteceu, só...aconteceu. Foi simplesmente mais forte do que eu.

Sim, eu fiz algo estúpido. De uma estupidez assombrosa, para ser sincera.

Eu fui espontânea e impulsiva.

Eu fui Tiffany. Mas no fundo, fui apenas Tina.

Porque eu senti que era eu mesma enquanto atravessava o ambiente e ignorava o maître perguntando se eu tinha reserva. Senti que era eu que praticamente corria até o lindo garoto de olhos escuros e embriagadores que estava em pé, esperando por mim. Eu ainda era eu mesma quando praticamente me joguei em seus braços, passando os meus pelo seu pescoço, sentindo sua surpresa e confusão e finalmente, sem uma palavra, colando meus lábios nos dele.

Sim, eu sei. Podem trazer a camisa de força.

Me coleei em Vicente com desespero, apertando minhas mãos em seus cabelos fartos, puxando-o com mais força para meus lábios. Após alguns segundos de surpresa, o senti movendo os lábios contra os meus com a mesma voracidade, senti suas mãos apertarem minha cintura e me puxarem para mais perto. Senti-me envolvida em seu calor, em sua segurança, ansiosa por mais uma gota do seu carinho, como alguém que está perdido no deserto e anseia por uma gota de água. Naquele momento, eu estava sim, perdida em um deserto. Um deserto de solidão e isolamento. E sim, Vicente era meu oásis.

Brega, não?

Experimente beijar o homem que ama sem soar brega depois. Impossível. No mínimo vão rolar aqueles famosos sinos.

Vicente parou o beijo devagar, afastando-se um pouco da minha boca e, em seguida, voltando para ela, para um último toque, uma última mordida carinhosa no lábio inferior. Suas mãos tinham ido para minha nuca e, embora seus lábios não tocassem mais os meus, nossas testas estavam juntas e ele não parecia capaz de me soltar.

Eu? Bom, eu acho que não parecia capaz nem de sugar oxigênio suficiente para me manter viva, muito menos de soltar aquele garoto.

— Vicente — escutei uma voz abafada, como se a ouvisse de longe, através da névoa densa em que o beijo de Vicente me envolveu. — Vicente! — e em seguida, um pigarro irritante.

Ele me soltou, parecendo finalmente perceber a voz que falava com ele e cair na real de que tinha sido quase que atacado por uma louca que se fazia passar por uma pessoa que não era — certo, eu duvidava que ele soubesse dessa última parte — e que estivera beijando essa mesma louca com uma avidez totalmente inapropriada para um local público.

É, eu finalmente lembrei que estávamos num restaurante e, no momento, todos estavam olhando para nós.

Sabe quando você sente o sangue fluindo para a parte superior do seu corpo e indo parar no rosto? Não? Pois eu sei. Acabei de sentir todo o sangue do meu corpo se acumular nas bochechas.

Deus, eu não estou mais ficando louca. Eu estou louca! Completamente pirada, desequilibrada, desregulada, maluca. Totalmente despirocada.

Alguém me interna, por favor.

— Quem é essa, Vicente? — perguntou a voz. Que não era só uma voz sem corpo flutuando no meio do restaurante. Dã. Não estou tão sequejada assim.

A voz pertencia a uma mulher. Uma mulher bonita, alta — ela se levantou da cadeira e eu tive que levantar um pouco o rosto para fitá-la —, magra e incredivelmente loira. Sua pele era ligeiramente bronzeada e seus traços eram aristocráticos, desde o nariz fino e reto até o queixo quadrado. Estimei que ela devia estar no final dos 30 anos. Ou no começo dos 40. Suas roupas eram elegantes e pareciam caras e ela me olhava com óbvia irritação.

Ok, quem era a madame mal humorada?

— Bom — começou Vicente, obviamente envergonhado e um pouco perdido. — Mãe, essa é Tiffany. Tiffany, essa é minha mãe.

Ah, claro...tudo bem...

O QUÊ?

PARA TUDO, O GAROTO ME CHAMOU PARA ALMOÇAR E LEVOU A MÃE DELE? ISSO É UMA PIADA?

Nada na vida me preparou para isso.

E tudo bem que eu que o chamei para almoçar, não o contrário.

A mulher me olhou como se eu fosse um inseto particularmente nojentos que tinha pousado no canudinho do seu suco. Não que ela parecesse ser do tipo que tomava suco no canudinho, é claro. Mas era um olhar de repugnância e nojo absoluto que quase me fez correr dali.

Aquela mulher era o cão, estava na cara. Pronto, a pior coisa que podia acontecer naquele encontro já aconteceu.

— Claro — resmungou ela com desaprovação na voz. — Da próxima vez, apresente-nos suas amiguinhas com mais decoro, Vicente.

Amiguinhas? Essa mulher estava falando sério?

— Ahn, ok — soltou Vicente, olhando torto para a mãe. Depois virou para mim. — Estou feliz que você tenha vindo, Tiffany...você está linda.

— Obrigada — sussurrei, desconfortável por ele estar falando daquele jeito na frente da mãe enjoada dele. Ok, estava com mais vergonha pelo fato de estar corando na frente da mãe enjoada dele.

Para quem acabou de dar uns amassos no garoto na frente da mãe dele, isso não deveria ser nada.

Ok, esse pensamento me deixou com vontade de vomitar.

De repente, ouvi o barulho de cadeira sendo arrastada e uma outra pessoa levanta da mesa. Uma garota. Caramba, ela era linda. Era quase tão alta quanto a mãe do Vicente, tinha uma pele morena que praticamente brilhava, olhos escuros e um cabelo castanho incrivelmente liso caindo pelas costas. Usava um vestido branco e curto, com um decote elegante — sutiã tamanho G, sem dúvida — que destacava sua pele incrível. A única coisa que realmente estragava o encanto dela era sua expressão. Era bem nojenta, sabe? Sua boca estava contraída, o que fazia as bochechas dela irem pra baixo, o que não era nada atraente. Fazia ela parecer um buldogue.

— Não vai me apresentar, Vince? — perguntou a garota com uma voz arrastada, segurando o braço do Vicente e encostando aqueles peitões nele.

Sério, a coisa ficou feia. Eu estava realmente pensando se quebrava a cara da garota ou só jogava um copo de refrigerante no vestido dela.

— Eu sou Lana, prazer — disse a mocréia quando ficou claro que Vince estava muito atordoado para falar alguma coisa. — Você é amiga do Vince há muito tempo?

E eu que pensei que a mãe enjoada do Vicente era a pior coisa que podia acontecer nesse almoço...Se eu fosse eleger a pior coisa seria a mocréia com cara de buldogue com azia, com certeza!

— Não — respondi, seca. E depois me virei para Vicente, dizendo sem o menor constrangimento. — Pensei que íamos almoçar sozinhos.

Ele arregalou os olhos para mim. Parecia não acreditar na minha cara de pau.

— Bom, era essa a ideia, mas...— foi falando, sem olhar nos meus olhos. — É que...bom...minha mãe chegou de viagem hoje e queria passar

um tempo comigo e como eu não queria desmarcar com você, pensei que...que podíamos almoçar todos juntos.

Certo, perdoei-o um pouquinho. Mesmo depois do que eu fiz, ele ainda assim não quis desmarcar comigo, então precisou trazer a mãe. Mas confesso que ficaria mais feliz se ele soltasse o braço do meio daquelas tetas siliconadas da cachorra com azia. Quem diabos era aquela garota? O que ela estava fazendo no meu encontro?

— Por que não nos sentamos? — a mãe dele tentou sugerir, mas saiu mais como uma ordem. — As pessoas estão começando a olhar.

A velha tinha razão, então nos sentamos. A mesa era redonda e eu acabei ficando entre Vicente e a mãe dele, que parecia evitar me olhar, como se eu fosse indigna de me sentar ao lado dela. Sério, com uma mãe dessas não me surpreende mais que Vicente seja do jeito que é. Aliás, me surpreende que ele não seja pior.

Eu comecei a me perguntar como eu tinha acabado nessa. Sério, o que eu fiz de errado? Além de mentir, enganar, desobedecer o meu pai e praticamente atacar um garoto no meio de um restaurante, bem na frente da mãe dele? Por que esse tipo de coisa acontece comigo? Sério, minha vida podia ser menos complicada, eu não reclamaria.

Mas não, as coisas só pioram.

Percebi isso no momento em que descobri que o restaurante era um desses lugares naturais, onde só servem salada.

Sério.

Pensei que começaria a chorar, mas então senti a mão quente de Vicente apertando ligeiramente a minha sob a mesa. Virei meus olhos para ele e percebi o pequeno sorriso no canto dos seus lábios. Apertei sua mão de volta. E então, me senti bem.

Parece que eu só preciso da mão daquele garoto que eu jurei odiar por toda a vida sobre a minha e o meu céu clareia. Ou que, sei lá, é só sentir a mão dele na minha e eu nem me importo mais em comer salada.

Brega de novo, eu sei, mas não me importo.

O amor é meio brega mesmo.



18



# Malditos motoristas de táxi

CERTO, AQUILO ERA UM SONHO ou um pesadelo?

A parte do sonho era a Tiffany, obviamente, que estava finalmente, ali comigo.

O pesadelo era a salada.

E a minha mãe no meu encontro.

Eu ainda não estava acreditando que ela tivesse insistido tanto em vir. O que diabos ela estava pensando?

O que eu estava pensando?

Mas era isso ou correr o risco de não ver Tiffany, então eu precisei fazer uma escolha.

A errada aparentemente. Bastou um olhar no rosto dela quando eu a apresentei à minha mãe. A garota ficou verde.

O engraçado é que, por um momento, aquela coloração não saudável na sua pele me fez lembrar um pouco da minha nerd. Ela sempre parecia prestes a passar mal perto de mim.

Me pergunto o motivo disso, já que ela sempre parece agradavelmente rosada quando está com o palhaço assassino.



Certo, preciso me preocupar com um problema de cada vez. E o mais iminente era com certeza aquele almoço do capeta.

Mamãe, Lana, a garota de quem eu gosto e...salada.

Alguém me dá um tiro, por favor? Mas não na cabeça, porque eu quero ser enterrado com meu rosto intacto.

Mas voltando ao que de fato estava acontecendo (ninguém ia fazer o favor de cravar uma bala no meu peito mesmo), percebi que mamãe estava conversando animadamente com Lana...e as duas ignoravam Tiffany completamente. Irritado, virei-me para a bela ruiva ao meu lado, decidido a conversar com ela e deixá-la tão confortável quanto possível, mas não pude. Nossas mãos já estavam juntas embaixo da mesa — logo que se sentou, senti que a garota podia usar um pouco de apoio moral — e isso já mandava espasmos de calor por todo o meu corpo, de um jeito que me acalmava e atiçava ao mesmo tempo. E ao virar para ela, a surpreendi com um suave sorriso curvando seus lábios delicados, que brilhavam como uma maçã caramelizada, mas eu sabia que tinham gosto de morango.

Sei que isso é coisa de mulherzinha, mas eu senti como se meu mundo tivesse parado quando aqueles lábios tocaram os meus. Tiffany parecia encaixar com perfeição, como se tivesse sido feita especialmente para mim. E seu beijo foi ainda melhor do que eu tinha imaginado ao vê-la pela primeira vez. Mas foi tudo que devia ser. Espontâneo, verdadeiro... apaixonado.

Ou será que eu estava tão louco por aquela garota que estava começando a imaginar coisas?

Tiffany parecia mais bonita do que eu me lembrava. Seus cabelos estavam mais curtos que antes, apesar de ainda serem bem compridos. Emolduravam com mais suavidade os traços do seu rosto, enquanto que quando estavam mais longos a deixavam com um ar meio indomável.

Difícil dizer de que jeito eu gostava mais. Ela sempre parecia maravilhosa.

Senti meus próprios lábios curvarem inconscientemente ao vê-la ali ao meu lado, ao meu alcance. Ela era real e estava comigo — e eu quase nem lembrava mais do fato de ela ter me dado o bolo. Parecia não importar mais.

Tiffany baixou os olhos e fitou a mesa por um momento. Senti sua mão apertar ligeiramente a minha, e não acho que ela mesma tenha percebido isso. Parecia muito concentrada, até preocupada, e um pequeno vinco havia se formado entre suas sobrancelhas ruivas.

E só depois de algum tempo, ela olhou para mim.



Foi como ser atingido por um raio.

Eram olhos expressivos e atormentados, eu quase podia sentir a tempestade atrás deles. Nunca um olhar foi assim, eu sentia que ela queria muito me dizer alguma coisa, tanto que isso a estava machucando.

Eu estava prestes a dizer alguma coisa para ela, não sei bem o quê, mas qualquer coisa que fizesse aquela aflição sumir de seus olhos funcionaria para mim.

— Vince!

E a voz da mamãe quebrou mais uma vez o feitiço em que a garota me envolvia.

Pisquei, quase pulando da cadeira com o susto. Tiffany imediatamente tirou a mão da minha e eu senti um impulso quase incontrolável de pegá-la de volta, mas me controlei e virei-me para fixar a expressão reprovadora de mamãe e Lana.

— Sua mãe está falando com você, Vince — informou Lana, enquanto olhava suspeitosamente de Tiffany para mim.

— Ah, desculpe, mãe — respondi desconcertado. De alguma forma, eu sempre me sentia como se tivesse feito algo errado quando minha mãe falava comigo. — Eu estava distraído.

Mamãe suspirou audivelmente e se virou para Lana, falando como se eu não estivesse ali:

— Vince está sempre distraído, querida — o desgosto era presente em seu tom. — Por isso que suas notas são tão ruins. Até uma mosca tira a atenção dele.

Tiffany soltou o que pareceu ser uma risadinha involuntária e rapidamente a transformou em uma tosse. Eu arqueei uma sobrancelha questionadora para ela enquanto lhe passava meu copo com água. Ela apenas deu de ombros enquanto tomava um longo gole, mas tudo isso só serviu para chamar a atenção da minha mãe, que agora a observava com olhos de águia.

— Você nunca disse onde se conheceram, Vince — mamãe disse, seca.

— Numa festa — respondeu Tiffany imediatamente em sua voz suave.

— Era de se esperar — Lana cantou num tom baixo, mas não o suficiente para que não pudéssemos ouvir. E fez isso de propósito. — É sempre em uma festa em que se encontram garotas desse tipo.

Mamãe pareceu satisfeita de maneira quase cruel e Lana ria discretamente do vermelho que coloriu as bochechas de Tiffany.

Certo, aquilo tinha ido longe demais.

Mas antes que eu começasse a expor meu desconforto com o comportamento de Lana, o garçom chegou para anotar os pedidos. Por um momento fiquei aliviado por ele nos ter feito interromper a conversa — sou honesto o suficiente para confessar que se tem alguma coisa que odeio na vida, é contrariar minha mãe — mas isso só até eu lembrar que teria que encarar uma salada.

Acho que preferiria um daqueles épicos chutes na canela com que Maria Valentina adorava me agraciar.

Pensando nisso, faz um tempo que ela não me bate...

Não que eu esteja reclamando. Minha saúde agradece.

— Nenhuma chance de ter um hambúrguer por aqui, não é? — Tiffany sussurrou para mim, numa voz que beirava o desespero.

Ótimo, a garota era das que comia e não só fingia que era um ser humano normal.

— Eu sei — eu ri baixinho, tão desesperado quanto ela parecia estar. — É um apocalipse gastronômico.

Tiffany não conseguiu segurar a risada, atraindo novamente os olhares de censura de mamãe e Lana, que estavam terminando de fazer seus pedidos. Cara, as duas pareciam a patrulha anti-felicidade. Suspirei e mais uma vez me amaldiçoei por ter permitido que elas viessem comigo para esse almoço. Não que eu tivesse tido muita escolha.

Tiffany parou de rir e baixou os olhos para o cardápio em suas mãos, meio sem saber o que fazer com ele. Talvez estivesse pensando, como eu, que o papel do cardápio devia ter mais gosto do que qualquer um dos pratos listados nele.

— Eu quero uma salada, é claro — ela disse para o garçom e deu um sorriso fraco para as duas mulheres na mesa. — Essa com camarões. Mas eu quero sem alface, sem cenoura, sem pepino, beterraba e pimentão — especificou, parecendo bem séria enquanto eu me segurava para não rir das expressões horrorizadas do garçom, da mamãe e da Lana. — Ah e com muito, muito molho — completou.

— Eu vou querer o mesmo que ela — falei rapidamente e a ruivinha sorriu brilhantemente pra mim.

O clima estava bem tenso na mesa. Mamãe e Lana conversavam avidamente, mas sempre lançando olhares afiados para Tiffany. Eu estava ignorando as duas, mas também não podia conversar direito com a garota ao meu lado, já que sabia que as duas estariam ouvindo tudo e dariam um jeito de usar contra mim qualquer coisa que ouvissem.



Mamãe não tinha gostado nada da minha garota, isso era óbvio. Mas bom, ela nunca gostava de nenhuma das minhas namoradas mesmo.

Por que então eu sentia que estava muito ferrado dessa vez?

Pouco tempo depois, nosso almoço chegou. Duas das saladas mais verdes, secas e sem graça possíveis e dois camarões com tomate e molho.

Sem alface, cenoura, pepino, beterraba e pimentão, não sobrou muita coisa. Mas pelo menos o que sobrou era comestível. Tinha que agradecer à Tiffany mais tarde pela excelência em se livrar da salada em restaurantes de salada.

— Você sabe quantas calorias tem nesse molho...Tiffany, não é? — Lana perguntou em seu tom mais venenoso.

— Ahn...não — respondeu a garota, olhando para Lana como se dissesse “quem se importa?”.

— Bom, são muitas. Uma garota como você não vai querer estragar seu corpinho, não é?

Os olhos de Tiffany arregalaram quando ela entendeu a insinuação e mamãe parecia imperturbável.

Eu fiquei muito puto dessa vez.

— Lana! — exclamei, cerrando os punhos e tentando manter a fúria fora da minha voz. — Já chega.

Ela deu de ombros com um sorrisinho dissimulado e eu senti uma mão macia segurar a minha que estava apertada de raiva.

— Você vai realmente fazer uma cena, Vince? — mamãe perguntou, a voz fria como gelo. — Como se fosse um garotinho mimado?

— Deixa para lá — Tiffany disse baixinho, dando de ombros. — Não importa.

Respirei fundo e consegui ficar calado. Tiffany se voltou completamente para seu prato e pôs um camarão na boca, enquanto as duas ocupantes na nossa mesa voltavam a tagarelar entre elas.

Sinceramente, nunca soube o quê em Lana agradava tanto a mamãe, ela sempre foi mimada e maldosa, apesar da cara de boazinha sempre enganar todo mundo. Mas não, para mamãe, Lana sempre seria a Santa Lana, perfeita e incapaz de dizer algo venenoso. Ela é só sincera, Vince, você podia aprender com ela.

Há alguns anos que minha paciência com a morena havia esgotado.

Concentrei-me no meu almoço, mas sempre olhando Tiffany pelo canto do olho. Ela não parecia animada e aquele vinco entre as suas sobrancelhas continuava lá. Acho que não posso realmente culpá-la, aquela não estava mesmo sendo a melhor refeição do ano.

– Essa é a salada mais pesada que eu já vi – reclamou Lana para ninguém em especial, é que reclamar era uma coisa que ela curtia muito fazer.

E pesada? Aquela salada? A garota estava louca? Só tinha folha ali.

– É verdade, querida – minha mãe concordou, como sempre fazia.  
– A minha também não está muito boa.

– Será que eles não têm algo mais leve, não?

– Por que você não tenta isopor? – Tiffany perguntou de repente, repousando o garfo e a faca na mesa e olhando com verdadeiro nojo para mamãe e Lana. – Tenho certeza que deve ser bastante leve para você. E o gosto não deve ser muito diferente dessa coisa que você está comendo.

Expressões gêmeas de choque estavam estampadas nos rostos das duas mulheres. Eu mesmo devia estar com uma cara parecida. Tiffany realmente havia dito isso? Eu não sabia se ria ou se batia a minha cabeça na parede, porque agora mesmo é que a coisa tinha ido para o bebeléu.

Sério, bebeléu? Eu nasci mesmo nesse século?

Mamãe foi a primeira a se recuperar e fitou Tiffany com verdadeira aversão, crispando os lábios e cerrando os olhos.

– Escute aqui, mocinha – ela disse, muito irritada. – Você é a criaturinha mais sem modos que eu já...

– Quer saber? – Tiffany teve a coragem de interromper minha mãe, coisa que eu mesmo nunca havia feito na vida. Ela levantou e jogou o guardanapo de pano que estava em seu colo em cima da mesa com um safanão. – Eu não tenho que ficar aqui para ouvir isso – ela se virou para mim e seu olhar se suavizou um pouco. – Eu sinto muito, mas acho que nosso encontro acaba aqui. Tchau.

E simplesmente foi embora.

Eu fiquei embasbacado, observando suas costas enquanto ela partia, pisando forte no chão com suas sapatilhas brancas. Seu cabelo balançava atrás dela, todos os tons de vermelho destacados pela luz que entrava pelas janelas do restaurante.

– É impressionante como essas garotas são – declarou Lana, indignada. – Nós tratamos bem tipinhos como ela e é isso que recebemos...

– Vince, você nunca mais apareça com essa garota mal educada na minha frente – a voz de mamãe era muito furiosa, talvez porque ela não seja contrariada com frequência.

– E se ela acha que engana a gente com aquele cabelo dela...é muito idiota. Está na cara que aquela cor é do tipo que vem em um tubinho que ela comprou na farmácia. E que trabalho mal feito, eu...

Eu simplesmente me desliguei dos absurdos que estava sendo obrigado a ouvir. Só o que eu ouvia era uma voz na minha cabeça me xingando até a morte. Como eu posso ser tão idiota? Como eu consigo essa proeza, sério? Maria Valentina estava certa em todas as ofensas que lançou contra mim. Eu era mesmo um maldito Cérebro de Mosca!

Um Cérebro de Mosca cansado e furioso.

Por que eu não me impus e disse que aquele era um encontro? Desculpa, mãe, a gente almoça uma próxima vez...

Não, eu precisava ceder às pressões dela e concordar em trazê-la, e a mala sem alça da Lana ainda veio como a cereja do bolo. Para coroar o pior almoço da minha vida, onde eu destruí qualquer chance de relacionamento com a garota mais incrível que conheci na vida.

Onde está a Maria Valentina para me xingar agora?

– ...Não é, Vince? – ouvi mamãe dizer, mas nem consegui chegar perto de adivinhar sobre o que ela estava falando.

O negócio é que eu devia estar realmente animado com a perspectiva de passar algum tempo com minha mãe. Eu devia. Alguns dias atrás, nada me impediria de ficar animado com isso. Nenhuma garota seria mais importante, eu desmarcaria qualquer encontro sem pensar duas vezes. Mas... as coisas eram diferentes agora...

Agora parecia simplesmente errado deixar Tiffany sair sozinha daquele jeito.

A porta do restaurante se fechou nas costas dela e eu não pude mais vê-la. Comecei a ficar realmente nervoso.

Droga, Vince, só tome uma decisão de uma vez.

– Vince! – Lana balançava a mão na frente do meu rosto. – Você está impossível hoje!

Eu me levantei de um salto, fazendo a cadeira virar e cair atrás de mim com um estrondo. Mamãe e Lana olharam surpresas para mim.

– Desculpe, mamãe, mas... eu tenho que ir – disse e simplesmente saí correndo atrás de Tiffany, quase derrubando um garçom no caminho.

Eu estaria muito ferrado quando chegasse em casa. Ninguém contrariaria minha mãe.

Acho que ela gritou meu nome enquanto eu avançava para a saída. Ou talvez tenha sido Lana, mamãe não é do tipo que sai gritando pelo filho no meio de um restaurante.

Bom, eu atravessaria essa ponte quando tivesse que fazê-lo, agora só o que me interessava era tentar consertar as coisas com uma certa ruiva irritadinha.

Será que preciso dizer que o clichê sobre as ruivas é verdadeiro? Elas realmente ficam lindas quando estão com raiva. Bom, não todas, eu acho. Maria Valentina não fica especialmente charmosa quando está me xingando ou tacando telefones na minha cabeça. Mas eu confesso que nunca prestei muita atenção para o rosto dela nesses momentos, fico preocupado demais com meu bem estar para isso.

Maria Valentina com raiva é uma força da natureza.

Olhei para todo o lado quando saí do restaurante e foi fácil avistar uma cabeleira ruiva do outro lado da rua, fazendo sinal para um táxi. Atravessei a pista apressadamente e a impedi de entrar no carro. Os olhos dela arregalaram, e, no sol, seu cabelo brilhava como se tivesse luz própria.

– O que está fazendo aqui, Vince? – ela perguntou, surpresa.

Eu sorri para ela.

– Não podia deixar você ir embora sozinha – respondi.

– M-mas sua mãe e aquela ca...aquela garota – ela parecia bem furiosa ao dizer a palavra garota – estão lá dentro. Você vai deixá-las assim?

– Bom, vamos dizer que no momento você é prioridade, ruivinha.

Ela não pôde evitar sorrir um pouco e revirar os olhos.

– Vocês vão entrar ou não? – o motorista barbudo do táxi perguntou, mal humorado.

Eu o ignorei e perguntei para Tiffany:

– Vamos?

– Para onde?

– Bom, para começar, comer alguma coisa de verdade.

Ela deu um sorriso mais brilhante dessa vez e entramos no táxi. Eu instruí o motorista irritado para nos deixar no McDonald's mais próximo e Tiffany só faltou dar pulinhos de alegria ao meu lado no banco de trás.

– Tem certeza que está tudo bem? – ela perguntou quando eu joguei minha cabeça para trás e soltei um suspiro, assim que o maldito restaurante natural em que estávamos ficou fora do meu campo de visão.

– Não sei – respondi sinceramente, de olhos fechados e ainda com a cabeça apoiada no assento do carro. – Mamãe não gosta de ser contrariada, então eu nunca faço nada para aborrecê-la de propósito. Mas ela não costuma ligar muito para mim, talvez nem coma todo o meu fígado quando eu chegar em casa.

Tiffany não riu como eu esperava que fizesse, então abri meus olhos e me ajeitei para olhar para ela. A expressão em seu rosto era estranha, meio pensativa e distante, e ainda assim as pontas dos seus lábios estavam ligeiramente curvadas para cima, num sorriso indecifrável.

– Sabe – ela disse de repente, levantando o olhar. – Talvez nós sejamos mais parecidos do que eu pensei.

– Como assim?

– Digamos que eu também convivo com um tirano – ela respondeu enigmaticamente. – E faz pouco tempo que decidi... lutar contra ele. E foi por isso que eu me descontrolei lá no restaurante. Fiquei pensando “estou fazendo de tudo para me livrar de uma ditadura só para cair em outra?” e isso meio que esquentou minha cabeça. Desculpe.

Tirano? De quem ela estava falando? Será que era um namorado abusivo ou algo assim?

– Não precisa se desculpar – eu a tranquilizei enquanto as engrenagens dentro da minha cabeça me davam mil ideias diferentes para aquele “tirano”. Uma pior que a outra. – Você até que aguentou bastante. Mamãe é sempre assim e Lana estava especialmente terrível hoje.

Ela só assentiu com a cabeça e virou o olhar para ver as ruas pela janela do carro. Eu fiquei me perguntando como começar essa conversa. Então, você tem um namorado psicopata? Ele fez alguma coisa com você? Eu devo procurar a polícia ou coisa assim? Você está bem?

Céus, eu sou um fracasso.

– Eu posso fazer uma pergunta?

– Eu posso fazer uma pergunta?

Falamos ao mesmo tempo e rimos. Uma mecha do cabelo dela caiu em seu rosto e ela a colocou atrás da orelha antes que eu pudesse fazer isso. O que foi uma pena, mas vê-la mexer no cabelo era agradável também.

Ok, eu estou ficando meloso demais. Vou acabar escorregando nessa baba de arco-íris caída aqui.

– Fala primeiro – eu disse.

Ela respirou fundo, mas não olhou para mim.

– Aquela...Lana... - ela começou, hesitante – é... bom, você...vocês se conhecem há muito tempo?

Ok, Tiffany estava com ciúmes.

Eu precisei me segurar muito para não rir de contentamento. Se ela estava com ciúmes, queria dizer que gostava de mim, se gostava de mim, então quem sabe podia me perdoar por todo aquele “encontro” desastroso e por minhas parentes intragáveis. E principalmente, se ela gostava de mim, o bolo de ontem não foi proposital, com certeza aconteceu alguma coisa que a impediu de ir me encontrar.

Oh, a vida é boa.

– Tiffany, olha pra mim – pedi, mas ela não olhou. Resolvi não insistir e falar logo, para livrá-la de qualquer insegurança. – Lana é minha prima. E, acredite, se eu pudesse me livrar dela sem recorrer a sequestro e assassinato, eu o faria.

Eu fui praticamente atacado por madeixas ruivas quando ela virou o rosto rápido em minha direção, fazendo o seu cabelo macio se chocar no meu rosto como um chicote. Ela sorria de orelha a orelha, por isso não me importei nem um pouco.

– Sério? – ela perguntou, ainda sorrindo. Então suas bochechas ficaram vermelhas e ela olhou para baixo. – Quer dizer, é claro. Claro que ela é sua prima. Eu já desconfiava.

Não pude deixar de sorrir ao ver como ela ficava envergonhada

– Agora é sua vez – ela disse, ainda lutando contra o rubor. – Qual é a sua pergunta?

– Ahn...

Como uma pessoa faz essa pergunta para outra, de qualquer jeito? Era complicado demais! E eu estava realmente preocupado. Quer dizer, se tinha um maluco atrás da garota, a coisa ia ser realmente séria. Meu Deus, ela pode ter passado por muita coisa...e se não quisesse me contar?

– Você tem um namorado? – resolvi perguntar diretamente.

– Quê? – ela soltou, surpresa. – Bem... não.

– Mas e esse tirano do qual você falou... você estava falando de um namorado, certo?

– Tirano?...Ah, sim, claro. Um namorado...

– E então?

– Ex-namorado! É, é um ex-namorado. Ele era um babaca, mas nós já terminamos.

Ela parecia ainda mais ruborizada e eu não estava certo de que ela falava a verdade, mas...

– Tem certeza? – eu perguntei.

– É claro! Você acha que eu sairia com você se tivesse um namorado?

Eu sorri. Era verdade, eu duvidava que Tiffany fosse o tipo de garota que sairia com dois caras ao mesmo tempo. Disso eu tinha certeza.

– Então você está solteira? – eu perguntei, uma pequena ideia se formando em minha cabeça.

– Sim, estou – ela respondeu, ficando ainda mais vermelha que antes, se é que isso era possível. – Muito solteira.

– Muito solteira... – eu repeti, sorrindo. – Ei, que tal não ser tão solteira assim?

Ela piscou umas três vezes antes de fixar os olhos nos meus, tão arregalados que achei que seus cílios fossem encostar nas sobrancelhas.

– Você...você... – ela gaguejou.

– E aí, sim ou não?

Ela respirou fundo e fechou os olhos por seis segundos.

É, eu contei.

Certo, mesmo eu sendo um garoto e tendo que ter aquela atitude blasé sobre ser rejeitado, do tipo “ah não estou nem aí” e “você é quem está perdendo, baby”, a verdade é que não é bem assim. Não importa se você gosta muito da garota ou não, ou se é a pessoa mais segura do mundo.

Você sempre vai ficar nervoso quando pedir a uma garota para ser sua namorada.

E sim, nenhum cara vai admitir em voz alta para ninguém, mas nós pensamos: e se ela disser que não? E se não gostar de mim? Droga, eu falei cedo demais? O que eu fiz de errado?

É humilhante demais. Coisa de garota. Mas acontece.

Então, quando Tiffany finalmente abriu a boca para responder, eu estava com as mãos suadas e o coração acelerado. Sei que fui precipitado, sei que mal a conheço e sei que ela ainda tem uma explicaçãozinha para me dar por ter me deixado esperando ontem à noite.

Mas ela foi uma garota por quem eu enfrentei minha mãe. Coisa que eu nunca fiz. E se isso não for o bastante para mostrar que ela é a garota certa, eu não sei o que é.

– Vince, eu... – ela começou.

– McDonald’s. Chegamos. Vocês vão pagar em dinheiro ou cartão? Posso matar esse motorista agora?

19



## Como num filme adolescente idiota

QUEM NUNCA ACORDOU NUMA MANHÃ qualquer e se sentiu vivendo em um universo alternativo?

Ninguém?

Bom, isso já aconteceu comigo duas vezes. A primeira foi quando minha mãe foi embora. Apesar de eu ser bem pequena na época, eu lembro muito bem da sensação. Era uma coisa irreal, algo que a gente nunca espera que aconteça. Por meses eu me senti vivendo em um mundo estranho, ainda esperando ouvir a voz da minha mãe pela casa ou vê-la pintando uma xícara, as mãos sujas de tinta colorida.

A outra vez foi bem mais recente. Foi no último Natal que passamos com o vovô na Romênia. Depois que a mamãe foi embora, costumávamos passar a maioria dos nossos natais lá, mas era sempre uma coisa meio deprimente. Apesar de todos os esforços do vovô, meu pai nunca comemorava o Natal com a gente. Não nos dava presentes e nem participava da ceia. Ficava trancado na biblioteca o dia todo e nós nem tínhamos permissão de comprar presentes.

Mas nesse último Natal, foi diferente. Quando Geny e eu acordamos e fomos para o solar onde tomávamos o café da manhã de Natal, o papai





estava lá, junto com o vovô. Claro que o semblante no rosto do papai ainda era o mesmo de sempre, frio. Mas ele estava lá. E com presentes. Tudo bem que um livro de química – para mim – e um ingresso para uma palestra sobre robótica – para Geny – não são a melhor coisa para se presentear duas adolescentes no Natal.

Mas ei, eu gostei do meu livro. Geny foi quem jogou o presente dela fora.

Enfim, nesse Natal, quando papai nos deu presentes e passou o dia com a gente, quase como uma família de verdade, eu senti que estava sonhando. Ou que aquele era um universo alternativo estranho e aliens iam surgir do nada para comer nossos cérebros.

Mas acontece que, em ambos os momentos em que eu me senti desse jeito, o que estava acontecendo, estava acontecendo de verdade.

Muito confuso?

Bom, deixe-me apenas adicionar o mais recente momento em que me senti vivendo em um universo alternativo. Agora.

Por que como nesse mundo pode existir a mínima possibilidade de o popular e bonito Vicente Müller me pedir para ser sua namorada?

Certo, foi um pedido meio estúpido, codificado e nada romântico – além de não ter sido exatamente para mim, Maria Valentina – e uma pessoa menos inteligente talvez não o entendesse muito bem. Para a sorte – ou seria azar? – do Müller, eu era a garota mais esperta do colégio.

E entendi muito bem.

Claro que depois que fomos interrompidos pelo santo motorista de táxi – eu seria capaz de beijá-lo, juro – não tocamos mais no assunto. Continuamos nosso encontro como se nada tivesse acontecido e nos entupimos de gordura trans no McDonald's.

A tarde foi incrível depois disso. Eu só tinha estado em um encontro pela primeira vez no dia anterior e nada se comparava àquelas horas que eu estava passando com Vicente. Sim, eu sei que sempre pensei ser apaixonada pelo Silas e sei que já havia passado bastante tempo sozinha com Vicente antes de hoje, mas...

Bom, eu não podia evitar o jeito que eu me sentia sobre o popular jogador de futebol da escola. Apesar de já ter passado bastante tempo com ele nos últimos tempos, nunca foi daquele jeito. Eu nunca fui a garota para quem ele olhava com adoração, nunca fui a garota com quem ele queria estar de verdade. Sempre fui a nerd com quem ele era obrigado a gastar seu tempo para melhorar as notas.

E depois que eu conheci a mãe demônio dele, não o culpo nem um pouco.

E quanto ao Silas, eu realmente não sei o que pensar a respeito. Quer dizer, somos amigos há muito tempo e eu sempre gostei dele. Sempre gostei do jeito que podia relaxar ao lado dele, sempre gostei da maneira como sua mente funcionava e sempre gostei do fato dele ser inteligente e ao mesmo tempo ingênuo e doce. Eu sempre achei que estava apaixonada por ele.

Mas não. Eu podia amá-lo de alguma maneira, não tinha dúvidas quanto a isso. Mas paixão?

Estou descobrindo que paixão não tem nada a ver com conforto. Tem a ver com mãos suadas e corações acelerados. Tem a ver com enfrentar meu pai e desobedecê-lo sem medo pela primeira vez na vida. Tem a ver com ser covarde e manter uma mentira apenas para ficar perto daquele garoto mais um pouco. Apenas para viver aquele momento um pouco mais. Tem a ver com ser insanamente paradoxal. Tem a ver com perder o controle e ser impulsiva. Tem a ver com Vicente. E o jeito com que ele, sem querer, se esgueirou para debaixo da minha pele. O jeito com que ele, sem saber, entrou no meu coração.

Céus, eu fico cada vez mais brega.

Estar apaixonada é um saco.

– Parece que sempre acabamos aqui – Vicente disse de repente.

Havíamos saído do McDonald's e caminhado vagorosamente até a praia. Já passava das quatro da tarde, mas ainda havia gente ali. Crianças nadando nas ondas e pessoas se exercitando. Famílias passeando com os filhos e o cachorro aqui e ali. A tarde estava quente e agradável, bonita. Vicente e eu estávamos andando de mãos dadas, tomando sorvete. O meu era de menta e o dele de chocolate. Parecíamos mesmo um casal de namorados, eu acho. Pelo menos, eu me sentia assim. Como num filme adolescente de má qualidade.

Nunca gostei muito desses filmes. Mas agora vejo porque todas as garotas gostam tanto de coisas assim. Passear de mãos dadas pela praia no fim da tarde com um garoto bonito e um sorvete de menta? É meio legal.

Certo, muito legal.

– Essa é só a segunda vez que acabamos aqui – respondi, lambendo meu sorvete.

– É, mas quantas vezes saímos juntos? – retrucou ele.

– Ahn...duas...

– Vê? É um padrão – disse e riu.

Eu o acompanhei. Sim, era um padrão. Ele havia dito que aquele era o lugar preferido dele, então nada anormal querer levar a garota que ele gosta lá, para compartilhar aquilo com ele?

Isso doía. Afinal ele nunca havia me levado ali. Será que é possível ter ciúmes de si mesma?

Bom, aquilo era tudo culpa minha mesmo. Eu devia acabar com aquela palhaçada de uma vez e contar a verdade para ele. Era para isso que eu estava ali, eu vim encontrá-lo com esse propósito!

Mas eu já devia saber que não conseguiria. Não tinha coragem. Bastava olhar para aqueles olhos tão escuros e calorosos que minha boca secava e eu não conseguia dizer uma palavra sobre o assunto.

Isso aí, Tina, não tinha como ser mais covarde.

Resolvi parar de pensar nessas coisas por enquanto, pelo menos não enquanto eu estivesse curtindo meu encontro com Vicente. Quem sabe? Podia ser o último. Olhei para ele e o garoto parecia perdido em pensamentos, olhando para o horizonte, muito concentrado.

– No que está pensando? – perguntei, incapaz de conter a curiosidade.

Ele pareceu acordar de um transe, olhou para mim e sorriu.

– Estava pensando em uma garota – respondeu.

– Oh, muito obrigada pela consideração – disse irritada e tentei soltar minha mão da dele.

– Ei, calma – disse ele com um meio sorriso, segurando mais forte em minha mão. – Não sabia que você era ciumenta, Tiffany.

– E-eu...eu não... – gaguejei pateticamente, sentindo minhas bochechas em fogo.

– Calma, não precisa ficar assim – Vicente continuou. – A garota em que estou pensando não é ninguém com quem você precise se preocupar. É só uma amiga.

– Ah é? – perguntei suspeitosamente.

– Sim. O nome dela é Maria Valentina. Só estava pensando se ela gostaria de vir aqui. Queria fazer alguma coisa para animá-la.

Eu engasguei com o sorvete e comecei a tossir incessantemente. Vicente olhou preocupado para mim e perguntou:

– Você está bem?

Respirei fundo e me recompus antes de dizer:

– S-sim, estou ótima. Maria Valentina, é? Que nome horrível!

– Eu gosto – respondeu dando de ombros. – É engraçado.

Não pude impedir meus olhos de arregalarem, mas felizmente Vicente não estava olhando para mim.

– Sério? E como ela é? – resolvi perguntar, casualmente demais.

– Maria Valentina? – ele repetiu, sorrindo. – Ah, ela é linda. Super nerd e fácil de irritar, um pouco violenta, muito engraçada, do tipo que

você nunca fica entediado quando está por perto. Ela também é um pouco metida, sabe? Só por ser inteligente e essas coisas. Ela tem olhos muito bonitos.

Senti uma dor atrás dos meus olhos, aquela que normalmente precede as lágrimas, mas respirei fundo e as controlei. Ele ia me achar a maior maluca se eu começasse a chorar assim do nada. Mas o que eu podia fazer? Ah, ela é linda. Sério que ele estava dizendo isso sobre mim para outra pessoa? Tudo bem que eu não era outra pessoa, mas ele não sabia e...

Isso tá ficando muito repetitivo.

Impedi as lágrimas, mas não pude evitar o sorriso. Só tinha uma coisa estranha...eu, metida? Sério? Violenta pode até ser, mas se eu sou metida o Sr. Vicente Mostro-Os-Meus-Bíceps-Para-Provar-Que-Não-Sou-Um-Atraso-Genético Müller é o que?

Um palhaço.

Um palhaço muito lindo.

Mas ainda assim um palhaço.

– Mesmo? – perguntei, olhando fixamente para ele.

Quem sabe? Talvez eu não precisasse dizer nada. Talvez ele reconhecesse meus olhos. Talvez fosse o suficiente. Ele não era tão idiota assim, por favor!

Olha para mim. Olha para mim.

Ele olhou.

– Até acho que os olhos dela são quase da mesma cor que os seus, Tiffany – ele comentou, distraidamente.

Pois é. Vicente Müller é uma porta.

Sério, como eu posso gostar desse cara?

– Que coincidência, não é? – disse, carregada na ironia.

– Mas chega de falar dela – ele se virou para mim, passando a andar de costas, os lábios sujos de chocolate. – Por que você não me fala algo sobre você? É tão misteriosa que eu nem sei o seu sobrenome.

Droga, ele quer saber sobre a Tiffany?

Eu tinha que ter pensado num plano B ou coisa assim. Talvez eu precisasse criar uma vida para a Tiffany. Quem sabe até um perfil no Facebook?

Que merda eu tô falando? Nem eu tenho um perfil no Facebook!

Papai não gosta de redes sociais...

– E então? Qual é o seu sobrenome? – ele insistiu.

Droga. Droga. Droga.

Certo, um sobrenome...sobrenome...existem tantos, mas como todos parecem ter fugido da minha mente nesse momento?

Müller?

Não, sua anta, ele é Müller!

Certo, raciocine Tina, você não é a mais esperta da sala por nada...

– C-caine – soltei hesitante, o sobrenome de solteira da minha mãe sendo o primeiro viável que veio à minha cabeça. – Sou Tiffany Caine.

Ele sorriu e lambeu o chocolate dos seus lábios. Senti meu rosto esquentando ao ver isso, tentando não pensar em como eu gostaria de ter feito aquilo para ele...

Tina, controle-se, garota!

– Certo, Srta. Caine – disse ele, contente. – Já é um começo, agora só preciso saber todo o resto que há para se saber sobre você.

– Você não acha que está indo depressa demais? – questionei, tentando tirar o meu da reta. – Uma garota tem que ter alguns mistérios.

– Certo, vamos aos poucos então – ele piscou. – Onde você estuda? Quê?

Fala sério, tô ferrada. Vou ver se me afogo nesse sorvete de menta e morro de uma vez.

Uma escola? Ele podia acabar descobrindo a verdade se eu dissesse o nome de qualquer escola e ele resolvesse aparecer por lá ou algo assim. E se ele conhecesse alguém em todas as escolas da cidade? O garoto era popular e essas coisas, não duvidaria nada.

– Esse vai continuar sendo um segredo – eu resolvi responder, com um sorriso provocante. Ou o que eu acho que é um sorriso provocante. Que seja. – Mas você pode fazer outra pergunta, se quiser.

Ele fez uma cara emburrada antes de sorrir e lambeu seu sorvete.

– Essa era uma das fáceis – reclamou ele. – As próximas são todas relacionadas às suas roupas de baixo – adicionou com uma piscadela.

Fiquei tão chocada com esse comentário impróprio que acabei rindo. Eu deveria ficar indignada, eu sei, mas era meio impossível. Ali, na praia, com ele, rindo, tomando sorvete e andando de mãos dadas como um casal de verdade, tudo o que eu queria era... me divertir.

Quem diria, não é? A certinha e sensata Maria Valentina querendo viver o presente e se divertir. Quase não me reconheço.

E isso é tão bom.

– Bom, acho que você precisa saber o que acontece quando um cara pergunta sobre a minha roupa de baixo – disse, improvisando. Nenhum cara jamais tinha me perguntado sobre minha roupa de baixo, é claro.

– Ah, é? E o que acontece?

Soltei minha mão da dele e enrolei uma mecha de cabelo no dedo, aproximando-me mais dele, com um sorrisinho.

– Você vai ter que fechar os olhos – eu disse, mordendo o lábio inferior. – E se abaixar um pouco.

– Tudo o que você quiser, gata – respondeu, me obedecendo imediatamente.

Eu fui me aproximando dele até deixá-lo sentir meu hálito em sua pele e quase não podia controlar meu riso.

Peguei meu sorvete de menta e o enfiei com gosto na cara dele.

Às vezes é tão bom ser clichê! Não acredito que ele realmente caiu nessa!

Ele abriu os olhos e olhou-me chocado enquanto o sorvete escorria pelo seu rosto. Ele esfregou uma mão no queixo, tentando tirar um pouco da gosma verde e gelada da sua pele. Então, ele olhou para mim. Com os lábios torcidos naquele sorriso de menino mau.

E eu soube.

Vicente Müller é vingativo.

Muito vingativo.

– Não ouse! – gritei, antes de sair correndo pela areia.

– Ah, eu ouse sim! – devolveu ele, indo atrás de mim.

Sim, eu me sentia mesmo num filme adolescente clichê agora. Eu estava correndo de um garoto sujo de sorvete pela praia, numa tarde de sábado, com o lugar cheio de pessoas que podiam presenciar nosso momento de crianças bobas. E quer saber? Eu não me importava nem um pouco! Não conseguia parar de sorrir enquanto corria, como se meus lábios não me obedecessem mais e se esticassem inconscientemente. Perdi uma sapatilha enquanto corria, mas continuei mesmo assim, sem nem me preocupar com o sermão que ouviria de Geny por sujar sua meia calça.

Eu nunca pensei que diria isso, mas... é tão bom ter 16 anos e estar apaixonada.

Vicente me alcançou e nós dois fomos ao chão. Ele, de algum modo, conseguiu ficar por cima de mim e não derrubar seu sorvete de chocolate.

– Não! Não! – eu gritava e ria enquanto ele me segurava, meus braços haviam ficado presos embaixo de mim. – Por favor, não faz isso!

– Ah, Srta. Caine, você não pode provocar e depois fugir – ele respondeu com um sorriso maligno e arfante. – Tem que pagar pelos seus crimes!

Eu não parei de gritar enquanto ele sujava o dedo de sorvete e começava a espalhar chocolate por todo o meu rosto. Eu tinha sor-

vete nas bochechas, queixo, nariz e boca. Ah, e ele não esqueceu das sobancelhas.

– Isso é muita maldade – reclamei com um biquinho que eu nem sabia que sabia fazer.

– Sabe o que dizem, não é? – disse ele parecendo muito satisfeito. – Não sabe brincar, não desce para o play.

Eu não sabia se ria ou chorava depois dessa.

– Mas pelo menos agora eu vou poder fazer uma coisa que estou querendo fazer há um tempão – continuou ele.

– O quê? – perguntei inocentemente.

Ele não respondeu.

Bom, não com palavras, pelo menos.

Vicente baixou os lábios para os meus antes que eu pudesse ter qualquer reação. Começou lambendo o sorvete de chocolate dos meus lábios, fazendo-me rir e corar, depois começou a me beijar de verdade. Sua língua era gelada e doce na minha, uma mistura de chocolate e menta, era tão bom que fechei os olhos e o beijei de volta com vontade.

Onde está Tina e o quem é essa que está no meu lugar?

Bom, pelo menos Tiffany sabe se divertir.

– Vou deixar você limpa, não se preocupe – Vince declarou depois de um bom tempo. quando paramos de nos beijar. – Vou tirar todo o chocolate do seu rosto.

– É, e enchê-lo de saliva – devolvi.

– Gata, você precisa definir prioridades na sua vida – ele dizia enquanto beijava meu queixo, limpando o que havia do sorvete lá.

– Certo, você pode fazer isso – eu disse, enquanto ele migrava para a minha bochecha. – Se nunca mais me chamar de gata. Sério.

Nós rimos e ele voltou a me beijar na boca. Dei um jeito de soltar meus braços e os envolvi no pescoço dele, sujando-o todo de areia.

Nenhum de nós pareceu notar.

Quando nos levantamos da areia, o sol já havia se posto quase completamente. Fomos até uma loja de conveniências ali perto, onde eu usei o banheiro para lavar meu rosto grudento de chocolate e para tirar o máximo de areia possível da minha roupa. Quando saí, percebi que Vicente havia comprado um pacote gigante de ruffles e várias latinhas de Coca-Cola.

Sorri e fui até ele.

– Tem uns hippies acendendo uma fogueira lá na praia – ele disse, passando o braço pela minha cintura e me guiando para fora da loja como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. – Quer se juntar a eles

e dar umas boas risadas? Sério, aqueles caras são hilários! E nem estão fumando maconha. Eu perguntei – completou, tentando fazer uma cara séria, mas falhando miseravelmente.

Eu ri e perguntei as horas para ele. Já passava das sete da noite. Franzi o cenho. Papai já estava em casa, com certeza.

Eu estava morta. Completamente acabada. Precisava voltar para casa imediatamente se queria ter pelo menos a chance de ter um julgamento antes de ser condenada à força.

– Você tem hora para voltar para casa, Tiffany? – perguntou ele, sério dessa vez.

Olhei para aqueles olhos escuros e ansiosos. Sua mão era quente na minha pele através do tecido fino da minha blusa. Eu ainda sentia o gosto de menta e chocolate do beijo dele na minha boca. Os momentos da tarde de hoje gravados na parte de trás dos meus olhos.

Hoje eu era Tiffany. E eu não seria ela para sempre. Eu não era ela. Não era ousada e desinibida, não era impulsiva e meio maluca. Mas principalmente eu, Maria Valentina, não era a garota que o Vicente queria.

Aquela podia muito bem ser minha única chance de ser como as protagonistas desses filmes adolescentes idiotas da TV. Eu queria esquecer do meu pai e da minha iminente morte (ou pelo menos, tortura). Queria esquecer que eu era nerd e usava óculos. Queria apenas rir e passar a noite beijando Vince Müller ao redor de uma fogueira cheia de hippies que não estavam fumando maconha.

Isso é crime, por acaso?

Bom, tenho bastante certeza que meu pai diria que sim.

Mas ele não estava ali, estava?

Sorri e puxei seu rosto para baixo, beijando-o profundamente por um momento curto demais.

– Não – respondi, olhando em seus olhos que sorriam. – Não tenho hora para voltar para casa hoje.

É isso aí, eu seria Tiffany por completo esta noite.

E Tiffany não tem um pai tirano.

Sei disso porque eu a criei.

Aquele dia – e aquele encontro que começou tão mal – bem que podiam durar para sempre, certo?





20



## *Ela disse sim*

– E AÍ CARA, COMO foi o seu final de semana? – perguntou Lucas, sentado no chão do corredor da oitava série, tirando os fones de ouvido.

Ainda era muito cedo. Ok, não tão cedo assim, mas para os meus padrões... Eu só costumo chegar à escola quando faltam menos de dois minutos para a aula começar. Mas ali estava eu, em uma segunda-feira entediante, chegando quase uma hora antes do primeiro período, quando o lugar estava praticamente vazio.

Corram, porque o inferno derreteu.

Espera... O certo não é o inferno congelou?

Cara, essa coisa de acordar cedo deve fazer mal para os neurônios.

– Você me fez chegar cedo hoje só para perguntar como foi o meu final de semana? – perguntei mal-humorado, sentando-me no chão também.

Lucas, o meu futuro ex-melhor amigo, me ligou praticamente de madrugada, pedindo para eu chegar cedo ao colégio. Vou ser sincero e dizer que não sou um amigo muito bom. Qual é o problema? Se fosse em qualquer outro dia, eu teria simplesmente mandado o garoto ir lamber grama ou coisa assim, porque eu odeio acordar cedo, ainda mais com o toque ridículo que ele colocou no meu celular.

A Macarena.



Estou falando sério.

O pior é que eu sempre esqueço de tirar essa porcaria.

Enfim, eu, obviamente, não fiz isso nem xinguei até a última geração da família dele. Eu vim para o colégio cedo como ele pediu. Mas não foi por ele. Como eu disse, não sou um bom amigo, sou egoísta demais para isso. Me processe. É só que a situação está meio tensa lá em casa, então quanto mais tempo eu passar longe, melhor.

Certo, situação tensa foi o eufemismo do ano. A coisa está insustentável.

– Foi tão ruim assim? – Lucas perguntou enquanto guardava o iPod na mochila, referindo-se ao meu final de semana.

– Não o tempo todo – eu respondi honestamente. E apesar do meu mau humor, resumi os acontecimentos para ele.

Porque garotos também fazem isso. É um dos nossos segredos mais bem guardados e obscuros, mas nós também conversamos sobre os nossos problemas uns com os outros. Bom, na verdade eu só converso sobre esse tipo de coisa com o Lucas, que me conhece melhor que eu mesmo e que é como um irmão para mim, mas é isso mesmo. Um cara não precisa se fazer de machão sem sentimentos o tempo todo para ser um cara de verdade...

Alguém precisa me lembrar de desligar a TV quando começar o programa da Oprah...

Enfim, Lucas já sabia que mamãe estava chegando, mas ficou agradavelmente surpreso quando eu mencionei que ela tinha trazido Lana.

– Aquela sua prima gostosa? – ele soltou, malicioso. – Ela vai ficar na sua casa?

– Só até os pais dela pararem de tentar arrancar a cabeça um do outro – respondi rolando os olhos. – Eles estão se divorciando e, ao que parece, isso está afetando o psicológico dela. Como se a garota já não fosse louca...

– Cara, ela é sua prima gostosa! E vai passar um tempo morando na sua casa! Você faz o que para ter tanta sorte? É algum perfume, você vai à igreja ou é macumba mesmo?

– Cara, por que eu sou seu amigo?

– Porque eu sou sexy e você me ama – respondeu, fazendo o que ele esperava ser uma cara sexy. O tipo de cara sexy que faz qualquer pessoa ter vontade de furar os olhos com um prego. Um prego enferrujado.

– Nojento, Lucas. Sério.

Depois desse momento altamente gay do cara que definitivamente não é mais meu melhor amigo, eu continuei a falar sobre meu fim de se-

mana e seus altos e baixos. Conteí que eu acabei sendo obrigado a levar mamãe e Lana ao meu encontro com a Tiffany – ele fez uma careta nessa hora – e como a coisa tinha degringolado para valer. Mamãe e Lana foram terríveis com a minha garota, que acabou mostrando as garras também – mas de um jeito muito fofo – e o almoço acabou virando um pesadelo.

Na verdade, a coisa tinha virado um pesadelo logo que eu descobri que era um restaurante só de salada, mas ok.

Desobedeci minha mãe e a larguei sozinha com minha prima mala na primeira refeição que fazíamos juntos em meses. Fui atrás da Tiffany e fui possuído por algum espírito de porco que me fez meio que pedir ela em namoro, só para ser interrompido por aquele otário daquele motorista de táxi do inferno.

Depois disso o dia foi perfeito. Apesar dela não ter me respondido e não termos mais tocado naquele assunto. Eu nunca fui do tipo que se diverte levando uma garota para tomar sorvete na praia de mãos dadas, mas era o que eu queria fazer com a Tiffany. Era o que parecia certo e me deixava feliz. Gostava de vê-la me provocar com aquele sorrisinho malicioso, que rapidamente se transformava numa expressão verdadeiramente inocente. Os beijos dela eram suaves e doces, mas o jeito como ela me olhava depois que eu a beijava sugeria que aqueles mesmos lábios poderiam me enlouquecer. Até agora eu não sabia o que pensar sobre quem ela era de verdade e talvez esse fosse o encanto da coisa. A garota era misteriosa. Contraditória. Doce e exótica. Tímida e impulsiva. Ingênua e confiante.

Era quase como se Tiffany fosse duas pessoas ao mesmo tempo. Uma menininha tímida e uma mulher segura e confiante.

E eu não podia decidir de qual eu gostava mais.

Depois do encontro perfeito, que terminou com nós dois cantando músicas dos Beatles e comendo batatinhas com hippies que não fumavam maconha ao redor de uma fogueira na praia, ela disse que tinha que ir para casa. Ofereci-me para pegar um táxi com ela, mas, como da primeira vez, Tiffany insistiu em ir sozinha. Eu não me importei tanto dessa vez porque não era como na noite da festa, quando eu não tinha o número do seu celular e nem sabia seu sobrenome. Agora ela não era apenas uma ilusão causada pela bebida. Ela era real e palpável.

E em breve seria minha.

O problema foi quando cheguei em casa. Minha mãe não gritou comigo nem nada do tipo. Para ser sincero, ela fez o que sempre faz. Fingiu que eu não existo. Só que dessa vez, Lana estava lá para testemunhar o

desprezo com o qual minha mãe me presenteava e, é sério, minha prima é sádica a ponto de se divertir com isso. Ficou o domingo todo me mandando sorrisinhos sarcásticos e rindo da minha cara. E na única vez que mamãe abriu a boca para falar comigo, foi só para jogar três bombas atômicas em cima de mim:

– Seu cartão foi bloqueado e você está proibido de sair de casa por uma semana. Ah, mais uma coisa. Lana vai ficar conosco até os pais dela resolverem o divórcio deles. Você vai ser um garoto educado e vai emprestar seu motorista para ela. Você não pode sair de casa mesmo... E eu quero que seja gentil e faça sua prima se sentir bem-vinda, entendeu? Com uma reclamação que Lana tenha de você, eu garanto: não iria querer estar na sua pele.

É, meu primeiro castigo. E só mesmo a minha mãe consegue fazer esse tipo de ameaça para o próprio filho no mesmo tom em que manda seu assistente remarcar uma reunião. Frio e completamente indiferente. Eu nunca sei quando ela está com raiva, apesar de que devia estar, pois bloqueou meu cartão de crédito.

– Meu Deus, o que vou fazer sem meu cartão de crédito? – soltei, apoiando o rosto nas mãos, depois que terminei de contar tudo.

– Vince, sua prima gostosa vai morar com você e você está preocupado com seu cartão de crédito? – debochou Lucas. – Deixa de ser uma menininha, por favor. Vai ficar um tempo sem comprar seu creme para rugas? Não vai morrer por isso.

– Você é um idiota – resmunguei. – Lana é um pesadelo. E eu não uso creme para rugas!

Lucas riu e levantou as mãos, em sinal de rendição.

– Ok, vou fingir que acredito – disse.

– Você me fez chegar cedo aqui para encher o meu saco? – perguntei, fingindo que ia me levantar. – Acho que vou voltar para casa e dormir mais um pouco.

– Ah, para de drama, Srta. Sensibilidade – Lucas disse, rolando os olhos e me puxando de volta para o chão. – Não foi por isso que eu pedi para você vir mais cedo à escola hoje.

– Para o que foi então?

– Tem uma pessoa que eu quero que você veja.

– Quem?

– Você já reparou onde estamos?

– No corredor da oitava série.

– E por que estamos aqui?

– Porque você fumou maconha.

Lucas me deu uma cotovelada e me olhou como se eu fosse um caso perdido.

– Estamos aqui porque eu sou um ótimo amigo e acho que você tem que conhecer uma garota. Ela estuda nessa sala aqui – disse, apontando a sala vazia a nossa frente.

– Olha, Lucas – eu comecei, falando devagar para ver se a coisa entrava na cabeça dele. – Eu agradeço, mas você sabe que eu já tenho alguém. E mesmo que eu não tivesse, não procuraria mulher na creche.

– Você não entende nada mesmo, não é? Na sexta-feira, quando você faltou, eu vi uma garota. E pelo jeito que você descreveu a sua linda Tiffany... Bom, ela tá chegando aí, olha!

Virei o rosto para onde o maluco do Lucas estava apontando e vi duas garotas andando pelo corredor. As duas eram baixinhas, uma loira com os cabelos presos num rabo de cavalo e a outra era ruiva e estava com o rosto virado para o lado, conversando com a loira e impedindo-me de ver seu rosto. Mas eu a reconheceria em qualquer lugar.

– Tiffany! – gritei, levantando-me.

As duas garotas viraram para me olhar, assustadas.

E a ruiva não era Tiffany.

Agora que eu podia vê-la direito, não acreditei que a tivesse confundido com a minha garota. Elas eram muito parecidas, tinham a mesma cor de cabelo e pele. Os olhos também eram quase da mesma cor, mas os dessa garota eram um pouco mais claros. Seus cabelos eram mais ondulados e compridos que os de Tiffany e ela tinha mais sardas também. Era ligeiramente mais baixa e seu rosto era mais redondo.

A garota era linda e tão parecida com Tiffany que era assombroso. Mas não era ela. Não tinha o brilho nos olhos que a minha ruivinha tinha e seus lábios não eram tão perfeitos e rosados. O nariz não era o mesmo e suas sobrancelhas eram um pouco mais finas.

Simplesmente não era Tiffany. E se eu a tivesse visto direito, nunca teria confundido as duas. Mas era impossível que não fossem parentes. Eram parecidas demais. Ela estudava ali? Como eu nunca a vira antes? Se bem que eu não costumava andar pelos corredores da oitava série...

A garota me olhava assustada e parecia ter empalidecido. Sua amiga olhava-a preocupada enquanto eu me aproximava.

– Você! – eu disse, quase ofegante, para a garota que parecia paralisada. – Você conhece Tiffany? Tiffany Caine?

Ela parecia ter perdido a capacidade de falar.

– Geny, o que você tem? – a loira perguntou, balançando uma mão na frente do rosto da amiga.

– Ah, droga, essa não é a sua garota, Vince? – perguntou Lucas, que eu nem percebi que tinha se levantado também. – Achei que fosse ela.

A ruiva chamada Geny pareceu acordar do choque. Piscou e olhou para a amiga, antes de virar os olhos de volta para mim, ainda parecendo muito apreensiva.

– N-não – ela gaguejou, os olhos arregalados. – Eu não conheço nenhuma Tiffany Caine.

– Impossível – retruquei. – Você é a cara dela.

A garota Geny começou a ficar vermelha e abriu a boca para dizer mais alguma coisa, quando sua amiga a interrompeu:

– Seu nome do meio não é Caine, Geny?

Geny virou-se para a loira, fuzilando-a com o olhar azul tão parecido com o de Tiffany.

– Sarah, você pode me esperar lá na sala, por favor? – pediu, numa voz que mais parecia a prévia de uma sessão de tortura.

– Ok, ok. Eu já vou. Não precisa fazer essa cara... Vai acabar assustando alguém. – disse a garota chamada Sarah, antes de rolar os olhos e ir para a sala que Lucas apontou para mim minutos antes.

– Então... – comecei, olhando para ela com os olhos apertados. – Seu nome do meio é Caine e você é muito parecida com Tiffany Caine... Vai continuar dizendo que não a conhece?

Geny me olhou com muita raiva, mas suspirou e disse:

– Certo, a Tiffany é minha... Prima! Satisfeito?

– Por que fingiu que não a conhecia? – Lucas perguntou antes de mim.

A garota deu de ombros.

– Não é uma prima muito querida. Especialmente agora.

Fiquei confuso. Como alguém podia não gostar da Tiffany? Ela era tudo o que uma garota devia ser. Linda, engraçada, delicada, impulsiva e carinhosa.

O que há para não gostar?

Mas resolvi não entrar nesse mérito com Geny, que parecia muito contrariada, afinal, eu não podia perder aquela oportunidade de descobrir mais coisas sobre Tiffany, então era melhor não deixar a prima marrenta dela muito aborrecida.

– Onde sua prima estuda? – foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

– Se ela não te contou, provavelmente não é da sua conta – a garota respondeu rapidamente. – Quem é você? Um stalker?

– Não, não é nada disso – apressei-me em negar. – Eu sou meio que... O cara com quem ela está saindo – terminei, conseguindo me impedir de dizer que era o namorado dela.

– Ah, então você devia saber onde ela estuda. Por que está me perguntando?

– A garota tem razão, Vince – Lucas disse. Percebi que ele olhava com interesse para a ruivinha estressada.

Traidor. Eu conhecia aquele olhar. Ele provavelmente concordaria com qualquer coisa que aquele chaveirinho irritado falasse.

– Já posso ir para a minha sala ou vocês vão continuar me interrogando? – ela perguntou sarcasticamente.

Bem, eu precisava reconhecer minha derrota. Não ia conseguir arrancar nada daquela garota. E ainda estava meio fora do ar pela surpresa de encontrar uma prima da Tiffany aqui, na minha escola. Era surreal. Eu sei que vai soar idiota, mas Tiffany era tão diferente e misteriosa que uma coisa normal – como ter uma prima – não combinava com ela.

– Não, tudo bem – eu acabei dizendo para a garota. – Desculpe por isso.

Ela não disse nada, apenas apressou-se para ir para a sua sala.

Que. Porra. Acabou. De. Acontecer. Aqui?

Tiffany tem uma prima que, por acaso, estuda na mesma escola que eu?

Só eu acho isso muito estranho?

– Foi mal, cara – Lucas disse, colocando o braço em meus ombros. – Achei que fosse a sua garota, pelo que você me descreveu.

– É, mas é a prima dela – falei, sentindo o começo do que seria uma dor de cabeça terrível. – Você não acha isso estranho?

Ele deu de ombros e tirou um chiclete do bolso, jogando a embalagem no chão.

– Sei lá – ele respondeu, começando a mastigar o chiclete. – Nem tanto. Primos nem sempre têm que estudar juntos. Olha só você e a Lana.

– É, tem razão. Agora será que dá para tirar esse braço de mim?

Ele riu, mas tirou o braço dos meus ombros, e fomos pegar nossas mochilas que ainda estavam no chão. O primeiro horário só começaria em uns vinte minutos, por isso nem nos demos ao trabalho de ir logo para a sala. Resolvemos ir para o pátio para encontrar o resto do pessoal, fazia um tempo que eu não conversava com meus amigos. Uma certa nerd e o amor da minha vida haviam tomado conta de tudo ultimamente. Fábio e Diana estavam lá, aos beijos, enquanto Pedro, que estava sentado no

banco ao lado deles, olhava com cara de desesperado em volta. Assim que nos viu, levantou-se e veio até nós, passando as mãos pelos cabelos loiros em sinal de frustração.

– Ainda bem que vocês chegaram – disse. – Não aguento mais ficar segurando vela. Sério, parece que todo mundo nessa escola está namorando! Até aquela sua amiga nerd! Juro, esse mundo está perdido se uma nerd como aquela consegue alguém e eu não...

Espera... O quê?

– Espera aí, você está falando da Maria Valentina? – perguntei, mas fui ignorado.

– Você não tem namorada porque já pegou quase todas as meninas do nosso ano e agora toda a escola sabe que você é um safado – Lucas disse para Pedro.

– O que eu tenho que fazer então? Pedir transferência para outro colégio?

– Não, cara. O que você precisa fazer é...

– Hey! – gritei para os dois e Lucas se calou. Aquela conversa ridícula estava me dando nos nervos, eu precisava saber sobre a Maria Valentina! – Pedro, você falou sobre a minha amiga nerd, o que tem ela?

Ele teve que pensar um pouco para se tocar do que eu estava falando. Então soltou um “ah” e disse:

– Ela e aquele garoto ruivo esquisito estavam no maior clima lá no portão da escola.

– Quando?

– Agora mesmo, eu acabei de ver os dois juntos lá e...

Nem esperei ele terminei de falar e corri em direção à entrada. Eu não sabia o que estava fazendo nem o que estava sentindo. Mas alguma coisa quando Pedro falou da nerd e do McDonald juntos... Parecia errada para mim. Eu não entendia o que era, mas não gostava de vê-los juntos, de pensar neles juntos, de imaginá-los juntos. Era errado. Ele não era o cara certo para a minha amiga. Ela era doce e engraçada, inteligente e frágil. Ela era a pessoa mais especial que eu conhecia. A pessoa que havia feito eu enxergar o mundo de maneira diferente, que havia feito eu rever tudo em que acreditava. A garota que me fez acreditar em coisas diferentes. Que me ensinou que eu podia ser uma pessoa melhor do que era, e que a superfície é só isso. Superfície. Há muito mais por trás disso, se você se permitir chegar perto e olhar, sem julgar antes. Ela me fez perceber que há beleza em qualquer coisa, se você tiver os olhos certos para ver. Ela me fez



enxergar o que não era óbvio. Ela me fez ficar preocupado com ela. Gostar dela.

Ela era minha amiga. Minha amiga.

Apenas minha amiga.

Então por que eu comecei a lembrar do dia em que nos beijamos? Do seu corpo pequeno colado ao meu, dos seus lábios suaves e da facilidade com que ela correspondeu ao meu beijo? Por que eu não parava de pensar no jeito como eu me senti quando a beijei?

Por que eu ficava lembrando dela vestida com minha camisa preferida do South Park? Por que eu gostava tanto de vê-la usando essa maldita camisa? Por que seus olhos eram tão lindos? Por que eu tinha vontade de abraçá-la e protegê-la do mundo?

Por que – e eu só percebia isso claramente agora – eu tinha tanta raiva dos pais da minha nerd? Por nunca estarem lá quando ela precisava?

E por que agora eu estava correndo como um maluco pela escola só para não deixá-la sozinha com aquele palhaço psicopata?

Cheguei à entrada da escola e comecei a correr os olhos por todo o lado. Havia muita gente chegando e grupinhos conversando aqui e ali. Eu acho que algumas pessoas falaram comigo, mas eu não me dei ao trabalho de responder. Continuei procurando por uma garota pequena e magrela, com grandes óculos e roupas largas, com um garoto parecido com o Ronald McDonald.

E finalmente, eu os vi.

Os dois estavam do lado de fora, na porta, onde não havia ninguém. Eu podia vê-los pela grade. Maria Valentina estava como sempre, com seu uniforme grande demais e seus cabelos presos naquele coque apertado. Suas bochechas pareciam coradas e seu rosto estava voltado para baixo, ela parecia estar olhando para os pés. O palhaço psicopata estava de frente para ela. Muito perto dela. Da minha nerd. Eu podia sentir o maldito clima dali, apesar de não poder ouvi-los.

Sem pensar, eu empurrei os alunos que estavam chegando e passei pelo portão, a tempo de ouvir aquele garoto desgraçado com cara de palhaço do inferno dizer para a minha nerd:

– Eu estou falando sério, Tina.

– M-mas você nunca... Quer dizer... – gaguejou ela em resposta.

– Eu nunca tive coragem – ele voltou a dizer. – Mas na sexta-feira, quando estávamos juntos... Eu quero que seja sempre assim, Tina. Você e eu, juntos.

– V-você tem...certeza?

Ele segurou o queixo dela e a fez levantar o rosto para olhá-lo.  
– Vou ser bem claro. Eu amo você, Tina. Há muito tempo. Quer ser minha namorada?

Senti o ar sair completamente dos meus pulmões. Não podia acreditar naquilo. O que aquele maldito estava dizendo?

Mas não, Maria Valentina nunca aceitaria aquela maluquice...ela merecia muito mais...ela...

Ela gostava dele.

Desde o início, ela gostava dele. Ela aceitou minha proposta por causa dele. Ela pediu para eu ensiná-la a conquistá-lo. Ela teve um encontro com ele. Ela gostou do beijo dele.

Ela gostava dele.

Maria Valentina levantou os olhos para o Koury e os arregalou quando me viu logo atrás dele. E era para mim que ela olhava com aqueles grandes olhos através da lente dos seus óculos quando respondeu:

– Silas, eu...sim. Eu quero ser sua namorada.

E eu não sei o porquê, mas senti que meu mundo havia desabado naquele momento.

Ela disse sim.

21



## Lei de Rudin

— SILAS, EU...SIM. EU QUERO ser sua namorada.

Eu ouvi essas palavras sem ter plena consciência de que elas saíram da minha boca. Era como se outra pessoa as tivesse dito, não eu. Eu olhava para aqueles olhos negros que me fitavam tão intensamente. Eu não entendia, mas algo parecia ter se quebrado dentro deles. Vicente me olhava com dor e acusação, como se, de alguma forma, eu o tivesse traído. E eu tinha. Ele apenas não sabia o quanto.

O meu olhar parecia trancado no dele, eu simplesmente não conseguia desviá-lo. Sabia que devia olhar para o contente Silas na minha frente, eu havia acabado de aceitar ser sua namorada afinal, mas era como se todo o resto desvanecesse quando eu encontrava os olhos escuros, e no momento sombrios, de Vince Müller.

O que, para mim, pareceu ter durado algumas centenas de anos, na realidade foram apenas alguns segundos. Vicente desviou o olhar, deu-me as costas e entrou no colégio, sem virar uma única vez. Ele simplesmente foi embora.

— Tina, você está me ouvindo?

Pisquei e voltei meu olhar para Silas, que me olhava curiosamente.

— Desculpa, eu estava distraída — respondi com um sorriso forçado.

— Mas você não acha que é melhor a gente entrar? A aula já vai começar.



Silas assentiu e segurou minha mão antes de começarmos a fazer nosso caminho para a sala. Eu evitei olhar para nossas mãos unidas. Em vez disso, passei discretamente os olhos ao redor, procurando um certo menino meio bobo que se distrai facilmente e gosta de filmes de terror e de me irritar. O último garoto por quem eu esperaria me apaixonar. Metido, arrogante, popular, irritante, chantagista e dono dos olhos escuros mais penetrantes que já vi. Vicente Müller não é, nem nunca foi, o garoto certo para mim. Eu o queria mesmo assim, mesmo sendo totalmente contra todas as leis da cadeia alimentar da nossa escola. Mesmo que ele fosse totalmente errado para mim. Os nerds e os populares têm de ser como óleo e água, não se misturam nunca. Mas a nerd aqui estava cega para os perigos de aceitar se aproximar da estrela mais brilhante da escola. Eu aceitei ajudá-lo a estudar — tudo bem que eu fui chantageada — sem saber que poderia perder meu coração.

Eu sequer sabia que meu coração estava em perigo.

E agora olhar para ele era simplesmente doloroso, sabendo que ele nunca sentiria por mim o que eu sentia por ele. Mesmo que houvesse uma mínima chance de ele gostar de mim, Tiffany destruiu tudo. Eu destruí tudo. Caí na minha própria armadilha. Comecei com uma pequena brincadeira, para dar uma lição de moral no Müller, para me vingar do que ele representava em nome de todos os nerds intimidados no planeta. Eu quis que ele se apaixonasse pela Tiffany. E quando isso aconteceu, eu quis que ele se apaixonasse por mim.

Se arrependimento matasse, as pessoas já estariam chorando em cima do meu caixão agora.

Antes eu queria machucá-lo. Queria que ele sentisse a mesma dor que infringiu a muitas garotas. Queria que ele ficasse louco pela Tiffany para então, abandoná-lo e fazê-lo se sentir o lixo que eu sempre pensei que ele fosse.

Agora eu não queria mais machucá-lo. Não queria vê-lo sofrer. Por trás do garoto popular e metido que circulava pela escola como se fosse o dono do lugar, havia um garoto pelo qual era impossível não se apaixonar. Um garoto meio ingênuo e meio malicioso. Um pouco carente, solitário, mimado e obsessivo. Surpreendentemente compreensivo e generoso. Com péssimos hábitos alimentares (exatamente como os meus) e um gosto muito bom para desenhos animados. Um garoto que achava mais interessante o tempo de vida de uma mosca do que estudar a Revolução Russa, uma das matérias que mais me fascinava, porque eu adoro revoluções. Vince nem sabia a diferença entre a Revolução Russa e a Francesa.

Eu achei que só isso seria o bastante para que eu nunca gostasse dele. Estava errada.

Eu gosto de ler e romances policiais cheios de violência e mistério são meus preferidos. Temo que a única vez que vi Vicente com um livro foi quando fomos obrigados a ler Rumpelstiltskin no jardim da infância e ele começou a chorar porque não conseguia dizer o nome do personagem.

Eu o conheço durante quase toda a minha vida. Já o vi nos seus piores e, talvez, melhores momentos. E sempre pensei que éramos completamente opostos, quase como se fôssemos de planetas diferentes. E sim, nós somos opostos em muitas coisas. Opostos com muito em comum. Com alguns gostos e pensamentos parecidos. Opostos que, para mim, poderiam se encaixar.

Mas mesmo que a Tiffany nunca tivesse existido, eu não sei se ele conseguiria olhar para mim e sentir o coração bater mais rápido. Talvez ele nunca realmente me enxergasse. E mesmo que o fizesse, mesmo que, por alguma estranha ruptura na ordem do universo, ele pudesse gostar de mim, ainda assim, não poderíamos ficar juntos.

E isso porque eu tinha a grande sorte de ser filha do meu pai.

E ele disse bem claro, ontem, que nunca permitiria que eu desperdiçasse minha vida com — palavras dele — aquele moleque ridículo e sem futuro.

E era por isso que eu estava indo para Oradea, Romênia.

É, eu não vi isso chegando. Apesar de conhecer meu pai e saber que ele é muito rígido e chega a extremos algumas vezes...eu simplesmente não imaginei que ele fosse me mandar para a Romênia para passar um tempo com meu avô, longe de certas influências negativas.

Foi uma sensação esquisita. Eu cheguei em casa e meu pai estava esperando na varanda. Não houve gritos nem repreensões. Isso me assustou. Ele mandou — com uma voz assustadoramente calma — que eu entrasse em casa e fosse direto para o seu escritório. Eu obedeci. Ele entrou logo atrás de mim e, quando fechou a porta do escritório, apertou bem os olhos ao fitar minhas roupas, mas não disse nada. Depois, sentou-se em sua mesa e fechou os olhos, apertando o polegar e o indicador na ponte do nariz, como se sentisse uma súbita dor de cabeça.

— Eu liguei para o seu avô — ele disse, voltando a abrir os olhos e fitando-me inexpressivamente. — Ele não se importa em ficar com você por alguns meses.

Sabe aquela sensação que você tem quando acha que tem mais um degrau na escada, mas não tem? Quando, por um segundo, seu pé volta ao chão e você pensa que vai cair? E sente aquele frio na barriga?

Multiplique isso por mil e foi a sensação que eu tive quando meu pai disse aquelas palavras.

– Pai – eu comecei, sentindo-me meio desesperada, rezando para que ele estivesse só falando aquilo para me punir, para me fazer sentir culpada e horrível, mas que não fosse verdade. – Você não pode...

– Não venha me dizer o que eu posso ou não fazer, Maria Valentina! – ele finalmente explodiu, batendo a mão na mesa com uma força que me fez estremecer.

– Mas, pai...

– O quê? Você tem uma desculpa para isso?

– Eu só...

– Quem é você? – ele perguntou, levantando-se, voltando a aparentar aquela calma ainda mais assustadora que sua raiva.

Eu não entendi a sua pergunta e só fiquei olhando para ele com os olhos bem abertos e as mãos meio trêmulas.

– Eu não a reconheço mais, Maria Valentina – ele continuou, não esperando por uma resposta. Por um momento, eu pensei ver tristeza em seus olhos. – Você não é a filha que eu criei. Olhe pra você! A Maria Valentina que eu conheço não é essa, melhor, ela não precisa ser essa garota que eu estou vendo agora. Ela é melhor que isso.

Eu baixei a cabeça, sentindo as finas pontadas atrás dos meus olhos, anunciando lágrimas. Apesar de tudo, de todas as regras, de toda a rigidez, de toda a frieza do meu pai, eu o amava e sempre soube que era motivo de orgulho para ele. E é claro que eu o amava. Ele era meu pai e, apesar daquele jeito, eu não conseguia me imaginar longe dele. Ele era como uma muralha de pedra. Intimidadora, intransponível, fria. Mas era essa muralha que estava lá para proteger a mim e à minha irmã. Era uma figura forte, protetora, invencível. Uma certeza na minha vida cheia de incertezas.

Alguém que nunca iria embora.

Então doía ouvi-lo falar assim. Doía saber que ele não me reconhecia, que eu não era mais o motivo dos seus raros sorrisos. Doía saber que eu o desapontara.

– Eu quero que você vá para ficar longe dessas distrações – ele disse, voltando a se sentar, sem olhar na minha direção. – Eu quero que você volte a ser a menina centrada que era. Eu não vou permitir que você desperdice a sua vida com aquele moleque ridículo e sem futuro. Isso não é para você, Maria Valentina.

Eu não sabia por quanto tempo mais seguraria as lágrimas e eu odiava chorar na frente do meu pai. Ele não se sensibilizava com lágrimas.

Para ele, era apenas um sinal de fraqueza. E eu já não estava nas boas graças dele, podia ao menos parecer forte, não é?

– Saia.

Eu levantei os olhos e fitei os dele. Eu não chorei. Assenti com a cabeça e me virei para sair do escritório. Havia apenas aberto a porta quando ouvi a voz dele dizendo atrás de mim.

– O engraçado é que eu sempre esperei isso da sua irmã. Mas nunca de você.

Não me virei, porque não pude mais conter duas gordas lágrimas que transbordaram dos meus olhos. Então apenas fui embora e subi as escadas correndo. A porta do quarto de Geny estava fechada quando eu passei por ele e fui direto para o meu quarto.

Meu travesseiro estava úmido de lágrimas quando eu finalmente consegui dormir.

– Tina?

Virei-me e percebi Silas falando comigo de novo, tirando-me dos meus devaneios. Já estávamos na porta da sala.

– Você está bem desligada hoje, hein? – ele disse com um sorriso meio triste. – É a coisa toda da Romênia?

É, eu havia contado tudo para o Silas assim que o vi, quando nos encontramos na porta da escola. Um milagre ele chegar cedo, eu sei. Estava tudo tão bagunçado na minha cabeça e eu precisava falar com alguém. Geny estava estranha e pegou carona com a Sara para ir para a escola mais cedo. Eu sentia que ia explodir a qualquer momento. E chorar no ombro do Silas por alguns minutos me fez sentir melhor e ele me acalmou como sempre o fez. Mas aí ele disse que um ano passava rápido e que a distância só seria física porque ele...porque ele me amava. Ele disse que não se importava com a distância e que, pelo menos, isso estava dando a ele a coragem de se declarar.

Eu o amei...achei que o amava por tanto tempo...e eu ia embora mesmo...Vicente nem lembraria mais de mim depois de algum tempo, aliás, ele não pensava em mim mesmo. Pensava em Tiffany. E até dela ele se esqueceria com o tempo.

Silas tinha razão. Havia algo de bom em tudo isso. Eu poderia evitar magoar os dois garotos. Ser a namorada à distância de Silas seria bem mais fácil do se eu fosse ser sua namorada de verdade. E isso o faria feliz. E assim, indo embora, eu nunca teria que contar ao Vicente a verdade. Eu diria simplesmente que iria embora, como Tiffany e como eu mesma.

E ele a esqueceria. E me esqueceria mais rápido ainda.

Era o que eu esperava.

– Oradea é um lugar bem legal – eu respondi com um suspiro, encostando-me na parede. – Fica no meio de montanhas e é um dos maiores centros de educação da Romênia. A faculdade de Direito de lá é a mais antiga de toda a Europa Oriental e você precisa ver o prédio da faculdade de Medicina. É lindo. Além do mais, Oradea só fica a umas cinco horas de carro de Sighisoara, a cidade onde Vlad Tepes nasceu. É um lugar incrível.

– Você gosta de lá, então?

– Muito. Você sabe que é onde eu passo todas as minhas férias. E meu avô é muito legal. Além disso, a casa dele é uma dessas mansões antigas caindo aos pedaços. E ele não a reforma porque diz que tiraria o “encanto” dela – fiz aspas com os dedos. – Sério, o sistema de aquecimento central é horrível. Mas eu meio que entendo, a casa é adorável do jeito que é. Eu sempre me sinto bem-vinda ali. Mas...

– Mas mesmo assim você não quer ir – ele completou para mim, apertando minha mão um pouquinho.

– Não, não quero – respondi, olhando para os meus pés.

– Crianças, o que vocês acham de entrar na sala? – perguntou o professor de biologia, que havia se aproximado sem que percebêssemos. Surpreendida, soltei a mão de Silas. – A aula vai começar e vocês estão bloqueando a porta.

Pedimos desculpas e entramos.

Tentei olhar para os meus pés enquanto avançava até minha mesa. Ao mesmo tempo em que sentia uma vontade quase incontrolável de encontrar o olhar de Vicente, tinha um medo quase irracional de fazê-lo.

Afinal, o que havia com ele hoje para estar assim? Bom...nós meio que não nos víamos desde aquele beijo desastroso na porta da minha casa, onde eu tenho certeza que papai não foi exatamente agradável. Aliás, talvez papai nem tivesse sido o pior naquela noite, talvez tenha sido eu. Talvez ele estivesse tão arrependido de ter me beijado que agora iria ficar me ignorando...

Mas e aquelas coisas que ele disse sobre mim na praia? Ele não parecia irritado nem enojado. Ele parecia pensar em mim como uma amiga de verdade. Ele queria me animar.

Ah, ela é linda.

Aquilo era mesmo sério? Eu ouvia a voz dele e essa frase ficava ecoando na minha cabeça de novo e de novo. Era uma voz despreocupada e leve, acompanhada de um sorriso e um dar de ombros, como se estivesse admitindo um fato.



Coloquei minha mochila na minha mesa e sentei na cadeira, vendo Silas tomar o lugar ao lado do meu, o lugar que sempre foi dele, mas que ultimamente estava sendo usado por outro aluno. Por que o Vicente não estava ali? Sem conseguir me conter, virei o rosto para trás, para olhar o fundo da sala, e lá estava ele, no seu antigo lugar de sempre, no meio dos seus amigos barulhentos. Até Roberta estava lá, mas não muito perto dele. Mesmo assim, meu coração falhou algumas batidas ao ver aquilo.

Porém, enquanto os amigos dele conversavam e riam ao seu redor, Vicente estava sério, imóvel em sua cadeira. Seu olhar estava em mim e, quando o meu encontrou o dele, senti um arrepio. Ele parecia frio e, ao mesmo tempo, espumando de raiva. Apenas não sei como era possível. O que diabos havia de errado com ele? Vicente parecia estar com aquela dor nos olhos desde que eu o vi mais cedo, enquanto conversava com o Silas, mas o que tinha causado aquilo?

Quando percebi que o professor havia começado a aula e que os outros estudantes estavam cochichando a respeito de eu estar encarando o Vicente, eu me virei rapidamente para o quadro, sentindo o calor tingir minhas bochechas.

– Algo errado? – Silas cochichou.

Só fiz que não com a cabeça, tentando ignorar os olhares de todo mundo, especialmente o de Petra, que ainda sentava na cadeira ao lado da minha.

Moluscos, anelídeos, artrópodes, equinodermos, cordados...o que eles tinham em comum mesmo? Sistema digestório completo? Uma camiseta do AC/DC?

Sei lá.

Eu sei, o inferno estava congelando neste exato momento. O momento em que Maria Valentina Lazarov deixou de se importar com biologia para amarrar seus pensamentos ao redor de um garoto.

O fim do mundo está chegando, com certeza.

Assisti às aulas com apenas metade da minha atenção, tentando fazer algumas anotações no caderno. Tentando era a palavra-chave. Minhas anotações estavam, pela primeira vez na vida, uma bagunça. Confundiam-se com pequenos rabiscos na beira da página, que eu fazia sem perceber.

Três pares de olhos escuros, um rosto em perfil com um nariz bem grande, um livro aberto e um coração partido. Além de alguns riscos aleatórios que não faziam sentido nenhum e a letra V com alguns floreios, repetidas vezes.

É, e eu pensando que nunca seria o tipo de garota a fazer rabiscos idiotas no caderno, quando deveria estar anotando as coisas que o professor falava.

As pessoas mudam mesmo.

– Tina!

Silas precisou colocar a mão na frente do meu rosto para eu perceber que ele estava falando comigo.

– Han? – foi a coisa mais inteligente que consegui dizer.

– É hora do intervalo – ele informou. – Vamos?

Eu assenti e levantei, mas parei ao perceber que Petra, Larissa e Arthur ainda estavam na sala, conversando animadamente sobre alguma coisa. Como meu estado de espírito já não era dos melhores, vê-los me deixou ainda mais triste. Eu costumava fazer parte do grupo. Eu costumava ficar ali, conversando com eles e rindo com eles. Discutindo com Arthur que minhas notas eram e sempre seriam melhores que as dele e escutando Larissa falar sobre mangás e jogos online enquanto ela jogava no videogame. Aliás, ela raramente tirava os olhos daquele negócio. E Petra, minha melhor amiga para todos os momentos. A que sempre me defendia de todo mundo e a única que entendia minhas manias e me forçava a sair um pouquinho da minha concha.

Como acabamos assim?

Os outros alunos estavam se apressando para sair da sala e um deles esbarrou levemente em meu ombro ao passar por mim. Olhei para trás só para ver as costas de Vicente enquanto ele seguia rapidamente para a porta sem um olhar na minha direção. Quando todo mundo já havia saído, eu me aproximei com Silas do único grupo que permanecera.

Os três pararam de falar quando eu cheguei perto e Petra, a única que ainda estava sentada, olhou para mim (quase não precisou levantar o rosto, sendo tão mais alta que eu que, sentada, ficava quase da minha altura ainda que eu estivesse de pé) com um misto de curiosidade e desconfiança.

– Petra, posso falar com você? – eu pedi.

Durante alguns segundos, ninguém falou nada, até que Larissa disse, enquanto enrolava uma de suas tranças nos dedos:

– Vamos sair daqui, pessoal, não quero respingos de sangue no meu uniforme.

– Vem, Silas – Arthur falou, dando tapinhas amigáveis nas costas do meu..hum...namorado. – Isso ou vai ser legal ou vai ser bem ruim. Acredite, você não vai querer estar por perto em nenhum dos dois casos.

Silas olhou uma última vez para mim e eu balancei a cabeça, silenciosamente dizendo que ele podia ir. Quando todos saíram da sala, eu me virei para Petra e comecei:

– Petra, eu –

– O que está rolando entre você e o Silas? – ela me cortou, perguntando.

Respirei fundo e consegui responder:

– Ele me pediu em namoro e eu disse...sim.

Petra arregalou os olhos por um momento, antes de olhar para baixo, para suas mãos em cima da mesa.

– Ah, é? – ela disse.

– Sim, mas não é sobre isso que eu quero falar com você. Eu só quero pedir desculpas por...

Novamente, ela não me deixou terminar.

– Tina, você não tem que me pedir desculpas – disse, finalmente levantando os olhos para mim. – Você tinha razão esse tempo todo. Você não tem a obrigação de me contar cada aspecto da sua vida. É só que...eu nunca vi você desse jeito antes, você não está agindo normalmente...eu fiquei assustada. Você sempre foi minha melhor amiga e eu não queria te perder.

Eu me sentei na cadeira ao lado dela e segurei suas mãos nas minhas.

– Você sabe que não precisa ter medo de me perder, Petra – eu disse, olhando-a nos olhos. – Nós sempre fomos amigas e eu não estou te trocando por ninguém. E as coisas que eu não dividi com você... não foi porque não queria que você ficasse sabendo, em especial. Foi simplesmente porque eu mesma não entendia o que estava acontecendo. Minha cabeça estava...está uma bagunça. E eu não me sentia pronta para falar.

Ela soltou minhas mãos devagar e disse:

– Eu entendo, Tina. Agora eu entendo. Antes eu estava com raiva e... bom, na verdade eu estava procurando um motivo para brigar com você.

Arregalei meus olhos. Do que raios ela estava falando? Petra procurando deliberadamente um motivo para brigar comigo? Parecia uma piada. A Petra que foi minha amiga por anos não faria isso. Nós nunca brigávamos. Eu simplesmente não entendia.

Vendo que eu estava muito confusa para dizer alguma coisa, ela continuou:

– Eu também não fui completamente aberta com você, Tina – seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. – Eu a acusei de não me contar sobre a sua vida, mas eu escondi algo de você por muito tempo.

– Do que você está falando? – eu consegui perguntar.

– Eu sempre soube que você gostava do Silas, eu podia ver como você se sentia confortável com ele como jamais havia se sentido com nenhum outro garoto. E eu sabia que ele gostava de você, podia ver nos olhos dele, no jeito como ele parecia sempre se voltar para você, como parecia sempre mais feliz ao seu lado. E eu odiava isso! Eu odiava tanto... eu morria de raiva de você por dentro...eu queria que você simplesmente desaparecesse!

Eu não conseguia fazer com que suas palavras fizessem sentido em minha cabeça. Como Petra podia se sentir assim? O que eu havia feito? Eu nunca imaginaria, nem em mil anos, que minha melhor amiga tivesse raiva de mim, principalmente daquele jeito. Sua voz era machucada, como se eu tivesse feito algo horrível. Como eu podia ter machucado tanto minha melhor amiga...sem nem saber que o fazia?

O quê, afinal, eu tinha feito?

– Você não entende, não é? – ela soltou, junto com algumas lágrimas, enquanto se levantava e ficava de frente para mim. – Você é tão inteligente para algumas coisas, mas tão idiota para outras! Aposto que, até o Silas se declarar, você nem sonhava em pensar que ele gostava de você. E é por isso, Tina, que eu...que eu te odeio. Porque ele gosta de você. Não de mim, que sempre fui apaixonada por ele de um jeito que você nunca vai ser. Ele gosta de você.

Ela me deu as costas depois disso. Saiu da sala e me deixou lá, sozinha e confusa, ouvindo as palavras dela se repetirem em minha cabeça cada vez mais altas. Como uma acusação. E só o que eu podia pensar era... como eu pude deixar aquilo acontecer? Eu podia ter evitado. Eu podia ter sido sincera com a Petra desde o início, desde que descobri que estava apaixonada por Vicente e não por Silas. Eu podia ter evitado magoá-la daquele jeito.

Podia ter evitado que ela me odiasse.

Eu podia ter feito tantas coisas de maneira diferente! Eu devia ter feito tudo diferente! Eu precisava simplesmente tomar todas as piores decisões possíveis?

Sheldon Cooper, quando você inventar uma máquina do tempo, por favor, me empreste. Quem sabe assim eu consigo desfazer todas as burradas que fiz recentemente.

Acho que a Lei de Rudin é a cara da minha vida neste momento.

“Em uma crise, quando as pessoas são forçadas a escolher entre diversos tipos de ação, a maioria escolherá a pior ação possível”.

Desgraça, teu nome é Maria Valentina.

Eu só percebi que estava chorando quando as lágrimas começaram a pingar em minhas calças.

Acho que tem um momento em que tudo ao seu redor parece explodir. Era o que estava acontecendo comigo. Meu mundo estava simplesmente desmoronando e tudo o que eu tomava por certo, estava se tornando errado. Isso seria muito para qualquer pessoa, adicione o fato de que eu sou uma adolescente de 16 anos, muito provavelmente na TPM.

Eu estava perdendo minha família, meus amigos, meu amor, minha vida aqui...tudo ao mesmo tempo. Então, não. Eu não pude segurar as malditas lágrimas. Me processe.

– Já disse que não! Céus, como você pode ser tão chata? É algo natural ou você tomou algum remédio?

Levantei meus olhos marejados e, através dos óculos embaçados, vi um Vicente irritado entrar na sala, falando ao celular.

– Mas que diabos! Eu já disse que... – ele parou ao me ver. Eu escondi o rosto nas mãos, envergonhada por ser vista chorando, especialmente por ele. – Eu te ligo depois.

Eu assumi que ele tivesse desligado o celular, porque a próxima coisa que eu senti foram suas mãos tirando as minhas do meu rosto. Eu não conseguia impedi-lo da mesma maneira que não conseguia parar de chorar. Eu tentei baixar meu rosto, mas ele largou uma das minhas mãos e segurou meu queixo, obrigando-me a olhar para ele, que estava agachado na minha frente.

– Por que tantas lágrimas, Maria Valentina? – ele perguntou, começando a secar as lágrimas em minhas bochechas com os polegares. – O que aconteceu?

Eu não sei o que deu em mim. Eu abri a boca e comecei a falar. Em meio às lágrimas e aos soluços, eu falei que meu pai ia me mandar para a Romênia, que a minha melhor amiga me odiava e que eu era uma das pessoas que escolheria a pior ação possível no meio de uma crise. Maldita Lei de Rudin!

– Calma, Maria Valentina – ele disse, ocupando o lugar antes usado por Petra, ao meu lado, e passando um braço ao redor dos meus ombros.

– Eu não entendi nada do que você disse. Só uma tal de Lei de Rudin...o que é isso?

Respirei fundo e tentei controlar os soluços, antes de citar:

– “Em uma crise, quando as pessoas são forçadas a escolher entre diversos tipos de ação, a maioria escolherá a pior ação possível”.

Ele começou a rir e eu o olhei acusadoramente por entre meus óculos embaçados e as lágrimas.

– Você viu isso aonde? – perguntou, tentando segurar o riso. – No twitter?

Eu baixei o rosto, envergonhada, e disse:

– É.

Eu não tenho twitter – conta uma novidade – mas a Petra tem, então...

Pronto, era só o que faltava para o menino engasgar de tanto rir. Otário!

– Pequena nerd – ele começou, parecendo recuperado da crise estúpida de riso, embora um sorriso torto ainda estivesse estampado em seus lábios. – Duvido que você seja o tipo de garota a escolher a pior ação possível em qualquer cri...ok, esqueça o que eu acabei de dizer, você é mestre em tomar péssimas decisões – terminou com uma careta, como se lembrasse de algo não muito agradável.

– Ei!

– Você precisa se animar – ele continuou. – Depois das aulas, vou te levar num lugar bem legal.

Neguei com a cabeça.

– Não posso.

– Por que? – ele perguntou carrancudo.

– Porque meu pai não vai deixar.

Ele voltou a sorrir.

– Para a sua sorte, eu também conheço uma lei, uma que pode te ajudar agora.

– Muito me espanta, tenho que confessar – disse Maria Valentina.

– É a Lei de Retroação de Stewart.

– Isso não existe, você está inventando! – acusei, finalmente parando de chorar e terminando de secar minhas lágrimas com as costas das mãos.

– Não estou não! – se defendeu, fazendo uma falsa cara de indignação.

– Tá, então por que eu nunca ouvi falar dela? – perguntei o óbvio.

– Porque você não é Deus e não sabe de tudo.

Ok, ele tinha um ponto.

– Certo, e o que diz essa lei? – perguntei com um suspiro teatral.

– “É mais fácil conseguir o perdão do que a permissão”.

Depois dessa foi minha vez de rir. Muito.

– Isso não se aplica na minha casa – soltei enquanto ria.

Percebi que Vicente estava muito quieto e me virei para vê-lo. Ele estava com um sorriso no rosto. Não o torto, o malicioso ou o cheio de si. Era um sorriso bonito, genuíno, quase como se ele não percebesse que estava sorrindo. Seu rosto estava bem perto do meu e eu podia ver o castanho escuro dos seus olhos se diferenciando da pupila. Se eu me aproximasse só um pouco...

Esquece, Tina. Chega de escolhas erradas.

– Você não ouviu o que eu disse? – perguntei. – Essa lei não funciona lá em casa.

– Não importa – ele respondeu, apertando meu nariz levemente com os dedos, como se eu fosse uma criancinha. – Eu fiz você rir. Estou satisfeito.

Certo, alguém pode realmente me culpar por sempre tomar as decisões erradas quando o errado é tão... irresistível?

22



# O amor é cego, surdo, burro e manco

A MINHA VIDA É UMA grande merda.

Alguém poderia perguntar por que eu diria uma coisa dessas já que sou popular, talentoso, razoavelmente inteligente – não importa o que diga uma maldita nerd de olhos bonitos –, sem problemas financeiros – sem contar a última semana, a que minha mãe bloqueou o meu cartão de crédito – e, além de tudo isso, ainda sou o cara mais sexy dessa cidade.

Ok, isso não soou legal.

Enfim, mesmo com todos os motivos para ser feliz, eu ainda odeio minha vida. Pelo menos no momento.

Eu costumava gostar dela. Costumava ser despreocupado e aproveitar o máximo de cada dia. Gostava de surfar, jogar futebol e sair com minha namorada. Ela podia ser uma chata, mas beijava bem. A minha única preocupação era fazer de tudo para chamar a atenção da minha mãe.





E os que disserem que isso é infantil e gay, que vão apodrecer no inferno. Não importa se tenho 6, 16 ou 60 anos. Uma mãe é sempre uma mãe. E sempre vai doer se ela não te amar.

Mas voltando ao meu momento emo, em que eu enumero os motivos por odiar minha vida neste momento. Na verdade é só um motivo. Ela. A culpa do meu estado de espírito atual é toda dela. A desgraçada que entrou na minha vida de forma tão violenta – literalmente – e bagunçou tudo. Me bagunçou. Me fez ficar perdido pela primeira vez na vida, sem entender o que diabos estava acontecendo comigo e como uma garota como ela podia me afetar tanto.

No fundo, eu sei que não é realmente culpa dela. Maria Valentina não tem noção do que faz comigo, eu tenho certeza. Ela não faz de propósito para me confundir. E quanto ao fato de ela ter dito sim para o idiota com cara de palhaço tarado...bom, ela sempre gostou dele. Ela não sabia o quanto eu odiaria isso. Porque eu não devia odiar. Eu não devia me importar. Eu gosto de outra. Eu sei que gosto.

Eu tenho dito isso para mim mesmo muitas vezes esses dias. Como se eu precisasse me lembrar.

Eu odeio minha vida porque, há uma semana, eu preciso ver a Maria Valentina sorrir para aquele ruivo dos infernos. Preciso vê-lo tocar nela com aquelas mãos imundas (que eu tenho certeza que ficaram tocando outra coisa durante a noite, do jeito que o garoto tem cara de tarado). Eu preciso escutar o riso da nerd e saber que foi Silas Koury que a fez rir, não eu. Eu posso não ter visto, mas eu sei que são os lábios dele que tocam os dela todos os dias. E isso me faz ter vontade de socar alguma coisa.

Lucas já está perdendo a paciência comigo. Meu castigo já acabou e eu recuperei meu cartão de crédito e meu motorista – apesar de ainda precisar dividi-lo com a Lana – mas continuo – palavras dele – me esgueirando por aí com cara de quem foi condenado à morte.

– Sério, cara, você virou um stalker mesmo? – foi o que ele disse no lugar de bom dia naquela manhã.

Virou um hábito chegar cedo à escola. Assim pelo menos eu podia manter um olho na nerd e no palhaço tarado, que também começou a chegar cedo todos os dias. E era mais ou menos isso que eu estava fazendo. Eu não estava perseguindo a garota, o Lucas estava exagerando. Eu só estava escondido atrás de uma coluna com o olhar casualmente anotando cada movimento dos dois pombinhos.

Isso não é ser stalker. Certo?

– Para de falar merda – eu disse para o Lucas, sem tirar os olhos da Maria Valentina, que sorria de alguma coisa que o cabeça de ferrugem havia dito.

– Ok, quando a garota conseguir uma medida de restrição contra você, não vai dizer que eu não avisei – ele retrucou enquanto se escorava na coluna ao meu lado. – E, por falar nisso, aquela prima da Tiffany também. A garota já fica verde só de olhar para sua cara. Não é bem a reação que um cara quer arrancar de uma garota.

– Eu não tenho culpa – eu disse. – Se ela respondesse minhas perguntas sobre a Tiffany, eu pararia de persegui-la.

– Claro, e essa é uma linha de pensamento muito normal – o deboche pingava de sua voz.

– Cala a boca.

– Vince, até você tem que admitir que é estranho. Faz uma semana que você não consegue falar com a sua namorada misteriosa.

– Tiffany não é minha namorada – eu disse.

– ...e fica perseguindo a prima igualmente misteriosa dela por informações. Essa família é tensa. Eles são da máfia, por acaso? – continuou ele como se eu não tivesse dito nada.

Bufei e não disse nada. Do mesmo jeito que eu já estava irritando o Lucas, ele também estava me dando nos nervos. Nem sei bem o porquê, mas cada vez que ele abria a boca para falar da Tiffany – que sumiu do planeta terra há uma semana e aparentemente o alcance do celular dela não vai até Marte – ou da prima dela ou de como eu estou perseguindo a Maria Valentina e o cabeça de abóbora, eu só queria cortar a língua dele. Eu não preciso que ninguém me diga o que eu já sei. Que a garota que eu gosto sumiu e eu fico pateticamente perseguindo uma nerd e seu namorado tarado.

Eu sei que estou agindo como um idiota. Só não consigo me impedir de agir como tal.

– Sério, eu não sei como você aguenta – continuou Lucas. – Essa Tiffany é a namorada mais esquisita que você já te...

– ELA NÃO É MINHA NAMORADA! – gritei, finalmente virando-me para ele.

Lucas piscou, a expressão totalmente chocada. As poucas pessoas que já haviam chegado ao colégio estavam olhando para nós. Até Maria Valentina e o McDonald. Eu senti meu rosto ficando vermelho e minha respiração estava acelerada com a raiva.

– Cara, qual o seu problema? – Lucas soltou.

Eu não disse nada, apenas peguei minha mochila e saí de lá com passos rápidos. Fui direto para a sala, que ainda estava vazia àquela hora e sentei no meu lugar de sempre, largando a mochila no chão e apoiando os braços e a cabeça na mesa.

Por que só o fato de Lucas dizer que Tiffany era minha namorada me deixou tão alterado? Eu a pedi em namoro, do meu jeito torto e estranho, mas pedi. Ela não respondeu, certo, mas se eu pedi, não é por que gostaria que ela dissesse sim?

E por que agora só o fato de eu pensar nisso, me deixa...estranho? Que grande merda.

\*\*\*

Aquele dia de aula durou uma eternidade. Não que não durasse sempre, mas aquele dia foi uma eternidade especialmente longa. O Ronald McDonald se inclinou para cochichar no ouvido da Maria Valentina vinte e três vezes. Vinte e três, não estou brincando, eu contei. Será que ele não via que ela queria se concentrar na aula? Será que não é estranho eu ter contado quantas vezes aquele palhaço se inclinou para falar com minha nerd? Será que eu estou precisando de um terapeuta?

No intervalo, eu fiquei na sala. Meus amigos me olharam incrédulos, mas eu só disse que queria ser deixado em paz. Lucas deu uns tapas no meu ombro e me deixou sozinho também, ele percebeu que era do que eu precisava.

Eu precisava pensar. Ainda preciso. Mas parece que, quanto mais eu tento colocar ordem nos meus pensamentos, mais eles ficam fora do meu controle. Quando eu não sei mais o que pensar, a coisa está bem ruim mesmo, já que eu sempre fui o cara que tinha todas as certezas do meu mundo nas mãos.

Quando o sinal bateu no fim da manhã, eu pensei que já estava enraizado na cadeira. Me levantei sem vontade e peguei minha mochila do chão. Me despedi rapidamente dos meus amigos, agradecendo aos céus por não ter treino de futebol. Eu só queria ir para casa. Saí logo atrás da minha nerd e o maldito cabeça de abóbora. Maria Valentina estava conversando com ele, mas eu não me preendi em suas palavras, apenas no som da sua voz. Quando o palhaço começou a falar, ela deu uma olhada discreta para trás, para mim, e havia um vinco de preocupação entre suas sobrancelhas. Ela parecia preocupada comigo. Eu tentei sorrir, mas acho que não me saí muito bem. Ela sorriu antes de voltar a olhar para o namorado.

Namorado.

Por que eu odiava tanto aquilo? Por que eu tinha vontade de quebrar a cara daquele garoto asmático com cabelo de água de salsicha? Certo que ele era normalmente irritante, mas eu nunca troquei uma palavra com o garoto. E, ao contrário do que as pessoas possam pensar, nem todo o cara popular tem surtos de violência. Eu sou até bem pacífico. Posso dizer, com conhecimento de causa, que os nerds são muito mais adeptos da violência. Então, por que minhas mãos coçavam para que eu desse uma bela surra naquele ruivo tarado?

Talvez a culpa não fosse dele também. Talvez eu só o achasse irritante porque ela gostava dele. Ela falava dele com um sorriso nos lábios. Ela olhava para ele com um brilho diferente nos olhos por trás dos óculos. Ela tinha uma naturalidade e uma suavidade com ele que não tinha com mais ninguém. Que não tinha comigo. Comigo, seus ombros estavam sempre tensos e sua postura era sempre defensiva. Quase sempre, na verdade. Eu não iria esquecer tão cedo de quando a encontrei chorando na sala há uma semana.

Ela estava toda encolhida na cadeira, com o rosto escondido entre as mãos. Tentou me dizer o que estava acontecendo, mas ela falava tão rápido e soluçava tanto, que eu não entendi quase nada. Mas no fim, eu me esforcei para fazê-la sorrir, porque eu amo o seu sorriso.

Espera aí, eu amo o seu sorriso?

Uma garota esbarrou em mim ao passar e me tirou dos meus pensamentos. Quando olhei ao redor, percebi que já estava no pátio lotado de estudantes contentes com o fim da semana e havia perdido Maria Valentina de vista. Bom, já era hora de eu parar de persegui-la, certo? Talvez Lucas estivesse certo e isso realmente fosse estranho. Suspirei e ajeitei a mochila pesada nas costas. Eu devia ser a única pessoa com uma aura negra ao redor da cabeça naquele dia quente e ensolarado. Todos pareciam muito animados. Há pouco tempo atrás, uma simples sexta-feira me deixaria no mesmo estado de felicidade. Não hoje. Continuei andando em direção ao portão da escola, mas pensei ter visto um borrão avermelhado com o canto do olho e estava tão obcecado com a nerd que parei para ver o que era.

Era ela. Aquele era um canto escondido do pátio, atrás de um banco de pedra e uma grande árvore. Me aproximei e vi a MV e o palhaço tarado lá. Eles não me viram, não estavam prestando atenção em nada do que acontecia ao redor deles. A mão nojenta do McDonald estava apoiada no ombro da minha nerd e ele estava inclinado na direção dela. Maria Valentina estava parada como uma estátua, seus braços soltos dos lados do seu

corpo, os olhos fechados. Uma brisa suave e morna bagunçou alguns dos fios do seu cabelo que haviam escapado do coque apertado.

E eles estavam se beijando.

Não parecia ser mais do que um encostar de lábios, mas eu não parei para ver a coisa se desenvolver. Eu saí correndo dali, como um perfeito idiota. O perfeito idiota que eu sou. Meu coração batia rápido quando eu finalmente parei, no portão do colégio. E cada batida parecia doer um pouco mais a cada segundo. Eu sentia que minhas mãos estavam geladas, meus olhos pareciam desfocados.

Maria Valentina estava beijando outro cara.

Mas é o namorado dela, Vince.

Eu fiquei repetindo isso para mim mesmo, como um mantra. É o namorado dela, é claro que eles se beijam, o que eu esperava?

Mas por que eu me sentia traído? Como eu sentia que isso era, de alguma forma, errado? Ela não deveria beijá-lo. Nunca. Ela não deveria beijar ninguém. Mas principalmente, ela não deveria beijar aquele ruivo maldito. Ele não era bom o suficiente para a minha pequena nerd. Ele nunca seria bom o suficiente para ela.

Eu podia ver aquele sorriso bonito dela se fechasse os olhos, podia ouvir o som da sua risada boba, podia ver aqueles olhos...aqueles olhos azuis enevoados, como o céu nublado numa manhã fria. Tão lindos que era difícil encará-los por muito tempo, era até bom que ela os cobrisse com os óculos. Eu perderia o rumo da conversa facilmente se ela os tirasse. Maria Valentina é especial do jeito que todas as meninas gostariam de ser, mas poucas conseguem. Ela é especial sem esforço, ela é linda sem ser bonita, adorável sem tentar.

– Ei, sua lesma, anda logo!

Levantei os olhos e vi Lana gritando pela janela do carro ali na frente. Aparentemente, ela estava parada ali há algum tempo enquanto eu estava no meu transe. Balancei a cabeça para espantar os pensamentos inúteis e fui caminhando com passos pesados e lentos até o carro, em parte para irritar Lana ainda mais, em parte porque eu me sentia meio tonto.

Entre no banco de trás e sentei ao lado da minha adorável prima, que me xingou o caminho inteiro até em casa. Eu apenas a ignorei, o que a deixou ainda mais enfurecida. Lana é muito mais parecida com mamãe às vezes, sempre ignora as pessoas, mas odeia ser ignorada.

Quando chegamos em casa, mamãe não estava lá. Para variar, ela tinha um almoço de negócios. Lana e eu almoçamos num silêncio irritante e, antes de eu ir para o meu quarto, ela disse:

- Eu vou precisar do motorista daqui a pouco, vou sair.  
Dei de ombros.  
– E que horas volta? – perguntei.  
– Não é da sua conta, priminho – respondeu com um sorriso largo.  
– A não ser que queira ir comigo.  
– Passo.  
– Babaca.

Dei de ombros mais uma vez e subi as escadas para ir ao meu quarto. Até os xingamentos de Lana, que sempre me incomodaram tanto, não me faziam esboçar reação nenhuma agora. Sério, acho que preciso de um antidepressivo.

Assim que me joguei na cama e fechei os olhos para descansar por um minuto, senti o celular vibrar no bolso da minha calça. Irritado e cansado, peguei o aparelho e atendi sem ver quem era.

- Vince? – disse a voz do outro lado da linha.  
– Tiffany? – soltei enquanto levantava rápido.  
– É, sou eu. Tudo bem?  
Aquilo era sério?

– Garota, você sumiu a semana inteira! – eu soltei, ficando ainda mais irritado com o fato de ela ligar do nada e agir como se desaparecer por sete dias sem dizer nada fosse normal. – Não atendeu o celular, não respondeu às minhas mensagens...sua prima não quis falar onde você estava...

– Espera um pouco – ela me interrompeu, com uma voz trêmula. – Você disse prima? Que prima?

- É, a que estuda na minha escola. A Geny.  
Silêncio.

- Alô? Tiffany? Você tá aí?  
– Er...sim. E-eu...quer dizer...você quer fazer alguma coisa hoje?

Suspirei e passei a mão pelo cabelo, percebendo que eu tinha estado andando de um lado para o outro pelo quarto. Aquele mistério que envolvia Tiffany tinha sido tão excitante no começo, tinha prendido meus pensamentos a ela, tinha me feito sentir algo que eu nunca havia sentido antes.

Quando havia se tornado cansativo?

– Claro – respondi, indo até a janela e vendo o motorista abrindo a porta do carro para Lana entrar. – Por que você não vem para minha casa?

Talvez se eu visse aquela garota – que era a garota mais bonita do mundo inteiro – eu me sentisse normal de novo. É, era exatamente do

que eu precisava. Uma tarde com a Tiffany. Mamãe e Lana estavam fora então teríamos a casa só para nós. Seria perfeito.

– Ahn...c-claro – respondeu ela, soando meio nervosa. – Agora?

– É.

– Ok, estou indo. Tchau.

– Espera, você não quer saber o endereço? – perguntei, rindo um pouco. Silêncio novamente.

– Ah, claro! – riu ela. – Que cabeça a minha, eu nem sei onde você mora!

Eu ri, dei meu endereço para ela e desligamos.

Pensei em me jogar novamente na cama e cochilar por alguns minutos, mas não sabia quanto tempo Tiffany demoraria para chegar, então achei melhor ir logo tomar um banho e trocar aquele uniforme. Vesti só uma bermuda jeans qualquer, quando saí do banho, e estava secando meu cabelo com a toalha quando uma das empregadas da casa bateu na porta do meu quarto, avisando que eu tinha visita. Ela até que foi bem rápida, ao contrário de todas as outras garotas com quem saí, que achavam que podiam demorar o quanto quisessem e eu ficaria esperando. Vesti rapidamente uma camisa qualquer e desci.

Tiffany estava linda, como sempre. Ela usava um vestido verde musgo com uma estampa tão pequenininha que eu não conseguia identificar o que era. Seus sapatos eram marrons e tinham um salto pequenino, mas ela parecia concentrada em se equilibrar neles. Seus cabelos estavam soltos em pequenas ondas sobre os ombros e ela usava uma fivela de borboleta do lado direito. A beleza dela sempre me emocionava de algum jeito. A garota era simplesmente bonita demais e eu sei que já devo ter repetido isso mais vezes do que posso contar, mas é simplesmente impossível pensar em outra coisa quando você tem Tiffany na frente dos seus olhos.

– Hey – ela disse e sorriu um pouquinho.

– Tudo bem? – eu perguntei, indo até ela.

– Sim. E você?

– Melhor agora.

Ela riu e revirou os olhos, e eu a puxei escada acima, para o meu quarto.

– Bem-vinda aos meus humildes aposentos – falei com um floreio.

Ela riu e disse:

– Muito humildes mesmo, humildes demais para mim.

– Sinto muito, mas eu posso compensar de outras formas – eu disse, chegando perto dela, prendendo-a entre mim e a porta fechada do quarto.

– Sinto que vou me arrepender por perguntar, mas que formas?

Eu não respondi, só segurei em sua cintura e a empurrei contra a porta. Beijei-a antes que pudesse dizer alguma coisa. Seus lábios estavam quentes e ligeiramente trêmulos. Por um momento, ela não respondeu e eu pensei que fosse me empurrar, pois colocou as mãos em punhos no meu peito com um pouco de força. Mas esse momento de indecisão pareceu não ter existido um segundo depois, quando ela passou os braços pelo meu pescoço e me abraçou forte, entreabrindo os lábios e deixando-me aprofundar o beijo.

Ela tinha gosto de pasta de dente de uva.

Eu passei os braços por suas costas, tentando trazê-la para mais perto, se é que era possível. Sem deixar de beijá-la, fui puxando-a em direção à minha cama. Empurrei-a delicadamente e a fiz se deitar de costas, parando de beijá-la por um momento e deitando-me ao seu lado. Ela se virou para me olhar e deu um sorriso fraco enquanto suas bochechas se tingiam do mais adorável tom de rosa. Eu sorri também e segurei a mão dela com a minha, entrelaçando nossos dedos. Aproximei-me e a beijei de novo.

Mas ao mesmo tempo, sentia que algo estava muito, mas muito errado mesmo.

Como aquele beijo podia ser tão perfeito se eu tinha outra garota na cabeça?

\*\*\*

– Então, qual foi seu primeiro amigo na infância? – Tiffany perguntou enquanto mexia nos meus cabelos.

Depois de ficarmos nos beijando por um longo tempo, eu sugeri que assistíssemos um filme, mas ela disse que só podia ficar por mais uma hora e não daria para ver até o fim. Então ficamos apenas largados no meu quarto – ela sentada na cama e eu com a cabeça apoiada em seu colo – conversando sobre tudo e nada.

Não sei como, acabamos fazendo perguntas aleatórias um para o outro.

– O nome dele era Bob – respondi, de olhos fechados. – E ele era imaginário.

– Você teve um amigo imaginário? – ela perguntou, rindo. – Você não parece ter muita imaginação...

Eu abri os olhos e peguei uma das mãos dela que estavam no meu cabelo e tentei mordê-la, mas ela gritou e riu e se afastou de mim.

– Eu tenho muita imaginação sim, ok?

– Se você diz... – ela falou, ainda sorrindo, e voltou para o mesmo





lugar, com minha cabeça apoiada no colo.

– E você, teve um amigo imaginário? – perguntei, voltando a fechar os olhos ao sentir as mãos dela no meu cabelo.

– Não, eu...não fui uma criança surtada – ela respondeu rindo.

– Eu não era surtado! – reclamei. – Era uma criança normal!

– Tá sei...mas e como foi o seu primeiro beijo?

Pensei um pouco e respirei fundo antes de responder:

– Foi muito bom, é claro!

Na verdade foi horrível. Eu tinha 11 anos e a garota tinha 13, e não era o primeiro beijo dela. Eu fiquei muito nervoso porque não queria que ela me visse como um garotinho inexperiente e acabei pisando no pé dela sem querer, tropeçando e, quando nossas bocas se chocaram foi com tanta força que eu consegui abrir meu lábio superior.

Foi um banho de sangue. Literalmente.

Mas eu não podia contar isso para ela. Nem para ninguém, é claro. Só quem sabia era o Lucas e ele não perdia uma oportunidade de me zoar pelo meu primeiro beijo sangrento. E isso já era suficiente.

– Qual foi a coisa que você sempre quis fazer, mas não teve coragem? – perguntei, querendo fugir do assunto “primeiros beijos”.

Abri os olhos quando percebi que ela continuava calada. Ela estava com o olhar perdido e, enquanto uma de suas mãos continuava passeando pelo meu cabelo, a outra estava apoiando seu queixo, os dedos batendo de leve em suas bochechas.

– Ei, ruivinha, não vai responder?

Ela pareceu acordar dos seus devaneios e olhou para mim de lado, com um sorrisinho apenas num canto da boca.

– Uma tatuagem, eu acho – finalmente respondeu, voltando a olhar para o vazio. – Acho que seria...libertador. Como um protesto.

– Um protesto contra o quê? – fiquei curioso.

Ela balançou a cabeça e olhou para mim, ficando corada.

– C-contra nada em especial – gaguejou e franziu as sobrancelhas.

– Contra garotos que perguntam demais!

Eu ri e desfiz o franzido entre suas sobrancelhas com o polegar.

– Pensei que esse era o propósito do nosso joguinho.

– É, mas é minha vez de perguntar – ela argumentou.

– Ok, vá em frente. Mas espera um segundo.

Levantei-me e fui até a mesa para pegar um marcador preto.

– O que você vai fazer com isso? – Tiffany perguntou quando eu me aproximei e tirei a tampa do marcador.

– Realizar seu sonho – respondi e puxei a mão esquerda dela.  
A garota não parou de sorrir um segundo enquanto eu desenhava uma estrela completamente torta nas costas da sua mão.

– Se isso fosse uma tatuagem de verdade, eu te processaria – ela disse, mas ainda sorria.

Eu dei de ombros e voltei a me deitar com a cabeça em seu colo.

– Mal agradecida...faz logo a sua pergunta.

Ela pensou um pouco antes de perguntar, com um sorriso irônico:

– Qual foi a coisa mais idiota que você já fez na vida? E eu sei que é difícil, mas vai ter que ser só uma, tá?

– Muito engraçadinha você – retruquei, rindo um pouco.

Aí parei para pensar. A coisa mais idiota que eu já fiz? Tiffany tinha até razão, foram muitas coisas, mas eu nunca admitiria, claro. Resolvi contar uma meio recente – da época que eu namorava a Roberta – e que era uma das mais ridículas mesmo.

– Eu entrei no banheiro de uma garota uma vez e vi um vidro com um líquido cor de rosa – contei, omitindo que a garota era, na época, minha namorada. – Achei que era antisséptico bucal e joguei metade na boca.

– E o que era? – ela perguntou, já parecendo estar segurando o riso.

Eu me levantei do seu colo e a olhei com uma expressão sofrida.

– Adstringente – respondi.

Antes que eu terminasse de dizer a palavra, Tiffany já estava se contorcendo em gargalhadas. Pequenas lágrimas até escorreram de seus olhos de tanto rir. Eu não pude me impedir de acompanhá-la. Era mesmo engraçado.

Mas enquanto estávamos lá rindo, eu senti algo estranho. Acho que poderia chamar de epifania. Eu imaginei que a Maria Valentina estava ali, não a Tiffany. E comecei a pensar nela. A ver seu rosto. Ouvir sua voz. Repassar todos os nossos momentos juntos em minha cabeça.

*“– Vem cá – ela disse, aparentemente se recuperando do susto. – Você nasceu sem cérebro mesmo ou perdeu ele numa aposta? Já disse que não gosto de ninguém e não quero ter nada a ver com você! É tão difícil assim de entender?”*

*“— O meu problema — ela disse, se levantando e começando a guardar o material na mochila, parecendo furiosa — é que, enquanto eu estou aqui contra a minha vontade, mas me esforçando para fazer você aprender alguma coisa, você fica aí com essa cara de tapado, pensando na morte da bezerra.*

— Na verdade, era na morte da mosca...Aaaai! — esse caderno dela é uma arma! — Dá para parar de me bater?  
— Não! Você merece apanhar mesmo!”

“— Eu... — comecei, mesmo sem ter a menor ideia do que dizer.  
— Nós temos um acordo, certo? — ela me cortou, sua voz fria.  
— Não vou voltar atrás só porque você é um idiota. Aliás, não é como se fosse muita novidade, não é?”

“— Vicente — ela disse finalmente, parecendo mais calma. — Olha para mim — pediu.  
— Mas eu estou olhando! — exclamei. Ela tinha fumado o grafite da lapiseira ou era doida assim o tempo todo?  
— Não, não está! Olhe de verdade!”

“— Então você quer ser meu amigo para que eu pare de bater em você?  
— Confesso que a ideia passou pela minha cabeça. E não é de todo má. Ela riu e então levantou a mão para mim.  
— Amigos? — perguntou.  
Eu apertei a mão dela com a minha.  
— Amigos — confirmei, sentindo-me estranhamente satisfeito.”

“— Pensei que você tivesse parado de me chamar desse jeito, Cérebro de Mosca — ela disse, sorrindo por entre as lágrimas que ainda marcavam seu rosto e segurando minha mão.  
— Eu paro se você parar.  
— Eu não vou parar, Cérebro de Mosca Aleijada.  
— Ótimo, porque eu adoro chamar você de Maldita Valentina. Ela riu e, antes que eu percebesse, enlaçou seus braços em volta da minha cintura e escondeu o rosto na minha camisa.  
— Obrigada — ela disse, a voz abafada pelo tecido. — Obrigada por ter vindo.”

“— Vamos dançar — eu propus. Ela começou a balançar a cabeça em uma negativa apressada e a lutar para se livrar das minhas mãos em seus ombros.  
— Nem pensar! Nem pensar! — ela gritou, horrorizada. — Nós não temos doze anos, Vicente, por favor!”

E principalmente, aquele acidente. Um acidente doce e macio. Aquele beijo que eu não podia tirar da cabeça. Eu estava tão frustrado naquela noite, tão irritado. E a pequena MV estava horrorosa naquelas roupas, mas foi a única vez em que a vi com um penteado diferente. Ela estava com uma trança. E seu cabelo era tão comprido que eu tive vontade de soltar os fios e passar as mãos por eles. Pareciam ser macios. Do que estou falando? É claro que eram macios, era a minha nerd, não podia ser diferente.

Como eu gostaria de poder ter tirado aqueles malditos óculos antes de beijá-la. Eu gostaria de ver seus olhos no momento em que nossos lábios tocassem um ao outro. Queria ler aquele azul acinzentado tão único. Eu queria beijá-la de novo. E de novo. E mil vezes. Por mil anos.

Eu queria que ela estivesse ao meu lado agora. Eu queria ter contado a ela a história do adstringente. Eu queria ter ouvido a risada dela. Queria tê-la escutado me chamar de idiota e ajeitado os óculos no rosto, porque eles estariam escorregando de tanto que ela riria.

Eu não podia dar um nome a esse sentimento. Eu só sabia que era ela quem eu queria ali, comigo, naquele momento. Não Tiffany.

– Vince, tudo bem? – ouvi Tiffany perguntar, balançando a mão na frente do meu rosto.

Eu a fiz abaixar a mão e a olhei nos olhos, mas sem vê-la de verdade. Eu não podia ver mais nada do que estava na minha frente.

– Eu sinto muito, Tiffany – finalmente disse, soltando o braço dela. – Eu sei que é repentino. Eu sei que isso vai fazer de mim o maior canalha da face da terra e você tem todo o direito de me odiar, mas...acho que é melhor a gente não se ver mais.

Ela ficou uns segundos em silêncio, antes de soltar:

– O quê?

– Eu sei – falei, levantando-me e calçando um chinelo qualquer que estava ali, sem nem prestar atenção ao que estava fazendo. – Desculpa. De verdade. Mas eu preciso ir agora. Eu preciso fazer uma coisa importante. Tchau – e me apressei para fora do quarto.

– Mas espera! – ainda a ouvi gritar. – Essa é a sua casa! O que você tá fazendo?

Sim, era covarde, eu sei disso. Mas eu não podia lidar com Tiffany quando estava tão cheio de Maria Valentina. Eu precisava vê-la. Precisava...nem sei o que eu realmente queria. Saí do meu condomínio e não olhei para trás nem uma vez. Eu só senti que devia estar com ela, correr até ela.

E era o que eu estava – literalmente – fazendo. Estava correndo pelas ruas, como nunca fiz. Parei por um segundo. Qual era o meu problema? Onde diabos eu estava com a cabeça? Eu estava parado no meio da calçada e um homem esbarrou em mim. Eu não liguei. Acabei indo me encostar na parede de uma loja de conveniência que havia ali. Senti o celular vibrar no bolso da bermuda e o peguei mecanicamente.

– Alô? – perguntei.

– Hey, Vince – a voz de Lucas soou. – Tudo bem, cara? Você parecia bem acabado hoje na escola.

– Eu encontrei com a Tiffany hoje – eu respondi, sem saber exatamente o que dizia nem por que.

– O quê? Como assim? Onde? – ele soltou as perguntas sem respirar.

– Ela me ligou e eu a convidei para ir lá para casa – respondi.

– E ela disse por que sumiu por todos esses dias?

– Não, eu não perguntei.

– Vince, você tá doido? – meu amigo fez a pergunta que, no fundo, estava martelando na minha cabeça.

– Acho que sim – respondi, sentindo minha respiração entrecortada e ouvindo meu sangue bombeando nos ouvidos. – Lucas, enquanto eu estava com ela, eu só conseguia pensar na Maria Valentina. A nerd! Eu só penso nela, o tempo todo. Eu tenho raiva daquele maldito palhaço que ela está namorando! Hoje eu vi os dois se beijando e foi como...foi como quando o papai morreu e eu percebi que estava sozinho. Eu estou me sentindo assim agora, Lucas. Eu não quero ver a Maria Valentina com aquele ruivo tarado, eu a quero comigo. Eu preciso dela. O que tá acontecendo comigo?

Ouvi apenas a respiração do meu amigo do outro lado da linha por algum tempo, até que ele disse:

– Vince, eu realmente esperava não precisar te dizer isso. Mas você está apaixonado pela Maria Valentina. E já faz algum tempo.

As palavras dele pesaram na minha cabeça. Mas era algo tão absurdo que eu neguei na mesma hora. Era o que eu esperaria de mim mesmo se alguém dissesse que eu estava apaixonado pela nerd. Eu nem pensei antes de falar:

– Você bebeu? É claro que eu não estou apaixonado por ela! Como eu poderia? Ela é nerd, estranha, não é atraente...o que eu veria nela?

E, ao ouvir as palavras que saíam da minha boca, eu me senti realmente estúpido. Esse cara não era mais quem eu era. Era o Vince Müller

babaca de semanas atrás. Eu não tinha porque dizer essas coisas. Eu sabia o quanto a minha nerd era especial e linda do seu próprio jeito, e eu...

Eu estava apaixonado por ela.

– O amor é cego, surdo, burro e manco, meu amigo – Lucas disse no telefone. – Não importa se ela é feia ou bonita, estranha ou normal. Não importa nem se ela tiver um olho faltando, se você gosta dela. E você gosta. É o fim da linha cara. Você está irreversivelmente apaixonado por uma nerd chamada Maria Valentina. Não tem mais como negar.

Ele estava certo. Droga, ele estava muito certo.

Eu... eu...

– Eu estou apaixonado pela Maria Valentina – tentei falar em voz alta e minha voz soou surpreendentemente clara.

– É isso aí, cara.

– E o que eu faço? – perguntei desesperado.

Lucas suspirou e depois praticamente gritou:

– Deixa de ser idiota e vai atrás dela! Já estava na hora de aquele ruivo maluco rodar mesmo...

Eu não esperei para ouvir o que mais ele tinha para dizer. Eu precisava pensar, mas algo me dizia que eu não poderia passar muito tempo pensando. Eu tinha aquele sentimento de urgência, como se eu tivesse que tomar uma decisão rápida ou iria perder algo muito importante. Eu precisava decidir o que fazer. E precisava fazer aquilo sozinho.

Desliguei o celular e o coloquei de volta no bolso.

Comecei a andar meio sem rumo, devagar, mas com os pensamentos em turbilhão. Eu ainda não tinha tido tempo para assimilar a grande verdade sobre mim. Eu estava apaixonado por uma garota a quem nunca havia olhado duas vezes antes de precisar dela. Uma garota que não era, nem de longe, o tipo que normalmente me atraía. Uma garota que, desde o início, eu sabia que significava problema.

E eu estava certo.

Ela era um grande problema.

Mas...era o meu problema. Ou pelo menos eu gostaria que fosse.

Eu não podia evitar me apaixonar por ela. Mas também não podia ter previsto isso. Era algo que, ao mesmo tempo em que me surpreendia, eu não conseguia deixar de pensar que era...certo de algum jeito. Que eu deveria ter esperado por isso. Que a garota ruiva e pequenininha, que gostava de South Park, de fazer doces e de estudar era aquela para mim.

Começou a chover, mas eu não me importei. Fui andando devagar, tomando meu tempo, até a casa de Maria Valentina. Não me importei de

estar ficando mais encharcado a cada segundo. Não me importei com o cabelo grudando em minha testa. Não me importei com mais nada. Eu só precisava vê-la.

Mesmo com todo o tempo que passei vagando por aí, não pensei no que faria quando a visse. Não planejei nada. Talvez fosse meio bobo, mas eu só pensei em ir até lá e...dizer como eu me sentia. Sim, uma declaração. Não existe nada mais fora de moda, mas era o que eu realmente gostaria de fazer. O que eu sentia que devia fazer.

“Oi, Maria Valentina, tudo bem? Eu estava passando pela vizinhança e lembrei que estou apaixonado por você. Por falar nisso, quando você vai me ensinar a matéria de biologia?”

Patético, mas pela primeira vez na vida, eu queria ser patético.

O amor é cego, surdo, burro e manco.

É mesmo. E quer saber? Eu não me importava nem um pouco.

Umás duas horas depois que saí de casa, finalmente cheguei à casa da minha nerd. A chuva continuava caindo forte e eu estava completamente ensopado. Confesso que travei por um momento antes de atravessar o jardim. Minhas pernas e mãos tremiam um pouco e minha respiração estava ofegante. Então era isso. Eu iria simplesmente bater lá e dizer “nerd, eu gosto de você” sem nem levar flores ou bombons, nada?

Eu podia ter pensado em pelo menos comprar o DVD com o filme do South Park. Acho que ela gostaria mais.

Mas eu não podia adiar isso. Eu compraria as flores, os bombons, o DVD do South Park depois. Eu sabia como ela se sentia sobre aquele namorado dela e eu sabia que havia uma boa chance de ela simplesmente dizer “obrigada, mas eu não me sinto do mesmo jeito”. Mas eu precisava ser corajoso e tentar. Eu precisava ser sincero se quisesse ter uma chance. E, se realmente houvesse uma mínima chance de ela corresponder ao que eu sentia, eu precisava ser só eu agora. Sem nada, só o que eu sentia.

Certo, eu sei como isso soa, mas no momento realmente não me importo de soar bobo e clichê.

Respirei fundo e, reunindo toda a minha coragem, atravessei o jardim e parei na porta dela. Antes que pudesse realmente pensar sobre isso, apertei a campainha. O som saiu cortante em meus ouvidos. Meu coração parecia que iria saltar do peito. Minhas mãos estariam suadas se não estivessem molhadas de chuva. Eu nunca havia me sentido tão nervoso em toda a vida.

Era uma sensação assustadora e incrível.

Boa. Viva.

A porta finalmente se abriu e eu pude ver a minha nerd me olhar atônita.

Ela estava vestida com uma calça de moletom e a minha camisa do South Park. Sorri ao vê-la vestida assim. Se dependesse de mim, ela nunca mais tiraria aquela camisa.

– O que aconteceu com você? – ela perguntou, chocada. – Por que você saiu na chuva?

Eu respirei fundo e a encarei, desejando ver por trás daqueles grossos óculos.

– Eu preciso te dizer uma coisa, Maria Valentina – eu disse.

Ela engoliu em seco.

– O quê? – perguntou com a voz fraca.

Eu me aproximei para tirar os óculos do seu rosto – eu precisava olhar em seus olhos para dizer que estava apaixonado por ela – mas ela rapidamente tentou me impedir, levando as mãos até o rosto. Eu fui mais rápido e consegui puxá-los dela.

Algo capturou minha visão.

Os óculos caíram no chão e se partiram ao meio.

E eu vi, borrado como se ela tivesse esfregado com água e sabão, um desenho na mão esquerda da Maria Valentina.

Uma estrela.

Uma estrela muito torta.



23



# *Eu não sei quem é você*

MEU CORAÇÃO PAROU.

Eu esqueci de respirar por um momento.

Eu não conseguia ver a expressão dele. Seu rosto estava embaçado e meus óculos, quebrados no chão. Mas eu não precisava ver. Eu podia seguir a direção do seu olhar e, quando finalmente tentei esconder minha mão, era tarde demais.

Eu não queria que fosse assim. Eu tentei dizer tantas vezes, mas eu tive tanto medo... eu...

Não assim. Não podia ter sido assim.

Eu não consegui dizer nada. Minha cabeça rodava com tantos pensamentos. Eu queria pedir desculpas, queria explicar tudo, queria dizer que eu não queria machucá-lo, não queria ter mentido para ele, que eu me arrependia, queria dizer tantas coisas...

Eu te amo. Me perdoa. Vicente, eu... Eu te amo.

Mas eu não consegui dizer nada. Eu queria dizer, mas minha boca não se mexia. As palavras gritavam em minha cabeça, mas, de algum modo, eu não conseguia colocá-las para fora.



Desculpa.

Ele se aproximou e, antes que eu pudesse realmente entender o que estava acontecendo, ele levou as mãos até meus cabelos, puxando os grampos que prendiam o coque. Meus fios caíram em volta do meu rosto sem que eu pudesse fazer nada para impedir. Fechei os olhos. Vicente não se afastou, mas pegou minha mão, a mesma em que ele havia desenhado horas antes.

Eu abri os olhos e vi o desenho borrado nas costas das minhas mãos. Eu me apaixonei por ele um pouco mais quando ele fez aquilo. Realizando meu sonho de um modo tão natural e descuidado que eu quase senti meu amor por ele transbordar.

Ele estava perto agora, suas mãos geladas e molhadas na minha. Levantei os olhos e eu podia vê-lo bem melhor, mas seus cabelos escuros cobriam seus olhos enquanto sua cabeça continuava abaixada. Seus lábios estavam muito apertados e eu podia ver gotas d'água em sua pele.

Não vou mentir. Um pedaço de mim tinha esperanças de que ele me entendesse, me perdoasse. Mesmo que eu não pudesse dizer nada, que ele conseguisse ler em meus olhos. Que pudesse ver o quanto eu me importava com ele. O quanto eu o queria ao meu lado.

Vicente largou minha mão e me deu às costas sem dizer nada, indo embora.

Seus passos eram lentos, mas firmes. A chuva continuava caindo com força sobre ele e eu soube que, se não falasse nada agora, o perderia para sempre. Como amiga, como qualquer coisa. Vicente podia não me amar como eu gostaria, mas éramos amigos e eu menti para ele. Eu o traí. E isso sempre machuca.

Eu o havia machucado.

Ele já estava na rua quando eu saí correndo para alcançá-lo. A chuva de verão forte e gelada em minha pele, grudando meus cabelos soltos no pescoço e nas costas. Não me importei, eu só precisava chegar até ele, pará-lo, fazê-lo me ouvir, me perdoar.

Eu precisava que ele me escutasse.

– Vicente! – gritei para ser ouvida sob o ruído da chuva. – Vicente, espera!

Ele não parou, mas eu o alcancei e segurei-o pela camisa. Ele parou, mas continuou de costas para mim. Eu o soltei e fiquei olhando para o asfalto molhado, apoiando minhas mãos no joelho. Respirei fundo e fitei suas costas.

– Vicente, eu... – comecei, trêmula, tentando controlar as lágrimas.  
– Me desculpa, eu não queria, eu juro...eu...



Eu não estava fazendo o menor sentido, claro. Eu nem saberia por onde começar, já que a culpa era minha mesmo. Como eu podia ter sido tão idiota? Por que eu não consegui ser corajosa? Tive tantas chances, mas mesmo assim não fui capaz de contar a verdade para ele. Eu fui fraca, covarde. Egoísta. A cada momento, eu o quis para mim só mais um pouco. E mais um pouco. E mais um pouco. Eu o queria para sempre. Queria tê-lo ao meu lado a cada segundo.

E agora pagaria por isso. Por amá-lo tanto que não pude ser sincera.

Eu merecia o ódio dele, o desprezo dele. Eu sabia disso. Se fosse ao contrário, eu nunca o perdoaria. Eu o odiaria para sempre se ele tivesse mentido desse jeito para mim.

E mesmo assim eu esperava por seu perdão. Mesmo assim eu queria que ele sorrisse para mim e dissesse que tudo estava bem. Que não tinha sido nada.

O quão patética uma garota pode ser? Porque eu tinha que estar batendo algum recorde.

Finalmente, Vicente se virou para mim. Eu me aqueci para olhá-lo, embora não pudesse me obrigar a encarar seus olhos. Ofeguei de surpresa quando senti suas mãos em meus ombros e levantei meus olhos.

Finalmente vi os dele.

Não consegui mais segurar as lágrimas quentes que se confundiam com a chuva fria em meu rosto. Os olhos dele não me fitavam com ódio. Nem desprezo.

Eram olhos partidos. Quebrados. Sem o brilho que eu estava tão acostumada a ver naquele rico castanho escuro. A dor era tão palpável que eu sentia que poderia esticar minha mão e tocá-la. E ele me fitava intensamente, sem esconder nada. Sem disfarces ou subterfúgios.

Ao contrário de mim, ele estava sendo honesto.

– Eu não sei quem é você – foi só o que ele disse e sua voz era baixa e machucada.

Então me soltou e se virou para ir embora. Seus passos continuavam lentos e ele não olhou para trás nem uma vez. Eu sei porque fiquei ali parada, na chuva, até vê-lo desaparecer na curva da esquina.

Eu não sentia nada. Nada além das lágrimas no meu rosto. A dor viria depois. Quando eu finalmente compreendesse o que havia acabado de acontecer, porque a verdade é que eu ainda não entendia. Desabei no chão, sentindo o asfalto machucar meus joelhos mesmo através do tecido da calça. Não me importei com a dor. Eu não conseguia senti-la de verdade. Era mais como se eu soubesse que estava doendo, que devia doer, mas a dor não me alcançava.

A expressão no rosto de Vicente não abandonava minha cabeça. Eu continuava a ver a dor crua e verdadeira em seus olhos, como se ele estivesse ali. Como se a imagem tivesse sido marcada em meus olhos. E depois, suas costas. A última coisa que eu vira dele. Suas costas enquanto ele ia para longe. Para longe de mim. A chuva caía sobre ele e as gotas se prendiam em seus cabelos escuros. E ele foi embora.

Ele foi embora.

E eu só podia pensar que doeria menos ter visto ódio ou desprezo nos olhos dele.

Eu não sei quem é você.

É, não demorou.

A dor que eu causei a ele me machucou mais do que eu poderia sequer imaginar.

\*\*\*

– Onde você estava? – Geny me perguntou quando entrei em casa toda molhada. Ela parecia ter acabado de chegar. – Você saiu na chuva? Por que a porta estava aberta quando eu cheguei? – ela perguntava enquanto eu me arrastava até as escadas, sem respondê-la. – Tina, tá me ouvindo?

Ela parou na minha frente, me impedindo de continuar. Há alguns dias que minha irmã estava agindo de modo estranho, mas até hoje eu não havia percebido o quanto ela havia escondido de mim.

Quando liguei para o Vicente e ele falou sobre a minha prima, foi como estar distraída e levar uma bolada na barriga na aula de educação física. Eu realmente não estava esperando por aquilo. Geny não estava em casa naquela hora, estava – como sempre ultimamente – na casa da Sarah, e eu não pude falar com ela sobre aquilo. Mas agora ela estava na minha frente.

Aquela não era a melhor hora, mas eu estava cansada de mentiras. Eu só queria entender tudo aquilo de uma vez.

– Por que você não me contou que conversou com o Vicente? – perguntei de repente.

Ela arregalou os olhos e ficou com o rosto vermelho.

– Do que você está falando? – ela perguntou de volta.

Eu baixei o rosto e respondi:

– Sobre você ter dito que era prima da Tiffany.

– C-como você soube disso? – ela gaguejou.

– Ele me contou – respondi.

Ela virou o rosto, parecendo meio nervosa.

– Bom, ele me viu na escola e me confundiu com você – disse, passando a mão pelos cabelos. – Eu ia te contar, mas eu... –

– Mas o quê? – soltei, acusadora. – Esqueceu? Esqueceu de contar que o garoto de quem a sua irmã gosta, por acaso, estava a um passo de descobrir todas as burradas que ela fez?

– Tina, eu...

– Quando você começou a esconder as coisas de mim? Isso era importante! Por que você não me contou? Você nem se importa, não é? Há dias que a gente nem conversa, que você nem fala comigo direito! Desde quando você é tão egoísta?

Eu não sabia o que estava acontecendo comigo ou o que me fizera dizer aquelas coisas. Eu só estava tão frustrada! Estava tudo desmoronando ao meu redor. A escola, meus amigos, minha família... o que faltava para eu ter minha vida destruída de vez? Tudo o que eu queria era poder voltar no tempo e desfazer tudo o que tinha feito, todas as decisões estúpidas que haviam me levado até aquele ponto em que não havia mais volta. Na verdade, eu queria voltar no tempo em que minha maior preocupação eram as provas bimestrais!

Por que as coisas tinham se complicado tanto?

Geny me empurrou e eu me desequilibrei e quase caí no chão. Surpresa, virei-me para olhá-la e arregalei os olhos ao ver grossas lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

– Egoísta, eu? – ela disse por entre as lágrimas. – Como você tem a coragem de dizer isso pra mim? Logo você! É claro que faz dias que a gente não conversa! Afinal, sobre o que conversaríamos? Sobre você e essa sua maluca crise de identidade e como o amor da sua vida não gosta de você a não ser quando você finge que é outra pessoa? Sobre como você é sempre a mais inteligente e ninguém consegue chegar aos seus pés? Sobre como você não se importa nem um pouco com o fato de que está indo para a Romênia e eu vou ficar aqui? É tudo sobre você. Tina, Tina, Tina! É tudo sobre você o tempo todo!

Ela começou a soluçar. Com um punho, esfregou os olhos, mas as lágrimas não paravam de cair. E, mais uma vez naquele dia, eu não conseguia dizer nada. Eu só pude observar enquanto minha irmã chorava e dizia aquelas coisas para mim.

– Como você acha que eu vou ficar sozinha? – ela continuou, a voz baixa. – Quem vai me ajudar com o papai? Quem vai cuidar de

mim? Certo, isso pode ser egoísta da minha parte, mas você também é, Tina. Você só se importa com você mesma, com os seus problemas! E os meus? Qual foi a última vez em que você perguntou algo sobre a minha vida? Aliás, qual foi a última vez em que você perguntou se eu estava bem?

Ficamos paradas pelo que me pareceram horas, eu encarando Geny e ela soluçando, as lágrimas descendo sem controle pelo seu rosto e pingando no chão. Depois disso ela virou e subiu as escadas correndo enquanto eu, pela segunda vez naquele dia, via uma pessoa que amava se afastar de mim. Mas no topo da escada, ela parou e, ainda de costas, disse:

– Pensa nisso antes de vir me acusar de ser egoísta. Você estava tão cheia de coisas na cabeça, com tanto com o que se preocupar, que eu não quis colocar mais um peso sobre seus ombros. Eu pensei que pudesse resolver tudo sozinha. Como você sempre fez comigo enquanto crescíamos...eu quis te proteger. Desculpa se não foi o bastante.

Ela entrou em seu quarto e bateu a porta. Eu pude ouvir o barulho da tranca se fechando. Pareceu estranhamente alto para os meus ouvidos. E, antes que eu pudesse perceber, estava chorando de novo. Como as da minha irmã, minhas lágrimas deslizavam pelas bochechas e pingavam no assoalho, uma atrás da outra. Mas, ao contrário de Geny, eu não soluçava. Aquelas eram lágrimas silenciosas, as que escapam dos seus olhos quando você percebe que cometeu um grande erro.

Mais um.

Como eu pude ter sido tão cega? Como eu pude ter agido daquele jeito com a minha irmã? Ela tinha toda a razão, eu a coloquei em segundo plano, eu... eu ignorei seu estranho modo de agir, mesmo sabendo que ela não costumava fazer esse tipo de coisa. Eu não me preocupei com ela. Eu não cuidei dela.

É, agora eu podia ver as coisas mais claramente. E eu tinha sido sim egoísta. Com tudo. Mas o pior era que eu havia quebrado minha promessa. Eu prometi, quando mamãe foi embora, que cuidaria da Geny e faria de tudo para que ela fosse feliz. Minha palavra valia tão pouco?

Depois de dias de mentiras e trapanças, eu estava começando a achar que sim.

Vicente estava certo ao dizer que não me conhecia. Nem eu sabia mais quem era.

A porta de casa foi aberta atrás de mim e papai entrou, eu pude ouvi-lo fechando o guarda-chuva.



– Maria Valentina – ele chamou, mas eu não me virei. – O que aconteceu com os seus óculos? Eu os achei no chão, perto da porta, quebrados. Maria Valentina?

Eu não me virei para ele, só comecei a subir as escadas e disse:

– Eu os deixei cair.

– Maria Valentina! Não fale comigo de costas! – papai esbravejou.

É, era uma grande falta de respeito.

Mas eu não me importava. Continuei subindo devagar porque meus olhos marejados impediam-me de enxergar direito. Sem óculos então, era ainda mais difícil.

– O que há com você? – papai falou de repente, subindo as escadas atrás de mim e segurando meu ombro para me fazer virar para ele. – O quê...? – parou ao ver meu rosto. – O...o que aconteceu?

Eu me soltei dele e terminei os degraus o mais rápido que consegui, o que não era muito rápido de qualquer jeito.

– Só por hoje...você pode me deixar em paz? – eu disse antes de correr até o fim do corredor para a escada que dava ao meu quarto.

Assim que cheguei, me joguei na cama, molhada mesmo. E chorei. Chorei porque eu estava tão errada e tão sozinha. Eu não tinha ninguém para me dizer que, apesar de tudo o que eu fiz, havia uma chance de consertar as coisas.

Porque não havia ninguém. Eu consegui afastar todo mundo com minhas mentiras e meu egoísmo.

E porque não havia jeito de consertar aquela bagunça toda.

No fim, mesmo que fosse covarde, eu estava até feliz de ir embora. Não sabia se Geny seria capaz de me perdoar por ser egoísta mais uma vez, mas eu precisava ir embora. Não era apenas a saída mais fácil. Era a única saída para mim. Eu sabia que, mesmo quando estivesse na Romênia, não conseguiria esquecer tudo nem perdoar a mim mesma, mas pelo menos não precisaria enfrentar as consequências dos meus atos todos os dias.

Sim, covarde, fraca, estúpida, patética. Essa sou eu.

Não sei ao certo quando parei de chorar, deve ter sido porque eu não parei. Chorei até dormir. Completamente vestida, molhada, encolhida na cama como uma criança.

Ninguém, nem mesmo meu pai, veio atrás de mim.

E mesmo em sonhos, eu podia ver o rosto de Vicente e seus olhos escuros mergulhados em dor.

Eu não sei quem é você.

\*\*\*

– Não, tudo bem. De verdade, você não precisa vir aqui.

Era segunda-feira e eu estava falando com Silas ao telefone. Ele havia ligado para saber se eu estava bem já que faltei à aula. Depois de ter dormido com roupas completamente encharcadas, eu havia acabado com um forte resfriado.

Isso nunca havia sido motivo para eu faltar aulas antes, mas agora me parecia a perfeita desculpa. Nunca havia imaginado que pudesse ficar feliz por estar doente.

– Tem certeza? – Silas perguntou do outro lado da linha. A aula havia acabado de terminar e eu podia saber que ele ainda estava no colégio, só pelos ruídos de jovens barulhentos ao fundo. – Sua voz está bem ruim.

– Sim, mas não precisa se preocupar. E, bom, eu não quero mais problemas com o meu pai.

– Tudo bem, eu entendo. Você acha que ficará bem para vir à aula amanhã?

– Não sei... – que Deus não permitisse. – Mas eu aviso qualquer coisa. Ouvi um suspiro profundo vindo dele.

– Certo. Bom, melhoras, ok? – ele disse, tentando soar otimista, mas parecendo meio para baixo. – Tchau.

Meu coração se apertou.

– Espera! – falei, antes que ele pudesse desligar.

– O que foi? – ele perguntou, imediatamente preocupado.

– Eu preciso conversar com você. É importante. Eu não sei se estarei bem para ir à aula amanhã, mas eu preciso ir quarta-feira de qualquer jeito. Ainda não peguei o formulário de transferência.

– Então a gente conversa na quarta-feira?

– Sim...

– Por mim tudo bem. Se precisar de algo me liga.

Finalmente nos despedimos e desligamos.

Ainda havia o Silas. Mais um erro para a minha coleção. Eu, por muito tempo, achei que estivesse apaixonada por ele e agora ele era meu namorado.

E eu o havia traído.

Eu, Maria Valentina, a nerd certinha que, até se apaixonar pelo popular Vince Müller, nunca havia feito nada de muito errado na vida.

Não importava o quanto eu pensasse sobre isso, não havia realmente uma desculpa. Nada que pudesse minimizar minha culpa. E só havia



uma coisa a ser feita. Eu precisava contar a verdade a ele. Errei ao mentir para o Vicente por tanto tempo e deixar as coisas acontecerem daquele jeito, mas não faria isso de novo. Aprendi minha lição. Eu não podia ser covarde mais uma vez. Se havia apenas uma chance para que eu fizesse as coisas certas, eu tinha que fazer. Precisava ser honesta.

Se eu estava assustada? Sim. Afinal, mesmo que eu não amasse Silas como pensei que amava por tanto tempo, eu ainda o considerava um amigo. Éramos amigos desde que ele entrou na escola, andávamos sempre juntos e eu não conseguia me imaginar sem tê-lo por perto. Mesmo que eu tenha sido a pior pessoa do mundo e feito a coisa mais horrível que podia ter feito, eu me importava com ele. Se eu pudesse voltar no tempo...

Mas não podia. Aquela era a minha realidade. E eu mesma havia me colocado nela.

Tossi e me virei na cama. O sol entrava pelas frestas da cortina e lançava filetes de luz no meu quarto escuro. O dia parecia bonito depois de um final de semana de chuva incessante, mas eu não tinha vontade nem forças para abrir as cortinas, muito menos para sair de casa. Sabe aqueles momentos em que tudo o que você quer é se esconder para sempre embaixo das suas cobertas? Fingir que não precisa sair de lá nunca mais? Pois é. Eu me sentia protegida ali, como se tudo fosse ficar bem enquanto eu pudesse permanecer lá e não enfrentar o mundo lá fora.

E eu passei o final de semana inteiro lá, sem falar com Geny. Apenas meu pai – mesmo não gostando – havia subido até meu quarto para me levar as refeições e os remédios. Fiquei feliz por ele não ter feito nenhuma pergunta sobre sexta-feira. Pela primeira vez, não havia me pressionado para que eu dissesse o que estava acontecendo.

E o tempo todo eu disse a mim mesma que em duas semanas eu estaria na Romênia e tudo aquilo não passaria de um sonho ruim.

Mas até lá, esse sonho ruim ainda era a minha realidade.

Passei o resto da segunda e toda a terça-feira enrolada nas cobertas, só saindo do quarto para ir ao banheiro, já que até as refeições eu fazia lá em cima mesmo. Não estudei, não assisti à TV, não ouvi música. Eu só conseguia ficar parada, olhando para o teto, revirando-me na cama. Foram os dias mais improdutivos da minha vida, já que nem o que eu deveria fazer – pensar num modo de consertar todas as burradas que fiz – eu estava conseguindo.

E foi do mesmo jeito que acordei na manhã de quarta-feira, e, relutantemente, me arrumei para a escola. Eu ainda não estava completa-

mente curada do resfriado, mas como não tinha mais febre, sabia que não podia ficar em casa vegetando.

Quando desci para o café da manhã, encontrei meu pai, já vestido para o trabalho, sentado à mesa com uma caneca de café numa mão e a seção de política do jornal na outra. Eu já havia passado pelo quarto de Geny e ela não estava lá, provavelmente já tinha ido para a escola com Sarah como vinha fazendo todos esses dias. Não parei para comer nada, apenas bebi um copo d'água, já que meu estômago estava tão embrulhado com a possibilidade de ver Vince Müller hoje na escola que nada pararia nele.

– Pensei que não fosse para a aula hoje – papai disse antes que eu pudesse ir embora. – Sua irmã não esperou por você. Não gosto disso.

– Ela deve ter coisas para fazer antes da aula, parece que o festival da oitava série já está próximo – respondi, desconfortável. – Tchau, pai.

Saí de casa e corri para pegar o ônibus. Era um dia quente e ensolarado e o ônibus estava lotado, me fazendo suar e precisar ajeitar os óculos no rosto o tempo todo, porque eles ficavam escorregando. Como os óculos que eu usava sempre estavam quebrados, tive de usar os meus antigos. Era uma armação cor de rosa ridícula que eu usava na sétima série e cujas lentes não melhoravam muito minha visão, mas era melhor que nada.

Cheguei à escola um pouco mais tarde do que o normal e o sinal havia acabado de bater, mas não fui para a minha sala. Antes precisava passar na secretaria para pegar os meus papéis de transferência. É claro que podia fazer isso no intervalo ou depois da aula, mas a verdade é que minhas pernas tremiam só com o pensamento de entrar na sala e ver o Vicente. E eu protelaria esse momento o máximo que pudesse.

Entrei na secretaria, disse meu nome, série e turma, e o que estava fazendo ali. Meu pai já havia iniciado o processo de transferência por telefone eu só precisava pegar os papéis para que ele pudesse assiná-los. Mas o que era para ser algo rápido acabou demorando horas porque ninguém lá conseguia achar os benditos papéis. Para ser sincera, foi a primeira coisa boa que me aconteceu em dias, porque me permitiu ficar na segurança da secretaria até o horário do meu intervalo, que foi quando finalmente conseguiram achar os papéis e os entregaram a mim.

Guardei-os em segurança na mochila e me dirigi ao pátio, trêmula, olhando para todos os cantos a cada passo que dava. Queria chegar logo à minha sala, já que com certeza Vicente não estaria lá. Os populares, ao contrário dos rejeitados, nunca passariam o intervalo na sala de aula.

– Tina! – alguém chamou meu nome atrás de mim e meu coração parou por um segundo, até eu me virar e ver um sorridente Silas vindo em minha direção. – Você chegou agora?

– Não – sorri para ele. – Eu fiquei esse tempo todo na secretaria para resolver minha transferência.

– Então você vai mesmo, não é? – seu sorriso agora parecia um pouco triste.

– Não tenho escolha – e mentalmente agradecia por isso, porque se eu tivesse, escolheria ir de qualquer jeito.

Ele balançou a cabeça, como se para tirar a tristeza do rosto e voltou a sorrir brilhantemente para mim. E aquilo doeu. Vê-lo tão feliz por causa de uma garota que sequer o merecia. Eu precisava contar logo a verdade. Era o mínimo que eu podia dar a ele. Minha sinceridade.

– Então, você não queria conversar? – ele perguntou, como se lesse minha mente.

Eu corei e senti minhas mãos tremendo um pouco, mas não iria recuar agora. Eu não cometeria o mesmo erro duas vezes. Eu não seria covarde de novo.

– Sim – respondi, olhando para os meus pés. – Silas, sobre isso, eu... –

Mas uma voz me impediu de continuar falando. Uma voz que soava venenosa e gelada, paralisando cada músculo do meu corpo imediatamente.

– Vejam se não é a Tina Lazarov.

Virei-me devagar e vi, a poucos passos de mim a pessoa que menos queria ver naquele momento. Vicente parecia outra pessoa desde a última vez em que o vi. Seu uniforme estava meio desalinhado e seu sorriso era maldoso. Apenas seus olhos eram os mesmos. Não totalmente, porque era como se ele tivesse coberto a dor que sentia com uma capa de frieza. Se eu não soubesse pelo quê procurar, nunca veria a vulnerabilidade em seu olhar.

Ao seu lado estavam Lucas, Pedro, Fábio e outros dois garotos do time de futebol cujos nomes eu não conseguia lembrar porque eles não eram da nossa turma.

– É muita cara de pau aparecer aqui, não acha? – continuou ele. – Principalmente na frente do seu namoradinho.

Como na última vez em que nos vimos, eu não conseguia dizer nada. Absolutamente nada. Era como se minha garganta tivesse fechado. Eu só conseguia ficar parada, encarando-o, tremendo. Silas deu um passo

à frente, ficando ao meu lado e olhando para Vicente com uma raiva que eu raramente via em seu rosto.

– Qual o seu problema, Müller? – perguntou, tentando levantar um pouco a voz. – Deixa a Tina em paz.

Como se fosse possível, a expressão debochada e maldosa no rosto de Vicente se acentuou ainda mais e ele se aproximou de nós vagarosamente enquanto dizia:

– Ah, então quer dizer que a sua doce amada ainda não contou o que andou aprontando?

Meu coração, se ainda não havia parado, congelou nessa hora. Não era possível, eu simplesmente não conseguia acreditar. Vicente não podia estar fazendo aquilo!

Antes que Silas ou Vicente dissessem mais alguma coisa, Lucas se aproximou do amigo e segurou seu ombro com a mão, dizendo, com um olhar de advertência:

– Vince, cara, você realmente não quer fazer isso.

Vicente olhou para ele com raiva.

– O que é? – perguntou, rude. – Você acha que o McDonald não merece saber?

– Vince, é sério, você vai se arrepender disso depois... –

Vicente tirou o braço do amigo do seu ombro e o empurrou, fazendo-o se desequilibrar e cair no chão. Imediatamente, todos os olhos no pátio estavam sobre o nosso pequeno grupinho e até os colegas de time do Müller o olhavam com assombro, afinal, Lucas era seu melhor amigo e ninguém nunca os havia visto brigar. Não daquele jeito.

Lucas levantou e olhou com tristeza e reprovação para Vicente.

– Não vou ficar aqui para ver isso – e foi embora, abrindo caminho entre a multidão que se formava ao nosso redor.

– Olha, Müller – Silas soltou, segurando minha mão e olhando com irritação e surpresa para o garoto furioso a nossa frente. – Não sei qual o seu problema, mas não desconta na Tina. Ela não fez nada para você.

Eu engoli em seco. Como eu gostaria de poder pegar as palavras de Silas e colocá-las de volta em sua boca! Ele estava errado! Eu havia feito algo para o Vicente, sim! E nunca seria perdoada por isso.

– Bom, é verdade – concordou o outro, os olhos escuros brilhando com malícia. Ele praticamente gritava agora, para todos no pátio ouvirem, como se estivesse fazendo daquilo um show, de propósito. – Essa garota não fez nada pra mim. Mas para você, ela fez. Aliás, não sei como você está conseguindo manter sua cabeça erguida depois do enorme chifre que ela colocou aí.

Algo quebrou dentro de mim com essas palavras. Tudo bem que eu havia mentido para ele, tudo bem que eu merecesse seu desprezo. Mas aquilo era mais que isso. Vicente parecia querer me destruir.

E estava conseguindo.

– Você tá maluco – Silas respondeu, o rosto tão vermelho quanto seu cabelo. E se a situação não fosse tão grave, eu me sentiria orgulhosa de vê-lo assim, me defendendo. – Eu sei que a Tina nunca faria algo assim. Você tem problemas.

E então Vicente sorriu. E eu soube que ele estava preparado para desferir o golpe final.

– Ah, é? – ele disse, ainda com aquele sorriso maldoso no rosto. – Então pergunta pra ela. Pergunta o que ela fez sexta-feira à tarde. Pergunta se, por acaso, ela não estava na minha casa, ficando comigo. Pergunta.

Eu baixei os olhos, sentindo as lágrimas começarem a escapular. Eu queria poder simplesmente desaparecer. Chão, se abra e me engula, por favor.

– Tina, o que há com você? – Silas perguntou a mim, tentando olhar para o meu rosto, que eu continuava mantendo baixo. – Diz logo para esse otário que ele tem sérios problemas e vamos embora. Tina?

Vicente poderia nunca me perdoar pelo que eu fiz a ele. Mas eu nunca o perdoaria pelo que ele estava fazendo ao Silas.

Eu levantei o rosto e a expressão de Silas foi algo entre o choque e o horror. Ele podia ver as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e eu sabia que não estava entendendo. Que não queria entender o que estava acontecendo.

– Tina... você...você não fez o que ele está dizendo, não é? – seu tom agora era ansioso. – Tina, diz que é mentira.

Eu só conseguia chorar e olhar para ele. Eu não podia negar, não podia mentir mais uma vez para vê-lo sorrir. Mas também não podia afirmar. Eu não tinha planejado que ele soubesse daquele jeito, eu não queria feri-lo, eu...

Eu estou ficando especialista em machucar as pessoas.

Silas me segurou pelos ombros e me fez olhar pra ele.

– Por favor – pediu, a voz baixa e desesperada. – Por favor, diz que é mentira. Eu vou acreditar em você. Se você disser que é mentira, Tina, eu acredito. Eu prometo.

Mas eu não pude.

– M-me... me desculpa, Silas – foi só o que consegui dizer, num fio de voz.

E a próxima coisa que senti foi alguém me puxando pelo ombro para virar para trás. E uma dor aguda no rosto. Levantei os olhos, seguindo o lado do rosto atingido e vi Petra, furiosa, depois de ter me dado um tapa.

– Você merece muito mais – ela disse com nojo – por ter feito isso.

Por um momento, parecia que o mundo inteiro havia caído num silêncio sepulcral. Só o que eu podia ouvir era o som da minha própria respiração e do sangue pulsando em meus ouvidos. Virei o rosto para fugir do olhar de condenação da minha ex-melhor amiga e encontrei com o de Vicente. Ele parecia um pouco chocado. Fiquei fitando-o por um bom tempo, sem saber exatamente o porquê, apenas não conseguia desviar o olhar.

Eu sentia Silas ao meu lado ainda, mas não conseguia reunir coragem o suficiente para voltar a fitá-lo nos olhos. Ele agora era mais um na lista dos que me odiavam, eu não tinha a menor dúvida. E isso doía. Muito mais que o tapa de Petra, o que doía era saber que pessoas que eu mantinha – mesmo nos últimos dias – dentro do meu coração agora me detestavam.

Eu queria correr dali, queria desaparecer, ir para tão longe que ninguém pudesse me alcançar. Mas eu não conseguia, estava paralisada desde o momento em que vira o garoto que eu, mesmo odiando agora, ainda amava. Eu não podia me mexer, não podia me defender. Não podia fazer absolutamente nada.

De repente, Vicente se aproximou, e ergueu a mão para tocar o meu rosto, mas foi empurrado antes de chegar a mim por uma garota baixinha e ruiva. E muito, muito irritada.

E outra vez, alguém foi estapeado.

Dessa vez foi minha irmãzinha quem bateu. E no Vicente.

– Fica longe dela, seu babaca! – ela gritou, encarando-o com ódio.  
– Nunca mais aparece na frente dela se você gosta dessa sua cara! Você é um idiota que não entende nada e nunca mereceu um único olhar da minha irmã!

Geny colocou os braços em volta de mim e deixou que eu me apoiasse nela. E até fazer isso eu não tinha noção de quão perto eu estava de desabar.

– E você – falou para Petra. – Da próxima vez que você encostar um dedo na Tina, eu vou esquecer que te conheço por toda a vida e te quebrar inteira.

E eu me senti sendo puxada por Geny para longe daquilo tudo. Ela estava me salvando. Ela podia não saber, mas estava.

E eu nunca poderia agradecê-la o bastante por isso.

Quando percebi, Geny estava me fazendo sair pelo portão da escola, ignorando os gritos do porteiro para que entregássemos um passe de saída. Por sorte, um táxi estava passando na frente da escola nesse momento e Geny fez sinal para ele parar. Fez-me entrar no banco de trás e entrou logo atrás de mim, dizendo ao taxista o endereço de casa.

– Calma – ela disse então, abraçando-me e fazendo-me apoiar a cabeça em seu ombro. – Tá tudo bem agora, Tina. Estamos indo para casa.

Por vários minutos, eu só consegui soluçar, e tudo o que eu tentava dizer soava incoerente. Até que finalmente consegui me fazer entender:

– G-geny... eu pensei que...q-que você estava me odiando como...c-c-  
como todo mundo...

Minha irmãzinha me fez olhar para ela e sorriu fracamente.

– Tina, você é minha irmã – ela disse, os olhos começando a encher de lágrimas. – Eu te amo. Eu posso ficar com raiva de você, posso brigar com você. Mas sempre, sempre, vou estar ao seu lado.

– E-ele... ele n-não me chamou d-de M-maria Valentina – choringuei entre soluços.

– Eu sei – foi só o que ela disse, acariciando minha cabeça como se eu fosse um animalzinho ferido.

Eu não fui capaz de dizer mais nada depois disso, apenas deixei que Geny me levasse para casa e me consolasse. Por tantas vezes eu havia secado suas lágrimas e, agora, ela secava as minhas.

Era bom saber que – mesmo no pior momento da minha vida – eu não estava sozinha.

# Novela mexicana

– VOCÊ VEIO PARA FICAR com essa cara de limão azedo? – Lana perguntou, dando uma cotovelada dolorosa nas minhas costelas. – Antes não tivesse vindo.

Eu a olhei com raiva e esfreguei o local atingido por seu cotovelo ossudo.

– Eu estava entediado – foi só o que disse, segurando-me para não mandá-la à merda.

Por pura falta do que fazer, acabei pensando que ir ao shopping com minha prima não fosse ser uma tortura tão excruciante, mas estava enganado. Era pior.

– Toma, segura esses também – disse a prima em questão, jogando mais dois pares de sapatos em cima dos muitos que eu carregava.

Um maldito salto estava quase fazendo um furo no meu braço, aquela coisa era uma arma, não um sapato. Não entendia como as garotas conseguiam se equilibrar em cima daquelas armadilhas, todas elas deviam ser ninjas disfarçadas ou coisa assim, porque a altura daquelas coisas me dava até vertigem.

– Você gosta desse, Vince? – Lana perguntou, depois de experimentar mais um par de sandálias com tiras finas e saltos absurdos. – Ou do outro que eu experimentei?





Rolei os olhos.

– Qual dos outros cinco milhões? – perguntei.

– Sério, você é um chato – ela disse, jogando o cabelo para trás e sentando-se numa das cadeiras da loja para tirar o sapato. – Quer saber? Só paga esses aí para mim e vamos embora. Eu estou louca por um sorvete.

Certo, eu ouvi direito? A garota estava doida?

– Espera aí, você quer que eu pague por isso? – perguntei incrédulo, sinalizando a montanha de sapatos que eu estava carregando. – Você quer me falir?

Ela se levantou e colocou o último par de sapatos nos meus braços já cheios e sorriu com fingida doçura.

– Você sabe que é meu primo preferido, não sabe?

– Sou seu único primo.

– Que seja, larga de ser pão duro – ela reclamou, desistindo muito rápido dos sorrisos e elogios. – Nem foi você que trabalhou para ganhar esse dinheiro mesmo e sua mãe nunca reclamou sobre o quanto você gasta.

– Isso não quer dizer que eu queira gastar o dinheiro dela com você – retruquei, pronto para largar tudo aquilo no chão. Aquele salto que estava furando meu braço mais cedo já parecia estar chegando ao osso.

Lana rodou os olhos e cruzou os braços no peito.

– O quê? Você preferiria gastar com aquela ruiva de farmácia?

Imediatamente dei às costas a ela e chamei uma vendedora da loja, dizendo que iria levar aquela quantidade absurda de sapatos. Não é como se a Lana fosse uma centopeia, mas eu nunca entenderia as garotas mesmo.

Lana logo se enganchou no meu braço, balançando os compridos cabelos castanhos e sorrindo com felicidade genuína dessa vez.

– Obrigada, meu priminho preferido! – exclamou.

Eu não disse nada e não sorri de volta, tudo o que eu tinha conseguido com aquela tentativa fracassada de sair de casa e espairar foi ficar mais pobre. Não que eu realmente me importasse com aquilo. Como Lana havia ressaltado, eu não havia precisado trabalhar para ganhar aquele dinheiro, mas isso me fazia lembrar coisas que eu gostaria de deletar para sempre da minha cabeça.

Como garotas que davam valor ao trabalho duro e esperavam um dia não precisar depender dos pais. Do pai, no caso.

– Certo, agora vamos tomar um sorvete – Lana exclamou enquanto me puxava para a direção oposta à da sorveteria.

Nem preciso dizer quem estava carregando as sacolas com as compras dela, não é? A garota era realmente muito abusada.

- Mas a sorveteria fica para cá – atestei o óbvio.  
– Você acha que eu vou ingerir aquele sorvete terrivelmente calórico e destruir o meu corpinho maravilhoso? – ela perguntou como se eu fosse demente. – Nós vamos tomar frozen yogurt.  
Suspirei fundo pelo que devia ser a milionésima vez naquele dia. Frozen yogurt. Era só o que faltava.  
– Lana – chamei enquanto entrávamos na pequena e colorida loja de cosplay barato de sorvete.  
– O quê?  
– O cabelo dela é natural – disse.

\*\*\*

Fazia quase três semanas desde o dia fatídico em que eu armei toda aquela confusão na escola. É, Lucas estava certo. Eu me arrependi. Não, eu não havia perdoado a Maria Valentina. Durante todos esses dias era só nela em quem eu pensava e, justamente pelo fato de ter me apaixonado por ela, não podia perdoá-la. Ela brincou comigo, riu de mim, me fez de idiota.

Mas talvez...talvez não tivesse o direito de fazer o que fiz com ela. Não era meu direito tornar nossos problemas públicos daquele jeito.

O olhar paralisado e machucado que ela tinha no rosto naquele dia não saía da minha cabeça. Principalmente logo depois que aquela louca bateu nela. Foi instantâneo, em um momento eu queria fazê-la sofrer como eu estava sofrendo e no outro, queria abraçá-la e protegê-la.

Mesmo com tudo o que ela me fez, ao ver aquela garota – que eu pensava que fosse amiga dela – machucando-a daquela forma, eu fiquei com raiva. Eu fiquei com raiva por terem tocado na minha nerd.

E isso era o que estava me deixando tão confuso.

Como eu podia me sentir assim por uma garota que mentiu, me enganou, começou a namorar outro cara e o traiu comigo, fingindo ser outra pessoa? Eu nem conseguia entender toda essa confusão, mas o ponto é que ela mentiu pra mim. Eu achava que Maria Valentina era diferente das outras e, no fim, ela era. Era pior. Ela era mentirosa e traiçoeira, mesmo que tivesse aquela carinha de inocente.

Todos os momentos que passamos juntos foram uma mentira?

Ao mesmo tempo em que uma grande parte de mim a condenava, outra procurava desculpas para ela. Afinal, não é como se eu tivesse dado tempo para a garota se explicar. Mas existia uma explicação para aquele tipo de coisa?



Eu ainda não sabia.

Nessas duas semanas, Maria Valentina não foi à escola. Confesso que, mesmo depois do que aconteceu, isso me deixou um pouquinho chocado. Eu conseguia lembrar de uma vez, na quinta série, em que eu ouvi que a nerd estava com pneumonia, mas mesmo assim, era só olhar para a primeira fila de carteiras e eu podia vê-la, concentrada em cada palavra que a professora dizia, não demonstrando nenhuma fraqueza, apenas determinação. Eu não prestava muita atenção nela nessa época, mas, de alguma forma, esse momento me veio à cabeça com frequência nos últimos dias.

Uma pneumonia não a impediu de continuar assistindo às aulas. E eu sim.

O que a impedia de ir? Ela estava com vergonha de encarar as pessoas? Com medo de toda aquela cena se repetir? Ou estava...magoada?

O ponto era que eu queria saber. Eu queria vê-la, queria que ela me dissesse o que eu não a deixei dizer antes. Não importaria se ela pedisse desculpas ou debochasse da minha burrice por não tê-la reconhecido. Eu queria entender tudo aquilo. Entendê-la. Eu não conseguia deixar de me importar.

Eu tentei. Mas não consegui.

\*\*\*

A sexta feira amanheceu cinzenta e eu não tinha a menor vontade de me levantar da cama. Ultimamente, a escola estava sendo um verdadeiro tormento e eu nem entendia porque continuava indo às aulas. Não era como se eu conseguisse prestar atenção mesmo e andava faltando até o treino do futebol. Mais uma falta e era capaz de eu ser expulso do time.

Mas quem se importa?

Por alguma força que ia além da minha compreensão, eu me levantei e marchei até o banheiro. Tomei um banho gelado para espantar o sono e vesti o uniforme. Peguei minha mochila e saí do quarto, encontrando minha mãe e Lana tomando um agradável café da manhã quando desci as escadas.

– Não vai comer com a gente, Vince? – perguntou Lana quando me viu atravessar a sala de estar.

– Não – respondi seco e saí batendo a porta.

Ainda era muito cedo e eu resolvi caminhar até a escola. Até porque eu estava dividindo o motorista com a abusada da minha prima sem teto

e teria que esperá-la para irmos juntos se eu quisesse ir de carro. E como as coisas que sempre me irritaram começaram a irritar ainda mais nos últimos dias...e principalmente depois de ter sido obrigado a tomar frozen yogurt por aquela criatura infernal, bom, preferia manter distância dela.

E andar me daria tempo para pensar.

Como se eu não tivesse feito isso todos os dias das últimas semanas.

Eu só pensava, pensava e pensava. Sem chegar a nenhuma conclusão. Eu continuava tão perdido quanto estava no começo. E aquilo estava acabando comigo.

Caminhei por quase uma hora até chegar à escola. Mesmo assim, ainda era cedo e apenas poucos alunos já haviam chegado.

Atravessei o portão e fiz o que andava fazendo há dias. Procurei sutilmente por uma cabeça vermelha no meio dos alunos, inutilmente. Ela não estava ali. Suspirei e segui para a sala, com esperanças de que ninguém estivesse lá ainda. Meus amigos andavam me evitando, mas nem posso culpá-los, já que eu é que comecei a agir estranho. O único que ainda andava comigo e aguentava meus silêncios intermináveis sem reclamar era Lucas. Sim, ele ficou chateado comigo no início, mas depois de algum tempo, naturalmente, voltou a falar comigo.

Lucas era um cara estranho. Mas sempre foi meu melhor amigo. E, tudo bem, eu odiava quando precisava me desculpar ou admitir que ele estava certo, então não fiz nada disso, mas tenho certeza que ele sabia que eu estava arrependido. Em algum momento eu teria de pedir desculpas, mas ainda não conseguia. E ele sabia disso também.

Melhores amigos são assim.

Entrei na sala e, por um abençoado momento, a tive só pra mim. Mas no instante em que eu apoiei minha mochila na mesa, alguém entrou como um furacão na sala e começou a me puxar pelo braço.

– Anda, Vince! – Lucas disse enquanto me puxava para fora da sala.  
– Você tem que ouvir isso, vem!

– Qual o seu problema, cara? – perguntei, soltando a mão dele do meu braço, mas seguindo-o mesmo assim.

– Você vai ver – ele respondeu olhando rapidamente para trás enquanto corríamos até o corredor da oitava série. – E o problema é seu, não meu.

Preferi não responder nada, até porque esse mistério dele já estava me irritando e eu não queria mandá-lo ir lamber uma meia quando sabia que ainda lhe devia um pedido de desculpas. Então só o segui, até que ele me parou com uma cotovelada na barriga.

– Porra, Lucas... – comecei, mas ele enfiou a mão no meu rosto e me fez parar de falar.

– Cala a boca – ele mandou e abaixou a mão.

Eu já estava muito puto.

– Olha ali, Vince – Lucas disse antes que eu pudesse xingar toda a árvore genealógica da família dele.

Estávamos escondidos atrás de uma parede na curva do corredor da oitava série e Lucas apontou para um garoto e uma garota que estavam há vários metros de nós, conversando na frente de uma sala. Eu os reconheci na hora. O garoto era o Ronald e a garota era Geny, que eu achava que era prima da Tiffany, mas na verdade era irmã da Maria Valentina.

Os dois, diferentes da nerd, continuavam indo à escola normalmente. O McDonald agia quase normalmente, exceto por não falar com a garota que deu um tapa na Maria Valentina, mesmo que eu a tenha visto tentar falar com ele um par de vezes. A irmã da nerd também parecia normal quando eu, casualmente, pousava meu olhar sobre ela no intervalo ou depois da aula. Ela vivia andando com a garota com quem estava quando a vi pela primeira vez e as duas pareciam cochichar o tempo todo.

Algumas vezes eu cheguei a pensar em perguntar a ela o que estava acontecendo para a Maria Valentina estar faltando tantos dias de aula, mas a lembrança da mão dela na minha bochecha me impedia. A garota tinha a mesma mão pesada da irmã.

Ela parecia muito chateada com algo, os olhos vermelhos como se tivesse chorado por um longo tempo. E o Ronald parecia tentar consolá-la. Eu sabia que o cabeça de abóbora era um tarado, mal terminou o relacionamento com uma irmã e já começou a investir na outra? E a menina ainda estava na oitava série, praticamente uma criança fedendo a leite! Ronald Tarado Pedófilo McDonald estava pedindo para apanhar.

– Qual é a desse cara? – sussurrei.

– Cala a boca, porra, e escuta o que eles estão dizendo – mandou Lucas, dando um tapa na minha cabeça. – É sobre a Maria Valentina.

Eu já estava preparado para xingar a mãe de alguém quando as palavras do Lucas entraram na minha cabeça.

É sobre a Maria Valentina.

Comecei a prestar atenção imediatamente, apurando os ouvidos para conseguir entender o que eles estavam dizendo.

– E por que você não foi? – o maldito palhaço perguntou.

Geny fungou e deu um sorriso sem humor.

– Papai disse que minhas notas já são medíocres o suficiente sem eu ficar faltando à escola sem motivo – respondeu.

Eu não sou muito conhecido pela minha paciência, então aquilo já estava me deixando meio nervoso e eu estava a ponto de perguntar de novo o que diabos era aquilo para o Lucas, mas não precisei.

O maldito palhaço esclareceu tudo.

– Mas sua irmã está indo embora! – ele exclamou. – Se despedir dela no aeroporto não é motivo o suficiente?

Foi isso mesmo que eu ouvi?

– Eu ouvi os dois falando sobre a viagem da Maria Valentina – Lucas disse baixinho. – Você sabia disso? Sabia que ela ia viajar?

Maria Valentina ia viajar? Para onde? Por quanto tempo? Por que ela não me disse? Aliás, esquece. Essa última pergunta mental foi ridícula, a garota não foi sincera comigo nem por um minuto, o que eu esperava?

Não respondi, apenas saí do nosso “esconderijo” e corri até o palhaço e a irmã da nerd, sem me importar de ter ficado na cara que eu estava escutando a conversa alheia. Os dois me olharam surpresos por um momento e Lucas, com um palavrão audível, também foi até nós.

– Do que vocês estão falando? – perguntei sem rodeios. – Para onde Maria Valentina está indo?

Lucas bateu a mão na testa e murmurou:

– E o meu plano era perguntar com educação...

Isso fez a ruiva irritadinha “acordar” e me olhar com fúria.

– Nenhum aspecto da vida da minha irmã é da sua conta – ela respondeu acidamente.

– Se eu estou perguntando, é porque é sim – retruquei, nervoso. – E você me deve isso, depois de ter mentido.

Ok, coisa errada para se dizer, se o outro tapa que Lucas desferiu na própria testa servisse de indicação. Isso e Geny e Ronald gritando juntos:

– Eu não te devo nada, seu babaca!

– Ela não te deve nada, Müller!

E como se não bastasse, meu melhor amigo precisava bancar o engraçadinho.

– Você sempre teve o dom da palavra, cara – disse enquanto me dava um rapinha reconfortante no ombro.

Empurrei o braço dele e me dirigi novamente aos dois ruivos que me olhavam com cara de poucos amigos.

– Só me diz onde a Maria Valentina está agora – eu pedi, tentando soar o mais educado que conseguia, mas falhando espetacularmente.

– Não é da sua conta, Müller – o palhaço com cabeça de molho bolonhesa respondeu. – Você já teve sua vingança, agora deixa ela em paz.

Vingança? Aquele moleque com cara de pedófilo que envenena milhões de pessoas todos os dias com gordura trans achou que eu estava me vingando da MV naquele dia? Ele achou que eu tinha planejado humilhar ela em público ou coisa assim? Claro, foi o que eu acabei fazendo, mas foi antes que me desse conta daquilo. Sim, eu fiz a maior merda. Mas ela não fez também?

Quantos erros uma pessoa pode cometer até passar do ponto em que pode ser perdoado?

Eu não tinha a mínima ideia. E isso valia para os dois lados.

E afinal, por que eu estava tendo aquela conversa com o corno mais famoso da escola no momento? Ele não tinha que odiar a nerd?

– Espera aí, você vai defender a garota que te traiu? – eu não consegui me impedir de perguntar, o que resultou no terceiro tapa de Lucas na própria testa. O cara ia conseguir matar os neurônios dele assim, só falando.

Geny bufou e me fitou com desprezo enquanto Ronald só balançou a cabeça daquele jeito que os psicólogos fazem quando percebem que você não tem jeito e provavelmente vai passar a vida toda sendo um sociopata que coleciona patas de gatinhos congeladas no freezer.

– Eu não espero que você entenda – o garoto disse e, pela primeira vez na minha vida, eu senti que deveria levá-lo a sério. – Mas eu não acho que a Tina tenha que levar a culpa sozinha. Ela errou sim, mas eu também fui culpado. Eu sabia que ela não gostava de mim do mesmo jeito que eu gostava dela quando insisti para sairmos juntos. Eu sabia que já a tinha perdido e mesmo assim, continuei insistindo. E, no fim, ela só aceitou ser minha namorada pra não me magoar. Não posso simplesmente odiá-la por ter me traído quando eu praticamente a forcei a aceitar meus sentimentos.

Espera...como...o quê?

A nerd era louca pelo palhaço tarado! Do que aquele garoto estava falando?

– Você que não entende – eu disse, afinal, eu já tinha feito o garoto descobrir a verdade sobre o seu grande amor no meio do pátio e na frente de um monte de gente, um pouco mais de choque de realidade não ia matá-lo. – A Maria Valentina gosta de você. Não me pergunte o porquê, já que eu não entendo mesmo, mas a garota é louca por você – dizer isso foi mais difícil do que eu tinha imaginado. Era quase como se cada palavra

abrisse um buraco no meu peito. - E mesmo assim te traiu comigo só para provar um ponto, para...para...se vingar, sei lá. Me fazer de idiota.

Geny rolou os olhos e se meteu entre o McDonald's e eu.

- Mas ninguém precisa te fazer de idiota, Müller, você já faz um ótimo trabalho sozinho! - exclamou, passando a mão nos cabelos tão parecidos com os da irmã. - Será que você ainda não entendeu?

Eu pisquei, olhando para a irmã mais nova da MV enquanto ela rodava os olhos pela milésima vez e enfiava o dedo no meu peito com força. Doeu.

- A Tina ama você, seu babaca - ela disse, enfatizando cada palavra com aquele dedo no meu peito. - Tudo pode ter começado como uma vingança por você ser esse grande otário que é, mas, e não me pergunte o porquê, ela...se apaixonou por você.

Eu devo ter ficado paralisado por um minuto inteiro, absorvendo as palavras daquela baixinha irritadiça, tentando que elas fizessem um sentido dentro da minha cabeça. E então, o dia em que eu surpreendi a MV chorando na sala de aula me veio à cabeça.

Ela tentou me contar naquele dia. Eu podia não ter entendido, mas agora eu simplesmente sabia que ela tentou me contar tudo.

Inclusive sobre ir embora.

E, de repente, eu não me importava se podia perdoá-la ou não. Eu ainda não sabia. Não me importava com as mentiras e os segredos. Se eu fosse sincero comigo mesmo, eu diria que ainda estava magoado, que ainda tinha ressentimentos. Eu queria ouvir as explicações da nerd, queria ouvir o que ela tinha para me dizer. Queria gritar com ela. Brigar com ela. Queria poder olhar em seus olhos e ver se eles eram realmente tão honestos como imaginei uma vez.

Mas o ponto era esse. Eu a queria aqui. Em nenhum momento eu pensei que não gostaria de vê-la de novo ou de nunca mais falar com ela. Porque, mesmo depois de tudo, eu precisava dessa maldita garota perto de mim.

- Revelações, revelações - comentou Lucas com uma expressão idiota na cara e apoiando o braço no meu ombro. - Isso aqui tá melhor que novela mexicana.

É claro que todo mundo o ignorou.

- Onde ela está? - perguntei por fim e, quando vi que Geny ia responder novamente que não era da minha conta, eu a segurei pelos ombros e olhei bem fundo nos olhos dela. - Eu amo a Maria Valentina. Por favor, me diz onde ela está agora.



Pensei que ela não fosse responder. Pensei que ela fosse me mandar lamber grama ou coisa assim, mas então a garota devolveu meu olhar, como se procurasse alguma coisa nele. E achou.

– Papai está levando-a ao aeroporto agora – disse, soltando-se de mim. – Ela vai para a casa do nosso avô na Romênia.

Meu coração pulou uma batida. É possível ter um infarto aos 16?

– Espera aí, o seu avô é o Drácula? – soltou Lucas, sendo inconveniente mais uma vez.

Enfiei minha mão na cara dele para impedi-lo de falar e perguntei:

– Mas é só por uns dias, certo?

É claro. Eu não podia exagerar na reação. O que Maria Valentina faria na Romênia, pelo amor de Deus? Era só uma visita de fim de semana e ela logo estaria em casa...sem chance de ser outra coisa...

– Não – Geny respondeu, baixando os olhos e parecendo subitamente triste. – Papai a fez pedir transferência para uma escola de lá. Eu realmente não acredito que ela vá voltar logo.

Maria Valentina estava indo embora.

Indo embora de verdade. Me deixando.

E eu a amava. Mesmo que ela tenha sido uma idiota e depois eu tenha sido um idiota maior ainda, eu a amava. Com todas as mentiras.

Eu a queria para mim. Eu não podia deixá-la ir assim.

Eu a amava.

E por isso, menos de quinze minutos depois, eu estava num táxi a caminho do aeroporto.

25



# *Há momentos em que o amor não é suficiente*

– UMA VEZ, MUITO TEMPO atrás...todas as pessoas tinham quatro pernas e duas cabeças. Então os deuses lançaram raios que dividiram todos em dois. Cada metade, então, ficou com duas pernas e uma cabeça. Mas a separação deixou ambos os lados com um desejo desesperado de união. Porque compartilhavam a mesma alma. E desde então, todas as pessoas passam a vida buscando... pela outra metade de sua alma.

Eu escondi o rosto no edredom, tentando secar minhas lágrimas enquanto Gabrielle gritava o nome de Iolau, morto em seus braços.

É, pensei que um pouco de luta e sangue fossem me animar, tinha esquecido das partes românticas e trágicas que apareciam de vez em quando.

Claro, romance e tragédia. Tudo que eu precisava.

– Você está bem, minha ratinha?

Virei os olhos para o lado e vi o meu avô parado na porta do quar-



to, olhando-me com preocupação. Estava tão distraída que nem o ouvi entrando. Vovô era um homem alto e magro, com cabelos muito brancos – apesar de terem sido negros na juventude – olhos escuros que sempre carregavam um brilho de inteligência e uma expressão eternamente jovial apesar do rosto envelhecido. Ele gostava de dizer que amava cada ruga em seu rosto porque eram marcas de que ele fora feliz na vida, de que sorriu e riu muito. Eram como uma prova de sua felicidade.

Na velhice, aposto qualquer coisa que meu pai teria rugas de irritação.

– Estou sim, vovô – eu respondi fungando enquanto tentava esconder minhas lágrimas. – Só estou assistindo uns episódios antigos de Xena, a Princesa Guerreira.

Ele fechou a porta e se sentou na cama ao meu lado, fitando a tela do notebook – meu presente de boas-vindas – bem na hora em que a Xena bateu no Hércules com o cabo da espada.

– Antigos? – vovô ecoou, sorrindo e se voltando para mim. – Ratinha, eu sou velho, mas isso aí é jurássico.

Eu ri pelo nariz, mas não por muito tempo. Não voltei a chorar, mas não conseguia manter um sorriso no rosto. Simplesmente não dava.

Eu estava em Oradea há pouco mais de duas semanas e passava o tempo todo no quarto, chorando. Eu sei, patético. Às vezes tentava ler um livro ou assistir a um filme ou série, mas aí qualquer coisa ligeiramente romântica me levava às lágrimas. Patético em dobro. Eu estava deixando meu avô preocupado e ainda não tinha feito nenhum amigo na nova escola. A língua não era um problema, já que eu era fluente em romeno, mas eu simplesmente não tinha vontade de sair da minha concha e deixar de ser a estrangeira transferida.

Eu queria ficar sozinha.

E era bom e ruim ao mesmo tempo.

A parte boa era que ali eu não me sentia pressionada. Meu avô não era como meu pai. Ele não esperava que eu fosse sempre a melhor, sempre a garota perfeita. O tempo todo ele só me dizia:

– Só quero que você seja feliz, ratinha.

E fazia de tudo para me animar.

Sim, meu avô era incrível.

Também era o bom o fato de que eu tinha tempo. Tempo para pensar, para tentar organizar as ideias na minha cabeça, para saber o que fazer, que passo dar. Tempo para perceber que eu estive errada. Não só sobre mentir para o Vicente, mas sobre muitas coisas.

Eu estive errada sobre mim mesma. Por muito tempo.

E encarar esse tipo de coisa não estava sendo fácil. Doía. Eu parecia uma fonte inesgotável de lágrimas, mas no fundo eu sabia que, por mais que fosse difícil agora, eu ficaria mais forte depois. Não é o que dizem? O que não te mata, te torna mais forte. E as coisas sempre pioram antes de melhorar.

Bom, eu estava contando com isso, porque não tinha mesmo como ficar pior.

– O que acha de nós saímos para andar de bicicleta? – vovô perguntou com um sorriso esperançoso.

Rolei os olhos e ri fracamente.

– E o senhor lá tem idade para andar de bicicleta?

Ele fez uma falsa cara de indignado e apertou minha bochecha.

– Mas que ratinha insolente! – disse, fazendo uma cara de zangado.

– Vou dizer para a Aurélia não fazer bolo de nozes para você!

– Não, não! – eu disse rindo. – Eu não sobrevivo sem o bolo de nozes da Aurélia!

Aurélia era a cozinheira da casa. Uma mulher alta e enérgica, que eu conhecia desde a infância, e podia jurar que tinha uma queda pelo vovô.

Ah, e fazia o melhor bolo de nozes do mundo.

– Ratinha – vovô chamou. – Você quer ficar sozinha, não é?

O velho parecia me conhecer como ninguém. Não pude deixar de abrir um sorrisinho ao ouvi-lo me perguntar isso. Ele parecia conseguir ler todos os meus pensamentos em meu rosto.

Eu assenti com a cabeça.

– Bom – ele disse, se levantando. – Continue assistindo...isso aí – indicou a tela do computador e sorriu. – Vou procurar um jornal para ler. Sabe, coisa de velho.

Eu ri e esperei até vê-lo sair e fechar a porta para fazer o sorriso desaparecer dos meus lábios. Inclinei-me para a frente e fechei a tela do notebook, reavaliando a minha ideia inicial de assistir todas as seis temporadas de Xena baixadas ilegalmente da internet.

Eu precisava fazer algo com a minha vida.

Porém, era mais fácil pensar assim do que tomar uma atitude. Apesar de sempre ter sido uma garota determinada a fazer bem tudo o que tinha que fazer, no final só estava fazendo o que os outros – meu pai – queriam. E era chocante perceber que, tirando as últimas semanas, eu realmente nunca fui capaz de tomar decisões por mim mesma.

E as poucas que eu havia tomado me trouxeram até aqui.

Comecei a questionar tudo. Não só os últimos acontecimentos, mas toda a minha vida. Eu era realmente feliz? Estava vivendo a vida que eu queria? A vida que eu sonhei para mim?

Não.

E simplesmente porque eu não sonhei com essas coisas. Eu não sabia como mudar isso porque nem eu mesma sabia o que queria. Meus sonhos não eram realmente meus. O que eu queria ser? Como eu queria viver?

Como eu podia saber tão pouco sobre mim mesma?

Respirei fundo e deitei de costas na cama bagunçada. Era final da tarde de um sábado frio e chuvoso. A chuva era fraca e constante, e as gotas batiam levemente na janela do meu quarto no segundo andar. Era o quarto que eu sempre ocupava com Geny quando passávamos as férias aqui. O papel de parede era floral e estava descascando em alguns pontos, o piso rangia e algumas gavetas no antigo guarda roupa de madeira estavam emperradas. A grande cama de dossel ficava no meio do quarto e, mesmo que fosse um aposento grande, parecia tomar boa parte dele. As janelas eram altas e estreitas e havia uma porta dupla que dava para uma pequena varanda voltada para os fundos da mansão, de onde eu podia ver o balanço na árvore que vovô havia feito para nós quando éramos pequenas.

Era engraçado como aquela velha casa sempre tivera o poder de me acalmar. Eu ficava relaxada pelo simples fato de estar lá, naquele lugar isolado e cercado por árvores e boas lembranças. Vovô gostava de viver longe do centro da cidade, longe das outras pessoas. Para visitar seu vizinho mais próximo era necessário uns quinze minutos de caminhada. Ele era um homem que cultivava a solidão, tratava-a como uma boa amiga, sempre dizendo que preferia sua própria companhia à de outras pessoas na maior parte das vezes.

Eu era meio como ele. Mas, naquele momento, nem a tranquilidade que aquele lugar transmitia era capaz de me fazer sentir melhor, de interromper o rumo dos meus pensamentos.

Quase contra a minha vontade, peguei o celular no bolso da calça de moletom que estava usando. A bateria estava quase no final. E, mesmo que eu tivesse dito a mim mesma, na última vez, que aquela seria a última mesmo, não pude me impedir. Cliquei no ícone para ver minhas mensagens.

Na manhã em que vim para cá, minha irmã não pôde me acompanhar até o aeroporto porque o papai não permitiu. Então fomos apenas

nós dois e, depois de uma despedida um pouco menos fria do que eu esperava, relutantemente entrei na sala de embarque. Meu voo estava um pouco atrasado e fiquei esperando numa cadeira perto do meu portão de embarque. Estava lá por quase quarenta minutos quando senti o celular vibrar no meu bolso. Eu estava tentando me distrair com um livro de contos do Edgar Allan Poe, mas não conseguia sair da página 2 de William Wilson. As palavras pareciam embaralhar na minha cabeça. Peguei o celular do bolso no momento em que meu voo foi chamado. Levantei-me e peguei minha mochila, me dirigindo ao portão. E só depois de já estar dentro do avião, acomodada no assento da janela, é que me lembrei de olhar a mensagem no meu celular.

Era uma mensagem do Vicente.

A mensagem que eu não conseguia me impedir de ler pelo menos vinte vezes por dia. Eu bebia aquelas palavras, respirava-as como se precisasse delas para continuar vivendo. Como se fossem meu ar. E era irônico pensar que, essas palavras que pareciam soprar vida para dentro de mim, eram as mesmas que fatiavam meu coração. Doía lê-las. E como eu já as havia decorado, doía até pensar nelas, já que era como se eu ouvisse Vicente dizendo-as dentro da minha cabeça.

*Maria Valentina,*

*Eu sei que você ainda não entrou no avião. Eu vi que seu voo está atrasado, mas não posso entrar no salão de embarque sem uma passagem, então não tenho como ir até aí buscar você. Estou aqui fora te esperando. Não perdoei você. Ainda estou machucado, ainda me sinto traído. Não sei bem o que pensar sobre tudo. Mas quando penso que você está indo para longe de mim, dói mais ainda. Eu só tenho certeza de uma coisa. Eu te amo.*

*Se você sente algo por mim, não entre nesse avião.*

*Fique.*

O celular ficou sem bateria e eu o joguei de qualquer jeito na cama, enrolando-me mais no edredom.

No momento em que havia lido a mensagem pela primeira vez, o meu avião ainda estava em solo. As portas ainda não haviam sido fechadas e ainda havia pessoas embarcando. Minhas mãos se apressaram até o cinto de segurança, que eu já havia apertado, e o soltaram. Antes que eu tivesse tempo para pensar em qualquer coisa, já me encontrava meio de pé, a ponto de empurrar todos naquele corredor estreito e sair correndo da aeronave.



Eu só conseguia pensar em uma coisa.

Eu te amo.

Vicente disse isso. Ele escreveu. Ele quis que eu soubesse.

Vicente me amava.

Como eu podia acreditar nisso tão prontamente assim? Como eu podia não desconfiar? O grande Müller, tão lindo e cheio de vida, popular, agradável, talentoso...como eu podia acreditar que esse garoto podia estar apaixonado por uma garota como eu, a nerd baixinha e magrela, que usava roupas folgadas e óculos com lentes grossas? A garota que, além de ser de um mundo completamente diferente do dele, ainda mentiu e o enganou?

Como suas palavras podiam ser verdadeiras?

Mas eram.

Vicente não mentia. Eu sabia, sentia isso. O garoto tão mulherengo e popular possuía uma ingenuidade quase infantil que, às vezes, chegava a me assustar. Ele não faria aquilo, não escreveria aquelas coisas se realmente não sentisse. Eu sabia que o orgulho dele estava ferido e que, se realmente fosse só isso, ele nunca teria ido atrás de mim, nunca teria engolido seu orgulho e ignorado sua vaidade para me procurar.

Sim, Vicente havia me humilhado e me feito sofrer na frente de todo mundo na escola. E agora eu podia entender um pouco os motivos dele. Se fosse o contrário, eu me sentiria do mesmo jeito. Talvez não agisse como ele, mas cada um tem um jeito diferente de lidar com a dor. Se ele tivesse feito aquilo por despeito ou orgulho ferido, eu nunca o perdoaria. Nunca.

Mas ele fez porque me ama. Porque eu menti para ele. Porque doía e, assim como eu quis no início, ele queria me machucar.

E eu sabia disso porque ele me disse. Eu te amo. Não tinha medo de acreditar nessas palavras, porque – e isso vai soar muito clichê – era como se meu coração sentisse o amor dele. E, de repente, tudo se encaixasse.

E isso me fez parar.

Eu não podia empurrar todas aquelas pessoas e descer do avião como uma lunática, esquecer de tudo, correr até o saguão do aeroporto, me jogar nos braços do Vicente e beijá-lo enquanto os créditos de um filme digno da Sessão da Tarde vão aparecendo.

A vida não é um filme.

A realidade me atingiu naquele momento. Meu pai, meu avô me esperando na Romênia, minha transferência, os problemas com Petra e

Silas...e o fato de que Vicente ainda não podia me perdoar. Coisas que eu não podia simplesmente ignorar e fingir que iam desaparecer só porque eu gostaria muito.

Minha vida estava um caos e eu sentia que precisava ir embora. Mas talvez eu tivesse ficado se, naquela mensagem, em vez de eu te amo, Vince tivesse escrito eu te perdoo.

Amar é mais fácil que perdoar. E não só eu precisava de tempo para isso. Ele também precisava. Eu tive de ir embora por ele. Para deixá-lo respirar calmamente e pensar, como eu estava fazendo. Para permitir que ele colocasse a vida dele nos eixos, como eu estava tentando fazer. Para saber se o que sentíamos um pelo outro era realmente capaz de curar todo o mal que eu causei a ele e todo o mal que ele me causou. Nós dois precisávamos desse tempo para curar nossas feridas. Nós dois precisávamos da distância para descobrir a nós mesmos.

Eu precisava perdoo-lo. E ele precisava me perdoar.

Por isso, naquele dia, eu voltei a me sentar na minha poltrona e a apertar o cinto de segurança. As lágrimas haviam turvado minha vista enquanto eu lia aquelas palavras mais uma vez antes de escrever duas palavras como resposta, apagá-las, e escrever outras duas. Desliguei o celular depois de mandar a mensagem e, mesmo depois de duas semanas, não havia recebido uma resposta.

O que só me deixava mais segura de que eu havia tomado a decisão certa.

Minhas razões para vir para cá podiam parecer fracas e superficiais em comparação aos meus motivos para ficar e enfrentar meu pai. Mas elas eram fortes para mim. E se Vince Müller me amava mesmo, ele entenderia.

Há momentos em que o amor não é suficiente. Por isso eu não respondi te amo de volta como queria. No momento, as outras duas palavras que eu escolhi eram mais importantes.

Me perdoo.

Não me arrependi, mas a saudade machucava como uma dor física. Saudade da minha irmã, dos meus amigos, do meu pai, da minha escola. E dele.

Eu disse que estar aqui tinha um lado bom e um lado ruim, certo?

E esse era o ruim. Sentir tanta falta de alguém como se fosse um pedaço de mim que eu havia deixado para trás.

\*\*\*





– Bom dia, ratinha – vovô me cumprimentou no dia seguinte quando eu apareci na sala de jantar para tomar o café da manhã.

A sala era comprida e espaçosa, com as paredes precisando de uma nova pintura. A mesa de jantar era de madeira e eu sempre me perguntei por que o vovô sempre fazia suas refeições sozinho naquela mesa tão grande. Havia também várias cristaleiras da vovó que o vovô nunca mexera um milímetro do lugar desde que ela morrera.

– Bom dia, vovô – falei, sentando-me do lado direito da cabeceira, onde ele estava sentado.

Meu humor estava um pouco melhor naquela manhã – talvez porque fosse o primeiro dia sem chuva desde que eu chegara ali – e ver o bolo de nozes da Aurélia na mesa me deixou ainda melhor.

– Dormiu bem? – vovô perguntou.

Eu apenas assenti enquanto tomava um gole de café.

– O que vai fazer hoje?

– Não sei – respondi, baixando a xícara. – Acho que vou ler um livro ou... –

– Assistir um filme – ele completou para mim, rolando os olhos. – Só a mesma coisa que você fez todos os dias, desde que chegou.

Não respondi nada e dei uma mordida no bolo, até porque ele estava falando a mais pura verdade. Eu estava praticamente criando raízes naquele quarto. Mas o que eu podia fazer? A vontade de viver que se mandou para as colinas e me deixou nesse estado semi catatônico, não era culpa minha.

– Quando você vai me contar o que aconteceu, ratinha? – vovô agora me olhava com aqueles profundos olhos escuros, como se só com eles pudesse arrancar meus segredos. E, às vezes, eu achava que ele podia. – Você nem parece a mesma. Quando eu olho para você, quase não reconheço a minha neta.

– Vovô, é...complicado – eu comecei.

Mas como explicar? Como tentar colocar em palavras o que nem eu podia começar a entender completamente? Eu estava apaixonada e era complicado. Mas não era só isso. Às vezes não tem como explicar o que se está sentindo. Às vezes as palavras faltam. Esse era um desses momentos. Mesmo se eu conseguisse ser sincera com meu avô e lhe contar tudo o que havia acontecido, eu não conseguiria fazer com que ele entendesse o modo como tudo o que aconteceu havia mudado algo em mim. Porque nem eu mesma compreendia isso. Eu só sabia que estava diferente. Que estava me tornando outra pessoa. Não, não era como se eu estivesse me tornando a Tiffany.

Mas eu também não era mais a Tina.

Talvez fosse uma mistura das duas. Talvez eu finalmente estivesse me tornando eu mesma. Porque eu não podia negar que havia uma grande parte de mim – a parte que eu batizei de Tiffany – que, durante anos, eu reprimi e fingi que não existia. Eu era ela. Mas ela não era tudo de mim. Complicado? Nem comece.

– Ratinha – a voz do meu avô me tirou do meu devaneio e eu olhei para ele. – Tudo bem, não precisa me dizer nada. Mas aceite um conselho de alguém que já viveu muito. Não se perca. E quando eu digo isso, significa que você não deve perder quem você é. Não se torne outra pessoa para agradar os outros ou porque acha que é preciso para ser aceita em algum lugar. Nem que isso a faça terminar sozinha como eu, não mude quem você é. Porque no fim, isso é tudo o que você terá.

Não era minha intenção ser rude ou grosseira, mas eu não conseguia mais ficar lá. Levantei-me e saí quase correndo da sala, tentando segurar as lágrimas que insistiam em deixar meus olhos. Como eu estava sendo fraca, ridícula! Por que eu não conseguia me controlar? Por que aquelas palavras me machucavam, justamente por fazerem tanto sentido?

Eu não queria ficar só. Eu queria amar e ser amada. Eu queria ser eu mesma. Mas e se eu não pudesse ter tudo? Se eu tivesse que escolher entre uma coisa e outra? Não era isso que já tinha acontecido? Eu fingi ser uma pessoa diferente para que um garoto se apaixonasse por mim. E se, mesmo que ele tenha dito que me ama, a mim Maria Valentina, e se ainda fosse porque, no fundo, ele esperava encontrar a Tiffany em mim?

O que escolher? Ser honesta comigo mesma e correr o risco de perder quem amo ou mentir para mim mesma para sempre para tentar ser feliz?

Saí de casa, batendo a grande porta dupla da frente e desci os degraus da varanda. A frente da mansão do vovô era tomada por um jardim incontrolável, com uma grama alta e árvores que precisavam de poda. Como todo o resto da propriedade, tinha um ar meio desleixado. Mas era esse mesmo desleixo que dava o charme ao lugar, como vovô sempre dizia.

No momento, para mim, tudo parecia meio abandonado, meio morto.

O bom humor com o qual havia acordado havia desvanecido, no entanto, o céu continuava claro, o sol irradiava seus raios que tocavam todo o verde do jardim, que brilhava como um prisma de mil cores. Era como se risse de mim. Como se zombasse da minha angústia.

Sequei as lágrimas com os punhos da camisa de moletom grossa que usava. O dia podia estar claro e seco, mas continuava sendo frio. Eu sentia saudades do calor de casa.

– Ei, você é a Tina?

Levantei os olhos e vi uma garota mais ou menos da minha altura parada a poucos metros de mim. Ela tinha cabelos muito loiros e lisos caindo pouco abaixo dos ombros. Os olhos eram de um azul celeste vivo, que me fitavam com curiosidade.

– Maria Valentina – corrigi sem pensar.

A garota pareceu envergonhada por um momento, seu rosto ficou ligeiramente vermelho, mas ela manteve seus olhos em mim e disse:

– Desculpe, é que seu avô a chama de Tina quando fala em você.

Arqueei uma sobrancelha para ela. Quem era para que meu avô falasse com ela sobre mim?

Como se lesse meus pensamentos, ela se apresentou:

– Eu sou Narcisa, sua vizinha...bom, mais ou menos, já que minha casa é meio longe, mas é a casa mais próxima da sua.

– E você andou todo o caminho até aqui? – perguntei. Afinal não tinha nada além da casa do vovô ali.

– Sim, seu avô me chamou – ela respondeu. – Ele é amigo dos meus pais e disse que você estava precisando de companhia, então eu me ofereci para vir até aqui já que estudamos na mesma escola.

– Estudamos? – ecoei. Eu nunca havia visto a garota na vida, mas não é como se eu tivesse prestado atenção às pessoas na escola. E, mesmo nos verões que eu havia passado ali, não costumava interagir muito com a vizinhança.

– Sim, eu estou numa série a sua frente.

Eu assenti, sem saber o que mais dizer. Queria matar meu avô. Eu não estava precisando de companhia, eu não estava precisando de ninguém! Só queria ficar sozinha, era tão difícil de entender?

Mas não podia simplesmente explodir em cima da menina que veio com tanta boa vontade ser minha amiguinha. Ela não tinha culpa que eu estivesse tendo tendências antissociais no momento.

– Então, você está gostando da cidade? – Narcisa perguntou.

– Eu já a conhecia – respondi. – Venho sempre para cá nas férias.

– Eu sei, seu avô sempre fica feliz quando sua família vem.

Assenti mais uma vez e ninguém falou mais nada. Ficamos naquele silêncio desconfortável quando duas pessoas acabam de se conhecer e não têm o que dizer ou não querem realmente conversar.

Acho que eu estava inserida no segundo caso, porque a última coisa de que eu precisava no momento era me engatar numa conversa banal sobre nada e coisa nenhuma.

– Quer entrar? – eu resolvi perguntar, rendendo-me às boas maneiras e aceitando o fato de que não conseguiria ficar sozinha naquela manhã.

– Claro – Narcisa respondeu sorrindo.

Eu tentei fazer o mesmo, mas acho que acabei fazendo uma careta, porque ela riu. Eu dei de ombros e me virei para entrar em casa, fazendo um sinal para ela me seguir.

– Ei, Maria Valentina – ela chamou e eu me virei.

– Sim?

– Quem é aquela vindo ali?

Ela indicou o portão com a cabeça e eu levantei os olhos para ver.

Era uma mulher baixa e magra, usando um bonito vestido colorido até os calcanhares, com um casaco preto por cima. Mesmo de longe, eu pude ver seus cabelos escuros e cacheados caindo ao redor do seu rosto ligeiramente bronzeado como uma perfeita moldura.

Eu não podia enxergar seus olhos por causa da distância, mas, de alguma forma, eu sabia a cor deles. Eu os conhecia.

Por anos pensei que não a reconheceria. Sempre pensei que, talvez, eu pudesse passar ao lado dela numa rua qualquer e não perceber quem era.

Mas, como em muitas outras coisas, eu estava enganada.

Talvez meus olhos não pudessem lembrar. Mas era como se eu a reconhecesse de um modo mais primitivo. Meu sangue, meu coração, minha alma a reconheciam.

Mesmo de longe, eu não podia deixar de perceber que a mulher bonita que me olhava tão intensamente do portão da casa do vovô... era minha mãe.



26



## O primeiro lugar não é meu

– Ei, VINCE!

Virei-me e vi Lucas vindo à minha direção.

– Essa foi incrível, cara! – ele disse, batendo no meu ombro.

Eu sorri e finquei a prancha na areia, balançando a cabeça para tirar o excesso de água do meu cabelo.

– Eu sei – disse, sem nenhuma modéstia. – Eu sou sempre incrível. Ele rolou os olhos.

– E babaca também.

Era fim de tarde de um domingo ensolarado e estávamos na praia, surfando. Bom, eu estava. Lucas era tão idiota que nem nadar sabia, o máximo que ele fazia era boiar na piscina da minha casa, porque além de tudo, era um abusado.

Mas fazer o quê? Melhores amigos não seriam melhores amigos se não fossem abusados.

– Quer ficar mais um pouco ou já podemos ir embora? – ele perguntou. – As meninas com quem eu estava conversando já foram e eu estou começando a ficar meio entediado.



Bom, se Lucas não sabia nadar, por que ele me acompanhava sempre até a praia? As palavras mágicas eram: garotas de biquíni.

– Acho que já podemos ir – concordei. – Estou cansado e já está ficando escuro mesmo. E eu ainda tenho que dar uma revisada na matéria para o teste de amanhã.

Lucas negou com a cabeça, incrédulo, enquanto eu pegava a prancha e começava a caminhar para o carro.

– Eu ainda não acredito – ele foi dizendo enquanto andávamos. – Sério, você parece outra pessoa! Ficou estudando a semana inteira para esse teste e ainda quer estudar mais?

– É sempre bom dar uma última revisada só pra se sentir seguro.

– E desde quando isso importou pra você, Vince?

– Todo mundo tem que crescer um dia, Lucas.

Ele parou quando chegamos ao carro dele e eu coloquei a prancha na parte de trás.

– Você pode não dizer, mas eu sei que é por causa da... –

Não o deixei terminar e peguei a chave da sua mão.

– Não fala o nome dela – eu disse com raiva.

– Mas... –

– Mas nada, eu não quero ouvir o nome dessa garota! – falei quase gritando. – É tão difícil de entender?

Lucas rolou os olhos e tirou a chave de mim, entrando no carro, no banco do motorista.

– Como você quiser – ele disse, ligando o carro. – Agora entra logo que eu tenho hora para estar em casa.

\*\*\*

Eu estava deitado na minha cama, olhando para o teto e rodando meu celular nas mãos. Lucas havia me deixado em casa há mais de uma hora e eu já tinha guardado minha prancha e tomado banho. O livro de biologia estava aberto na beirada da cama, com um caderno e um lápis do lado, mas eu nem tinha estudado muito. Depois de alguns minutos, cansado de tentar me concentrar, eu me larguei na cama e fiquei sem fazer nada.

Não. Não era bem assim. Eu estava fazendo uma coisa. Estava pensando. Fiz muito isso nos últimos dois meses. Fiquei parado, olhando para o teto, com o celular sempre nas mãos, pensando no que deveria fazer.

Apesar de ter tentado, no fim, não consegui impedir que Maria Valentina fosse embora. Engoli meu orgulho, implorei a ela que ficasse, abri

meu coração, disse que a amava, pedi para ela não me deixar, mas...não foi o suficiente.

Ela preferiu ir embora. Ela preferiu me deixar sozinho. Às vezes eu achava que a odiava, que nunca a perdoaria pelo que me fez, que não me importava mais com o que pudesse acontecer com ela, que a queria longe da minha vida. Mas o pensamento era sempre acompanhado pelo som da sua risada, pela visão dos seus olhos tão lindos se enrugando nos cantos quando ela sorria, pela voz dela me chamando de idiota. Não, eu não podia odiá-la, mesmo que quisesse. Porque só o pensamento de não vê-la mais doía mais do que qualquer dor que ela pode ter me causado.

Sim, eu a amava. Talvez ainda mais do que antes. Talvez por ter passado tanto tempo longe dela, eu tenha percebido que a dor que eu sentia era maior do que eu pensava que seria. Que meu amor por ela era maior do que eu imaginava.

Isso me assustava.

Garotos não admitem em voz alta, mas – e acho que isso acontece com todos – amar tanto dá medo. Principalmente quando se tem 16 anos. Eu nunca podia imaginar que encontraria uma garota que eu sentia que podia amar por toda a vida com só 16 anos. A adolescência foi feita para experimentar, curtir, se apaixonar mil vezes e se “desapaixonar” outras mil.

Mas com a minha bela nerd isso era impossível. Eu não podia simplesmente desligar o botão que me fazia amá-la. Mesmo que ela tenha mentido para mim, mesmo que ela tenha me enganado...eu não podia tirá-la de mim, da minha mente, do meu coração.

Eu tinha a vida inteira pela frente. Tinha um futuro incerto pelo qual esperar e ansiar, anos de juventude pela frente...e um olhar daquela garota ruiva que assistia South Park, usava roupas largas e só pensava em estudar destruiu tudo isso. Eu não conseguia mais imaginar minha vida sem ela. Eu não conseguia pensar num futuro em que ela não estivesse presente, em que eu não pudesse vê-la, falar com ela, brigar com ela, beijá-la, dizer que ela é linda e inteligente e que eu a amo.

Só isso já me faz querer odiá-la.

Rodei na cama e abri mais uma vez aquela última mensagem, aquele último contato que tive com ela.

Me perdoa.

Depois de tudo o que eu disse, aquelas eram as únicas palavras que ela tinha para mim. E eu não fazia ideia do que queriam dizer. Ela queria que eu a perdoasse pelo quê? Por mentir? Por ir embora? Por não me amar?

Fechei os olhos. Como em muitas outras noites, imaginei que ela estava lá, ao alcance das minhas mãos. Meus dedos corriam pela pele pálida do seu rosto e contavam cada pequena pintinha, como num jogo de ligue-os-pontos. Sua pele era quente e suave sob minha mão e eu podia sentir que ela tremia um pouco com o meu toque. Não como se tivesse medo ou frio, mas como se gostasse. Seus cabelos ruivos caíam em cachos largos sobre seus ombros e eram macios quando eu os acariciava. Eu imaginava que eles caíam sobre mim quando ela se inclinava para tocar meus lábios com os seus, que eles eram como fios de seda tocando meu rosto.

E então eu abria os olhos e não havia ninguém ali. E então eu me recriava por sonhar acordado como uma garotinha idiota de doze anos. Mas eu sabia que não importava o quanto isso fosse estúpido, eu sonharia com minha nerd de novo. Acordado ou dormindo, eu a veria esta noite. E em todas as outras.

\*\*\*

– Essa prova estava horrível – reclamou Lucas quando saímos da sala depois do teste. – Sério, minha mãe vai me matar se eu reprovar. E eu acho que vou depois dessa.

Eu ri.

– Quem manda ser burro? – provoqueei.

Ele deu um soco com força no meu ombro.

– Não esquece que você era desse clube até bem pouco tempo – falou, me fazendo rir. – Não cuspa no prato em que comeu, ok?

Rimos enquanto nos dirigíamos para a saída. No caminho, não pude deixar de ver Pedro e Fábio correndo até a quadra de futebol para o treino. Eu sempre me sentia meio melancólico ao vê-los treinando, mas não arrependido. É impossível ser bom em tudo e chega uma hora em que é necessário definir prioridades. E a minha agora era estudar e ser alguém.

E por isso eu saí do time.

– Anda logo, Vince – chamou Lucas, irritado enquanto mexia no celular. – A Lana já tá esperando a gente lá fora e sabe como essa maluca fica estressada quando tem que esperar. Sério, essa menina é o cão!

Eu não pude deixar de rir com isso, enquanto me apressava para acompanhá-lo.

– Não era eu o sortudo por ter uma prima gostosa morando comigo?

– Retiro o que disse. Ela pode ser gostosa, mas é insuportável! Ela me deixa louco!



Não disse mais nada, até porque meu amigo não iria gostar nada da minha opinião. Sim, ele estava apaixonado por ela. Muito apaixonado. E ela por ele. Claro que ela já havia percebido, Lana era esperta pra essas coisas, mas ela simplesmente se recusava a aceitar. Minha prima era linda e muito popular na escola dela, tinha todas as atenções e era alvo de inveja das outras garotas. E ela amava isso tudo. Não estava pronta para se importar com alguém e ter um namorado.

Já Lucas, que enxergava os outros tão bem, não entendia seus próprios sentimentos. E agora eu percebia como foi engraçado para ele me ver confuso e perdido sobre a nerd. E, como ele, eu não falaria nada, o deixaria tentar compreender sozinho. Mas, se o pobre garoto me perguntasse, como eu fiz, eu diria.

É, a vingança é doce.

– Estou criando raízes aqui – reclamou Lana quando entramos no carro e acenamos para o motorista partir. – Vocês são tão burros que não conseguem encontrar a saída?

– Cala a boca – mandou Lucas, emburrado.

– Ah, desculpa, eu feri seus sentimentos, querido?

Ignorei os dois e a iminente discussão. Era sempre assim, eu quase podia ver as faíscas entre os dois. E não me importava realmente com a brincadeira da Lana, ela só fazia isso para chatear o Lucas. Engraçado que, enquanto para o meu amigo, minha prima ficava mais insuportável a cada dia (mas nós já sabemos a causa disso, é claro), para mim, ela ficava cada vez mais... agradável.

Não, ela não tinha mudado nem um pouco. Continuava sendo egoísta, maldosa e superficial. Mas eu percebi que, bom, isso não a impedia de ser legal de vez em quando. Ou, para ser clichê, isso não a impedia de ter um bom coração. Esse era só o jeito dela. E descobri que gostava dele, era divertido. Não éramos amigos ainda, mas não éramos mais inimigos.

Depois de um tempo, até Lana percebeu que o jeito que minha mãe me tratava não era normal.

Deixamos Lucas na casa dele e depois fomos para a nossa casa. Almoçamos sozinhos, porque minha mãe ainda estava no trabalho e, logo depois, Lana foi se arrumar para ir ao cinema com o garoto da vez. Ela me lembrava muito do meu eu de antigamente. Mesmo apaixonada por alguém, velhos hábitos são difíceis de largar.

– Tchau, meu priminho besta preferido – ela disse quando passou pela sala, onde eu estava estudando.

– Tchau, minha priminha promíscua preferida – acenei e ela revirou os olhos, saindo de casa.

Voltei meus olhos e atenção ao livro de química. Eu não era inteligente como certas pessoas, mas se os últimos acontecimentos haviam me ensinado alguma coisa, era a ter paciência. E foi com muita paciência que eu aprendi a me concentrar e, algumas vezes, até a gostar de aprender. Não vou mentir, isso foram casos raros, porque ficar estudando em casa quando eu podia estar jogando futebol era um saco. Mas eu estava determinado.

Eu não podia deixar de pensar que, se eu fosse diferente, Maria Valentina talvez não tivesse ido embora. Se eu fosse inteligente, esforçado, se eu me preocupasse com o meu futuro, talvez ela tivesse ficado ao meu lado. Não, eu não podia trazê-la de volta com meu esforço nos estudos, mas se ela voltasse, eu estaria preparado.

Eu estaria preparado para ganhá-la para mim, para fazê-la se apaixonar de novo por um garoto que, dessa vez, valeria a pena.

E foi assim, com esse pensamento, que a verdade me atingiu como uma pedrada na testa. Eu não tinha mais nenhum ressentimento. Não havia nada pelo que eu ainda tinha que perdoá-la. Eu não sentia mais raiva, mágoa, angústia. Apenas esperava. Esperava que ela voltasse para mim.

Agora eu entendia. Entendia sua decisão em ir embora. Em pedir perdão. Ela tinha me dado o tempo que eu precisava para que nada mais estivesse entre nós. Ela tinha me dado o tempo para crescer, para amadurecer, assim como tinha dado esse mesmo tempo a si mesma.

Peguei o celular no bolso e li sua mensagem pelo que me pareceu a milésima vez. Antes eu não sabia o que ela queria dizer e nenhuma resposta havia vindo à minha mente. Agora mil palavras surgiam em minha cabeça. Mil maneiras diferentes de dizer “eu te amo e estou esperando por você, não há nada mais para perdoar”. Eu até comecei a digitar uma resposta, com o coração batendo acelerado no peito e as mãos suadas.

Mas parei antes de terminar a primeira palavra. Não. Eu não podia apressá-la. Era frustrante, mas eu tinha que confiar que ela voltaria quando estivesse pronta. Que ela me amava.

Ainda doía que ela não estivesse aqui. Mas eu só precisava pensar que ela voltaria. Ela tinha algo pelo que voltar.

\*\*\*

Eu sorria enquanto via o meu nome na lista do resultado do último simulado. A sensação era incrível. Meio que fazia valer à pena todas as tardes em que eu me tranquei em casa para estudar. Finalmente eu entendia porque Maria Valentina ficou tão irritada quando eu roubei o simulado no início do ano. E só agora, seis meses depois, eu podia experimentar a sensação incrível de ver os resultados dos meus esforços. Ter meu nome ali era mais gratificante do que eu pensei que seria.

– Cara, pensei que você ia ficar em primeiro lugar – Lucas veio até mim, também olhando para o meu nome no segundo lugar na lista presa no quadro de recados, bem embaixo de um nerd chamado Arthur Cabral.  
– Do jeito que estudou...o que aconteceu?

– Eu errei as duas últimas questões de História – confessei.

Lucas ficou confuso por um momento, depois negou veementemente com a cabeça.

– Impossível! – falou. – Essas eram as questões sobre a Revolução Russa e você sabe tudo desse assunto. Sem falar que você me deu cola da prova de História inteira, antes do maldito professor me mudar de lugar, e eu não errei nenhuma questão!

Eu olhei para os lados para ver se não tinha ninguém ouvindo e sussurrei:

– Eu errei de propósito.

Meu amigo me olhou como se eu tivesse acabado de confessar ser fã de musicais purpurinados da década de 1970.

– Você o quê? – ele soltou, batendo na minha testa com a palma da mão. – Fumou maconha, cara? Por que não me chamou? E ainda me chama de amigo...

Eu o empurrei e ri.

– Tá doido? É claro que eu não fumei maconha. Eu só errei de propósito.

– Mas por que? – insistiu ele, sem acreditar. – Por que você fez isso? Se você não fosse maluco, teria ficado com o primeiro lugar!

Suspirei e tentei explicar o que nem eu mesmo entendia direito pro meu melhor amigo:

– É exatamente isso. Eu não queria o primeiro lugar. Não posso ficar com ele. Ele é dela, entende? Não seria certo. Ela tem que voltar para ficar com ele.

Lucas negou com a cabeça, ainda com a expressão incrédula.

– Você tá doido, Vince. Perdeu completamente a noção.

Eu rolei os olhos e ri.

– Talvez...

\*\*\*

Cheguei em casa sozinho. Depois de ter visto meu resultado no simulado, resolvi ir logo para casa e não ficar até o fim da aula. Faltavam só mais duas mesmo e, como era o último dia de aula antes das férias, eu me permiti uma folga.

Quando já estava com um pé no primeiro degrau da escada, vi que a porta do escritório da mamãe estava aberta. Durante toda a minha vida, eu só vi aquela porta aberta quando meu pai estava vivo. Desde que ele morreu, mamãe sempre a manteve trancada com chave.

A curiosidade brotou em mim e eu me movi silenciosamente até lá, espiando antes para ver se tinha alguém. A sala estava vazia, então eu entrei. Minha mãe sempre foi extremamente organizada, mas havia papéis e pastas espalhados em cima da mesa e pelo chão, como se ela estivesse procurando alguma coisa. Comecei a passar os olhos pelos documentos, tentando ver se havia algo interessante, talvez sobre o trabalho dela, já que ela nunca conversava comigo sobre nada, mas ouvi o ruído de passos descendo as escadas e me assustei. Na pressa para correr até a porta, acabei derrubando uma pilha de pastas que estava na ponta da mesa. Rapidamente, me abaixei para colocar tudo no lugar. Foi quando eu vi.

Uma pasta onde estava escrito “Documentos do Vicente”.

Estranho...todos os meus documentos ficavam comigo. Certidão de nascimento, histórico escolar, tudo. Ficavam numa pasta na minha escrivaninha, já que mamãe viajava muito e podia não estar em casa quando eu precisasse de um deles.

Então o que era aquilo?

Os passos já estavam próximos e eu tive que pensar rápido. Era o meu nome ali. Então era meu, certo?

Certo ou não, eu abri a mochila e joguei a pasta dentro, fechando-a e colocando-a nas costas bem na hora em que mamãe entrou.

– Vince! – exclamou, olhando-me com raiva e...apreensão? – O que você está fazendo aqui?

Empertiguei-me e tentei usar minha maior cara de inocência.

– Nada, mãe – falei. – Cheguei mais cedo e vi a porta aberta. Pensei que a senhora estava aqui.

Ela passou os dedos pela roupa, ajeitando algum vinco imaginário e indicou a porta com um aceno.

– Saia. Você sabe que não pode entrar aqui.

Assenti e estava saindo, quando ela me chamou.



– Sim?

– A diretora da sua escola acabou de me ligar – ela disse, sem olhar para mim, voltando a se concentrar em uns papéis que tinha nas mãos.

– Ela disse que você conseguiu o segundo lugar no último simulado do semestre.

– Ah, é – eu disse, sem ter certeza do que viria a seguir. – E o que a senhora disse para ela?

– Que me ligasse quando você conseguisse o primeiro.

É claro.

Assenti e fui embora, subindo as escadas de dois em dois degraus. Entrei no quarto e me sentei na cama, jogando minha mochila de qualquer jeito no chão.

Deitei e coloquei os braços atrás da cabeça, passando a fitar o teto. Sorri. Se minha mãe tivesse me dito isso há alguns meses, eu ficaria arrasado. Tenho certeza que, depois de tanto me esforçar, só receber seu desprezo me destruiria. Afinal, qual era o problema? Por que ela sempre me tratava tão friamente?

Mas agora...agora eu simplesmente não me importava. Eu não entendia o porquê, mas não me machucava. O desprezo dela só encontrava o meu.

Sim, ela era minha mãe e eu a amava. Eu acho. Mas não sentia mais a necessidade de ter sua aprovação. Eu conseguia ficar alegre pela minha conquista sozinho e não precisava que ninguém me dissesse que eu era bom. Que eu tinha feito um bom trabalho.

Eu já sabia disso.

De repente, me lembrei da pasta que coloquei na minha mochila e me levantei para pegá-la. Sentado na cama, abri a mochila e tirei a pasta de lá. Segurei-a nas mãos por um instante, percebendo o quão antiga ela era. Então, sem conseguir conter mais a minha curiosidade, abri e passei os olhos pelo primeiro papel que havia lá dentro. Era um documento antigo, amarelado e meio amassado.

A pasta escorregou das minhas mãos e todos os papéis se espalharam pelo quarto.

Certificado de Adoção...?

27



## O amor é complicado

PASSEI OS OLHOS PELAS ROUPAS na arara, indecisa. Mordia os lábios e inclinava a cabeça, passando os dedos pelos diferentes tecidos e texturas, sem saber o que escolher.

– Anda logo, Valentina, não temos o dia inteiro! – reclamou Narcisa, batendo um pé no chão repetidamente. – Qual o problema? Por que não se decide?

Não importava o quanto eu pedisse, ela nunca me chamava de Maria Valentina. Dizia que meu nome era muito grande e ela desperdiçaria um terço da vida dela toda vez que precisasse me chamar.

– O problema é que eu não sei o que escolher – confessei.

Estávamos no shopping fazendo compras para a festinha de aniversário do irmão da Narcisa, que seria no dia seguinte, e a criatura insistente estava me obrigando a comprar uma roupa nova para usar, já que, segundo ela, eu só tinha lixo no armário.

Vovô apoiava Narcisa totalmente e os dois conspiraram contra mim, dizendo que eu só podia voltar para casa depois de comprar algo decente para vestir.



– Vamos, eu vou te ajudar – Narcisa disse, sorrindo para mim com aqueles grandes olhos azuis e me empurrando para poder olhar melhor as roupas. – Que estilo você prefere?

Eu pensei sobre isso por um segundo e a resposta foi automática:

– O meu.

Ela rolou os olhos.

– Não querendo ser rude, amiga, mas seu estilo é péssimo – disse, olhando depreciativamente para minhas calças de moletom folgadas e para minha camiseta extra grande com estampa de patos.

De novo, não.

Ei, eu precisava ficar confortável para fazer compras, certo?

– Não foi isso que eu quis dizer – eu tentei explicar. – O que eu quero é algo que...bom, seja bonito, mas não roube minha identidade. Eu quero poder me reconhecer, não mudar e negar quem eu sou. Se for para comprar roupas novas, que elas tenham a minha cara.

Certo, eu estava vomitando besteiras, eu sabia. Mas aquele era meio que um assunto sério para mim.

Narcisa sorriu e assentiu. Eu já havia contado todo o drama da minha vida para ela e a garota entendia. Ela sabia o quanto aquilo era importante para mim, eu queria me orgulhar de ser exatamente quem eu era, sem precisar fingir ser outra pessoa. E eu queria que isso pudesse ser refletido nas roupas que eu vestia.

– Vamos lá, vamos escolher algumas coisas juntas – ela disse, puxando-me de volta para perto da arara de roupas. – As roupas não mordem, não precisa ficar com medo, Val.

Mais um apelido... é, eu sei, mas não tinha como dizer não para Narcisa.

Eu sorri e depois suspirei. Eu era ruim nesse departamento. Muito ruim. Mas estava na hora de parar de ser criança e deixar de ser insegura em relação a esse tipo de coisa. Eu era uma garota, não, uma mulher. Precisava começar a agir como uma.

– Relaxa, garota, você não tá indo para a guerra – murmurou Narcisa, rindo.

Assenti e me forcei a relaxar. Talvez eu ainda estivesse meio traumatizada com tudo o que aconteceu desde aquele fatídico dia em que minha irmã me arrumou para ir à festa do primo da Petra. Mas agora era diferente, eu não queria ficar linda ou ser outra pessoa, eu só queria ser eu mesma.

Depois de ficar repetindo isso na minha cabeça a cada minuto, as coisas ficaram mais fáceis e eu até me diverti. Narcisa era meio impacien-

te e teimosa, mas eu podia ver que ela estava se controlando ao máximo para não bater minha cabeça na parede a cada vez que eu não gostava de algo que ela havia escolhido.

Eu adorava aqueles momentos com ela. Eram divertidos. Éramos divertidas juntas. Bobas, desocupadas e talvez um pouco infantis. Eu conhecia a garota há apenas seis meses e ela já era como uma irmã para mim. Narcisa era muito irritante, sempre queria as coisas do jeito dela, impaciente, impulsiva, e apesar de não parecer num primeiro momento, extremamente maliciosa. Contrastava muito com meu jeito tímido, receoso, quase calculista. A garota havia me colocado em cada enrascada nos últimos meses...mas havia me tirado brilhantemente de todas. E era isso o que eu mais gostava nela, apesar do seu jeito descuidado, ela se preocupava com os amigos e os protegia do seu modo.

Mas confesso que muitas vezes fui eu quem precisou ajudá-la a sair de certas situações. E eu descobri que adorava me sentir útil.

Nunca imaginei que uma amizade podia ser desse jeito. Que pudesse brotar do meio do nada de repente e se tornar tão indispensável. Sim, eu tive e tenho amigos em casa, mas são todos amigos que conheci a vida toda, amigos com os quais eu tive tempo de construir uma amizade. Uma amizade em especial que eu considerava forte e sólida, mas que desmoronou com o primeiro sopro forte. Não, eu não podia culpar apenas uma pessoa por isso. Eu fui tão culpada quanto Petra, cometi tantos erros quanto ela. E acho que o maior deles foi achar que ela estaria ao meu lado quando eu precisasse.

E por mais que eu não a odiasse, por mais que eu, mesmo agora, só desejasse a felicidade dela, no fundo eu sabia que nossa amizade havia sido destruída a um ponto em que não havia jeito de reconstruí-la. Eu nunca olharia para aquela garota que eu considerei minha melhor amiga do mesmo jeito. Eu sofria toda vez que pensava nisso, mas era tarde demais para nós.

É muito triste pensar que alguém que você amava, que esteve com você em todos os seus piores e melhores momentos, que te fez sorrir tantas vezes, te fez feliz e fez sua vida mais bonita...agora é praticamente uma estranha.

– Como vão as coisas no mundo da lua? – Narcisa perguntou, balançando uma mão na frente dos meus olhos.

Eu pisquei e percebi que tinha ficado perdida em pensamentos enquanto ela falava comigo e empurrava roupas em mim para que eu experimentasse.



– Anda logo, nós não temos o dia todo – ela reclamou, praticamente me empurrando para dentro do provador. – Adam não vai esperar a gente para sempre, sabe?

Assenti e dei um sorrisinho para ela enquanto entrava no provador com os braços cheios de roupas. Adam era o namorado dela. Ou eu poderia dizer, o amor da sua vida. Narcisa era uma boa namorada, mas às vezes quase tratava o garoto com indiferença, por ser tão apaixonada por ele que morria de medo que suas ações mostrassem isso.

Por que tudo relacionado ao amor é tão complicado?

Nunca ouvi falar de um amor que fosse fácil. Se existia, ainda não havia chegado aos meus ouvidos. Mas pela minha experiência, amar era horrível. Complicado, difícil, impossivelmente irritante.

E mesmo com todas as dúvidas, mesmo estando longe do meu objeto de afeição... eu havia começado a amar, a estar apaixonada. Conforme os meses foram passando, a dor da ausência dele foi aumentando, mas com ela veio a certeza, a segurança.

Ele estava esperando por mim.

Sim, eu agora acreditava que havia um garoto nesse grande pequeno mundo que me amava, cujo coração batia e respirava por mim. E ele me esperava. Talvez – provavelmente – as coisas não fossem ser fáceis quando finalmente nos encontrássemos de novo, mas eu não queria que fossem fáceis. Se fossem, não seria amor. Não o amor complicado e intenso que eu sentia. Não o tipo de amor pelo qual vale a pena esperar, pelo qual vale a pena ultrapassar todos os obstáculos e sentir a dor de todas as feridas.

– Já, Valentina? – ouvi a voz da Narcisa através da porta do provador. – Vamos ficar aqui para sempre mesmo?

Balancei a cabeça e disse a mim mesma para parar de devanear, me apressando em tirar minhas roupas.

– Espera só mais um pouquinho – pedi e só recebi um bufo impaciente como resposta.

Logo depois, eu abri a porta e saí para ela me ver, dando uma vultinha.

Narcisa me olhou de cima à baixo quase clinicamente e então fez uma careta.

– Tira isso, por favor – pediu e eu ri.

Eu estava vestindo uma saia até o joelho e uma blusa de renda cheia de lacinhos. Terrível e nem um pouco a minha cara, então não me importei de fazer o que minha amiga pediu. Voltei ao provador e tirei a roupa, colocando outra.

O processo todo levou pouco mais de uma hora. A minha impaciente amiga me fez correr para escolher tudo o que eu precisava e pagar. E depois, com as mãos carregadas de sacolas, corremos até o McDonald's, onde Adam nos esperava – ao contrário do que Narcisa havia afirmado – feliz e pacientemente.

– Demoramos, não? – ela foi logo dizendo enquanto se inclinava para beijar o namorado na bochecha. – Culpa da Valentina.

– Eu acabei de chegar, na verdade – Adam respondeu, sorrindo e dando um pequeno aceno com a cabeça para mim. – Oi, Maria Valentina.

Retribuí o aceno e o cumprimento e sentei em frente aos dois numa das mesas gordurosas da lanchonete.

– O que vocês vão querer? – ele perguntou, levantando-se. – Eu vou lá comprar e trago para gente.

Depois que eu e Narcisa dissemos o que queríamos – Adam nem se assustava mais com a quantidade de comida que eu consumia – ele se afastou para o balcão, parecendo bem feliz. Bom, ele sempre tinha aquele sorriso idiota na cara quando estava perto da namorada.

Os dois faziam o casal mais fofo que eu já havia visto. Adam era baixinho como a gente, apenas poucos centímetros maior que Narcisa (eu e ela tínhamos a mesma altura), e também tinha os cabelos lisos num tom loiro pálido quase idêntico ao da namorada. Mas enquanto os olhos dela eram de um azul aberto e brilhante, os dele eram castanhos, mas bem clarinhos com pequenos pontinhos verdes perto da pupila. Narcisa sempre ficava danada quando as pessoas perguntavam se eles eram irmãos, o que acontecia com muita frequência.

– Por que me apressou tanto? – perguntei, mas sem esperar resposta. – Aposto que se a gente chegasse aqui só amanhã, o Adam ainda estaria aqui, com aquele sorriso bobo na cara.

– Ah, cala a boca – Narcisa disse, corando.

Eu sorri e ela me acompanhou, mas seus olhos estavam no menino de cabelos loiros e suéter verde musgo na fila do balcão.

Eu estava invejando a sorte dela – não pude evitar, ok? – quando o meu celular vibrou no bolso da calça. Peguei-o rapidamente e li a mensagem.

– Droga – resmunguei, fazendo minha amiga virar os olhos para mim.

– O que foi, Valentina? – ela perguntou, perplexa ao me ver levantar e pegar todas as sacolas com minhas roupas novas. – Aonde você vai?

– Peça desculpas ao Adam por mim, ok? – eu pedi, já de pé, pronta para sair correndo. – Eu preciso ir, mamãe aprontou de novo.

Narcisa balançou a cabeça e sorriu.

– Tudo bem, pode ir. Eu queria ficar um pouco sozinha com o Adam mesmo...

– Sem vergonha. – disse Maria Valentina.

– Mas você me ama. – Narcisa retrucou.

Rolei os olhos e saí do McDonald's, correndo para pegar o ônibus a tempo.

Precisava impedir que minha mãe causasse um ataque do coração no meu avô.

\*\*\*

Não, não foi fácil.

Acho que já deixei claro que nada que realmente vale a pena é, mas quando eu digo que não foi fácil, eu quero dizer que foi a coisa mais difícil que já enfrentei.

Sim, isso inclui deixar o amor da minha vida para trás.

O fato é que reencontrar a mãe que eu perdi há tanto tempo foi completamente diferente do que algum dia eu imaginei que seria. Na parte da minha cabeça que ainda pensava como uma criança, eu imaginava que ela sorriria para mim e abriria os braços, e eu me jogaria neles, sentindo-me amada e protegida. E então, seríamos felizes para sempre, como uma família de novo.

Mas eu não mais era uma criança. E, por mais que eu quisesse, minha vida não era um conto de fadas.

Ela era muito bonita. Bonita como nos meus sonhos, nas minhas lembranças enevoadas e distantes. Suas mãos eram delicadas como eu me lembrava. Exatamente do jeito que eu ainda podia ver se fechasse os olhos e forçasse as memórias. Seus cabelos estavam um pouco mais curtos do que eu me lembrava, sua boca não estava esticada em um sorriso, suaves marcas de expressão marcavam suas feições. Seus olhos, tão iguais aos meus, eram tristes e sem luz.

Foi tão repentino que minha primeira reação ao vê-la foi simplesmente não ter reação.

Apenas fiquei estática, fitando-a com – eu desconfiava – olhos arregalados. Ela se aproximou vagarosamente e eu percebi que ela era ligeiramente menor que eu. E era tão estranho vê-la assim, quando em minhas memórias eu sempre precisava levantar a cabeça para olhar seu rosto, tão alto e distante. Ela parecia tão alta, grande, segu-

ra. E a mulher parada à minha frente parecia pequena, frágil, triste. Derrotada.

– Ratinha – ela disse, e era como se eu nunca tivesse esquecido o tom da sua voz suave, exceto que agora ela parecia quebrada e emocionada. – Você cresceu.

E então foi como se todas as lembranças me afogassem de repente, como se estivessem presas em uma caixa de vidro que se quebrou sem aviso. Lembranças de quando aquela mulher era uma mãe amorosa, que me segurava no colo e dizia que eu era uma linda “ratinha”. Sua voz cantada sussurrando histórias de príncipes e princesas na hora de dormir. Sua mão – as unhas sujas de tinta – afastando o cabelo da minha testa. Os “eu te amo” que ela sempre fazia questão de nos dizer todos os dias. “Eu amo vocês, pequeninas, muito assim” ela costumava dizer e abrir os braços largamente, arrancando sorrisos de mim e de Geny, que nem entendia direito o que aquilo significava.

Eu também não entendia, nem naquela época nem agora. Se ela nos amava tanto assim, por que foi embora? Por que nos deixou para trás tão facilmente?

Mas não, não foi facilmente. As lembranças não paravam de fluir em minha cabeça, lembranças de como papai e mamãe quase nunca estavam juntos e, quando estavam, sempre pareciam tensos e preocupados. Inclusive uma lembrança longínqua e meio irreal – dessas que você não tem certeza se aconteceram mesmo ou foram só um sonho – de suas vozes alteradas discutindo, que me acordaram no meio da noite. Eu dividia o quarto com Geny e mamãe sempre deixava a porta um pouquinho aberta, para que uma fresta de luz do corredor impedisse o quarto de ficar na total escuridão. Eu me levantei, assustada com os gritos que ouvia, enquanto minha irmãzinha continuava ressonando tranquilamente, e espiei pela abertura da porta. Não podia vê-los e nem lembro do que escutei, mas a aflição que senti naquela noite me parecia bem vívida agora.

E, logo antes de mamãe nos abandonar, eu agora lembrava da última briga. Estávamos à mesa do jantar, como em todas as outras noites, e o papai gritava com a mamãe. Eles não costumavam brigar na nossa frente, eram frios um com o outro, mas raramente perdiam o controle quando estavam perto de nós. Talvez por isso – agora – essa fosse a lembrança mais vívida em minha cabeça. Mamãe ficou calada, apenas olhando para o seu prato, mas parecia cada vez mais tensa e seus olhos não continham as emoções doces que eu costumava ver neles. Era como se eles não pertencessem à minha mãe. Brilhavam com ódio, com fúria

contida. Ao fim do jantar, ela olhou para o papai com esses olhos cor-  
tantes e disse:

– Seu amor sufoca, machuca. Mata. Você está destruindo o que de-  
via proteger.

E então, no dia seguinte, ela não estava mais lá.

– Acho melhor eu ir embora – uma voz se fez ouvir, ainda que distan-  
te, através da névoa que parecia cobrir minha mente. – Eu volto outra hora.

E eu “acordei” a tempo de ver Narcisa acenar tímida e hesitante-  
mente para mim, já a caminho do portão.

Meu coração batia tão forte no peito que eu desconfiava que podia  
ser ouvido à distância. Mas ao mesmo tempo, uma estranha apatia havia  
tomado conta do meu corpo, era quase como se eu não o sentisse, como  
se eu estivesse flutuando, com a consistência de uma nuvem. Virei-me  
para a mulher quase sem sentir, e surpreendi duas grossas lágrimas des-  
prendendo-se dos seus olhos.

– Me perdoe, ratinha – ela disse, enquanto mais lágrimas acompa-  
nhavam as primeiras. – Eu...eu...só me perdoe, filha.

E então eu não conseguia mais respirar.

O ar era como um veneno, queimando minha garganta e pulmões.  
Porque doía. Doía como eu nunca pensei que pudesse doer. Doía como se  
eu ainda fosse criança, como se ainda importasse. E importava. Durante  
anos eu pensei que compreendia o motivo que havia levado mamãe a me  
abandonar. Durante anos, pensei que eram válidos, que eram... compre-  
ensíveis. Pensei que, no seu lugar, eu talvez pudesse ter feito o mesmo.  
Pensei que a entendia, que a perdoaria. Que não doeria tanto.

E eu estava tão enganada.

Não, eu não entendia. Eu não aceitava. Eu não perdoava. E eu soube  
imediatamente que, mesmo que ficar me matasse lentamente, eu nunca  
abandonaria as pessoas que eu amava. Se fosse para fazê-los sentir aquela  
dor, a dor que me corroía naquele momento, eu nunca...

Só que eu fiz.

De longe, eu escutei vozes agitadas, ouvi meu nome sendo chamado  
e alguém me segurando quando minhas pernas não suportaram mais o  
meu peso. Meus olhos estavam abertos, arregalados, mas eu não enxer-  
gava nada, era como se tudo fosse de um branco ofuscante, cegando-me  
completamente. Eu não sentia nada, mas minha cabeça continuava flutu-  
ando.

Eu abandonei todos que amava. Meu pai, minha irmã.

E ele.

Vicente, que havia engolido seu orgulho, que havia me pedido para ficar. Que disse que me amava. Que me queria ao seu lado, mesmo depois de tudo o que fizemos um ao outro.

Eu podia achar que tinha todos os motivos do mundo. Precisávamos de tempo, precisávamos perdoar um ao outro... no fundo, eram só desculpas. Eu me convenci que eram razões sólidas, verdadeiras, só para mascarar a verdade.

Eu era uma covarde. Como minha mãe, eu fui fraca e covarde. E deixei meu grande amor para trás.

O ar, que antes parecia me envenenar, de repente me fez perder toda a sensibilidade. E depois, os sentidos.

\*\*\*

– O que ela fez agora, Aurélia? – perguntei enquanto entrava em casa e largava as sacolas descuidadamente no corredor.

A mulher alta, com os cabelos escuros presos numa trança, correu até mim, parecendo ao mesmo tempo irritada e aflita.

– Ela quer abrir a gaiola dos passarinhos – disse rapidamente, ignorando as sacolas de compras e me empurrando para o solar, onde ficava a saída para o jardim em que o vovô criava sua coleção de pássaros exóticos.

Sim, eu nunca disse que minha família era a mais normal, certo? Algumas pessoas colecionam selos, bonecas, elefantes em miniatura. Meu avô colecionava pássaros.

– É sério? Ela enlouqueceu? – soltei, exasperada, correndo para tentar evitar a catástrofe. – Vovô ama aqueles bichos!

Eu não podia acreditar naquilo. Tudo bem que se eu fosse um pássaro, eu provavelmente não gostaria de ficar engaiolada, mas será que mamãe não tinha aprendido nada com tudo o que aconteceu durante todos esses anos? Será que ela não percebeu que amar é, às vezes, segurar bem forte e impedir que quem se ama – no caso do vovô, suas aves esquisitas – vá embora? Nós conversamos tanto durante esses meses, ela me disse tantas vezes que...

Meus pensamentos foram interrompidos quando eu saí para o jardim e parei, estática.

Era apenas o início da noite e o céu ainda estava claro. As noites de verão na casa do vovô eram quase sempre bonitas e agradáveis, com uma brisa morna acariciando suavemente as folhas das grandes árvores do jardim. Agora, essas mesmas árvores estavam enfeitadas com várias lâmpa-

das japonesas coloridas, dando ao lugar uma aparência mágica, como se fadas fossem aparecer por trás delas a qualquer momento. Várias mesas estavam dispostas pelo jardim, enfeitadas com flores e fitas, os arranjos feitos provavelmente pela minha mãe. De alguma forma, eu podia ver o toque dela naquela decoração. Além disso, o lugar estava cheio de velas colocadas em pequenos recipientes de vidro, fazendo um caminho até a escada de pedra que dava ao solar, exatamente onde eu estava parada.

– Pegamos você direitinho, não foi, Val? – Narcisa soltou, com um sorriso travesso.

Não só ela estava ali, Adam também, segurando sua mão com carinho e sorrindo. Eles devem ter vindo tão rápido que com certeza Adam levou algumas multas. Além deles, estavam os pais dela e o seu irmãozinho, os vizinhos preferidos do vovô. Vovô também estava lá, sorrindo ternamente ao lado da minha mãe, que vestia um lindo vestido cor do mar e me fitava com olhos brilhantes.

Ah, e não podia esquecer de perceber quase todos os meus colegas da escola sorrindo e acenando para mim.

– M-mas... – comecei, atônita, colocando a mão sobre a boca sem nem mesmo perceber o movimento, e entortando meus óculos sem querer. – Mas o que é isso? Por que estão todos aqui?

Aurélia surgiu na escada atrás de mim com um sorriso iluminando suas feições.

– É sua festa de despedida, querida – ela disse, colocando suas mãos em meus ombros e me fazendo descer até o jardim. – Ou achou que seus amigos a deixariam ir embora sem se despedir?

Olhei surpresa e chocada para ela e depois para o vovô, que se aproximou e me deu um carinhoso beijo na testa.

– Vovô, é verdade? – sussurrei, incapaz de acreditar. – Eu vou poder voltar? Finalmente, eu vou voltar para casa?

Ele riu e bagunçou meus cabelos, que caíam soltos sobre meus ombros.

– Você não é muito lisonjeira, minha ratinha – ele disse, fingindo ter ficado chateado com o meu tom ansioso. – Assim eu vou pensar que você mal pode esperar para se ver livre desse seu velho avô.

– Ah, vovô, não é nada disso! – eu o assegurei, abraçando-o. – Eu só...eu só...

Ele sorriu mais uma vez e ajustou os óculos no meu rosto.

– Você só quer voltar para casa, não é? Não se preocupe, eu entendo. Apesar de ser difícil acreditar que minha pequena ratinha cresceu.

– Do que o senhor está falando?

– Só uma mulher pode ir embora deixando deliberadamente seu coração para trás. Você já não é uma criança, Maria Valentina. E chegou a hora de ir buscar o que é seu.

Eu mal podia controlar as lágrimas. Não queria chorar na frente de todas aquelas pessoas, que continuavam me olhando alegremente, esperando o momento em que meu avô me liberaria para falar com eles. Mas era difícil. Eu sentia uma felicidade tão grande, com uma pontinha de dor amarga, que era quase impossível me conter.

Desde o momento em que vi mamãe pela primeira vez, seis meses atrás, no portão daquela casa, decidi que tinha que voltar para casa. Que sim, havia cometido o mesmo erro que ela, mas que não era tarde demais para consertar. Insisti naquilo com uma determinação quase insana, mas nem o papai nem o vovô concordaram que eu deveria voltar. Fiquei quase dois meses com raiva dos dois, sem falar com ambos. Foi nesse período que eu passei a ficar mais tempo fora de casa, para evitar o vovô, passando a andar com a Narcisa. Foi quando nos aproximamos. Eu não queria falar com o papai, com o vovô, muito menos com aquela mulher que havia me abandonado. Achei que estavam todos contra mim.

Foi Narcisa quem me fez abrir os olhos. Foi ela que me fez pensar, pela primeira vez desde que mamãe apareceu, a ouvir aqueles que pareciam estar só tentando me proteger.

– Se sua mãe não se importasse com você – ela havia dito numa tarde. – Por que se daria ao trabalho de vir aqui depois de tantos anos? Por que iria a sua casa todos os dias, se você continua se recusando a falar com ela? Por que ela ainda tentaria?

Aquilo martelou na minha cabeça durante alguns dias, até que eu resolvi conversar com o vovô numa noite, depois do jantar. Não só eu estava furiosa com ele por concordar com o papai quanto a minha permanência na Romênia, como por ele ter mantido contato com minha mãe pelo que eu pensava terem sido anos. Sim, ele que contou a ela que eu estava ali. Ele quis que eu a visse. Ele a convenceu a vir.

Meu avô era um homem gentil e sábio. E, enquanto eu fui preparada para brigar e acusar, ele foi preparado para se desculpar, tentar me entender e me fazer entendê-lo. Contou-me que não queria que eu fosse embora por causa da minha mãe, me disse que se eu desse às costas à ela estando tão transtornada como eu estava, talvez nosso relacionamento ficasse quebrado para sempre. Aquela era a última chance que eu tinha de obter as respostas para as perguntas que eu me fazia há mais de dez anos.





Aquela era a última chance que eu tinha de perdoá-la e tê-la de volta em minha vida. Ou de simplesmente superá-la e seguir em frente.

Ele me fez perceber que se eu não a ouvisse agora, não a ouviria nunca. E nunca conseguiria me perdoar por isso depois.

Eu tinha muito a agradecer àquele velho charmoso.

– Eu te amo, vovô – eu disse, abraçando-o e escondendo minhas lágrimas no seu suéter verde.

Ele me abraçou de volta e beijou o topo da minha cabeça.

– Também amo você, ratinha.

Quando me soltei dele, tinha controlado o choro, a maior parte das minhas lágrimas haviam ido parar na roupa do vovô e eu só desejava que meus olhos não estivessem muito vermelhos.

Mamãe se aproximou e nós dois sorrimos para ela. Então o vovô, casualmente demais, disse que tinha que falar com Aurélia e nos deixou.

Ainda era difícil agir com naturalidade com ela ali. Mas nós estávamos tentando. E eu queria que desse certo.

– Você está linda – ela disse, colocando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

– Eu estou horrível – eu ri e ela riu também.

– Tudo bem, não seria ruim se você colocasse uma das roupas lindas que Narcisa me disse que vocês compraram.

Eu balancei a cabeça, pensando em como tinha caído naquela. Afinal, quem iria ligar para o que eu estivesse vestindo num aniversário de criança? O provável era que eu acabasse com sorvete de chocolate na roupa mesmo.

– Vocês me pegaram direitinho – eu disse, mas o sorriso nunca abandonava o meu rosto.

Já o da minha mãe vacilou.

– Maria Valentina – ela disse, apertando suavemente meu ombro. – Seu pai odiou esse nome quando eu o escolhi.

Não falei nada e, por uma fração de segundo, o olhar dela pareceu perdido. Mesmo com todas as nossas conversas nesses últimos meses, mamãe raramente mencionava o papai.

Eu tinha certeza de que ele a amava, de que ele nunca a esqueceu, nem só por um minuto. E, quando eu finalmente conheci minha mãe, pude ver nos olhos dela que o sentimento era recíproco. Ela o amava tanto quanto ele a amava.

É estranho como duas pessoas que se amam tanto podem machucar um ao outro dessa maneira.

Eu sabia do que estava falando. Claro que em escalas diferentes, mas eu havia sentido como o amor machucava.

– Maria era o nome da minha mãe – ela disse e eu fiquei surpresa. Nunca soube nada da família dela. – E eu sempre amei o nome Valentina. Juntei os dois. Seu pai ficou bem irritado, mas cedeu. Eu ficava horas apenas chamando o seu nome quando estava grávida. Gostava de pensar que você podia me escutar.

Talvez fosse por isso que o papai nunca me chamava – nem minha irmã – por nenhum apelido, mesmo não gostando dos nossos nomes. Supondo que ele também não gostasse do da Geny. Talvez fosse porque mamãe o dizia inteiro. Talvez fosse porque ela o tivesse escolhido, porque gostava dele.

Eu costumava odiá-lo. Agora amo meu nome. Porque quem eu amo gosta dele.

É, dá para entender meu pai. Total.

Eu sorri para a mamãe e segurei a mão dela que estava no meu ombro, apertando-a um pouco. Ainda me surpreendia um pouco perceber o quanto sua mão era pequena, o quanto aquela mulher parecia frágil. Um pouco da tristeza que a envolvia naquele primeiro dia havia sumido, deixando-a mais jovem, mas algo nela ainda a fazia parecer extremamente vulnerável, pequena.

– Vou sentir sua falta, filha – ela terminou, os olhos brilhando.

– O quê? – soltei, surpresa.

Ok, era óbvio.

Como isso não me passou pela cabeça antes? Sério, como? Eu iria embora e minha mãe...não. Justamente quando começávamos a nos dar bem, a nos conhecer...eu iria embora. Por que pensei que ela iria comigo? Parecia o normal, o certo, como se ela devesse me acompanhar, ficar comigo. Talvez nossa relação nunca fosse como uma relação normal de mãe e filha, mas eu queria pelo menos o que nós já tínhamos. Amizade.

– Você não vai, não é? – gaguejei, apertando mais sua mão.

Ela sorriu tristemente.

– Você consegue imaginar que cara seu pai faria ao me ver? O que ele diria ao saber que eu tenho estado aqui com você? Sabe, não sou a pessoa preferida dele.

– Você é minha mãe! – insisti, sentindo algo pesado no coração.

– Ele não pode te impedir de me ver. E eu já sou grande o bastante para tomar minhas decisões.

Ela assentiu e me fez soltar sua mão, para voltar a passá-la por meu cabelo.

– Sabe, eu realmente adorei essa franja e seus óculos novos – disse.

Há uma semana, eu tinha cortado as pontas do cabelo e resolvi fazer uma franja curtinha, cobrindo as sobrancelhas. Parecia combinar perfeitamente com meus novos óculos, grandes e quadrados.

Lentes de contato eram trabalhosas demais e faziam meus olhos coçarem. Além do mais, como as lentes novas dos óculos eram mais finas e sem reflexo, meus olhos não ficavam escondidos atrás delas.

Ainda era eu mesma, mas um pouco diferente.

– Sabe – eu disse, rolando os olhos para a mamãe. – Você realmente não é sutil quando tenta mudar de assunto.

Ela riu e Narcisa apareceu de repente entre nós.

– Ok, tenho certeza que o papo está ótimo – começou, puxando-me sem rodeios. – Mas se você não reparou, Val, tem uma festa esperando por você. E você ainda nem está vestida para ela!

– Se alguém tivesse me avisado, talvez eu pudesse estar preparada para a ocasião – eu retruquei.

– Se alguém tivesse te avisado, não teria graça nenhuma – ela fez uma careta para mim, como se eu fosse bem estúpida por não perceber o óbvio.

Eu ri e olhei para a mamãe.

– Pode ir, meu bem – ela disse. – Vamos estar esperando.

Assenti e já estava seguindo com Narcisa para dentro de casa, quando me virei e disse:

– Sabe, mamãe, acho que você está errada.

Ela me olhou interrogativamente, assim como algumas pessoas que estavam lá, já que eu não estava falando exatamente baixo.

– Se o papai tem uma pessoa favorita, definitivamente é você. Ele só precisa lembrar disso, eu acho.

Então eu sorri ao ver sua expressão mortificada e entrei em casa com Narcisa.

\*\*\*

Qual foi a grande explicação? O grande motivo? O que iria compensar o passado, desculpar seus erros, solucionar todos os problemas?

Por que minha mãe foi embora? Por que abandonou suas filhas? O que a fez nos dar às costas e sair pela porta?

Na verdade, nem tudo tem uma razão.

Mamãe era apenas jovem demais, inconsequente demais, infeliz demais. Ela estava vivendo uma vida que nunca pensou que iria viver. Casamento era um conceito antiquado e sem graça para ela. Amor era um que ela gostava muito mais. Paixão, romance. Era isso que ela queria. Se casou com o papai porque o amava muito, mas não estava preparada para aquilo. Não foi apenas culpa dela. Ele também não percebeu o erro que ambos estavam cometendo. Ele não tentou mudar nem um pouco o seu jeito rígido e certinho por ela. Ele achava que ela tinha que mudar por ele.

Ninguém deve mudar quem é por causa de outra pessoa. Não há problema em mudar, desde que seja porque realmente se quer isso. Por si mesmo, não pelos outros.

Talvez, se mamãe tivesse aparecido em outro momento da minha vida, eu não pudesse entendê-la como agora. Talvez esse tenha sido o momento perfeito, no fim das contas.

Ela errou. Se arrependeu. Mas achava que era tarde demais. Tinha medo do papai, tinha medo de chegar perto dele. Porque o amava demais. Porque temia que ele a fizesse voltar, que a prendesse de novo.

Ela não me disse isso, mas acho que o que ela mais temia era querer ficar. Era querer negar sua existência livre e ser uma feliz prisioneira.

Não que todo amor seja uma prisão. O do meu pai é. Vai entender.

Mas eu acho isso porque quando eu contei a ela sobre o Vicente, ela sorriu, triste, e disse:

– Queria poder ter tido a sua cabeça quando era mais jovem.

E eu perguntei:

– Por que?

Ela virou de costas para mim e ficou olhando a janela. Estava chovendo e as gotas escorriam pelo vidro.

– Para poder ter tido certeza do que realmente queria, como você tem – foi o que ela disse.

– Eu só quero ser feliz – retruquei.

– Eu achava que queria isso também – e então ela virou e tinha lágrimas no rosto, como as gotas de chuva no vidro atrás de si. – Mas procurei pela felicidade no lugar errado.

Eu já tinha começado a perdoá-la. Eu já tinha começado a gostar dela. Mas acho que foi só nesse momento que a amei pela primeira vez. Como minha mãe. Foi nesse momento que quis protegê-la, fazê-la feliz. Foi nesse momento que realmente me senti uma filha preocupada com a mãe.



Quando criança, você sempre pensa que seus pais são invencíveis. Você pode amá-los ou temê-los, tanto faz. Ainda assim, você cria essa imagem meio irreal deles, meio idealizada. Quase como se eles não fossem humanos. Pais não choram, pais não sentem dor, pais não têm o coração partido.

E é sempre difícil quando nós crescemos e descobrimos que eles são só pessoas. Eles erram. Para falar a verdade, às vezes eles ferram com tudo mesmo. Eles são idiotas, fracos, irresponsáveis, insensatos. Eles são humanos. Choram, se machucam, amam, sofrem.

Sim, é difícil enxergar isso, mas quando finalmente eu enxerguei, consegui seguir em frente. Sim, eu aprendi muito sobre perdoar nos últimos meses. É uma merda. Dói. Mas quando eu finalmente perdoei minha mãe por ter sido simplesmente humana...eu me senti tão leve como se pudesse tocar o céu.

Eu finalmente tinha uma mãe. Eu finalmente podia amá-la livremente e ser amada por ela. Ainda era estranho, ainda estávamos nos conhecendo, não era como se todo o passado pudesse ser apagado rápido assim.

Mas o mais difícil tinha ficado para trás. Íamos conseguir.

\*\*\*

A festa acabou bem tarde. Tudo bem que “festa” não era o termo exato. Tomamos ponche sem álcool e comemos sanduiches e o maravilhoso bolo de nozes da Aurélia. Eu tinha feito vários amigos na escola por causa de Narcisa. Apesar de sua personalidade extremamente difícil, ninguém conseguia ficar longe dela.

Claro que ela teve que me fazer trocar de roupa e colocar uma calça jeans escura e uma camisa azul estampada com diminutos coelhinhos. Ambos do meu tamanho, nada de roupas largadas. Eu me senti bonita e confortável.

Mamãe, vovô e Aurélia ficaram em uma mesa com os “adultos” e, depois que estes foram embora, entraram em casa. Meus amigos da escola e eu ficamos sentados em uma mesa conversando, rindo, relembrando os momentos mais inesquecíveis de nossa amizade tão recente. Fiquei feliz por ver aquelas pessoas sorrindo para mim e relembrando momentos que passaram comigo – depois que eu parei de ser uma estranha chorosa e antissocial. Percebi que me alegrava saber que eu havia passado pela vida deles, feito uma – pequena – diferença. Me senti

especial em saber que eles sentiriam minha falta. Porque – e eu não havia percebido até aquele momento – eu também sentiria a falta deles. Principalmente do Adam e da Narcisa, que eu já amava como se fossem meus amigos há séculos.

E foi por isso que, uma semana depois, eu chorava copiosamente ao me despedir dela, que não chorava apenas porque era durona demais para isso, mas tinha os olhos úmidos e os lábios trêmulos.

– Eu estou falando sério – ela ia dizendo enquanto eu a abraçava com força. – Se você passar um dia sem me mandar uma mensagem, eu juro que nunca mais falo com você!

– Ok, eu prometo – disse entre as lágrimas. – Não vou esquecer de você nem por um dia.

Ela bufou, mas sorriu.

– Como se me esquecer fosse possível.

Eu ri junto com ela.

– Você não se acha nem um pouco, não é?

Ela então me mostra um sorriso brilhante e faz duas covinhas nas bochechas com os dedos, mostrando o quanto é adorável.

– Eu vou sentir sua falta, Val – ela fala, parecendo subitamente triste e baixando as mãos.

– Eu também vou sentir sua falta. Estranho, mas nunca pensei que encontraria uma amiga ao vir para cá.

– Uma melhor amiga – ela me corrigiu.

Eu sorri e assenti.

– Uma melhor amiga.

E era verdade. E eu me sentia mais feliz por isso do que podia dizer, por isso só a abracei de novo.

– Agora vai logo falar com sua mãe e seu avô enquanto eu procuro pelo Adam – ela disse e continuou murmurando. – Juro, se esse garoto se perdeu no estacionamento de novo...

Eu sorri e fui até mamãe e vovô, que me olhavam com tristeza e resignação, nessa ordem.

– Vamos lá, não é para sempre – eu disse, tentando animá-los. – São só durante as férias de verão. Logo, logo, eu volto.

– Vamos sentir sua falta do mesmo jeito, ratinha – meu avô disse e minha mãe assentiu.

– Também vou sentir saudades – eu disse e minha voz saiu embarcada. Meu rosto ainda estava marcado pelas lágrimas, mas eu não queria mais chorar. Não era bem um adeus. Era um até logo.

Depois de despachar minha mala e me despedir de todos – inclusive do Adam, que chegou arfando e se desculpando pela demora, enquanto Narcisa ralhava com ele por se perder no estacionamento – eu fui em direção à sala de embarque. Antes de virar, porém, eu olhei para trás. Vovô estava falando com Narcisa e Adam, mas mamãe olhava diretamente para mim. Eu sorri para ela de longe. As pessoas passavam por nós, os ruídos de passos, malas sendo arrastadas, conversas e até a voz irritantemente mecânica da mulher que chama os voos estavam entre nós.

Eu movi os lábios sem som dizendo “eu te amo, mãe”.

E vi duas grossas lágrimas escorrerem dos seus olhos enquanto ela fazia a mesma coisa, dizendo “eu também te amo, filha”.

Sorri e entrei na sala de embarque.

Eu estava me sentindo tão diferente em relação à última vez em que estive naquele aeroporto... Apenas seis meses atrás, mas pareciam anos, décadas, vidas. Eu havia mudado tanto. Eu me sentia tão diferente. A menina confusa, perdida, quebrada e assustada que havia descido de um avião naquele lugar tão longe de casa, sem esperar nada... havia crescido. E estava voltando para casa. Para ele.

– Vicente – eu sussurrei para mim mesma. – Eu finalmente vou poder te dizer o que não disse há seis meses.

Eu te amo.

Esse amor maluco e imprudente. Esse amor complicado. Mas que vale a pena.

Eu te amo, Vince Müller.

Espera por mim.

# Medo de trovão

– JÁ TERMINOU DE ARRUMAR sua mochila, Vince?

Abri os olhos. O céu violeta meio encoberto de nuvens estava a minha frente. O ar era pesado e úmido. Frio, mas não o suficiente para me fazer sentir desconfortável nos meus jeans e camiseta. A grama sob meu corpo estava gelada e ligeiramente molhada, ainda que tivesse chovido só um pouco no dia anterior.

– Vince! – Lucas tornou a me chamar.

Voltei a fechar os olhos e gritei de volta:

– Não enche!

Ouvi passos se aproximando e, em seguida, fui acertado na cara por uma mochila vazia. Abri novamente os olhos e me sentei, xingando.

– Anda logo, seu folgado – Lucas disse irritado. – Não quero me atrasar amanhã e você é quase uma noiva para se arrumar.

Soltei mais alguns palavrões enquanto via meu amigo voltar à casa, me deixando ali com a mochila vazia. Levantei-me, mal humorado, e o segui. Lucas se jogou no sofá e começou a zapear pelos canais, sem interesse. Eu passei direto por ele e fui até seu quarto, começando a jogar algumas roupas de qualquer jeito na minha mochila.

Ouvi meu nome sendo chamado e olhei para a porta, que estava aberta. A mãe do Lucas estava lá, sorrindo docemente para mim, com





uma pilha de roupas nas mãos.

– Precisa que eu lave alguma coisa, querido? – ela perguntou.

Senti um estranho incômodo ao ouvi-la me chamar de querido. Costumava sentir isso quando era criança e ela me servia de mais um pedaço de bolo sem que eu precisasse pedir. Me fazia ter a sensação de que ia cair no choro a qualquer momento.

Patético.

Não sentia isso há séculos, mas desde que vim passar a semana na casa do meu amigo, o sentimento voltara com força total. Por isso eu evitava a mãe dele e passava o maior tempo possível do lado de fora.

– Er... não, obrigado – gaguejei.

Ela sorriu e disse que, se eu precisasse de alguma coisa, era só pedir. Respirei aliviado quando ela foi embora e resolvi fechar a porta.

Continuei a jogar minhas coisas desordenadamente na mochila. Aquela primeira semana de férias não tinha sido das melhores. Para falar a verdade, estava concorrendo ao posto de pior semana da minha vida. Apesar de ter ficado o tempo todo na casa de Lucas, eu não estava me divertindo nem um pouco. A culpa era minha, eu sabia, por não me concentrar o bastante para manter uma conversa, por não querer jogar Xbox, por inventar desculpas para não ir à piscina, por não querer sair de casa, por ficar a maior parte do tempo sozinho...enfim, por ser um idiota completo. Eu ficava na cama até tarde, mesmo que estivesse acordado a maior parte do tempo. Fazia as refeições em silêncio e passava a maior parte do dia deitado no gramado do jardim, olhando para o céu e pensando.

Tinha tantas coisas em que pensar que já sentia minha mente implorando por um descanso. Queria poder deixá-la em branco, não pensar em nada, não sentir nada. Queria entorpecimento.

Mas era impossível. Do momento em que eu abria os olhos de manhã até quando finalmente caía no sono no meio da madrugada, minha mente trabalhava sem parar.

E, surpreendentemente, nenhum desses pensamentos tinha a ver com a nossa ida à praia.

Sim, por isso eu estava sendo obrigado a arrumar uma mochila com roupas. Lucas, eu e mais algumas pessoas da escola iríamos passar uma semana na casa de praia da família do Lucas. Quando não viajávamos, sempre costumávamos nos reunir com o pessoal por uma semana ou duas em algum lugar e eu, sempre, mal podia esperar para ir.

Agora eu preferiria ficar deitado no gramado do meu amigo pelo resto das férias.

Terminei de colocar as coisas na mochila e a atirei em um canto do quarto. Resolvi tomar um banho e caminhei pesadamente até o banheiro. Me sentia cansado apesar de não ter feito nada o dia todo. Liguei o chuveiro e deixei a água esquentar, só então tirei minha roupa e me enfiei debaixo d'água. A água estava tão quente que quase doía ao tocar minha pele, mas eu gostava exatamente assim. Não me apressei em pegar o sabonete, o shampoo ou qualquer coisa. Só fiquei parado embaixo do chuveiro, sentindo a água quente desfazer os nós em meus músculos.

Depois de muito tempo, relutantemente saí do chuveiro. Acabei colocando a mesma calça jeans que estivera vestindo e uma camisa velha do time de futebol da escola. Pensei que poderia – devia, na verdade – ir até a sala e fazer companhia ao Lucas junto à TV, mas não tinha forças para isso. Não tinha forças para me interessar por algum programa inútil, nem para fingir que estava bem.

Eu não só não estava bem, eu estava destruído.

\*\*\*

Fazia apenas uma semana desde que eu entrara no escritório da minha mãe e mexera em seus papéis. Minha mãe... eu deveria mesmo chamá-la assim?

Minha primeira reação foi negar. Claro que aquilo não era possível. Eu devia ter lido errado, me enganado... era isso, aquilo não passava de um engano. Talvez eu estivesse precisando de óculos ou coisa assim. Ou talvez aquele registro não fosse meu. Talvez fosse de outra pessoa e por acaso estava nas coisas da minha mãe...

Eu sempre fui muito bom nesse negócio de negação.

Mas chega uma hora em que não dá mais. Eu, no fundo, sabia que só estava me iludindo. Afinal, fazia algum sentido, e eu me peguei perguntando em voz baixa como não tinha imaginado algo como aquilo antes.

Acho até que eu sabia. Algo dentro de mim sabia.

Então era isso. Eu era adotado.

Não era o fim do mundo, sabe? Bom, no primeiro momento parecia sim. Mas eu não acho que eu teria ficado tão machucado se tivesse sido amado. Bom, de certa forma eu fui. Pelo menos pelo meu pai. Eu podia ser pequeno quando ele morreu, mas sei que ele me amou. Em todas as minhas lembranças de quando era um garotinho, eu podia ver seu sorriso, ouvir sua risada, sentir seu amor por mim. Eu era o seu garoto, seu orgulho. E ele me amava.

Então por que aquela que eu chamei de mãe por toda a vida parecia querer que eu desaparecesse no ar como fumaça? Por que ela não me amava? Por que ela me adotou, se não me queria?

E quem eram meus verdadeiros pais? Onde estavam? Vivos, mortos? Não me quiseram ou simplesmente não puderam cuidar de mim?

Eram tantas perguntas, tantas sensações que eu senti que iria passar mal. Larguei os papéis, deixando-os se espalhar pelo chão e corri para o banheiro, onde vomitei todo o meu café da manhã. Me senti um pouco melhor depois disso. Apenas um pouco.

Eu deveria simplesmente enfrentar minha mãe, interpelá-la. Obrigá-la a ser sincera comigo. Eu merecia aquilo, não aguentava mais mentiras sendo jogadas em cima de mim. Era a minha vida, droga! Eu merecia saber a verdade sobre mim mesmo.

Mas não consegui.

Covarde, eu sei, mas eu não queria que minha última ilusão se desfizesse. Se eu continuasse pensando que aquela mulher era minha mãe de verdade, então ela teria que me amar. Que mãe não ama seus filhos?

Eu tinha medo de sua resposta. Tinha medo que ela ficasse aliviada por eu ter descoberto. Que dissesse algo como “ainda bem que eu não preciso mais fingir”.

Não que ela fingisse muito bem, para começo de conversa.

Mas eu queria me agarrar àquele último fiozinho de esperança. Eu não queria que o mundo em que eu vivi por 16 anos se desintegrasse ao meu redor. Queria gritar, queria chorar, queria voltar àquele primeiro estado de negação.

Mas a verdade me perfurava como uma faca. E era impossível ignorá-la.

No fim, a decisão foi tirada das minhas mãos.

Minha própria mãe trouxe o assunto à tona quando nos sentamos para jantar naquela noite. Lana não havia ficado para o jantar, saíra com um garoto. Eu pensei que ia jantar sozinho, por isso me surpreendi quando mamãe apareceu. Ela raramente fazia as refeições comigo. Raramente aparecia em casa e, se estivesse lá, quase não saía do seu escritório.

Começamos a comer num silêncio incômodo. Foi horrível. Eu nem sei como consegui engolir alguma coisa, a comida descia como areia em minha garganta. Minha cabeça trabalhava todas as maneiras de começar aquela conversa, se é que eu devia começá-la. E enquanto eu ainda estava imerso nesses pensamentos, mamãe se adiantou e disse:

– Você viu, não é?

Sua pergunta me pegou tão de surpresa que eu acabei deixando o garfo cair no chão. O estrépito foi alto demais em comparação ao silêncio sepulcral que se seguiu.

– Do que está falando? – consegui perguntar depois de vários minutos.

Mamãe apoiou o talher na mesa e finalmente me encarou. Nem sabia dizer quanto tempo fazia que ela não me olhava nos olhos.

– Eu não sou idiota – disse. – Vi que havia uma pasta faltando na minha mesa quando você saiu de lá e sei exatamente o que tem lá dentro.

Sua rispidez nem me surpreendeu. Apesar de querer, sabia que ela não agiria de outro modo.

Mas doeu do mesmo jeito.

– É verdade? – me obriguei a soltar as palavras.

– Sim – foi a resposta. Curta. Definitiva.

Precisei de um tempo para absorver aquilo. Mas depois da centésima respiração – eu as contei para me acalmar – eu voltei a falar.

– Meus pais...? – nem terminei a pergunta.

– Mortos.

Senti que o pouco que havia comido ia voltar a qualquer momento.

– Como? – sussurrei.

Ela voltou a comer normalmente, como se não estivesse nem um pouco afetada. E de fato, não estava.

– Não sei – respondeu.

Tentei contar respirações de novo, mas levantei-me da mesa antes de conseguir chegar ao trinta. A dor dera lugar à fúria. Como ela podia agir assim? Como ela podia não se importar? Como ela conseguia continuar indiferente enquanto minha vida ruía ao meu redor?

Quis sair correndo dali, quis fugir da sua presença. Mas algo me fez parar. Eu precisava saber. Eu queria saber. E se eu não dissesse agora, nunca mais conseguiria reunir coragem para isso.

– Se você não me queria – comecei, as palavras arranhando minha garganta – por que me adotou? Se era para me tratar como se eu fosse uma sujeira no carpete, por que se deu ao trabalho?

Ela não levantou os olhos para mim. Terminou de comer calmamente e limpou a boca com o guardanapo de pano, deixando-o ao lado do prato depois. O sangue esquentava em minhas veias a cada segundo que passava. Como ela podia?

– Não posso ter filhos – ela finalmente respondeu, sem olhar para mim. – Seu pai queria um e me convenceu a adotar você. Ele o amava.

– Eu sei – rosnei.

– Mas então ele morreu e eu tive que ficar sozinha com você.

Minha visão estava turva e levou alguns segundos para eu perceber que estava chorando.

– Você é ao menos capaz de amar? – gritei, sem me importar com mais nada, só queria que ela mostrasse alguma reação, que fosse humana pelo menos uma vez na vida. – Como papai pôde ficar com uma mulher como você? Você nem o amou!

– Cala a boca! – ela gritou, pondo-se de pé com tanta força que a cadeira em que estava sentada tombou no chão. – Você não tem como entender! Eu amei o meu marido! Eu o amava tanto que aceitei ficar com você! Eu o amava tanto que prometi que não abandonaria você depois que ele morresse! Ele me fez jurar, Vicente, enquanto estava morrendo naquela cama de hospital. Me fez jurar que eu cuidaria de você. E eu cumpri minha promessa.

Uma calma súbita se apoderou de mim ao ver aquela mulher fria e impecável se descontrolar. Lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto de pedra, vertidas por seus olhos de vidro. A fúria que havia me dominado segundos antes deu lugar a outro sentimento. Pena. Pena por ver alguém que havia morrido em vida. Alguém que poderia ter tido outra chance, mas que se fechou, que se impediu de amar de novo.

Minha mãe.

Cuidar não era amar. Ela realmente cumpriu sua promessa. Nunca deixou que nada material me faltasse. Apesar de que eu preferiria que ela me desse seu carinho. Era só o que eu gostaria de ter tido durante toda a vida. Mas aquele era um coração que eu nunca alcançaria, estava fechado para mim.

– Eu te amei – eu sussurrei, sem parar de sentir minhas próprias lágrimas pingarem no chão.

Mamãe se ajoelhou no chão, depois se sentou. Parecia subitamente cansada, esgotada, pequena e frágil. Colocou as mãos sobre o rosto, tentando reter a prova da sua fraqueza.

– Eu sei – disse, a voz abafada. – Sinto muito.

Sinto muito.

Aquelas eram as últimas palavras que ela tinha para mim. Eu também sentia muito. Mais do que ela podia imaginar. Sentia tanto que parecia que minha pele se partiria, se rasgaria com a intensidade da dor que me consumia.

Sem um último olhar, subi ao meu quarto, coloquei algumas roupas numa mochila e saí de casa, passando pela mulher largada no chão da sala de jantar sem virar o rosto.

Eu sinto muito também, mãe.

\*\*\*

Me deitei de costas na cama e fiquei fitando o teto. Pensei em ligar o computador e colocar alguma música para tocar, mas ultimamente qualquer música que eu ouvia me fazia lembrar da Maria Valentina.

Eu não havia contado para ninguém sobre ser adotado. Nem para Lucas. Eu queria desabafar, precisava conversar com alguém. Mas toda vez que pensava nisso, o rosto da nerd vinha à minha cabeça. Me lembrava da conversa que tivemos em seu quarto, de quando ela me contou sobre sua mãe. Mesmo com todas as mentiras, mesmo depois do que ela fez – e do que eu fiz também – aquele era o único momento em que eu não tinha dúvidas de que ela tinha sido verdadeira. A dor crua e intensa que vi em seus olhos não tinha como ser mentira. A fragilidade de sua voz, a verdade em suas lágrimas... simplesmente não podiam ser inventadas.

– Ela morreu? Sua mãe?

– Não. Ela não morreu. Ela foi embora.

Ela tinha sido sincera comigo sobre sua mãe. E era a minha vez de ser sincero com ela. O que era estúpido porque eu nem sabia quando a veria de novo. Mas era para ela que eu queria contar. Era com ela que eu queria compartilhar minha dor, porque eu sabia que apenas ela me entenderia. Apenas ela me confortaria e faria o mundo entrar em seu eixo novamente. Somente ela tinha esse poder sobre mim.

Minha vontade era pegar o telefone e ligar para ela. Queria ouvir sua voz. Queria que seu tom me acalmasse, queria ser embalado pelo seu timbre suave.

Quem eu estava querendo enganar? Sorriria mesmo se ela gritasse comigo.

Mas algo me impedia. Algo dizia que ainda não era o momento. Queria que ela desse o primeiro passo, porque – e eu não conseguia me impedir de sentir assim – eu estava inseguro.

Se nem sua mãe te ama, Vince, como qualquer garota poderia amar você?

Eu não queria pensar essas coisas, mas uma vozinha insistente continuava repetindo isso na minha cabeça. O tempo todo.

Eu estava enlouquecendo.

Maria Valentina me amava. Ela tinha que me amar. Ela tinha que me querer. Eu esperaria por ela. Que fossem anos, eu não me importava, eu estaria aqui por ela.

Ela voltaria para mim.



Eu precisava acreditar nisso.

Ouvi, como se viesse de muito longe, a campainha tocar. Não me importei e continuei olhando fixamente para o teto, tão distraído em meus pensamentos que não percebi a porta do quarto sendo aberta até que alguém se jogou sobre mim.

– Mas que p...? – soltei, sem ar por causa da força com que a garota bateu no meu peito.

– Hey, Vince! – Lana olhou para mim e abriu um grande sorriso.

Empurrei-a e a fiz ficar de pé, para poder sentar na cama e respirar direito.

– Qual é o seu problema? – perguntei, irritado.

Lana jogou seus longos cabelos por cima do ombro e rolou os olhos.

– Bem que o Lucas me disse que você estava com um humor insuportável – comentou.

Olhei para trás dela e vi Lucas com cara de culpado, dando de ombros.

– Você está, cara – concordou.

Eu não podia acreditar naquilo. Lana e Lucas, se falando sem que eu soubesse? Quando o relacionamento deles evoluiu para isso? Eu não ia poder nem me divertir vendo meu amigo se enfurecer por causa da minha prima?

– Por isso o querido aí me ligou – contou Lana, voltando a abrir seu sorriso brilhante. – E eu vim aqui para distrair você, priminho.

– E aí, preparado para esquecer aquela nerd estranha e se divertir?

– Lana zombou.

Rolei os olhos e voltei a deitar de costas na cama. Eu não precisava daquilo, só queria ficar sozinho.

– Eu realmente não preciso de nada nem ninguém pra me distrair – disse, ignorando os dois problemáticos que agora se encaravam de cara feia. – Por que vocês não vão resolver as diferenças de vocês e me deixam em paz?

Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos e eu pensei que havia conseguido com que saíssem do quarto. Mas aí senti dois pares de mãos me segurando pelos braços e me puxando da cama até que eu caí esparramado no chão.

Xinguei, mas Lucas só me olhou com uma expressão entediada enquanto Lana sorria irritantemente.

– Não vamos deixar você em paz, queridinho – falou. – Você tem que sair desse seu estado depressivo em que a ruivinha te deixou. Vamos, eu trouxe um filme super divertido para assistir com você.

Rolei os olhos mais uma vez, pensando que, se eles soubessem a verdade, me deixariam em paz. Mas não tinha a menor chance de eu contar, então eles continuariam pensando que eu estava daquele jeito por causa da Maria Valentina. O que era em parte verdade.

Levantei, resignado, com um grande suspiro.

– Tudo bem, tudo bem, vamos ver esse filme.

Lucas soltou um “aleluia” baixinho enquanto Lana dava palminhas de animação. Sério, pela reação dos dois, eles deviam achar que eu estava quase cortando meus pulsos.

Mas eu nem pensei nisso. Sério. Já falei que não sou emo.

Arrastei-me com os dois para a sala e me joguei de qualquer jeito no sofá enquanto Lana procurava o DVD na bolsa.

– Que filme você trouxe? – perguntei.

Ela me lançou um olhar ao mesmo tempo malicioso e culpado e respondeu:

– Valente.

Valente?

E foi aí que meu melhor amigo começou a rir tanto que se engasgou e seu rosto ficou todo vermelho. Ele caiu no tapete e continuou rindo enquanto eu o encarava suspeitosamente.

Espera, eu havia perdido alguma coisa? Alguma piada interna?

– Qual o problema, Lucas? – perguntei.

– Você...você...não conhece o filme, Vince? – Lucas perguntou entre as lágrimas de riso.

Balancei a cabeça negativamente.

– Deveria conhecer?

Lana finalmente achou o DVD e colocou-o no aparelho, jogando a capa de volta na bolsa, sem que eu pudesse vê-la, depois pegou o controle remoto e se sentou do meu lado, dizendo com outro dos seus enormes e brilhantes sorrisos:

– Ah, você vai amar...

\*\*\*

Depois de um minuto e quarenta segundos de filme, eu me levantei do sofá, furioso.

– Qual o problema, Vince? – Lucas perguntou entre risos.

– Vão lamber um prego, vocês dois! – rosnei e caminhei a passos largos até o quarto, batendo a porta com força enquanto ouvia os dois idiotas rindo.



E ainda se diziam meus amigos...

Não me importei com Lucas e tranquei a porta. Ele que dormisse no sofá da sala. Joguei-me na cama sem me dar ao trabalho de trocar de roupa. Coloquei um braço sobre os olhos, xingando-me mentalmente por não ter desligado a luz antes de ter deitado, porque eu não levantaria de jeito nenhum para fazer isso. O problema era que quando eu fechava os olhos, não era a escuridão que eu via. Não, eram cachos ruivos. O sol batia neles e os fazia brilhar. Normalmente, eu tentava lutar contra essa imagem, porque a saudade doía.

Mas essa noite... essa noite, eu queria sonhar com ela.

E, mesmo que fosse só uma ilusão, adormecer fitando aqueles olhos cinzentos fez todos os meus problemas desaparecerem.

\*\*\*

Acordamos cedo no dia seguinte. Lucas estava com um humor de cão, em parte porque foi obrigado a dormir na sala e em parte porque Lana havia se recusado a ir à praia com a gente.

– Tenho coisas mais interessantes para fazer do que ver dois garotinhos brincando no mar – ela havia dito quando a convidamos.

Lucas pensava que ela iria mudar de ideia, mas eu duvidava muito. E é claro que eu estava certo. Ela nem se deu ao trabalho de atender as ligações dele naquela manhã.

Eu nem liguei para ela, sabia que ela não viria, e ainda estava meio irritado por ontem.

– Anda logo, Vince! – Lucas grunhiu, quando ouviu uma buzina do lado de fora.

O irmão mais velho do Pedro, um dos meus amigos do time de futebol da escola, é que ia dirigir e nos dar carona. Fábio, Diana, Roberta e mais algumas pessoas da nossa sala também iam, mas só amanhã.

Terminei de tomar meu café da manhã e corri para escovar os dentes e pegar minha mochila. Não estava muito animado para ir, mas não queria irritar ainda mais meu amigo. Ele já parecia pronto para me fuzilar com os olhos.

– Bom dia, gen... – Pedro começou quando entramos no carro, mas parou ao ver a aura de escuridão ao nosso redor. – Eu hein...

Mas apesar do nosso humor ruim, cumprimentamos ele e Henri quase naturalmente. Quase. No entanto, não falamos muito durante a viagem. Eu coloquei meus fones de ouvido e me desliguei do mundo. Depois

de mais ou menos uma hora, começou a chover. No início era uma chuva fraca, mas foi ficando forte e não parava. Não me importei. Até cochilei um pouco.

– Vince – Lucas tirou um dos meus fones e me chamou. Eu apenas resmunguei para ele me deixar em paz.

– Vince, seu celular tá tocando – ele disse.

Eu não estava totalmente acordado e tinha ficado um pouco irritado por ter meu cochilo interrompido, por isso só peguei o celular da mochila e o desliguei, jogando-o de qualquer jeito no banco.

Consegui dormir o resto da viagem e só acordei quando estávamos chegando. Era para chegarmos na hora do almoço, mas como aquele temporal não parava, nos atrasamos e eram quase quatro da tarde quando estacionamos na frente da casa de praia do Lucas.

Não era uma casa muito grande. Era térrea e tinha quatro quartos. Mas ficava bem na beira da praia e tinha uma vista incrível para o mar. Mar que no momento estava revoltado e cinzento, graças ao mau tempo. Precisamos correr para a casa e, mesmo assim, acabamos encharcados. Enquanto Lucas destrancava a porta, um raio caiu ali perto, o barulho do trovão vindo logo depois.

– Vai precisar de quanto tempo para abrir essa porta? – Pedro perguntou, balançando os cabelos e espirrando água na gente.

Lucas não se deu ao trabalho de responder e finalmente abriu a porta. Entramos apressadamente e jogamos nossas coisas descuidadamente no chão.

– Vou pegar umas toalhas para gente – ele disse, entrando no quarto principal. – Não molhem o sofá!

Eu estava prestes a me jogar no sofá, mas parei quando ele disse isso. Rolei os olhos e esperei em pé com os outros enquanto ele voltava com as toalhas.

– Bom, eu não sei vocês – começou Henri – mas eu estou acabado. Vou comer e dormir um pouco enquanto essa chuva não passa.

– Não tem nada para fazer mesmo – concordei enquanto Pedro e Lucas assentiam.

Nenhum de nós estava com disposição para uma refeição elaborada então só comemos as porcarias que tínhamos trazido. Eu me contentei com dois pacotes de ruffles e uma Coca-Cola.

Lucas foi para o maior quarto da casa, o único que tinha banheiro e cama de casal, e Pedro e Henri foram para outro. Eu me sequei e acabei deitando no sofá mesmo. Queria ficar sozinho – de novo.

Sim, eu estava um porre e ficar perto de mim era provavelmente uma tortura. Mas não havia nada que eu pudesse fazer e, sinceramente, era melhor estar ali do que em casa.

Mesmo tendo dormido durante quase toda a viagem, acabei caindo no sono por puro tédio. Não sonhei com nada dessa vez e acordei com o barulho de um trovão. O lugar estava totalmente escuro e silencioso, os outros não pareciam ter acordado. Olhei no meu relógio de pulso e vi que já eram quase sete da noite. A chuva ainda não tinha parado, parecia ainda mais forte. Esfreguei os olhos e procurei pelo interruptor, mas acabou não servindo para muita coisa. A casa estava sem luz.

Maldita chuva.

Fui tateando pelo chão até encontrar a minha mochila. Procurei pelo meu celular, mas ele não estava lá.

– Droga – resmunguei quando lembrei que havia deixado o celular no carro.

Resolvi ir pegá-lo, mesmo com toda aquela chuva. Eu não queria morrer de tédio e não tinha nada para fazer ali. Eu já havia dormido tudo o que podia e não aguentava mais a companhia dos meus pensamentos, mas também não queria acordar os outros.

Pelo menos eu ia poder jogar Angry Birds.

Calcei os tênis, peguei as chaves do Henri que estavam em cima da mesa da sala e saí. Corri até o carro enquanto a chuva fria me fustigava e peguei meu celular em cima do banco traseiro. Voltei correndo para a casa, totalmente encharcado. Peguei a toalha que havia largado em cima de uma cadeira e me sequei o melhor que pude, antes de me jogar no sofá. Quando liguei meu celular, fiquei meio chocado com a quantidade de chamadas e mensagens.

Todas de Lana. Todas me pedindo para ligar para ela imediatamente.

Meu coração disparou no peito. Alguma coisa havia acontecido com ela? Com a mãe?

Em meio segundo, eu já tinha me levantado e estava ligando para ela enquanto dava voltas pela sala.

Ela atendeu depois de quatro longos toques.

– Lana! – quase gritei. – O que houve? Aconteceu alguma coisa? Você está bem?

Ouvi um enorme suspiro do outro lado da linha.

– Eu estou ótima – ela disse e eu quase podia vê-la rolando os olhos.  
– Mas você é um idiota.

– O quê? Você passou a tarde toda me mandando mensagens só para me chamar de idiota?

A garota era louca. Só podia ser.

– E você acha que eu não tenho mais o que fazer? – foi a resposta mal criada. – Eu fiquei te ligando porque a Maria Valentina apareceu aqui em casa hoje, Vince.

Aí meu coração parou. De vez.

Mais um raio caiu do céu.

E meu coração voltou a bater ainda mais rapidamente que antes.

– Lana, isso é alguma brincadeira? – perguntei, respirando ruidosamente. – Você está falando sério?

– Vince, eu vi como você sofreu por todos esses meses. Acha mesmo que eu iria brincar com uma coisa dessas?

– E o que ela te disse? O que ela foi fazer aí? Era ela mesmo? – eu não conseguia impedir as perguntas que jorravam da minha boca.

– Ela estava procurando por você – ela parou por um instante, como se não tivesse certeza do que dizer. – Ela parecia realmente querer vê-lo.

Deixei o telefone cair da minha mão. Aquilo não podia ser possível. Não podia...

Maria Valentina estava de volta? Ela foi me procurar?

– Ei cara, que gritaria é essa? – Lucas perguntou, saindo do seu quarto e coçando a nuca.

Eu mal o notei. Minha cabeça parecia girar tanto que eu estava ficando tonto.

– Vince, você tá bem?

Eu o ignorei completamente e corri para a porta. Eu não sabia no que estava pensando. Não sabia como faria, mas a ideia que estava rondando minha cabeça era roubar o carro do Henri e voltar o mais rápido possível para casa.

Não importava que eu fosse menor de idade e corresse o risco de ser pego na estrada. Não importava que roubar fosse crime e Henri fosse me matar depois. Não importava que o mundo estivesse acabando lá fora.

Um outro raio cruzou o céu.

O estampido desse foi ainda maior que o de todos os outros.

Não me importei.

Ela havia voltado. E eu precisava vê-la.

Abri a porta e parei, chocado.

Por um momento eu pensei que estava alucinando. Eu conseguia enxergar Maria Valentina tão perfeitamente em meus sonhos que imaginei que agora só estivesse sonhando acordado.

Ela estava parada na porta, os cabelos molhados colando em seu rosto e ombros. Seus lábios estavam azuis pelo frio e tremiam um pouco. Seus óculos estavam embaçados e seus olhos assustados como os de uma criancinha. Sua mão estava suspensa no ar como se ela estivesse prestes a bater na porta.

Outro raio caiu e eu a vi tremer.

– Vince, eu tenho medo de trovão – ela disse.

E eu esqueci como respirar.

Ela estava ali.

Maria Valentina.

E não era um sonho. Era real.

29



# *Para sempre não existe*

EU NÃO CONSEGUIA ARTICULAR UM pensamento coerente. Estava uma verdadeira bagunça. Minha cabeça doía e meus dentes batiam. O frio era penetrante e eu estava morrendo de medo.

Isso mesmo, as risadas já podem acabar.

Qual o grande problema em se ter medo de trovão? Todo mundo tem medo de alguma coisa, certo? Tem gente que tem medo de baratas, de aviões, de altura, de bonecos assassinos e tomates mutantes.

Eu tenho medo de raios e trovões.

Um raio cruzou o céu, logo seguido por aquele estampido ensurdecedor.

Eu tremi e mordi as bochechas para não começar a chorar. Não podia parecer tão patética na frente do Vicente, não depois de tanto tempo.

Aquele não era nem um pouco o reencontro que imaginei.

Droga, não chore. Não chore, Maria Valentina, tenha um pouco de compostura.

Vicente não disse nem fez nada. Só ficou ali na porta, parado, enquanto a chuva fustigava meu corpo e eu tremia de medo e frio. Eu não



consequia ver sua expressão na penumbra e fiquei subitamente insegura. Meus óculos salpicados de gotas de chuva também não ajudavam. Não sabia o que ele estava pensando, o que estava sentindo. Uma minúscula parte de mim temeu que ele simplesmente fechasse a porta na minha cara e me deixasse ali para morrer eletrocutada naquela tempestade de raios.

Maldito Zeus, você bem que podia atirar chocolates do céu, não?

Ok, a racionalidade foi embora e não mandou lembranças.

– Maria Valentina?

Pulei ao ouvir a voz familiar de Lucas, nem havia reparado que o garoto estava ali. Mas antes que eu pudesse falar ou fazer qualquer coisa, alguém apareceu atrás dos dois com uma vela, iluminando o aposento, mas não o rosto do Vince, que continuava de costas para a luz.

– Ei, quem está aí na porta? – o desconhecido perguntou.

E então outro raio cruzou o céu e eu choraminguei. Isso pareceu despertar o Vicente para a situação, porque ele me segurou pelo braço e me puxou para dentro, fechando a porta e ordenando a Lucas que pegasse toalhas para mim.

– Quem é ela? – o garoto que eu ainda não sabia quem era perguntou. Ele tinha cabelos loiros compridos e uma barba rala. Parecia ser mais velho, pouco mais de vinte anos.

– A namorada do Vince – Lucas respondeu e passou por ele, entrando num dos quartos, provavelmente para pegar as toalhas.

O título aqueceu algo bem pequenino dentro de mim. Sei que não era nada, afinal Lucas podia muito bem estar só provocando o amigo. Mas Vince não negou.

Na verdade, ele não fez nada além de me segurar fortemente pelo antebraço. Seus dedos pareciam ferro quente na minha pele molhada. Seu aperto doía, mas eu não disse nada. Não queria que ele me soltasse.

Lucas voltou com várias toalhas grandes nos braços e, atrás dele, vinha Pedro, um dos amigos de Vince do time de futebol. Na hora percebi a semelhança entre ele e o garoto mais velho que segurava a vela. Deviam ser primos ou irmãos.

Outro trovão, dessa vez mais alto e assustador, sacudiu a casa. Ou pelo menos foi isso que minha mente impressionável quis me fazer acreditar. Eu soltei um pequeno grito agudo, e, antes que pudesse me impedir, enlacei Vince com os braços, enterrando o rosto em seu peito e apertando os olhos.

Por um segundo, Vince não fez nada. Eu tremia e, mesmo com o medo insano, pensei em reunir coragem para soltá-lo. Mas antes que eu fizesse isso, senti sua mão em meus cabelos molhados.

E, pela primeira vez desde o momento em que entrei no ônibus que me trouxera ali, eu me senti segura.

– Vou levá-la para o quarto – ouvi Vince dizer, as palavras reverberando em seu peito. – Lucas, você pode fazer um chocolate quente para ela ou coisa assim?

Não ouvi o que Lucas disse, se é que ele disse alguma coisa. Não deu para prestar atenção em mais nada no momento em que Vince colocou um dos braços nas minhas costas e o outro atrás dos meus joelhos e me carregou até o quarto que ficava no final do corredor. Ali a escuridão era completa e eu me perguntava como ele conseguia se orientar, já que andava sem tropeçar em nada.

– Fica aqui – ele mandou, colocando-me no chão ao lado do que parecia ser uma cama. – Vou pegar uma vela e já volto.

– Não! – gritei, apavorada com a perspectiva de ficar sozinha no escuro com a tempestade açoitando as janelas e os raios caindo a cada minuto. – Não me deixa sozinha, por favor – implorei, odiando o tom desesperado da minha voz.

Ele ficou parado por um segundo e então me fez sentar na cama, mesmo que eu estivesse completamente encharcada. Mas nesse momento, outro trovão ensurdecedor se fez ouvir e eu me agachei no chão, tapando os ouvidos e chorando baixinho.

Senti quando ele se agachou à minha frente e colocou uma toalha sobre os meus ombros e outra sobre a minha cabeça. Levantei os olhos e apertei os olhos para tentar vê-lo naquele breu, mas só podia discernir alguns traços do seu rosto. O resto estava mergulhado na escuridão.

– Fica calma – ele disse e sua voz foi suave e tranquilizadora. – Está tudo bem. Eu estou aqui.

Assenti, mesmo que ele não pudesse ver, e acabei me sentando no chão, abraçando minhas pernas vestidas com jeans encharcados e escondendo o rosto nos joelhos. Vince se moveu para sentar ao meu lado e começou a secar meu cabelo com a toalha.

– O que você está fazendo aqui, Maria Valentina? – ele perguntou de repente, sua voz soando insegura, confusa e cheia de dor. – O que... o que isso significa?

E nesse momento, eu fiquei feliz pela escuridão. Ela escondia as lágrimas silenciosas que percorriam meu rosto. Eu sabia que o tinha machucado. Eu o deixei para trás, o abandonei. Fui egoísta e covarde e imatura. Não, não me arrependo de ter ido embora. Me arrependo de ter ido por todas as razões erradas.



Achei que estava indo embora porque o amava. Mas não era por ele. Era por mim. Se eu tivesse sido honesta comigo e com ele desde o início, minha partida talvez não tivesse machucado tanto a nós dois.

Funguei. Era devastador perceber que o amor mais machuca que faz bem. Que eu tinha dado ao garoto que eu amava mais motivos para chorar do que para sorrir.

E eu continuava querendo amá-lo. Para sempre.

Mas quem era eu para prever o futuro? Achei que nunca faria o que minha mãe fez, nunca deixaria as pessoas que amo por simplesmente ter medo e acabei fazendo exatamente isso. Então quem pode dizer que não faria algo semelhante no futuro?

Eu o queria para sempre. Com o Vicente, o garoto que me fazia sentir inteira, como na lenda que a Gabrielle contou para o Iolous naquele episódio de Xena. Como se eu tivesse passado toda a minha vida vivendo pela metade, procurando alguém para me completar, para me fazer eu mesma, completa. Para ser minha outra metade.

E, mesmo que eu só tivesse 16 anos, mesmo que eu fosse quase uma criança, inexperiente e boba, eu sabia que aquilo não era algo corriqueiro. Não era um amor banal, comum, ordinário. Era o amor de uma vida. Que muitas pessoas perseguem durante a vida toda e poucas conseguem achar. E eu havia achado.

Gostaria que isso fizesse as coisas serem mais fáceis. Mas não fazia. Só era mais difícil.

O para sempre que eu queria...essas coisas não existem.

– Por que você voltou? – ele perguntou, não parecendo aguentar mais meu silêncio.

Respirei fundo. Meus dentes batiam, meus lábios tremiam, meu sangue pulsava forte em meus ouvidos.

– Vicente, você tem que saber por que eu voltei – respondi, minha voz saindo mais vulnerável do que eu gostaria. – Você sabe.

Ele tirou a toalha da minha cabeça e se virou para me olhar. Suas mãos se ergueram e, suavemente, ele tirou os óculos molhados do meu rosto. Eu sentia os olhos dele presos em mim mesmo na escuridão e me perguntei se ele conseguia me enxergar.

– Eu gostaria de ouvir dos seus lábios.

Engoli e apertei os olhos por um segundo. Abri a boca, meus lábios trêmulos.

– Vince, onde você tá? – a voz de Lucas veio da porta do quarto.

Vince respirou fundo e disse:

– Aqui perto da cama.

E então os outros dois garotos apareceram atrás de Lucas, o mais velho ainda segurando a vela, quebrando um pouco a escuridão.

– Eu fiz um chocolate quente – disse Lucas, parecendo meio duvidoso. – Só não garanto que esteja bom.

Vince assentiu e se levantou para pegar a caneca que o amigo segurava. Ele também tinha trazido uma mochila, que Vince pendurou em um dos ombros.

– Ei, fica com isso aqui – o menino mais velho disse, entregando a vela para Vince. – Nós acendemos outras na cozinha.

Ele pegou a vela com a outra mão e agradeceu, colocando-a sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama, perto de onde eu estava sentada.

– Ela está bem, cara? – Lucas perguntou, parecendo preocupado.

Estava tão cansada, confusa e assustada que nem me importei por ele estar falando como se eu não estivesse ali. De qualquer modo, se tivesse perguntado para mim, eu não tenho certeza de que conseguiria responder.

– Sim, está tudo bem – Vince respondeu.

Os garotos assentiram e saíram pelo corredor, nos deixando sozinhos. Vince fechou a porta e largou a mochila em cima da cama, para depois se sentar ao meu lado e me dar a caneca quente.

Segurei-a com as duas mãos e dei um longo gole.

Quase cuspi. Aquilo estava horrível!

– Que delícia – soltei ironicamente.

Vince riu baixinho. Foi a primeira vez que ouvi sua risada desde que entrei por aquela porta e o som me aqueceu mais do que aquele líquido quente não identificado.

Ele tirou a caneca das minhas mãos e colocou-a na mesma mesa onde estava a vela, onde também deixou meus óculos.

Sob a luz bruxuleante e amarelada, eu conseguia ver o rosto dele um pouco melhor, ainda que um pouco borrado graças a linda da minha miopia. Sua pele parecia mais pálida do que eu me lembrava e seu cabelo estava mais comprido, enrolando-se um pouco na nuca. Suaves olheiras marcavam seus olhos, que brilhavam como se tivessem luz própria.

Ele percebeu que eu o estava encarando e desviou o rosto, puxando a mochila da cama e tirando dela uma calça de moletom e uma camisa.

– Você tem que tirar essa roupa molhada – ele disse. – Eu vou sair e deixar você se vestir.



Eu não queria que ele me deixasse sozinha, mas quando outro trovão soou como uma explosão ao meu redor, eu não podia deixá-lo ir.

Agarrei seu braço e olhei para ele, suplicante. Não disse nada, mas ele pareceu entender. Seus olhos suavizaram e ele se inclinou e soprou a vela da mesa, fazendo com que o quarto mergulhasse novamente em escuridão.

Foi quase como se horas tivessem se passado até que senti as mãos dele tatearem minha cintura, até chegarem à borda da minha blusa. Eu nem sabia mais porque tremia tanto, se pelo frio, pelo medo, ou por ter Vicente tão perto de mim. Um arrepio me percorreu quando eu levantei os braços para deixá-lo puxar minha blusa para cima. Senti todo o sangue do meu corpo indo se concentrar no meu rosto e tentei dizer a mim mesma que estava tão escuro que ele não podia ver nada, mas eu quase sentia o olhar dele me queimando.

Ele descartou a blusa num canto do chão. Meu coração enlouquecido falhou algumas batidas quando seus dedos tocaram minha barriga gelada e nua. Minha respiração ficou mais pesada quando ele finalmente chegou até o cós dos meus jeans e o desabotoou. Eu sabia que podia muito bem fazer aquilo sozinha, mas não me movi um centímetro para pará-lo.

Eu não conseguia.

Lentamente, ele foi puxando meus jeans para baixo. Por causa da chuva, o tecido havia colado na minha pele. Eu o ajudei chutando as sapatilhas para fora dos meus pés, permitindo que ele passasse os jeans por eles. Teve o mesmo fim que minha blusa.

Eu abracei meu corpo e baixei os olhos. Passaram-se alguns segundos até que eu sentisse Vince secando minhas costas com uma toalha. Derramei algumas lágrimas quentes e silenciosas enquanto ele cuidava de mim. Não sabia bem o porquê, mas era como se meu coração estivesse sendo apertado, um pouco mais a cada segundo. Vince pegou a camisa seca que havia tirado da mochila e me fez vesti-la, seus dedos roçando a pele da minha cintura enquanto me ajudava. O mesmo com a calça. Suas mãos passavam tão suavemente por minhas pernas que eu quase podia pensar que era acidental.

Não era.

– Você ainda está com frio? – ele perguntou, a voz sussurrada e meio áspera.

Fiz que não com a cabeça, mas ele não podia ver, então gaguejei:

– Não.

Ele riu e encostou o nariz na minha bochecha.

– Mentirosa – sussurrou na minha orelha. – Você está tremendo.

Mordi os lábios e fechei os olhos. Respirei aceleradamente quando ele se levantou, e, novamente, me pegou em seus braços. Tropeçou nas minhas roupas molhadas no chão, mas conseguiu se equilibrar e não me deixar cair. Eu ri e ele também. E então ele me deixou suavemente na cama.

– Você quer dormir? – ele perguntou, puxando uma cadeira e se sentando nela, ao lado da cama. Ele já devia ter ido muitas vezes àquela casa, pois se movia com facilidade na escuridão, como se soubesse exatamente onde cada coisa estava.

– Não – respondi, mas meus olhos estavam pesados e eu me sentia tão cansada que meus ossos pareciam de chumbo.

Depois de um voo de mais de doze horas, de uma briga com meu pai e de mais sete horas num ônibus desconfortável até ali, eu estava acabada. Mas não queria dormir. Não queria perder cada segundo que tinha com aquele garoto que me fazia sentir como se o tempo parasse, como se tivéssemos o infinito a nossa frente.

Mesmo não podendo vê-lo, eu queria poder senti-lo.

– Até sua voz soa cansada, Maria Valentina – ele disse, segurando minhas mãos entre as suas, acariciando minha pele com seus polegares. – Pode dormir, eu vou ficar aqui com você até a chuva acabar.

– Até eu acordar – corrigi.

Querida que a primeira coisa que meus olhos vissem ao acordar fosse ele.

Estava tão cansada e apaixonada que nem podia impedir meus pensamentos de soarem bregas e ridículos. E nem queria.

– Até você acordar – ele concordou e levou minha mão até seus lábios, beijando minha palma.

Eu fechei os olhos, tentando impedir – em vão – que o sono me embalasse, sentindo o carinho suave do Vince em minha mão.

E sentindo-me, finalmente, completa.

\*\*\*

Chegar em casa foi bom e difícil ao mesmo tempo. Eu sentia tanta falta da minha irmã e do meu pai que vê-los esperando por mim no aeroporto fez meu coração doer de amor e levou um grande sorriso aos meus lábios.

Geny correu até mim, afogando-me em seu abraço apertado. Os olhos cheios de lágrimas não derramadas. Seus cabelos estavam presos

em duas tranças ao lado do rosto e ela me pareceu mais do que nunca uma garotinha. Seu olhar parecia perdido, seu rosto sem a costumeira luz. Senti-me culpada por não ter notado nada de diferente nela pelos telefonemas, quando era claro que minha irmãzinha não parecia feliz.

Papai, como a grande e forte muralha que era, parecia o mesmo. Mas ele também me abraçou apertado durante algum tempo, coisa que não costumava fazer. Mas nunca tínhamos passado tanto tempo separados antes.

– Você está linda, Tina! – exclamou Geny, secando os olhos.

Eu me sentia linda. E o melhor, me sentia bem.

Estava vestindo jeans justos – mas não do tipo que parecia que tinha sido costurado no meu corpo, como os que Roberta usava na escola –, uma blusa de malha fina, azul marinho, com mangas até depois do cotovelo. Ela também se ajustava ao meu corpo perfeitamente e me deixava parecendo mais como uma garota normal de 16 anos, não uma garotinha tímida e pequena de 12, como eu costumava parecer. Também estava usando as sapatilhas vermelhas que Narcisa havia me dado de presente. Eu me sentia confortável com elas, não só por elas serem confortáveis, mas porque me faziam pensar na minha amiga e no quanto ela se importava comigo. Meus cabelos estavam soltos em suaves cachos sobre os ombros e minha franjinha terminava bem em cima dos meus óculos novos.

– Você parece uma mulher, Maria Valentina – meu pai disse, surpreendendo a Geny e a mim. – Como eu não percebi o tempo passar?

Eu sorri para ele e dei de ombros.

– Pais nunca percebem quando os filhos crescem – eu respondi. – Não é da natureza deles.

Papai devolveu meu sorriso com um pequeno e quase imperceptível curvar de lábios.

– É verdade. Você vai sempre ser minha garotinha.

Eu não conseguia parar de sorrir. Me sentia aquecida e amada. Eu sempre soube que meu pai se importava comigo, mesmo que ele não fizesse questão de demonstrar. Mas o amor precisa ser demonstrado.

E talvez a maioria das garotas de 16 anos se sentisse diferente, mas eu adorei ouvir meu pai dizer que eu sempre seria sua garotinha. Eu queria ser sempre sua garotinha.

Mas tudo estava muito bom para durar, é claro.

O problema começou pouco tempo depois de chegarmos em casa.

Até o momento, eu me sentia muito bem e feliz. Papai não estava sendo o ogro de sempre, não havia reclamado da minha aparência e nem parecia aborrecido.

Mas então, depois de colocar minha mala no quarto, eu desci para pegar a bolsa que havia deixado na sala. Geny estava lá.

– Hey – ela disse, sorrindo fracamente. – Está tudo bem?

Eu me aproximei e passei meu braço pelos ombros dela. Eu ainda era alguns poucos centímetros mais alta antes de viajar, mas agora éramos exatamente do mesmo tamanho.

– Eu que devia perguntar isso – respondi, fitando o rosto meio abastido dela. – Você não parece bem. Aconteceu alguma coisa?

Ela desviou o olhar.

– Ah, o de sempre – respondeu. – A escola é um saco, mas pelo menos eu saía de casa e conversava com as pessoas. Agora essas férias estão prometendo ser infernalmente entediantes.

– Papai está sendo difícil?

– Você ainda pergunta? Duvido que ele me deixe sair de casa por um só dia.

Suspirei e a abracei em solidariedade, apesar de sentir que ela não estava me contando tudo.

– Tina? – Geny chamou. Eu a soltei para poder olhá-la. – O que você vai fazer agora? Sobre...ele?

Eu não precisava perguntar quem era ele. Geny e eu não havíamos conversado muito sobre isso, mas ela sabia como eu me sentia e que um dos motivos por eu estar tão feliz em voltar, era ele.

Meu coração bateu um pouco mais depressa só com o pensamento. Ele estava tão perto agora. Há apenas alguns quarteirões de mim.

Tão perto.

– O que eu vou fazer? – eu repeti e então sorri, nervosa e confiante ao mesmo tempo. – Eu vou atrás dele, Geny. Eu vou fazê-lo ver que eu não posso viver sem ele. Que eu o amo.

O rosto de Geny subitamente ficou pálido enquanto ela fitava algo atrás de mim. Eu me virei rapidamente e dei de cara com o papai. Ele estava há poucos metros de nós, completamente parado, os olhos fixos em mim. Frios. Vazios.

E, de alguma forma, feridos.

– Maria Eugênia – ele disse, a voz controlada. – Vá para seu quarto.

Percebi que minha irmã ia protestar, mas apertei sua mão e acenei quase imperceptivelmente com a cabeça. Havia chegado a hora de acertar algumas coisas com meu pai. E aquela era a minha briga, não dela.

Geny suspirou e, apertando rapidamente minha mão de volta, se arrastou pelas escadas até seu quarto.

Papai e eu ficamos em um silêncio tenso e desconfortável por alguns minutos, até que ele deu dois passos em direção a mim e perguntou, a voz calma, mas eu podia perceber o aperto em sua mandíbula:

– O que você tem na cabeça, Maria Valentina? O que acha que está fazendo?

Era o mesmo pai que eu temi durante toda a vida. Que eu quis impressionar, nunca decepcionar. Sempre quis ser perfeita para que ele me amasse. Mas ele me amava e eu esperava que mesmo com todas as minhas imperfeições. Mesmo com as coisas que eu estava prestes a dizer.

Mas ao mesmo tempo, não parecia ele. Ao mesmo tempo em que aquele parecia ser uma bronca como todas as outras, também não parecia ser. Pela primeira vez, percebi que meu pai estava cansado. Talvez da situação, talvez dele mesmo. Algo me dizia que aquela briga não seria como todas as outras.

Mas eu não estava assustada.

Eu estava pronta.

– Na cabeça? – repeti, com o queixo levantado. – Pela primeira vez na vida, eu posso dizer que não tenho nada. Nada mesmo. E eu acho – não, acho não – eu sei que estou querendo ser feliz.

Sua expressão passou de controlada para frustrada... quase inconformada.

E eu estava esperando fúria.

– O que diabos aconteceu com você? Onde está a minha filha? A Maria Valentina que eu conheço nunca diria essas besteiras...

– Papai – eu não deixei que terminasse. – Que besteiras? Desde quando ser feliz é uma besteira? Qual o problema nisso?

– Maria Valentina...

– Não, escute! Eu cresci, pai. Eu mudei. As pessoas mudam, elas se tornam mais maduras e mais estúpidas. E mesmo sendo contraditório, eu me sinto exatamente assim. Eu me apaixonei.

Ele passou a mão furiosamente pelos cabelos e soltou o ar pelo nariz em desdém.

– Amor? Paixão? – disse com desprezo. – Você não precisa disso. Nenhum garoto egoísta e estúpido vai fazer você feliz. Sua felicidade depende apenas de você mesma, de mais ninguém. Depositar seu amor e esperança em outra pessoa é insano. É inútil.

– Mas, pai – eu insisti – ninguém pode ser feliz sozinho!

– Eu sou sozinho.

– E não é feliz.

Ele ficou calado e fechou os olhos por um instante, que para mim, pareceram horas. Seus cabelos estavam meio pra cima, de tanto que ele passou as mãos por ele. Me doía ver meu pai tão transtornado, tão...perdido. Era a primeira vez em toda a minha vida que eu via uma rachadura naquela muralha. E isso machucava tanto a ele quanto a mim. Quando ele abriu os olhos, porém, já parecia quase em controle de si mesmo.

– Esqueça. Você não vai ver esse garoto. Você vai para o seu quarto. E é lá que vai passar o resto das férias.

– Não.

Papai olhou-me estupefato.

– O que disse? – perguntou com sua voz perigosa.

Eu respirei fundo e o encarei com firmeza.

– Eu disse que não.

Há seis meses, eu teria medo dele. Eu estaria tremendo. Eu nunca pensaria em enfrentá-lo.

Agora eu precisava. Não só por mim e Vicente, mas por minha irmã, por minha mãe. E por ele mesmo.

Eu sentia mais pena que medo.

– Para o quarto. Agora.

– Não.

Eu podia ver que ele me olhava numa mistura de choque e raiva, sem saber o que fazer.

– Eu estou protegendo você, filha – ele disse finalmente. – Estou fazendo isso para o seu bem.

– Eu sei – respondi, e era verdade. Eu sabia tanto disso que senti pontadas atrás dos olhos e precisei respirar fundo para manter minha postura e não desabar. – Eu sei que você pensa que está fazendo o melhor para mim, pai. Mas não está. Eu amo –

– E o que você sabe sobre o amor? – ele me interrompeu, gesticulando com as mãos, frustrado. – Você tem 16 anos! Você não sabe nada! O dito amor te suga, te consome. Faz mal, não bem. Você não pode confiar nas pessoas, Maria Valentina. Elas só vão te machucar. Elas vão te deixar.

Eu senti as lágrimas encherem meus olhos dessa vez, tornando-se impossível de controlar. Eu sabia por que ele estava falando isso. Eu sabia que ele ainda estava machucado. E só queria me poupar dessa dor.

E mesmo assim, ele precisava entender que eu não queria ser poupada.

Mas, de algum modo, o que saiu foi:

– Só porque a mamãe foi embora, não quer dizer que ela não te amava.



Os olhos de papai pareceram pegar fogo. Ele – que já tinha começado a dar voltas pela sala como um tigre engaiolado – parou de chofre.

Algo passou por seus olhos. Uma escuridão, uma dor que eu não entendia. Que eu nunca sofrera. Uma mágoa eterna. Uma ferida aberta, que consumia e sufocava. Sangrava. A rachadura se alargou, os sentimentos – por um segundo – puderam ser lidos claramente nos olhos do meu pai. E eu nunca...nunca havia imaginado a profundidade deles.

Ele lutou para se conter. Para voltar ao normal.

– Nunca mais repita isso. Não defenda aquela mulher – sua voz era dura.

Eu odiava ver meu pai sofrer, mas precisava fazê-lo entender, fazê-lo ver. Ainda havia felicidade para mim. Para ele. Para nós. Ainda havia perdão.

– Aquela mulher é minha mãe. E ela amava você, pai. Ela cometeu um erro, sim, mas não por falta de amor. Talvez por medo, por ingenuidade, por...

– Cale-se! Você não tem ideia do que está falando! Você nem a conheceu!

– Conheci sim – tremi enquanto sussurrava. – Aliás...conheço.

Dessa vez meu pai enlouqueceu. Pegou-me pelos braços com tanta força que eu sabia que ficaria com hematomas. Eu quase gritei.

– Do que diabos você está falando? – ele gritou na minha cara, os olhos loucos, ferozes.

As lágrimas desciam por meu rosto enquanto eu respondia.

– Eu a conheci na Romênia. Ela ficou comigo na casa do vovô durante todo esse tempo. Eu a amo, pai. Eu a amo como amo você. E, como você, ela também é infeliz.

Papai me soltou tão de repente que era como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Foi tão abrupto que eu caí no chão. Minha bolsa – que eu ainda estava segurando – abriu e meu celular escorregou para fora.

Eu fiquei no chão, tentando controlar minha respiração, minhas lágrimas. Meu pai parecia derrotado. Acabado. Parecia ter desistido.

Do quê?

Eu nem saberia dizer.

Sua raiva se fora, seu desprezo, sua frustração. Ele parecia ter murchado. Seus ombros caíram. Ele parecia o homem mais triste do mundo. Como se tivesse suportado uma dor excruciante que – de repente – havia se tornado demais. Demais para que ele continuasse suportando-a, para que continuasse seguindo em frente.

– Vou falar com seu avô – papai disse, sem me olhar, a voz oca. – Conversamos depois, você vai para o seu quarto agora – seus olhos então se voltaram para mim, calmos como o mar após uma tempestade, mas turvos, sombrios. Então ele completou, ainda naquela voz sem vida. – E, se depender de mim, você nunca mais vai ver sua mãe. Nem esse garoto estúpido por quem acha que está apaixonada.

Depois de dizer isso, ele pisou no meu celular, despedaçando-o. Me deu as costas e foi em direção ao seu escritório.

Eu me levantei e ignorei meu celular destruído no chão. Peguei minha bolsa e sequei meus olhos. Caminhei dignamente até a porta e chamei:

– Pai!

Ele parou e se virou para mim.

– Ainda bem – comecei, determinada. Havia ido muito longe para recuar agora. Era a minha felicidade, minha vida, que estava em jogo – Essas decisões não dependem de você.

Ele suspirou audivelmente.

– Se você sair por essa porta – ele disse e sua voz agora saía quase torturada. – Não é mais minha filha.

Eu engoli as lágrimas e sorri para ele, girando a maçaneta.

– Apenas outra coisa em que você está enganado. Eu sempre vou ser sua garotinha.

Saí de casa e bati a porta atrás de mim.

E chorei o caminho inteiro até a casa do Vicente.

\*\*\*

Tive um certo problema para me situar no tempo e no espaço quando acordei. Porém, ao ver uma mão apertada na minha e uma cabeça morna sobre o lençol, eu percebi que realmente não importava onde eu estava, muito menos as horas.

Vicente havia dormido numa cadeira ao lado da cama, inclinado sobre ela, os cabelos castanhos e bagunçados cobrindo parte do seu rosto. Um fiapo de luz do sol se infiltrava pela janela fechada e pintava de dourado alguns dos seus fios. Sua boca estava ligeiramente aberta e ele respirava tão profundamente que mais parecia que estava suspirando. A luz da manhã o deixou ainda mais bonito.

Levantei a mão livre e passei os dedos suavemente por sua testa, tirando o cabelo do seu rosto. Seus olhos estavam fechados e os cílios

grandes e cheios sombreavam suas maçãs do rosto. Sorri. Ele não havia largado a minha mão nem dormindo.

Percebi que eu estava vestindo uma camisa azul folgada, com a gola tão grande que caía por um dos meus ombros, e uma calça de moletom que passava dos meus pés. Oh, Deus.

Dizer que eu corei enquanto as lembranças da noite anterior pipocavam em minha cabeça seria o cúmulo do eufemismo. Senti minha pele esquentar só de lembrar os lugares em que Vince me tocara, mesmo que de leve. Havia algo de tão ingênuo, mas ao mesmo tempo tão quente naquele toque, dois opostos que se encontravam. Ele havia feito com que eu me sentisse tão segura... mesmo que os raios e os trovões me assustassem, eu sentia que nada no mundo poderia me machucar enquanto ele estivesse ao meu lado.

Talvez eu tenha feito algum barulho, porque a mão de Vicente de repente se apertou na minha e ele se mexeu. Seus cílios tremeram e ele abriu os olhos devagarinho. Piscou, como se – do mesmo jeito que eu – estivesse tentando se localizar no tempo e no espaço. Então levantou sua cabeça e pousou os olhos em mim. Imediatamente um sorriso doce se formou em seus lábios. Ele levantou o tronco, apoiando-se no cotovelo, e usou a mão que não estava na minha para afastar uma mecha de cabelo revolta do meu rosto.

– É você mesmo? – perguntou, a voz ainda rouca de sono.

Eu ri.

– Sim – foi só o que respondi.

Por um momento, o momento mais longo que eu já vivi, ficamos apenas nos encarando. Os lábios suavemente inclinados para cima num sorriso fraco, mas verdadeiro. Os olhos de Vince brilhavam, mais castanhos que nunca. Nossas mãos continuavam juntas, como sempre deveriam ter ficado. Como eu queria que continuassem.

Nosso momento vamos-olhar-um-para-o-outro-como-dois-bobocas-apaixonados foi brutalmente interrompido quando um ser maligno do espaço abriu a porta com um estrondo.

– E aí, pombinhos? – Lucas disse, vestindo apenas uma bermuda, um avental florido e um sorriso sem vergonha. – Vão ficar o dia todo na cama apagando o fogo um do outro ou vão aproveitar o dia lindo que tá lá fora?

Eu não sabia se ria ou corava. Vince o xingou e jogou um travesseiro no amigo, que riu enquanto desviava.

– Ok, ok, tô saindo. Desculpa atrapalhar o momento de vocês...

Vicente jogou o outro travesseiro que, dessa vez, bateu na porta que Lucas acabara de fechar.

– Ah, só um aviso – a voz dele soou claramente do outro lado da porta. – Não façam muito barulho. As paredes são finas, sabe...

Vince e eu trocamos olhares e coramos, desviando o rosto rapidamente.

Lucas, se um dia eu te pego num beco escuro...

Vince se levantou subitamente da cadeira e pigarreou:

– Err...bom, acho melhor nós nos juntarmos aos outros para o café da manhã – ele disse, evitando me olhar e passando a mão nervosamente pelo cabelo. – Eu vou deixar você para trocar de...

Aí ele se tocou de que eu não tinha nenhuma roupa para vestir.

Olhei para o chão, procurando pelas minhas roupas molhadas, mas não as vi em lugar nenhum. Uma batida na porta desviou-me da minha busca.

– Estão decentes? – Lucas perguntou e, sem esperar resposta, abriu um pouco a porta e colocou sua cabeça sorridente para dentro.

Vince bufou.

– E só agora você lembra de bater na porta – murmurou.

Ele fingiu que não ouviu e entrou no quarto, ainda estranhamente vestido naquele avental florido, mas agora segurando roupas cuidadosamente dobradas nas mãos.

– Então, quando vocês estavam ocupados fazendo sexo selvagem ontem à noite, eu precisei entrar para pegar minhas coisas – ele apontou para a mochila jogada num canto do quarto, na qual eu ainda não havia reparado. Nem sei se era possível, eu corei mais ainda com o comentário e com pensamento de que ele me viu dormindo agarrada à mão do Vicente. – Aí eu acabei tropeçando nessas roupas molhadas e pensei que talvez você fosse precisar delas hoje, Maria Valentina.

Mesmo que meu rosto estivesse tão vermelho e quente que parecia que alguém tinha me enchido de chineladas, eu sorri pela gentileza dele.

– Obrigada – murmurei enquanto Lucas colocava meus jeans e minha blusa na beirada da cama.

– É um prazer, milady – ele disse, fazendo uma reverência floreada que arrancou uma risada de mim e um rolar de olhos de Vince. – Mas eu temo não poder levar todo o crédito. Foi Henri que as lavou e passou. Ele sabe tudo sobre trabalho doméstico. Fez uma omelete agora que...juro, se ele não fosse um cara, já tinha pedido o desgraçado em casamento.

Eu ri enquanto ele saía. Então virei-me para Vicente, ainda de pé ao lado da cama.

– Quem é Henri? – perguntei, ainda com um sorriso meio idiota na cara.

– É o irmão mais velho do Pedro – respondeu e eu assenti, lembrando de como achei Pedro e o garoto de cabelos compridos parecidos.

– Então – continuou Vince –, como o problema das suas roupas está temporariamente resolvido, eu vou te deixar sozinha. Tem uma escova de dentes nova no banheiro e toalhas limpas no armário, se você quiser tomar um banho.

Assenti, tão envergonhada quanto ele, mesmo sem saber o porquê disso, afinal, não havíamos feito nada. Mas acho que dormir segurando a mão de alguém era algo íntimo o bastante, e significava algo.

Vince saiu apressadamente do quarto e só então eu me levantei. Foi uma boa coisa, porque assim que eu fiquei de pé, as calças caíram da minha cintura e foram parar no chão. Rapidamente as puxei para cima e dei um nó de qualquer jeito para prendê-las. Peguei minhas roupas e fui para o banheiro. Tomei um banho bem quente, demorando para desembaraçar meu cabelo depois de ter dormido com ele molhado. Vesti-me e usei a escova de dentes nova que estava na pia. Arrumei os cabelos molhados com as mãos e voltei ao quarto, à procura dos meus óculos e das minhas sapatilhas.

Depois que já estava pronta, sentei na cama e simplesmente tentei assimilar aquilo tudo.

O que raios eu estava fazendo?

Eu estava ali para conseguir Vicente Müller. Mesmo que eu nunca fosse admitir em voz alta a ideia que passava pela minha cabeça quando eu pensava em nosso reencontro, e ela envolvia uma paisagem idílica ao fundo, uma música romântica, e eu me jogando nos braços abertos do Vince (por alguma razão, minha imaginação insistia em deixá-lo sem camisa), beijando-o apaixonada e loucamente e depois dizendo que eu o amava. E até agora nada disso havia acontecido. É, decepcionante...

Mas aquilo iria mudar agora. Eu iria sair daquele quarto e, mesmo sem a paisagem idílica e a música de fundo, iria me jogar loucamente nos braços de Vicente e beijá-lo até deixá-lo sem ar.

É, ok. Coragem! Eu tinha que fazer isso.

Claro, se minhas pernas fossem capazes de se mexer.

Eu fiquei sentada por mais alguns minutos, respirando fundo e tentando reunir coragem, antes de me levantar – as pernas balançando feito gelatina – e sair do quarto.

Foi no mesmo momento em que a porta do quarto mais próximo também se abriu, de onde saiu um Vince que vestia uma bermuda clara

e uma camiseta azul marinho. Seu cabelo estava molhado, como se ele tivesse acabado de sair do banho.

Ele se virou para mim, como se sentisse que eu o olhava, e sorriu. Um sorriso incerto, hesitante, mas...esperançoso. Esse sorriso me aqueceu e eu me peguei sorrindo de volta.

Agora, Maria Valentina.

Mas justo quando eu tinha dado dois passos na direção dele, a porta da sala – que era visível do corredor – se abriu e uma pequena e barulhenta multidão invadiu a casa.

Reconheci todos como sendo do colégio onde eu estudava até recentemente. Todos amigos do Vicente. Entre eles o outro garoto que jogava futebol com ele, Fábio, e a namorada nojenta dele, Diana.

E, é claro, Roberta.

– E aí, Vince? – ela perguntou, se aproximando dele com um sorriso brilhante. – Se divertindo?

E então eu descobri algo completamente chocante sobre mim mesma.

Não importava que eu soubesse que Vince não gostava da Roberta. Não importava que eu soubesse que a garota era passado. Não importava que eu soubesse que Vince era meu, que ele passara a noite comigo, apertando minha mão cuidadosamente entre as dele. Eu sabia que ele gostava de mim. Ele me amava.

E ainda assim, eu era muito, muito ciumenta.

Oh, droga.

\*\*\*

Eu pensei que, quando finalmente reencontrasse o Vicente, o tempo pararia, o mundo não giraria, e eu não conseguiria conter a felicidade dentro de mim. Bom, meu dia havia sido uma grande merda até o momento.

Como Lucas havia dito, no entanto, o dia estava lindo. A tempestade da noite anterior parecia que nem tinha existido, o sol brilhava no céu azul claro, e, apesar de estar um pouco frio para nos arriscarmos a entrar no mar, o clima estava agradável.

Mas por que todas aquelas pessoas tinham que estar ali?

Claro, depois fiquei sabendo que aquilo tinha sido combinado há meses. Aliás, segundo Lucas havia me dito quando fugi irritada para a cozinha, eles costumavam passar bastante tempo naquela casa de praia

nas férias, com todo o pessoal do colégio. Eu devia ter imaginado algo assim quando corri até a casa do Vicente só para ouvir daquela prima intragável dele que ele estava passando as férias na casa de veraneio do melhor amigo.

Mas não, não pensei em mais nada além de fazer a garota vomitar o endereço do lugar e correr para a rodoviária para pegar o primeiro ônibus para lá.

Certo, eu não estava arrependida. Não era para tanto. Mesmo de longe – Vince estava rodeado de amigos do outro lado da sala enquanto eu estava sentada com os braços cruzados e cara emburrada no balcão da cozinha – eu podia ver que ele estava desconfortável. Eu podia ver que ele me olhava como quem pede desculpas, como quem dizia “eu preferiria estar com você”. Mesmo assim, ele continuava lá enquanto eu precisava controlar meu temperamento para não jogar água quente em todo mundo e sair arrastando Vince de lá.

Céus, eu nunca poderia imaginar que seria capaz de ser tão possessiva.

– Você está assustando o cara, sabia? – Lucas sussurrou para mim enquanto misturava os ingredientes para um bolo.

O garoto havia tomado como uma ofensa o fato de eu ter absolutamente odiado aquele cosplay de chocolate quente que ele havia feito para mim na noite anterior. E, aparentemente, estava invejando as qualidades de Henri na cozinha, que havia feito um café da manhã incrível para todos. Então, agora ele estava decidido a provar que também podia ser uma ótima dona de casa.

Meninos. Vai entender.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei, irritada.

Ele deu de ombros.

– Ele só não mandou todo mundo ir lamber um prego para vir aqui e ficar com você por causa dessa sua cara de que vai arrancar a jugular dele no momento em que ele se aproximar.

Bufei, ainda mais irritada em admitir para mim mesma que o garoto provavelmente tinha razão. Eu estava mesmo olhando com raiva para ele. Mas eu não podia evitar! Toda a visão da cena romântica que eu tinha imaginado durante tanto tempo tinha ido para o ralo. Isso seria o suficiente para irritar qualquer pessoa, certo? E o jeito que a Roberta tocava no braço dele como se fosse a coisa mais normal do mundo estava me deixando com muita vontade de vomitar. Bem em cima do cabelo bem cuidado dela.

Sim, sim, eu não podia deixar de ver que ele sempre a afastava, mas me irritava mesmo assim. Não, não era com ele que eu estava irritada. Era com as circunstâncias. Respirei fundo e saltei do balcão. Eu precisava de um pouco de ar puro.

E precisava resolver algumas coisas também.

– Lucas, você pode me emprestar seu celular? – pedi, lembrando do meu aparelho despedaçado.

Ele sorriu e me entregou o dele. Eu agradei e atravessei a sala, sem olhar para ninguém, saindo da casa. Fiquei ali mesmo na varanda, onde o barulho de dentro não era ouvido e liguei para minha irmã.

– Geny? – falei quando ela atendeu. – É a Tina.

Por um instante eu achei que ela tivesse desligado, porque a linha estava muda. Mas então ela disse, a ironia pingando em cada sílaba:

– Ah, é você? Resolveu dar um sinal de vida?

Aquele tom me pegou completamente de surpresa.

– Geny, o que foi? – perguntei, confusa.

– O que foi? – ela repetiu. – Sério, o que você esperava?

– Do que você está falando?

– Eu ouvi sua conversa com o papai – ela revelou finalmente.

Oh, não.

– Geny, não é... –

Ela me interrompeu, soando ainda pior que antes.

– Não é o quê? Você vai negar agora? Vai continuar mentindo para mim?

– Mas eu não menti, eu...

– Ah, quer dizer que, em todas as vezes que conversamos por telefone, você acidentalmente esqueceu de mencionar que estava com a mulher que nos deu à vida ao seu lado? A que foi embora antes mesmo que eu soubesse falar? A que nos abandonou?

Eu não sabia o que dizer. Eu não sabia como agir. Sim, eu tinha escondido dela, mas não foi porque eu quis... Mamãe me pediu. Ela queria conversar com Geny pessoalmente.

E eu não me arrependia de ter atendido ao seu pedido, só não queria que isso tivesse machucado tanto a minha irmã. Ela não deveria ter escutado minha conversa com papai... Mas agora estava feito. E eu tinha que tentar consertar as coisas.

– Geny – eu disse finalmente. – Não é o que parece. Desculpe não ter te contado antes, mas mamãe quis assim. Ela mesma quer falar com você.

Uma risada seca e sem humor soou do outro lado da linha.



– Como se eu fosse querer falar com ela! Você acha realmente que eu sou tão idiota como você? Que eu vou simplesmente abrir os braços de dizer “oh, olá mãe, tudo bem que você tenha sumido durante toda a minha vida, vamos ser uma família agora?” Ela nos abandonou, Tina. Ela não quis a gente. Como você...?

Respirei fundo. O ódio e o rancor de Geny eram grandes demais. Profundos demais. Estavam nela há tanto tempo que não seriam curados em um dia, com apenas as minhas palavras. Se é que poderiam ser curados.

– Eu sei como você se sente, Geny. Eu também fui relutante, a princípio. Mas a vida é muito curta, principalmente para aqueles que não sabem perdoar. Eu perdoei nossa mãe, sim. Você não é obrigada a fazer o mesmo e sua decisão não vai mudar o que eu sinto por você. Eu te amo e você é minha irmãzinha. Eu vou estar sempre aqui por você.

Ouvi os soluços no outro lado da linha. Ela ficou bastante tempo sem dizer nada. Eu também não sabia o que mais poderia dizer, o que poderia fazer para protegê-la, para fazê-la se sentir amada e querida. O abandono da mamãe a deixou com um sentimento de rejeição tão grande, tão maior que o meu, que eu não sabia se era possível que ela o superasse.

Mas eu a ajudaria. Faria o que precisasse. Eu só queria que minha irmãzinha fosse feliz.

– Papai está maluco – ela finalmente disse, depois que os soluços acalmaram, ainda tentando manter a voz fria e indiferente. – Desde que você saiu. Acho que ele não acreditou mesmo que você fosse realmente sair por aquela porta. Ele ligou para o vovô. Os dois tiveram uma discussão terrível.

Fechei os olhos e apertei a ponte do nariz com o polegar e o indicador. Eu deveria ter imaginado...

– Ele saiu, mas disse que, se você ligasse, era para eu fazê-la dizer onde está – ela continuou, a voz ainda distante, ainda magoada.

Então eu disse. Não tinha realmente nada a esconder. O que papai faria? Iria até ali e me levaria embora à força? É claro que ele poderia fazer isso. Ele sabia e eu também. Mas isso só me faria ficar mais determinada. Isso só me faria sair de casa de novo. Isso só faria crescer o ressentimento entre nós. Até o dia em que ele não teria mais o direito de me levar de volta para casa.

Eu sabia disso. Esperava que ele também.

Assim que eu disse onde estava, Geny murmurou um “ok” e desligou. Sem se despedir. Não podia culpá-la. Ela tinha todo o direito de estar

confusa e chateada. Pensei em voltar para casa para conversar com ela direito, mas a ideia de confrontar o papai novamente me deixava nauseada. Bom, eu teria de fazê-lo de qualquer jeito, se ele resolvesse vir me “resgatar”.

Sabia que estava sendo egoísta ao colocar meus sentimentos em primeiro lugar justamente quando minha irmã precisava de mim, mas não sabia o que fazer. Acabei decidindo que ficaria ali só por mais aquele dia – isso se papai não aparecesse com os policiais, os bombeiros e o presidente para me levar de volta e me trancafiar em casa – e iria embora no dia seguinte.

Só esperava que houvesse tempo para ficar sozinha com Vicente, para dizer tudo o que eu precisava dizer a ele.

– Hey.

A voz do garoto que estava nos meus pensamentos fez com que eu me virasse para vê-lo andando até mim, com um meio sorriso.

– Hey – eu disse de volta, também tentando sorrir.

Ele se aproximou, mas não o suficiente. Hesitou, como se não soubesse o quão perto de mim podia chegar.

– Desculpe por aquilo – ele indicou a casa, onde seus amigos estavam. – Fazia muito tempo que eles não conversavam comigo, então me prenderam daquele jeito.

Franzi o cenho, confusa.

– Como assim? – perguntei. – Vocês não se viam todos os dias na escola? E nos treinos de futebol?

Ele coçou a nuca e desviou o olhar de mim, ficando vermelho.

– Bem... – começou, parecendo desconfortável. – Eu meio que larguei o futebol. E fiquei quase sem tempo para sair com meus amigos.

O QUÊ?

Acabou que eu disse isso alto. E ele riu do meu espanto.

– Mas você ama futebol – insisti, completamente sem ideia de por que ele largaria algo que amava tanto.

– Eu precisava estudar – respondeu com um dar de ombros, como se não importasse, mesmo que eu pudesse perceber por sua voz que sim, importava. – O futebol tomava muito do meu tempo e eu preciso estudar se quero ser alguém na vida e passar minhas férias num cruzeiro pelo Caribe.

Eu fiquei absolutamente sem ter o que dizer e ele finalmente se virou para mim e riu da minha cara de babaca. Levou uma mão até o meu rosto e acariciou minha bochecha.

– Uma garota me disse isso uma vez – ele contou, agora me olhando fixamente. – Eu não a levei muito a sério naquele momento. Mas agora eu vejo como ela estava certa.

Meu coração se enterneceu e eu segurei a mão dele enquanto ele a afastava do meu rosto. Sorri fracamente, era só o que eu podia fazer para evitar as lágrimas. Eu já não aguentava mais chorar. Parecia que eu derramara mais lágrimas nos últimos meses do que em toda a minha vida. Mas eu não conseguia evitar...

– Ei, vocês dois! – alguém gritou por uma das janelas. – Entrem, o almoço tá pronto!

Eu me assustei e soltei a mão dele, corando. Acabei dizendo que era melhor entrarmos, quando tudo o que eu queria dizer era algo do tipo “vamos fugir”.

– Tudo bem – ele disse e meu coração parou, pensando que eu tivesse dito aquilo alto.

Mas não fiz isso dessa vez, e nós entramos na casa.

\*\*\*

É claro que todo mundo estranhou o fato de eu, a nerd que sumiu da escola, estivesse lá, no meio deles. Aparentemente, ainda falavam de mim graças à ceninha triste que Vince armou semanas antes de eu ir embora – e que eu tentava esquecer com todas as forças. Não, ninguém teve problemas para me reconhecer, eu não era a Tiffany. Era eu mesma, só não mais escondida atrás de roupas que eram três vezes maiores que eu.

Ouvi algumas pessoas dizendo que eu estava bonita e que parecia outra pessoa, mas a verdade é que eu – ainda – não chegava aos pés da ex-namorada do Vicente.

E eu não me importava nem um pouco.

Talvez eu tivesse me tornado arrogante, mas não achava que era isso. Eu apenas apendera a confiar no garoto que eu amava. E, mais importante, em mim mesma.

Então que importava que eu não fosse alta, loira e cheia de curvas? Eu tinha algo muito mais importante. É, isso mesmo. Mas não vou ser – mais – brega e dizer.

No fim, mesmo achando estranho, todos acabaram aceitando minha presença. Ainda que Roberta e Diana me lançassem olhares ácidos de vez em quando. Essas duas nunca iriam gostar de mim mesmo.

Depois do almoço, os garotos decidiram ir surfar. As meninas – sempre mais inteligentes, mesmo que eu não gostasse daquelas espécimes em particular – se recusaram a mergulhar com aquele frio e resolveram ir fazer compras.

E eu teria ficado completamente perdida e sem ter o que fazer, mas aí Vicente se aproximou e eu tinha quase certeza de que ele se ofereceria para ficar comigo, quando a porta se abriu e uma Lana sorridente e linda apareceu.

– Parece que a diversão está por aqui – comentou, o olhar passando de Vicente para mim.

Eu ainda não sabia qual era a daquela garota, mas Vince não pareceu contrariado com sua presença, ao contrário de Lucas.

– Quem disse que você era bem-vinda? – perguntou, aproximando-se dela com uma colher de pau e ainda com o avental florido, que agora estava totalmente sujo. O bolo havia explodido nele.

Ela deu de ombros.

– Você mesmo me convidou – respondeu simplesmente, colocando a mala cuidadosamente ao lado do sofá.

– Isso foi antes – retrucou, balançando a colher de pau. – Eu sou o dono da casa! Posso expulsar você daqui se quiser.

Ela baixou os enormes óculos de sol que usava e fitou-o com os olhos semicerrados.

– Tente – provocou.

Lucas ficou calado.

Uau. Ou eu tinha ficado maluca ou havia alguma coisa entre os dois.

Lucas, agora extremamente contrariado e irritado, começou a empurrar Vince para longe de mim.

– Vem, vamos à praia. O ar aqui de repente ficou irrespirável.

Vince me olhou triste e eu sorri em encorajamento. Tudo bem, eu ainda teria tempo para falar com ele...

Me levantei da mesa e coloquei meu prato na pia extremamente lotada. Já que eu iria ficar ali sozinha, bem que poderia lavar a louça. Porém, quando peguei a esponja, Lana se aproximou e a arrancou da minha mão.

– O que você pensa que está fazendo? – perguntou, arqueando uma sobrancelha.

– Atravessando o Canal da Mancha à nado – respondi, tentando pegar a esponja de volta.

Ela jogou a esponja do outro lado da cozinha.

– Bom, isso vai ter que ficar para depois – falou, começando a me puxar para fora da cozinha. – Porque você e eu vamos às compras.

Ok, a garota era louca. Alguém para interná-la, por favor?

– E por que eu iria às compras com você? – perguntei com desprezo, lembrando de como ela havia sido quando nos conhecemos.

Ok, quando ela conheceu a Tiffany. Mas algo me dizia que ela sabia de toda a verdade.

– Porque vai ter uma festa na praia hoje à noite – ela revelou. – E um garoto chamado Vicente Müller vai estar nela, você talvez o conheça. E, ah, você tem algo para vestir?

Vadia. Mas ela tinha um ponto.

– Ok, vou pegar minha bolsa – concordei.

Ela sorriu enquanto eu ia até o quarto onde tinha dormido e procurava minha bolsa – molhada – pelo chão. Agradei mentalmente quando a achei e vi que ela estava apenas úmida e que quase tudo dentro dela havia sido poupado do pior da chuva. Exceto pelo meu exemplar de O Homem do Terno Marrom, cujas páginas haviam sido irremediavelmente destruídas. Mas eu não tinha tempo para chorar por ele, então o tirei da bolsa e corri para fora com Lana.

Fomos à pé – num silêncio que, pelo menos da minha parte, era constrangedor – até as lojas da cidade. Não era muito longe, apenas uma meia hora de caminhada. As lojas também não eram nada muito especial, mas qualquer coisa que eu achasse ali seria melhor que nada.

Entramos em várias, mas nenhuma parecia agradar minha companhia de compras. Ao que parecia, a garota era mesmo exigente. Depois de algumas horas, finalmente entramos numa loja que pareceu agradá-la e só quando ela pegou várias roupas e as jogou em cima de mim, eu percebi que, o tempo todo, ela estivera procurando roupas para mim.

– Por que? – foi só o que eu perguntei, quebrando nosso silêncio interminável e fitando-a com verdadeiro espanto. Ela deu de ombros.

– Eu amo meu primo – respondeu. – E ele te ama. Ele ficou destruído quando você foi embora e, agora que você está aqui, eu quero mesmo que se acertem. E resolvi ajudar do único jeito que sei.

Fiquei calada por um momento, absorvendo aquela informação. Quando finalmente fitei a garota parada à minha frente, vi-a com outros olhos. Sem o preconceito que, mesmo sem querer, eu sempre associava a garotas muito bonitas e vaidosas.

Ela, de repente, me fez lembrar de Narcisa.

Eu sorri.

– Obrigada.

Ela rolou os olhos e mandou que eu me apressasse.

No fim, eu acabei comprando um vestido. Sim, um vestido. Assim que o coloquei no corpo, me apaixonei. Era estampado com pequenas corujas e chegava até quase meus joelhos. Também comprei um cardigã para colocar por cima, no caso de eu sentir frio. Isso definitivamente acabou com todo o meu dinheiro, mas eu não me importei. Lana disse que eu havia ficado linda com o vestido e assim eu me sentia. Ele me deixava feminina e confortável ao mesmo tempo.

Na volta, paramos para tomar frozen yogurt – eu joguei o meu fora depois de uma colherada, aquilo era nojento – e, quando finalmente voltamos para casa, todos já haviam voltado e estavam se arrumando para a festa na praia. Olhei ao redor, mas não vi Vicente em lugar nenhum. Pretendia procurá-lo, mas Lana foi logo me empurrando para o quarto onde eu dormira, o que tinha banheiro, antes que alguém tivesse a mesma ideia.

Eu tomei banho primeiro, tendo o cuidado de não molhar os cabelos, e fui me vestir enquanto Lana tomava o dela. Quando saiu e terminou de se vestir, a garota tentou me atacar com pincéis, lápis de olho e rímel, mas eu fui categórica:

– Estamos na praia, eu não vou passar essas coisas na cara de jeito nenhum. Um gloss serve.

– Eu nunca vou entender o que Vince viu em você – murmurou enquanto me jogava um gloss cor de rosa.

Terminamos de nos arrumar e saímos do quarto. A casa não estava tão cheia como antes, então supus que algumas pessoas já tivessem ido para a festa. Vince não estava em lugar nenhum.

– Ele já deve ter ido, vamos – Lana me puxou para fora no momento em que Roberta saía de um dos quartos vestindo um short minúsculo e uma blusa transparente.

Ela estava bonita, mas eu estava decente.

E não, eu não estava sendo maldosa, só orgulhosa.

A festa já estava rolando quando chegamos, apesar de ter poucas pessoas. Ficava num bar à beira da praia, com um toldo grande na areia e algumas poucas mesas espalhadas. As pessoas pareciam mais velhas, mais ou menos da idade do irmão do Pedro, e era raro eu ver alguém sem um copo de cerveja na mão.

Eu não percebi o quanto estava nervosa até chegarmos lá, mas a verdade é que minhas pernas tremiam e meus olhos varriam o lugar à procura de um garoto alto, com lindos cabelos escuros e profundos olhos castanhos. Negros naquela luz fraca.

Mas ele não estava em lugar nenhum.

E quando eu percebi, Lana havia sumido. Ótimo, agora eu estava sozinha numa festa na praia com pessoas bêbadas, sem nenhuma ideia do que fazer. Eu não podia estar mais deslocada. Bom, pelo menos a música era legal. Eu estava esperando o pior – festas de praia não são famosas pela excelente seleção de músicas, eu ouvi, pois nunca tinha estado em uma – mas estavam tocando uma boa lista de rock antigo.

E num minuto eu estava ali, sozinha, nervosa e deslocada, e no segundo seguinte minha cabeça se esvaziou completamente.

Vicente estava do outro lado da “pista de dança” sorrindo para mim. Quando ele percebeu que eu o tinha visto, seu sorriso se alargou e meu coração bateu acelerado. Ele vestia bermuda e camiseta, e seu rosto estava ligeiramente vermelho de sol, mas era difícil imaginá-lo mais bonito. Acho que era só na minha cabeça, mas ele sempre parecia mais charmoso a cada vez que eu o via. Seu sorriso, no entanto, era o que mais me fazia derreter. Eu queria arrancá-lo daqueles lábios. Com os meus.

Senti como se tivéssemos ficado uma eternidade apenas nos fitando de longe, até que, como se fosse combinado, ambos andamos lentamente até o meio da pista de dança e paramos a poucos passos um do outro. Não sei bem quem quebrou a distância entre nós, mas a próxima coisa que eu soube foi que ele me tinha em seus braços e nós estávamos dançando. Dançando.

A música que estava tocando era Friday I’m In Love, do The Cure e ele me fazia dar voltas e voltava a me segurar pela cintura, fazendo-me balançar de maneira capenga no ritmo da música, como fizemos uma vez no meu quarto. Eu sorri com a lembrança e deixei que ele me rodasse mais uma vez.

*I don't care if Monday's blue  
Tuesday's grey and Wednesday too  
Thursday I don't care about you  
It's Friday I'm in love*

E de repente, não estávamos mais sorrindo, ríamos. E podíamos estar em qualquer lugar. O mundo ao nosso redor desapareceu e era quase como se estivéssemos de novo no meu quarto, sozinhos, sem nenhuma preocupação, apenas felizes por estarmos nos braços um do outro.

*Monday you can fall apart  
Tuesday, Wednesday break my heart  
Thursday doesn't even start  
It's Friday I'm in love*

E cantávamos junto com a música, não nos importando com o que as outras pessoas iam achar daqueles dois malucos. Eu era maluca sim e Vince não ficava muito atrás.

Nós nos amávamos, apesar de todas as diferenças, de todos os motivos que tínhamos para odiar um ao outro. Não dava para ser mais maluco.

*Saturday wait  
And Sunday always comes too late  
But Friday never hesitate*

Meus olhos estavam grudados nos dele. Eu sentia calor onde suas mãos me tocavam. Eu me sentia no céu e no inferno. Estava prestes a voar com pés bem presos no chão. O escuro daqueles olhos me faziam acreditar em tudo. No possível e no impossível. Aquela noite parecia nosso primeiro encontro e, de certa forma, era. Porque ele sabia exatamente quem era a garota que tinha nos braços. E – eu assim esperava – era essa garota mesmo que ele queria ali.

– Você está linda – ele falou no meu ouvido, sua voz sobrepujando a música.

*Dressed up to the eyes  
It's a wonderful surprise  
To see your shoes and your spirits rise  
Throwing out your frown  
And just smiling at the sound  
And as sleek as a shriek  
Spinning round and round  
Always take a big bite  
It's such a gorgeous sight  
To see you eat in the middle of the night  
You can never get enough  
Enough of this stuff  
It's Friday I'm in love*

– Me tira daqui – foi o que eu respondi, também no ouvido dele.

Nossos olhos voltaram a se encontrar e ele sorriu. Segurou minha mão bem apertado e me puxou para fora do toldo e das pessoas que começavam a lotar o lugar.

Começamos a andar na areia, nos afastando da festa, de mãos dadas como um casal de namorados. Acho que essa comparação é certa, porque eu certamente me sentia assim. Tirei as sapatilhas no caminho e



Vince fez questão de segurá-las para mim. Andávamos a esmo, não importava aonde íamos chegar, desde que chegássemos juntos.

A lua crescente brilhava por entre algumas nuvens, iluminando precariamente a superfície da água e a brancura da areia.

– Eu adoro dançar com você – confessei.

Ele parou e riu.

– Achei que você não soubesse dançar – comentou.

– E não sei.

Ele largou minhas sapatilhas na areia e tirou o celular do bolso. Pude vê-lo ativar a reprodução aleatória e colocar o aparelho em cima das minhas sapatilhas. Aproximou-se de mim e estendeu a mão, o gesto tão natural que eu não podia recuar.

*Looking up from underneath  
Fractured moonlight on the sea  
Reflections still look the same to me  
As before I went under*

Coloquei minha mão na dele e fui puxada para seu peito.

– Não dá para dançar essa música – reclamei.

– Podemos dançar no nosso próprio ritmo, Maria Valentina – foi a resposta.

*And it's peaceful in the deep  
Cathedral where you cannot breathe  
No need to pray, no need to speak  
Now I am under all*

E foi o que fizemos. Encostei minha cabeça em seu ombro enquanto nós balançamos totalmente fora do ritmo da música, mas dentro do nosso próprio. Perdidos no nosso mundinho. E foi então que eu percebi que o tempo congelara. O mundo parara de girar. E só havia nós dois, dançando na praia sob a pálida luz da lua.

*And it's breaking over me  
A thousand miles onto the sea bed  
I found the place to rest my head*

A paisagem idílica. A música de fundo. E apenas nós dois. Exatamente como eu tinha imaginado. Bom, não exatamente, afinal Vince não estava sem camisa.

Bom, nada é perfeito.

Uma brisa gelada passou por nós e ele me apertou mais em seus braços, as mãos enterradas em minha cintura começaram a passear por minhas costas.

– Vince – sussurrei, pronta para expor meu coração. Para colocar em palavras tudo o que ele podia ver nos meus olhos.

– Shh – ele colocou um dedo nos meus lábios.

*And the arms of the ocean are carrying me  
And all this devotion was rushing over me  
And the crushes of heaven, for a sinner like me  
But the arms of the ocean delivered me*

– Por que você foi embora? – perguntou de repente, tomando-me de surpresa.

Por todas as razões pelas quais deveria ter ficado. Porque te amo tanto que tive medo.

– Isso realmente importa? Eu estou aqui agora.

Ele fechou os olhos e inspirou profundamente em meus cabelos. Então, enterrando o rosto no meu pescoço, disse com a voz entrecortada:

– Promete que não vai me deixar de novo?

Meu coração despencou. Eu teria de ir embora ao fim das férias. Meu castigo ainda não havia acabado, e, depois de toda aquela briga com papai, suspeitava que ele seria eterno. Ou pelo menos até que eu tivesse idade para não precisar viver sob suas ordens.

– Não posso prometer isso – respondi sincera, afastando apenas o suficiente para poder olhá-lo nos olhos. Aqueles olhos escuros e quentes, profundos e viciantes. – Mas posso te dizer uma coisa. Eu te amo. Eu te amo, Vicente Müller. Aqui. Agora.

Sua mão se apertou em minha cintura, até eu ter certeza de que ficaria com a marca dos seus dedos na pele. A outra tirou uma mecha do meu cabelo que o vento insistia em jogar no meu rosto.

– Eu também te amo, Maria Valentina. Aqui. Agora. E para sempre.

*And it's over  
And I'm goin' under  
But I'm not givin' up  
I'm just givin' in*

*Oh, slipping underneath  
Oh, so cold but so sweet*

– Para sempre não existe – eu me ouvi dizendo.

– Existe...

Eu o interrompi.

– Por favor, sem a frase brega “existe quando eu estou com você”.

Ele riu e me girou – ainda estávamos dançando – e depois parou, colando seu corpo ao meu.

– Tudo bem. Eu não ia dizer isso mesmo – murmurou, fingindo estar emburrado. Então ficou sério e segurou meu rosto com uma mão. – Mas sabe de uma coisa? Pode ser brega, mas é verdade.

E então me beijou.

*Never let me go, never let me go*

*Never let me go, never let me go*

*Never let me go, never let me go*

*And it's over*

*And I'm goin' under*

*But I'm not givin' up*

*I'm just givin' in*

*Oh, slipping underneath*

*Oh, so cold but so sweet*

E naquele instante, vivemos uma eternidade. Não eram só seus lábios que tocavam os meus. Era sua alma que tocava a minha. E era como beijá-lo pela primeira vez e não era ao mesmo tempo. Suas mãos me prenderam nele, e as minhas passaram por seu pescoço, terminando mergulhadas em seus cabelos. Seus lábios cobriam os meus com uma força e uma vontade que, até agora, me eram desconhecidas. E eu me via respondendo com a mesma força poderosa, incendiária. Meu corpo estava em chamas.

E eu só queria queimar mais.

Seus dentes prenderam meu lábio inferior enquanto minhas mãos desciam de seus cabelos para passar a explorar seu peito. Os beijos dele desciam pelo meu queixo e pescoço, deixando uma mordida dolorida em meu ombro. Minhas unhas curtas se enterraram na pele dos seus braços e seus lábios voltaram aos meus.

Oh, eu podia beijá-lo para sempre.

Para sempre não existe.

Nós estávamos provando que isso era uma mentira.

Porque durante aquele breve momento, fomos felizes para sempre.



30



# *Final feliz é clichê*

VINCE

EU ACHEI QUE CONHECIA A felicidade. Achei que sabia o que a palavra significava. Achei que já a havia experimentado.

Estava enganado.

Antes de me apaixonar por Maria Valentina, eu não tinha sido verdadeiramente feliz. Antes de ter aquela garota tão linda e especial deitada na areia da praia ao meu lado, com a cabeça apoiada no meu ombro, eu não tinha experimentado a paz que envolvia meu espírito naquele momento.

O sol ia nascendo e o vento era gelado. Eu havia tirado a camisa e a colocado na areia para que Maria Valentina pudesse deitar sem sujar os cabelos. Ela havia dado uma risada quando eu fiz isso, mas quando perguntei o porquê, só balançou a cabeça e não disse nada.

Eu passei um braço por sua cintura e a abracei mais apertado. Ela suspirou e se aninhou contra mim como se não quisesse estar em nenhum outro lugar no mundo. Eu sei que eu não queria.

Havíamos conversado durante toda a noite. Eu sentia que queria recuperar todo o tempo em que estivemos separados. Amei ouvi-la falar com alegria da sua vida na Romênia, mesmo que sentisse um pouco de ciúme dos seus novos amigos. Não por desconfiar dela ou coisa assim,



mas porque eles puderam passar os últimos meses com ela quando eu não pude. Eu queria estar com ela a cada momento, ver todas as suas expressões, ouvir todas as suas palavras, beijar cada sorriso e ampará-la sempre que ela precisasse. Queria pertencer a ela tanto quanto queria que ela pertencesse a mim.

– Você quer ir embora? – perguntei, ao senti-la estremecer quando uma brisa gelada passou por nós.

Ela negou com a cabeça e se aproximou mais de mim, passando uma perna pelas minhas. Eu esfreguei seus braços gelados e beijei o topo da sua cabeça.

Não falamos apenas sobre seus amigos e sua escola, durante a noite. Ela também me contou sobre seu avô e sua mãe. E eu não pude expressar o quanto saber que as duas tinham conversado e se aproximado me fez feliz. Só quando perdi toda e qualquer esperança de ser amado por minha mãe, pude realmente entender o quanto aquilo significava.

Eu finalmente contei a ela sobre minha mãe.

– Eu fui adotado – havia dito, depois dos momentos de silêncio que se seguiram ao relato da sua festa de despedida.

Ela havia me fitado com aqueles grandes olhos azuis assombrados, sem saber o que dizer, mas eu já havia resolvido simplesmente seguir em frente e falar tudo o que parecia oprimir meu peito.

– Ela não me ama, Maria Valentina. Nunca me amou. Nunca me quis. Só me aceitou por causa do meu pai, que realmente queria um filho e me amou como se eu fosse do seu próprio sangue. O fato de eu não ser seu filho biológico nunca importou para ele, e, para ser sincero, não importa para mim também. Ele é meu pai, sempre foi.

– E seus pais biológicos? – ela havia perguntando, olhando fundo nos meus olhos com uma expressão de absoluta tristeza.

– Mortos.

Então ela havia enlaçado seus braços ao redor do meu pescoço e me abraçado com tanta ternura que eu finalmente quebrei.

Parti como se fosse feito de vidro.

– Ela não me ama – as lágrimas haviam começado a cair sem que eu percebesse e violentos soluços tomaram conta de mim. – Ela não consegue sentir nada por mim. O que eu fiz de errado? Eu a amei tanto. Eu a amo, Maria Valentina. Ela é minha mãe, e, mesmo que sempre tenha sido fria comigo, eu nunca deixei de amá-la. Eu só queria que ela tivesse orgulho de mim. Achava que, se fosse o filho que ela gostaria de ter, ela talvez sorrisse para mim de vez em quando. Talvez...

Eu não me importava de chorar como um perdedor nos braços da garota que mais devia tentar impressionar. Eu simplesmente precisava falar, precisava sofrer. A dor me quebrava e me destruía, mas quando ela passasse, eu tinha esperanças de voltar a ficar inteiro. Eu queria e precisava voltar a ficar inteiro. Eu pensava que, se me tornasse o que ela queria que eu fosse, ela talvez me abraçasse de vez em quando, talvez passasse sua mão pelo meu cabelo, talvez dissesse que me amava. Mas eu nunca poderia ser o que ela queria que eu fosse, simplesmente porque ela não nunca me quis.

Suspirei. Sinceramente não queria mais pensar naquilo. Já havia chorado todas as lágrimas que minha mãe merecia. Finalmente sentia que podia começar minha vida do zero. Finalmente me sentia bem comigo mesmo. Maria Valentina havia secado minhas lágrimas, havia curado minhas feridas, havia me beijado e dito, com toda a sinceridade que podia me oferecer:

– Você merece ser amado. Você é amado.

E eu era. Eu sabia que sim.

O sol já iluminava toda a praia, refletindo seus raios nas águas tranquilas do mar.

– Precisamos ir – Maria Valentina murmurou, de olhos fechados.

– Eu não quero – respondi, passando os dedos pelos seus cabelos macios.

– Nem eu.

Por fim, acabamos nos levantando. Maria Valentina me entregou minha camiseta com um brilho de malícia nos olhos e um sorriso que eu realmente não entendi, mas antes que eu pudesse vesti-la, ela se colocou na ponta dos pés e me beijou.

– Agora sim, minha visão se concretizou – sussurrou.

– Que visão? – perguntei confuso.

Ela só riu e segurou minha mão enquanto caminhávamos lentamente de volta para casa do Lucas. Não havia quase ninguém por perto, já que era muito cedo. Quando finalmente chegamos, Maria Valentina me fez parar na varanda, antes que eu pudesse abrir a porta.

– Me responde uma coisa – ela pediu.

Assenti.

Ela mordeu o lábio inferior e me olhou por baixo dos cílios. Parecia nervosa.

– Você não me odiou nem um pouquinho por eu ter ido embora? – finalmente perguntou, baixinho.

Eu sorri, sem acreditar que algo tão sem importância a estava incomodando. Passei uma mão pela sua cintura para aproximá-la de mim e contornei seu lábio inferior com meu polegar.

– Eu te amei mais por ter voltado.

Ela sorriu fraquinho e apoiou as mãos no meu peito.

– E você me perdoou?

Beijei-a. E essa foi minha resposta.

\*\*\*

TINA

Eu sabia que não seria tão fácil. Eu meio que já esperava por aquilo. Mas ver o carro do meu pai estacionado na rua na lateral da casa foi meio como o baque que me fez acordar de um sonho bom.

Sorri, ficando na ponta dos pés e dando um selinho em Vince.

– Você pode pegar um casaco para mim? Está frio e eu quero ficar aqui fora mais um pouco.

Ele me olhou confuso.

– Você não está com sono? – perguntou, esfregando um olho e parecendo muito mais novo, como um garotinho.

Neguei com a cabeça, e disse:

– Mas se você quiser, pode ir dormir.

Ele também negou e deu de ombros, beijou minha franja e falou:

– Não, eu fico aqui com você – e entrou.

– Um chocolate quente seria bom também – falei da porta, sorrindo de um jeito brincalhão. – Mas não precisa acordar o Lucas para isso.

– Abusada – ele murmurou, rindo.

Assim que ele sumiu na cozinha, meu sorriso morreu. Foi como se uma luz tivesse se apagado. Abracei meu corpo, sentindo o vento frio brincar com meus cabelos enquanto andava até o carro. O vidro do motorista se abriu quando me aproximei para mostrar o homem ainda bonito, com cabelos bagunçados, olheiras profundas e uma expressão tão perdida como eu nunca havia visto.

– Entre – pediu, não mandou.

E sim, há uma diferença enorme.

Dei a volta e entrei no banco do passageiro e, assim que bati a porta, ele arrancou com o carro como se estivéssemos fugindo da polícia.

– Pai, para onde estamos indo? – perguntei, preocupada com o que Vince iria pensar quando não me encontrasse ali. Ele iria ficar louco de preocupação. – Pai?

– Para casa – respondeu sem me olhar. Eu abri a boca para protestar, mas ele não me deixou falar. – Precisamos conversar, Maria Valentina. Você sabe que precisamos.

Sim, era verdade. Mas sair desse jeito, como se eu estivesse fingindo, sem avisar, sem dizer nada...o que Vince pensaria? O que faria quando não me visse ali? Eu conseguia visualizá-lo com aquela cara de sono, saindo de casa com um dos seus casacos num braço e uma xícara de chocolate quente na mão, só para encontrar o vazio. E essa imagem me machucava.

Senti algo ser jogado no meu colo.

– Mande uma mensagem para ele, mas por favor, tire essa expressão de enterro do rosto – falou, mostrando frustração.

Eu não questionei sua atitude tão estranha, apenas agarrei seu celular e digitei rapidamente para o número de Vince, que eu já sabia de cor.

*Estou indo para casa, papai apareceu. Vá me ver quando voltar.  
Vou ficar com saudades, te amo. MV.*

Depois apaguei o histórico – nem louca que eu deixaria meu pai ter o número do garoto, sabe-se lá que terrorismo ele faria – e devolvi o aparelho ao meu pai.

A viagem foi longa e dolorosamente silenciosa. Papai não me olhou em nenhum momento e nenhum de nós disse nada. O dia estava seco, porém muito frio, e eu me encolhi no banco, abraçando os joelhos e apoiando a cabeça na janela fechada, cantarolando uma música sem perceber:

– And the crushes of heaven, for a sinner like me. But the arms of the ocean delivered me... – sim, essa música. Eu não a tirava da cabeça, como também a noite perfeita que tive. A dança ao luar, a areia sob meus pés, os olhares que me pareciam eternos, os beijos que me levaram para além desse mundo.

Como era possível que, mesmo quando ele não estava comigo, Vicente conseguisse me fazer amá-lo um pouco mais?

Quando finalmente chegamos em casa, eu estava tonta de fome. Papai entrou em casa sem olhar para mim e eu o segui. Geny tinha pedido comida de um restaurante ali perto e papai fez com que todos sentássemos à mesa para o almoço.

E, correndo o risco de soar clichê, dava para cortar o ar com uma faca.



Papai continuava sem me encarar enquanto o olhar magoado de Geny parecia perfurar minha pele. Ela ainda estava muito chateada e havia chorado, eu podia ver por seus olhos vermelhos. Tudo o que eu queria era me levantar e ir abraçá-la, mas ainda não era o momento. Era óbvio que ela não me queria por perto.

Quando finalmente acabamos de almoçar, papai se levantou e disse:  
– Maria Valentina, no meu escritório. Agora.

Ele se dirigiu para lá e deixou a porta aberta.

Levantei-me e, com um último olhar para Geny, eu fui até o escritório. Entrei e fechei a porta. Papai estava de costas para mim, perto da sua mesa. Quando me ouviu entrando, se virou e, antes que eu percebesse, me tinha num abraço tão apertado que eu mal conseguia respirar.

– Minha filha – murmurou, com a voz tão machucada que me trouxe lágrimas aos olhos. – Graças a Deus você está bem. Nunca, nunca mais faça isso. Eu te amo tanto...

Quando ele se afastou, eu pude ver que seus olhos azuis como um dia claro de verão estavam marejados. Ele levou uma de suas mãos aos meus cabelos, tirando-os do meu rosto.

– Minha princesa – disse, olhando-me fundo nos olhos. – Nunca mais suma desse jeito. Não me faça passar por isso de novo. Você é só uma menina, só tem 16 anos...você...só...não faça mais isso, entendeu?

Assenti, sem conseguir controlar as lágrimas que lavavam meu rosto enquanto papai tentava secá-las.

Eu nem sabia porque estava chorando. Talvez fosse só porque...

Qual tinha sido a última vez em que meu pai havia me chamado de minha princesa?

Qual tinha sido a última vez em que ele tinha dito que me amava? Sim, eu sabia que ele me amava, mas quando ele havia me dito isso com seus próprios lábios, sem que eu precisasse simplesmente acreditar naquilo só para conseguir seguir em frente?

Papai me fez sentar no sofá, em vez de em uma das poltronas que ficavam de frente para sua mesa. E ele se sentou ao meu lado.

– Agora, tem certas coisas que precisamos discutir – começou, mas eu logo o impedi.

– Eu o amo, papai! – afirmei, segurando suas mãos. – O nome dele é Vicente. Vicente Müller e ele joga futebol, surfa, é meio retardado, super popular, irritante de lindo e mais idiota do que eu gostaria de admitir.

– Maria Valentina...

– Mas ele também é doce, carinhoso, protetor e muito apaixonado por mim. Ele me faz sentir como se o chão não existisse, papai, mas eu não tenho medo de cair, porque ele está lá me segurando. Quando eu imagino as coisas pelas quais ele passou com a mãe, eu tenho vontade de ir lá e meter a mão na cara dessa bandida! Ele me faz querer lutar por ele, por mim. Por nós. Eu o amo tanto que não sei o que fazer com isso. Eu simplesmente não consigo evitar. Eu o amo do mesmo jeito como respiro. É algo natural, contínuo, eterno. E ficar sem ele é como ficar sem ar.

Eu nem sabia mais do que estava falando. As palavras jorravam incontrolavelmente e verdadeiras, enquanto eu só pensava que precisava convencer meu pai a aceitá-lo. Eram os dois homens que eu mais amava no mundo e eu queria poder ter os dois na minha vida.

– Maria Valentina – papai finalmente fez com que eu me calasse, usando sua voz de pai, mas amenizando a ordem ao segurar minhas mãos com carinho. – Vamos chegar nesse ponto. Em um minuto. O que eu tenho para falar agora é sobre...sua mãe.

Meu coração vacilou.

– Eu liguei para o seu avô – continuou. – Nem vou comentar a discussão que tive com ele, já que ele não tinha o direito de esconder algo como isso de mim. E...bom, eu falei com sua mãe.

– Filha, eu só quero que você entenda uma coisa. Eu sei que passei boa parte do tempo tentando colocar vocês contra Teresa. Funcionou com sua irmã, mas felizmente, você soube seguir sua própria cabeça. Não estou dizendo que só porque ela voltou, eu vou perdoá-la e esquecer o mal que ela fez à essa família. Ela quase nos destruiu, Maria Valentina. Parte da culpa foi minha, mas ela foi embora. Ela sumiu no mundo e viveu todos esses anos de liberdade enquanto eu criava vocês, cuidava de vocês, e, do meu próprio jeito, amava vocês. Não estou me queixando. Não trocaria minhas Marias por nada no mundo. Mas tente cuidar de duas crianças pequenas quando seu coração está despedaçado sem deixar transparecer uma gota de amargura e você perceberá que é impossível.

Não só eu chorava agora, e ver meu pai chorar era assustador, pois pais não choram. Meu pai então, nunca chorou. Ou pelo menos era essa a impressão que eu sempre tive. Mas ver seu rosto molhado pelas lágrimas que saltavam dos seus grandes e gentis olhos azuis só me fazia chorar mais ainda. Sequei seu rosto com minhas mãos, como ele havia feito comigo, pensando no quanto aquele homem, que eu sempre comparei com uma muralha, havia sido forte. Outra pessoa teria desabado, mas ele continuou de pé por nós, inteiro, sólido. Sua rigidez e autori-

dade podiam ser exageradas, mas era o jeito que ele havia encontrado para nos proteger. Ele até podia estar errado, mas estava errado porque nos amava.

– Eu odeio sua mãe, filha – meu pai continuou, parecendo mais honesto do que nunca. – Odeio-a mais do que a qualquer outra coisa ou pessoa. Odeio-a por ter tanto poder sobre mim, por me fazer tão pequeno, tão manipulável. Odeio-a por ter me feito amá-la com tudo o que podia só para depois me deixar. Odeio-a por, mesmo agora, amá-la como se fosse o primeiro dia. Por saber que, mesmo agora, eu daria a minha vida por ela. Em um segundo, sem precisar parar para pensar.

Abracei-o enquanto chorávamos, sentindo pela primeira vez toda a dor que aquele homem tão sério e tão seguro guardava dentro de si. Agora eu podia ver o quanto minha mãe o tinha machucado. Eu duvidava que ela sequer soubesse o que fizera. Não a isentava de culpa, mas eu acredito que, se ela soubesse pelo que faria meu pai passar, talvez tivesse ficado.

Ou talvez não. Talvez tivesse sido mesmo preciso que mais de 10 anos se passassem para que ela percebesse a família que perdeu.

– Não a impedirei de vê-la, Maria Valentina – papai murmurou ainda em nosso abraço. – Ela é sua mãe, e, depois do horror e da surpresa do primeiro momento, confesso que fico feliz que ela a tenha procurado. Sempre quis que vocês tivessem a mãe por perto, sempre quis que nossa família fosse completa. Mas não irei vê-la. Não posso perdoá-la. Não ainda. Talvez nunca.

Afastei-me e voltei a secar as lágrimas de papai com minhas mãos. Ele fez o mesmo comigo.

– Nossa família é completa, papai – disse, o que o fez sorrir. – Eu também fico feliz de poder conhecer minha mãe, de poder tê-la em minha vida de novo. Você não precisa vê-la nunca, se isso o machuca tanto. Só lembre que, não importa que mamãe tenha aparecido. Nada mudou e eu sempre estarei do seu lado. E mesmo quando eu estiver bem velhinha, eu ainda serei sua garotinha. Eu te amo, papai.

E, quando voltei aos seus braços, era como se eu tivesse seis anos de novo. Foi como sempre eu me sentia nas poucas vezes em que meu pai havia me abraçado. Como eu adorava me sentir: pequena, protegida, amada. Aquela conversa havia me lembrado quem meu pai era, havia me mostrado o homem que existia por trás de sua fachada de durão, havia me feito ter esperanças de poder amar, ser feliz e de consertar toda aquela bagunça, de, enfim, pôr um ponto final na dor daquela família. Da minha família.

– Agora você entende por que eu não queria que você se apaixonasse? – papai perguntou de repente, afastando-se para me olhar. – Eu não quero que você passe pelo que eu passei, filha. Nunca. Eu não quero que sinta a dor que eu senti. Não quero que, no fim, você precise juntar os pedaços quebrados de suas esperanças e sonhos, apenas para guardá-los numa caixinha para o resto da vida. Não quero que tenha seu coração partido.

Respirei fundo, preparada para ser tão honesta como ele havia sido comigo.

– Papai – comecei, sorrindo timidamente. – Talvez ele quebre meu coração. Muito provavelmente, porque, apesar de eu saber que ele me ama, Vince é um garoto muito inconstante. E certamente tem esse poder. Talvez ele destrua meus sonhos e esmague minhas esperanças. E talvez um dia, ele me abandone. Eu sei disso tudo. Eu sabia disso tudo no momento em que me apaixonei por ele. A felicidade tem muitas variáveis e eu não estou preparada para todas elas.

Parei por um segundo e respirei fundo mais uma vez. Papai não me interrompeu e eu o fitei profundamente, emparelhando meus olhos azuis acinzentados com os seus, azul céu.

– Mas o que o senhor precisa entender é que, mesmo se tudo isso acontecer, mesmo se meu coração for partido em mil pedaços sem possibilidade nenhuma de recuperação, eu ainda não vou me arrepender. Eu ainda vou olhar para trás e ser muito grata por tê-lo amado e ter sido amada por ele. Ainda vou sorrir ao pensar no quanto ele me fez feliz, no quanto ele me deu, me ensinou, e no quanto nós transformamos um ao outro. Eu vou ser feliz por ter amado. Vou ser feliz por ter vivido.

Ainda chorando, finalmente perguntei:

– Papai, você se arrepende de ter amado a mamãe?

E a resposta veio mais rápido do que eu imaginei:

– Nem por um segundo.

Sorri e eu mesma limpei minhas lágrimas dessa vez.

– Então espero que você possa entender. E aceitar.

Ele sorriu.

– Não pense que vai ser fácil, Maria Valentina – falou com a voz autoritária, mas sem diminuir seu sorriso. – Não vai ser. Mas mande-o vir aqui.

Meu rosto era pequeno para o sorriso que surgiu em meus lábios e eu mal conseguia me manter sentada, de tanto que queria sair pulando pela casa.

– Sério, papai? – perguntei sem acreditar. – O senhor vai dar uma chance a ele?

Papai negou.

– Não, vou dar uma chance a você.

\*\*\*

VINCE

*Estou indo para casa, papai apareceu. Vá me ver quando voltar.  
Vou ficar com saudades, te amo. MV.*

Vá me ver quando voltar? Vá me ver quando voltar?

Essa garota estava louca? Ela simplesmente some daquele jeito, fazendo com que eu quase tivesse tido um AVC aos 16 anos, e depois manda uma mensagem dessas, como se não soubesse que eu a seguiria no mesmo instante? Ou seja, a garota estava completamente pirada.

Vá me ver quando voltar...francamente.

Bom, era exatamente isso que eu iria fazer. Depois de acordar Lucas – que estava estranhamente dormindo no chão do quarto enquanto Lana ocupava sozinha a espaçosa cama de casal – e explicar a situação em umas vinte palavras, eu peguei minhas coisas e fui ao terminal rodoviário.

Vince Müller num ônibus. Um choque até para mim.

Mas não importava. Carro, ônibus, bicicleta...nem se precisasse ir de mula eu iria até a minha Maria Valentina. Eu precisava ser homem e enfrentar o pai dela. Precisava convencê-lo de que amava a filha dele e de que nunca a machucaria de propósito.

Ou então, eu a convenceria a fugir comigo. Podíamos nos casar em Las Vegas.

Eu só sabia que não podia viver sem ela. Ela era minha única certeza no mundo. Era minha única pessoa. Meu único alguém. Aquela. A única. A especial. O grande amor da minha vida, por mais piegas que isso soasse.

A única mulher no mundo que tinha amor nos olhos ao pousá-los em mim.

E quando eu estava quase chegando, recebo outra mensagem dela, dessa vez dizendo:

Papai aceitou falar com você, pediu para eu dizer a você para vir aqui. Mas não vou mentir, Vince, o cara é um tirano. É meu pai e eu o amo, mas ele é terrível. Achei que você devia saber. Venha, se quiser.

Louca, maluca, idiota, completamente sem noção. Minha adorável e linda Maria Valentina. Sorri incrédulo ao pensar que ela poderia sequer cogitar a hipótese de eu não estar correndo para ela naquele exato momento.

Um exército não me manteria longe dela. Por que um pai durão o faria?

\*\*\*

TINA

Eu esperava que ele viesse, mas tentei me impedir de criar tanta expectativa. Queria, sim, mas a insegurança que foi minha parceira durante toda a vida voltava para me fazer duvidar. Afinal por que ele enfrentaria um dragão cuspidor de fogo se o que esperava ele no fim não era exatamente uma princesa? Minha cabeça dizia que desconfiar era o certo, aquela vozinha irritante ficava martelando mil condenações a ele em minha mente. Mas se meu coração tivesse braços, estes estariam abertos para o Vince. Sempre. Meu coração confiava nele, acreditava nele, o amava. Amava cada idiotice que ele dizia, cada sorriso que formava covinhas em suas bochechas, cada pequeno cacho de cabelo escuro que caía em seus olhos e o fazia balançar a cabeça por pura preguiça de usar as mãos para colocá-lo para trás. Eu o amava por inteiro, por cada defeito, por cada imperfeição. Era assustador, sim, mas também era libertador. Eu amava amá-lo.

Então, ao abrir a porta de casa algumas horas depois de ter enviado a mensagem a ele foi uma surpresa e uma certeza. Uma parte de mim sabia que ele viria enquanto a outra parte comemorava o fato de ele ter ido, como se fosse algo inimaginável.

Eu havia acabado de sair do banho e estava descalça, vestindo um short jeans curto e uma camisa larga. Meus cabelos molhados estavam penteados para trás e meus óculos haviam ficado na pia do banheiro.

Ele se aproximou e fitou a camisa que eu vestia. Era a camisa dele. Aquela que ele havia me emprestado há uma eternidade, cinza, um Kenny morto com uma placa enfiada na cabeça, onde estava escrito I Killed Kenny.

Aquela havia passado a ser minha camisa preferida. Eu a vestia tanto na Romênia que ela havia ficado até meio desbotada e, apesar de não ter mais o cheiro dele, eu continuava levando-a ao meu rosto, aspirando a lembrança dele. Só que não era minha. Talvez por isso mesmo eu gostasse tanto dela.

– Eu quero de volta – Vince disse, se aproximando e tocando a gola da camisa e o meu pescoço com a mão direita, os olhos vidrados aos meus.

– O quê? – perguntei estupidamente, por um momento perdida na escuridão quente dos seus olhos. – A camisa?

Vince levou a outra mão até a parte de trás da minha cabeça, apertando meus fios de cabelo entre as mãos num gesto possessivo que eu nunca imaginaria ver nele.

– Você.

Sorri e passei os braços por seu pescoço, ficando na ponta dos pés.

– Sou sua – murmurei antes de beijá-lo, sabendo que era apenas uma questão de tempo até papai aparecer e nos pegar.

Bom, lidaria com esse problema quando precisasse. No momento estava ocupada vivendo meu para sempre em um segundo.

Que durou apenas isso mesmo.

Um pigarro fez com que nos afastássemos e olhássemos na direção de papai, que nos fitava com aquela expressão impenetrável e assustadora.

– Sr. Müller, eu presumo – papai realmente não ia facilitar as coisas.

Visivelmente nervoso, Vince engoliu em seco e eu apertei a mão dele com a minha, tentando passar uma confiança que nem eu tinha.

– Eu mesmo – ele falou e logo completou. – Senhor.

Papai assentiu e indicou o escritório com a mão:

– Acho que nós dois precisamos ter uma conversinha, não é?

Vince olhou para mim e eu assenti, meio como se dissesse que era seguro, embora soubesse que não fosse.

Oh, que papai não tivesse mais aquela arma...

Lançando um último olhar para mim, Vicente largou minha mão e entrou no escritório depois de papai.

Comecei a roer as unhas, sem saber se deveria escutar atrás da porta ou simplesmente sair correndo como uma louca pela rua. Ou desmaiar. Ou ir até a cozinha e cortar os pulsos.

Meus pensamentos foram desviados pelo barulho de um celular. Vinha da cozinha e eu fui até lá, surpreendendo-me ao encontrar o celular de Geny displicentemente largado no balcão, aos olhos de todos. E se papai visse? Imediatamente peguei o aparelho e estava quase subindo as escadas para entregá-lo a minha irmã quando percebi que o toque não fora por causa de um alarme ou algo parecido. Era uma mensagem.

Droga, eu sabia que não deveria olhar, que era invasão de privacidade e que eu ficaria furiosa se fosse comigo. E eu não faria aquilo em

situações normais, mas algo me dizia que eu deveria olhar. Eu sentia que era algo importante.

E era.

Estou esperando você no lugar de sempre.

Enviada por um tal de Rafael.

Ouvi um barulho e me assustei tanto que quase deixei o celular cair. Me apressei e apaguei a mensagem, deixando o aparelho exatamente onde estava antes no exato momento em que Geny apareceu na cozinha, desesperada.

– Papai viu? – perguntou, pegando o celular e guardando-o apressadamente no bolso.

Neguei.

Eu não conseguia parar de olhar para minha irmãzinha e imaginar se ela estava mesmo saindo com esse garoto. Tentei procurar na memória e não conseguia me lembrar de nenhum Rafael.

Geny suspirou e se apoiou no balcão da cozinha, olhando-me triste.

– Desculpa – ela disse.

– Ei – apressei-me a falar. – Você não tem que pedir desculpas por nada, eu que...

– Não – ela me interrompeu, tocando meu braço. – Você é mais que minha irmã, Tina. Você foi minha mãe também, mesmo que a diferença de idade entre nós seja tão pequena. Foi você que esteve sempre ao meu lado, não deixando o papai me chatear e me incentivando a ser eu mesma.

Eu sorri quando ela me abraçou.

– Eu te amo – falei, estando bem próxima de seus cabelos cheirosos. – E odeio quando brigamos.

– Eu também – ela respondeu, apertando-me mais em seus braços finos. – Eu também te amo e eu também odeio quando brigamos.

Ela continuava sorrindo quando nos afastamos, mas seu olhar foi ficando triste e seu sorrindo foi morrendo.

– O que houve? – perguntei.

Ela não falou logo, ficou apenas me fitando por alguns segundos, como se estivesse tentando escolher as palavras certas.

– Sobre a mamãe... – finalmente começou, desviando o olhar do meu e começando a brincar distraidamente com as pontas do cabelo. – Eu não quero vê-la, Tina. Eu entendo e até aceito que você a tenha perdoado, você sempre foi uma pessoa melhor do que eu. Eu simplesmente não posso. Não depois de tudo. Ainda dói, sabe?



Sim, eu sabia. Eu sabia porque, mesmo que eu realmente a tivesse perdoado, olhar para o passado e ver o vazio que ela deixou em nossas vidas também me causava dor. E eu não podia obrigar que minha irmã tivesse a mesma disposição que eu para tentar esquecer isso.

Passei a mão por seus cabelos, fazendo-a voltar a olhar pra mim.

– Tudo bem – falei e ela sorriu. – Agora eu preciso confessar uma coisa, eu vi...

Mas antes que eu pudesse falar sobre a mensagem e o tal garoto que estava esperando por ela em algum lugar, a porta do escritório se abriu e papai e Vince saíram de lá. O segundo estava meio verde.

Dei dois passos até eles, mordendo nervosamente meu lábio e apertando a barra da camisa em minhas mãos.

Papai sorriu.

– Não importa que você esteja de férias, Maria Valentina – ele disse. – Seu toque de recolher é às 10 horas, e se o rapazinho aqui não a trouxer no horário...

Eu não ouvi mais nada.

No segundo seguinte, como se eu não tivesse controle do meu corpo, eu havia saltado nos braços de papai, abraçando-o com toda a minha força, chorando e murmurando:

– Obrigada, obrigada, obrigada...

Papai riu e me colocou de volta no chão. No mesmo instante, voltei meus olhos para Vicente que, apesar de continuar meio pálido, sorria feliz para mim.

Naquele momento, eu percebi que não queria nem precisava de mais nada na vida.

\*\*\*

VINCE

– Que horas são? – perguntei.

Maria Valentina e eu estávamos deitados no telhado – sim, no telhado – da minha casa. Havíamos fugido de Lana e Lucas, que não paravam de brigar um só minuto. Gostaria de dizer que o céu estava estrelado e bonito, mas a noite sem lua estava nublada e as nuvens nos impediam de ver qualquer coisa que não fosse a escuridão completa.

– Hora de você calar a boca – minha namorada respondeu, dando-me um selinho.

Coloquei minha mão em sua nuca e beijei-a de volta, de verdade dessa vez, sentindo seu gosto doce e seus suaves cabelos caindo sobre o meu rosto.

Maria Valentina. Minha namorada. Minha nerd. Minha.

Finalmente.

– É sério, garota – falei, separando nossos lábios apenas o bastante para poder murmurar. – Temos que chegar a tempo ou seu pai nos mata.

Ela suspirou exageradamente e se afastou de mim, voltando a deitar ao meu lado.

– Você tem noção do quanto é broxante ouvi-lo falar do meu pai quando eu estou te beijando? – perguntou, rolando os olhos.

Ri.

– Você está se saindo uma tarada, ruivinha.

– Oh, cala a boca – reclamou, batendo com força no meu braço.

Certas coisas nunca mudavam.

E eu estava feliz por ser assim.

Maria Valentina e eu éramos oficialmente namorados há três semanas. E foram três semanas em que o mundo ao meu redor desapareceu. E só ela existia. Para ser sincero, não fazíamos muitas coisas típicas de namorados. Nunca a levei ao cinema. Nossos jantares eram normalmente compostos por hambúrguer ou pizza, o que fazia Lana quase ter um infarto só de olhar. Costumávamos passar nossas tardes na minha casa, já que mamãe resolveu viajar de novo. Era melhor assim, eu achava. Meu relacionamento com minha mãe havia mesmo acabado, e eu não tinha esperanças de que algum dia isso mudasse. Sentia pena por ela, porque no fundo era uma mulher solitária e morreria assim, enquanto eu passei a vida amando-a.

Mas a dor já não era tão grande com minha ruivinha ao meu lado. Porque ela sim me amava e me mostrava isso todos os dias, em seus olhares, gestos, sorrisos e beijos. E palavras. Ela adorava dizer que me amava. E eu amava ouvi-la dizer.

Eu amava tudo nela.

À noite, às vezes, eu a levava para passear na praia e nós nos sentávamos na areia e ficávamos ouvindo o bater das ondas. Em outras noites, Lucas e Lana apareciam lá em casa e nós assistíamos algum filme ou – por insistência de Lana – jogávamos algum jogo estúpido.

Sim, Lana havia finalmente saído da minha casa e ido morar com a mãe. Seus pais tinham acabado de se divorciar e a coisa não tinha sido muito amigável. Lana disse que sua mãe passava os dias à base de vodka

e valium e que chorava todas as noites. Todos podíamos ver o quanto minha prima estava preocupada e triste por sua mãe, embora ela tentasse esconder.

E – e eu nunca pensei que diria isso – eu sentia falta de ter minha prima fútil e patricinha por perto.

Mas naquela noite, tudo o que eu queria era ficar com Maria Valentina. Nós conversávamos muito. Falávamos de tudo, desde jogos de Xbox e filmes de ficção científica até filosofia platônica e vida após a morte. Ela era tão eloquente e tão apaixonada pelas coisas das quais gostava! Seus olhos brilhavam enquanto ela me explicava sua paixão por revoluções ou então como me explicava que havia uma grande diferença entre Star Wars e Star Trek.

Eu sempre achei que fosse basicamente a mesma coisa.

Mas ela também sempre parecia pronta a ouvir e o fazia com uma atenção e concentração assustadores. Sempre lembrava das coisas que eu dizia e nem parecia entediada enquanto eu discorria sobre pranchas e campeonatos de surfe.

Descobrimos que nosso gosto musical era incrivelmente parecido e, apesar de já sabermos disso, nossa paixão por filmes de terror era igual. Eu era louco pelos doces que ela fazia e ela amava a massagem que eu fazia em seus pés. Modéstia à parte, eu era realmente bom naquilo.

E pelas coisas simples, vivendo um dia de cada vez, sempre respeitando o seu toque de recolher, passamos as férias mais felizes de toda a minha vida.

E que, infelizmente, acabariam em uma semana.

– Eu preciso levar você pra casa, pequena – eu suspirei, depois de termos ficado mais alguns minutos abraçados, olhando para o céu escuro.

– Eu sei – ela respondeu, apoiando a cabeça em meu ombro e segurando minha mão na sua. – Mas não quero ir.

– Eu sei – disse, fazendo movimentos circulares em sua mão com meu polegar. – Também não quero que você vá.

Mas nos sentamos mesmo assim, preparados para descer do telhado, nenhum de nós queria correr o risco de despertar a fúria do Sr. Lazarov.

O cara era assustador.

Uma brisa fria passou de repente por nós, fazendo com que os cabelos ruivos da minha namorada se mexessem. Ela fechou os olhos e levantou o rosto, dando boas-vindas ao sopro do vento. Sob a luz fraca do poste em frente à minha casa, eu podia ver a delicadeza dos seus traços,

perceber as pequenas pintinhas espalhadas em seu rosto, os cílios longos e claros apoiados contra suas maçãs do rosto.

Alguém poderia dizer que ela era muito baixinha, muito pálida, extremamente ruiva, quase sem curvas. Alguém poderia dizer que ela não era tão bonita assim, apesar de sua beleza ser quase etérea e irreal. Eu sabia que aquele não era o padrão de beleza mais certo para os caras, assim como eu também achei um dia. Maria Valentina não tinha grandes peitos nem coxas grossas.

Mas aos meus olhos nada conseguiria ser mais belo que aquela garota. Seu coração era bonito. Sua alma era linda. Seus olhos espelhavam os mais doces sentimentos e ela era simplesmente tudo o que um dia eu desejei nos meus sonhos mais impossíveis.

E ela iria embora em uma semana.

– Vince? – ouvi sua voz e percebi que eu estivera devaneando.

– Sim? – perguntei. – Você disse alguma coisa?

Ela só deu de ombros.

– Eu te amo.

E suas palavras me feriam e me curavam ao mesmo tempo.

\*\*\*

TINA

– Você está linda – Geny elogiou com um enorme sorriso.

Rolei os olhos e virei de costas para o espelho de corpo inteiro.

– Eu estou normal – contestei. – Você que está a maior gata.

E era verdade. Estávamos nos arrumando para a minha festa de despedida – eu começava a ficar enjoada delas – e dessa vez eu decidi que preferia conforto à beleza.

Eu estava triste demais para pensar em vestidos e maquiagem. Amanhã eu estaria de volta à Romênia e deixaria Vicente. Foi uma das condições do meu pai. Se nosso amor era tão grande como nós dizíamos, ele aguentaria. E, afinal, só faltava um ano e meio para eu terminar o ensino médio.

Um ano e meio. Só de pensar nisso, me sentia meio enjoada.

Então vesti simplesmente uma calça jeans escura meio justa e uma camiseta branca sem mangas, onde estava escrito “I love bad boys” e tinha uma foto do Darth Vader. Por cima, eu estava usando um cardigã



preto e minha irmã tinha feito com que eu calçasse botas pretas de cano baixo. Meu rosto estava totalmente limpo e meus cabelos caíam soltos em meus ombros. Minha franjinha começava a cair em meus óculos.

Geny, no entanto, estava inacreditável em um vestido amarelo meio transparente com estampa de passarinhos. Seus cabelos estavam presos numa trança francesa e ela estava calçando as sapatilhas douradas que eu havia dado para ela alguns dias atrás.

O tal do Rafael viria à festa.

Geny já havia me contado tudo sobre ele. Era o irmão mais velho da Sarah, sua melhor amiga, e por isso que ela passava tanto tempo lá. Era onde os dois se encontravam às escondidas.

Apesar dela ter dito que ele estudava em nossa escola – ou melhor, na que costumava ser minha escola também – eu não lembrava de ter visto ninguém com sua descrição. Mas como eu era desligada para reparar nas pessoas e o garoto era do primeiro ano, não era exatamente surpreendente.

Vicente, entretanto, o conhecia. E não gostava nada dele.

– O garoto é um idiota – havia dito quando eu compartilhei essas informações com ele.

Mas eu não podia julgá-lo antes de conhecê-lo, certo? E quem era Vicente Müller para chamar alguém de idiota?

Minha irmã não se apaixonaria por um idiota, não é?

Bom, eu não podia ter certeza disso. Era só lembrar quem era o amor da minha vida e eu ficava em dúvida.

– Vocês já estão prontas? – perguntou Lana, entrando no quarto de Geny, que era onde estávamos nos arrumando.

Eu a tinha convidado para ir se arrumar com a gente lá em casa e a garota havia ficado as últimas duas horas no banheiro, enrolando o cabelo com babyliiss. E a garota estava estonteante com um short de couro preto e uma blusa branca com caveiras pretas.

– Já – respondemos em uníssono.

Lana me fitou e fez uma careta.

– Você não tem jeito mesmo... bom, vamos. Todos já estão lá fora.

Sáimos e descemos as escadas, indo em direção à estufa, onde estava todo mundo. Geny e Lana haviam decorado tudo, pendurando pequenos e delicados cordões de flores brancas em todo lugar. E como estava frio lá fora, a estufa parecia o lugar perfeito.

Todos estavam lá. Meu pai, mais descontraído do que nunca, mesmo que ele parecesse meio perdido no meio de todos aqueles adolescentes; Sarah, Lucas e os outros amigos do Vicente, Pedro, Fábio e até o irmão

mais velho do Pedro, o Henri. Diana também estava lá, acompanhando o namorado, mas eu nem me importei e até sorri para ela. Larissa e Arthur me surpreenderam ao vir e eu fui rapidamente abraçá-los.

– Quanto tempo, hein – Arthur disse quando eu os cumprimentei efusivamente. Seus cabelos loiro acinzentados estavam mais compridos do que eu me lembrava, mas ele parecia o mesmo. – Você está ótima.

– Ficamos muito tristes quando você esqueceu que nós também somos seus amigos, Tina – Larissa foi direto ao ponto, me olhando séria, para depois sorrir. – Mas tudo bem, as coisas estavam estranhas mesmo. Nós entendemos.

Ela também continuava a mesma, embora tivesse soltado as duas tranças que sempre usava e seus cabelos castanhos estivessem soltos.

– É, as coisas estavam realmente estranhas – concordei.

– Falando em coisas estranhas... – começou Arthur, com um sorriso estranho. – Olha quem está ali.

Meu olhar seguiu a direção que ele apontava e eu pude ver, entrando na estufa, ninguém menos que Silas.

Meu melhor amigo por quem eu achei que era apaixonada por tanto tempo.

Ele sorriu e acenou para mim.

Pedi licença para Arthur e Larissa e fui até ele.

– Ei – cumprimentei, não conseguindo me impedir de sorrir enquanto minhas bochechas começavam a arder quando lembrava da última vez em que havíamos nos visto.

– Ei – ele devolveu, sorrindo também.

Silas continuava fofo e bonitinho como sempre, com aquele jeito tímido e gentil que sempre havia feito com que eu me sentisse perfeitamente à vontade perto dele. Eu ainda me sentia muito mal pela maneira como havia agido com ele. Eu estive errada o tempo todo e ele se machucou por isso.

– Silas, eu – comecei, mas ele não me deixou terminar.

– Se vai se desculpar, nem comece – disse e eu podia ver que estava sendo sincero. – São águas passadas e, além disso, eu nunca te culpei, Tina.

Sorri, feliz por ele ser tão bom. Eu só podia esperar que um dia ele achasse uma garota que fosse boa para ele como eu não fui.

O que me fazia lembrar...

– E a Petra, Silas?

Seu sorriso morreu e ele deu de ombros.

– Bom, ela continua sendo amiga do Arthur e da Larissa, mas eu me afastei dela. Não, não foi só por você, Tina, antes que você pergunte. Foi

por mim. Sei o que ela sente por mim, mas não posso nem nunca poderei corresponder.

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele continuou, baixinho:

– Eu sempre vou gostar de você, Tina. Por isso mesmo que quero vê-la feliz. E sua felicidade está bem ali – apontou para algo atrás de mim.

Vicente estava parado, olhando para nós. Ele estava inacreditavelmente gostoso naqueles jeans manchados e com um suéter verde musgo. Seus cabelos estavam úmidos e ele segurava nas mãos um enorme buquê de rosas brancas. Sua expressão, porém, era assassina.

– Acho melhor você ir lá antes que ele coloque fogo no lugar só com a força do pensamento – Silas disse divertidamente atrás de mim e eu só pude concordar, guiando meus passos até o garoto que possuía meus pensamentos e coração.

Assim que me aproximei, ele passou um braço pela minha cintura e perguntou com raiva:

– O que você estava falando com aquele palhaço? Ele estava dando em cima de você? Maria Valentina, é melhor você me dizer...

– Ei! – interrompi, franzindo o cenho ante sua demonstração de ciúme, que me irritava e divertia ao mesmo tempo. – Você somou dois mais dois e o resultado deu cinco. Acalme-se. Silas é só meu amigo e só estava sendo simpático.

– Ele que seja simpático longe de você – reclamou.

Rolei os olhos.

– Ele é meu amigo e ponto. Lide com isso.

O garoto continuou me olhando com raiva por alguns minutos até que suspirou, dando-se por vencido.

– Trouxe para você – falou, com um sorriso relutante, mostrando as flores.

Eram lindas, mas, por algum motivo, eu queria brincar com ele.

– Você sabe o que é uma flor, pelo menos? – perguntei.

Ele me olhou confuso antes de responder.

– Uma planta.

– Na verdade, a flor é o órgão genital da planta, ou seja, você está segurando um monte de –

– Desgraça! – ele gritou antes de me deixar terminar, largando as flores no chão enquanto eu me acabava de rir.

– Não é bem isso...e pensar que você tirou o segundo lugar no simulado da escola...

Geny apareceu e pegou as flores do chão, lançando olhares assassinos para nós dois, já que ela amava flores e provavelmente achava que éramos torturadores de rosas ou algo assim.

– Eu vou atrás dela – falei, ainda rindo. – Para ajudar com as...você sabe...

– Maldita Valentina – ainda pude ouvi-lo enquanto seguia para fora da estufa, para ir atrás da minha irmã.

Porém, parei ao vê-la estática no meio do caminho, as rosas ainda nas mãos, o rosto fixo em duas pessoas meio escondidas atrás do banco de pedra do outro lado do jardim.

Eu reconheci a garota. Era umas das amigas de Geny. Não era muito próxima, mas eu já a havia visto andando com ela e Sarah na escola. O garoto eu não conhecia, mas podia ver que ele era alto e loiro, um pouco parecido com... Sarah.

Aquele era Rafael, o garoto de quem minha irmã gostava.

– Geny – sussurrei, fazendo-a se virar assustada para mim.

Lágrimas silenciosas caíam por seu rosto bonito enquanto ela me fitava cheia de dor. Aproximei-me e passei o braço por seus ombros.

– Eu vou acabar com ele, não se preocupe – prometi. – Vou chamar Vicente e os amigos dele agora e eles vão dar uma surra tão bem dada nesse idiota que o rosto dele nunca mais vai voltar para o lugar.

Minha irmã negou, as lágrimas ainda jorrando livremente dos seus olhos.

– Não – murmurou e sua voz me fez sentir a dor dela, trazendo lágrimas aos meus próprios olhos. – Não faça nada. Eu não quero. Eu...eu sou melhor do que isso.

Assenti, ainda que estivesse morrendo de vontade de surrar o bastardo que havia brincado com o coração da minha irmãzinha.

– Eu vou ficar bem, Tina, é sério. Todo mundo sofre por amor de vez em quando, não é?

Eu a abracei e assenti. Sim, todo mundo sofre por amor de vez em quando, mas tudo o que eu queria era guardar minha pequena irmã numa bolha e protegê-la dessa dor.

E isso fez com que, finalmente, eu entendesse o que meu pai sentia sobre Vicente e eu.

É, não era fácil, mas nós precisávamos deixar que aqueles que amávamos aprendessem a andar com suas próprias pernas, ainda que isso significasse uma queda ou outra.

Eu havia sofrido as minhas. Com Geny não era diferente.



## VINCE

Naquela noite, excepcionalmente, não havia toque de recolher. O pai da Maria Valentina teve piedade das nossas almas e só nos disse para termos juízo, antes de entrar em casa e nos deixar sozinhos no jardim. Todos os convidados já haviam ido embora e nós dois estávamos sentados na grama, olhando para o nada.

Diferentemente das outras noites, ficamos muito tempo sem dizer nada. Havia tanto para ser dito e, no entanto, nenhuma palavra parecia certa o bastante. Pelo menos era como eu me sentia.

Maria Valentina parecia perdida em pensamentos, assim como eu. Em apenas algumas horas, ela estaria entrando num avião para ir para outro continente, para bem longe de mim.

E eu ainda não conseguia decidir se esse fato era frustrante ou excruciante. Talvez os dois. Afinal, eu sentia como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito e me sentia frustrado por isso.

– No que você está pensando? – perguntamos ao mesmo tempo.

Rimos.

– Você primeiro – falei e ela assentiu.

– Estou pensando que pode não ser tão ruim – ela começou, e confesso que isso fez com que meu estômago quase saísse pela minha garganta. Ela não ia terminar comigo, ia? – Quer dizer, você vai me visitar no fim do ano e eu vou poder apresentá-lo ao meu avô e à minha mãe. E você vai poder comer o bolo de nozes da Aurélia. E você precisa conhecer a Narcisa.

Assenti, um pouco aliviado.

– Eu sei – concordei. – E nós vamos nos falar todo dia. E não é como se fôssemos ter muito tempo para ficar juntos mesmo, se você ficasse. Agora que eu decidi seguir a carreira que você abandonou, vou precisar estudar muito.

Sim, irônico que, no início, eu quisesse ser médico por causa da minha ruiva e, quando ela percebeu que aquele não era o futuro para ela, eu havia estudado tanto sobre a profissão que já tinha certeza que era o que eu queria fazer da vida.

– É verdade – ela concordou.

No fundo, sabíamos que aquilo tudo era a maior mentira. Aquele tempo separados seria a pior coisa que eu já tinha vivido na vida e isso in-

cluiu ser rejeitado pela mulher que, por 16 anos, chamei de mãe. Nós dois sabíamos que aquilo nos machucaria até o ponto em que morrêssemos um pouquinho mais a cada dia sem a companhia um do outro. Nós dois sabíamos que não estávamos preparados para aquilo. Mas precisávamos enfrentar de qualquer jeito.

Com uma urgência que eu desconhecia, com um desespero que me corroía, um amor que eu mesmo não chegava a entender, puxei Maria Valentina para os meus braços, deitei-a na grama e a beijei. Seus lábios se abriram imediatamente, cálidos e doces, convidando-me, incitando-me, tão desesperados quanto os meus. Eu sentia suas mãos subindo pelos meus braços até que alcançaram minha nuca e me puxaram mais para ela, até que eu estivesse em cima do seu corpo. Usei uma mão para me apoiar e passei a outra pelo rosto dela, sentindo suas lágrimas quentes molharem minha pele e pensando que não existia outra coisa no mundo que eu desejasse mais naquele momento além de ter o poder de parar o tempo.

– Eu te amo – murmurei.

– Eu também te amo – ela devolveu e, antes que eu pudesse voltar a beijá-la, voltou a falar. – Sabe o que eu estava pensando? Você nunca me disse o que o papai te falou naquele dia em seu escritório. O que ele disse?

Eu sorri com a lembrança.

– Não foi você mesma que disse que era broxante falar no seu pai enquanto nos beijamos?

Ela só riu e me deu um tapa no ombro.

– Idiota – murmurou.

Eu fiquei olhando-a, gravando cada detalhe do seu rosto em minha memória. É claro que bastava eu fechar os olhos para poder imaginá-la perfeitamente, mas a realidade sempre conseguia me surpreender, como se sempre houvesse algo novo para descobrir, um brilho diferente em seus olhos para aprender.

E então eu me lembrei daquele dia em que entrei no escritório do pai dela, tão nervoso que minhas pernas tremiam, e aquele homem tão amedrontador foi extremamente direto, dizendo:

– Eu não gosto de você, garoto, e provavelmente nunca vou gostar. Mas eu amo minha filha. E ela ama você. E se você magoá-la nem que seja uma vez, eu vou matá-lo entendeu?

Eu assenti com a cabeça e disse:

– Vai me poupar o trabalho de fazer isso eu mesmo.

Ele me olhou, de forma intensa e curiosa, antes de perguntar:

– Você ama mesmo a minha filha?

E eu respondi sem pestanejar:

– Sim. Ela é meu mundo.

E nunca houve verdade maior, eu percebia enquanto respondia à pergunta da Maria Valentina:

– Só me pediu para cuidar bem de você.

Ela sorriu e bufou em descrença.

– Mentiroso.

Eu a beijei de novo. Amando-a mais a cada instante, visualizando meu futuro com ela, pensando em como ela ficaria linda com cabelos brancos e como seus olhos seriam eternamente os mais lindos que já haviam olhado este mundo.

– Eu te amo – repeti, ainda que dizer a frase mil vezes não fosse suficiente. – E nisso você pode acreditar.

Ela sorriu e respondeu:

– Eu acredito.

O amanhã nos separaria, mas durante aquelas horas, tivemos nosso final feliz de contos de fadas.

IMPRESSÃO J.Sholna  
TIPOGRAFIA Gandhi Serif  
CAPA Cartão Triplex 300 g  
MIOLO Pólen 80 g